

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## INTRODUÇÃO

Os PRELUDIOS-LITTERARIOS vêm este anno agradecer-vos a protecção benevola com que vos dignastes acolhel-os, honral-os, esperando na continuação de tão bellos sentimentos offerecer-vos garantia valiosa da sua propria continuação.

Apezar de bem definida, parece ter sido mal entendida a indole d'este jornal, d'onde provieram avaliações injustas, e censuras menos cabidas, se bem que acima de tudo sobr'esteve sempre a generosidade que o tomou do berço, nunca desmentida no amparo que lhe tem dado.

É um facto que ennobrece a nossa época, e que ahi fica registado para consólo nosso, e edificação alheia.

Que se sustente um jornal de merecimento litterario decidido, de utilidade immediata e incontestada, acontecimento é, posto que raro nesta terra, muito explicavel pela natureza das coisas: que porém, ao mesmo tempo que de mesquinho o avaliam, o abraçam e agasalhem com tanto amor, não tem explicação razoavel senão na muita bondade das pessoas.

O redactor mais d'uma vez tem testemunhado, que sabe tomar em toda a consideração esse sentimento.

Mas dissemos que mal entendida tem parecido a indole d'este jornal, e é uma verdade. Os PRELUDIOS-LITTERARIOS não podem nem devem ser um jornal modelo. Não podem, porque desde logo deixavam de ser — *preludios*: não devem, porque na hora em que revestissem character senhoril afastavam o talento noviço, cuja modestia lhe impediria logar nas suas columnas.

E lá se ia por consequencia a principal utilidade que d'elles se póde esperar.

Isto não é dizer que não sejam susceptiveis de melhora, e de muita melhora: mas só que toda a altura a que poderem subir, ainda tem de ficar muito abaixo para comparações.

Este jornal é unico na essencia, no fim e nos meios: só debaixo d'este ponto de vista deve ser julgado, ou será mal julgado.

Todos sabem que sustentar este jornal, é sustentar um homem e que se tracta aqui menos de satisfazer a intelligencia do que a consciencia. Assignar os *Preludios* não é comprar por alguns tostões poucos minutos de má litteratura: é estender mão caridosa a um irmão desvalido, é proteger o trabalho contra a desgraça, é ennobrecer o coração com mais uma acção meritoria.

É nesta ideia que pedimos e esperámos para o segundo volume, que temos a honra de appresentar hoje, a protecção amiga que engrandece as boas almas. Dirigimo-nos igualmente a assignantes e collaboradores, que tambem por egual concorrem em lhe dar vida.

Contamos fazer-lhe muita melhora a todos os respeitos, e já não é pequena a mudança de typo, que dá grande augmento de leitura sem augmento de despesa; assim como de poder concluir nelle alguns artigos, que anteriormente ficaram interrompidos por que afazeres de seus auctores, que ainda tambem os não poderam concluir.

Pessoalmente, empenhar-nos-hemos de coração no cumprimento d'essas promessas, certos de encontrar a nosso lado, para ajudar-nos, os brios da mocidade estudiosa, e a boa vontade de todos os que sentem e esperam.

## COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

## CAPITULO I

*De como se vem a saber muitas cousas importantes que d'antes se não sabiam.*

Na manhã do dia seguinte á noite do Natal do anno recém-passado, 1859, o sr. Pedro Pereira da Penha Peixoto acordava em muito boa disposição d'um somno restaurador, que o colhera mortinho de fadiga, depois de dez horas de muito folgar n'um sarauete papafina.

Seriam pouco mais ou menos onze horas. O dia estava da breca: fusco e frio.

O sr. Penha Peixoto aventurou um braço fóra da roupa a tentar os ares, mas recolheu-o logo, promettendo á sua preguiça emenda de tamanho desacato. Depois d'isso virou-se para a parede, e dispunha-se para continuar a fazer as honras da casa ao deus das papoilas, quando foi desengraçadamente contrariado pela chegada d'um seu amigo.

Encomendou-o mentalmente a quantos diabos havia, e estendeu-lhe a mão sorrindo.

— Isso é que é madrugar. Já por aqui?! — disse elle com voz roufenha: sentá-te, meu caro, e diz-nos á que feliz circumstancia devy o prazer da tua visita tão matutina.

Elle, a falar a verdade, antes quizera dizer tão extemporanea, tão incommoda, tão embirrenta, ou assim cousa semelhante, mas contentou-se com aquelle epitheto innocente, e recolheu em si o fel do seu pensamento.

A isto chama-se *ter delicadeza*.

O recém-chegado era um individuo dubio, homem na forma, mulher na casquilheria, movendo-se artisticamente em cima d'uns sapatos de polimento, e affagando com catitice um bigode fino e lustroso.

Pelo simples factó de ter entrado assim para o quarto da cama, já se vê, que era de grande intimidade com o dono da casa.

Digamos o que é.

Era um d'estes homens intrusos, que se nos mettem pela porta dentro com pézinhos de lã e palayrinhas d'assucar, a quem em boa cortezia não podemos despedir, porque ninguem é mais rigoroso em etiquetas, e que, para mal nosso, não tem o discernimento bastante para perceberem que nos incommodam altamente.

Aproveitando o convite, o sr. Cesario Alberto de Sousa Paiva achegou uma cadeira, sentou-se, e começou por descalçar as luvas.

Feito isso, passou o pollegar e o index por cada uma das guias do bigode, e começou dizendo:

— Ora, meu caro Pedro, dou-te duzentas coizas, para d'ellas adivinhares a que hoje aqui me traz.

— E eu agradecia-te mais se poupasses cento e noventa e nove, e me desses só a ultima. Bem

sabes que não tenho a dupla-vista, nem cabeça para advinhações.

— Estou desafiado para um duello.

Pedro Pereira não disse nada; e sorriu, com esse sorriso indefinivel, meio termo entre o mo-tejo e a compaixão, com que ouvimos os desconchavos d'um doido.

O senhor dos bigodes não entendeu esse sorriso, ou não se quiz dar por vencido. Instou, sorrindo tambem:

— Duello muito sério, e por causa d'uma mulher. Só faltou ao meu dignissimo rival declarar as armas e o logar. Venho convidar-te para meu segundo.

— Por isso não haja dúvida, estou sempre a teu dispôr; respondeu Pedro. Mas isso é brincadeira, ou deslembra tu que estás em Coimbra?

— Nem uma coisa nem outra.

— Então dêste em doido; meu caro; permite que t'o diga.

— É o que vás vêr, se quizeres dar-te o incommodo de lêr uma carta, que recebi hoje pelo correio da manhã.

— Isso agora é outro caso. Mas então dá licença que me vista primeiro.

E sentou-se na cama fazendo um gesto significativo a Cesario, que passou para a casa de fóra.

Chamou em seguida um criado, e mandou vir agua quente para se lavar.

Um quarto de hora depois estava prompto.

Era um homem de seus trinta, agigantado, de barbaças grandes, e gesto decidido.

— Agora sou todo teu, meu caro; disse elle entrando na sala: sentemo-nos se te parece.

E apontou o canapé.

Sousa Paiva aproveitou metade da ideia: assentou-se mas n'uma cadeira.

— Queres então vêr a carta? — perguntou, tirando-a do bolso.

Pedro Pereira tomou a carta, e leu-a para si. A principio sorria, depois tremia, por fim exclamou:

— Este homem é tolo. Que resposta tencionas tu dar a isto?

Absolutamente nenhuma. Seria ligar-lhe importancia que não tem, nem a pessoa nem a coisa.

— Mas o objecto? Bem vês que ha aqui uma mulher compromettida.

— E que tenho eu com isso?

— É conforme: tudo ou nada. Em que relações estás tu com esta mulher?

— Nas mais intimas.

— E tenções?

— Nenhumas.

O sr. Peixoto ficou-se a magiar alguns minutos com os olhos fitos na janella, fazendo girar em dois dedos as borlas do seu chambre.

Pegou segunda vez na carta, e leu, agora de alto.

« Ill.<sup>mo</sup> Sr.

« Consta-me que v. s.<sup>a</sup> pretende dar a mão de

« esposo á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza Bibiana de Castro, ou que o querem levar a dar esse passo.

« Parece-me que tem sido assás notorio a inclinação que tem existido entre mim e aquella senhora, e que porisso o não deveria ignorar.

« Talvez queiram fazer persuadir a v. s.<sup>a</sup> de que tudo isso acabou; mas eu julgo dever preveni-lo de que, longe de assim ser, as coisas estão como estavam, o que posso provar com documentos. E nem outra cousa seria provavel, visto que jurámos um amor eterno, que já não pôde acabar senão com a propria vida, e seja qual for o nosso destino.

« É forçoso dizer que v. s.<sup>a</sup> vae completamente illudido. Que pretende v. s.<sup>a</sup> buscar, casando com uma pessoa que ama outro individuo, e que só daria tal passo por obediencia a uma vontade despótica, contra a qual não pôde reagir?

« A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza pertence-me de direito: o seu coração é meu, a sua amizade é minha, e as suas aspirações tendem todas a unir-se a mim em resultado do amor mais ardente.

« Seus parentes têm pretendido sopear esses sentimentos legitimos e nobres, mas têm trabalhado debalde; e tanto, que estou por ella autorisado a procurar destruir qualquer ligação a que forçadamente a pretendam arrastar.

« Com tudo não daria eu tal passo, se a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza não tivesse uma independencia, porque a não quereria prejudicar em sua fortuna; mas como felizmente se não dá esse caso, entendo que o acto nada tem de immoral.

« Em vista do que tenho dito, parece-me que v. s.<sup>a</sup> não deve tardar a desistir formalmente da indicada pretensão, e cuidar em escolher uma senhora, que possa dedicar a v. s.<sup>a</sup> todas as suas affeições, ligando-se a v. s.<sup>a</sup> de boa vontade: mas se acaso o não fizer, então terei de usar d'outros meios, porque dou a minha palavra de que nem v. s.<sup>a</sup>, nem outro qualquer ha de dar a mão de esposo á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza, e sem que primeiramente tenhamos de nos encontrar como inimigos.»

De v. s.<sup>a</sup> att.<sup>o</sup> v.<sup>o</sup> e criado

Paulo Rodrigues do Pátrocio.

17 de dezembro de 1839.

— Está boa esta carta, disse Pereira depois de lêr: magnifica, excellente, optima. Só senhorias tem nove.

— Nota uma phrase, que ahí está muito significativa: — ou outro qualquer — acrescentou Cesario.

— Já reparci. O que traduzido quer dizer, que este caro senhor terá de bater-se com todo o animal de chapéu, que passe diante dos olhos da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza Bibiana de Castro. Eu no teu caso mandava-lhe pedir os seus documentos, e mandava-lhe outros em troca. Tu não tens boas cartas d'esta mulher?

— Tenho, mas não lh'as mando nem faço caso

nenhum d'isto. Com ella pouco me importo, com elle nada. Talvez que a ella mostre um dia quanto deve a quem tanto amo. Veremos! Eu estou illudido porque ella escreve ao sr. Paulo Rodrigues; que diria o sr. Paulo Rodrigues se soubesse o que se tem dado entre nós?

Cesario disse estas ultimas palavras em tom sumido, e como de quem mais fallava para si, do que para extranhos ouvirem.

Peixoto observava-o e sorria. Deus sabe que pensamento lhe passava pela cabeça, quando elle se levantou, e disse:

— Uma cousa, Cesario.

— Diz lá.

— Das-me liberdade de dirigir este negocio?

— Que queres tu fazer? Dou.

— E promettes ajudar-me no que eu determinar?

Sousa Paiva levantou a cabeça e affagou o bigode. Fitou um instante a physionomia intelligente de Peixoto, que olhava para elle com a mão estendida, esperando uma resposta, e disse decidido:

— Está dicto. Faz o que quizeres, que eu ajudar-te-hei no que poder!

— Muito bem. Senta-te áquella mesa e escreve o que eu dictar.

— É para elle ou para ella?

— Senta-te, e sabel-o-has. Não sejas curioso, que não está bem a um janota como tu. Escolhe papel verde. Esse mesmo. Outra penna mais fina. Bem. Agora não te enganes.

Pedro Pereira dictou uma longa carta de quatro páginas sem margens, que Cesario escreveu sem lhe faltar uma palavra.

— Agora assigno? perguntou este.

— Está visto, e muito por extenso.

— Aqui tens.

— Optimamente. Da-me essa carta, e ouvirás fallar de mim.

— Não queres mais nada?

— Obrigado: por agora não.

Cesario saiu, e Peixoto começou a passear agitado na sala. Depois viu o relógio. Era quasi meio dia, Vestiu-se, sempre calado, e saiu tambem.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

## EPISTOLOGRAPHIA

### NATAL E FIM DO ANNO

(A. J. Simões Ferreira)

Le monde entier tressaille d'espérance  
A cette nuit qui lui donne un Sauveur.

Le Redempteur a brisé tout entrave;  
La terre est libre et le ciel est ouvert.  
Il voit un frère où n'était qu'un esclave;  
L'amour unit ceux qu'enchaînait le fer.

CANTIQUE DE NOËL.

— *Meu Amigo.* — A noite de hontem foi de NATAL; estamos na mais popular festa do Christianismo;

e o tempo, revestindo-se de galas, acompanhou a terra nas suas alegrias. A noute da Natividade do Filho de Maria, segundo a Biblia, foi brilhante e serena como a gloria que annunciava. Quando despertaram aos hymnos dos Anjos, entoados das alturas, os pastores de Belem, fitando o céu, o viram resplandecente de estrellas, sem que as empanasse uma nuvem. E os Magos, saídos dos confins orientaes em demanda do Messias, mal pregaram os olhos no firmamento, viram um astro esplendido e scintillante, que os guiou ao presepio onde nascera o Redemptor dos homens.

A noute de hontem não foi a da Biblia; uma espessa neblina toldava o lume das estrellas; e quando mais tarde surgiu a lua, coloriou o céu com uma luz baça e amortecida. Comtudo foi serena, e o dia despontou brilhante, e se conservou alegre e festivo com um sol esplendido. De tal dia podemos dizer como um poeta

.... um dia formoso como este,  
Em que o céu com a terra anda á porfia  
A vêr qual de mais graças se reveste.

E era verdade; o céu unia-se com a terra n'um regosijo commum, porque era o dia em que o lar da familia christã ostenta as suas galas domesticas, e se banqueteia na mais doce harmonia e reciprocidade. O jubilo que reina nos templos com os tangeres dos sinos e os sons populares do orgão, onde sobresae a gaita de folles, estende-se a cada habitação, porque cada casa é um templo n'este dia, em que reinam os mais sanctos affectos, e se exerce em grande escala a caridade, que é a rainha de todas as virtudes. Hoje como que a terra se perfuma com os doces aromas de uma sanctidade angelica.

Eu passei este dia excellentemente, porque passa-se excellentemente, quando o espirito está tranquillo, e nós achâmos em familia. O meu amigo tambem o devia passar bem, posto que lhe faltasse, pela primeira vez, o ver em tórno de si todos os seus, aquelles que em toda a vida lhe foram constantes com o carinho e com a mais doce sollicitude.....

30 de Dezembro.

.... Vou rematar a nossa correspondencia d'este anno 1858, porque se avizinha o seu termo: são estas as ultimas linhas que lhe dirijo em que para nós foi de ganho, um anno cheio de amisade, de recordações, de datas, e até de esperanças... Não tenho eu o costume de lamentar o tempo passado; mas agora menos o faria, porque este anno para mim foi agradável, e marca na minha existencia uma phase distincta.

A minha vida tem corrido obscura, e assim ha de correr; mas na obscuridade tambem se vive muito; embora no fim não haja epitaphio. Disse *Pelletan* (è o homem da moda): «La vie la plus pleine, si elle a coulé à l'ombre, n'a pas d'épitaphie: son nom reste en blanc.» Como nem todos

os epitaphios são lisongeiros, melhor será que o livro da vida fique em branco.

Este mesmo nome — epitaphio — é glacial como a ideia que exprime, e é uma perfeita vaidade payonearmo-nos com um nome, que nos possa ficar glorioso. E o que é a gloria?

Sabeis definir-me a gloria,  
Dizer me o que é conseguil-a?  
—É pelo brilho d'um nome  
Trocar a vida tranquilla.—

Para fim d'anno não fallo de mais em epitaphio, que diferentes serão os que cada individuo lhe comporá. Este anno foi o do brilhantissimo cometa de Donatti, e do pavoroso tremor de terra em 11 de novembro, o da malfadada questão do navio negreiro; foi anno de mortes, naufragios horriveis (como o do Austria), erupções do Vesuvio, etc., e até não faltou na nossa Coimbra uma das maiores cheias do Mondego, e innumerables metamorphoses.....

Por entre tantas novidades e desastres a minha barquinha passou incolume sem naufragar nos escolhos. Gozei sempre saúde; devo a Deos mais um anno na vida de meus excellentes paes; grangeei novos amigos e conhecimentos; finalmente foi este para nós o anno do *Recreio*, que nos estreitou as relações, d'aquellas tardes e noutes em nossas casas, das noutes na Feira, e de muitas outras affectuosas e suavissimas recordações.

Poderemos de hoje a um anno enthesourar alfaias do mesmo valor?... talvez que a página que até lá se tem de volver, lenta e compassada, se não apresente tão lisa e tranquilla como esta... pôde mesmo ficar interrompida para um de nós, que a vida é uma cousa bem fragil, e que o menor sôpro desfaz! Todavia tambem me subministrô amarguras, e entre ellas as ausencias dos meus melhores amigos, que todas carregaram na mesma epocha.

Para o meu amigo este anno tambem deve ficar memoravel. No complemento da sua carreira litteraria, e no principio de outra; passando dos bancos escolares para a cadeira do magisterio; no mesmo anno discipulo e mestre — novos horisontes de terras e de vida — em tudo deve achar de que forme um marco de recordações e saudades para o futuro. E então no amanhecer da vida em que tudo é azulado no espirito, e crystallino no coração! Tempo virá em que o meu amigo, recordando com ineffavel saudade as horas passadas em Sernache do Bom Jardim, as avalie como uma página formosa d'outras éras; por muitos desgostos que podesse ter (mas que não tem) sempre é a vida da mocidade, a vida dos vinte annos, que não volta nunca, e que o homem vive com apathica indifferença como se fôra abundante thesouro, que lhe chegasse para seculos!

«Como é doce e affectuoso (vi ainda ha pouco escripto) o vocabulario do sentimento no homem, que pôz apenas o pé no primeiro degráu do mundo

para pedir o seu logar na sociedade! O infinito chama-se Deus; a politica liberdade; a sociedade republica; a esperanza gloria; a mulher anjo; e não ha mais do que um só nome para exprimir a poesia e o amor.» O meu amigo está na idade sancta d'estas illusões: antevê um futuro esperançoso, e que o tempo ha de realizar á medida dos seus mais ardentes desejos.

Ha um anno que estavamos junctos; e parece que foi hontem. Mas o tempo já lhe interpoz um dos seus pequenos passos. Bem longe estavamos de pensar no que succede hoje, assim como d'aqui a um anno Deus sabe o que terá succedido. Comtudo bom é que o passado nos deixe sempre um perfume de saudade, antes do que o espinho de um remorso. Estas lembranças, se envolvem pezares, não são pezares amargos. É uma doce reminiscencia de epochas que morreram.

E morrendo vamos nós a cada passo, não já nos momentos que, como grãos da ampulheta, se nos vão rareando pelo crivo dos seculos, mas nos diversos séres que nos rodeiam.

Para onde nos voltaremos, que não deparemos com um tumulto? Como ousámos folgar, quando a podridão vaé descosendo as carnes dos que foram nossos intimos?! Os homens honram muitas vezes os restos dos que morreram, tripudiando em bacchanaes infrenes! Mas não sei eu que lhes chame raça de viboras... Bem pensado o caso é mais para metter dó, que produzir indignação. O pó que passou espera pelo pó que fica; e um instante de desvarios fica muitas vezes compensado com uma eternidade de dôres.

D'antes julgava eu que a amisade era o tumulto do egoismo, que os grandes sentimentos eram eternos; hoje parece-me que só creio na fragilidade do homem: nem arrisco um só cabello pelo mais virtuoso, que a fraqueza do barro ha de denunciar sempre a origem da primeira quêda.

É porisso que nos devemos reciproca indulgencia; e ao que fêre o seu similhante recocheta-se-lhe o golpe direito ao coração.

Os versos seguintes retratam bem o que é a vida:

Qual rio caudaloso vaé a vida,  
Nas vagas mil aca-os révolvendo;  
Aqui espraia, e réga, allí arranca  
Corpolentos carvalhos.  
Uma onda em nossos animos encosta  
Um bem, um mal, que outra onda logo arrastra:  
Leves casos que ao Lethes desdenhosa  
Arroja a mão do Tempo.

São versos á *Filinta*, mas são exactos.

Por ultimo, meu amantissimo amigo, n'este momento, que eu considero solemne, em que vamos riscar da nossa correspondencia um simples algarismo, ouça-me dois avisos:

Entregue como se acha a uma quasi solidão forçada, aproveite o tempo e os ocios fôrros da sua profissão em alargar as raias dos seus conhecimentos, de modo que Coimbra, tornando-o a vêr, o reconheça já adulto na litteratura. As suas es-

treias (sem lisonja) foram excellentes, revelaram uma decidida vocação litteraria, são como um introito magestoso d'uma brilhante carreira, mas se não cultivar o terreno fertilissimo da sua intelligencia com um estudo forte e aturado, faltar-lhe-ha a base para futuras producções, que devem ser mais substanciaes e viris. Aqui lhe transcrevo um trecho que pôde applicar como entender: «La facilité est le piége des hommes, et ne produit jamais rien de grand. Ces météores, créations subites d'une atmosphère enflammée, brillent un instant et s'éteignent sans laisser de trace. Mais celui qui se défie de ses premières conceptions, et qui ne s'évapore pas de bonne heure, donne à son talent tout ce qu'il refuse aux jouissances précoces de la vanité...»

Emquanto ao mais está em terra nova, com conhecimentos novos e novas occupações; os horisontes que enxérga em tórno são novos todós, não tanto os do logar como mesmo os da vida; mas entre tanta novidade, no centro de novas distracções, conserve-se sempre velho, isto é, sempre o mesmo, a mesma dedicação, a mesma actividade, os mesmos sentimentos, o mesmo Simões Ferreira.

A. A. DA FONSECA PINTO.

Coimbra, 25 de Dezembro de 1858.

## OS ENGEITADOS E AS RODAS

Que fructo abundantissimo de protecção colheriam os infelizes, se para elles se applicassem essas micalhas cahidas das mezas dos poderosos, e de que elles não fazem caso!...

IGNACIO PIZARRO DE M. SARMENTO. (O Engeitado).

Para que vim eu ao mundo?

D. G. MAGALHÃES (Suspiros poeticos).

I

«Fazei com que o numero d'esses infelizes (os engeitados) não se augmente; mas tanto que um sér respira deve-se pô-lo a coberto da dôr, e prolongar-lhe a existencia.»

Estas palavras d'um insigne economista, que tão felizmente enlaçára, como irmãs, que são, as duas sciencias—moral e economica—(que muito havia, pareciam divorciadas) sôbre serem como fiel espelho, que deixa transparecer a alma generosa, que as traçára, reprovam d'um modo incontrastavel (tão conceituosas são ellas) a arrojada, se não romanescia, theoria do philosopho e economista de Rookery.

Não nos fazemos cargo de discutir aqui a des-humana theoria do, por certo illustrado, economista, nem tão pouco de indagar, agora, se é economicamente util, que a sociedade continue ou negue essa apoucada protecção, e, ainda assim, chorada vezes mil, aos infortunados, que apenas vêm a luz do mudo, se encontram orfãos de pae e mãe.

Temos por sem dúvida, que o é moralmente necessário, e tanto basta para que assim o consideremos economica e politicamente.

Para nós, as palavras de Droz, que podem disputar fóros de apophtegma, não só refusam a opinião de Malthus, senão que consubstanciam, personalisam mesmo, um vivo protesto; uma condenação solenne d'esse egoismo refalsado e avaro, que ahí corroe a sociedade até á medula, e que tem apenas o merito de se patentear nú, sem reboço, em toda a sua hediondez.

Lord Bróugham não poderia aniquilar-lhes a significação com dizer, que as rodas de expostos são a melhor máchima de desmoralisação. Mette dó, se não causa nójo e lástima, ver regatear o apoucamento e insufficiencia d'alguns ceitis, que ahí se dispensam, a titulo de esmola, a essa classe desvalida, e peregrina, apenas vem ao mundo!

Miopes, que não vêem, que a desgraça, a mais veneranda de todas as desgraças—aquella para que nem sequer indirectamente se concorre—é o melhor, o mais justo fundamento d'um direito, para contestar o qual seria necessário ser impassivel aos vagidos d'uma criança nascida, e logo engeitada!

Não se pense, que absolvemos a mãe do tremendo crime de arremessar ao desamparo d'um mundo sordidamente egoista, o que é obra de seus criminosos amores, embora arrastada a isso pela vil e covarde seducção do homem, que lhe embalara o coração n'uma esperança mentirosa, phantasiando-lhe, traioeiro, um futuro todo delicias e venturas!

A mulher, anjo decaído do throno de sua primitiva innocencia e esplendor, deve de um dia sentir o espinho dilacerante do remorso ferir-lhe fundo e fundo na consciencia, lembrando-se que existe, por ventura a braços com o infortunio, uma victima do seu crime, sangue do seu sangue; victima desvalida e errante no mundo, talvez coberta de andrajos, subindo e descendo as escadas d'outrem, a mendigar o amargo pão de estranhos! Vêl-a-heis então derramar sentidas lagrimas de dôr e arrependimento; vêl-a-heis levantar supplice as mãos ao céu, e pedir-lhe que lhe restitua o filho, que, louca, abandonára!... que lh'o restitua, porque quer mitigar-lhe a fome, porque quer estreital-o ao seio com a terna effusão de mãe carinhosa, que o é ella agora pela dôr e pelo arrependimento.

Mas o filho divaga perdido no mundo, e a desgraçada chora, e arrepende-se inutilmente para elle!

Ao menos sanctifica-se pela expiação.

«A desgraça é expiação, e a expiação sanctifica o desgraçado (A. Herculano).» Embora! em quanta a voz da consciencia lhe bradar, que existe no mundo um sêr que a amaldiçoa, porque tem sede, e ninguem lh'a sacia, porque tem fome, e não encontra quem lh'a mate, porque tem frio, e não tem quem lh'o resguarde; a expiação da mesquinha não pôde ser completa, nem pôde sanear-lhe a ferida sempre gotejante do remorso.

Atormentada de dia e de noite, vendo encur-

tarem-se-lhe os dias da existencia, porque a dôr conduz á sepultura, essa mulher desce alfim martyr ao tumulo, sanctificada pela dôr d'uma completa expiação.

Perdoemos-lhe nós; que a justiça de Deus não pôde condemnal-a!

Emquanto a mãe sente a aguda dôr do remorso excruciar-lhe a consciencia, morrendo por fim martyr, onde estava, que fazia o homem, antes o demonio, que a despenhára no inferno do martyrio?

Entregue á dôr, como a mãe, curtindo na consciencia o remorso do crime? Não; talvez sonhando novas victimas. Viu correr as lagrimas do anjo, que despenhára, e sorriu-se!

Viu as rugas, que a dôr cavára na fronte da mulher illudida, vilipendiada, e sorriu-se!

Viu descel-a á sepultura com a corôa resplandecente de martyr, e sorriu-se!

E continúa a sorrir-se, porque o homem, que illude e attraçôa a mulher, ri-se de tudo, e sempre, como cynico, que é.

(Continúa)

EDUARDO J. COELHO

## APONTAMENTOS HISTORICOS

### O QUE FOMOS

Quem não treme ouvindo a fama  
Que os altos feitos proclama  
D'este nobre Portugal?...

F. PALHA

I

Quereis saber porque Portugal era considerado como a primeira nação do mundo, compulsai esses preciosos livros que a antiguidade nos legou, e achareis, que governando a India em 1609, Ruy Lourenço de Tavora, n'este mesmo anno, fez os seguintes despachos.

Para *Malaca*, D. Francisco Henriques, com *septe galeões*, e cento e septenta soldados. Para a *costa do norte*, Sebastião de Macedo, com *dezanove navios*, e quinhentos e cincoenta e dois soldados; e como este capitão havia de voltar com a cafila de Cambaia, para que a costa não ficasse sem gente, e navios, despediu D. Francisco de Lima, com *dez navios*.

Para o *Malabar*, D. Jorge de Castello-Branco, com *duas galés*, e *trinta e oito navios*, e mil e cincoenta e quatro soldados. Para a *enseada de Diu*, Luiz de Brito de Mello, com *nove navios*.

E não ficou desapercibido Ruy Lourenço de Tavora, que deixou para resistir aos Hollandezes, que de tempos a tempos nos tolhiam o commercio da India, a *nao monte do Carmo*, e *quatro galeões*, que nomeou por capitães, Nuno da Cunha e D. Diogo de Vasconcellos, que pertenciam á armada do Conde da Feira (a).

(a) Hist. dos Var. illust. do appel. de Tavora, pag. 337.

Fazei um termo de comparação entre a marinha portugueza de 1609, e a de 1859, e achareis o motivo por que *hoje*, apenas somos um ponto no mappa da Europa.

Aqui foi capitólio das artes,  
Das conquistas a séde também;  
Este reino dos mil estandartes  
Hoje pobre não lembra a ninguém.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

### Maxima

É difficil ou pouco provavel a harmonia entre duas ou mais pessoas sem que haja descendencia reciproca.

O. F.

### BOAS FESTAS

Hoje cada casa é um santuario,  
Um templo, um céu aberto de prazer;  
A terra se desata só em jubilos,  
Goza-se a vida, olvida-se o soffrer.

Ricos e pobres á porfia illustram-se  
Na doce união que este dia traz;  
Ante um berço se prostram rude e sabio,  
Que esse berço annuncia ao mundo a paz.

Hoje é a festa sancta das familias,  
Reina a doce alegria, impéra o amor;  
A minha saudação é pura e vivida,  
Accetae-a também, que é d'alma a flôr.

25 de dezembro de 1859.

### CONFESSÃO

Que n'ai-je éprouvé de souffrance!  
La mort seule peut me guerir.  
En t'adorant si je t'offense,  
Pour t'oublier il faut mourir!!

GOETH.

Oh mulher! quanto hei soffrido  
Desde o instante em que te vi!  
Tudo quanto eu hei sentido,  
Nem mesmo t'o digo a ti!  
Não, que tu não accreditas,  
Nas chammas quasi infinitas,  
Que no meu peito ateejaste!...  
Tu não crês, não é possivel,  
No amor quasi indizível,  
Em que minh'alma abrazaste!...

E talvez, que nem suspeites,  
N'este amor que te hei votado;  
Ou que sabendo; o rejeites,  
E o tenhas condemnado!...  
Mesmo assim, não esmoreço,

Vou dizer-te o que padeco  
Por ti mulher seductora!  
Vou-te abrir esta minh'alma,  
Onde o amor se não acalma,  
Onde augmenta d'hora em hora.

Sim mulher! não é possivel  
Dentro do peito occultar;  
Este amor inexhaurivel,  
Em que me sinto abrazar!  
Esta ancia, que me devora,  
D'um gôzo, que s'ignora!  
Este affecto agrilhoado,  
Entr'esp'ranças e receios,  
Estes timidos enleios,  
D'um mancebo apaixonado!

Se tu soubesses, meu anjo,  
Quanto é pura esta affeição!  
Que nutro, formoso archanjo,  
Dentro do meu coração!  
Se tu soubesses querida,  
Que meu ser, que minha vida,  
Dependem d'um teu sorriso!  
Se soubesses, linda flôr,  
Que anhello mais teu amor,  
Do que anhello o Paraiso!...

Póde ser, que enternecida,  
Minhas súplicas ouvisses;  
E que terna e commovida,  
Ao meu amor annuisses;  
E com a voz maviosa...  
«Sou só tua... ama-me e gosa...  
Tu só meu... ambos unidos...»  
Até ao final suspiro!!...»  
Mas... perdão... perdão... deliro...  
Confundem-se os meus sentidos!...

Bem o sabes! plebeu e pobre!  
Que não te posso ofertar.  
Nem pergaminhos de—Nobre,—  
Nem ouro te posso dar!...  
Mas o que vallem riquezas,  
Armas, thesouros, nobrezas,  
A par da honra e virtude?!  
Aquellas—falsos brilhantes!  
E estas—sempre radiantes!  
O seu brilho, nunca illude!...

Deixa pois, anjo querido,  
Ao vulgo a louca vaidade!  
Deixa-lh'o gôzo mentido,  
D'essa vã felicidade!  
Não-pretendas tu, meu anjo,  
Não queiras, formoso archanjo,  
Nada mais, que meu amor!  
Acceta-o, que é puro e sancto,  
Como as estrophes d'um canto,  
Que se dedica ao Senhor!...

Prado, Agosto de 1859.

SEVERINO D'ALVEEDO

## PERGUNTA

Olha o Tejo, querida!—N'elle apenas  
Do barco a perpassar se vê nas aguas  
Um vestigio fugaz:

A branca esteira, que tão funda rasga  
Nos seios d'elle, do navio, a quilha,  
Um momento a desfaz...

Assim tambem, d'essas mulheres todas,  
Que eu amei, a belleza por instantes

Á minha alma fallou:  
Julguei minha affeição immorredoura...  
Algum tempo correu—d'esses amores  
Nem memoria ficou!...

Muitas vezes, oh Julia! tenho visto  
Fundamente gravado em velhos robes  
Mysterioso signal:

Obra d'amantes, que, se a mão dos homens  
Da terra não arranca o tronco antigo,  
Permanece immortal.

Assim tambem no coração, meu anjo,  
Em fundos traços para sempre escripto  
O meu amor está:

E só quando vier a morte pallida  
Cortar o fio, que me prende á vida,  
Acabar poderá.

E mesmo, quando a morte em minhas veias  
O sangue me gelar, tamanho affecto  
Hei de á campa levar...

E este amor, tão profundo, que te voto,  
Dize-me, queres tu, formosa virgem,  
Com teu amor pagar?

Al. Setembro de 1859. EUGENIO DE BARROS

## EXPEDIENTE

Com o fim de ter nossos assignantes quasi em dia com as noticias, que disserem respeito á instrucção pública, e, particularmente, á Universidade, resolvemos fazer sair nosso jornal tres vezes por mez, contendo cada numero oito páginas de impressão, que equivalem a doze no typo que empregámos até o numero 24. E assim como não augmentámos o preço das assignaturas pelo excesso da composição,—assim tambem o não augmentaremos pelo excesso das estampilhas.

ÁS ADMINISTRAÇÕES DOS CORREIOS.—São repetidas as queixas de faltas de numeros de nosso jornal, que se nos dirigem de toda parte, onde temos assignantes, vendo-nos assim na obrigação de fazer novas remessas,—com gravissimo prejuizo de nossos interesses.

Pedimos, por tanto, mui seriamente, a quem compete a fiscalisação d'este importante ramo de

serviço publico, as necessarias providencias, a fim de que taes queixas se não repitam—para credito seu e interesse nosso e dos srs. assignantes.

Querendo remediar as faltas até hoje commettidas por abuso ou desleixo dos correios na competente remessa ou entrega dos numeros pertencentes ao 1.º volume de nosso jornal, expedidos em diversas direcções—offerecemos gratis a nossos assignantes todos os numeros que lhes faltarem para completar suas collecções—até onde elles chegarem.

Continuaremos a enviar os numeros de nosso jornal, que forem saindo, aos srs. assignantes, que, findo o prazo por que subscreveram, não tiverem ordenado a suspensão de sua assignatura.

Procedemos assim para regularidade do serviço da redacção e economia de correspondencia da parte dos srs. assignantes, que, subscrevendo ás vezes por um só trimestre, têm, na maior parte, repetido sua assignatura, depois de riscados do livro competente.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A LUZ DO CEMITERIO, romance fantastico pelo sr. Utrera, trad. de V. da Silveira—Vende-se: em Coimbra—240 réis; fóra de Coimbra nas mesmas lojas dos srs. Commissarios da redacção dos PRELUDIOS-LITTERARIOS—300 réis.

1.º volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Preludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume—Preço 1\$600 réis.

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra—loja da imprensa da Universidade; Lisboa—livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.ª, e Sr. Melchisedes & C.ª, *Livraria Central*, rua do Ouro; Porto—Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu—Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa*—Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora—Sr. V. J. da Gama; *Lamego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pereira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro*—Sr. Feliciano José Alves Braga.

## PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno . . . . . 1\$240	Anno . . . . . 1\$480
Semestre . . . . . 660	Semestre . . . . . 780
Trimestre . . . . . 360	Trimestre . . . . . 420

Avulso—40 réis.

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## LEITURAS POPULARES

Derramai a instrução sobre a cabeça do povo, que bem lhe deveis este baptismo.

Alm. de França.

### BIBLIOTHECAS RURAES

Um dos grandes symptomas de regeneração e progresso moral do seculo, em que vivemos, é, sem dúvida, o desvelado carinho com que, quasi por toda a parte, cuidam grandes e pequenos, com interesse ou desinteresseiramente no melhoramento e instrução do povo—esse grande, inculto, e interessante engeitado—como d'elle diz um grande poeta. É que a grande voz da democracia quando fala, inspirada pela bôca dos Kossuths e dos Mazzinis, falas de amor e de esperança, não sei de coação generoso aonde não tope um echo.

Bem que a Europa jaza manietada mais ou menos pelos grilhões da tyrannia, com tudo não se mostram os governos descuidosos em promover a illustração pelo meio das massas: por toda a parte, nomeadamente na França, na Italia, na Allemanha e até na inculta Russia, se vêem a cada passo escholhas para o pobre, e não é raro topar o trabalhador, pela hora da sésta, entretendo-se a folhear, ler e entender livrinhos, que, apesar de muí comezinhos e de popular expressão, nem porisso deixam de o iniciar no saber.

É certo que os verdadeiros promotores d'este progresso intellectual não são os oppressores, que mal têm elles tempo de se rodearem de lanças e bayonetas: são os democratras, os verdadeiros amigos do povo, que por elle velam, e cuja voz, que é a voz da verdade e da justiça, apesar de proscripção e desterrada, brada tão alto, que a propria tyrannia, em que lhe pese, se vê forçada a se sujeitar mais ou menos aos mandatos d'esses representantes da opinião: parece que a providencia capricha em haver os tyrannos por instrumentos da propria ruína, pois só a illustração, que dá ao homem a consciencia de seus direitos, pôde derribar ruins governos e oppressores. Assim a instrução

progride e gradualmente estende a sua réde, anhelando abraçar todas as camadas da sociedade, ministrando á terra virgem mas productive semente de muita ideia, que se ha de resolver em ainda muito mais obras de bem e só para bem.

Remissa e vagarosa, porém, vae a instrução por esta boa terra de Portugal; e ai de nós se não se attende a este grave mal com promptos remedios; ai de nós, porque um povo que possui a liberdade sem instrução, que só o pôde n'ella iniciar e nos sagrados direitos em que se resolve, a custo poderá conserval-a, e o que é mais, conserval-a sem abusar.

Saidos apenas d'um baptismo de sangue, em que nos foi mistér mergulhar para grangear uma alma nova, para reconquistar a austera mãe dos povos, a liberdade, conservámos ainda vestigios cruentos e reminiscencias odiosas d'essa lucta fratricida, bem que em prol da patria; e é só a instrução que nos pôde lavar da frente as manchas do sangue de nossos irmãos, e conduzir-nos a bom fim.

Qual é pois a causa da ignorancia—indigna do seculo—em que vegeta todo o nosso povo e grande parte da burguezia? Porque não é só o proletario, é tambem a classe média em grande escala, que não cura de seus direitos e liberdades, considerando-os, indifferentes, como uma invenção do seculo, e desconhecendo que só elles são as garantias unicas e segurissimas da sua individualidade e progresso.

A causa não está na escassez de livros populares, que alguns temos nós e de elevado merito; nem menos na indiferença do povo portuguez, que sabido tem elle mostrar o como zela seus direitos, uma vez compenetrados por elles.

A resposta já de ha muito a deu um grande homem e um grande Portuguez, quando se lastimava de que—possuindo nós ainda todos os elementos d'uma grande ventura, só nos faltasse um—*a vontade dos que podem.*

A carencia d'uma boa organização de escholhas, d'um bom regulamento litterario, e um ministerio—proprio de instrução—o campo que se acanha

a quem sabe, e só se alarga a quem tem e pôde; eis as causas do menosprezo e quasi aversão, que entre nós soffrem lettras e sciencias. Esta é a causa, a só causa de tantos males.

Sei que é dura e fere o ouvido, e mais ainda o coração, esta verdade: comtudo é uma e tão amarga, que custa a confessar, parecendo melhor desculpa a mingoa de livros bons e baratos.

É factó que entre todos os povos cultos, sendo que as nossas bibliothecas gemem debaixo do peso de boas obras nacionaes, sômos porém um dos que menos livros possuímos maneiros e de facil comprehensão. Abundam as nossas livrarias em pesados volumes, de ainda mais pesada erudição e elevado estylo; mas ao alcance do obreiro, do agricultor, do proprio camponez, volumes, que por seu tamanho, preço e clareza a elles se amoldem, que lhes mitiguem, por sua amenidade e instrucção, o rustico e affanoso lidar, a custo se depára com um ou outro.

N'isso differimos da França, da Italia, da Alemanha, que os têm aos cardumes, emquanto que os nossos escriptores parece falarem-se mais entre si do que com o povo.

V

Com tudo, para quem tiver sêde de instrucção, para quem bem os procurar, ainda ha que se achem e que sirvam.

As grandes ideias, se vieram encontrar Portugal adormecido nos braços da ignorancia, ainda houveram almas nobres e intelligencias elevadas aonde fizessem écho; e a geração nova tem continuado de testemunhar á Europa, que os elevados pensamentos da fraternidade não deram com corações esquivos em peitos portuguezes. Ainda ha quem tracte com afan do que convem ao seu paiz, e quem se não peje de dar testemunho, com palavras ou com escriptos, do seu pensar, crêr ou esperar.

Nem temor deve haver de que estaque em tão boa senda, porque a era é nova e a ideia virgem, e longe o dia vem, em que tem de ceder o passo a outra maior e mais elevada.

O dever de todos, quantos sômos, que pugnamos pelas liberdades e bem do povo, é seguir sempre a grande ideia, através de todos os estorvos e revêzes, com o peito ao vento, o rosto alto, e os olhos só fitos no futuro. Abrir bem o coração á voz que vem de cima, e cerral-o á das paixões da terra.

VI

Dissera eu não serem elementos de felicidade que nos faltavam; mas só o querer dos que podem tirar d'elles matéria de muito bem. Temos a ideia e temos os meios; tenhamos tambem a vontade, e para todo o mal se deparará remedio.

Um pequeno alvitre quero eu lembrar, que, com ser pequeno e de pouco custo, talvez não deixe de gerar bom fructo.

Ideia d'um grande francez e grande amigo do

povo, Mr. Cormenin, soube ella insinuar-se no animo d'um governo illustrado, que a soube aproveitar, e d'ella já hoje em França vão brotando fructos de muito bem.

Se o exemplo d'um povo tem algum peso no obrar dos outros, porque não applicaremos e experimentaremos entre nós a ideia do grande homem, sendo que ella produz, como tem produzido, resultados tão elevadamente civilisadores?

Tal experiencia quizera eu se realizasse em nossa terra, que certo estou de nos não deixar illudidos.

VII

A ideia refere-se maximamente aos habitadores dos campos, esses, mais que todos, engeitados da civilisação moderna.

E comtudo é á sua illustração que de mais vontade nos deveramos applicar. A agricultura é a melhor e mais verdadeira mãe dos povos, e, como diz Castilho,—só um povo que lhe quer, e a quer, e a serve com desenganada preferencia, só esse é rico, rico sem fausto, mas sem receio de empobrecer—o trabalho da terra é a fonte de todos os outros trabalhos, e assim, não é justo que nós, que em ocio disfructámos o trabalho do camponez, lh'o suavizemos em troca com algumas góttas do balsamo da instrucção?

Além d'isso, se trabalharmos em proveito da sua illustração, é em proveito nosso que trabalhâmos. O cultivador, que ler, conhecerá melhor o tempo, as estações, a qualidade do torrão, da semente, o que mais convem a este ou est'outro terreno, e que especie de grão deva lançar á terra. Com este progresso na agricultura o lavrador produzirá melhor, mais, e mais barato.

Não será, pois, tambem nosso o proveito?

Ainda que não fossem elles homens, e, como taes, com equal direito a se illustrarem, bastaria a perspectiva do proprio lucro para nos fazer cuidar d'elles com affinco, pois que, curando d'elles, de nós curâmos em realidade.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO QUENTAL

*Amigo Silveira:*—Hoje que a litteratura hespanhola é tão pouco conhecida em Portugal, hoje que a litteratura d'um outro povo, que nos é totalmente estrangeiro, tem usurpado o lugar, que de direito compete áquella, parece-me que um estudo, embora sem valor para muitos, sôbre um dos poetas mais illustres da Hespanha, não será inteiramente fóra de proposito. Assim levantarei um brado, fraco, é verdade, contra esse desprezo, que se vê entre nós por uma das litteraturas mais ricas e variadas do meio-dia, e mesmo mostrarei que o nome de Zorrilla não é inteiramente desconhecido na patria de Garret, Castilho, J. de Lemos e Palmeirim.

Remettendo-te, porém, este artigo, não posso deixar de t'o dedicar; porque tu, com a traducção d'algumas peças hespanholas, tens já, por assim

dizer, protestado tambem contra aquelle desprêzo. Aceita, pois, indulgentemente a obra mesquinha do

teu amigo, etc.

F. BEIRÃO.

## ESTUDO

D. Jozé Zorrilla

I

A litteratura, como um ramó dos conhecimentos humanos, apresenta-se-nos sempre debaixo das mesmas phases, por que estes têm passado nos diversos estados de civilisação dos povos. Assim vêdel-a um dia nascer quasi desconhecida, e noutro campear orgulhosa sôbre todos os obstaculos, que até alli a tinham impossibilitado de attingir a altura, a que se elevou, para depois d'ahi cabir a caduca e envelhecida. Não ha pois em geral nenhuma nação, que não tenha tido na litteratura o seu seculo d'ouro. Na França vêdes, no seculo de Luiz XIV, apparecer os vultos celebres de Corneille, Molière, J. B. Rousseau, Bossuet, Pascal e Fenelon; na Italia vêdes a litteratura, no tempo de Leão X, attingir o maior gráu de perfeição com Ariosto, Vida, Tasso, Machiavel; na Hespanha, no tempo de Isabel e Fernando VII, vêdes a historia extasiar-se diante de Cervantes, Mendroga, Mariana, Lope de Vega e Calderon; em Portugal, no seculo de João III, vêdes brilhar Bernardim Ribeiro, Camões, Barros, Goes, Mendes Pinto e Vieira; finalmente, em Inglaterra, no tempo da Rainha Anna, vêdes ainda apparecer Addison, Pope, Swift e Parnell.

A Hespanha tinha até ao seculo de Isabel e Fernando VII permanecido n'uma lethargia litteraria, de que só a acordam o poema do — Cid, a — *Dissertação sobre poesia*, do Marquez de Santilhana, e a — *Chronica*, de Ayalla.

Mas n'esse seculo a sua litteratura appareceu brilhante de vida e rica de animação, para depois ir, como cansada de tanta vida, definhando-se até quasi... expirar. Mas qual seria a causa, que fez passar a Hespanha do gráu litterario, em que estava, e que tão eminente era que chegou a influir nas produções litterarias das outras nações, para o estado de decadencia e de abandono, em que depois se conservou? É que n'esse nobre povo hespanhol, todo o movel, todo o impulso que dirigia a litteratura — era a sua fertilissima imaginação e esse ardor cavalheiresco, ridiculisado talvez por Cervantes. A inquisição veio mergulhar esse movel em ondas de sangue, veio dizer ao genio fertilissimo do povo hespanhol: — não escrevas tal, porque t'ó não permitto; e esse genio retrahiu-se em si atemorizado d'aquella liberdade de pensamento que levou tantos martyres ao cadafalso!... A perda da sua grandeza tambem concorreu talvez para esse abatimento litterario.

Mas esse como adormecimento não será eterno! Vêdel-a animar-se subitamente, para acolher as ideias liberaes do seculo XVIII, e proclamar ao mesmo passo uma nova epocha politica e uma nova epocha litteraria! É então que apparecem Rivas, Pastor Diaz, Lara, Rosa, e Zorrilla.

Ditas estas poucas palavras sôbre a historia litteraria da Hespanha, comecemos o nosso trabalho sôbre Zorrilla.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

## O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.<sup>a</sup> D. H. L. de Vilchez

Traducção de V. da Silveira.

Continuado do n.º 24, tom. I

III

Angela estava sentada á porta de sua casa, quando Fernando voltou de acompanhar o sr. de Campo-Real e sua filha, que não só lhe offereceram a casa, mas repetidas vezes o instaram, para que tornasse a vel-os.

O mancebo dera-lhes sua palavra de que assim o faria; porém, apenas se separou d'elles, sentiu que aquella amizade tão fingida, tão forçada, o desgostava sobremaneira e fazia nascer em seu coração uma especie de remorso.

As exigencias, porém, da sociedade impunham-lhe o dever de cumprir sua palavra; e esta necessidade, que elle mesmo se creára, atormentava-o tanto mais, quanto para seu caracter independente toda obrigação era pesada.

Ao avistar as paredes de sua casa pensára em Angela, n'essa creatura tão humilde e tão doce; lembrára-se de que a tinha deixado só, e offertido a outra as flôres, que para ella havia colhido; receára, emfim, enconral-a desgostosa, posto que esperasse dissipar seu descontentamento.

Sem saber porque, o desgosto de sua amiga lhe causava pena; ao mesmo tempo que sentia n'alma ouvir de seus labios a mais ligeira reconvenção.

Aquella, que tivera sempre em tão pouca conta as considerações de seu proprio pae, procurava desviar de Angela toda occasião de poder manifestar-lhe o menor movimento de sua colera ou de sua impaciencia.

Assim, Fernando, logo que avistou Angela, correu para ella; e já lhe acodiam aos labios as palavras, que deviam servir-lhe de escusa, quando o sorriso alegre e carinhoso, com que esta o recebeu, veio provar-lhe a inutilidade de suas desculpas.

— Quanto haveis tardado!, lhe disse ella, quando o mancebo se lhe aproximou. Estava já com bastante cuidado; é quasi noite e receiava que vos acontecesse alguma coisa.

—¿E que poderia acontecer-me?

—Não sei; porém no campo, e tão tarde... sempre ha alguma coisa que nos metta medo.

—A ti, que és uma creança; porém a mim, que sou um homem...

E pronunciou estas palavras com toda a gravidade, que lhes poude dar, e como se quizesse fazer esquecer, que tinha só dezeseis annos.

—Como quizerdes; mas peço-vos que entreis de pressa em vossa casa; o sr. marquez ha de estar com bastante cuidado em vós; e não deveis de nenhum modo prolongar sua anciedade.

—Pouco me importa, uma vez que não estás zangada comigo.

—¿Eu? e porque?

—Porque te deixei sósinha no campo.

—¿Que tem isso? ¿quem me havia de fazer mal, a mim, que não offendo ninguem, a mim, em que ninguem repara? Demais, é de crer que estivesseis mais satisfeito na companhia d'essas senhoras, e que vos não faltassem occasiões de falar em mil coisas, que eu não entendo; emquanto que a meu lado ter-vos-hieis aborrecido; pois que, por maior que seja a amizade, com que me honraes ¿que póde dizer uma pobre rapariga de quatorze annos, ignorante, creada nos campos, a um mancebo, como vós, educado na côrte, que de tudo fala, e que tudo sabe?

Fernando, ouvindo estas palavras, tão sinceramente pronunciadas, e recordando-se ao mesmo tempo da affectação e superficialidade de Carolina, não poude deixar de comparar esta com aquella joven, a quem Deus dotára d'uma imaginação naturalmente clara e viva, e que em tão pouca conta se tinha. Talvez que as mais severas reconvenções lhe não fizessem sentir os remorsos, que então vieram ralar sua consciencia.

—¿E as rosas, que eram para ti e que eu lhe dei? ¿Tambem não estás zangada por isso?

—¿As rosas? Outro dia me proporcionareis outras ¿não é assim? Porém estou a entreter-vos com estas bagatellas, emquanto que o sr. marquez ignora ainda vossa chegada. Vamos: entrai, entrai, que vosso pai deve estar inquieto e não me parece justo, que percamos o tempo em ninharias, quando elle soffre e vela por vós. Ser bom filho está primeiro que tudo; se o não fosseis, deixaria de ser vossa amiga.

Angela acompanhou estas palavras d'um olhar tão supplicante, que Fernando, dominado por elle a seu pesar, ficou sem ter que responder-lhe, e subiu vagarosamente a escada, que conduzia aos aposentos de seu pae. Angela foi procurar Joanna, que com afan a estava esperando.

A boa mulher via a amizade dos dois jovens sem se inquietar; a idade de Angela era tão tenra, que a deixava a coberto de toda murmuração; e jámais na mente da pobre aldeã poude fixar-se a ideia, de que o filho de seus amos, tão orgulhoso e tão nobre, podesse amar algum dia uma rapariga sem nome e sem fortuna. Com tudo, quando á noite se achava só com sua filha, não

se esquecia nunca de perguntar-lhe o objecto de suas conversas com Fernando n'aquelle dia; e Angela lhe respondia sempre com a maior simplicidade, referindo-lhe, palavra por palavra, toda sua conversação.

Ao ouvir-a, Joanna ficava tranquilla, e ainda ás vezes se perguntava, como era possível que Angela tivesse aprendido aquellas virtuosas maximas, que não comprehendia, ou não sabia explicar-se tão bem como ella. É porque ignorava que Deus, ao formar suas creaturas, póde dotal-as d'uma intelligencia superior, que não necessita de estudos nem de mentores para desinvolver-se, sobre tudo quando ella é acompanhada d'uma virtude simples e d'uma innocencia immaculada.

Por sua parte, o marquez observava, com a penetrante vista d'um pae, a singular inclinação de seu filho para com aquella rapariga; porém havia tambem notado a mudança effectuada no espirito de Fernando, debaixo da influencia de aquelle doce affecto. Assim, pois, longe de oppôr-se-lhe, deixava os dois jovens na mais completa liberdade; e ainda ás vezes olhava para Angela com mais attenção que de costume, e, admirando a pureza virginal de seu rosto, exclamava:

—¿É pena que não seja filha d'um nobre!

D'esta maneira tudo concorria para que mais se estreitassem os laços, que uniam aquellas duas almas tão dignas uma da outra.

Obrigado pelas conveniencias d'uma sociedade exigente, o filho do marquez visitava com frequencia o sr. de Campo Real, que o recebia sempre com uma exagerada cortezia, uma adulação extrema.

Do mesmo modo a joven Carolina, anciosa por ganhar sua estima, tractava-o com a maior deferencia, tendo para com elle toda a sorte de attentões.

Fernando passava portanto algumas manhãs no meio d'esta familia, a mais rica d'aquelles arredores; e até chegava a tomar parte nos divertimentos, que lhe proporcionavam, esquecendo dias inteiros sua doce amiga.

Carolina lisongeava-se já de possuir o amor do mancebo; e mostrava-se cada vez mais exigente e ciumenta. Assim cada dia, que passava, sem que Fernando fosse aproveitar algumas horas de sua companhia, era para ella motivo de violentas reconvenções, ou de pungente ironia em suas palavras. O filho do marquez recordava-se então de sua pobre Angela, tão indulgente, tão terna sempre, e jurava não separar-se mais de seu lado, preferindo a tudo sua tranquilla affeição.

Não obstante porém tão boas promessas, sempre um novo compromettimento, um convite novo o prendia para o futuro.

Carolina montava maravilhosamente a cavallo; e, querendo um dia fazer admirar a Fernando um brilhante trajo, que acabava de receber, o convidou para um extenso passeio. Fernando accitou pois aquelle o convite; e na manhã seguinte

achou-se, montado em seu predilecto cavallo inglez, á porta do sr. de Campo-Real.

Poucos momentos depois, appareceu-lhe a formosa joven, cujo talhe elegante, e graciosa e animada phisionomia mais bellos pareciam ainda debaixo de seu vestido de merino azul, fechado e guarnecido de laços de veludo preto, e de seu airoso chapéu, sôbre que fluctuava um branco e transparente veu.

Agil e risonha saltou sôbre seu cavallo; e chicotando vigorosamente o nobre animal, que, estimulado por um tal castigo, partiu a todo o galope, fazendo saltar brilhantes faiscas com suas fortes ferraduras, deixou após si Fernando, que, junctamente com o sr. de Campo-Real, havia tambem partido a galope. Um sobrinho d'este, que n'aquelle mesmo dia tinha chegado da côrte, os acompanhava.

A direcção, que tomaram, conduzia a um caminho que passava perto do palacio do marquez. Ao aproximar-se-lhe, Fernando viu uma linda e loura cabeça, que se assomava a uma das janellas do andar inferior.

Era Angela, que sem dúvida calculára a hora em que deviam passar, e que o saudava com um sorriso, posto que sem aquella alegria, que lhe era natural.

Carolina durante toda a manhã esteve encantadora, distribuindo seus olhares e suas atencções pelos dois mancebos, que a acompanhavam.

Seu primo tambem era muito rico; de sorte que a bella senhorita achava-se n'aquelle dia indecisa sôbre qual devia preferir, decidindo-se comtudo interiormente pelo primeiro, que se lhe declarasse.

(Continúa)



#### NA SENTIDA MORTE DO MEU CONDÍSCIPULO E AMIGO

**Martinho José Raposo**

Fagueiros sonhos de mancebo ardente  
Eil-os murchos por terra, entre essas flores,  
Inda, á primeira luz ao sol nascente...  
Nem prendes-te um só lírio resplendente  
Na crôa dos amores!

ALEXANDRE BRAGA

Dêmos uma lagrima ao que morreu...

Entre o que partiu e os que ficam, entre o que foi e os que ainda são, ha um laço mystico a unir a morte á vida, um feudo de sympathy, um penhor d'esperanças n'um melhor futuro, cujos horisontes só se nos abrem ahi aonde o viver acaba, que todos, quantos nós somos, — viajantes d'um dia espalhados por esse mundo — devemos áquelle que nos deixa, e que foi nosso companheiro nas alegrias ou nas dores.

No arruido das praças públicas, entre o debater dos interesses, em meio do tumultuar de mil paixões, passa ás vezes no ar um gemido funebre, ultimo adeus d'algum que foge em demanda d'outros mundos e d'outro viver.

Mas dos que ficam talvez que nem um só correspondesse á derradeira saudação do que se parte: absorvem-nos outros interesses, sympathias e esperanças d'outra ordem: para esses o finado pôde muitas vezes ser um braço ou uma intelligencia de menos, rarissimas uma alma a quem despedaçam violentamente os laços que ás outras a prendiam e que, ao despedir-se chorosa, pede tambem uma lagrima em troca da sua dôr.

Morrer, quando, já encannecidos no viver, a cabeça por si mesma nos pende para o chão, sob o péso immenso dos annos e dos cuidados; quando a luz da vida, quasi a extinguir-se, nos indica que breve vem já o ultimo descanso; quando a alma, despida das illusões da terra, sem n'ella ter já a que prender-se, só aspira aos largos horisontes do céu; morrer, então, é pôr um termo á sua dor; é caminhar com passo firme em busca d'um futuro de ha muito almejado; é cumprir com peito alegre esta lei, a última que nos impõe a natureza.

Mas partir, quando se tem ainda uma alma; ardente d'aspirações infinitas; um peito, transbordando d'esperanças e d'affectos; quando no coração se sentem de contínuo medrar e desabrochar todas, quantas ellas são, essas flores mimosas do crer e do sentir, que nos esmaltam a vida, que nos saúdam, a cada passo mais que damos na senda do existir; quando esse existir nos sorri pelos vastos horisontes de mil brilhantes illusões, que gera a imaginação florida do mancebo, e que todas o fogo da sua esperança lhe promete realisar; oh! então a morte é o espectro que nos gela de terror, é um chôro partido e estridente como o estertor da agonia; porque então morrer é partir, deixando a vida, campo de mil flores que nos sorri, em busca d'um futuro de que só vemos trevas e incertezas!

Quando se é assim, Amigos, como todos nós somos, jovens e esperançosos, é então que se deve pagar esse feudo de sympathy áquelle que, como nós, se veio sentar, cheio de fogo e d'aspirações, no grande banquete da vida, mas a quem a morte veio colher ainda em principio, lançando-lhe da mão o calix, que apenas levava aos labios...

Demos pois uma lagrima ao que morreu.

ANTERO TARQUINIO QUENTAL

#### OS ENGEITADOS E AS RODAS

Continuado do n.º 1, tomo II.

Deixal-o! um dia acuryvado ao péso da justiça eterna, conhecerá toda a extensão da sua maldade!

A justiça d'este mundo não basta para tão abominando crime.

A expiação do remorso, elle cynico, não a teve, não pôde sentil-a a consciencia endurecida e calejada pelo hábito do crime.

Releve-se-nos a divagação, se o é, pois bem sabemos que n'esta questão não é para a mãe, e muito menos para o seductor d'ella, que devemos lançar os olhos, mas unicamente para o filho, orfão, e sem arrimo, que lhe garanta a vida, se não fôr a sociedade.

Fizemol-o, comtudo, para mostrar que não é para encobrir o crime dos paes, que nós dizemos que corre á sociedade o rigoroso dever de ser mãe adoptiva e desvelada do orphão desamparado.

Porém, dir-nos-hão uns, que, não querendo encobrir o crime dos paes, o favorecemos, e lhe damos azo, — porque a mãe, embora hesite, resolve-se facilmente a perpetrar o crime de abandono, vendo que a sociedade tem o dever de a substituir, e que effectivamente a substitue em todos os officios de mãe.

Os que assim raciocinam, não pensam, que a mulher, emquanto não devassou á sociedade o seu crime, procura escondel-o por todos os modos possíveis; não podendo esconder-se a si, occulta o signal que a descobre e atraíçoa.

Em tão dolorosa conjunctura, onde a reflexão é impossivel, a mulher toma por força uma resolução; — se recua (e nem sempre) diante do horror do infanticidio, vê-a-heis abandonar o fructo de seus prazeres illicitos á caridade individual, porque, na vossa opinião, a caridade pública não existe.

Será ella bastante? Não, de certo. A vergonha, o medo, e não poucas vezes as fatuas *conveniencias* da sociedade, constringem-na a igual resolução.

Se a mulher perdeu já o que a constitue verdadeiramente anjo sôbre a terra — o pudor — e que não receia mostrar-se á sociedade com a fronte emmagrecida pela devassidão; — essa mulher, incapaz de amor de mãe, sentimento puro e terno, que não pôde ter cabida em peito devasso e corrupto, não cuideis que amamentaria o filho, que gerára na orgia do lupanar.

N'este caso o infanticidio seria probabilissimo; o abandono certo.

Como na primeira hypothese, a caridade individual não bastaria, e « o sêr que respira tem direito á vida, deve prolongar-se-lhe a existencia (Droz). » Dir-nos-hão outros, que tudo deve restringir-se ao que se faz; estender a mais essa protecção aos engeitados, é avexar os municipios com impostos economicamente impossiveis.

Aos que assim opinam, respondemos com a franqueza de íntima convicção, que, se tudo deve limitar-se ao que ahi se faz, e ao *modo por que se faz*, preferiamos antes ir sentar-nos ao lado dos primeiros.

Dizemol-o sem disfarce: a protecção que ahi se

alardeia, não o é; — é um engodo, uma falsa protecção.

O de mais, que a nossa sociedade consegue, amparando, ou *parecendo* que ampára os infelizes engeitados, é habilital-os para poderem, mais tarde, soffrer os baldões e vexames do infortunio, a que são condemnados pelo sacrilego abandono d'uma lei acanhada e imperfeita.

Melhor fôra deixal-os exhalar o ultimo vagido, ao relento, enregelados, do que insuflar-lhes quasi nova vida para, depois, os abandonar a todas as tempestades do mundo.

A lei, querendo evitar um infanticidio physico, commetteu, abandonando-os inconvenientemente, um infanticidio moral.

E evitará ao menos o infanticidio physico?

Seria preciso manchar os labios com a mais impudente das mentiras, para o asseverar affirmativamente, visto o que ahi se faz em as nossas rodas. Ahi não se educa; são antes estabelecimentos legaes para pôr em exercicio a lei terrivel de Malthus, como qualquer calamidade a executa.

Se não houver uma séria reforma, que faça até desaparecer os vestigios de sua existencia, podemos dizer, que um povo, que se diz culto e christão, tolera o que podemos chamar — *matadouros officiaes!* Mr. Benjamin Delessert, dizendo, a respeito dos hospicios dos expostos, a Mr. Lamartine — *La ouse fait périr les enfants aux frais du public* — definiu perfeitamente as nossas rodas.

(Continúa)

EDUARDO J. COELHO

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA

### MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO.

Sua Magestade El-Rei, tomando em consideração o que lhe foi representado pelo Conselheiro Reitor da Universidade, no seu relatorio de 28 de Setembro último, sôbre as diversas obras que se acham em andamento, e outras, que é necessario effectuar nos estabelecimentos da mesma Universidade: ha por bem, conformando-se com o parecer do referido Conselheiro, ordenar o seguinte:

1.º Que, além da continuação das obras nos edificios do Museu, e Collegio de S. Pedro, incorporados nos Paços das Escolas por Decreto de 30 de Maio de 1855; logo que se effectue a mudança já auctorizada das aulas do Lyceu Nacional do antigo Collegio das Artes, se deverá transferir para a parte d'este edificio, onde aquellas aulas se conservam ainda, o Dispensatorio Pharmaceutico, e as Enfermarias ora existentes no extincto Collegio de S. Jeronymo, que ficará destinado para n'elle se estabelecer uma enfermaria gratuita para estudantes pobres, e outra não gratuita para os, que não se achando n'aquellas circumstancias, quizerem ser alli tractados,

como é ordenado nos Estatutos, liv. 3.º, p. 1.º tit. 6.º cap. 1.º § 4.º

2.º Que, verificada a mudança do Dispensatório Pharmaceutico, se collocará alli, e nas salas e officinas do Theatro Anatomico, o Laboratorio Chimico, ficando incorporado no Museu o correspondente claustro com todas as suas officinas e casas em volta.

3.º Que, para o edificio do actual Laboratorio Chimico passará depois a aula e Gabinete de Anatomia e o Theatro Anatomico, feitas para este fim as competentes obras, e concluida a sua frontaria do lado do Museu.

4.º Que metade do primeiro andar do Collegio de S. Pedro contiguo ao Observatorio Astronomico será apropriada ao serviço dos Calculadores e mais empregados d'este Estabelecimento, durante as observações nocturnas, evitando-se assim a despeza da construcção d'uma casa, que teria de levantar-se de novo para esse fim.

5.º Que a Secretaria da Universidade, e as suas respectivas officinas, serão removidas do local, que actualmente occupam no primeiro andar dos Paços Reaes das Escolas, onde fôra mandada collocar por Portaria de 29 de Janeiro de 1855, para a parte do mesmo andar, que pertencera ao referido collegio de S. Pedro, devendo reunir-se alli todas as Repartições d'aquella Secretaria, e o seu Cartorio, ao qual se juntarão os livros e documentos, que ainda existem no archivo da extincta Junta da Fazenda, e que disserem respeito aos serviços e á historia litteraria e economica da Universidade.

6.º Que as obras no Jardim Botânico, e na parte do edificio do extincto collegio de S. Bento, que é destinada para serviço do Jardim, e Estabelecimento de Agricultura, serão incessantemente continuadas, segundo o plano já approvado.

Outrosim determina Sua Magestade que o Conselheiro Reitor da Universidade louve, em seu Real Nome, os Lentes Directores do Museu de Historia Natural, e do Jardim Botânico, pelos relevantes serviços, que, segundo o mesmo Reitor informa, têm prestado aos estabelecimentos a seu cargo, nas obras e importantes melhoramentos, com que têm zelosamente concorrido para o seu engrandecimento.

Paço das Necessidades, em 11 de Dezembro de 1859.—Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

CANTA!

A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. AMELIA JANNY

Virgem, fadou-te Deus a intelligencia;

Deu-te os dotes do espirito, que vencem

Em preço e duração todos os dotes.

Deu-te que os sentimentos, que te agitam,

Quer sejam de pesar, quer de alegria,

Em versos possas expressar cadentes.

Bella sómente, que serias?—Breve  
Viria o tempo deslustrar as côres  
De tua face mimosa. Como as outras,  
Nos mais virentes annos da existencia,  
Quando o mundo a sorrir convida aos gosos,  
Fôra tua vida, por nocturnos bailes,  
Gastar do dia algumas horas... Longas  
As outras para ti seriam sempre. —  
Breve a quadra fugira dos festejos,  
Chegando a idade, que inimiga os tolhe;  
E então, contigo a sós, longe do mundo,  
Triste e inutil a vida te corrêra...

.....  
Bella sómente — assim tua sorte fôra!

Mas não! — que o Eterno ás graças de teu corpo  
Dom maior ajunctou, soprou-te a chamma  
Da sacra poesia. — Venha a idade  
Da formosura desfolhar-te as flores!  
Fuja o mundo de ti — quando a suas festas  
Não possas já servir de ornato e lustre!  
Todos te evitem! — na poesia a socia  
Sempre amiga terás da vida tua.  
N'ella acharás consôlo, e certo allivio;  
D'ella a tuas máguas manará remedio.

Fadou-te Deus poetiza! — e da tua lyra  
Só sanctas, doces vozes tens tirado  
De esperanza, de amor, ou de saudade.  
A quantos deu consolação teu canto!...  
— Um sepulchro se abriu; pesada campá  
Para sempre occultou um d'esses anjos,  
Que na terra — quaes flores — nascem, morrem —  
Cofres de crepe a lyra harmoniosa;  
Mestos sons tiras d'ella; o extremo VALE  
Ao anjo dás, que á eternidade sobe.  
O amante, o esposo, o irmão, vendo que ao d'elles  
Unes teu pranto, que sentido brota;  
Vendo em teus versos persistir eterno  
Da extincta o caro nome, algum conforto  
Sentem no seio entrar, que — partilhadas —  
Mas suaves as penas se lhes tornam.

Mas diz-me, cysne de mavioso canto,  
Diz-me, quem foi, que te afinou as cordas  
Da lyra, que dedilhas? Quem patentes  
Os segredos te poz d'essa poesia,  
Com que nos arrebatas tantas vezes?  
A saudade? e de quem? sempre contigo  
Seus dias passa a mãe, que te estremece;  
Sempre no maternal, amante seio  
A fronte podes repousar, donzella.  
Foi o amor? — Mas o amor cantar não deixa,  
Quando nossa alma de prazer cumula...  
Sente-se... não se exprime o amor ditoso.  
Foi o amor infeliz? — Não posso crê-lo;  
Quem deixaria de te amar, ó cysne?!

Quem foi então que te afinou as cordas  
Da melodiosa lyra, que dedilhas?  
Não sei, donzella, não! Anjo invisivel  
Vae-te por certo murmurar á noite

Os peregrinos cantos, que modulas,  
Nascida juncto ao poetico Mondego,  
Em suas margens crescida, e tendo a alma  
Facil de impressionar, de fogo cheia,  
Talvez seja do rio o ignoto genio,  
Que o verso teu harmonioso inspira.  
Talvez; não sei, não sei! — Mas, seja embora  
Genio ou anjo — que importa? — continúa  
Modulando o alaúde; dá-nos sempre  
D'esses cantos sentidos... — Do poeta  
A missão é cantar — mentir-lhe é crime!  
Coimbra, 11 de Janeiro de 1860.

EUGENIO A. DE BARROS RIBEIRO

**A UNS OLHOS**

Antes que os teus olhos,  
De vivo luzir,  
Olhando creassem  
Meu ledor sorrir,

Que fitos nos meus  
Com brando fulgôr  
No peito accendessem  
As chammas d'amor.

Sósinho no mundo  
Sem vida vivi;  
Que a vida que goso  
Me veio de ti.

Desejos que sinto  
No seio ferver  
Dão alma, calor  
A este viver.

A vida d'outr'ora  
Passava a fugir,  
Serena qual lago  
Quieto, a dormir.

Ideias que tinha  
De meiga expansão  
Nenhuma movia  
O meu coração.

Mas hoje, donzella.  
O fogo brotou;  
Ardente meu peito  
Nos olhos te amou;

Teus olhos tão lindos,  
De meiga expressão,  
Dotaram-me a vida  
De meigo condão;

Teus olhos, teus olhos,  
No doce volver  
Fizeram-me, ó virgem  
Amar e viver.

8 de Dezembro.

A. A.

**DEMONIO**

Acabou-se o meu sonhar,  
Desfez-se a minha illusão,  
Era tudo um sonho vão,  
E a minha divindade,  
Não era na realidade  
Um anjo, — não era, não;

Ai perdão! perdão meu Deus!  
Pois julguei, que essa mulher,  
Era um anjo lá dos céus,  
Que ficara n'este mundo,  
Perdido dos anjos teus.

Mas enganei-me, menti,  
Tu não és um anjo, não;  
Tu és harpia, és demonio,  
Que este peito devoraste,  
Que entre as garras laceraste,  
Fibra a fibra o coração:

Anjo és, anjo maldicto,  
Anjo és, do negro averno;  
Porque o fogo da minh'alma,  
Fogo d'este coração,  
Ai! não é da terra, não,  
Este fogo, é fogo eterno,  
É só fogo de precito:

A ti mulher, que és um monstro,  
A ti mulher, que adorei,  
A ti mulher, que és demonio,  
Que por idolo tomei;  
A ti anjo, anjo maldicto,  
A quem a vida entreguei;  
A ti monstro, monstro horrivel,  
A ti mulher refalsada,  
A ti serpe, alma damnada  
Por quem a vida vivia;  
A ti só, inda mil vidas,  
Se as tivesse, t'as daria...

F. DE SÁ MAGALHÃES

**PRELUDIOS-LITTERARIOS**

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.<sup>a</sup>, e Sr. Melchisedes & C.<sup>a</sup>, *Livraria Central*, rua do Ouro; *Porto* — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pêso da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro* — Sr. Feliciano José Alves Braga.

**Preços**

COM ESTAMPILHA		SEM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Avulso — 40 réis.			

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 2, t. II.

VIII

Entendera Cormenin que o rustico, por ser rustico, nem por isso devia ficar privado d'esse pão do espirito, que é a leitura.

Partindo d'esta verdade, imaginou elle uma bibliotheca de 200 ou 300 volumes de materia comezinha e de facil digestão para o povo: cada conselho possui uma d'estas bibliothecas dividida em tantas menores, quantas as aldeias e logares que em si conta, e em relação a ellas numeradas. Cada uma d'estas livrariasinhas é enviada pelo administrador do concelho ao parcho de cada aldeia, a fim d'elle distribuir gratuitamente os volumes a quem d'elles precisar e os pedir, assentando o nome de cada leitor n'um rol, e riscando-o á maneira que se vier fazendo entrega dos volumes.

Depois de seis mezes passados, todas as obras que compõem a livrariasinha se devem achar em casa do parcho, que a remete á aldeia que tem a bibliotheca de numero immediato, recebendo em troca a que lá estava para o mesmo fim.

Passado tempo, quando cada aldeia tenha tido por espaço de seis mezes cada uma das bibliothecas parciaes, isto é, todos os livros do concelho por partes e por várias vezes, far-se-ha troca da bibliotheca toda com a do concelho seguinte, continuando sempre assim com o mesmo systema de leitura, de sorte que em poucos annos poucos livros terão, passando por milhares de mãos e através de milhares de intelligencias, feito o gyro do paiz, e levado a instrução aos mais necessitados, sem que para isso se exigam grandes despesas.

A este alvitre, tão simples como economico e proficuo, chamou Cormenin—Systema das Bibliothecas Ruraes Ambulantes.

IX

A bondade de tal alvitre por si e claramente se deixa ver. Realisar o desideratum da civilização moderna—a instrução do povo—em tão

Janeiro—1860

grande escala, tão bem, e por tal preço, cuidado que outro algum o poderá fazer melhor.

Nos primeiros annos poucos resultados bons se tirarão, porque ainda os habitadores dos nossos campos desconhecem as vantagens da leitura; mas, acostumados pelo uso, e, por assim dizer, aclimatados com o systema, e, maximamente, vendo os fructos que hão de colher os que leem, dentro em breve toda a população dos campos correrá em busca de livros e será com injustiça, que o soberbo habitante da cidade lhes poderá chamar—boçaes.

X

Na escolha dos livros é que se deve requerer toda a cautella, para que a instrução não degenere em leituras prejudiciaes ou sem proveito.

Deverá constar cada bibliothecasinha de pequenos volumes sôbre sciencias naturaes, medicina domestica, livros de religião, de agricultura, de politica geral, de administração, historia, geographia e viagens; tudo isto escolhido por pessoa versada e idonea.

Na nossa terra, nomeadamente, deve-se curar principalmente de os procurar ou traduzir em chã linguagem das estrangeiras, escolhendo entre todos os melhores e os mais uteis.

Comtudo é não acobardar, que ainda se acham livros bons e uteis, e os que não houverem podem bem supprir-se com versões dos melhores dos outros paizes mais adiantados que nós, n'este genero de literatura popular.

XI

Alguns livros ha, assentei eu, que estão no caso de percorrerem a estrada de tal missão: originaes portuguezes uns; outros vertidos em nossa lingua das estrangeiras. E que muito importa essa differença? já disse alguém que o genio não tinha patria: um bom livro, que appareça hoje, já amanhã falará todas as linguas, e será lido com ardor por todos, quantos elles são, os povos cultos do globo.

D'alguns livros sei eu, que satisfazem as exigencias: poucos em verdade são elles, mas bons, mas bonissimos: quasi todos conhecidos e amados do público; alguns não tanto: a todos o

nome do auctor lhes é caução. Folgo de ter fallado n'elles um pouco de longo, porque tão bons são, que lhes desejára ainda mais carinhos, mais diffusão por entre o povo. Com elles quizera eu se começasse a obra civilisadora das — Bibliothecas Ruraes.

## XII

Aquelle, que primeiro convem que o povo leia e releia, e por elle seja mui manuseado, mui meditado, tem em si a propria recommendação: vem assignado por nome portuguez e dos maiores. D'elle disse Castilho — aquelle que em alguns paragraphos pretender julgar uma obra tão cheia, tão variada, tão germinal toda ella, como é este livro, provaria, ou que não a lêra, ou que não era digno de a ler. Nós a lêmos, a relêmos, temol-a ainda aberta, e aberta a deixaremos sobre a meza para novas meditações.

Seu titulo é:

**ESTUDOS SOBRE A REFORMA EM PORTUGAL**

POR

**J. F. Henriques Nogueira**

Não é um livro; é uma obra.

G. PLANCHE.

## I

O livro cujo valor apregoámos, e ao qual outorgámos um primeiro e eminente logar na nossa ora ideal — mas tão realisavel Bibliotecasinha popular, é digno de tal occupar, sendo que entre todos é elle o mais util e accommodado á intelligencia do nosso povo — ainda mal — tão inculto, tão por mondar de cardos e ruins ervas, e, o que peor é, com tão pouca esperanza de proximo e util cultivo.

O auctor do livro, como bom philosopho, cura menos do que é, ou pôde ser, do que indaga o que em sã razão devêra existir: e ao tempo que, em succinto mas substancial quadro, alevanta o rude trabalhador ao nivel de seus direitos, não se mostra remisso no estudo dos deveres que se lhe oppõem; accrescendo ainda um catechismo acabado dos meios de realisação d'uns e de satisfação dos outros. Ajuntai ainda uma expressão clara, por correctá; uma viveza toda meridional de imagens; um finissimo tacto ou, por assim dizer, um como fáro mui mimoso no descubrimiento dos males sob que geme a sociedade; e a mão segura em alvitrar meios de prompto remedio; e em limitadas phrases havereis o livro.

## II

Diz modestissimamente o auctor, que o livro não é mais do que a selecção de pequeninos estudos ácêrca d'esta ou d'est'outra reforma. Sobre modo maior é o seu merecimento, e em conta de maior obra o tenho eu. É um systema de orga-

nisação social completo e cheio; resumo, conciso sim, mas germinal das reformas, que ha mistér um povo e uma sociedade já gastos. Dai-me população e territorio, que meios de organizar um governo no livro os acho eu todos: mas governo racional, philosophico sem que seja irreligioso (e é este o dizer verdadeiro da palavra); governo, finalmente, como o deve ser um no seculo deseno-

Se desejaes um testemunho do seu bem querer, lêde no Prologo da obra, e vêde com que tocante singeleza resume elle, em poucas palavras, o seu credo politico e social, onde, a par do grande reformador, deparareis com o poeta e com o cidadão honesto, e amante da sua patria.

## III

Eis os termos em que se expressa:

— Quizera que, n'um paiz como o nosso emancipado por cruentes esforços da tutela humiliante, egoista e sanguinaria da monarchia absoluta, cansado do regimen espoliador, traiçoeiro e facioso da monarchia constitucional, necessitado de restaurar as forças perdidas em luctas estereis e de cicatrizar feridas, que ainda gotejam, ávido em fim, de gozar as doçuras da liberdade, por que tanto ha soffrido; quizera que o governo do estado fôsse feito pelo povo e para o povo, sob a fórma nobre, philosophica e prestigiosa de — República.

— Quizera que o poder supremo, emanado do voto universal, residisse na assembleia dos representantes do povo; e que o poder executivo fôsse confiado a um ministerio de tres membros, nomeados pela assembleia.

— Quizera que a administração da justiça corresse imparcial, rapida e gratuita; que os serviços feitos ao paiz tivessem uma recompensa condigna; que os crimes achassem correção em vez de vingança; e que a pena de morte, vestigio maximo da barbaridade, fôsse abolida.

— Quizera que a guarda nacional, milicia gratuita, que não obriga o cidadão a abandonar as suas occupações, constituísse o grosso da força armada; e que o exercito subsidiario se reduzisse unicamente aos corpos scientificos.

— Quizera que a despeza publica fôsse inferior á receita; que se proscresse o ruinoso systema das dividas; e que a applicação dos rendimentos do Estado fôsse inteiramente productiva, illustrada e philanthropica.

— Quizera que a rede tributaria, que ameaça d'estancar o paiz, ficasse reduzida a um só imposto progressivo sobre a renda, cobrado sem despeza e realisado sem agio.

— Quizera que os capitaes, pela barateza do juro, auxiliassem a producção, em lugar de absorverem a maior e melhor parte de seus lucros.

— Quizera que o direito á subsistencia pelo trabalho tivesse nas officinas, colonias e obras publicas, uma util garantia; que o trabalho das

mulheres ganhasse uma área mais vasta, e que fôsse melhor retribuido.

— Quizera que a Agricultura, a Industria-fabril e o commercio recebessem do estado uma desvelada protecção, como fontes principaes da riqueza.

— Quizera que as estradas, os canaes, as bar- ras, e em geral, todos os meios de viação me- recessem a preferencia no extenso capitulo das nossas necessidades.

— Quizera que a communicacão do pensamento não achasse obstaculos; e que o correio fôsse inteiramente gratuito, tanto para as cartas como para os escriptos periodicos.

— Quizera que os orphãos, os doentes e os invalidos, que dependem da caridade pública, encontrassem nas casas de misericordia lenitivo para os seus males; e que se franqueassem a todos os operarios as instituições economicas e pre- ventivas da miseria.

— Quizera que os cuidados exercidos sôbre a saude pública conseguissem minorar e extinguir, se tanto fôsse possível, as causas de infecção, que vão minando gradualmente a robustez das gerações.

— Quizera que o derramamento da instrucção chegasse ás ultimas camadas sociaes; que a im- prensa pública se tornasse um instrumento de progresso; e que o estado protegesse o talento abandonado, que a falta de cultura não deixa medrar.

— Quizera que a religião de nossos paes não servisse de escudo a interesses egoistas e mun- danos, mas que acompanhasse o progresso da hu- manidade; que os bispos fossem, como n'outro tempo, eleitos pelo povo; e que os parochos se elevassem á altura de mestres e de moralisadores.

— Quizera que os interesses da localidade fos- sem attendidos primeiro do que tudo; que o ter- ritorio se dividisse para todos os effeitos em gran- des e bem regidos municipios; e que as aldeias tivessem os melhoramentos indispensaveis ao bem commum dos moradores.

— Quizera que a associação, origem de ma- ravilhas, se estendesse a todas as classes da so- ciedade e principalmente a aquelles que vivem do seu salario.

— Quizera que a familia, instituição primitiva e santa, não apresentasse o quadro odioso dos direitos de primogenitura, que dão a uns filhos a regalia de senhores, em quanto conservam outros na humiliação de servos.

— Quizera que a propriedade, direito natural e civilizador, se estendesse ao maior numero de individuos; e que, para completar a liberdade da terra, se permittisse a remissão de todos os encargos que a oneram.

— Quizera, por ultimo, que Portugal, como povo pequeno e opprimido, mas conscio e zeloso da sua dignidade, procurasse na — Federação — com os outros povos peninsulares a força, a im- portancia, e a verdadeira independencia que lhe faltam na sua tão escarnecida nacionalidade....

.....  
Não ha querer mais nobre, aspirações mais sanctas; a par do grande philosopho, haverá ahi quem desconheça o poeta e o humanitario?

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO QUENTAL

## D. JOSÉ ZORRILLA

### ESTUDO

Continuado do n.º 2, tomo II.

#### II

Era á hora do crepusculo d'uma tarde de Fe- vereiro. Em direcção ao cemiterio da horta de Fuencarral, em Madrid, caminhava um silencioso prestito, composto das maiores illustrações hes- panholas; acompanhando um ataúde, ornado de uma corôa. Esse ataúde encerrava os ossos de D. Mariano José de Lara, joven litterato hespa- nhol, morto quando começava a viver para o seu paiz. O prestito chegou ao cemiterio; o cadaver do infeliz trovador ia descer á sua ultima morada. O silencio era fundo; parecia que uma attracção irresistivelmente poderosa prendia aquelle cente- nar de homens, cheios de vida e d'illusões, áquella campa que encerrava dentro em si a ultima das realidades — a morte! Então Roca de Togores, dominado pelo sentimento geral, elevou a sua voz e commemorou 'num discurso a vida cheia de tor- mentos do fallecido poeta.

«Naquelle momento, diz um assistente, os nos- sos corações vibravam d'um modo, que se não pôde fazer comprehender aos que o não sentiram; que os mesmos que o sentiram terão olvidado, porque dos vãos d'alma, dos arrebatamentos do entusiasmo não se fórma ideia nem fica memo- ria.» Foi então que dentro d'aquelle grupo de ho- mens, dominados pela emoção, sahiu um joven desconhecido e leu, com palavras sahidas do co- ração e interrompidas pelas lagrimas, uma poe- sia, que Roca teve de lhe arrancar das mãos, por- que o poeta desfallecido pela emoção não pode concluir a sua leitura.

Foi sublime aquelle momento!

Esse mancebo havia traduzido em cadente e harmoniosa linguagem a emoção de todos aquel- les homens.

Ao pé do tumulo d'um grande poeta surgia ou- tro não inferior, como d'entre as fendas de fria campa brota o musgo viçoso. Esse joven era Zor- rilla. Desde essa epocha a sua reputação estava firmada; o prestito funebre do Lara, foi o cortejo triumphal de Zorrilla.

#### III

O poeta nasce, não se faz; disse um litterato hespanhol; e enunciou uma grande verdade. Para ser poeta é preciso sentir; e Deus foi aváro d'esse bem na distribuição das qualidades humanas. Para ser poeta não basta saber rimar, como para ser

pintor não basta saber traçar sobre a tella algumas figuras.

Mas ha momentos, que fazem cantar o poeta com mais harmonia, que o fazem soltar estrophes mais sentidas; e é d'então, muitas vezes, que elle nasce, ou se revella aos outros. ¿Não foi a poesia — *Os Desterrados*, — recitada perante um povo, que se estorcia de afflicção, por vêr partir para os sertões d'Africa quarenta irmãos d'armas, que fez a gloria litteraria e popular de Palmeirim? ¿Não veio augmentar a fama de J. de Lemos a sua poesia — *O Funeral e a Pomba* — inspirada por uma catastrophe, que a todos commoveu; ¿Mendes Leal não subiu, ha pouco, um degráu mais na consideração pública, ao fulminar no seu — *Pavilhão Negro* — a offensa do direito pela força, o ultraje, que enlameou o pavilhão da França?

Assim aconteceu com Zorrilla. Foi essa poesia recitada perante o cadaver de Lara, e escutada por um auditorio, mágoado pela fatalidade de tão grande perda, que fez conhecido na Hespanha o nome hoje glorioso de D. Jozé Zorrilla. Transcreveremos logo essa poesia, não pelo muito valor, que ella encerra, mas para mostrar o ponto de partida do genio do nosso poeta. E já que fallámos n'esse ponto, talvez capital, da vida de Zorrilla, apresentaremos primeiro um esbôço de sua biographia.

D. José Zorrilla nasceu em Valladolid aos 21 de Fevereiro de 1817, e é filho de D. José Zorrilla e de D. Nicomedes Moral.

Passou na sua patria os seus primeiros annos; frequentando depois em Madrid — *El Seminario de Nobles*. — A sua paixão dominante era então o theatro, e tanto que aproveitava todas as occasiões, que podia furtar ao estudo, para assistir ás representações theatraes.

Em 1833 retirou-se ao gremio de sua familia, onde em lugar das risonhas scenas do lar domestico, achou tristes decepções. Obrigado por seu pae foi cursar em Toledo; estudando alli mui pouco o primeiro anno juridico; até que depois foi enviado a Valladolid para continuar a sua carreira.

Sempre objecto d'uma vigilancia continua, e sabendo que seu pae estava muito irritado contra elle, tomou a resolução de fugir, o que effectuou em Lerma. É para elle de notavel, n'este anno, o ter escripto n'um jornal a sua primeira poesia chamada — *Elvira*, no — *Artista*.

Entrando em Madrid, passou ahi algum tempo riquissimo de esperanças e pauperrimo de meios, até que, a 15 de Fevereiro de 1837, assignalou ahi a sua entrada no mundo litterario do modo notavel, que acima referimos. Poucos mezes depois, deu á luz o primeiro volume das suas poesias, com um prefacio do celebre escriptor Pastor Dias; e tendo á frente a poesia feita á morte de Larra.

Não é nosso intento seguir Zorrilla em todas as phases de sua aventureira vida; por isso passaremos a examinar as suas producções, começando

por apresentar as poesias de que acima fallámos, não em portuguez, que a lingua hespanhola todos a entendem entre nós, e por alguns vae sendo ouvida com prazer.

#### À LA MEMORIA DESGRACIADA DEL JOVEN LITTERATO

D. Mariano José de Lara

Ese vago clamor, que rasga el viento,  
Es la voz funeral d'una campana,  
Vano remedo del postrer lamento  
De un cadaver sombrio y macilento,  
Que en sucio polvo dormirá mañana.

Acabó su mision sobre la tierra,  
Y de jo su existencia carcomida,  
Como una virgen al placer perdida  
Cuelga el profano velo en el altar.  
Miró en el tiempo el porvenir vacio  
Vacio ya de ensueños e de gloria,  
E se entregó a ese sueño sin memoria  
Que nos lleva á otro mundo á despertar!

Era una flor, que marchitó el estio,  
Era una fuente, que agoló el verano;  
Ya no se siente su murmullo vano,  
Ya está quemado el tallo de la flor!  
Todavía su aroma se percibe,  
Y ese verde calor de la llanura  
Ese manto de yerba y de verdura  
Hijas son del arroyo creador.

Que el poeta en su mision  
Sobre la tierra, que habita  
Es una planta maldita  
Con frutos de bendicion.

Duerme en paz en la tumba solitaria  
Donde no llegue á tu cerrado oido  
Mas que la triste y funeral plegaria  
Que otro poeta cantará por ti  
Esta será una offrenda de cariño,  
Mas grata, si que la oracion de un hombre,  
Pura como la lagrima de un niño  
Memoria del poeta que perdi!

Si existe un remoto cielo  
De los poetas mansion,  
Y solo le queda al suelo  
Ese retrato de yelo  
Fetidez y corrupcion.

Digno presente por cierto!  
Se deja á la amarga vida!  
Abandonar un desierto  
Y darle á la despedida  
La fea prenda de una muerto!

Poeta, si en el no ser  
Hay un recuerdo de ayer,  
Una vida como aqui,  
Detrás de ese firmamento...  
Consagrame um pensamento  
Como el que tengo de ti!

Se avaliássemos Zorrilla só por esta poesia, não lhe acharíamos grandes ideias, nem d'esses versos, que arrebatam; acharíamos pouco: algum sentimento e mais nada. Mas a aguia, quando começa a voar; só desprende pouco as azas; vae d'um rochedo a outro; mas depois — é a rainha das aves, mirando direita o rei dos astros, logo veremos Zorrilla apresentar-se como um grande poeta.

(Continúa)

F. BEIRÃO

## COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 1, tomo II.

## CAPITULO II

No qual se falla, entre outras trapalhadas, d'um cão e d'uma linda trança de cabelo.

A senhora D. Luiza Bibiana de Castro era uma menina, linda como os amores, fresquinha como uma alface, viva como o azougue, traquina como uma borboleta.

Tem de altura um metro; de circumferencia uns quinze, com balão e tudo.

Quando anda, toda se rebola: quando está de pé, toda se mira; quando está sentada, toda se requebra.

É vel-a e admiral-a. Não ha alli nada que se deite fóra.

A cabeça inclinada diz ternura; os olhos languidos dizem meiguice; os purpureos labios anciaem beijos.

Que thesouro de formosuras!

No mesmissimo dia exactamente, e ao tempo que Pedro Pereira saía de casa, chamava ella a sua criada de quarto.

—Que horas são, Mathilde?

—Deu agora mesmo meio dia, minha senhora.

—Ah! cuidei que era mais tarde. O papá já perguntou por mim?

—Não, minha senhora: elle ergueu-se ás dez horas, almoçou e saíu logo. Ainda não veio.

N'este meio tempo sentiu-se chiar a porta, que ficára com uma físga aberta.

—Ai o meu *Rigoletto*, coitadinho, que está alli a morrer com frio!—exclamou a menina: dá-me para aqui o *Rigoletto*, Mathilde. Bem. Vai-te agora embora, e não venhas cá sem eu te chamar.

O *Rigoletto* era um canito inglez, muito fel-pudo, e com duas orelhas maiores do que elle.

Trazia uma colleira muito larga de seda carmesim, onde havia bordada a torçal verde uma palavra franceza — *souvenir*.

Era uma excentricidade da amavel dona gostar das palavras francezas, porque as não entendia.

Agora não sejamos indiscretos, amigo leitor. Saíamos do quarto, e deixemol-a sósinha com o seu *Rigoletto*. Vamos ver a criada, que vale a pena.

Era uma moçoila alta, pallida, e com um olho vesgo, natural, salvo erro, de Farinha-Pôdre.

Quem não souber a topographia do paiz, fique sabendo que Farinha-Pôdre é uma povoação muito nomeada, no coração da Beira.

Tinha vindo para a cidade ao cóllo da mãe, e tinha-se sempre occupado no proveitoso mistér de servir-se a si á custa dos outros. N'aquella casa estava para acabar o primeiro anno, e dava-se

com a menina ás mil maravilhas. Eram quasi da mesma idade, e tinha a grande vantagem de lhe não excitar inveja em frente do espelho.

E estes dois motivos bastam para ligar duas mulheres na posição d'aquellas, ainda que outros não haja.

As distincções de classes entre mulheres são ôdres cheios de vento. Toque-lhes o mais pequeno bico de interesse, e ficam logo em nada.

Depois de ter dado o cãosinho á sua senhora, Mathilde saíu muito com geitinho, fechou a porta do quarto, e achou-se n'um gabinete de touca-dor, todo aromatisado.

Sentou-se, e esperou.

Estava quasi para adormecer, quando sentiu tocar a campainha da escada d'um modo particular.

Levantou-se de repente, como se lhe tivesse mordido uma vespa, e esfregou os olhos.

A campainha tornou a tocar.

Dirigiu-se primeiro á porta do quarto da ama, e escutou.

Não se ouvia o menor ruído.

—Dorme:—pensou ella.

E sem demorar um instante, correu á escada.

Através das grades da cancella viu um homem, e abriu immediatamente.

—Vá dizer á senhora, que desejava fallar-lhe: disse este ainda no topo da escada, e entrou em seguida para uma ante-sala, que lhe ficava á direita.

—Ella ainda está recolhida, redarguiu a criada, sem parecer extranhar o desembaraço do hospede.

—Talvez não; ella bem sabe que a haviam de procurar. Entregue-lhe simplesmente este bilhete.

—Mas se ainda agora de lá venho, e recom-mendou-me que não lhe entrasse no quarto sem ella chamar.

A visita não se formalisou com a recusa da criada. Pelo contrario, sorriu-se, e insistiu em tom mais brando:

—Ora vamos, Mathildinha, tu és uma boa rapariga, não te estejas agora a fazer grave, que quem perde sempre és tu. Eu preciso fallar-lhe já.

Ou fosse que o diminutivo adocicado e o tom melifluo tivessem alguma influencia, ou o que quer que bem fosse, o que é factó averiguado é que a moça apenas por formalidade ainda pôz uma objecção.

—E se a senhora ralhar commigo pela ir acordar?

—Diz-lhe o meu nome.

É uma resposta que parece uma extravagancia de orgulho: mas a criada achou-a satisfactoria, e saíu logo.

O visitador tirou o chapéu, poisou-o sôbre uma meza, e poz-se a passear trauteando uma ária da *Favorita*.

Era um mancebo de seus vinte e dois até vinte e cinco annos, elegante e bem trajado. Tinha uma cara amenizada, onde brilhavam dois olhos

castanhos á flor do rosto, e um ar de riso constante. que deixava verem-se-lhe uns dentes brancos de jaspe. Não se lhe via signal de barba.

A criada voltou pouco depois:

— Queira v. s.<sup>a</sup> fazer o favor de esperar um bocadinho, disse ella com modo muito cortez.

— O senhor Castro está em casa? perguntou o nosso homem.

— Não, meu senhor. Nem virá tão depressa. Em elle saindo de manhã, sempre se demora.

O dialogo terminou aqui, porque a senhora tocou a campainha, e Mathilde introduziu o mancebo na sala, e entrou ella por uma porta em frente.

D'ahi a instantes fez-lhe signal de entrar tambem.

O mancebo não se fez instar, e se bem que não era aquella a primeira vez que lhe concediam tamanho favor, acudiu-lhe o sangue todo ao coração e vacillou. Ia achar-se em frente d'uma mulher que elle divinisara na ara sacrosanta d'um amor ardente, e n'essa hora nem elle mesmo saberia explicar o desusado tremor que sentiu. Aquella mesma porta a tinha elle entrado muitos dias com o coração trasbordando de prazer, e agora tinha desejos de voltar para traz, e sem saber por que.

A criada tinha-lhe dito que Luiza ainda estava recolhida quando elle chegou, e essa circumstancia, em que então nem reparara, lembrou-lhe agora. Nunca d'antes tal acontecera, contando com elle. Haveria alguma quebra no amor de Luiza?

Foi esta ideia que o fez estremecer, e por essa attracção irresistivel com que o abysmo nos arrasta, deu mais dois passos firmes, e entrou.

Luiza estava involvida n'um vasto mandrião de cachemira escura, com os cabellos apanhados n'uma rede de retroz.

— Como te esperava anciosa, meu querido Joaquim: — exclamou ella saindo a enconral-o, e tomando-lhe a mão: como és bom, e como eu te amo!

O pobre moço ficou louco. Esqueceu logo todos os seus presentimentos de boa razão.

Caiu-lhe aos pés, e cobriu de beijos a mão que apertava a sua.

Que lhe viessem dizer n'essa hora que essa mulher não era um anjo de amor, de innocencia, de fidelidade, que elle acreditaria primeiro que pelo fundo d'uma agulha podia passar um calabre.

Ninguem se semelha mais com um tolo do que quem ama.

— Eu tambem te amo muito, Luiza, muito: nem tu ainda sabes o quanto eu te amo! murmurou Joaquim com voz tremula de commoção. O dia em que me faltasse o teu amor era o ultimo da minha vida. Sinto-o aqui dentro, sinto-o n'estas palpitações violentas, que não posso moderar quanto estou proximo de ti, e que se uma vez parassem era para nunca mais!

Estas e quejandas coisas dizem-se ahi todos os

dias, a todas as mulheres, e, quando ha occasião, a duas e tres no mesmo dia: mas pouquissimas vezes se sentem.

A gente aprende aquillo quando tem dezeseis annos, como aprendemos o padre-nosso quando temos tres. Quando se entra na egreja, diz-se o padre-nosso: quando se está com uma mulher, repete-se-lhe aquella ladainha.

Nem d'outro modo podia ser.

Pois em que se póde fallar com uma mulher?

Eu de mim confesso aqui chã e rasamente a minha insufficiencia. Quando por qualquer motivo, commum ou particular, não posso ou não devo dar entrada por aquelle campo, fico mudo como um tumulo.

E é porque realmente não sei que lhe hei de dizer. Para fallar em litteratura faço-me desentendido, e passo por massador; para fallar em bordados, tenho medo d'alguma syllabada, e dos risinhos assolapados; para fallar em modas e *toilettes*, como ellas dizem, era-me necessario um dictionario para entendel-as; em que pois?

Ponto em bôca, e nem pio. É o meu recurso.

Mas em abono da verdade sômos obrigados a dizer que o nosso heroe não estava no caso da maior parte. Peço para elle uma das muitas excepções honrosas, que sempre se costumam conceder nas proposições geraes.

Se por isso tinha mais juizo, é questão á parte, de que me não metto juiz. Uns dirão que sim, outros que não, conforme a disposição individual com que virem a cousa.

Joaquim era um character ingenuo e ardente, como hoje são raros e rarissimos em terras maiores do que Coimbra, onde a civilisação vae de foz em fóra.

Havia tres semanas apenas que conhecia Luiza de tracto, e estava ainda muito longe de conhecê-la de consciencia. Não sei se me faço entender. Mas supponhamos.

Nem elle mesmo procurava occasião, senão que aos seus mais intimos occultára aquellas relações, como se occultam sempre instinctivamente as affeições sinceras.

Todos os dias lhe escrevia longas cartas de verdadeira poesia; e uma ou duas vezes por semana vinha fazer-lhe aquella visitinha, onde se demorava dez a quinze minutos em visão beatifica, sempre em dias que ella determinava.

A unica bagatella que lhe fazia impressão era o ar de mysterio a que o tinham obrigado. A principio tinha fallado n'isso a Luiza, e tinha-lhe dicto francamente a sua extranheza.

A menina respondeu que talvez o papá não gostasse, e que ella não podia privar-se do gosto de o vêr.

— Mas se teu pae não gostar, veremos então o que se poderá fazer: insistiu elle. Eu venho aqui um dia fallar com elle, e dou ao nosso amor o seu verdadeiro character.

— Deus nos livre d'isso, meu anjo. Nunca deixar o certo pelo duvidoso. E elle recusa?

Joaquim não respondeu nem se contentou. Ia esperando.

N'este dia a sua visita foi como as do costume. Demorou-se um quarto de hora a rever-se na sua bem amada, o que o povo chama na sua linguagem symbolica — papar moscas, e saiu com a alegria no rosto e a saudade no coração.

Pôde contar de certeza com o reino do céu.

Luiza chamou a criada e começou com o seu *toilette* da manhã.

Não veio ainda hoje carta nenhuma, Mathilde? — perguntou ella em quanto esta lhe desatava pelas costas abaixo uma magnifica trança de cabellos loiros.

— Não, minha Senhora.

— Ha quantos dias vão lá os desesete do mez?

— Já ha muito: ha mais d'uma semana.

— O sr. Cesario não me tem procurado?

— Que eu saiba, não.

— Parece incrível... Vae vêr quem é, Mathilde.

Tinham batido á escada.

A criada saiu, e voltou logo.

— Era esta carta, minha Senhora.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

## CHORA!

Poesia dedicada á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Mariana Pinto Casal, por occasião da morte de sua joven e virtuosa filha, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Amélia Adelaide Pinto Casal.

Chora, chora, ó mãe saudosa,  
Chora a filha que morreu,  
Folha a folha d'essa rosa  
Recorda o que já foi teu.

J. DE LEMOS.

Chora, chora, que o pranto é consôlo  
P'ra quem tudo no mundo perdeu,  
Quem soffrendo mil golpes cruentos  
Das venturas da vida descreu!

Chora sim, porque a mãe extremosa,  
A quem Deus uma filha roubou,  
Isolada d'esp'rança e de gozos,  
Só no pranto prazer encontrou!

.....

Oh! é triste, Senhor, é bem triste,  
Tão sósinha no mundo ficar,  
Vêr a filha tão qu'rida e adorada,  
Da existencia na flôr expirar!

Vêr um corpo gentil, gracioso,  
Para sempre na campa escôndido;  
Nunca mais em seus labios um riso,  
Nem do peito soltar um gemido!

.....

Pobre Mãe! quantas vezes tua mente  
Exaltada a procura, e a vê,  
A pedir ao Senhor, a rogar-lhe  
Que nas máguas coragem te dê!

Quantas vezes a vês innocente,  
Leve somno no berço dormindo,  
E depois despertando a sorrir-se  
Com seus braços teu cóllo cingindo!

Tu a vês quando meiga e sollicita  
A chamar-te — mamã — a ensinaste,  
Quando presa p'las mãos tenras, niveas,  
Os seus passos mal firmes guiaste!

Inda lhe ouves a voz argentina  
Balbuciando sentida oração,  
Que brotava espontanea e tão pura  
Do mimoso, infantil coração!

Tu a vês... — ai lembrança funesta —  
Nas terriveis angustias da morte,  
Resignada pedir-te, e risonha  
— Minha Mãe, oh! bem diz minha sorte!!!

Minha Mãe, sou ditosa, no mundo  
F'lecidade jámais conheci,  
Só dos labios o riso nascia,  
Sempre triste e chorosa vivi!

Nunca tive ambições que não fossem  
Sempre, sempre contigo viver,  
Adoçar-te os amargos pezares,  
E contigo abraçada morrer!

Oh! a morte é suave; mas soffro  
Porque ficas sem mim, minha Mãe.  
Com que amor me criaste! — e agora  
P'ra animar-te não fica ninguém!!

— Era eu só!... Nunca tive um segredo,  
Nem um gôso em meu seio habitou,  
Nem a côr da funerea tristeza  
Da minh'alma a pureza enlutou,

Que não fôsse dizer-to — ai, bem sabes  
O amor que eu te dava; mas Deus  
Quer, ó Mãe, que eu te deixe p'ra sempre,  
E que viva entre os anjos nos céus!

Vou morrer, minha Mãe — da existencia  
Vão-se os laços terrestres quebrar;  
Desprendida do fragil invol'cro  
Vae a alma p'ra Christo voar!

Mãe adeus!... E não mais: tudo é findo.  
Tudo gêllo — o calor se extinguiu...  
Aos jardins sumptuosos do Eterno  
Outra flôr preciosa se uniu!!!

.....

Tu a vês. É visão, é um sonho.  
Do passado—lembrança e não mais—  
Fumo tenue que o vento dissipa,  
Que a junctar-se não torna jámais!

Nada escapa á corrente dos tempos.  
Tudo corre p'ra o termo fatal.  
Juventude, velhice ou belleza  
Contra a morte, que importa, que val?!

Que se espera na vida? Só pranto,  
Que o soffrer em nossa alma vazou;  
Mas ao menos nas trevas que a cercam  
Luz d'esperança no céu se espalhou!

.....  
.....

Chora, pois, porque o pranto é consôlo  
P'r'a mãe triste que a filha perdeu.  
... E um dia com ella p'ra sempre  
Gozarás as delicias do céu!!

Coimbra, 10 de Janeiro de 1860.

AMELIA JANNY

### A ESTRELLA

(N'UM ALBUM)

Emilia, teu meigo nome  
Evoca terna emoção;  
Tem p'ra mim dôces lembranças,  
Saudosa recordação.  
Se acaso fosses traslado  
Da virgem a quem hei dado  
Alma, vida e coração,  
Eu te offertára contente  
O dôce affecto de irmão;  
Mas eu que não te conheço,  
A tua alma apenas meço  
Peló teu nome gentil;  
Pois quem tem tão lindo nome  
Por força deve ser bella;  
Inda mais do que alva estrella  
Deslisando em céus de anil:  
Lindos devem ser teus olhos,  
Vibrando ardentes centelhas,  
E tuas faces vermelhas  
Devem ser bellas sem par;  
Deve ser todo o teu rosto  
De graças lindo composto  
Que nos venham revelar  
D'essa alma o dôce scismar.  
Olha, virgem, que o retrato  
Que phantasio na mente,  
É tão bello, tão ardente,  
De mil graças seductor,  
Que se mais um verso faço,  
A custo aqui mesmo traço  
Terno protesto... d'amor.

18..

A. A.

### ANJO

Ai, mulher! tu és um anjo!  
Pois ninguem ha, certo não,  
Que tenha meu coração,  
Que o arraste, que o deslumbre,  
Como tu, de certo não!

És um anjo que pousaste  
Cá n'este valle de amarguras,  
Que vieste alliviar-me  
Das minhas negras tristuras,  
N'este medonho soffrer,  
A que chamâmos viver.

És um anjo! sim, de certo,  
Pois o teu singello olhar,  
D'esses labios o fallar,  
Os olhos de negra côr,  
O riso divino teu,  
E das faces o pallor;  
Dizem sim, dizem amor,  
Mas um amor lá do céu.

Anjo és tu, só tu, meu bem!  
Como não pôde outro haver,  
Como não ha mais ninguem,  
Como a terra mais não tem,  
Anjo és tu, só tu, mulher!

F. DE SÁ MAGALHÃES

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

A LUZ DO CEMITERIO, romance fantastico pelo  
sr. Utrera, trad. de V. da Silveira—Vende-se:  
em Coimbra—240 réis; fóra de Coimbra nas mes-  
mas lojas dos srs. Commissarios da redacção dos  
PRELUDIOS-LITTERARIOS—300 réis.

### PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coim-  
bra*—loja da imprensa da Universidade; *Lisboa*—  
livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.<sup>ª</sup>, e Sr.  
Melchhiades & C.<sup>ª</sup>, *Livraria Central*, rua do Ouro;  
*Porto*—Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu*—Sr.  
Francisco Gomes Pinto; *Péso da Regoa*—Sr. Manuel  
Mendes Osorio; *Evora*—Sr. V. J. da Gama; *La-  
mego*—Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão*—Sr.  
Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria*—Sr. José Pe-  
reira Curado; *Aveiro*—Sr. Ernesto Augusto Ferreira;  
*Faro*—Sr. Feliciano José Alves Braga.

COM ESTAMPILHA*		SEM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15480
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Por mez—120 réis		Avulso—40 réis.	

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 3, tomo II.

IV

Economista profundo, é um poeta e pensador; o illustre democrata, á maneira que nos apresenta uma das suas muitas, mas bonissimas reformas, não pôde, precipitando o tempo pela imaginação, deixar de nos entoar um dos seus hymnos tão entusiastas, tão intimamente consoladores de esperança no futuro para o pobre, o desvalido proletario.

A inspiração é tanta, a crença é tão forte, a fé é tão viva, que bastas vezes o tomarieis por um d'esses prophetas que nos pinta a antiguidade, a anathematizar os máus, de sobre esboroadas ruinas, a aviventar no coração dos bons a emmurhecida esperança em melhores tempos e mais christãos.

Ao ver tantas promessas de ventura, muitos, d'incrédulos, se negarão a dar-lhes fé; muitos lhes chamarão sonhos febris d'um sentido scismar de poeta: mas nenhum se atreverá a apodal-os de veneno ou de maldade. Muitos dirão com o poeta:

Vãos desejos, talvez; mas bons, decerto.

Mas nenhum terá força de lhes lançar o anathema terrivel, com que, verdade é, o seculo sóe pagar as ideias boas e nobres.

Quiçá cedo é, para diffundir a vontade de reformas: seja; que o não é: quem acampa nos arraiaes longinuos e desertos do futuro, e o aguarda sereno e firme na sua fé, tem uma nobre missão: — a de abrir e esclarecer, sentinella do porvir, a estrada da nova era, que outros, vagarosos, de prudentes, só mais tarde pisarão.

Não é tarde; que o mundo fuge no infinito do espaço e caminha direito ás regiões encobertas do futuro; e, quando o seculo aperta o passo, não ha face de verdadeiro democrata, que deva pejar-se de o acompanhar n'este caminhar providencial.

Se é sonho, a sonhar por sonhar, mais val, como diz Pelletan, o sonho que diz a tudo quanto soffre cá na terra:

— Levanta-te, e espera!, do que o que lhe repete: — Soffre, que para o teu mal não ha salvação nem lenitivo!

Fevereiro — 1860

## FELICIDADE PELA AGRICULTURA

POR

Antônio Feliciano de Castilho

Da terra saímos; á terra volvemos:  
A terra nos veste, nos traz, nos mantem.  
Quem mais do que a terra merece os extremos,  
Que obtem dos bons filhos a próvida mãe?

A. F. CASTILHO

I

Eis agora aqui um livro, que, em meio da geral fermentação de tumultuosas paixões e ambições immoderadas que agitam as nossas modernas sociedades; em meio d'este lamentavel estado de geral descontentamento e desgosto de que todos mais ou menos somos victimas; quando, segundo judiciosamente observa Aimé Martin, o artista descrê da arte, o padre de Deus, o mancebo do futuro, e até a mulher do amor, e nem um só tem o menor vislumbre de esperança na felicidade com que ainda pôde topar no estado que lhe deparou a providencia; eis agora—digo eu—um livro que, em meio de tudo isto, nos promette essa almejada felicidade, que nos aponta o como a poderemos alcançar, que o prova—e o que mais é— não fala em referencia aos grandes, aos poderosos, aos que por si têm todos os dons da fortuna, mas ao pobre, ao desvalido, ao que chora e sofre em meio das trevas da ignorancia, da miseria, quasi, direi, da servidão.

É mistér ser-se um grande poeta — poeta de muito crer e muito esperar — para poder lançar um olhar seguro por sôbre todas essas populações miseraveis dos nossos campos — orphãos da moderna civilisação — palpar-lhes todas as feridas, ouvir-lhes todos os queixumes, conhecer todo o fundo de seus males, e vir depois ainda crente, mais crente talvez do que nunca, entoar um hymno de esperança e felicidade para esses que por cruel ironia só lhe respondem com lagrimas e gemidos.

II

É que o poeta recebeu de Deus o condão mago de ler na noite de arredado futuro; de ver luz e muita luz ahi aonde outros só vêem trevas; flores de amor e de vida, aonde para muitos só brotam os goivos do sepulchro.

Esse lê bem, que assim lê em letras de ouro páginas de esperança e felicidade no grande livro dos destinos da humanidade.

Grê e espera — mas não lhe vem só do coração — do seu condão de poeta — essa crença e essa esperança. Estudou, pensou, viu muito pelos olhos da sua intelligencia, e n'este estudo firmou elle em grande parte essa crença, que lhe dá a força de prometter ainda felicidade e muita felicidade para os campos, para os habitadores dos campos e para todos por via d'elles.

«Aconselhar a agricultura ao povo, diz o auctor, é aconselhar-lhe a propria felicidade.»

Veremos se o alvitre é tão bom como se apregôa, se não cegou o poeta a propria inspiração.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO QUINTAL

## UM AMOR DE ESTUDANTE

No anno lectivo de 1856 a 57 frequentava eu o primeiro anno da eschola do exercito.

Que differença entre a vida do estudante em Lisboa e a vida do estudante em Coimbra!

Aqui, irmãos todos, os que trajam uma batina, todos nos conhecemos, todos nos encontramos, todos nos auxiliámos; lá, desconhecidos pela maior parte, mal nos cortejámos nas aulas, mal nos entrevemos alli, mal trocámos uma palavra.

Costumado a esta vida essencialmente franca e livre do estudante de Coimbra, a estas nossas conversas, que, se não versam sobre os estudos, sobre a boa lição d'um condiscipulo, sobre a bella prelecção d'um professor, tractam dos nossos communs interesses, tractam dos nossos actos, tractam das nossas aspirações, das nossas esperanças futuras, ou servem então de campo ao desinvolvimento d'um espirito alegre e natural, — ao vêr-me alli rodeado d'uma infinidade de condiscipulos, todos extranhos para mim, que apenas encontrava nas aulas, como cumprindo um custoso dever e falando só nas conversações, as mais palpitantes de interesse para elles, do baile do ministro da Russia, do beneficio do tenor de S. Carlos, dos trens do Marquez de..., da politica do ministerio, etc. etc., — passavam-se-me os dias longos e tristes, e recordava com saudade a vida de estudante, que tinha deixado ha pouco.

Aquella quasi a não podia considerar como tal; o estudante vive para os seus livros e companheiros no estudo; o mais são incidentes, são distracções, que elle aproveita para matar as poucas horas, que lhe restam livres dos seus affazeres litterarios.

Alli não; o chamado estudante não é assim: vive nos passeios e cafés, gosa nos theatros, ama os bailes, mas definha-se em sua casa e morre em frente d'um compendio.

Isolado no meio d'uma grande cidade, entregue todo ao trabalho das minhas sete aulas, não con-

vivia com ninguem, e era a minha vida monotona e aborrecida.

Por este instincto, por esta necessidade, que tem o coração, de encontrar um outro afinado pelo seu, com quem se entenda, debalde lançava a vista por sobre a multidão de pessoas, que encontrava, e por todos os meus proprios condiscipulos, a vêr se depararia alguém com quem travasse intimas relações. Ainda não podera conciliar mais que leves conhecimentos.

Proximo da nossa eschola ha um pequeno jardim aonde ás vezes passeavamos até a hora da entrada das aulas. Um dia, quasi no fim da primeira época, andava eu alli só, quando, ao passar juncto d'um pequeno caramanchão de éras e madre-silvas, ouví, como o grito da alma, em que se transluz uma dôr funda, energeica, incuravel, uma voz que dizia meia abafada:

— Oh! que vida... que vida, meu Deus!...

Parei, e levado pelo impulso do homem a socorrer um desgraçado, que se encontra, despertando tão bruscamente dos sonhos vagos da minha imaginação, procurei vêr quem poderia alli, sósinho como eu no meio da grande vida, que nos cercava, tentar espargir as suas máguas e lastimar-se em voz tão afflictiva.

Deparei então com um condiscipulo, que mal ainda tinha entrevisto na eschola: tão poucas vezes elle apparecia juncto de nós, e parecia até querer fugir-nos! Sentado sobre um banco de cortiça, tinha a seu lado o bonet e os livros, e com os olhos fictos no chão, descansava a cabeça sobre a mão direita, que, encrespada por entre os cabellos, parecia com um movimento convulso apertar-lh'os e querer arrancar-os n'esse aperto. Demasiadamente pálido, os labios de momento a momento se lhe contraíam levemente. Surdo e como fixo em um só pensamento não deu por a minha aproximação.

Era elle Alberto de Castro, sargento de caçadores, que frequentava o curso de infantaria. Tendo concluido os seus preparatorios na eschola polytechnica viera para a do exercito, e desconhecido de todos, apenas se dizia ser um rapaz pobre, do Minho, que fizera uma figura distincta nos seus primeiros estudos, mas que tinha seu que de magico. Dera já este anno uma brilhante lição em uma das aulas, mas ha tempo parecia não fazer caso d'ellas; dava faltas, saia antes da hora e ás vezes nem trazia os compendios.

Nunca tinha attendido nem áquelles boatos, nem á pessoa, que os fizera nascer. Reparei então em Alberto. Era um rapaz de vinte annos quando muito; de physionomia insinuante e sympathica e talhe elegante, trajava uma farda de saragoça fina; seu cabello d'um castanho claro, era comprido, mas trazido em estado de abandono; um quasi imperceptivel buço lhe assombrava o labio superior, e parecia invariavelmente fixo na mesma posição em que fôra surprehendido por mim.

Respeitei a dôr, que o devia prender n'aquelle estado, e procurando fazer o menor ruido possi-

vel, ausentei-me d'alli pensando n'elle. Não sei o que lêra em sua physionomia abatida e triste, que fizera vibrar em mim uma voz interior, que me chamava para elle.

Ritirei-me pois, e passado algum tempo, ouvi dar na torre da Bemposta a hora da entrada para a aula; corri apressado para não faltar, e entrando reparei, que Alberto não tinha chegado ainda. Após uma aula veio outra, que elle não devia frequentar, e por fim uma outra a que faltou. Terminada esta, saímos, e em quanto o resto de meus concdiscipulos se retirava para suas casas ou para os pontos, aonde os chamava o desejo ou a obrigação, fui eu sósinho dar uma outra volta pelo mesmo jardim aonde encontrára Alberto, pensando n'elle, que devia soffrer, que soffria talvez isolado e só no meio da sua dôr.

Não seria esse um bom amigo para mim?... Não seria mais terna e íntima a amizade contraída por uma sympathia de soffrimentos, por uma egualdade de pesares, por uma analogia de posições?...

Eu via-me alli quasi sem amigos, a Alberto não lhe conhecêra ainda intimidade para alguém; eu considerava triste a minha vida, a d'elle bem mostrava não ser feliz; eu não tinha alli minha familia, elle talvez não tivesse tambem a sua em Lisboa: esta egualdade de situação, esta similhaça de vida não eram já causas bastantes para nos aproximarem?...

Passando pelo mesmo caramanchão, lancei para lá um olhar de curiosidade, e surprehendido vi Alberto, quasi na mesma posição ainda; crusára apenas os braços sôbre o peito, e deixára pender mais a cabeça para o chão.

— Então, Alberto, ainda aqui está?... não quiz ir á aula?... perguntei eu.

— Am?... interrogou elle como sobresaltado do seu sonho sem fim, quem me chama?...

— Sou eu, não vê...?

— Então que é... já entraram para a aula?

— Se já entramos... Bem digo eu; o sr. está a sonhar. Vamos para casa, que já deram duas horas.

— Já deram duas horas?!

— Já, sim; vamos, que é tarde.

Pegou do bonet, levantou-se, e ia a seguir-me, deixando os livros:

— Então, lhe tornei eu, deixa os livros?

— Ah!... e, pegando d'elles, acompanhou-me.

D'ahi por diante seguiu-me sem me dar uma palavra. Caminhava como olhando para tudo sem vêr, e em um estado de abstracção penosa e indizível.

Chegados ao largo de Camões sem ainda termos trocado uma palavra, perguntei-lhe aonde morava, respondeu-me simplesmente:

— Arco do Bandeira, 107, 3.º

Acompanhei-o ainda até ahi, despedi-me d'elle, apertou-me a mão sem me responder. Vi-o entrar para casa, pausado e vagaroso, como se arrastado a custo, e não pude deixar, passado um momento, depois de o ter seguido com a vista até perder-se,

de continuar o meu caminho sem que o pobre Alberto me fugisse do pensamento.

A dôr a mais acerba é muda, pensava eu. Aquelle que a soffre, calca-a no fundo do coração e luta com ella. A alma pede-lhe que a deixe expandir, que a reparta com outro, que a entenda, que a partilhe; mas o coração, no seu excesso de egoismo do soffrimento, absorve-a, e quer tragal-a toda para depois morrer com ella.

Incomprehensível é o coração do homem, incomprehensíveis os seus mysterios!

Mas Alberto?... quem o fazia soffrer... que dôr era a sua?

Veremos.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

## UM MANUSCRITO

AO MEU AMIGO J. DE D.

185...

Mulher! Que céu de encantos abriste ao meu pobre coração! Eu t'o agradeço, anjo da minha vida! estrella da minha alma!

Comprehendeste-me!

Indica-m'o esse teu olhar de fogo! revela-m'o o teu sorriso divino! confirma-o o arfar do teu peito de alabastro! manifestam-o as rosas do teu magico rosto! dizem-o esses beijos famintos de amor! affirmam-o os teus suspiros e soluços, por entre mil convulsivos abraços! assegura-m'o a tua meiga voz, que não sabe mentir!

Obrigado, Maria!

Obrigado, pela compaixão com que te dignaste amparar o verme rasteiro e humilde, que se atreveu a erguer os olhos para ti!

Bem hajas tu, meu querido amor!

Agora já posso morrer satisfeito e feliz.

Vi-te e amei-te! Soffri muito então... depois ainda mais! Porque em amar-te, e ser correspondido por ti, punha eu toda a minha ambição! Era este o sonho, que de continuo me devorava!

Bemdito seja Deus, Maria, que tenho um gozo na terra!

Como és bella assim, com esse teu amor desinteressado e livre!

Maria, tu és um anjo!

Quando á luz pallida da lua te sentas a meu lado, e desfolhas um malmequeres, colhido nos amenos vergeis do teu jardim, como a pobre florinha responde sempre ao teu pensamento!

Maria, o amor é supersticioso!

N'essas experiencias tantas vezes repetidas, eu esperava sempre com a anciedade do réu, ao approximar-se a leitura da sua sentença!

E a innocente florinha, ou antes os teus mi-mosos e lindos dedos, absolviam-me sempre!

É que tu, Maria, tinhas compaixão, e cortavas o mysterio!

Eu bem o sabia! diziam-m'o o teu sorriso e o

brilho dos teus olhos; mas eu esperava do mesmo modo, com a mesma anciedade!

Por que será que, quanto mais se ama, mais se arreceia?

Tu tinhas-me dito: amo-te muito! E eu acreditava-te; mas repetia-te mil vezes a pergunta, para te ouvir outras tantas a resposta!

Lembras-te d'aquella primeira noite que passámos junctos? Era uma linda noite d'abril; noite de encantos como nunca vi outra! A lua parecia mirar-se nas aguas do regato, que nos corria ao pé; as estrellas scintillavam doidejantes de amor; a brisa suspirava e gemia, por entre as folhas dos alamos!

E tu apparecêste-me pallida e fria como uma estatua; as tranças soltas por sôbre o jaspe dos hombros! As alvas roupas que trajavas, tornavam ainda mais phantastica a appareição! Os labios tremiam-te desmaiados, mas os olhos eram duas faiscas de luz!

Vejo-te ainda agora assim!

Sinto, como se fôra hoje, o contacto da tua mão trémula e gelada! Apalpo ainda no rosto as madeixas do teu cabelo, que a brisa compassiva misturava com o meu! Oïço o anear do teu peito debruçado sôbre o meu peito! Vejo-te n'este sonho delirante como estiveste juncto a mim!

E respeitei-te, como devia, candida virgem! E respeitar-te-hei sempre, porque o meu amor é puro e sancto, como o amor do poeta!

Maria tu amas-me tambem muito!

Deixa-me beijar de novo a tua mão; apertal-a e caír a teus pés!

Assim, meu anjo, assim!

Oh! Deus abençôa este nosso amor, porque Deus é misericordioso e justo!

Comtigo, Maria, encontro de novo o caminho do céu. Dêste-me o balsamo, para cicatrizar as feridas do meu triste coração. Elevaste-me ao paraizo, d'onde me julgava para sempre expulso.

Eu t'ô agradeço, mulher!

Só tu poderias quebrar os espinhos d'esta angustia de annos, que me tem pungido; porque só tu comprehendeste um amor como o meu!

Dou-te em troca a minha vida. É tua: dispõe d'ella! (?)

## MEDITAÇÃO

AO MEU AMIGO A. A. DA MOTTA

À BORDA DO MAR

Gloire á Dieu seul! son nom  
rayonne en ses ouvrages!

VICTOR HUGO

O sol, como um lindo globo de oiro, liberava-se no espaço, já perto de superficie azulada dos mares. Seus raios purpurinos projectavam-se em angulos agudos pela abobeda celeste, formando d'est'arte uma irradiação magestosa.

O occidente estava bello então; o oceano revolvendo-se em seu leito immenso bramia esperçava-se mansamente pelas praias.

E eu estava a esta hora só n'aquellas plagas solitarias e tristes.

Com assombro contemplava o painel, que se desenrolava sublime ante os meus olhos! sentia meu espirito absorto e extático ante aquelle panorama!; ora se engolfava em mil pensamentos, chegando quasi a perder a consciencia de sua individualidade, ora se deixava arrastar nas azas de imaginação e se projectava n'essas regiões tenebrosas, immensas, desconhecidas em procura do auctor de tanta magestade, de tanta maravilha e de tanta belleza!

Aquella hora era realmente bella e sublime! sentia-se saudade, inspiração e poesia.

Mais que nunca desejei então possuir a melancolica lyra de Lamartine para mil canticos entoar ao Omnipotente.

O sol, como que balouçando-se por um instante sôbre o mar, sumiu-se. Ainda emittiu alguns fogos mas fracos, tristes como os ultimos signaes de vida do moribundo, que expira. O oceano continuava no seu susurro monotono e um espectáculo não menos brilhante vinha substituir o que ha pouco desaparecia.

Innumeraveis globos se divisavam aqui e alli pelas amplidões dos céus, derramando torrentes de luz sôbre a superficie espalhada das aguas. Lá descreviam em silencio orbitas incommensuraveis traçadas de toda a eternidade pelo dedo de Deus! E n'esse gyro silencioso e continuo brilhavam e surriam attestando a gloria, poder do Creador! *Coeli enarrant gloriam Dei*, disse um poeta.

Então minha alma, n'um enlevo sublime e desprendendo-se das pesadas cadeias terrestres, pela segunda vez voou ás alturas, tentando os ultimos esforços para comprehender esse Ser eterno, immenso, absoluto, a causa das causas e razão das existencias. Mas baldadas tentativas! foi mais uma loucura da razão! N'essas regiões onde penetrei só vi sombra e mysterio! mas no meio d'essa sombra e d'esse mysterio uma vos ignota se me erguia do intimo da consciencia, bem alta me bradava e eu dizia, que o que procurava existia, mas que á minha razão fraca e limitada não era permitido comprehendel-o. O que é a razão do homem!...

Então como que cansado de tantos esforços estereis, e lamentando a insufficiencia de razão, mas conservando puras e firmes as crenças que até então alimentava, volvi os meus pensares para sôbre outro objecto.

Meditei sôbre o homem. Vi só n'elle um ente fragil, miseravel, um elo imperceptivel da grande cadeia dos seres que se espalham por todo o orbe. Encontrei-lhe desejos maiores que suas forças e tendencias irresistiveis para tudo, quanto é bello grandioso e infinito.

Acabei de convencer-me então do pensamento d'alguns philosophos de que a alma, o espirito do homem, esse eu de moderna philosophia não é mais que uma parte assás diminuta da razão universal absoluta e divina, sustentando uma luta

incessante com a materia e tendendo sempre a regressar á sua origem, ao seu foco, ao seio d'onde partiu, a Deus, finalmente.

Depois ficando de novo os olhos no céu e vendo aquelles milhares de mundos scintillando e continuando rolar no espaço, admirava que á vista de espectaculos tão tocantes ainda existissem homens, que se atrevessem a negar a existencia do Creador. Como, dizia eu para comigo, vendo que era o homem, como, sendo o homem a mais perfeita creatura, tendo porisso a corôa da criação, pôde ser que negue a Providencia?! Como? Se o sabiá, olhando os céus em quanto canta nas florestas da America com sua voz doce e plangente, se o rouxinol soltando, ao descaír da tarde, modilhos tristes e melancolicos em nossos arvoredos, e se a meiga e terna rôla, gemendo na solidão dos bosques, o confessam, o attestam, e gratos lhe enviam as suas harmonias nas azas da viração!

A isto me respondia a realidade com sua voz sévera e medonha, sim, esta triste realidade, que tantos males nos têm acarretado, e que só Deus sabe quando terão fim. A vaidade do homem pôde muito e o orgulho muito mais!

Ja já alta a noite, começava a soprar uma brisa um pouco fria e eu, cheio de saudade, tive que deixar aquellas praias amenas.

Agosto de 58.

J. MANSO PRETO

## APONTAMENTOS HISTORICOS

### O QUE FOMOS!

Continuado do n.º 1, tomo II.

II

Que presta ao capitão a valentia,  
Ser esperto, sagaz, forte e prudente,  
Quando de sua gente a covardia  
He sómente ao temor obediente,  
E o desampara mais naquelle dia  
Em que a necessidade he mais urgente,  
Só d'hum vão arreceio combatida  
De ser posta em perigo a inutil vida.

Prim. Cer. de Din. Cant. XI Cit. I.

**Fragmentos d'uma carta de Lourenço Feres de Tavora de Tangere, a El-Rei, sobre a batalha nos campos de Arzila, em que Bentuda ficou destracado.**

..... « E tornando ao primeiro recontro do  
« Adail e seus companheiros digo, que se pôde  
« ter a elle e a elles muita enveja e cõ muita  
« rezão porque elle peleijou alli com grande es-  
« forço, e com grande perigo, e com tam boa or-  
« dem que nam perdeu nem um dos seus, e hinda  
« deve de ter mais merecimento porisso que pello  
« esforço, mostrando elle muito n' aquelle dia. Dos  
« Fronteiros se acharam com elle, e para isso bus-  
« caram seus meios de os eu não ver, Nuno Fur-  
« tado de Mendonça, Francisco de Tavora, D.  
« Francisco de Moura, D. Rodrigo de Mello, Ma-  
« nuel de Mello, Simam da Veiga, Gonçalo Figuei-

« ra, Gaspar Antunes, Luiz de Castilho, e os mais  
« moradores, e alguns criados dos ditos Fronteiros,  
« e affirmo a V. A. que todos peleijaram muito  
« esforçadamente, e com grande valor de suas  
« pessoas, e que por vezes nam sendo quarenta,  
« tiveram os Mouros as lanças varadas, e que  
« todos, emcontraram e feriram muitos Mouros,  
« pello qual se julga devem levar muita perda,  
« porque, segundo as testemunhas, o que menos  
« fez, foi encontrar hum e dous Mouros.

« Nuno Furtado foi o de menos paciencia, e  
« o primeiro que deu n'elles, e se meteo na bata-  
« lha, e com muito perigo; mas foi logo bem so-  
« corrido: a Francisco de Tavora feriram muito o  
« cavallo, esteve entre os Mouros por um espaço  
« com muitas lançadas nas armas, e algumas lan-  
« ças lhe ficaram pregadas na adarga, teve muito  
« tento em si, e por seu acordo e esforço, e bom  
« socorro dos companheiros se livrou.....

« Manoel de Mello, mostrou muito esforço, e  
« correo tambem assás perigo, e todos os com-  
« panheiros dizem muitos bens d'elle. D. Fran-  
« cisco de Moura se achou acubertado, e affirmo  
« a V. A. *pella verdade que lhe devo falar*, que  
« me affirma o Adail, e todos os outros que o vi-  
« ram peleijar como hum Hector, e depois de per-  
« der a lança, que meteo em hum Mouro, tanto  
« que a nam pôde tirar, arrancou da espada, e  
« fez maravilhas, e assim esteve metido entre os  
« Mouros e peleijando valerosamente, foi bem  
« socorrido dos companheiros, saio com huma lan-  
« çada no rosto, e outra ferida em huma mam, mui-  
« tas pelas armas, fica bem, e não o desafiaram  
« estas nada.

« A Simam da Veiga, feriram tambem muito o  
« cavallo, e saio elle ferido nas costas, e peleijou  
« bem aquelle dia. D. Rodrigo de Mello, o fez  
« tambem, muito bem, e mostrou esforço, e inda  
« que não fica em cama, não deixou de o mere-  
« cer aos amigos. Gonçalo Figueira, peleijando  
« esforçadamente, e tendo emcontrado bem hum  
« Mouro caio do cavallo entre elles, e correo  
« grande perigo pellos muitos que carregaram  
« sobre elle, valeu-lhe ter bons companheiros  
« para escapar, saio com o cavallo ferido.....

« ..... escuso escrever as mais particulari-  
« dades de todos, porque em cada hum ha muito  
« que dizer, e assim mostraram grande esforço e  
« muita ousadia os moradores e cavaleiros que  
« se ali acharam, dos quais farei menção quando  
« para elles requerer mercê, e affirmo a V. A. *que*  
« *todos a merecem, com acrescentamento de honra,*  
« *e que sou obrigado a requerela por todos, porque*  
« *o al seria traição a Deus, e a V. A.*

« Nos soldados geralmente se conheceo hum  
« grande fervor e animo para a batalha, e por  
« ella bradaram muito soltamente, e com muita  
« presteza, e contentamento, em muito boa or-  
« dem me acompanharam: tinha eu no primeiro  
« acontecimento lançado fóra o capitã Joã de  
« Abreu, com alguns arcabuzeiros, no qual tam-

«bem conheci grandes desejos, e executou bem  
 «o que a elle naquelle mandamento tocava, e  
 «assim mostraram todos os outros capitães e offi-  
 «ciaes; a informaçã dos quais darei particu-  
 «larmente quando lhes cumprir, e sendo este  
 «acontecimento da calidade que se pôde enten-  
 «der pello que está dito, me pareceo devia logo  
 «avisar a V. A., por particular pessoa. A isso mando  
 «Lourenço Fernandes Pita, filho do Adail.....  
 «.....  
 «..... será para mim grande mercê e fa-  
 «vor authorisar V. A. este feito com pagar bem,  
 «quem levar a nova, porque de outra maneira  
 «cuidaram os benemeritos neste serviço nam  
 «importa ante V. A. arriscarem e perderem as  
 «vidas em seu serviço.....  
 «..... (a)»

O inimigo mais poderoso que o governador de Tangere tinha a combater, era *Bentuda*, *alcaide e Senhor de Arzila, Larache e Alcacere Quibir*, pelas muitas correrias que *traioeiramente* fazia aos campos vizinhos, lançando fogo ás seáras e atacando as atalaias; resolveu Lourenço Pires, dar-lhe o ultimo golpe, e conseguiu seu fim na batalha, que relata a El-Rei em carta escripta de Tangere aos 28 de Setembro de 1565.

Duas cousas temos a notar em toda a correspondencia d'este insigne varão: a primeira, é a linguagem *franca* com que escreve ao Monarcha Portuguez, e a verdade com que lhe fala, tão pouco usada *hoje* pela nossa diplomacia, que só desejava acreditar, para com El-Rei, todos os seus: «*da honra de todos* dizia elle, *não se assegura a consciencia com poucas palavras em taes merecimentos:*» a segunda, e a que lhe dá maior honra, é que nunca falou de si, fazendo admirar o proprio Rei, que não poucas vezes lhe dizia em suas cartas: *tenho-vos eu em tal conta, e mostraste-vos sempre em meu serviço tão desapegado de vós e dos vossos particulares:*»—Não precisa de mais commentos!... eis aqui por que o Gama morreu pobre, e o Castro, nos seus ultimos momentos, não tinha um unico ceitil para a compra d'uma gallinha!...

Não era a ambição que os movia a grandes empresas, mas sim o amor e a gloria do nome Portuguez.

Desde 1563 que entrou no governo de Africa até aos ultimos dias que o deixou, que foi o de 1566, não houve um só dia que, varão tão illustre se não assignalasse com novos triumphos.

E quando prestes estava a entregar o mando a D. João de Menezes, ainda, por despedida, quiz colher n'aquellas remotas plagas mais uma flor para a sua corôa de guerreiro, mais uma gloria para as armas Portuguezas.

De Arzila saém os filhos de *Bentuda*, para vingarem a honra do pae offendida na batalha de

(a) Hist. dos Var. illust. do appel. de Tavora.

28 de Setembro: grande era o exercito que se poz em campo, pela maior parte, composto da flor dos Mouros.

Alegres vinham todos porque crêm  
 Que a presa desejada certa tem.

Pouco tempo lhe durou esta alegria; porque os Portuguezes, pequenos em numero, mas grandes no valor, deram sobre elles, e tal gloria alcançaram, que os Mouros, completamente destrôçados, fugiram caminho de Arzila.

Desesperado o filho mais velho de *Bentuda*, por uma tal derrota, *a sua face encheu de bofetadas*, como envergonhado da cobardia de suas bandeiras.

Foi assim que Lourenço Pires, se quiz despedir com um dos mais gloriosos successos de Africa. Os nossos historiadores para o commemorarem lhe chamaram—*Os dias dos Pomares*; por haver este nome o sitio aonde tal batalha se deu.

Lourenço Pires de Tavora, o governador de Tangere, chegou a Lisboa: foi recebido com demonstrações de muito contentamento e satisfação; todavia *mercês e honras* nunca as recebeu; seguiu a sorte dos grandes homens:—*foi esquecido para nunca mais lembrar!*...

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

## PHILOSOPHIA RACIONAL

A ideia

Definir os objectos costuma ser uma das grandes difficuldades para o homem; o que provém ou da falta de conhecimento das suas causas, da sua natureza; dos seus effeitos e diferentes relações, ou de ser custoso reunir as suas muitas e variadas fórmas em uma só, e fazel-os ver todos inteiros por um estreito e apertado ponto.

Quanto mais conhecidos e palpaveis elles forem, tanto mais facil se torna a sua definição, assim como tanto mais difficil esta é, quanto mais desconhecidos e inapprehensíveis. A ideia incorporea e subtil como o ente, a quem pertence, está n'este ultimo caso.

A ideia,—do verbo grego *eioto, video*—é um objecto puro e simplesmente visto pelo espirito: constitue ella os principios, os elementos, e, por assim dizer, o material de que se formam os pensamentos, os juizos e raciocinios. É pois a ideia para o espirito humano o mesmo que o objecto externo para o sentido da vista, que sobre elle directa e simplesmente recae, e o mesmo que a materia para as obras da arte.

Ainda que á primeira vista pareça, que a ideia é um conhecimento simples, todavia o não é; porque as ideias são os objectos como que existentes em nosso espirito, e o conhecimento é a consciencia da verdade, d'esses objectos; e como esta não possa verificar-se sem uma ou mais provas, segue-se que o conhecimento suppõe sempre a

par de si uma ou mais ideias accessorias. A ideia é simples e sem combinação, o conhecimento é o resultado d'uma ligeira e desapercibida colligação; a ideia é um elemento para o conhecimento, e este um resultado das ideias, que o farão tanto maior e profundo, quanto mais numerosas e extrahidas das entranhas do objecto ellas forem; a ideia serve de prova para o conhecimento, e este é a ideia comprovada.

É pelas ideias que o homem participa da imagem e similitude de Deus, e com elle se prende; é por estes phenomenos da intelligencia, que se considera superior aos outros animaes e o rei da criação. São as ideias que geram n'elle a honra, a probidade, e todas as demais virtudes religiosas e civis, e que o estimulam a subir ás maiores alturas, e descer ás maiores profundidades para prescrutar o vasto theatro da natureza, e descobrir suas leis; é por ellas que se faz valer o direito dos homens, que se administra a justiça, que a sociedade se dirige e governa, e que se educam e civilisam os povos. São as ideias que nos tecem a historia do espirito humano desde os erros os mais crassos e grosseiros, até ás verdades as mais puras e requintadas, descrevendo assim o character scientifico e litterario dos diferentes seculos, e mostrando quanto se ha avançado para a perfeição: é pelas mesmas finalmente, que se realiza o progresso.

MANOEL FILIPPE COELHO

AMELIA ADELAIDE

AO MEU AMIGO

Manoel Alves Vaz-Preto Pinto Cazal

Longe da patria, nas ardentes plagas,  
— Que o genio de Cabral mostrou á Europa, —  
Onde rica se ostenta a natureza  
De florestas e rios gigantescos,  
E onde ha do luso desditoso e ignaro  
Hecatombe perenne, — amigo anceias —  
Pela terra de Lysia em que nasceste;  
Por tua Mãe, que em teus sonhos de saudade,  
Por ti chorando te apparece á noute;  
Por teu Irmão, teu amigo e companheiro  
Da alegre infancia nas primarias lides;  
Por tua Irmã...

Ah! tua Irmã?!... não vive!...

Da morte o archanjo suas azas lugubres  
Sinistro á porta de seu antro ergueu,  
Ao ar subiu, e d'um voar seguido,  
Transpoz o espaço, e ao teu lar desceu.

Horrendo e triste ao cabeçal do leito  
Co'a fouce erguida, pavoroso o vi;  
Chorava teu Irmão, tua Mãe chorava,  
Luctar era loucura... e eu fugi.

N'alma gravado me ficou p'ra sempre  
O quadro acerbo da fatal manhã:

Do archanjo tetrico o aspecto vejo,  
Vejo o vulto gentil de tua Irmã.

Da natureza a força inda pujante  
Da linda virgem do viver na flôr,  
Insano prelio, batalhou co'a morte  
Por longo espaço de cruenta dôr.

Mas foi vencida, que o archanjo torvo  
A fouce barbara, infernal desceu,  
E a linda virgem, ao sentir o golpe,  
Um suspiro soltou... depois morreu!

N'este da vida tumultuar insano —  
Vezes poucas a vi. Sua alma ingenua,  
Do mundo esquiva ás ruidosas festas,  
O trato simples de seu lar amava.  
Dos patrios livros á lição entregue,  
Dada á feitura de mimosas prendas,  
Que em pão aos pobres convertia lèda,  
Sentia os dias deslizar velozes.  
No rosto limpido a pureza d'alma  
E a luz da intelligencia se mostravam;  
Mas n'elle a nuvem d'um pezar havia,  
— Um santo amor que lhe opprimia o peito,  
Era a saudade pelo Irmão ausente.  
Vi-a no templo: palidez fatidica  
Já de tristeza lhe assombrava o rosto.  
Co'as mãos erguidas em devota prece,  
Talvez o abrigo celestial rogava.  
P'ra as almas candidas é a terra exilio,  
Desterro amargo de perennes lagrimas,  
E o céu, constante aspiração mais qu'rida  
Dos seus arroubos, dos enlevos intimos.

Era tão joven!... no verdor dos annos!...  
E sem vida no fêretro deitada  
Diviso-a além!...  
Seu branco rosto, suas vestes brancas,  
Por-entre o negro das batinas negras,  
Alvejam bem.

Dezenas de manebos a acompanham;  
De morta a verem compungido levam  
— O coração.

Elles, que a viram pensativa e bella  
Vagar nos prados do Mondego ameno  
Juncto ao Irmão.

O carne funebre, o pasmar do povo,  
A luz sinistra das funereas tochas  
Inspiram dôr;  
E a natureza carregada e triste  
Copiosas lagrimas derrama afflicta  
Do chão no pó.

Do templo entraram no sombrio portico;  
Ao psalmear monotono dos padres  
Rezado ali;

E a linda virgem, no luctuoso carro,  
Dos mortos á morada, — ao cemiterio  
Levar eu vi.

Chorar não deves, meu prestante amigo.

Era alta noite: das visões o anjo  
De meus olhos rasgou o véu terreno,  
E em nuvem candida de azul e oiro  
De mil ch'rubins a tua irmã cercada

Ao céu subindo eu vi.  
Teus prantos cessem!

Pelos felizes lagrimas não devem  
Nossos olhos verter; — dádiva triste  
Não é p'ra o regosijo, e sim p'ra as máguas.

Coimbra, 10 de Janeiro de 1860

BENARDINO PINHEIRO

Δ \*\*\*

(IMPROVISO)

Qual aurea estrella de fulgor p'r'o naufrago  
Lhe aponta o trilho, que perdido tem;  
Assim tu hoje n'este enlace magico  
Confôrto déste ao meu soffrer tambem!

E eu vi nos gozos d'um momento — extatico  
Sorrir de novo meu passado hem,  
E — trasbordando de ternura e jubilo —  
C'roar o affecto que minh'alma tem;

Oh! como é doce esta ventura fervida,  
Que o gôzo puro inocular-nos vem!  
Oh! que momentos!... a sorver delicias  
Na taça eburnea que o prazer contem!...

Oh! que momentos!... de febril delirio  
De ardor e gôzo que eu senti, meu bem!  
Quando em teus braços — n'um instante ephemero —  
Gozei mil gozos que o amor só tem!...

Oh! n'esse instante que passou tão rapido  
Vivi um sec'lo de encantado bem!...  
E ali morrendo de caricias ebrio  
Gozara ainda do sepulchro alem!...

...58

A. M. DA CUNHA BELLEM

### VIDA E MORTE

Mais dis-moi, fleur gentille,  
Ou seras tu demain?...

J. A.

Rosa gentil hoje ostenta  
Doce brilho encantador;  
Ámanhã, tufão raivoso  
Faz-lhe perder brilho e côr:

E da rosa  
Tão formosa

Só ficou haste singela  
Batida pela procela.

Mas da rosa murcha, sêcca,  
Renasce rosa mais bella,  
Que reveste d'outros brilhos

A haste pobre e singela;

Nova flor,

Toda amor,

Rainha bella e gentil

Nos verdes prados d'Abril.

Após o riso vem pranto,

Depois do pranto o folgar;

Após doce primavera

Vem o vento a sibilar:

Vida e amor,

Morte e dôr,

Volve insensível o mundo,

Em seus arcanos profundo.

Assim o homem na terra

Vive, folga e logo morre;

Atraz d'elle outro homem nasce,

E após seu trilho outro corre.

Mas só Deus

Lá nos céus,

Que o cria e desfaz no pô,

Vive eterno e — vive só.—

ANTERO TARQUINIO DO QUEENTAL

### EXPEDIENTE

Esperámos da bondade dos sr.<sup>s</sup> assignantes o pagamento do preço de suas assignaturas — até o fim do corrente mez de Fevereiro. Os pagamentos podem ser feitos a nossos commissarios; e, onde os não houver directamente a esta redacção, por meio de vales do correio ou de estampilhas.

1.<sup>o</sup> volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Pre-ludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume — Preço 1\$600 réis.

### PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.<sup>a</sup>, e Sr. Melchiades & C.<sup>a</sup>, *Livraria Central*, rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

#### Preços

	SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno.....	1\$240	1\$180
Semestre.....	660	780
Trimestre.....	360	420

Por mez — 120 réis  
A vulto — 40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

AO MEU BOM AMIGO AUGUSTO CORREIA GODINHO

## ELOQUENCIA SAGRADA

Decretos do padre

Jesus Christo, vindo regenerar o barbaro e o judeu, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o grande e o pequeno, vindo salvar a humanidade, é o modelo de todos. Elle é o typo da perfeição moral a que o christão deve ascender por esforços continuos e nunca interrompidos. Se todos devem seguir a Christo como modelo, o sacerdote deve ser o primeiro a imital-o e realisal-o.

Votado d'um modo mais especial ao serviço de Deus, o sacerdote é obrigado a observar os preceitos e cumprir os conselhos. Encarregado de guiar o fiel pelos caminhos da salvação, elle deve ser luz, que allumie, ensinando a religião, exemplo, que edifique, practicando as virtudes que ella lhe impõe.

O sacerdote é o continuador da alta missão de Jesus Christo, o seu cooperador na grande obra da redempção dos homens, o obreiro, que continúa a trabalhar no edificio da salvação, a que elle lançou os fundamentos, e que cimentou com o seu sangue.

Se Jesus Cristo deixou á igreja uma somma de bens, e um thesouro de meritos, adquiridos pela sua morte, o sacerdote é o dispenseiro d'esses bens, e o distribuidor d'esses meritos.

Se Jesus Christo sálvou o mundo, dando a vida por elle, o sacerdote pôde decerto salvar os homens, fazendo fructificar o sangue de seu divino Mestre.

Jesus Christo só promette a felicidade do céu aquelles que crerem nos seus dogmas, e realisarem a sua moral. O fim último só o conseguem aquelles, que empregarem os meios que elle deixou prescriptos. Mas quem é o encarregado de marcar ao homem esse fim, e de lhe ensinar esses meios? é o sacerdote.

O homem quando abre os olhos á luz, e entra na vida, não sabe d'onde vem, nem para onde caminha. Ignora a sua origem e o seu destino. É o sacerdote que lhe diz que foi Deus que o creou, e que o conserva: é elle que lhe diz, que a vida é o portico da eternidade, o céu, para que olha, tenda de viajante, que o cobre um dia, a terra em que

nasceu, morada transitoria, que elle só habita para se tornar digno de entrar na mansão, onde Deus acolhe aquelles, que aqui o amaram.

É o sacerdote, que, doutrinando o homem, abre a fonte viva, d'onde manam as aguas puras e limpidas, que fertilisam a alma de todo o que vem a este mundo.

É o sacerdote, que lança á terrá a semente do Evangelho; é elle que a rega e que a tracta, para que produza fructos de salvação. Prégando a religião, prova as verdades da fé, estabelece o seu fundamento, e defende-as dos ataques de seus adversarios. O pulpito é o throno sôbre que a igreja eleva os seus ministros: o sceptro, que a sua mão deve sustentar, é uma intelligencia luminosa, para ensinar com proveito as verdades da fé, e os preceitos da moral; é a eloquencia, que domina, que commove, e transporta, convertendo incredulos obstinados em verdadeiros crentes, peccadores perdidos em bons christãos.

A corôa, que deve aformosear-lhe a fronte, são virtudes puras que exemplificam e dão auctoridade.

A purpura, que deve brilhar sôbre seus hombros, são fructos colhidos, são victorias alcançadas nos trabalhos evangelicos.

É porisso, que a escriptura diz, que os labios do sacerdote são os depositarios da sabedoria, e que Jesus Christo, chama luz do mundo aos seus discipulos. E com effeito ninguem precisa mais da instrucção, que o sacerdote.

Como poderá ensinar a religião, se elle a não conhece; como demonstrar a sua verdade, se não está convencido d'ella; como allumiar sem ter a luz, como ser mestre sem sciencia?

O sacerdote, que não fôr instruido, não comprehende a altura da sua missão, nem a dignidade das funcções que exerce, e é impossivel que bem as desempenhe. O erro caminhou sempre ao lado da verdade. A religião estava ainda no berço, e tinha já adversarios implacaveis, que negavam a divindade da sua origem, que atacavam a pureza e a sublimidade das suas doutrinas, e que mettiam a ridiculo o seu culto.

Os Celsos e os Neros davam-se as mãos, para eliminar da face da terra o nome christão. Ao pé da fogueira, que queimava o martyr, escrevia-se o livro em que era denegrida a religião por que elle morria.

Os Porphirios appareceram logo, e desgraçadamente têm tido discipulos em todos os seculos.

Hoje o racionalismo tenta dar o último golpe no christianismo, arruinando os seus fundamentos. Para isto faz valer o estudo da historia, o progresso das sciencias, o conhecimento das linguas, e os principios da critica, levando para a arena da discussão as armas d'uma erudição apparatusa.

Na Allemanha assentaram os seus arraiaes os inimigos de Christo. O mal que grangrenou o coração da Europa, vae-se extendendo a toda ella.

Livros impios, que espargem a descrença, e a desolação entre os povos, por onde passam, são os canhões assestados pelos filhos do erro contra a cidade sancta de Christo. É nos seus muros que o sacerdote se deve achar sempre como sentinella vigilante e bom soldado, para defender com denodo o deposito que lhe foi confiado. Por cada ovelha, que os lobos rouharem do rebanho, por culpa sua, ha de elle responder perante o supremo Pastor. Elle, precisa pois de se munir de armas, com que possa resistir a taes inimigos, e sair triumphante da lucta; precisa de combater esses erros, de confirmar os christãos na fé, mostrando-lhes que só nos ensinios do christianismo elles podem encontrar o que o racionalismo promette, e não pôde dar.

Ordinariamente attaca-se a religião, porque se aborrecem os deveres que ella ordena. A corrupção, diz Massillon, é uma das fontes da incredulidade. O coração depravado quer obcecar a intelligencia. É uma das principaes razões, por que o ministro da religião deve ser o primeiro a cumpril-a.

Inspirando aos homens o amor do bem, deve dar-lhes o exemplo, seguindo-o. Guerreando as paixões dos outros, deve debellar as suas. Promettendo premios á virtude e castigos aos vicios, deve ser o primeiro a seguir aquella, e a evitar estes.

Ministro do evangelho, a sua vida deve ser d'elle o commentario vivo. Que importa que o enriqueçam talentos distinctos, conhecimentos vastos, e uma instrucção variada, se o não adorna a virtude? se as suas acções são a contradicção das suas palavras? se elle propina o veneno em vez de applicar o remedio? se espalha a peste em vez de dar a saúde? Que importa que elle leve na mão a tocha da luz, se elle anda cego, se cada passo que dá, é um precipicio em que cae? Uma virtude desinteressada e pura, um acto grande de abnegação e de sacrificio para beneficiar os seus semelhantes tem mais valor, e produz muitas vezes maior e mais salutar effeitos, que os mais brilhantes discursos.

O dom da palavra pôde faltar-lhe; mas não deve faltar-lhe nunca a caridade, e todos os dotes d'um verdadeiro ministro de Jesus Christo.

A caridade, essa filha do céu, é a primeira de todas as virtudes, a mais nobre e excellente de todas ellas.

Ama a Deus e ao proximo, eis o preceito que

é o fundamento de todos os outros; eis a synthese da lei divina.

O apóstolo das gentes ensina-nos a sublimidade, e inculca-nos a necessidade d'esta virtude, sem a qual nenhuma pôde existir, que tal nome mereça. Ainda que eu, diz elle, fallasse a linguagem dos anjos, e descortinasse os arcanos do futuro, ainda que explicasse e comprehendesse todos os mysterios, e tivesse exacto e profundo conhecimento de todas as cousas; ainda que vertesse o meu sangue, dando á fé o mais brilhante testemunho; ainda que eu transportasse as mais altas montanhas, e tivesse poder sobre a natureza, alterando as suas leis; ainda que desse aos pobres todos os meus bens, de nada isto me serviria, eu não seria nada, se não tivesse a caridade.

É pela caridade que o sacerdote se faz tudo para todos, como S. Paulo, não pensando, não trabalhando, não obrando senão pela gloria de Deus, e pelo bem de seus irmãos. Inflammado no amor de Deus e de seus irmãos, o sacerdote arrosta com as mais duras fadigas, e não recua ante os sacrificios mais dolorosos; nem á vista das dores mais acerbas. Não o atterram nem o furor dos tyrannos, nem os sarcasmos do impio, nem o odio dos homens.

Não o desanima a intempérie das estações, nem o rigor dos climas, nem privações as mais custosas. Atravessa os mares, percorre os continentes, entra nas florestas, vae até aos pólos para chamar á luz o selvagem embrutecido, para beneficiar e civilisar o homem, que paga muitas vezes tanta dedicação e tão nobres sacrificios, dando ao bemfeitor generoso e incansavel a aureola do martyrio.

Ministro d'uma religião, que julga os homens, não segundo as condições que os classificam no espaço e no tempo, mas segundo a sua origem e destino communs, é a caridade que o anima para dizer a verdade a todos, em tudo e sempre, sem distincção de pessoas, nem attenção a jerarchias, reprehendendo igualmente os abusos dos reis, e as faltas dos povos.

No tribunal da penitencia o sacerdote é o medico caridoso, que sonda com bondade as chagas dos enfermos que a elle recorrem; examinando os seus males, e procurando-lhes o remedio mais effcaz.

As suas admoestações, os seus conselhos, as suas palavras, são o balsamo salutar, que reanima, que cura e que aviventa.

É a caridade que o leva a subir com o condemnado os degraus do patibulo, onde o último ministro da sociedade, o carrasco, pune o culpado, tirando-lhe a vida, e o ministro de Deus absolve a alma do arrependido, dando-lhe o perdão.

Quando o anjo da morte sacode as suas azas negras sobre as nações, quando o braço da justiça de Deus desce sobre ellas, para as punir com o flagello dos contagios que dizem as populações; deixando assentadas apoz si, a desolação, o horror; quando o homem olha aterrado e espavorido para as sombras da morte, que pairam medonhas ante

os seus olhos, o sacerdote, incitado, e dirigido pela caridade é um anjo de luz e de consolação. Nas cidades grandes e florescentes, nas pequenas e obscuras aldeias, nos desvios agrestes das serras, no albergue do pobre, no palacio do rico, na praça pública, no lar da familia, no leito da agonia, por toda a parte onde ha males, lagrimas e soffrimentos, elle é o companheiro, o amigo, o protector d'aquelles que padecem, que choram, e que precisam de consolação. Elle é o homem da paz, do amor e do perdão.

É a caridade que lhe guia caminho aos logares, que são a morada da peste e de todas as miserias humanas, e onde jazem centenaes de desgraçados atormentados por cruel enfermidade, sem o amedrontarem, nem os miasmas infectos que lá se respiram, nem objectos asquerosos, que revoltam os sentidos, nem a facilidade do contagio, nem os horrores da morte. Confessando-os, elle cola o ouvido a uma bocca, que exhala já corrupção incomportavel: anima as infelizes victimas com consolações, adoça os seus soffrimentos, spargindo aqui uma esperanza, dando alli uma alegria, e vertendo n'outra parte uma lagrima. O homem, que affrontou uma morte quasi certa, lá morre muitas vezes martyr da caridade no meio d'aquelles, que fôra beneficiar...

Esta coragem obscura, mas magnanima, inspirada pela caridade, parece-me muito superior á coragem militar, diz Bernardim de Saint-Pierre. E em verdade o soldado combate á vista de numerosos exercitos, ao som do tambor, e ao troar do canhão.

O entusiasmo por uma causa, o amor da gloria, o applauso dos homens, uma condecoração, que pôde um dia honrar-lhe o peito, um nome na historia, todos estes estímulos e impressões o enchem de ardôr e de bravura: elle offerece-se á morte como heroe, mas o sacerdote vota-se a ella como victima.

Se o sacro fogo da caridade arde em seu coração, elle reveste-se de animo e de paciencia, e redobrando sempre de zêlo e de actividade, não ha obstaculo que não supplante, nem difficuldade, que não vença.

Ergue a voz e faz tremer o dissoluto e o impio, que no tumultuar de vergonhosas paixões se esqueceu de Deus e da virtude. A sua palavra leva a compunção e muitas vezes o arrependimento, á alma do criminoso, que dormia sentado no tremedal de abominaveis torpezas. Eleva, regenera e insinua o amor do bem e da virtude no homem, que desceu todos os degraus na escada do vicio e do aviltamento. Bafeja e aquece com o lume da fé os corações que o scepticismo gelára, deixando lá a descrença, a dúvida e as trevas. Dá á sociedade bons cidadãos, á igreja christãos exemplares, e a Deus homens virtuosos. Rehabilita e salva o peccador, que caminhava transviado pela estrada larga das paixões, que vae dar á perdição.

Pelo bem dos seus semelhantes sacrifica a flôr dos seus annos, o vigor da saúde, os commodos

da fortuna, os gozos da familia, o repouso e a vida. Responda-lhe o homem com o desprezo, pague-lhe o mundo com o insulto, e com a ingratidão, cubra-o de ultrajes, faça-o alvo de suas vaias e irrisões cobardes, maltracte-o, persiga-o, dê-lhe o martyrio por corôa de seus trabalhos e dedicação, que elle, influenciado pela caridade, soffre a ignominia, sujeita-se ás humilhações, acceta paciente tractos os mais crueis; e, morre contente, porque cumpriu com seu dever!

(Continúa)

## D. JOSÉ ZORRILLA

### ESTUDO

Continuado do numero 3, tomo II.

#### IV

Para estudar as produções litterarias de D. José Zorrilla torna-se myster dividil-as em duas secções: 1.<sup>a</sup> das obras lyricas propriamente taes; 2.<sup>a</sup> das obras dramaticas.

De obras puramente lyricas Zorrilla escreveu uma infinita variedade d'ellas: agora uma ode, celebrando um poeta nacional;—logo uma elegia chorando a morte prematura d'uma donzella; ora uma meditação profunda sobre o presente, ora uma lenda do passado; emfim, não ha talvez genero algum de poesia lyrica que Zorrilla não cultivasse; e é n'essa variedade que consiste uma das principaes bellezas do nosso escriptor; pois que hoje a poesia não está só n'este ou n'aquelle genero; e porisso é que, segundo a opinião de V. Hugo, o tempo da epopeia passou: hoje a poesia está tanto no sentimento, que faz vibrar de amor a lyra do poeta, como no que o faz dedilhar o alaúde, para chorar sobre uma recordação, sobre uma saudade do que passou: hoje a poesia consiste tanto nas *Meditações* de Lamartine, como nas *Balladas* de V. Hugo; tanto nas sentimentaes páginas de Silvio Pellico, como no grandioso *Fausto* de Goethe; tanto nas saudosas recordações de J. de Lemos, como nas *Orientaes* de Zorrilla, tanto na *Lyrica de João Minimo*, como no *Amor e Melancholia de Castilho*.

Hoje a poesia não está só no bello dos campos marciaes de Enéas e Turno, ou nas aventuras de Orlando, ou nas emprezas arriscadas de Godofredo ou de Vasco da Gama; está tambem nos affectos estremecidos d'alma, e nas ideias acarinhas do espirito humano.

Duvidoso do genero de poesia que deveria cultivar as primeiras produções de Zorrilla, parecem pertencer á eschola que o grande genio de Byron tinha creado. Vê-se n'essas primeiras obras do nosso poeta transparecer um scepticismo talvez estudado, uma negligencia pelos objectos mundanos, que não pôde hoje admittir-se em vista dos nossos progressos em litteratura. Nunca pude sympathisar com a poesia sceptica, parecem-me

sempre trechos sem animação, e a causa é talvez simples, é porque na poesia é necessario o sentimento, e o mancebo no verdor dos annos, rico de esperanças, não pôde sentir-se desfallecido e sceptico n'um mundo povoado de vida e de illusões. Sceptico? quem é sceptico ao raiar a aurora colorindo de luz as campinas e os montes; — ao sentir o ruído do arroyo que se esparguiça entre verdes planicies, ao ver no céu brilhar a lua? Não fallaahi tudo de vida, de esperanças, de Deus?

Bello es vivir! La vida es l'armonia.

Sceptico? quem é sceptico, ao ver fuzillar o relampago, ao ouvir ribombar o trovão — ao ver o vento açoutar o bosque umbroso? Não fallaahi tudo ao coração? não sentimos então elevar-se uma prece até ao Senhor? *Allez-vous-eu avec vos fleurs toutes fanées!* dizia V. Hugo a estes scepticosinhos de luneta e bigode retorcido.

Mas o tempo da verdade devia chegar a Zorrilla, chegou-lhe a crença, e conheceu o seu verdadeiro genio; é d'ahi em diante que cumpre analysar as suas producções.

A *Indecision* é um trecho de bella poesia lyrica; é o hymno á vida, á Providencia. Bello es vivir; — exclama o poeta exaltado, e depois desenrolla diante dos olhos do leitor o quadro variado da natureza, mostra-nos ora

En medio de la noche magestuosa  
Esa luna de plata, esas estrellas:

para nos fazer comprehender o bello da noite; depois diz-nos

Se ve en el horizonte  
A somar el crepusculo que nace,  
Y la neblina que corona el monte  
En el aire flotando se deshace.

para nos fazer assistir, pelo verdadeiro da descripção ao bello do crepusculo.

Mostra-nos depois a compensação dos horrores do inverno pelas bellezas da primavera, mas deixemol-o fallar:

Si hay huracanes e aquilon que brama,  
Si hay un invierno d'humidad vestido,  
Hogueras hay a cuya roja llama  
Se alza un futuro com su disorde ruído,  
Y una pintada e fresca primavera  
Con su manto de luz e orla de flores

Para citar as inquestionaveis bellezas d'esta peça fôra mistér transcrevel-a, que não d'outra fórma se avalia ella.

O *Relox.* é outra bella poesia de Zorrilla. É a a pintura do que deve soffrer quem sente ao ver a mão do tempo ir apagando uma a uma do mostrador da vida as horas do nosso viver. Quem não sente com o poeta que

Tremenda cosa es pasando  
Oir entre el ronco viento,  
Cual se despliega violento  
Desde un negro capitel

El son triste e compassado  
Del reló, que dá á una hora  
En la campana sonora  
Que está colgada sobre el?

N'estas duas peças de poesia está o genio de Zorrilla; vê-se ahi a união da ideia, com a belleza da fórma, sente-se o que elle escreve, deseja-se o que elle deseja, chora-se com elle, e extasiamo-nos por elle!

(Continúa)

F. BEIRÃO.

## UM AMOR DE ESTUDANTE

Continuado do n.º 4, tomo II.

### II

No dia seguinte Alberto não appareceu na aula. Impressionado por a falta d'uma creatura, por quem já me interessava, procurei-o de tarde.

Ao passar para o seu quarto notei em um pequeno gabinete de trabalho tres meninas; a mais velha teria vinte annos, as outras eram mais novas; uma andaria por treze, a outra por onze.

Entrando no quarto do meu amigo encontrei-o sentado a uma meza com a cabeça encostada nas duas mãos.

— Alberto, quer-se matar?... lhe perguntei eu pousando-lhe familiarmente a mão no hombro direito. Bem vejo, que é infeliz; mas olhe, eu tambem não sou feliz. D'entre os nossos condiscipulos todos são extranhos para nós; quer o sr. que sejamos amigos?... Partilharemos os nossos desgostos; é já meio caminho para triumpharmos d'elles. Faça-me isto que lhe peço; aceite a minha amizade e dê-me a sua, sim?

Apertou-me a mão convulsivamente e não me respondeu; aquelle aperto de mão e duas lagrimas mal comprimidas, que lhe borbulharam nos olhos, fôram resposta bem eloquente.

Alberto aceitava a minha amizade.

Decidi-o a sair, e fomos sentar-nos no formoso passeio d'Alcantara. Eram quatro horas da tarde. Não apparecia ninguem. O dia estava carregado de nuvens, ventoso e frio, como tantos ha na estação invernosa em Lisboa.

Passado um momento de silencio, custoso para ambos, foi elle, que primeiro o rompeu.

— Mas por que se interessa por mim, não sabe que sou um desgraçado?...

— É porisso mesmo, respondi eu; é porque pude ler no seu rosto, que soffria... e é tão doce dar consolação a quem soffre?!... Demais, eu vivia aqui isolado; mais isolado que tu, deixa-me assim tractar-te, sim?... vivia mais isolado, porque nem familia aqui tenho, emquanto que...

— Familia... eu?... só tenho meu pae a bastantes leguas d'aqui.

— Mas aquellas meninas, que depois vi?

— Não é familia minha. Entendo que só se pôde, só se deve dar esse sagrado nome a quem nos ame como sangue do seu sangue, alma da

sua alma; d'esses só conto meu pae. Aquellas são umas segundas primas, em casa de quem vivo.

— Pois bem, mas, dizia eu, que te vi transluzir na fronte o soffrimento e o meu coração advinhou as torturas do teu. Quiz ser teu amigo, suppliquei-t'o e tu deste-me a tua amizade. Agora, em nome d'essa mesma amizade, quero saber por que soffres. Sem a franqueza, sem a confiança, não pôde existir esse nobre affecto. São o terreno d'onde brota essa flor tão grata ao coração. E de que serviria ella se entre dois amigos se não desse a permutação dos prazeres e dos desgostos, dos risos e dos prantos, da felicidade e da desventura?

— É verdade, é verdade... tornou elle como fallando consigo mesmo; e depois... é preciso que eu mostre estas ideias, que me escaldam, que eu solte esta dor que me abraça.

Ouve, ouve-me e dize se me posso julgar feliz. Nasci em uma pequena aldeia junto de Guimarães. Meu pae, com uma boa fortuna, nascido de negociantes e negociante elle mesmo, teve a sorte de todos, os que têm nimia boa fé e querem trilhar o caminho da honra. Foi enganado, escarnecido e roubado por fim. Para pagar aos seus crédores vendeu o que tinha e ficou pobre. Minha mãe não sobreviveu áquelle infortunio; foi mais feliz!... Terminou o seu martyrio sôbre a terra, esgotou o seu calix de amargura e morreu, deixando-me com cinco annos de idade. Meu pae, desgostoso, retirou-se de Guimarães, aonde vivia de há muito e veio para Leiria aonde arranhou um insignificante emprêgo, que lhe não dava o indispensavel para o seu sustento.

A custo de mil sacrificios deu-me uma educação, que outros, que podem, não dão a seus filhos, e eu pude adquirir certa instrucção, quasi mendigando uma lição a um, ou um livro a outro. Senão podia alliviar e ajudar meu pobre pae do péso de sua cruz, era meu dever tractar ao menos de lhe não ser pesado. Mas como conseguil-o em uma terra como Leiria e um paiz como o nosso?

Assentei praça em caçadores 8: fiz-me soldado.

Tinhamos uns parentes em Lisboa, parentes muito afastados é verdade, mas que nos tempos da fortuna de meu pae, lhe poderam dever algumas finezas. Eu vi que n'este seculo quem não poder ter certa instrucção não pôde esperar nada da vida, apesar de que mesmo assim vemos esses ás vezes a mendigarem uma esmola.

Escrevi pois a meus thios e disse-lhes francamente: — sou pobre; não tenho mais que oito vintens por dia. Quero estudar; preciso de ganhar para mim e para a velhice de meu pae; para conseguir isto e tornar-me util á sociedade é preciso estudar; não o posso fazer senão em Lisboa. Podem e querem receber-me em sua casa por o pouco, que eu tenho?... Responderam affirmativamente, e eu vim.

Resolvi frequentar primeiro o curso da arma de infantaria; estudei os preparatorios da Poly-

technica, e este anno tinha-me matriculado na eschola do exercito, esperando concluir o meu curso.

Até o fim do anno passado vivi perfeitamente. Os meus *prets* eram dados para a casa como auxilio da despeza; e para me vestir, comprar o meu livro, ou para o mais, de que precisava, vendia alguma traducção d'alguma comedia ou romance francez. Todo entregue ao trabalho das minhas aulas, pouco tempo me sobrava, e esse passava-o no meu quarto, lendo, escrevendo, desenhando mesmo alguma cousa.

A minhas primas tractava-as como irmãs e a meus thios como pessoas a quem devia, alem de amizade, reconhecimento. Mal nos viamos, mal nos fallavamos, mal nos comprimentavamos, apezar porém dos bons sentimentos, que nos ligavam.

Um dia viera eu para casa, e ao querer, segundo o meu costume, apertar a mão a Amalia, minha prima mais velha, reparei, que ella mal me cortejára, e recusára até estender-me a mão. Não dei grande attenção a isso; tomámos chá, e, depois de ter estudado talvez duas horas, levantei-me da meza, e cheguei á janella para descansar um pouco, gozando ao mesmo tempo do fresco da noite. Era em Maio. Uma brisa tépida e agradável trazia o longinquo sussurrar das vagas. A lua campeava no céu, derramando a sua argentea luz pela terra. Era uma noite de primavera, d'aquellas, que Deus dá só ao nosso Portugal.

Ao pé da janella do meu quarto havia logo uma á esquerda; era a da sala de jantar. Ouvi-a abrir mansamente e vi apparecer a ella minha prima.

Estava realmente bella. Seus cabellos negros caíam-lhe em desalinho, formando mil anneis, lustrosos como o setim. Seus olhos, mais negros, que os cabellos, pareciam reluzir-lhe á luz da lua com um fulgor extraordinario, cercava-os porém um roxo de violeta, que denotava um soffrimento, uma magua secreta. Trajava um vestido escuro, deixando a descoberto sua esbelta garganta, e parecia agitada.

Abrira a janella, fitára com um ar de tristeza a alampada da noite e encostára depois a fronte na delicada mão. Parecia não me ter visto. Julguei ler n'aquella posição, digna d'uma Madona de Raphael, o traço d'um pezar e com o interesse proprio do amor, que lhe tinha, perguntei-lhe:

— Amalia, estás triste?... que tens?...

— Triste, eu?... me tornou ella com voz enfraquecida; triste?!...

— Sim, triste; pois esses teus olhos pizados, essa tua côr desbotada não o revelam?

— E tu interessas-te muito por mim?... Esse interesse vem mesmo do coração?... perguntou depois com voz trémula e como constrangida. Oh! não creio.

— Não crês, Amalia, não crês, que eu me interesse por ti!

— Quizera crê-lo; quizera poder acreditar, que

tens por mim o mesmo que sinto no coração por ti. Mas, ah! Alberto, não posso.

— Não sei o que isso quer dizer... duvidares de mim, Amalia!... e porque?...

— Porque?... porque eu amo-te muito, Alberto; porque não me contento com o teu amor de irmão, que te tenho lido nos olhos; porque amo-te tanto, tanto, que não receio, não me envergonho de humilhar-me diante de ti e pedir-te de joelhos, pela memoria de tua mãe, que me dêes o teu amor, sem o qual não posso viver; sem o qual morrerei. Amas, sim, Alberto... ou queres deixar-me esgotar em lagrimas, finar-me com este mártirio, que me rói o coração?...

A uma confissão assim, tão energica, tão inesperada, n'aquelle logar, áquella hora, confesso, que fiquei surprehendido.

Sempre d'entre minhas primas tinha tractado Amalia com mais amizade e carinho, porque mais triste pelo genio, mais nobre pelos sentimentos e mais rica pelos encantos, era tambem em casa a menos querida dos paes, a menos amada das irmãs. O sentimento, que por ella sentia, nunca o tinha querido medir bem, nunca o tentára pesar, nunca o procurára estudar. Parece mesmo que me arreceava, que me temia d'elle.

Alli, a uma confissão d'aquellas, fiquei como mergulhado em um sonho indefinido de gozo.

E quem poderá resistir a uma voz harmoniosa a um rosto banhado de lagrimas, a uma mulher enfim, mas uma mulher, a quem se receia amar, e que vem, bella na sua agonia, supplicar uma palavra só de amor, uma leve esperanza de vida?...

Oh! eu não... Senti como o ferir no coração d'uma nova fibra, senti o palpitar d'um sentimento novo mas ineffavel e terno, senti o aspirar d'uma realidade incomprehensivel para mim até esse momento, senti esse estremecer, esse chamar, esse viver d'uma alma para outra alma, attraídas por um sentimento infinito de candura e meiguice... senti finalmente o amor.

— Duvidas?! exclamei eu, arrebatado por essa faculdade, por esse impulso novo, que me arrastava. Duvidas?... duvidas que te ante?... Oh! Amalia... duvida então da pureza da lua, que nos allumia; duvida da vastidão do espaço que nos envolve; duvida da tua formosura!... Amo-te, Amalia, sim, amo-te tambem. Que pôde ser o que o coração me segreda todos os dias de ti, senão o amor que falla?... Amo-te Amalia, amo sim...

— Oh! eu t'lo agradeço, Alberto... eu t'lo agradeço, meu Deus... murmurou ella com voz abafada pelo mal comprimido do choro, entrecortado pelo convulso da emoção.

Levei tambem a mão aos olhos e senti-os humidos de lagrimas. Senti pulsar rapido e descompassado o coração e um fogo abrasador incendiar-me a frente.

N'esse momento pareceu-me, que se toldava o brilhantismo da lua, que se lhe embaciava o esplendor da luz. Era talvez o aviso dos males,

que se deviam seguir áquelle primeiro amor, confessado assim tão inesperadamente: era o presagio do embaciár da felicidade sonhada alli por nós; era o annúncio dos soffrimentos futuros; era o começo da vida de mártirio acerbo e mudo, que me esperava após o curto momento de ventura, mais sonhada, que experimentada...

Oh! porque me devia ella amar, porque a amei eu tambem?!

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

## O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.<sup>a</sup> D. H. L. de Vilchez

Tradução de N. da Silveira.

Continuado do n.º 2, tom. II

Poucas horas depois, quando voltaram de sua excursão, um successo inesperado veio terminar d'um modo desagradavel aquelle dia tão alegremente começado.

Ao voltar um recanto, espantando-se o cavallo, em que Fernando montava, e encontrando desprevenido o confiado cavalleiro, o lançou por terra com terrivel violencia.

Aturdido pela fatal queda, o mancebo só pôde ouvir um grito penetrante, que partiu d'entre um grupo de arvores; e vêr a formosa Carolina, que, rindo-se de sua pouca destreza, esporeava seu cavallo e seguia alegremente a seu primo, que n'aquelle momento mesmo acabava de dizer-lhe: Amo-te!...

Nada mais pôde saber; porque perdeu os sentidos.

Quando voltou a si achou-se em casa, rodeado de seu paé e de seus criados, que o observavam com a maior inquietação.

Ao abrir os olhos suas vistas se fixaram em Angela, que, pallida e desfigurada, se achava junto a seu leito. A pobre rapariga, esquecendo sua timidez e posição, o havia seguido, entrando em seu quarto, aonde talvez nunca fôra uma só vez na vida.

— ¿Como te sentes, Fernando?, perguntou o marquez, observando-o com anxiedade.

— Doe-me bastante o peito e a cabeça, meu paé; mas... ¿como é que estou aqui?!

— Foi essa joven, que nos avisou: fomos encontrar-te junto a um mendigo, deitado no chão e sem sentidos; o sr. de Campo-Real, detendo-se um momento, e confiando-te depois a Julião, que acabava de chegar, apartou-se de ti, para seguir sua filha, que já ia a bastante distancia.

— ¿Com que tu viste-me cair?, perguntou o mancebo, dirigindo-se a Angela ¿e aquelle grito...

— Escapou-me dos labios, ao ver o perigo, que corrieis. Casualmente o tio Pedro pôde ouvir-o

tambem, de sorte que não tardou em vir reunir-se-nos; e assim ambos podêmos socorrer-vos e participar vosso desastre.

— Com que tu estavas...

— Esperando, para vos ver passar, murmurou a joven.

Fernando olhou para ella, e, comprehendendo todo o valor d'aquella alma d'anjo, lhe disse ao ouvido:

— D'hoje em diante não terás mais quem te dispute minha affeição.

Durante toda a noite uma febre intensa abraçou a fronte do filho do nobre senhor.

Angela velou á sua cabeceira; e, com uma assiduidade e um esmero superior a seus annos, tratou sempre de seu amigo nos longos dias de sua penosa enfermidade, sem que ninguem se lhe oppozesse.

Desde então os laços d'amizade, que prendiam os dois jovens, se estreitaram ainda mais. Fernando comprehendêra o affecto desinteressado e a abnegação de Angela; e a sympathia do manco convertêtu-se no primeiro amor do homem.

Conhecendo tambem a superficialidade das deferencias de Carolina para com elle, desprezou-a, não tornando mais a visital-a.

Aos formosos dias do verão succederam as tristes e frias nevadas do inverno; e todavia Fernando não se queixou mais de sua permanencia na aldeia, nem se lembrou pedir a seu pae licença para voltar ao grande mundo,

Suas conversas com Angela tornavam-se de dia para dia menos frivolas e menos francas; porém esta tímida reserva não deixava de augmentar-lhes o encanto.

Assim decorreram dois annos.

Porém ¡ai! Angela ao sair da infancia, para entrar na puberdade, perdêra sua alegria. Em vão se esforçava Joanna em reanimal-a, notando o visível enfraquecimento de sua saude; o mal porém estava no coração.

Angela chegára a tornar-se uma necessidade para Fernando.

Fernando chegára a ser a vida para Angela.

#### IV

Ao cair da tarde d'um aprazível e formoso dia d'outono uma joven, só e com passo rápido, cruzava, em direcção opposta, o caminho, que conduzia a aldeia.

Um ancião de cabellos brancos e rosto venerando parecia esperal-a a alguma distancia da povoação; pois que, logo que se acharam reunidos, ambos tomaram por uma isolada vereda, que conduzia a uma pequena capella, alegre e extremamente limpa, consagrada a Nossa Senhora, que, para aquella boa gente, era d'uma singular devoção.

Angela, pois era ella, já não parecia a mesma: suas faces tão rosadas e tão frescas, ainda ha pouco, estavam agora pallidas e encovadas; seus

bellos olhos, n'outro tempo tão animados e tão alegres, quasi que haviam perdido todo seu brilho; e as arrouxadas sombras, que constantemente os rodeavam, eram uma prova incontestavel de suas longas insomnias e de abundantes lagrimas

Não, Angela já não era aquella creança feliz e confiada, como nós a conhecemos; era uma joven triste e resignada, porém sempre pura, sempre formosa.

Ao chegar á capella, com um olhar triste interrogou seu companheiro, que, por toda a resposta, se aproximou d'um dos dois bancos de pedra, que alli havia collocado de ambos os lados da porta, abrigado, por uma frondosa parreira, dos raios do sol que lhe servia de doce, e quasi a coberto das indiscretas vistas dos que por alli passassem pelos verdes ramos e flores silvestres que o cercavam.

O tio Pedro, que era elle o companheiro de Angela, se apossou d'aquelle logar commodo e afastado; e a joven, com sua costumada docilidade, o imitou, sentando-se em seguida a seu lado.

Parecia que ambos receiavam quebrar aquella mudez e aquelle silencio; e que não sabiam como começar uma conversação, que devia ser-lhes costosa e difficil.

Por último o tio Pedro tomou entre as suas a mão da joven, e com acento carinhoso lhe disse assim:

— Procurei falar-te, minha filha, porque, como sabes, amo-te, como um pae ama o fructo de seus amores...

Postoque nenhum laço de parentesco nos una, todavia ha algum tempo que sigo teus passos e te observo com vigilante cuidado; e tendo podido com essa incançavel solicitude penetrar em tua alma, n'essa alma dotada de tantas perfeições, de tantas virtudes, não me foi difficil adivinhar os progressos d'um mal, que, postoque incerto e bem distante ainda ao principio, acabou por tomar em pouco tempo um caracter, uma força tal, que não é para admirar, que venha a influir na paz e na felicidade de toda tua vida.

Fizeste hoje dezeseis annos: não és já uma creança, cujas affeições são passageiros caprichos, cujos pesares se parecem com ligeiras nuvens do verão: és uma joven, a quem o amor pôde vir a ser eterno, a quem uma dôr pôde matar...

Angela fez um movimento para responder.

— Não, não me interrompas, se apressou a dizer o ancião: conheço-te bem: sei que és uma mulher toda coração, toda espirito, como tua pobre mãe...

Estas palavras, que involuntariamente se lhe escaparam dos labios, produziram em ambos um effeito bem diverso: o ancião ficou perturbado e commovido, parecendo que aquella leve imprudencia o havia contrariado sôbre maneira. Angela, pelo contrário, mostrou-se animada do mais vivo contentamento; e revelando-se-lhe no rosto

uma esperança divina, com o acento da mais eloquente súplica, perguntou a seu companheiro: —; Então conheceis minha mãe?! Ah! até que por fim encontrei quem possa informar-me a seu respeito!

(Continúa)

### NECROLOGIO

A terrível Parca, que desde o albergue do pobre até ao palacio dos imperadores se ostenta inflexível e inexorável, cortando o fio a uma existência mais, acaba de arrebatá-lo de entre o seio d'uma distincta e nobre familia, banhado em pranto um respeitável ancião, de idade de 102 annos, que durante o longo periodo de sua vida, se tornou sempre recommendavel e bemquisto por suas sublimes virtudes e excellentes qualidades.

Obedeceu á lei geral e invariavel da humanidade,—a descida ao tumulo.

Lamentámos a perda do nosso amigo e patricio o ex.<sup>mo</sup> sr. Manuel do Rego d'Albuquerque, natural de Alpedrinha, onde se finou, cuja morte mui sentida e chorada por seus conterraneos e numerosos amigos, privou a religião d'um fiel devoto, a familia d'um optimo chefe e carinhoso pae; a sociedade d'um digno cidadão, e a pobreza d'um efficaz protector.

A elevação de seus sentimentos religiosos é-nos bem conhecida, e tambem attestada pela inteireza dos seus costumes, practica de suas imitaveis acções e varios e ricos donativos, que hoje servem de ornamento á capella do Sanctissimo Sacramento em Alpedrinha; e, sendo estes sentimentos a mais solida base para o aperfeiçoamento moral do homem, é já bem de vêr quão imminentes virtudes adornavam o possuidor de tão desejado como precioso germen.

A sociedade, postoque um pouco mais indulgente, para com os que já vão além do tumulo, em tecer-lhes sôbre a campá a lista das faltas commettidas, não carece de empregar essa indulgencia para com este finado, nem tem senão que lamentar a perda em seu gremio d'um membro, que harmonicamente sempre coóperou para a realisação do fim social.

M. L. VIDAL

### SIRIOS QUEBRIDOS

Tudo acaba na terra dos vivos,  
Já as rosas de todo acabaram,  
E sómente os espinhos pungentes  
Pelos troncos as rosas deixaram;

Já no campo não cantam as aves,  
A Mariposa não brinca no ar,  
Já nos lagos os cysnes de neve  
Não se vêem as aguas beijar.

Não se escuta o zunido da abelha.  
Não se escuta o susuro da aragem,  
Segredando com as plantas virentes  
Não se escuta da tarde a bafagem;

Resequidas, mirradas no chão,  
Nem já resta sequer uma flor,  
Tudo acaba na terra, só vive  
Concentrado no peito o amor.

Como pesa este céu sobre mim,  
Como as aguas só dizem tristeza,  
Como tudo mudou n'um momento  
N'estes sitios de tanta belleza.

Onde está esse sol tão brilhante.  
Onde estão essas rosas tão bellas,  
Onde está essa lua fagueira,  
Ai agora onde estão as estrellas?

Tudo, tudo é medonho, terrível,  
Tudo, tudo revela tristura,  
Tudo, tudo mudou n'estes sitios,  
Tudo agora só diz amargura.

De que serve rever estes sitios  
Se para mim as flores acabaram,  
Se fugiram d'aqui, e nos troncos  
Os espinhos sómente deixaram:

Sitios queridos de tanta ventura  
Onde instantes da vida gosci,  
Ai agora sois tristes, medonhos,  
Pois não tendes a flor que adorei:

Mas em breve na volta do verão,  
Ha de tudo outra vez renascer,  
Só para mim eu bem sei, a ventura  
Já não pôde outra vez reviver.

F. DE SÁ MAGALHÃES

### PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.<sup>a</sup>, e Sr. Melchiades & C.<sup>a</sup>, Livraria Central, rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420

Por mez — 120 réis  
Avulso — 40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 4, tomo II.

III

Retemperados pelas aguas lustraes d'um novo Jordão, por esse baptismo de fogo e sangue, pelo qual a Providencia aprouve fazer-nos passar, como iniciação nos umbraes do templo da liberdade, que a custo iamõs conquistando, de tal arte nos cegou a novidade da conquista, tão afanosos nos mostrámos no empenho de a bem guardar, que de todo nos esquecemos de que não ella o fim unico (como se já suppoz) dos humanos destinos, mas antes um como meio de alcançarmos outros progressos; um primeiro passo, d'entre os muitos que ainda temos a dar: uma mera iniciação para aquellos que assentam o seu campo nos ainda mui desertos arraias do futuro.

Argos vigilantes, perdemo-nos enlevados na contemplação do thesouro, que assim nos traz preza a vista e a alma, sem nos lembrarmos, que em volta a esse pomõ d'ouro, que com tanto amor guardámos, outras e muitas formosissimas flores se definham e morrem, sem que produzam fructo, á mingua talvez d'uma gõtta de agua, com que — a haver boa vontade — se lhes poderia dar vida ás raizes sequiosas.

A agricultura, com ser a mais esperançosa para bom fructo, de todas essas flores, que vão murchando no pó ao minguar-lhes o alimento, é porventura de todas ellas a que mais soffre, e a quem mais se recusa esse alento e essa protecção, de que por tantos titulos nos é crêdora.

Mal de nós, que já nos ficam bem a traz esses tempos em que os grandes homens da maior nação se não envergonhavam de serem encontrados, em meio do rude trabalho das lidas agricolas, por um povo inteiro, que tambem se não pejava de os ali vir procurar, para os exaltar aos mais altos cargos da républica; e em que esses herões, lavradores, depondo a toga da dictadura, depois da patria salva, se sentiam orgulhosos e felizes em voltarem cobertos de louros para o trabalho de seus campos, que em meio haviam deixado!

Fevereiro—1860

Já vão longe esses tempos; e todavia a terra, a «Alma-mater» dos antigos — não cessa de nos abrir o seu seio carinhoso, de nos chamar, de nos sorrir, de nos convidar com todos os seus perfumes, com todas as suas verduras, com todos os seus matizes de mil flores.

Mãe extremosa não conhece filhos ingratos e inconstantes; a todos gerou e a todos ha de involver. Se chora, encobre-nos os prantos; e, em dias de tribulação, lá a temos sempre, que nos estende os braços com affecto indisivel, que nos consola, nos acaricia e nos melhora, até que por fim, orgulhosos da propria grandeza, renegámos a mãe que nos deu o ser, e nos afastámos d'ella com desprezo, como se não fosse a ella e só a ella, que toda essa grandeza se deve attribuir!...

V

Com effeito, só por ignorancia ou por desmedido e mal fundado orgulho, se pôde conceber tal desprezo e tal ingratidão.

A arte de domar a terra, para d'ella extrahir-mos aquillo de que mais carecemos na vida, não pôde decerto ser apodada de rude, nem menos de desprezível.

Tão velha como o homem, como as suas primeiras necessidades, é-lhe a sua antiguidade segura garantia de excellencia e de nobreza; desprezível ninguem de boa fé lhe poderia chamar, sendo que todas as sciencias a veneram e cortejam, entre si disputando qual d'ellas lhe prestará maiores serviços.

As cidades, que assombram os campos com seus templos, columnas, praças, grandeza e luxo; os exercitos, que os assolam, impelidos pelo genio destruidor das batalhas; essas cidades ambulantes, que levam d'um mundo ao outro os productos de todos os climas: todas essas maravilhas de grandeza e intelligencia humana, tudo isto saúdos campos, tudo isto por lá se creou; tudo isto ha de muitas vezes, nas longas horas de atribulação e de angustia, lembrar-se com saudade da humilde mas pacifica choça, d'onde primeiro desabrochára á luz do sol; tudo isto ha de deixar de existir, de mover, de tumultuar, ha de esquecer por fim, que elles hão de continuar ainda, por muito tempo, depois do homem talvez, a vicejar,

VOLUME II

N.º 6

a florir, a fructificar, sempre bellos e sempre risinhos, agora e depois, como no primeiro dia da criação!...

VI

A industria e o commercio, os dois mais poderosos e mais incansaveis agentes e creadores da riqueza das nações, lá têm nos campos alicerce, lá foram buscar á agricultura todas as forças com que operam, todas as galas de que se revestem.

O ferro, com que o homem fabricou novos órgãos, para ajudar os que a natureza lhe dá; o carvão, com o auxilio do qual centuplica as suas forças; lá lh'os tinha a terra guardados no seu seio, com mãe carinhosa: o linho, de que fabrica os vestidos que o revestem, também já lourejou pela encosta de suas collinas: o madeiro, que recurvado sulca as ondas em busca de novos mundos, também orgulhoso e gigante se ergueu outr'ora no meio de suas florestas: o grão, que o nutre; o fructo, que o delicia; o vinho, que lhe dá mais vida e alegria; tudo isto também por lá cresceu e medrou, tudo isto de lá saiu.

A sciencia, a mais nóbre de todas, a sciencia de Deus, porque é a sciencia do infinito — a astronomia — também lá vae nos campos buscar a sua origem: lá nasceu entre humildes pastores, lá se desenvolveu, até que o homem das cidades, orgulhoso já de sua grandeza, a veio usurpar aos que primeiro a descobriram, para, no remanso do gabinete, ou no terraço do observatorio lhe dar ainda maior desenvolvimento.

A geometria — porventura mãe da astronomia, também nos campos tem seu berço.

Todas as artes lá vão buscar as materias com que operam, muitas também as suas melhores inspirações.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO DO QUEENTAL

## D. JOSÉ ZORRILLA

### ESTUDO

Continuado do numero 3, tomo II.

V

Nos dous trechos que levamos citados poderíamos nós de certo cifrar a analyse das poesias de Zorrilla. São duas bellas peças, que bastariam para lhe deferir o laurel de grande poeta; mas não! citaremos ainda algumas para mostrar a par da fecundidade de engenho do nosso auctor as immensas bellezas que elle soube amontoar nas suas obras. E do que dizemos, não se pense, que offuscados pelo brilho do sol lhe não descortinâmos os luculos; não! achamos, na nossa humilde opinião, alguns defeitos em Zorrilla, e cital-os-hemos como lhe citâmos as bellezas.

A ideia que presidiu á criação da poesia — *Fantômes* — de Victor Huga, é tão bella em ser tão geral, tão simples com ser tão verdadeira, que não

podia deixar de apparecer, ainda que revestida d'outras formas, nas obras d'outros poetas. É ella que fez dizer a Malherbe

Elle était de ce monde ou les plus belles choses  
Ont le pire destin  
Et Rose elle a vecu ce que vivent les roses  
L'espace d'un matin!

e é ella que creou a — *Virgem e o Sepulchro* — de Palmeirim. Em Zorrilla na poesia — *A una muger* — apparece a mesma ideia ainda que algum tanto modificada. Em Victor Hugo, é a mulher pura, que apenas tem passado no mundo qual tenue sombra, que desce á sepultura; em Zorrilla é a mulher seduzida, prostituida, lançada ao charco immundo do vicio, que morre. Alli é o anjo que bate as azas e que sóbe aos céus, aqui é a mulher seduzida, que expira abandonada, sem uma lagrima, sem uma oração.

A poesia de Zorrilla não é no desinvolvimento da ideia, e no grandioso da forma igual á de Hugo, mas vence-a talvez na simplicidade tocante de que elle a adorna; é que na Hespanha, como diz Quinet, o povo dá o tom, e o poeta obedece, por que lhe segue muitas vezes o simples da narração e do metro. N'este caso está esta poesia de Zorrilla.

O poeta começa por pintar as scenas puras da natureza, que deviam ser o enlevo e a admiração dos primeiros annos da sua heroína:

Ayer el alba amarilla  
Al anunciar la mañana  
Pintaba de tu ventana  
El transparente crystal  
.....  
Ayer era el sol brillante  
El cielo azul e sereno  
.....  
Ayer la flottante brisa  
.....  
Tu reias e cantabas!  
Niña o angel en el suelo.

Depois o tempo voou, e o poeta pergunta-lhe tristemente:

Pobre niña! que se han hecho  
Los delirios de tu infancia?  
Que has hecho de tu fragancia  
Marchita, olvidada flor?

Hoje... a virgem prostituiu-se — hoje é a mulher caída, a mulher que pelo ouro trocou a candura de sua alma, e a pureza do corpo! Hoje em vez da corôa que lhe cingia a fronte, vêdes... o ferrete do lupanar!

Hoy! es tarde! eres muger!

Depois a mulher de marmore perde os seus attractivos um a um, e aquella que foi rainha em que

Talves coronada fronte  
Descansó.....

é hoje miseravel desgraçada, a quem, como elle diz, o mendigo negará acolhimento!

Mas depois de tanto soffrer, vem a morte acabar com ella, e no seu tumulo esquecido, ninguem irá verter uma lagrima, ou espargir uma flôr.

Que es sudario de infelizes el olvido!

É triste, e tocante esta poesia. Para mim é uma das melhores de Zorrilla.

Não citarei nenhuns versos de Boabdil-el-Chico, quasi romance de bellissimo effeito e de innegavel merecimento, como confessa Quinet, que a ouviu recitar em Madrid pelo proprio Zorrilla, porque versos d'esses destacados nada dizem.

Não analysarei tão pouco mais nenhuma poesia d'este genero de Zorrilla, porque essas ahi estão, se não me engano, como padrão de gloria para elle. Direi apenas que se não pôde avaliar bem Zorrilla sem lér — *La tarde de Otono* — *La luna de Enero* — *A un Torreón* — *La orgia* — *El crepusculo de la tarde* — e muitas outras que seria longo, n'este genero enumerar.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

## COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 3, tomo II.

### CAPITULO III

De como o A. faz um juramento e um protesto. O que seja loja da *pasmaceira*. Luiza e os *Conimbricences* de carne.

Declaro com toda a ingenuidade que não sei por onde hei de principiar este capitulo.

E não é á mingua de materia, que, louvado Deus, nem tanta me era necessaria. Materia tenho eu de sobra. Um dizimo de espirito, e o romance espirrava por hi fóra que era um gôsto.

Que isto de contar verdades em letra redonda ainda tem seus altos e baixos. Por mais cápas que a gente lhe ponha, por mais poeira que lhe deite em cima, sempre ha quem queira ver allusões no que dizemos, as mais das vezes, em *crystallissima* intenção.

Não sou eu só o queixoso, que, para não ir agora mais longê, desde o pobre Cervantes até nossos dias, tem sido tantos, quantos os que têm ousado ir de encontro, aberta e francamente, a ideias recebidas. Mas só de mim sinto, quanto me dóe que vejam nos meus pobres escritos fel e vi-nagre que lá não deitei. Porisso aqui deixo estampados um juramento pelo passado e um protesto para o futuro: nunca em minha vida escrevi uma unica palavra em ataque a ninguem, e na hora em que uma só pessoa se escandalize com escripto meu, quebro a penna para nunca mais. Ganhâ-mos todos. Os leitores poupam tempo; eu poupo dissabores.

Quem não quizer não leia isso, e vamos ao romance.

Cesario saiu de casa de Pedro Pereira sem destino certo, como quasi sempre lhe succedia.

Pé aqui, pé além, fazendo tregeitos, que nem arlequim de corda, lá foi salvando os seus sapatinhos de polimento da Russia de naufragarem no mar immenso dos lamaças *conimbricences*.

Deu comsigo na Calçada.

Não me façam calembourg da phrase. Dar comsigo na Calçada não quer dizer que caiu, mas simplesmente que chegou á rua da Calçada.

Entrou n'uma loja de *pasmaceira*, e pediu lume para um charuto.

Loja de *pasmaceira* significa loja onde se re-unem uma duzia de ociosos para fallar das vidas alheias.

Em todas as terras ha d'isso.

N'aquella em que entrou Sousa Paiva, haviam effectivamente, não uma duzia, mas uns cinco ou seis, quasi todos bachareis formados em disponibilidade.

Uma pergunta séria no meio de tudo isto.

Porque não hão de os meus dignissimos patri-cios convencer-se um dia de que ninguem é propheta na sua terra? Que força de inercia, permittam-me o dicto, os retém ahi a impecerem-se uns aos outros, podendo aliás aproveitar o seu prestimo em tantas outras terras, onde lhes dariam o devido apreço?

Sousa Paiva estendeu a bengala sôbre o balcão, accendeu o charuto, e rompeu, fallando para a roda:

— Meus senhores, uma novidade.

— Venha: respondeu um côro de vozes.

— Estamos todos desafiados para duello de morte.

Gargalhada geral e unisona.

— Eu acceito; respondeu um: mas por quem?

— Acceitamos todos; responderam os restantes: mas por quem?

— Lá iremos. Por quem e o que? desafio ou duello?

— Ambas as coisas.

— Primeiro o desafio. Pelo senhor Paulo Rodrigues de Patrocínio.

A gargalhada subio á oitava sobre-agudissima.

— Basta; disse um: já sabemos tudo. Ha de andar por força a menina Luiza no meio de tudo isso. Mas a que proposito somos nós para ahi chamados?

Cesario tirou a carta, desdobrou-a, e apresentando-lha:

— Vejam: disse.

Gruparam-se todos em volta do que a tinha, e este leu d'alto com acompanhamento de risadas mais ou menos estridentes, conforme a força de pulmão de cada um dos circumstantes.

Quasi no fim foi interrompido.

— Que? como? Torna a ler esse periodo...

— « Comtudo não daria eu tal passo, se a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza não tivesse uma independencia, « porque a não quereria prejudicar na sua for-

«tuna; mas como felizmente se não dá esse caso...»

—Basta; até ahí. Esse periodo deve ser gravado em oiro para eterno desagravo do crédito do sr. Patrocínio. Um homem que não instaria pelo casamento com uma menina, se ella não tivesse uma fortuna independente, não é tólo: que se mordam de raiya as más linguas. Adiante, e gloria ao sr. Paulo Rodrigues do Patrocínio!

—Nada de ironias, nem de interpretações de rosea. É porque a não quereria prejudicar.

—As coisas que são identicas a uma terceira são identicas entre si.

—Fóra a logica, e acabe-se a carta. Por ora ainda não ouvi nada que se entenda conosco.

Cada um d'estes dictos deveu a paternidade a individuo diverso.

O grupo ora se apertava, ora se alargava, e a todó o instante se transformava. Todos queriam estar perto para não perderem uma só palavra. O mesmo ledor mudava constantemente de posição, impellido por aquelle andar e desandar, e em pouco tempo estava á porta.

Cesario tinha-se ficado encostado ao balcão, e saboreava negligente o seu charuto.

Acabou-se finalmente a malaventurada carta.

—E por fim estou tão em jejum como estava d'antes; disse o ledor: não vejo em que nada d'isto tenha que ver conosco.

—Pois tira as peneiras, meu caro: disse Sousa Paiva.

E dando dois passos tomou a carta, e apontando para um ponto quasi no fundo, proseguiu:

—«Ou outro qualquer:» —vêem ali? E a quem de vós não serve? Quem ha ahí que não tenha namorado a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza Bibiana de Castro?

—Bravo!

—Apoiado!

—Nenhum.

—Eu.

Todos se voltaram para este último de resposta tão excentrica, cuja voz, de mais a mais, era extranha á reunião.

—De que se tracta? perguntou Pedro Pereira, que vinha entrando, quando disse aquelle eu.

—Olha, olha; lê isto que é modelo: disseram algumas vozes.

Peixoto deixou cair um volver de olhos sôbre a carta, e passou adiante, murmurando:

—Pobre d'ella! Em que esta gente desperdiça o seu tempo!

E caminhando a Cesario disse-lhe a meia voz:

—Sái d'aquí, que temos que falar.

—Já?

—Já sim. Foi uma indiscripção mostrares aquella carta: vê se a pôdes haver á mão. O crédito d'uma mulher não é coisa com que se brinque, e a carta já não diz pouco, para se poder prescindir dos commentarios d'estes senhores.

Tudo isto foi dicto n'um ai. Sousa Paiva dirigiu-se á roda, e estendeu a mão.

—Agora o cartel pertence-me de direito, como diz o sr. Patrocínio: venha elle.

—Nada: esta carta deve ser publicada. Vae logo para o *Tribuno*, que anda sempre esfomeado de artigos. É uma pechincha para elle.

—Ha de ser para os *Preludios*, disse outro: é jornal de rapazes, e é mais lido por mulheres. Que te parece, Peixoto?

—Que entreguem a carta a seu dono, e que se deixem de criancices.

—Pois vá, c'os diabos: mas é mal empregada em se perder.

Pedro Pereira sahiu acompanhado de Cesario.

—Para onde queres que vamos? perguntou este.

—Para qualquer parte, com tanto que possamos estar sós. Nem é necessario ir longe. Pas-seando aqui mesmo, podemos conversar. Preciso que me falles com toda a franqueza. De mim tenho tambem razões particulares para dar uma lição áquella mulher: mas de modo nenhum quero que mais tarde, succeda o que succeder, haja queixas de mim. Porisso sê franco. Senão tens força para entrar em campanha, se estás mais ou menos ligado a Luiza, desiste enquanto é tempo. A tua carta ainda aquí a tenho.

—Já te disse, e bem sabes por que; aquella mulher não me deve mais interesse do que um cento d'ellas, que vejo todos os dias.

—Mas tua familia queria absolutamente que tu cazasses com ella. Isso está desfeito?

—Completamente: só ella o não sabe.

—É muito a proposito. É o que queria saber. Vou fazer entregar esta carta, e tu não a desmintas. Não te esqueças do que lhe promettes.

—A que horas disse eu?

—Ás seis em ponto.

—E tu appareces tambem?

—Não. Hoje tenho de ir ao Club. Irei mais tarde. Amanhã, talvez.

Os dois separaram-se.

Pedro Pereira seguiu *Arco d'Almedina* acima, e Cesario tornou a entrar para a loja, onde a pobre Luiza se tinha visto parda e azul com dictos e dicterios da boa companhia.

Deixemos este, e vamos a ver se ainda alcançamos aquelle.

Eia depressa, que lá vae elle ao cimo de *Quebra-Costas*. Segue *Rua das Covas*, e vira para a de *S. João*.

Quasi ao cimo da rua entrou n'uma porta verde, e bateu as palmas.

—Quem está lá? perguntou do terceiro andar uma voz argentina.

—Está em casa o sr. Joaquim Antonio Ribeiro?

—Saiu agora mesmo n'este instantinho.

—Quando o poderei encontrar?

—Como isto agora são occasiões de festa, não lhe sei dizer. Ora vem mais tarde, ora mais cedo...

—Tem o incommodo de entregar-lhe este bilhete e um recado?

A proprietaria da voz veio abaixo.

Era uma criada toda sécia, mocetona de seus trinta, córada como uma romã, séria e grave como uma nympha de Diana.

— Ah! é v. s.<sup>a</sup> senhor Pereira! Queira desculpar, que o não conheci pela voz: disse ella descendo o ultimo lanço de escadas. V. s.<sup>a</sup> não quer subir?

— Estão lá as senhoras?

— Estão sim, meu senhor, e ellas estimarão muito vel-o, que ha tanto tempo por cá não veio. Até a senhora tinha perguntado se v. s.<sup>a</sup> estária doente.

Pedro Pereira não vinha provavelmente com tenção de subir. Reflectiu um momento, viu o relógio, o que n'elle era quasi um vicio, e resolveu-se. Tornou a metter o bilhete na carteira, e subiu.

As donas da casa eram, mãe e duas filhas, cada uma d'estas muito amavel, e todas tres receberam Pereira de modo a captivar qualquer homem, que não tivesse coração tão duro como este senhor.

— Ora graças a Deus, senhor Pedro, ditosos olhos que o vêem; disse a mãe comprimentando; euidei que nos tinha esquecido de todo.

— Essa agora, minha senhora! Pessoas como v.<sup>as</sup> ex.<sup>as</sup>, não se podem esquecer. Mil embarços que sempre me rodeiam tão sómente me tem impedido de gozar, como tanto quizera, o carinho e amizade com que v.<sup>as</sup> ex.<sup>as</sup> me penhoram. E como quasi todos os dias tenho noticia da boa saude de v.<sup>as</sup> ex.<sup>as</sup>...

— Isso não basta, isso não basta. Nós tambem gostámos de o ver em nossa casa. Ainda hontem estive a falar n'isso com o Joaquimsinho, e elle mesmo disse, que o extranhava ha tempo. Queira sentar-se, senhor Pedro.

As duas filhas não tinham ainda dicto nada. Corresponderam com um simples aceno de cabeça aos cumprimentos de Peixoto, e conservaram-se immoveis, esperando que a mãe fallasse.

Chamavam-se ambas Maria, e, para as não confundir, tractavam a mais nova pelo sobre-nome Amelia.

Na idade faziam pouca differença: na candura e bondade nenhuma.

Pedro Pereira era sinceramente amigo d'aquella casa, e porisso ia lá raras vezes. Em Coimbra, terra pequena, onde ha tendencia pronunciadissima para dar a factos os mais naturaes interpretações inviosadas, entendia elle que assim lhes fazia maior obsequio.

Ellas é que o não entendiam assim, porque julgavam o mundo pela sua simplicidade.

Pedro demorou-se alli quasi duas horas, que lhe pareceram dois minutos. E sempre lhe succedia o mesmo. Em alli chegando, que se visse rodeado d'aquella familia, era um encanto que não é dizer.

As duas horas ergueu-se. Joaquim ainda não tinha entrado.

Deixou-lhe recado que lhe fallasse n'esse dia infallivelmente.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

## UM AMOR DE ESTUDANTE

Continuado do n.º 5, tomo II.

### III

Depois d'essa revelação, que viera tão rapida acordar em mim um sentimento novo, mas ineffavel de ventura e prazer, principiou logo um martyrio pungente, longo e continuado, descontado apenas a principio por um sorriso curto, mas que minha alma comprehendia; por uma palavra só, mas que me fallava ao coração; por uma carta breve, mas eloquente e meiga.

Demais, era sempre uma lucta constante diante de todos e por tudo, para recalcar no coração esse sentimento, que anhelava por fazer transparecer no rosto, que me ufania por fazer conhecido do mundo inteiro.

Fugira-me a côr das faces, encovaram-se-me os olhos, desapparecêra-me o riso dos labios.

A par d'isto veio tambem a lembrança que era pobre. Se eu tivera um futuro?... Mas que futuro podia esperar?... Não era então uma loucura, não era uma infamia talvez, arrastar uma mulher, que amava, em um porvir de miseria e pobreza?...

E depois seria o seu amor tão forte para resistir a elle?... Não seria mesmo o encontrar em mim um pouco mais carinho do que nos outros, que lhe cegaria os olhos, que lhe illudiria o coração?... Amar-me-hia ella?... E eu... não teria eu mesmo sido fascinado por essa voz melodiosa e suppliciente, não teria eu mesmo confundido o grato sentimento da amizade e compaixão com o amor?...

Este incessante lutar, este incessante duvidar até de mim mesmo, roubava-me o socêgo. Alta noite divagava só e triste pelas ruas ermas da cidade; horas inteiras passava-as com as mãos enlaçadas, sustendo a fronte desfallecida a debater-me com os meus pensamentos. Meu somno era desassocegado e breve, meus sonhos eram máus e tristes. Aborrecia-me o estudo, aborrecia-me o mundo, aborrecia-me a vida, aborreciam-me até as queixas de meu pae pela falta das minhas cartas.

Amalia porém passava como indifferente ao meu soffrer; a mesma alegria não lhe fugia dos labios, a mesma confiança não lhe desertava do coração.

Um dia disse-me ella:

— Alberto, como me sinto feliz de ter sacrificado um futuro brilhante pelo teu amor?

— Tu...

— Sim, eu. Não sabes?... Havia um rapaz brasileiro muito rico, e que gostava muito de mim; um d'estes dias supplicou-me, que lhe deixasse pedir a minha mão a meus paes. Parece que o homem tinha mais de duzentos contos...

— E elle pediu-te isso?

—Pedi, sim; mas eu recusei, Alberto.

—Fizes-te mal, Amalia.

—Pois dizes-me, que fiz mal?... tu...

—Digo, sim. Sabes se terás sempre a força, de me não lançares em rosto esse sacrificio? Sabes se me amarás a tal ponto, e quizes-te-me fazer pezar com essa responsabilidade?...

Calou-se, mas aquella confidencia fez-me mal. Como lhe fallára o tal brasileiro? E seria isso verdade?...

Nasceu-me então mais uma dor no coração. Quiz acreditar n'aquelle sacrificio, mas quizera-o mudo.

Depois d'isto, como eu cada vez parecia mais carregado e triste, principiaram mil queixumes, mil caprichos d'Amalia. Um dia não me fallava, porque me vira olhando para certa mulher; outro dia desculpava-se de que M... lhe fazia a corte, mas protestava, que jámais seria correspondido; outro invocava as minhas juras e os seus sacrificios, e queixava-se da minha tristeza.

Este contínuo arrufar, que terminava sempre pelo seu arrependimento e súplicas para que a não deixasse de amar, martyrisava-me e martyrisava o meu amor.

Tinham chegado as férias; fiz os meus exames; despedi-me d'ella e retirei-me para Leiria. Deixei-lhe uma carta, em que lhe dizia:—Pensa, mede bem os teus sentimentos; não tractes de te prender, não procures euganar-te. Nós somos duas crianças ainda. Tu não és rica e eu sou pobre. Demais devo a meu pae o seu último arrimo para a velhice, e a poder dispor de mim, nunca receberei a mão d'uma mulher, senão tendo a certeza de lhe poder assegurar um futuro; isso se algum dia o poder fazer, só tarde poderá ser. E poderás, queres tu esperar? Queres ainda fazer-me sacrificios eguaes, aos que já me confessaste?

Parti. Durante as férias recebi apenas duas cartas d'Amalia. Vinham ambas cheias de queixumes. Em ambas me dizia, que não tinha gosto para cousa alguma, que não vivia senão para mim. Que, para ver se acharia alguma distracção ao seu desgosto, tinha frequentado passeios, bailes e theatro, mas que para toda a parte a acompanhava a mesma magua, a tudo a seguia a mesma dôr.

Fez-me ainda mal a confissão d'aquelle soffrimento, que tenta esquecer-se em passeios, abafar-se em bailes, abrandar-se em theatros.

Quando chegou outubro d'este anno voltei para Lisboa, e decidi fazer morrer n'ella aquella amor, que não acreditava muito real. Para isso tractei-a cordealmente, mas não lhe dei uma palavra do passado.

Escreveu-me uma carta cheia de amarguras e recriminações: não lhe respondi. Poude um dia chegar á porta do meu quarto, abril-a mansamente; mas fingi que a não via, que a não ouvia, e deixei-me ficar na mesma posição, lendo um livro. Commetti indignidades, grosserias e bai-

xesas. Deixei até um dia no meu quarto uma carta e um retracto d'outra mulher...

A cada uma d'estas baixesas, que eu praticava, seguiam-se oito, dez dias, em que me não falava, e parecia até irritada; por fim o seu orgulho cedia, o seu amor proprio aniquilava-se, e vinha humilhar-se ante mim, pedindo com o rosto banhado em lagrimas, com as mãos erguidas, com a voz trémula, perdão e amor.

Que poderia, que deveria eu fazer? Desprezar uma mulher, que se roja a nossos pés?!... Oh! não o pude...

Cansado já d'aquelle lucta comigo mesmo e com os meus sentimentos, lucta, que eu era o proprio a alcunhar de baixa e vil, e a envergonhar-me d'ella, repeti-lhe um dia toda a historia do nosso amor, que ella bem devia saber, repeti-lhe como tudo tinha principiado, como tudo tinha vivido oito mezes, disse-lhe por fim as circumstancias, em que me achava, e perguntei-lhe de novo se queria, se podia esperar. Respondeu-me ebria de prazer e alegria, que esperaria.

Continuou depois o mesmo ar de indifferentismo para mim e para todos, o mesmo esmero e cuidado de *toilette*, o mesmo gosto de passeios, a mesma predilecção pela janella, a mesma paixão e loucura pelos bailes. Mas a par d'isto quasi não passava uma semana, em que me não fizesse uma scena desagradavel de arrufos e amuos.

Assim tem sido a minha vida ha mezes; dura dois, tres dias o seu agastamento, depois lá vem humilhar-se ainda uma vez e pedir-me o mesmo, sempre perdão e amor.

Isto tem-me consumido, isto tem-me martyrisado, isto ha de matar-me.

Depois, a facilidade de Amalia em encobrir diante dos pais e de todos os seus sentimentos, em se fingir e compor, quando surprehendida a entregar-me uma carta ou dar-me um dos seus furtivos apertos de mão, encomoda-me, irrita-me, faz-me mal. Que pressa, que destreza em simular sentimentos oppostos, que presteza em illudir, em representar, o que não sente?!...

Hontem quando assim me surprehendeste no campo de Sant'Anna, foi por mais uma scena desagradavel, que tive com Amalia.

Deixára no meu quarto um retrato em miniatura da minha pobre mãe. Quando voltei para casa não o vi; procurei-o e fui encontrá-lo a um canto esfarrapado, mordido e calcado aos pés. Adivinhei logo que fôra o ciume de Amalia julgando-o retrato d'uma outra mulher. Mas aquillo era em ultrage feito á memoria de minha sancta mãe; não fui superior a elle. Quando não fosse o retrato d'ella, aquella acção tinha ainda sido mesquinha e vil. Lancei mão da penna e louco, exaltado, ardendo em febre, verti sôbre o papel tudo, o que póde conter de fel um coração, triturado pelo soffrimento, impregnado de amargura e repassado mesmo de odio. Odiava-a então... Desci a invectivas, teci injurias e compuz ameaças. Terminava dizendo, que, para descanso meu,

para cumprir á necessidade de ter uma satisfação d'aquelle insulto, lhe exigia, me pedisse por escripto perdão, do que fizera; depois, que me esquecesse, em quanto eu trabalharia por a esquecer tambem; esforçar-me-hia por a não odiar e poderia talvez perdoar-lhe um dia.

Hontem mesmo antes de vir para a aula entreguei-lhe esta carta.

Poderás tu comprehender o que ella produziu, esta carta tão cheia de fel, tão cheia de recriminações, tão cheia de ameaças, tão cheia até de injúrias?... Poderás tu acreditar-o, amigo?...

Amalia áo recebel-a, a despeito de tudo, entrou pelo meu quarto dentro, caiu-me aos pés, regou-me as mãos de lagrimas, abraçou-me os joelhos e exclamou:

—Perdão, Alberto, perdão, que não sabia o que fazia... Morrerei a teus pés mas alcançarei o teu perdão... Perdôa-me, Alberto, não me desprezes, por piedade... não me queiras matar...

Que devia fazer?... ergui-a nos braços e perdoei-lhe.

Eis o martyrio, que passo; eis o tormento, que me consome, eis a vida, que vivo! Sempre estas alternativas entre a crença e a dúvida; sempre esta prizão do coração; sempre este embate de sentimentos oppostos; sempre esta agonia da alma!...

Oh! que vida, meu Deus... que vida!...

Fiquei mudo diante d'aquelle dor; não achei uma palavra de consolação para aquelle desgraçado.

Alberto permanecia com os olhos fitos no chão; parece que um tremor convulso lhe contrahia os musculos, uma tosse sêcca lhe abalava o corpo e nas suas feições, pallidas e desbotadas, se lhe pintava o combate interno das paixões.

Tinha anoitecido: Alberto permanecia no mesmo estado de mudez e insensibilidade, e eu ainda não tinha achado uma palavra para o arrancar d'aquelle torpor. Por fim travei-lhe do braço, segui-me sem resistencia, caminhou sem consciencia mesmo do que fazia, entrámos em sua casa, sentou-se ou antes deixou-se cair sôbre o leito e escondeu a fronte nas duas mãos. Chorava.

—Alberto, lhe disse eu, tambem com lagrimas na voz. Sê homem; não te queiras matar. Vive para teu pae. Confia na minha amizade. Olha, que Deus pôde muito, Alberto... Alimenta no coração um raio de esperança, e não descreias do futuro...

N'este momento uma voz alegre cantava dentro uma *romanza* italiana, acompanhada a piano. Alberto ao ouvil-a, deu um pulo na cama, passou a mão pela testa e exclamou:

—Olha amigo; ouves?... É ella... é ella, que canta, e eu, que choro!... Que amor é o seu, que não vê o meu soffrimento, que não vê que me mato... Ai! pobre de mim...

Não achei nada que lhe responder; apertei-lhe convulsivamente a mão e sahi contristado e opprimido.

(Continda) A. F. DE LOUREIRO

## SERÁ COMO O FUMO?...

Como o fumo, que além sobe pausado

Ao céu,

Repara, anjo adorado,

Ora argentea columna simulando,

Ora espalhando

No ar

A tremular

Seus turbilhões e espiras engraçadas,

Brandas, alvãs, serenas, prateadas...

Repara, anjo adorado,

Como o fumo, que além sobe pausado

Ao céu,

Assim o meu amor por ti no peito,

Por teus encantos mil preso e sugeito,

Nasceu.

E vês o brando ventô ora nascido

Soprar?

Repara, anjo querido,

O pobre fumo além, todo arrastado,

O malfadado,

Do céu

Elle varreu;

Suas bellas espiras desatadas.

Lá vão todas desfeitas e levadas!...

Repara, anjo querido,

Se vês o brando vento ora nascido

Soprar,

Assim o meu amor pôde algum dia,

Por teu desdem trocado em agonia,

Findar!...

Dezembro de 1859

A. F. DE LOUREIRO

## NO PENEDO DA SAUDADE

Ao meu amigo Francisco Estanislau Junior

No penedo da saudade  
Um triste se veja só.

J. DE L.

Surgiu aurora encantada

E da linda côr cercada,

Que a natureza lhe deu,

Surgiu das trevas agora

E nos trouxe linda ess'hora

Tão saudosa á terra e céu.

Eu vou só co'o meu desejo

Sorver das brisas um beijo,

No logar da liberdade;

Vou pedir esquecimento

Do meu passado tormento

Ao *Penedo da Saudade*.

Oh! que belleza não tem

Aquelle outeiro d'além,

Terra e céus a perfumar?!...  
E como mánso murmura  
Por entre verde espessura  
O Mondego de crystal?!...

O prado todo coberto  
Ao longe, ao longe... mais perto  
De lrangeiras em flôr,  
Faz nascer um pensamento  
D'alegria... e o desalento  
Faz calar o trovador.

Oh! foi alli que El-Rei Pedro  
Suas maguas em segredo  
Veio n'outr'ora cantar,  
E em troca d'amarguras,  
Que alli soffreu... e doçuras,  
Quiz-lhe — *Saudade* — chamar.

Magico nome — *Saudade!*  
Casado co'a liberdade,  
Que meigo nome não é!  
Oh! nome tão só d'encanto!  
Oh! nome que eu amô tanto,  
Que no coração se lê!

Oh! quem, na tristeza immerso,  
Se lembrar inda do berço,  
Do tempo do seu nascer,  
No *Penedo da Saudade*  
Contará á immensidade  
As máguas do seu soffrer.

Coimbra, 8 de Janeiro de 1860

JOSÉ AUGUSTO GUEDES TEIXEIRA

A...

É minha dita amar-te...  
EUGENIO DE BARROS

— Que te diz a natureza,  
A despedir-se saudosa  
Já do dia?  
Quando a noite é mais formosa  
E o luar tem mais belleza?

— Poesia...

— Que te diz esse profundo  
Brilhar trémulo d'estrellas  
Lá nos céus?  
E, ao vel-as assim tão bellas,  
Em que te fala esse mundo?

— Fala em Deus...

— E este olhar, em que chóra  
A tristeza, e tem da estrella  
O fulgor?

Não sabes? córaste agora...  
Pois eu t'o digo, donzella;  
Diz-te Amor!...

ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL

DESEJOS

Si ton cœur n'aime déjà  
Sois moins fier, moins sevre,  
Car bientôt ton tour viendra.

Mal haja esse instante fatal e primeiro,  
Que a luz dos teus olhos a esta alma sorriu!  
Mal haja a ventura só vista nos sonhos,  
Que um peito d'amante de lucto cobriu!

Mal hajam instantes risonhos, que tive,  
Delicias sonhando d'eternos amores,  
Mal hajam caricias tão falsas, fingidas  
Que só me trouxeram martyrios e dôres!

Agora qual foste!... jámais te não vejo!...  
Teus meigos sorrisos p'ra mim já não são!  
A fonte das graças seccou-se em teu peito:  
Só trevas me enlutam o meu coração!...

Fingidos protectos no mundo só vejo!  
Mentiste mulher! que não foste leal!  
Folgaste! sorriste! d'altivo prazer  
Cravando em meu peito buido punhal!

Mulher! se tu querias minh'alma perdida!...  
Se foi teu intento fazer-me penar!  
Agora, completos que vês teus desejos,  
Bem podes teus hymnos de gloria cantar.

Guarda, 20 de Janeiro de 1860

.... c.

## EXPEDIENTE

Esperámos da bondade dos sr.<sup>s</sup> assignantes o pagamento do preço de suas assignaturas — até o fim do corrente mez de Fevereiro. Os pagamentos podem ser feitos a nossos commissarios; e, onde os não houver, directamente a esta redacção, por meio de vales do correio ou de estampilhas.

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.<sup>a</sup>, livraria central do Sr. Melquiades & C.<sup>a</sup>, rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

### Preços

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$480
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420

Por mez — 120 réis  
Avulso — 40 réis.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do número 6, tomo II.

VI

Occupar-nos-hemos agora da parte das suas poesias, que Zorrilla intitulou — *Cantos del Trovador*.

N'esta parte reuné o nosso auctor algumas lendas, contos singellos, com que pretende imitar as narrações agradaveis dos antigos trovadares.

Na introdução a esta parte, diz-nos elle qual a intenção que presidiu á feitura d'estas peças; e fóra a de fazer passar algumas horas das longas noites de inverno. E na verdade, que cousa mais agradável haverá, do que ouvir algumas lendas curiosas, sentados diante d'uma boa lareira, enquanto o vento ruge fóra, e a chuva cáe a torrentes? Nenhum de nós se recorda sem saudades das noutes que assim passou, ao ouvir as historias de trasgos, e duendes, que as nossas velhas amas nos contam. Hoje na cidade desprezam-se essas noutes; passaram de moda. Em seu lugar ouvimos nós botequins as insulsas e parvoas conversas dos leões da moda, e dos dilletanti. Será preferivel a substituição? Parece-me que leio a negativa nos olhos dos meus estimaveis leitores, se é que os tenho. Mas longe de mim condemnar as noutes passadas a ouvir as ternas harmonias de Bellini, ou as sublimes inspirações de Haydn, ou as noutes gozadas n'um baile animado, frenetico, doudejante— não; o que lamento é que passassem de moda essas francas e leas conversas portuguezas, para lhes substituir-mos o *tour d'esprit*, e... *calembourg!* eis o que condemnámos, mais nada.

É o mesmo Zorrilla, que condemna esse *spleen*, que parece reinar entre a sociedade moderna. Ouvide-o

Hoy al fuego de un tronco nos sentamos  
En torno de la antigua chimenea  
Y acaso la ancha sombra recordamos  
De aquel tizon que á nuestros piés huméa!

Assim é nobre a intenção de Zorrilla. É a condemnação á morte do *spleen*.

Dizer que Zorrilla cumpriu o que tinha pro-

Março—1860

mettido, dizer que são bellissimas essas lendas, é uma superfluidade; muito mais depois das segundas palavras d'um critico—«Nos *Cantos del Trovador*, campeia o engenho de Zorrilla com uma liberdade e galhardia que enamora; alli está a sua alma, a sua vida, a sua intelligencia, e todas as faculdades que o adornam. Seria baldado o elogio que se fizesse d'estas poesias, sem nos estendermos em copiar muitas de suas partes.»

Para este torneio contra o spleen faz elle o seguinte embate

Los que vivis de alcazares señores,  
Venid, yo halagaré vuestra pereza;  
Niñas hermosas que moris de amores,  
Venid, yo encantaré vuestra belleza,  
Viejos, que idolatrais vuestros mayores,  
Venid, yo os contaré vuestra grandeza,  
Venid, á oír en doces armonias  
Las sabrosas historias de otros días!

E nós, leitor, vamos tambem ouvir as trovas do nosso auctor.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

## UM AMOR DE ESTUDANTE

(conclusão)

IV

Passaram-se dias e dias. Alberto continuava sempre presa da mesma agonia intima, que lhe cavava a morte no coração. Fugia de todos, não frequentava as aulas, as faces enrugavam-se-lhe mais, os olhos encovavam-se-lhe, definhava de momento para momento.

Um dia encontrei-o com o olhar ardente mas fixo; caminhava como absorto nos seus pensamentos; não me viu, não me fallou. Aquelle ar assustou-me. Corri para elle e gritei-lhe:

—Alberto, não me vês, não me fallas, não conheces o teu amigo?...

Parou; fixou-me com o mesmo olhar inalteravel e vago, depois pareceu conhecer-me. Um imperceptivel sorriso lhe encrespou os labios, e com voz sumida e queixosa murmurou:

—Perdôa, amigo... perdôa... tinha-te tambem esquecido... Se eu via-me tão só... tão desgraçado!

— Mas que novo tormento criaste mais para soffrer? Ha muito tempo que não te vejo; por onde tens andado?

— E sei-o eu?... Olha; ha tres dias que divago sem destino por esse deserto de Lisboa; ha tres dias que tenho andado como perdido, que me tenho sustentado da luz do sol, acalentado do frio da route...

— Mas tua familia... Amalia...

— Não sei. Saio d'aquella casa. Passei do centro d'uma familia para o isolamento no meio d'uma população de milhares de pessoas. Oh! meu Deus, e não morri... Olha, ha tres dias acordei eu, ouvindo a voz afflictiva de Amalia. Chorava e pediã um convento. Parece que se tinha descoberto o nosso amor... Saí do meu quarto. Meus thios não me appareceram, mas entrevi Amalia com as faces desmaiadas, os cabellos dispersos, os olhos embaçados de lagrimas. Parecia um cadaver... Suas irmãs fugiam-me. Respirava tudo um ar de consternamento, que me gelou o coração. Saí, deixando dicto, que não podia, que não queria servir de desintelligencias em uma casa, aonde tinha sido acolhido quasi como um pobre, a quem se dá uma esmola... Desde então divaguei perdido e louco pelas ruas da cidade; quiz abafar no esquecimento do vinho a dor, que me consumia, mas não o pude; quiz adormecer pela fome e fraqueza do corpo esta agonia da alma, mas o espirito sobreviveu a tudo; quiz por fim arremessar-me ás ondas impetuosas do Tejo, mas lembrei-me de meu pae e vivi... Hoje recebi esta carta d'elle; lê.

E Alberto entregava-me uma carta ainda humedecida de lagrimas.

Dizia ella assim:

«Meu filho— Deus infinitamente grande e bom, mas incomprehensivel nos seus sanctos mysterios, não me quiz deixar morrer com a felicidade de me poder revêr e ufanar contigo. Meus cabellos enbraqueceram pelos soffrimentos, minhas faces cavaram-se pelas privações, mas no meio d'este horizonte de desventura scintillava uma luz meiga e terna, que me fazia ainda crer na vida.

Eras tu.

Essa estrella de esperanza, que me animava, foi offuscada. Esse derradeiro elle, que me prendia á vida, foi despedaçado.

Tu esquecêste o trilho da honra, que devias seguir; esquecêste, o que de mais sancto tinhas no mundo, a memoria de tua mãe!...

Fôste manchal-a Alberto, fôste ultrajal-a semeando a desordem no seio d'uma familia, que te acolhêra como um pobre, mas que te acolhêra como um filho.

D'ora avante envergonhar-me-hei por ti.

Poucos dias posso já viver; em breve irei juntar-me no céu a essa martyr, que me espera, e, que teve a felicidade de não ver seu filho expulso d'uma casa honrada.

Sei tudo Alberto. Não procures justificar-te... Vive, se o remorso da morte, que vaes dar-me, te deixar viver.

Vive, mas não procures mais ver-me. Sabe apenas, que eu morrerei tractando de te esquecer, mas nunca de te amaldiçoar. Este amor é superior ao dever!... Deus se amerceie de ti, e me perdoe. Adeus...

Manuel de Castro.»

Fiquei aniquilado com a leitura d'aquella carta, nascida talvez de intriga tecida ao pobre velho. Olhei para Alberto. Fitava-me com olhar de anciedade e susto.

— Lêste? me perguntou elle.

— Li.

— E não me despresas por ter ainda coragem de viver?

— Não. Quero até que vivas, quero que te justifiques, quero que voltes para casa de teus thios, quero que dês vida a teu pobre pae. Dize, não respondêste a esta carta?

— Não.

— E não lhe tinhas dicto que saias de casa de teus thios? ..

— Tinha-lhe apenas escripto, que saia d'aquella casa por motivos fortes e justos, e que pedia perdão a meu pae de lh'os occultar, mas que seu filho não se envergonharia nunca da sua vida, nem envergonharia jámais seu pae.

— E só isso?

— Só.

Já se vê, que tinha havido intriga, que cegára o pobre Manuel de Castro.

Levei Alberto para minha casa; tractei-o como amigo, mas o seu estado continuava assustador. Terminaria por a loucura ou suicidio?

Obriguei-o a escrever ao pae, contando-lhe tudo o que tinha havido. A carta voltou no correio immediato, mas fechada como fôra.

Alberto continuava a definhar-se; aquella vida era uma não interrompida tortura! Não estudava, não lia, não saía até. Perdêra por fim o anno.

Ao saber esta noticia, Alberto não deu uma palavra. Carregaram-se-lhe mais as sobrancelhas, contraíram-se-lhe mais os labios, mas não se queixou. Saí e não o pude descobrir pelo espaço de tres dias. Ao quarto recebi este bilhete.

«Amigo.— Perdôas-me de não me ter despedido de ti quando vaes talvez ser eterna a nossa separação?

Acho-me a bordo da fragata D. Fernando. Quando receberes este bilhete, já irei longe; a fragata terá de ha muito levantado ferro. Do general e do Ministro alcancei passar para o exercito de Moçambique.

Que importa viver aqui ou alem, se aonde quer que vegete, arrastarei sempre comigo estas duas ideias— não tenho pae— não tenho amante!?

Adeus, amigo, adeus... agradeço-te tudo e peço-te só que faças chegar essas duas cartas a meu pae e a Amalia, se vires, que não são ainda um crime essas mesmas cartas.

Teu do coração

Alberto.»

As duas cartas d'Alberto eram as seguintes:

«Meu pae.—O filho, que fez um dia envergonhar seu pae, devia ter a coragem de se matar. Fui tambem cobarde... Juntei a cobardia ao crime.

Não me verá porém mais; não irei manchar com a minha presença vil as suas cans honradas; não irei juntar o insulto ao soffrimento; arrastarei comigo e bem longe a sorte, que me esperava no mundo.

Não o crimino de ter ouvido mais a voz d'uma queixa do que a do coração; não procuro justificar-me tambem; mas não posso deixar de o amar.

Viva, viva, meu pae... não me queira deixar o remorso de o matar. Bem me basta o das lagrimas, que o terei feito chorar.

Viva e esqueça-me... muito embora, para satisfazer á sociedade ingrata, seja preciso aniquillar, o que ha de mais sancto e mais puro no coração do homem, o amor de pae.

Viva e esqueça-me, mas não me amaldiçoê.

Esqueça-me embora, que a sua lembrança viverá em mim, eterna como a de Deus, pura como a imagem d'esse mesmo Deus.

Esqueça-me para sempre, que eu jámais olvidarei, que sou seu filho.

Alberto.»

A outra carta para Amalia dizia assim:

«Amalia.—Embarquei hontem na fragata D. Fernando... Vou para Moçambique; vou partir; vou deixar-te, que te não posso fazer feliz...

Vou morrer longe de ti, só com as minhas saudades, só com a minha dor.

Julguei, que não te amava tanto, Amalia. Como esta partida me custa e comtudo é inevitavel!

Tu, Amalia, vaes ficar tambem sem ter, com quem repartas a tua desventura, quem enxugue os teus prantos, ouça os teus queixumes e te dê coragem e esperança...

Oh! mas tu... perdôa de assim t'o dizer, tu viverás, tu serás feliz ainda...

Eu... eu sinto-me velho; parece que sinto até embranqueçerem-me os cabellos...

Bem o sei; é a morte, que me espera alem, mas a morte lenta de cada dia, a morte do esmagar continuo do coração, a morte demorada e negra d'uma agonia intima e dolorosa. Mas tu, Amalia, vive; vive para teus paes, como eu viveria se ainda tivesse pae; vive para o mundo, como eu viveria, para elle se o mundo me não tivesse envenenado e dilacerado a esperança.

Esquece-me, Amalia; esquece-me como uma sombra triste d'um dos teus sonhos innocentes.

Deus não quiz tornar venturoso o meu primeiro amor; Deus não quiz tornar-me ligeira e doce a minha peregrinação n'este valle de lagrimas do mundo. Paciencia. Era este o meu destino...

Perdôa só o ter alguma vez duvidado de ti; perdôa o ter-te feito soffrir; perdôa... e deixa-me crer puro esse amor, tão puro como nós meus sonhos bons o queria acreditar.

Preciso agora de ter esta crença para não mor-

rer com a dúvida, com a desconfiança, que ameaça de estalar-me o coração.

Adeus, Amalia... Sê feliz, é o último pedido d'um muribundo já, que, no seu derradeiro adeus ao mundo, te quer ver sorrindo do meio da tua felicidade, para não levar para o tumulo o remorso de mais uma desventura causada por elle.

Adeus, Amalia... Adeus mil vezes.

Alberto.»

No dia seguinte ao do embarque de Alberto tractei de fazer cumprir as suas ultimas vontades.

Fiz entregar a carta d'elle para o pae e quiz eu mesmo ser o portador da outra.

Procurei pois D. Caetana de Menezes para ver se acharia logar de entregar á filha a carta de Alberto. Entrei para a sala. Apareceu-me D. Caetana e duas filhas. Uma era Amalia.

Tinha passado apenas um dia depois da partida do primo. Estava elegantemente vestida; a sua physionomia era alegre e risonha; nem uma leve dóbra, nem um leve indicio d'uma dor occulta transparecia n'aquelle rosto juvenil e meigo. Em contraposição áquella falta, seu cabello estava primorosamente toucado e enfeitado, seu *toilette* na última moda, e não lhe faltava recurso algum da arte, que ajudasse a natureza a brilhar.

Fez-me aquillo impressão, mas quiz ainda levar mais avante o meu estudo antes de aventurar um juizo.

Fingi, que não sabia ter Alberto saído de casa de seus thios á perto d'um mez e perguntei a D. Caetana.

—E o sr. Alberto, como passa?... não está em casa?

—Nada. Foi para férias á quasi um mez. v. s.<sup>a</sup> não o sabia e era seu amigo!

—É verdade, minha senhora; era seu amigo e do coração... até a essa amizade é que eu devo a honra do conhecimento de v. ex.<sup>a</sup>; ignorava porém a sua partida... Se elle era um esquecido!... Mas agora não é tempo de férias, tarde vem ainda infelizmente...

—Lá isso não sei; o que é certo, é que Alberto é o modelo das virtudes, mas aquelle seu genio triste e melancolico hade matal-o. Ama loucamente o pae; este tem estado doente e então talvez elle arranjasse licença para o ir visitar.

Vi que mentiam e quieram encobrir a saída de Alberto. Disfarcei; e, mudando de conversa, perguntei para Amalia:

—E v. ex.<sup>a</sup> tem-se divertido muito?

—Eu, não; sempre os mesmos passeios. sempre os mesmos theatros, sempre o mesmo... isto tambem enfada.

—É verdade, minha sr.<sup>a</sup>; a monotonia nos prazeres enfada mesmo mais do que a monotonia nos soffrimentos... E depois a bella estação dos bailés está quasi passada...

—Ainda não, felizmente—me tornou ella. Amanhã é o baile do conde de... qué ainda é nosso parente, não é verdade, mamã?... O papá já me prometteu de me levar lá. Hontem fui escolher um *toilette* de baile, mas fiquei indecisa sôbre a escôlha da côr das flores para o enfeite da cabeça. Havia duas grinaldas muito bonitas na Elisa, uma branca, outra côr de rosa...

—Não, minha sr.<sup>a</sup>, v. ex.<sup>a</sup> não deve hesitar, na escolha deve optar já pela branca. É a côr da candura, da innocencia...

Pedi-lhe depois, que tocasse alguma cousa; queria ver se ao piano acharia ensejo de lhe entregar a carta de Alberto. Amalia sentou-se ao piano e lançou mão da primeira muzica; era um *potpourri* das *Vesperas*; depois de o tocar disse-me com um ar indifferente.

—Como v. s.<sup>a</sup> é amigo d'Alberto sempre lhe quero tocar a muzica favorita d'elle; é a última walsa de Weber. Sei-a quasi de côr, mas confesso, que não é por gôsto... é uma muzica tão triste, tão insípida...

—Não admire v. ex.<sup>a</sup>; Alberto sempre teve máu gôsto: peço até a v.<sup>a</sup> ex.<sup>a</sup> que a não toque... e fingindo querer tirar-lhe a muzica da estante, cheguei-me ao pé e deixando escorregar a carta, disse-lhe baixo —é de Alberto.

Olhou-me com admiracão, fez-se levemente córada, deixou-lhe cair o lenço em cima com todo o disfarce, escondeu-a e principiou tocando a primeira muzica que lhe lembrou... Era uma walsa alegre e brilhante.

Conversámos ainda e passado um momento saí. Tinha-me feito mal a maneira por que encontrára Amalia; arrependi-me até de lhe ter entregado a carta. Pobre Alberto, era por uma mulher assim, que ella se matava...

No outro dia alcancei ser apresentado no baile do conde de... Queria ver se apesar da carta de Alberto lá encontrára Amalia. De facto ás 10 horas da noite, appareceu ella brilhante de felicidade, deslumbrante de formosura e elegante de vestuario. Cheguei-me a ella e perguntei-lhe em voz baixa se lera a carta de seu primo. Respondeu-me assim com um ar indizível de compaixão e ao mesmo tempo de enfado.

—Li, sim... Coitado, aquelle rapaz tem as ideias mais extravagantes... Sae de nossa casa sem que nem para que, e vae agora embarcar para Moçambique, que lembrança!... Eu era realmente muito amiga d'elle; não sei como tenho podido suportar a sua partida...

—Ora imagino perfeitamente quanto v. ex.<sup>a</sup> terá soffrido... interrompi eu, sorrindo imperceptivelmente. Mas Alberto pôde ser que volte; elle não diz nada a v. ex.<sup>a</sup>?

—Não, mas duvido; e comtudo seria bem feliz de o tornar a ver! Mas aquillo era um rapaz exquisito; ora diga-me v. s.<sup>a</sup>, comprehende-se um homem, que aborreça como elle os bailes e a dança?...

—É realmente incomprehensivel!... Mas a mu-

zica chama os dançantes. v. ex.<sup>a</sup> dá-me a honra d'uma walsa?...

—Com muito gôsto.

Dancei aquella walsa e Amalia nunca mais me falou de Alberto. Acabada ella sai com o coração opprimido: Amaldiçoei aquella mulher e não quiz mais saber d'ella.

Continuaram as minhas aulas; principiou o anno lectivo de 57 a 58 e não tornei a ter noticias de Alberto. Pesava-me aquelle silencio e bastantes vezes recordava aquelle pobre amigo, que tivera a infelicidade de encontrar no seu primeiro amor uma mulher, que lhe dera em terra com o seu futuro, que o levára até ao suicidio lento e irremediavel, e que lhe cortára uma a uma as fibras d'aquelle coração, que a não comprehendera, e morreria martyr expiando esse engano.

Procurei saber do pae de Alberto e tive a noticia da morte do pobre velho tres mezes depois da partida do filho. De Amalia não procurei mais saber; parece-me até que a tinha esquecido.

Estava-mos já no fim de 1858, quando, entrando em minha casa, encontrei o meu criado, mirando, revendo e revolvendo nas mãos uma pequena carta, pasmado de que o correio tivesse a ousadia de pedir de porte 180 réis. Lancei mão d'ella e vi a marca —Moçambique.

Senti apertar-se-me o coração com a lembrança de Alberto. As mãos tremiam-me, fugia-me até a vista dos olhos. Abri-a. Era effectivamente d'elle Eis o que me escrevia.

«Meu amigo.—Quando receberes esta carta já eu não existirei. É pois com um pé na sepultura, é sentindo já o frio da morte a enregelar-me o coração e a mortalha do sepulchro a involver-me os membros, que me levanto ainda, para te dizer d'esta extremidade do mundo, a que o destino me arrojou, um eterno adeus.

Vou morrer; vou chegar por fim ao momento desejado, em que o corpo vae tornar para o pó d'onde saíu, e o espirito subirá livre na amplidão do espaço até ao paiz do descanso eterno... Vou alfim deixar esta coroa de martyrio, que me cingiu em vida; vou repousar; vou ser feliz... vou encontrar minha sancta mãe; vou alcançar talvez o perdão de meu pae... Pobre velho!... uma attracção indizível me chama e diz, que o vou encontrar tambem no paiz da infinda gloria... A sua alma espera-me no céu; seu corpo já deve de ter dado aos vermes a parte da herança de materia, que lhe retinha...

No adeus extremo d'este mundo morro sócego, porque duas imagens puras me acompanharão além da campa; uma severa, mas fiel, triste, mas resignada; é a tua, amigo... outra risonha, amada e doce; é a de Amalia.

Oh! como é bom largar este involucro de misérias para quem viveu vida regada de lagrimas e tecida de infortunios!... Como a morte se aproxima serena e bella para quem a comprou por sacrificios sem conto, por infinita e amargosa expiação!...

— Amalia... serás tu feliz?... Has de sel-o. Deus deve de ter ouvido os meus rogos.

Lá do céu vigiarei por ti... tens de mais um anjo, a quem te encomendei... é minha mãe.

Adeus, amigo... vou morrer... adeus para sempre.

Foge-me a força, sinto na cabeça um fogo, que me devora, e no coração o gelado frio das garras da morte... Oh! mas o espirito vive... vive, para, velez como o pensamento, transpor milhares de leguas e ver-te com as lagrimas nos olhos a lembrares-te do pobre Alberto... Vive, para ver esse anjo, que adorei no mundo, a seguir-me no outro com um sentimento doce de saudade...

Entre a vida e a morte, o espirito é dotado ainda de providencia ao aproximar-se de Deus... elle prevê, que os dois entes, que me poderiam ainda prender na terra, vivem na felicidade, que eu não pude, que não poderia já mais dar-lhes...

Adeus pois, e bemdicta a Providencia, que vae arrancar da terra mais um desgraçado para deixar felizes duas creaturas, cujas imagens me acompanharão até aos pés de Deus... coragem e... adeus Amalia... adeus amigo.

Alberto.»

Ao acabar de ler essa carta, a vista era-me completamente embargada pelas lagrimas.

Fóra de mim, como mergulhado em um sonho incomparavel de amargura, sem consciencia do que fazia, sai com ella convulsamente apertada na mão.

Não sei por onde andei, o que vi, o que fiz, nem por quanto tempo divaguei, louco e perdido n'aquella dor, que me absorvia todas as faculdades.

No meio d'esse meu passeio sem fim nem destino, conheci que era noite de ha muito.

Achava-me perto de S.<sup>ta</sup> Izabel e em um largo, que me pareceu estranho. Na minha frente vi um palacete brilhantemente illuminado. Os sons d'uma orchestra arrebatadora e doudejante vieram ferir-me os ouvidos. Chegava n'esse momento a essa casa um caleche trazido a galope. Parou. Vi apparem-se dois militares de grande uniforme.

Ao passarem por mim:

— Oh! tu por aqui, gritou um d'elles; tambem vens ao baile?

— Eram P. e A., dois condiscipulos meus.

— Baile!... perguntei eu, desmemoriado e como despertando d'um pesadelo horrivel, baile?!... que baile?

— Sim; baile. Casou hoje o filho do Visconde de... d'um ratão, que tem uma grande fortuna, que parece não é devida aos interesses d'uma merecaria, em que ainda ha bem poucos annos pesava arroz e bacalhau. É um titular de nova data. Pergaminhos mais solidos... são amarellos...

— Mas elle casou...

— Sim, casou o filho com uma tal D. Amalia de Menezes.

— Amalia... exclamei eu com um apêto de coração, uma ancia, que me despedaçava.

— Sim, Amalia de Menezes. Conheces?

— Não... não conheço...

— Oh! admira. Ella era prima d'aquelle magico, aquelle Alberto de Castro... não te lembras?... aquelle teu amigo...

— Ah!... articulei eu com esforço.

— Já te lembras?... Mas não vens, am?... pois adeus; parece-me que a cousa já principiou, e um baile... bem vês, d'um baile não se pôde esperar nem um dx. Adeus.

1859

A. F. DE LOUBEIRO.

## O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.<sup>a</sup> D. H. L. de Vilheoz

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 5, tom. II

— Oh! não!, respondeu logo o ancião: enganaste, Angela; ou antes fui eu que me enganei; no interesse, que me inspiras, chego até a confundir minhas ideias.

Estas palavras foram pronunciadas com tanta firmeza, que, perdendo-se a pobre joven em diversos pensamentos, nada encontrou, que responder ao bom Pedro.

— Vamos, minha filha, proseguiu este, procurando prender de novo o fio de sua conversação, com o fim de afastar o pensamento da joven d'um assumpto, que parecia ser-lhe bastante desagradavel: vamos; bem sabes já quanto te amo; promettes-me agora responder a minhas perguntas, com a sinceridade com que o deve fazer uma boa filha?

— Sim; prometto, respondeu ella, movida pela doce esperanza, de que poderia colher ainda alguns esclarecimentos mais a respeito de sua mãe.

— Angela, começou Pedro, fixando o rosto da joven com um olhar intenso e penetrante ¿amas porventura muito o filho do marquez?

O rosto de Angela, pallido como as folhas d'uma açucena, instantaneamente se tornou vermelho como uma rosa de Bengala; o ancião havia tocado a corda mais occulta, mais sensível de seu coração; e o estremecimento, que lhe abalára o corpo, não escapou a suas escrutadoras vistas.

— Lembra-te, que me prometteste ser sincera, lhe observou Pedro.

— Pois bem: sim... amo-o ainda mais do que a propria vida! n'elle tenho encontrado sempre o carinho dos paes, que me faltam; dos irmãos, que não tenho; dos amigos, que despresaram minha amizade. Tenho sempre vivido só: nem uma só palavra de ternura, nem um só olhar de interesse alegrou em algum tempo minha infancia triste e solitaria. Ninguém reparava em mim, quando Fer-

nando, esquecendo seu nascimento, seus títulos, procurou ser o amigo da joven desgraçada e de todos esquecida. As primeiras palavras de affecto, que chegaram a meus ouvidos, fizeram-me experimentar um sentimento dôce e novo para mim: certa depois, como estava, de que seu coração se não afastava do meu com desdem, uma sêde de ternura me abraçou a alma; em quanto que uma voz poderosa e vibrante me bradava sempre: *¡mais!* *¡ainda mais!* com um anhele infinito! Sei que este amor será minha desgraça; porque elle o ignorará sempre: a mim mesma me havia jurado não revelar a ninguém a paixão, que me domina; porém, vós, que sempre me haveis amado, vós, que dizeis considerar-me com todo o interesse que uma filha inspira a seu pae, guardareis no fundo de vosso coração meu segredo, e a ninguém falareis d'este amor, que é um culto, uma religião para mim *¡Oh!* escarnecer-me-hiam, desprezar-me-hiam, se soubessem, que uma creatura, tão obscura e humilde como sou, se atrevêra a amar o filho de seu amo, de seu senhor!

Ao terminar estas palavras, a fronte lhe pendeu no peito envergonhada e triste.

O thio Pedro contemplou-a em silencio por muito tempo: é que sem dúvida, segundo o revelavam as distinctas expressões, que tomava sua phisionomia, uma lucta terrível de pensamentos oppostos o agitava tambem.

Passados alguns momentos de penosa meditação, pareceu tomar uma resolução firme e energica.

— Deus assim o quer, murmurou elle: é preciso tornar feliz ésta pobre rapariga. Depois, dirigindo-se a Angela, continuou:

— Se conhecesses alguém, que á custa d'um grande sacrificio, de sua honra, de sua vida talvez, podêsse conseguir dar-te uma posição brilhante, mais brilhante ainda, que a de Fernando; que te collocasse a seu lado, fazendo-te senhora de seu nome e de sua mão; e tudo isto sem que tu lhe cedesses em nascimento, sem que tivesses de envergonhar-te nunca em sua presença, dize-me, Angela, *¿julgar-te-hias feliz?* *¿Poderias tu maldizer ou detestar um dia o que te dêsse tudo isto, por mais culpado e desprezível que fosse?*

— Não vos comprehendo. *¿Para que me fazeis semelhantes perguntas?* Nem isso está ao alcance humano, nem meu coração é ingrato.

— Dize-me: e *¿julgas que Fernando te ama?*

A joven vacilou; mas depois d'uma pequena pausa respondeu:

— Não sei se é amor o que elle por mim sente; porém é certo que exerço em sua alma uma influencia superior; que continuadamente me procura; e que, á minha voz suas ideias, seu caracter se mudou, conformando-se, identificando-se com o meu.

— Sim, deve amar-te. E *¿quem pôde vêr esse teu rosto de virgem, esse olhar dôce, essa fronte candida sem sentir-se movido d'uma irrisistível sympathia, d'um carinho, d'uma ternura infinita?!* Deve amar-te, porque és boa e bella como os an-

jos; e como elles é preciso, que sejas feliz. *¡Angela!*: dentro de tres dias esperar-te-hei n'este mesmo sitio; e por ventura ouvirás de minha bocca palavras de consôlo. Entretanto, minha filha, não percas a esperança.

— Porém *¿que pensaes fazer?*...

— Tua felicidade. Irei esta noite falar ao marquez.

— *¡Ao marquez!*... *¡Meu Deus!* ireis revelar-lhe... *¡Oh!* não! não! Lançar-me-hia de sua casa como se fôsse a ultima de suas criadas... rir-se-hia de meu amor...

— Tranquillisa-te, minha filha, minha dôce filha: sei quanto devo a tua confiança: teu segredo não será profanado.

Calou-se o ancião, e seu olhar se fixou em Angela com uma expressão indefinivel; — parecia que ainda tinha alguma coisa mais, que dizer-lhe; mas que vacillava. Por fim tomou uma das mãos da joven e lhe disse, puxando-a docemente para si:

— Angela: vou fazer por ti um grande sacrificio, *¿sacrificio custoso e triste!*... Deixa-me portanto, pedir-te um favor. Tenho vivido sempre só: ha muito tempo que nem uma só palavra de amor sôa em meus ouvidos; e este isolamento, e esta solidade dilacera-me o coração! Tenho inveja ao pae, que pôde acariciar seus filhos; tenho inveja aos que morrem no seio de sua familia... Consente, pois, que uma vez ao menos, te estreite contra meu peito, que beije tua fronte...; e promette-me, que, quando eu morrer, rogarás a Deus por mim.

A joven lançou-se nos braços do tio Pedro; *¿é que ella tambem necessitava de amor!*

O ancião apertou-a contra o peito com uma ternura infinita: duas lagrimas ardentes rolaram por suas rugadas faces e foram perder-se entre as dobradas madeixas da joven.

— *¡Angela!* filha de meu coração, abençoada tu sejas!, bradou o velho, cobrindo de beijos aquelles lustrosos e finos cabellos.

Depois afluastou-a de si suavemente, e, contemplando-a com adoração, accrescentou:

— Adeus: até de hoje a tres dias.

E ambos tornaram a emprehender o caminho da aldeia, levando aquella um mundo de esperanças no coração; este o pensamento embebido na cogitação dos meios, que devia empregar na realisação de sua promessa.

(Continúa)

Reproduzindo a poesia, que se segue, do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Luiz de Seabra, enriquecemos as columnas d'este jornal com mais uma prova do incontestavel merecimento do illustre juriconsulto. O insigne traductor de Horacio ahi se patenteia com todas as galas do seu genio. Quando lhe fallessem os encomios e a gloria dos seus trabalhos de jurisprudencia, restavam-lhe os dotes innegaveis de poeta e litterato, para o classificarem entre os primeiros dos nossos escriptores. A. A.

**À Sa Magesté le Roi des Pays-Bas, Prince d'Orange-Nassau, Grand Duc de Luxembourg, etc. etc. etc.**

- Qu'il vive, que son règne et célèbre et paisible
- Passe l'âge et l'éclat des régnes les plus beaux,
- Ainsi que sa sagesse et son cœur né sensible
- Surpassent les héros!

GRESSET.

«Oui, les Rois ici bas ce sont vraiment des Dieux,  
Leur puissance et leurs droits sont émanés des Cieux:»  
C'est ainsi qu'en dépit du même Ciel s'écrie,  
Pour mieux nous enchaîner, la noire hypocrisie.

Faudra-t-il, donc, placer dans ce rang révérend  
Les monstres, que l'enfer en courroux effréné,  
Sur ce monde a vomis, comme une lave brûlante  
Qui porte dans son cours la mort et l'épouvante?  
N'a-t-il donc, l'hypocrite, en son cœur éméché  
Aux Néron de tous temps un seul moment songé?  
Ou bien désirait-il rayer de la mémoire  
Les horribles tableaux, que présente l'histoire?  
Peut-il donc ne point voir ce que fait maintenant  
Ce Néron de nos jours, tigre de l'Occident?  
Ce prince abâtardi, qui tout rongé de rage,  
Bien plus féroce encor que l'animal sauvage,  
N'est jamais rassasié du sang qu'il fait couler?  
Est-ce le bras de Dieu?... Faut-il toujours aimer  
Ce monstre, qui fonda sa puissance usurpée  
En trahissant la foi au monde, aux cieux jurée?  
S'il faut chercher un titre à son pouvoir fatal  
Interrogez l'enfer, et le génie du mal.

Du sein du Créateur, d'un Dieu bon par essence,  
Ne dérivent que bien, vertu, et bienfaisance.  
Qu'il serait beau le Roi comme un Dieu façonné!  
Par ses traits immortels je l'aurais diviné:  
Je serais attiré sous son obéissance  
Par l'éclat des vertus, que le renom devance:  
Dans ses touchants regards, rayonnant de bonté,  
Dans ses mots, dans ses faits... luirait la Déesse...  
On verrait ce flambeau, dont la source infinie  
Sur nous verse à grands flots la lumière, et la vie;  
Qui rejouit nos cœurs du charme des beaux jours,  
Qui jamais ne fait mal, et fait le bien toujours.

Tels ont été les Rois de l'heureuse contrée  
(Bien heureuse autrefois!) par le Tage arrosée:  
Lors Pères attentifs, et non cruels tyrans,  
Ils faisaient le bonheur de leurs chers enfants:  
On les voyait en deuil regretter la journée,  
Qui par quelque bienfait n'était pas signalée.

Tels étaient autrefois les Sanchos, les Dinis  
Au milieu des sujets, qu'ils ont toujours chéris:  
Tel je vous vois aussi, magnanime GUILLAUME,  
Père entouré d'enfants au sein de ce royaume:  
Dédaignant le fardeau d'insolent appareil,  
Il vous plaît d'être grand par votre seul éclat;  
Vous rejetez l'excès d'une pompe fatale  
Qu'un autre au prix des pleurs avec orgueil étale.  
Le grand ou le petit vous aborde à son gré,  
Trouvant l'homme au-dessous du manteau révérend.  
L'intrigue, en échouant, éperdue, sans ressource,

S'étonne de ce bras qui l'arrête en sa course.  
Et toi, mon chère Pays!... déchirant souvenir!  
Je t'ai perdu, peut-être, et pour tout l'avenir!!  
Mon Roi!?... Qui sera-t-il? Du même trait frappée  
La Reine sans sujets, sans Couronne, humiliée,  
Ne sait point mieux que moi les pièges, que le sort  
En silence lui tend en faveur du plus fort...  
Du plus fort?... (C'est ainsi qu'on fonde la justice),  
Mais la ruse aujourd'hui triomphe dans la lice.  
Rien ne peut étonner; le monde va son train,  
Il faut donc revêtir d'un ferme, et triple airain  
Les cœurs, qu'à l'infortune a voués la vertu:  
Pussions nous dire au moins, l'honneur n'est pas  
perdu.

Et vous Prince immortel, marchez ferme en avant:  
Être utile aux humains c'est votre vrai talent.  
C'est ainsi que les Rois, des Dieux seront l'image:  
Eh bien! Vous le serez; acceptez mon hommage!  
Enfin s'il en est fait de la Patrie pour moi,  
Je souhaite la votre, et vous serez mon ROI.

Ostende 1830

A. LUIZ DE SEABRA

### FUGIU...

E fugiu-me, ai de mim!... eis-me hoje ainda,  
Ainda outra vez só... que em dor immerso,  
Fugaz vejo luzir sempre a esperança!

E ao enconral-a tão bella  
Entreguei-lhe o coração;  
E quem poderá assim vel-a,  
Tão pura, luzente estrella,  
Sem se perder?... Oh! eu não...

Pobre louco... o meu passado  
Nem pode lembrar-m'o a dor;  
Em grato sonho enganado,  
Do meu soffrer deslebrado,  
Inda acreditei no amor.

Podia eu crer mentirosa  
Quem tanta belleza tem?...  
Podia, sim, que uma rosa,  
A mais tenra, a mais formosa,  
Ha de espinhos ter também...

Inda ha pouco, meu Deus, bem novo ainda  
Amei uma mulher, julguei-a um anjo;  
Meu pobre coração todo innocente  
Aos pés lh'o fui depôr... calcou-m'o e riu-se...

Foi depois, que só comigo,  
Se descobri um abrigo,  
Foi no pranto, que chorei;  
Foram lagrimas o amigo,  
Que em minha dor encontrei...

E que noites de amargura,  
Que resentida tristura,

Que máguas soffri então!  
Oh! que vida acerba e dura  
Consumiu meu coração!

E chorei, e chorei tanto  
N'esse martyrio tão sancto,  
Que o fado me deu por lei,  
Que por fim do proprio pranto  
A vasta fonte esgotei.

Sem gosto, sem prazer, perdida a crença,  
A morte ao céu pedi, tentei matar-me...  
Mas tão novo, meu Deus!... morrer tão novo!...  
Tive medo... vivi... vivi... mas triste,  
A cruz do meu soffrer doce era ainda...  
Eras tu, eras tu, candida rosa,  
Que fascinar-me havias com teu brilho,  
Tua graça gentil e meiga e doce,  
E formosura a mais viçosa e linda,  
Occultando traidora átros espinhos,  
Que haviam de rasgar-me, indo colher-te!...

Encontrei-te, mulher, vil, despresada,  
E amei-te mesmo assim; dei-te a pureza  
Do meu primeiro amor, e cri-te pura,  
Na dor, no coração, na essencia d'alma...  
Ai! não sabes, mulher, saber não podes  
O quanto já te amei perdido, e louco...  
E tu riste de mim; sem dó, sem pejo,  
Fingiste o terno amor, com que pagavas  
O meu tão terno amor; fingiste as lagrimas,  
Que tantas, tantas vezes de teus olhos  
Correndo amargas vi, quando ao tentares  
Medir o torpe abysmo, onde manchado  
Te fôra o corpo só, que puro e casto  
Tambem teu coração, mulher, fingias!

E então chorei por ti; cri-te innocente,  
E dei-te o meu amor; dava-te a vida  
Se a pedisses tambem; antes quizeste  
Aos teus encantos mil ver-me atrelado  
E rires-te depois do pobre louco,  
Que illudiste sem dó... ai! vil, infame,  
Se a cada beijo teu pudesse dar-te  
Montões d'ouro, talvez... talvez vendesses  
O teu candido amor...

Mas fugiu-me o sol da vida,  
Por que me guiava só;  
Hoje a sua luz querida  
Jaz de todo amortecida,  
Deixou-me em trevas sem dó.

Ai! este mar tormentoso.  
Que vejo inda ante mim,  
Este mar tão perigoso  
Como o hei de eu, triste é sem gozo,  
Como o hei de eu passar por fim?

Luctarei, sim; mas, vencido,  
Sem rumo ter, sem ter luz,  
Hei de naufragar perdido,

E eis, mulher, o fim querido  
Das esperanças, que em ti puz!

E fugiste, ai de mim!... deixaste morto  
Meu pobre coração... oh! mas, embora,  
A dor... eu t'a perdôo, e se algum dia  
Abandonada e só inda te achares,  
Ai! não te esqueças, não, do amor ardente,  
Que escarneceste já... corre a meus braços,  
Que eu não te fugirei, que inda hei de amar-te.

1857

A. V. DE LOUREIRO

### EXPEDIENTE

Pedimos desculpa do atrazo d'este numero, que, devendo ser sujeito á revisão da Imprensa da Universidade; e achando-se o respectivo empregado impedido por motivo de serviço publico,—só hoje poude sair dos prélos.

Agradecemos o offerecimento que o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. A. A. da Costa Simões nos fez de dois exemplares das obras, que em seguida annunciámos; e posto que, por falta de tempo, as não tenhâmos lido ainda, estamos certos de que ellas corresponderão em tudo ao subido apreço em que todos têm tão distincto escriptor.

V. DA SILVEIRA

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

TOPOGRAPHIA medica das *Cinco-villas e Arega*, ou dos concelhos de Chão de Couce e Maçãs de D. Maria — em 1848, com o respectivo mappa topographico e carta geologica — por A. A. da Costa Simões. — Coimbra, 1860. — Preço — 600 réis.

NOTICIA DOS BANHOS DE LUSO: Apontamentos sobre a historia, melhoramentos, e administração d'estes banhos, com duas estampas do edificio — pelo mesmo Auctor. — Coimbra, 1859. Preço — 480 réis.

Vendem-se em Coimbra nas lojas dos srs. Mesquita, Orcl, e Posselius.

1.<sup>o</sup> volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Preludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume — Preço 1\$600 réis.

### PRELUDIOS-LITTERARIOS

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Por mez — 120 réis		Avulso — 40 réis.	

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## ADVERTENCIA

Com bastante sentimento nosso--prevenimos os Srs. assignantes, que, até o fim do corrente mez de Março, não tiverem satisfeito ainda o preço de suas assignaturas, de que lhes suspenderemos a remessa de nosso jornal; certificando-lhes, porém, de que não é por desconfiança que procedemos d'este modo; mas sim por nos ser impossível continuar a fazer despesas, com que já de ha muito não podemos.

V. DA SILVEIRA

## LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 6, tomo II.

VII

Como essas cidras maravilhosas da fabula, que, rudes na fôrma e ingratas ao paladar, em si continham porém tanta formosura, tanta materia de bem para o mortal feliz a quem dado fosse o abril-as, como ellas é tambem rude e aspera a agricultura na fôrma e pouco promettedora de prodigios.

Mas para quem bem a essencia lhe fôr especular, para quem, com entranhavel amor a cultivar, para quem, com mãos prodigas lhe souber dar afagos e carinhos, para esse, semelhante á cidra fabulosa, tem ella um seio rico de muito affecto, de muita materia de felicidade e belleza, para esse, será ella sempre a amante extremosa, a mãe procreadora de prodigios sem conto.

Qual ha, porém, vara magica de fada, que—tocando-a—a chame á vida, a faça abrir ao sorriso e ao amor, lhe dê que do seio amigo brotem todas essas flôres de ventura, que lhe sabemos e ella nos promete, mas que sem estranho auxilio não podem desabrochar nem medrar?

Eis ahí o problema: mas eis tambem no livro a resolução, a vara de mago condão, a panacêa

Março—1860

universal para os males, sob que geme esta boa terra de Portugal.

VIII

É a associação mãe de taes prodigios, de tantos beneficios, fonte perenne e inexgotavel, que apregoar-lhe valor e necessidade, além de desnecessario, fôra loucura quasi rematada.

Com effeito, hoje, á luz do seculo XIX, quando é orgulho e timbre de toda a sciencia o prescruitar bem fundo a alma, a intelligencia e o corpo humano, procurando ahí todas as leis da sua natureza, para n'ellas—e só n'ellas—se estribarem theorias e instituições, hoje desatino seria buscar ainda provas para aquillo, que d'ellas menos carece, sendo que a sociabilidade é, de todas as leis naturaes, aquella que mais exuberantemente demonstram as theorias da sciencia, e a mais que todas inexoravel e severa logica dos factos.

A muitas d'estas leis pôde desobedecer o homem, contra outras se pôde totalmente revoltar, mas contra esta, por sem dúvida o tenho, seria tal attentado, que assento jámais poderá realisar-se.

Subtrahi os homens—um só momento que seja—ao seu influxo benefico, e para logo os vereis amesquinhar-se, quando não desapparecer da face da terra.

Condição primaria de sua existencia e progresso, ha de com elle mais e mais desinvolver-se, que não ha ahí decreto de rei da terra—fôra elle Cesar ou Napoleão—que ouse derrogar o decreto do Eterno!...

IX

É pois a associação o cumprimento d'uma lei natural.

Na progressiva evolução d'essa lei e a par d'ella, vejo eu caminhar a humanidade; desinvolver-se, se se ella cumpre; estacar, se pára; definhar, se esmorece; seguindo-a sempre e resentindo-se de suas menores alterações.

E é de razão, porque, a ser o fim do homem na terra o desinvolvimento de suas facultades,

VOLUME II

N.º 8

que outra ha mais nobre e importante; que mais influa em seus destinos, que esta lei da sociabilidade?

Por ella se póde aferir o gráu de civilisação d'este ou d'est'outro povo, porque ahi aonde mais o homem se estreitar com o homem, aonde mais de um irmão se ajudar o outro irmão, ahi tambem mais o espirito tenderá a elevar-se — e de feito se ha de elevar — elevação que toda se desata em muita sciencia, muito bem e muita ventura.

Reconhecidos estes principios, reconhecidos — quasi direi — demasiadamente, houve quem d'elles se possuisse a ponto de n'elles querer basear todo um systema de organisação social.

Desvairou-os o amor d'um principio, o conhecimento d'uma lei natural, por ventura a ignorancia de muitas outras; e, encarando o homem por lado restricto, quizeram o desinvolvimento d'uma faculdade á custa das outras todas.

Não quer isto porém a harmonia, essa outra lei de Deus, que tem de presidir — como revelando-o — a toda a creação.

É mistér que a todas as faculdades seja dado um maximo desinvolvimento: mas é mistér tambem que cada uma, ao alargar a sua esphera, não vá calcar outras, a quem egual direito assiste.

x

Porque é lei da natureza humana a liberdade, porque deve o homem responder por suas acções, não quer a boa justiça, não quer a boa razão, que á força — que não com a arma da persuasão — se lhe imponha o cumprimento d'uma obrigação qualquer, fóra ella tão sancta, tão prescripta por Deus, tão filha da natureza do mesmo homem como esta da sociabilidade.

Assim, é com a liberdade e só pela liberdade, que tem de se effectuar este grande pensamento da associação, este grande abraço que, obedecendo ás leis do proprio sêr, tem de — no futuro — dar homens e povos, estreitando cada vez mais os laços que os unem, e centuplicando forças, sympathias e vida.

Problema longo tempo agitado, dá-lhe hoje a sciencia cabal resolução. Desde que esta, desprezando theorias incertas e imaginosas, foi buscar como base de seu estudo, para ahi fazer alicerce seguro aos principios que tinha de formular, a natureza do sêr, a quem todos tinham de ser applicados; desde essa occasião ganha estava a causa da liberdade.

Podem offerecer-se-lhe mil estorvos, levantar-se contra ella as maiores tormentas, que ella, através de tudo, lá ha de ir sempre seguindo seu caminho, ganhando o terreno palmo a palmo sôbre os seus adversarios, e libertando o homem cada vez mais do jugo da miséria, da escravidão e do em-brutecimento.

(Continúa)

ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL

## DO CELIBATO ECCLESIASTICO

Réclamer le mariage des prêtres — dit Chauffour-Kestner — c'était substituer la sainteté d'un lien perpétuel, d'une foi réciproque à l'immoralité de ces unions passagères. C'était relever la première et la plus sacrée des institutions sociales, le mariage, de cette sorte de dégradation que lui infligeait une doctrine contre nature: au lieu de ces femmes perdues, de ces enfants abandonnés, c'était entourer le prêtre du lien le plus solide de la moralité humaine: une famille.

Comtessa Dora d'Istria, la suisse allemande.

— O matrimonio é a sanctificação do amor; d'esse affecto, arreigado n'alma pela mulher e que, eminentemente mundano, como é, não póde consentir na verdadeira e devida elevação da alma para o Creador, impedindo assim esse commercio continuado do espirito do sacerdote com o divino espirito... essa transformação do todo o seu ser n'um ser sobremundano, celestial, e despedido de toda a affeição terrena.

Tal é o modo de pensar dos que consideram o celibato ecclesiastico como necessario á boa administração da igreja, d'esses que com Hildebrand votam o ministro do culto á solidão no peregrinar da vida e ao isolamento nas atribulações do corpo; — porque, segundo elles, só assim o seu espirito, despojado de toda a consideração terrestre, o repassará até ao íntimo d'essa evangelica emoção, que deve um dia ir levar confôrto ás almas soffredoras de seus filhos espirituaes?...

Estas ideias seriam eminentemente philosophicas, se no ministro de Deus se podesse primeiro destruir... aniquilar a natureza humana!... se do templo á porta corresse o esquecimento do passado... se desdobrasse um veu sôbre o presente e o facho de porvindouras esperanças, se extinguisse alli!...

Antes de contemplardes o ecclesiastico á luz da philosophia ascetica e espiritual, contemplae-o um pouco aos olhos da natureza!...

Esse ente, cuja existencia social vós debalde pretendeis aniquilar, esse ente a quem vós fizestes abjurar os mais doces attributos do homem, que solemne juramento proferiu?... Desprender-se do mundo?!

Tal valêra o mesmo que exigir, que o sol se desprendesse da sua orbita, ou que as estrellas se despegassem do manto azul do firmamento!... Tal valêra o aceitar o juramento do que votasse andar com os olhos abertos e não ver, ou com os ouvidos desimpedidos e não ouvir!... equivalêra a jurar o impossivel... e que o padre, impedido por força superior, não cumpriu nunca, não cumprir nem jámais ha de cumprir!...

Destruir no homem a natureza humana fóra tão impossivel como aniquilar em Deus a natureza divina! E, quando o Filho do Eterno, tomando a compleição humana, se resentia da sua essencia celeste, quem póde admirar que o filho

de Adão, pretendendo assumir a indole divina, se resinta sempre e muito da sua origem peccaminosa e mundana?!...

Se a humanação de Deus foi um prodigio, a deificação do homem é um impossivel!...

Colocado pois o ministro da religião no mundo, sem poder despir os miseros andrajos da humana condição, que a elle o ligam, como cumprir dignamente os altos deveres da sua missão sagrada, se as relações da carne são obstaculo ao desempenho de tão augustos misteres?... Será fazendo á divindade o holocausto da mais nobre parte da sua natureza humana?... será abjurando á mais nobre das suas faculdades como homem, á semilhança dos ministros de Apis, ou das sacerdotisas de Vesta?...

E ainda que no ministro do culto se lograsse atrophiar a natureza humana, ainda que uma vontade tenaz chegasse, ás vezes, a dominar as exigencias corporeas, ainda assim poderia sempre o sacerdote cumprir o seu inutil juramento? poderia elle dizer ao coração que não sentisse... ao pensamento que não voasse?... não!... nunca!...

Emquanto uma só parcella material receber o sôpro da vida, emquanto o corpo não fôr cadaver e a alma espirito pairando livre nas regiões do espaço, o homem ha de sempre obedecer ás leis eternas e immutaveis da criação, que não consentem que os vôos do pensamento se suspendam... que os affectos do coração se paralizem!...

N'uma religião toda de amor e carinho, cujo codigo nos manda amar o proximo e consolar o afflicto, como poderá o sacerdote conhecer o balsamo, que tem de applicar á ferida sangrenta do coração que soffre, se a experiencia essa terrivel mas verdadeira mestra da vida, lh'o não tiver já ensinado a conhecer?... como poderá o celibatario, cujo coração é ermo de affectos, fazer vibrar n'outro coração, que soffre, as fibras de que melhor resulte a resignação consoladora da dôr que o dilacera?... como saberá elle... elle, que não guarda nem uma affeição pelas coisas da terra, consolar o marido a quem a morte de adoravel esposa lançou no desespero, ou afagar a dôr de um pae que acaba de perder em seu filho as suas mais ternas affeições?...

Fallar-lhes-ha do céu!... Mas a alma opprimida e anuviada, não pôde erguer o vôo que ha mistér para se elevar ás alturas do throno de Deus! a alma n'essa occasião precisa d'outro balsamo; quer escutar expressões de conforto e resignação, mas não d'essa resignação aspera e ascetica a que só o espirito claro e meditabundo pôde attingir: a dôr expansiva quer lagrimas e soluços; a serenidade glacial da philosophia aterra-a!... é porisso que a consolação do sacerdote é demasiado tibia para oppôr um dique á torrente impetuosa d'um infinito soffrer!... é porque este carece d'uma voz, repassada de unção evangelica sim, mas d'uma voz que lhe diga « eu tambem soffri » precisa d'umas lagrimas sinceras e verdadeiras, que se vão junctar ás suas lagrimas

verdadeiras e sinceras... e o sacerdote, que talvez quizer dar-lhe um pranto, que de bom grado levaria a consolação a este espirito alquebrado de dôr... o sacerdote debalde busca no seu peito um eccho d'aquelle padecer, que elle não comprehende... debalde pede aos olhos uma lagrima, que elles nunca verteram por emoção igual!... Porisso falar-lhe-ha do céu; mas se o céu não é surdo para escutar as atribulações do que soffre, ao menos o que soffre é surdo para escutar as consolações do céu!...

Jocelyn é um typo creado pelo espirito eminentemente religioso d'um poeta, cuja religião tem sôbre a terra um reflexo no excessivo amor que vota á familia!... Jocelyn no sacerdocio celibatario é um mytho!...

Effectivamente o amor da familia é um como microcosmo, onde a alma, intimamente ligada ao corpo no seu transitar mundano, vae receber a norma de todas as suaves affeições. Dizei ao rei que ame os seus vassallos como proprios filhos, e se o rei fôr celibatario, debalde tentará conhecer a magia do amor paterno!... Assim no amor da familia encontra o monarcha pois o prototypo da affeição de seus subditos, no amor da prole; e no da esposa a norma da affeição que deve á patria, sua esposa espiritual.

Tambem o pastor acharia assim nos affectos da familia a pedra de toque para os affectos, que deve ao seu rebanho espiritual, á sua esposa mystica, a igreja!... Sem isto debalde a imaginação tentará profundar os arcanos do paterno amor, ou dos carinhos conjugaes!...

Dizei-me embora que estas affeições mundanas lhe absorveriam todo o querer do coração, toda a elevação do espirito para o que é celestial e divino! Se com a paralyção de tão doces sentimentos se atrophiasse no ministro do evangelho toda a natureza terrena, então talvez a sua alma, desembaraçada dos corporaes enlances, pudesse voar livre a abraçar-se só com o seu Deus, e fazer essa communhão espiritual com os anjos, utopia a que aspiram os defensores do celibato! Mas a natureza humana não se atrophia, e o coração, ermo de todos os outros affectos, vae concentrar-se n'um só esteril e infructifero—o amor de si mesmo! Este, que fôrça alguma é capaz de arrancar do coração, este que ha de allí vigorar, porque não precisa de objecto exterior para se alimentar, este cresce e desinvolve-se tanto mais, quanto o peito é morto para toda outra affeição!... Mostra-me um homem que diga que não ama a ninguem no mundo, e esse homem ou será hypocrita ou egoista! ou mentirá ao mundo ou concentrará em si todas as affeições, que deve aos outros homens. E entre estes dois extremos só ha um meio!... meio mais terrivel ainda do que o solipsismo ou do que a mentira... é o scepticismo! O sceptico se não ama a ninguem no mundo, tambem não ama nada no céu!...

(Continúa)

A. M. DA CUNHA BELLEM

## O QUE FAZEM ROMANCES

D. Maria Carneiro era uma senhora de 23 annos, filha d'um antigo magistrado do tempo de D. Miguel. Seu pae vivia, desde o funesto desfecho da guerra da legitimidade, retirado em uma pequena terra de provincia, entretido ou a tractar da sua casa, forte em terras de vinho, ou a ler a *Nação*, unico periodico, de que era assignante, unico prisma por onde via as nossas cousas politicas.

Gervasio Carneiro jámais quizera sair do seu retiro, jámais quizera reaparecer no mundo, jámais se quizera sugeitar á nova fórma d'um governo, que abolira as sanctas associações dos conventos, eliminára as alçadas, prescrevêra os dizimos e abraçara as perniciosas maximas do progresso e liberdade.

Na sua justa indignação para com a sociedade, ingrata e perversa, tinha obrigado tambem sua filha a viver no mesmo exilio, em que elle mesmo vivia, e condemnára-a ao isolamento.

D. Maria porém parecia nascida para uma epocha nova; vivendo só, creára-se uma sociedade agradável nos livros, que lia sôfregamente, alcançados ás escondidas do pae, porque, sendo pela maior parte romances e litteratura, vinham todos no cathalogo dos livros prohibidos pela curia romana, e tinha-se de tal maneira embebido nas ideias, que n'elles encontrava, que, salvo mesmo o respeito devido ao caro author dos seus dias, ás vezes chegava até a pronunciar-se decidida e abertamente contra as suas theorias e doutrinas, entrando em questões de tal monta, que o velho magistrado terminava sempre por se benzer tres vezes e exclamar com voz sepulchral e saudosa:

— O que a gente hoje vê... *ó tempora, ó mores!*...

A regeneração de D. Maria não tinha sido só debaixo do ponto de vista politico e social; D. Maria regenerou-se completamente em tudo, até no vestuario. Deportou os antigos e elevados penes de tartaruga; queimou os classicos vestidos, que lhe deixára sua mãe, todos de manga afunilada e cinta por baixo dos braços; aboliu os sapatinhos em fórma de ferro de engomar com as suas fitas pretas enleadas em tórno a hem torneada perna, e em troca de tudo isto, vestiu o elegante vestido de folhos, tufou-se com o respeitavel e espherico balão, calçou a esbelta botinha de laços e elasticos, penteou-se com o cabello á poetica Stuart ou em ondeados *bandeaux* e trajou o artistico *shall-manta*, ou o airoso *casabec*.

Já se vê que estava completamente em dia com as modas.

D. Maria porém nunca tinha saído da sua pequena aldeia, nunca tinha tido relações senão com as bondosas irmãs do padre cura da freguezia, com o medico do lugar, e com alguma outra familia,

a distancia d'uma ou duas leguas. Alem dos chefes d'estas respeitaveis familias nunca tinha visto mesmo outros homens, nem jámais tinha passado alem das suas casas, quando dava um curto passeio, montada na sua mansa burrinha parda: no entanto parecia-lhe, que não se admiraria de coisa alguma em uma grande cidade, não sentiria acaanhamento algum em um animado baile, nem se embaraçaria até em domar um fogoso ginete, em uma doudejante e fantastica corrida, perdidos ambos em um bosque, no meio d'uma tempestade, ella e o cavalheiro dos seus pensamentos, alto, magro, pallido, olhos rasgados e pretos, olhar sereno e triste, e maneiras altivas e nobres, cujo typo fôra achar em um dos romances, que lera ultimamente.

Muitas vezes dizia ella comsigo mesma:

— Vida... é isto o que se pôde chamar viver?!... Aqui ouço, é verdade, o terno cantar da saudosa philomela, contemplo o poetico pôr do sol, aspiro o doce perfume das flores no seu desabrochar, emballo-me com o brando ciciar da voluvel briza por entre a folhagem, ouço o suave murmurinho do placido regato por sôbre os seus alvos seixinhos; pôde porém a contemplação, a admiração até da natureza, com todas as suas eloquentes harmonias, fallar á alma sem que o coração tenha primeiro sido purificado, animado, vivificado por assim dizer, pelo bafejar d'esse sentimento intimo, indefinido em linguagem humana, a que chamam comtudo *amor*?... esse sentimento, que existe innato em nós, que só nos pôde dar a consciencia do nosso valor, da grandeza do creador, da perfeição da creatura, mas que só nos deve ser despertado pelo encontro d'essa outra alma talhada para a nossa alma, afinada pela nossa, creada para ella?... E poderei jámais encontrar aqui esse ente, essa metade de mim mesma, como o vejo nos meus sonhos, como o contemplo nos meus devaneios, como o comprehendo nas minhas meditações?... Ai! pobre de mim... quando me será dado sair d'este desterro... Paris... Paris... é lá que se vive... é lá que eu me quizera...

D. Maria repetia estes e similhantes queixumes todos os dias, empallidecia, definhava-se e augmentava até de mau humor para tudo e para todos; mas seu pae continuava implacavel e firme nas suas disposições, e emquanto ella, com as lagrimas nos olhos, pedia compaixão para a vida, que alli a consumia ou pintava as vantagens d'uma terra, como por exemplo Lisboa, elle, ou pensava em uma vinha que fôra mal podada, em uma terra, que não ficára sufficientemente estrumada, ou então em resposta citava-lhe um suberbo artigo de fundo do seu periodico favorito, em que bem se definia o que era a côrte, ou finalmente soltava uma gargalhada e dizia com tom ironico e motejador:

— A menina está doida... sabe lá o que é Lisboa, o que é a sociedade de agora?... E demais, que lhe falta aqui? A menina tem saude, graças a Deus; a menina não tem necessidade de cousa

alguma; a menina para os seus alfinetes tem tudo o que deseja; que mais quer?... Olhe menina, nunca tenha vontade de conhecer o mundo tal qual hoje é; antigamente, isso sim... mas hoje... Deus nos livre...

— Hoje, meu pae, tornava ella com voz humilde e chorosa: então hoje que tem?... Não estamos nós no seculo das luzes, não caminha a sociedade para o seu estado de perfectibilidade, não...

— Tá, tá, tá, isso tudo são patranhas; a menina não lê a *Nação*?... não vê todos os dias os escandalos, que tem de serem registrados no livro negro da historia?... antigamente respeitava-se a innocencia, a posição, os sentimentos, a honra... mas hoje... e o velho terminava por suspirar e murmurar muito baixinho — *ó tempora, ó mores!*

D. Maria continuava pois a viver na sua quinta do Carvalhinho, e a vida continuava-lhe a mesma, aborrecida, cheia de desejos e torturas insaciáveis, em quanto para aquelle inexoravel pae se seguiam as mesmas distrações e entretida lida campestre, terminada sempre pela costumada partida de voltarete ou renhida sueca, quando ao cura e medico se junctava tambem o pharmaceutico do logar.

Mas em que tempo era isto, em que terra estamos nós?... pergunta o leitor, sempre critico inexoravel, depois de ter adivinhado, o que não era muito difficil pelo vestuario, com que a sr.<sup>a</sup> D. Maria Carneiro se vestiu, estar-mos proximos da actualidade, mas impacientado por ter cansado já a vista em procurar no seu mappa de Portugal o descobrimento d'alguma terra nova com o nome de Quinta do Carvalhinho.

Chegando a este ponto seja-me licita uma declaração: nunca fui historiador nem pretendi fazer romances. Ouvi esta historia á propria heroína d'ella, a sr.<sup>a</sup> D. Maria; principiei a escrevel-a, mas sem a necessaria authorisação; commetti uma falta irreparavel; de mais a mais comecei a revelar-a sem ao menos mudar os nomes dos seu actores, falta agravada ainda; o unico meio, de que agora posso lançar mão para atenuar o meu delicto e indiscrição, já que o leitor, com toda a razão, me não dispensa do seu fim por o interesse que de certo terá tomado com o principio, é conservar-me em meio nas minhas revelações á cerca da localidade e epocha, em que ella se passou, e terminar, pedindo aos mais exigentes, que soponham a comecei no theor seguinte, o mais classico e abalisado, que até hoje se tem conhecido:

— Corria o anno de 183... e na risonha aldeia de... concelho de... vivia na sua quinta do Carvalhinho sr. Gervasio Carneiro, ditoso progenitor dos dias da sr.<sup>a</sup> D. Maria Carneiro, que etc., etc... e posta esta solemne declaração substitua o leitor, se quizer, os *pontinhos* por os nomes, que primeiro lhe lembrarem, que eu continuarei.

Se me não engano, tinha-mos deixado D. Maria a queixar-se da sua sorte; pois apezar d'essas queixas, apezar da sua logica, apezar até das suas

lagrimas, seu insensivel pae não se movia a deixar a quinta do Carvalhinho pela animada e ruidosa vida da côrte.

N'esse continuo esperar e desesperar a pobre senhora via as côres desertarem-lhe das faces, apparecer-lhe cada dia mais enegrecido e profundo o traço desenhado sob as palpebras inferiores, o corpo adelgaçar-se-lhe mais, as forças diminuírem-se-lhe, mas seu pae continuava a ver sempre Lisboa através d'uma athmosphera de odios politicos, e o estado de deterioração da saude phisica de sua filha através do perfeito estado da sua e da uniformidade e descanso d'aquella vida campestre, da qual as queixas da menina tinham feito uma parte tão integrante e indispensavel como é para muita gente a chavena do café depois de jantar, e era mesmo para o antigo magistrado de D. Miguel o passeio matutino em volta dos seus campos, vinhas e oliveas.

Ella chorava, martyrisava-se e dizia no meio da sua dôr:

— Infeliz!... que farás tu em se te esgotando a fonte dos prantos?... Ah! echos da solidão, que tantas, tantas vezes tenho acordado com as minhas sentidas queixas; mal dormidas noites, que tão repetidos tendes ouvido os meus desejos; vergeis risonhos, que tantas vezes tenho regado com minhas nunca enxutas lagrimas; sois vós, que podeis contar e attestar a vida que arrasto aqui... Ai de mim!... só uma sentença do céu, só um decreto da Providencia poderá demover meu pae a arrancar-me d'este isolamento, aonde morrerei á mingua de sentimento, qual a florinha delicada, nascida d'entre as areias ardentes do deserto, morre definhada e murcha á mingua d'uma sêde de agua, que a amime e refresque...

Parece por fim que a Providencia dignou-se, nos seus altos e impenetraveis designios, ter compaixão d'ella. Um dia seu pae, ao receber do correio a *Nação*, encontrou juncto com ella uma carta, fechada com obreia preta, de dimensões respeitaveis, e com um longo e distincto sobrescripto.

Pegou d'aquella epistola inesperada, tomou-lhe o péso e não viu cousa alguma; não admira porque ainda não tinha posto a redonda e avantajada luneta. Mal porém a assestou ao olho direito, o digno magistrado, ao conhecer a lettra do sobrescripto, deixou cair para o lado o periodico, as pernas vacillaram-lhe, as mãos tremeram-lhe, os cabellos arripiaram-se-lhe, as côres fugiram-lhe e deixou-se elle mesmo cair em uma cadeira, que por felicidade não estava muito longe.

Abriu assustado aquella terrivel carta, que tinha vindo, por assim dizer, fazer-lhe nascer um presagio horrivel de desgraça proxima, ou acordar-lhe um remorso de ha muito adormecido, e no meio da sua convulsão leu-a apressadamente.

Ao passo que ia aproximando-se do fim, as faces iam-lhe passando por todas as gradações, desde a côr desmaiada da melancia verde, até a viva e e animada côr do medronho em perfeito estado

de maturação. Chegando á ultima palavra d'ella, as lagrimas tahiã-lhe a quatro e quatro, exclamava enternecido e entrecortado pelos soluços:

— Coitada... pobre Jacinta .. não te amaldiçoarei no teu leito da morte, não... ao arrependimento segue-se o perdão, e depois *parce sepul-tis*... Maria... minha filha; tracta de te apromptares; amanhã partiremos para Lisboa...

— Para?... perguntou a pobre, como duvidando, do que ouvia; para...

— Para Lisboa, sim... para Lisboa; quero que recebas a benção final de tua tia...

— Minha tia... continuou ella, cada vez mais admirada por nunca lhe ter constado tal parentesco.

— Sim, tua tia... a minha pobre Jacinta... a minha desgraçada irmã... Eu já te conto tudo.

E enquanto o sr. Gervasio acaba de limpar os olhos e passa por a vista, para não faltar aos seus sanctos costumes, o periodico, desprezado um momento, e sua filha tenta adivinhar o lance dramatico que espera eminente, descansemos tambem nós, eu e tu amavel leitor, que no capitulo seguinte continuarei com a minha narração, para a qual espero a mesma evangelica paciencia, que até agora me tens mostrado.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

## O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.<sup>a</sup> D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 7, tom. II

N'uma das salas mais commodas e mais bem decoradas do palacio do marquez, achava-se este indolentemente recostado n'uma larga e estofada cadeira de braços, contemplando com melancolia as chammãs d'algumas achas, que ardiam na chaminé: o pobre ancião estava só.

Era a hora do crepusculo; e os ultimos raios da luz da tarde penetravam apenas n'aquella estancia, através das largas cortinas de seda, que lhe guarneciam as janellas.

As ultimas flôres do outomno, graciosamente dispostas em grandes e formosas jarras da china, ostentavam alli suas amarelhadas côres; um magnifico relógio adornava a mesa, sôbre que se achavam collocados dois primorosos candelabros de bronze; excellentes quadros, enriquecidos de douradas molduras, cobriam as paredes; e um elegante sofá de damasco azul, e uma duzia de cadeiras do mesmo estôfo, completavam a mobilia d'aquelle aposento.

O marquez havia deixado cair a seus pés um livro, seu companheiro em tão pungente soledade; e parecia absorto em profundas reflexões, quando

d'ellas foi tirado subitamente por um estranho ruido, que acabava de produzir-se na sala visinha.

Era a voz de seu criado de quarto, que se oppunha á passagem d'um homem, que obstinadamente pretendia entrar na sala, em que se achava o marquez.

— Julião, Julião! ¿que significa esse barulho?

— Senhor, respondeu Julião apparecendo, é o tio Pedro, que procura falar a v. ex.<sup>a</sup>; e eu não julgo...

— Deixa-o entrar: é um bom homem; quererá pedir-me alguma esmola; e por cousa nenhuma d'este mundo recusaria eu o consôlo a um infeliz.

O criado levantou immediatamente a larga cortina de seda, que interceptava a passagem ao mendigo, e desapareceu murmurando, e sem que seus passos se sentissem sôbre o macio tapete, que cobria o pavimento.

O tio Pedro achou-se finalmente diante do marquez; mas parecia tão perturbado, que este, comprehendendo todo seu embaraço, lhe disse com doçura:

— Vamos, falai: ¿tendes alguma cousa a pedir-me?

— Senhor marquez, respondeu o mendigo, nossa conversação será longa; e portanto quizera que v. ex.<sup>a</sup> ordenasse, que ninguem venha interromper-nos; e que me permitisse sentar-me; pois que minhas velhas pernas não consentem, que eu esteja por muito tempo de pé.

O marquez, um pouco confundido com aquelle inesperado exordio, levantou-se; e, cedendo aos desejos do mendigo, foi elle mesmo fechar a porta da sala; e offerecendo-lhe depois uma cadeira, dispoz-se a ouvir o que aquelle homem tinha para dizer-lhe.

Depois d'alguns momentos de hesitação o tio Pedro começou, com voz um pouco trémula, a falar do seguinte modo:

— Ha alguns annos que vivia na aldeia de.... um rendeiro do pae de v. ex.<sup>a</sup>, que possuia n'aquelles sitios um grande numero de terras. Toda sua felicidade, toda sua esperanza a punha elle n'uma filha, que o céu lhe havia concedido. Magdalena era formosa e boa como um serafim: em toda a aldeia não se encontrava uma rapariga, que se lhe assimilhasse; enquanto que seu pae, se julgava o mais feliz, vendo de dia para dia crescer sua filha.

Vosso pae, senhor marquez, que era querido e respeitado em toda a aldeia, foi um dia ver suas propriedades, acompanhado de vosso irmão mais velho, que tinha então 26 annos: o prazer d'aquelles pobres aldeões não teve limites, quando viram no meio d'elles seu senhor.

Todos á porfia enfeitaram suas humildes casas, para offerecer-lhe uma conveniente hospitalidade; porém o pae de Magdalena foi o mais feliz de seus companheiros, pois que o senhor marquez preferia a sua, e n'ella se instalou.

Pouco tempo alli permaneceu; porém vosso ir-

mão, como para os compensar, lhes prometeu que voltaria áquelles sitios tão depressa como lhe fosse possível. Assim o fez, com effeito; e desde então, pretextando um grande prazer pela caça, tornaram-se muito frequentes suas visitias, servindo-lhe sempre de albergue a mesma casa, onde primeiro havia sido recebido.

Á medida porém que a estada de vosso irmão mais se prolongava, as faces de Magdalena iam perdendo sua semelhança com as rosas de maio, e seus olhos a alegria, com que costumavam brilhar.

Notára-o seu velho pae; porém, sempre que pedia explicações, a joven se tornava vermelha como uma papoula; e não sabendo em sua perturbação que responder-lhe, deixava sempre o rendeiro mais confuso que antes.

—¿A que proposito vem essa historia?

—Perdoai-me, senhor marquez, eu vol-o rogo, e escutai-me até o fim: sei que estou abusando de vossa paciencia; porém, assim é preciso.

—Continuai, disse o marquez, dominando seu máu humor.

—Um dia, proseguiu o mendigo, por um inesperado acaso o pae de Magdalena entrou no quarto da joven e encontrou-a, banhada em pranto, lendo um papel, que ella em vão procurou occultar; o rendeiro tinha-o visto, e sem escutar as

mais completa: as noites de Herrmann, depois de Ristori, e ultimamente as de Emilia das Neves são-nos ainda tão caras, tão doces, tão saudosas; recordam-nos tanta ventura, sentimentos tão nobres, tão elevados, tão desconhecidos, que por las esquecemos todos os desgostos, que aquella ardade nos custou...

Antigamente o theatro academico era apenas um *pretexto* para uma reunião... Depois de Herrmann, de Ristori e de Emilia é mais do que isso: é uma escola, em que todos vão aprender a ser grandes pelo genio, pelo talento e pelas virtudes!

O que todos nós sentimos por esses dois artistas, que primeiro ennobreceram o palco academico —já o disseram alguns de nossos collegas da imprensa: o que Emilia nos fez experimentar nas tuas noites, em que seu genio e suas virtudes

lhe deram entrada no mesmo theatro,— dizem-nos esses versos, que em seguida transcrevemos; dizem-nos as lagrimas, que nos arrancou do peito, dizem-nos os applausos, que fizeram tremer as paredes d'aquelle *presumpçoso* edificio; dil-o a multidão immensa, que em roda se lhe agrupou, e a mágoa dos que a não poderam ver e ouvir; dil-o, por ultimo, a saudade com que todos a viram partir!

Emilia das Neves é hoje mais do que uma Actriz de primeira ordem: — para nós é *uma irmã!* para

para seu filho; pois, ainda que culpada, conservára sempre em sua alma um sentimento de punimento e honradez.

Vosso irmão foi vel-a por entre o silencio da noite: ella o recebeu em seu proprio quarto, sem

suspeitar que seu pae, occulto no quarto conti-

guo, resolvêra não os perder de vista um só momento.

Aquella entrevista começou por mil demonstrações de affecto; e aquelle desgraçado pae tudo ouviu resignado; pois sempre esperou, que o amor e o pranto de Magdalena conseguissem de seu nobre amante a devida reparação; todavia sua mão tremia-lhe de cólera; e todos os tormentos do inferno nada seriam comparados com os que seu coração soffreu n'aquella noite fatal!

Chegára por fim o momento, em que cumpria a Magdalena expôr seus receios, suas esperanças pela sorte do filho, que em si trazia; o coração do pae da desgraçada joven batia-lhe no peito com violencia; é que elle esperava com anxiedade a resposta de vosso irmão, da qual dependia não so a propria honra, como o futuro de sua filha.

Infelizmente o amor do nobre mancebo havia sido apenas o capricho d'um momento...; de sorte que, ao ouvir a palavra *reparação*, não poude deixar de rir-se desapiadadamente da pobre joven, que acreditára em seus juramentos.

Uma nuvem de sangue offuscou então as vistas d'aquelle que tudo havia escutado em silencio; e, posto que involuntariamente, o angustiado velho levou a mão a sua espingarda... Com tudo esperou ainda.

A joven supplicou de novo; regou com lagrimas os pés de seu seductor; porém elle, junctando á offensa o ultrage, arremeçou-lhe uma bolça cheia de ouro...

Ao som produzido por aquelle metal, caindo no pavimento, correspondeu o ecco d'uma detonação...

Magdalena soltou um grito...

Vosso irmão jazia por terra, banhado em seu proprio sangue...

(Continúa)

## VERSOS Á LUA

A PEDIDO DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. E. N.

Versos á lua... ora esta!  
Nada mais faltava agora!  
Mas, visto que uma senhora  
M'os pede, que hei de eu fazer?  
Lá que é massada, é verdade;  
Mesmo grande, bem o vejo;  
Porém eu sempre desejo  
As damas satisfazer.

Lua! lua! mal tu sabes!  
Em que talas me metteste!  
Hontem só appareceste  
Para trabalhos me dar:  
Quando tu nos céus estavas  
A brilhar tão pura e clara,  
Não pensavas que essa cara  
Tanto mal vinha causar.

Eu sempre tenho gostado  
De ver a belleza tua;  
Mas nunca tentei, ó lua,  
Fazer-te versos, a ti.  
Como havia de fazer-t'os?  
Estás tão longe e tão alto!...  
E eu da terra ao céu um salto  
Nunca dal-o conseguí!

Versos fazer-te era asneira,  
Porque lél-os não podias;  
Tu á terra não descias,  
Eu ao céu também não vou:  
É por isto que até hoje  
De ti não tenho fallado;  
Mas agora o negro fado,  
Que eu faça versos, mandou.

Pois então abre as orelhas  
E ouve attenta os meus versinhos;  
— São d'este officio os espinhos,  
Mas as ordens cumprirei.  
Hei de cumprir, está dito!  
Nunca falto ao que prometto;  
Mas que Deus me faça preto  
Se o que hei de dizer-te sei!

Ah! sim... já sei: « Se te vejo  
Por entre as nuvens mettida,  
E logo depois, garrida,  
Pelo céu a passear,  
Sabes o que isso me lembra?  
Julgo ver — nem sei se o diga —  
Uma bella rapariga  
Com seu namôro a brincar. »

Então que é isso?! de novo  
Entre as nuvens te occultaste?!  
Parece que não gostaste  
Do que acabas de me ouvir...  
Não gostas, bem vejo... basta!  
Mas não te zangues comigo...  
Acredita que eu só digo  
Estas cousas para rir.

Não quero ver-te indisposta  
Comigo, formosa lua;  
Quero sempre a face tua  
Ver a rir-se para mim:  
Vou fallar-te em outras cousas,  
Já que os derrickos não amas,  
E nêem és como as madamas,  
Que n'esta villa achar vim.

Direi que tens lindos olhos  
— Olhos que eu não vi ainda,  
Que és meiga, bem feita e linda,  
Que sempre elegante estás;  
Que andas sempre bem vestida,  
Que tens bem crescido o peito,  
Que o teu balão é bem feito,  
Que és mesmo um... bico de gaz!

Direi quantas parvoices  
Me vierem á cabeça,  
Para que ninguem me peça  
Versos, seja p'ra o que fôr.  
Para ti já fiz bastantes,  
Mais não faço — tem paciência;  
E sou da tua excellencia  
Criado e venerador.

Setembro, de 1859.

EUGENIO A. DE BARRÓS RIBEIRO

## EXPEDIENTE

Temos recebido ultimamente e agradecemos os numeros, que nos têm sido enviados dos jornaes: *Bem publico*, *Agapito*, *Civilizador*, *Santelmo* e *Estrella oriental*, o primeiro e o segundo publicados em Lisboa, o terceiro no Porto, e os dois últimos em S. Miguel. Em todos elles temos deparado com muito bons artigos, que revellam o grande merecimento litterario de seus redactores e os civilisadores esforços de nossa imprensa na cathechese d'um povo, que, atordoado ainda por um sem numero de velhos principios e ridiculas superstições, mal pôde abrir ainda os olhos para vêr que o *jornal* e o *livro* é a *luz* da civilisação, ~~por que tanto se, ahhela!~~ nos; e que me permittisse sentar-me; pois que minhas velhas pernas não consentem, que eu esteja por muito tempo de pé.

O marquez, um pouco confundido com aquelle inesperado exordio, levantou-se; e, cedendo aos desejos do mendigo, foi elle mesmo fechar a porta da sala; e offerecendo-lhe depois uma cadeira, dispoz-se a ouvir o que aquelle homem tinha para dizer-lhe.

Depois d'alguns momentos de hesitação o tio Pedro começou, com voz um pouco trémula, a falar do seguinte modo:

— Ha alguns annos que vivia na aldeia de.... um rendeiro do pae de v. ex.<sup>a</sup>, que possuia n'aquelles sitios um grande numero de terras. Toda sua felicidade, toda sua esperanza a punha elle n'uma filha, que o céu lhe havia concedido. Magdalena era formosa e boa como um serafim: em toda a aldeia não se encontrava uma rapariga, que se lhe assimilhasse; emquanto que seu pae, se julgava o mais feliz, vendo de dia para dia crescer sua filha.

Vosso pae, senhor marquez, que era querido e respeitado em toda a aldeia, foi um dia ver suas propriedades, acompanhado de vosso irmão mais velho, que tinha então 26 annos: o prazer d'aquelles pobres aldeões não teve limites, quando

Compram-se ou trocam-se por outros os n.º 1 a 6 do 1.º vol. dos PRELUDIOS-LITTERARIOS. No escriptorio da redacção do mesmo jornal — *Arcos do Jardim*, n.º 13.

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## THEATRO ACADEMICO

Quando, no anno passado, dissemos em nossa revista do n.º 16 d'este jornal, que «consideravamos em ruínas o theatro academico, e que o meio de o restaurar era—abrir suas portas ás companhias, que de Lisboa ou Porto alli quizessem vir representar»—não faltou quem nos quizesse mal, vendo talvez em nossas palavras uma injuria aos incontestaveis talentos de muitos moços academicos, a quem até então o cultivo da arte dramatica se havia exclusivamente confiado.—Poucos mezes decorreram depois, e já algumas experiencias bastaram para nos justificar da maneira a mais completa: as noites de Herrmann, depois as de Ristori, e ultimamente as de Emilia das Neves são-nos ainda tão caras, tão doces, tão saudosas; recordam-nos tanta ventura, sentimentos tão nobres, tão elevados, tão desconhecidos, que por ellas esquecemos todos os desgostos, que aquella verdade nos custou...

Antigamente o theatro academico era apenas um *pretexto* para uma reunião... Depois de Herrmann, de Ristori e de Emilia é mais do que isso: já uma escola, em que todos vão aprender a ser grandes pelo genio, pelo talento e pelas virtudes!

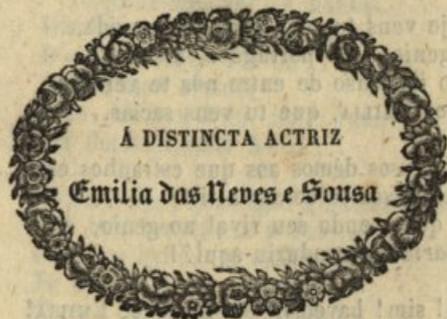
O que todos nós sentimos por esses dois artistas, que primeiro ennobreceram o palco academico—já o disseram alguns de nossos collegas da imprensa: o que Emilia nos fez experimentar nas duas noites, em que seu genio e suas virtudes lhe deram entrada no mesmo theatro,—dizem-no esses versos, que em seguida transcrevemos; dizem-no as lagrimas, que nos arrancou do peito, dizem-no os applausos, que fizeram tremer as paredes d'aquelle *presumpçoso* edificio; dil-o a multidão immensa, que em roda se lhe agrupou, e a mágoa dos que a não poderam ver e ouvir; dil-o, por ultimo, a saudade com que todos a viram partir!

Emilia das Neves é hoje mais do que uma Actriz de primeira ordem:—para nós é *uma irmã!* para os pobres—*uma carinhosa mãe!* Pisando nossas capas, que lhe tapetavam o caminho, cingindo-se com as corôas, que lhe offertavam os pequenos orfãos, a quem viera soccorrer, Emilia deverá ter sentido tudo quanto ha de verdadeiro e de nobre n'aquelles doces titulos, que a amizade e a gratidão lhe conferiram aqui...

Março—1860

V. DA SILVEIRA

VOLUME II



Pois que! Se n'um volver d'esses teus olhos,—  
Quando alegres os volves, quando, altivos,  
Orgulhosos chamejam, quando, ternos,  
Promettem todo um mundo de venturas,—  
Arrastas almas mil, dizes e inspiras  
O horror, a compaixão, o amor, a raiva,  
Delirios da mulher, que amou, e accorda  
Vendo murchas por terra as flôres da vida;  
Se suspensas dos labios—a teu mando—  
Tens almas mil escravas, que te obedecem,  
Que choram, se tu choras, e que exultam  
Com tuas alegrias, com teus risos,—  
Se és mulher, se és Rainha e se és Artista,  
Póde alguém intentar dizer com falas  
O que sente, o que vae lá dentro n'alma?!...

\* O silencio diz tudo, e é muda a lyra:  
Distendidas as cordas, humedece-as  
Uma lagrima sancta, que as orvalha  
D'amor, d'aspiração, d' affecto infindo.  
A lagrima diz tudo— diz que á terra  
D'heroicos feitos mil, de mil grandezas,  
De nobres, fraternaes e sanctas crenças,  
De esperança e sentimento, e dos amores,  
—«E dos amores d'Ignez que alli passaram»—  
Faltava inda um laurel. Hoje essa lagrima  
Diz ao peito, que sabe recolhel-a,  
Que, morrendo amanhã, morre contente  
Essa terra, que as outras avassalla;  
Porque achou o laurel, que os mais enfeixa,  
Uma gloria immortal, que as domina,  
Um nome, que não morre, quando os sec'los  
Lhe dobrarem no pó a altiva frente!...

ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL

N.º 9

Bem vinda sejas, portugueza Artista!  
Louvor do genio, que enlevar nos vem!  
Tão nobre acção, qual a que fazes hoje,  
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem!

Ha pouco ainda d'esta sala o tecto  
De nossos *bravos* co' a explosão tremeu;  
Estranho Artista n'este templo da arte  
Eternos louros para si colheu.

Era estrangeiro; mas — que importa? — o genio  
Pertence ao mundo, não tem patria já;  
Sempre o talento, d'onde quer que venha,  
Em toda a parte nacional será.

Hoje vens tu, em Portugal nascida,  
Teu genio, todo portuguez, mostrar;  
Desejo immenso de entre nós te vermos,  
É hoje, EMILIA, que tu vens saciar.

Applausos démos aos que estranhos eram...  
Não te devemos coroar a ti?  
A ti, que, sendo seu rival no genio,  
Só *charidade* conduziu aqui?! \

Oh! sim! havemos de coroar-te, EMILIA!  
Louros e palmas ceifarás a mil;  
Tão alto solio has de aqui ter, que nunca  
Seja abalado pela inveja vil.

Bem vinda, pois, a portugueza Artista!  
Louvor ao genio, que enlevar-nos vem!  
Acção tão nobre, qual a vemos hoje,  
Quem algum dia esquecerá? — Ninguem!

EUGENIO DE BARROS

Aos louros, que adornam tua fronte serena,  
Artista mimosa, se ajuntam mais louros;  
Sincera homenagem, rendida ao talento,  
Das glorias do palco soberbos thesouros.

Estrella da scena, do genio dilecta,  
Quem póde ao aspecto dos ricos paineis,  
Que traças tão habil, deixar de adorar-te  
Na força das palmas, de applausos fieis?

Imperas no peito dos que amam as artes,  
Dominas acções e dominas vontade;  
Não temas que offusquem tua gloria firmada  
No throno do genio, qu' escuda a verdade.

Escuta estes gritos, que são de prazer,  
São gritos dos jovens, que as letras cultivam;  
Sinceros agentes da sciencia, veneram  
As prendas, que d'ella e das artes derivam:

— Á scena, ó EMILIA! recebe estas provas  
De puro respeito, amizade e oblação;  
— Nas c'rôas e flôres, das palmas nos echos,  
Do jubilo nosso tens pura expressão. —

Aos louros, que adornam tua fronte serena,  
Artista mimosa, se ajuntam mais louros,  
Sincera homenagem, rendida ao talento,  
Das glorias do palco soberbos thesouros.

C. B. G. A.

Não são c'rôas, Artista, que ao genio  
Sôbre o palco tu vês offertar;  
Fôra injuria á grinalda opulenta  
Pobre e rude florinha enlaçar.

D'almas charas um feudo modesto,  
Penhor sancto d'eterna affeição,  
Orvalhado com lagrimas puras  
Da mais pura e leal gratidão, —

Acolhido em teu seio, traduzo  
O que os labios não sabem dizer,  
— Quando ardente a emoção guarda n'alma  
Lucta ingente d'angustia ou prazer!

A. DE M. V.

Ouves os brados, que resoam vividos?  
Ouves as palmas, que se dão aqui?  
D'alma nascida esta expansão de jubilo  
É preito ao genio revelado em ti.

N'ella te falam corações fanaticos,  
Presos sem força á tua voz em fim;  
Este transporte tão vivaz, energico,  
Ouve-o, *Artista*, é seu dizer assim:

— Genio, belleza, seducção, prestigio,  
De tantos dotes quiz fadar-te o céu;  
Rival não temes no tablado scenico,  
N'elle hoje exerces o dominio teu.

Não são grinaldas, verdejantes, flôridas  
Que nós te vimos a teus pés trazer;  
É nossa offerta, EMILIA, o culto fervido,  
Que deve ao genio o coração render.

Ó Patria, que, magestosa,  
Tens tua fronte saudosa  
P'los heróes do passado;  
De mesquinha, triste e pobre,  
Ergue agora a fronte nobre,  
Do genio acorda ao brado.

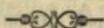
D'entre as fronteas laureadas,  
D'entre as cabeças c'roadas  
D'essa gente, que passou,  
De novo apparece agora  
Genio equal, ao que n'outr'ora  
Tua belleza cantou.

Fôste tu, Actriz-Rainha,  
Que viste á patria minha

Dar gloria inda uma vez;  
Fôste tu, ó genio ativo,  
Que lhe bradaste comigo:  
*Amo o nome portuguez!*

Eia pois, caminha!... ávante!...  
Segue essa estrella brilhante,  
Que te vi bella raiar;  
Que esse teu nome adorado  
Em nosso peito gravado  
Ha de p'ra sempre ficar.

J. A. G. T.



Maior atrevimento sair das tur-  
bas para levar a corda a quem  
tantas tem aos pés.

A. F. DE CASTILHO.

*Por mares nunca d'antes navegados*  
Bradaram grandes nautas—Portugal!  
N'America instruindo um povo rude  
Buscaram descuidosos o seu mal.  
Foi mais um povo ignoto levantado,  
Para dar-te depois golpe fatal...

Essa águia da soberba, ativa Gallia,  
Como ave de rapina vi pairar;  
Manchando ao velho as faces contristadas,  
A outros novo insulto foi juntar.  
Cuspir n'um muribundo, é covardia,  
Que só d'aguia da França é d'esperar.

Portugal, onde tens os teus guerreiros,  
Que fizeram tremer Napoleão?  
Das glorias do passado que te resta?  
Já não sentes pulsar o coração?  
Quando alguém, Portugal, cae na miseria,  
Definha, morre, porque implora em vão!

Ai, velho! nada tens! tão pobre, tanto,  
Que deves esconder o rôsto: deves!...

Nada?!... Minto: por padrão de gloria  
Bastava-te um só nome—EMILIA NEVES!

Coimbra, 22 de Março de 1860. A. L. T. CRESPO



Minha lyra, meus amores,  
Meu lindo jardim de flôres,  
Delicias do meu viver,  
Dá-me um canto d'alegria,  
Cheio d'amor e poesia,  
Canto de mago prazer:

Que tenha jasmims e rosas,  
Com açucenas formosas,  
Para o todo lhe alindar;  
Com saudades e com lyrios,  
Mas que não tenha martyrios,  
Que esses têm máu denotar.

Tu, Mondego, que deslisas,  
Por baixo de frescas brisas,  
Mansamente para o mar,  
Dá-me as tuas verdes margens,  
Dá-me essas doces aragens,  
E o teu brando murmurar.

Fresca *Lapa dos Esteios*,  
Que, com suaves enleios,  
Prendes todos que a ti vão,  
Dá-me a suave frescura,  
Dá-me a tua formosura,  
Dá-me tu inspiração!

Inspira-me, verdes montes,  
Inspira-me, frescas fontes,  
D'esta Coimbra gentil;  
Afinae meu alaíde,  
Para, em vez d'um canto rude,  
Ser florente como Abril.

Mas, não; não, que a minha lyra  
Não tem hem quem a desfira,  
Para um hymno te cantar;  
Tu do genio tens a palma!  
Cinges os louros de Talma!  
Dispensarás meu trovar;

Que esta cith'ra desditosa,  
EMILIA, Artista famosa,  
P'ra te dar cantos não tem;  
Apenas, rendendo preito,  
Põe a teus pés o respeito  
D'um pobre artista tambem.

21 de Março de 1860

ANTONIO FRANCISCO BARATA



AO MEU BOM AMIGO AUGUSTO CORREIA GODINHO

## ELOQUENCIA SAGRADA

Continuado do n.º 5, tomo II.

Excellencia da Missão do Sacerdote

A elevação, a nobreza e dignidade do ministério sacerdotal, conhece-a e aprecia-a aquelle, que sabe os altos deveres, e as funções augustas, que o sacerdote exerce em beneficio do homem, da familia e da sociedade.

O homem, que deve por officio instruir o ignorante, regenerar o culpado, socorrer o pobre, amparar o desvalido e consolar o amargurado; o homem, cuja vida deve ser um apostolado, para alliviar os males de seus irmãos, para lhes inocular na alma o amor do bem, para os tornar virtuosos, melhorando seus costumes e aplanando-lhes o caminho do céu, desempenha uma missão tão grande, que nenhuma ha abi na terra, que com ella possa correr parelhas.

São as paixões, que infelicitam e degradam o homem, são ellas o instrumento da sua ruina, das suas misérias e do seu aviltamento. O cidadão mais util é o sacerdote, que, compenetrado dos deveres, que lhe impõe o seu ministerio, combate sem trégua e sem dó as paixões, e trabalha sempre por arrancar do coração humano essa semente invenenada e fecunda em males e em desordens: o cidadão mais prestadio é o sacerdote, que, com mão caridosa, alevanta o homem do lodaçal das torpezas, em que elle se revolvía e ennodoava, transformando a vergontea enfezada e pôdre em arvorea rica de seiva e de formosura. É elle que faz brotar flôres embalsamadas de perfumes, e fructos são e deliciosos, onde ha pouco nasciam e medravam urzes e abrólhos. É elle que conduz para os caminhos do Senhor a ovelha desgarrada, que vagueára pelas sombras da noite do erro, e pelas veredas tortuosas da perdição: do impio faz um crente, e do scelerado um archanjo, que dos pégos do vicio ergue em seus braços, depondo-o aos pés de Deus.

O magistrado, em que brilham a illustração e a integridade, qualidades, que devem sempre caracterisal-o, véla pela execução da lei, mantem a ordem e a tranquillidade, aclara os direitos de cada um, pune a audacia do crime, dá liberdade ao opprimido, protege o innocente, e exerce uma das mais nobres e honrosas missões, de que a sociedade pôde investir um dos seus membros.

Mas poderão as suas funções ser postas em parallelo com as do sacerdote? Não. O magistrado pelo imperio, que tem sobre os corações, obsta a que o crime se commetta; se o magistrado termina as dicensões das famílias, o sacerdote suffoca-as na sua origem; se um oppõe um dique á torrente dos vicios, o outro sábe seccar a fonte caudal, d'onde elles rebentam. Estas palavras do illustre Frayssinous dizem uma grande verdade, que a luz da razão e a experiencia quotidianna confirmam e evidenciam:

A religião é a mais eslada columna, que sustenta o edificio social: é a primeira e a mais importante lei social, porque é a baze de todas!

A religião e a moral são as melhores garantias da ordem, e as mais fortes sanções da lei. O sacerdote, como ministro d'uma religião, que ensina todas as virtudes e que recommenda a perfeição, presta todos os dias eminentes serviços á sociedade. Ordena a obediencia aos poderes publicos, e a submissão ás autoridades constituídas; manda observar as leis mais por dever da consciencia, do que por temor de castigo; entra na consciencia do cidadão e illumina-a; dispõe-a para realizar as obrigações, que lhe são impostas; repara muitas desordens; destróe innumeraveis vícios; evita mil crimes e escandalos, que as leis civis não punem, nem reprimem, e que até ignoram, e que são por vezes mais prejudiciaes e funestos, que a transgressão d'algumas d'essas leis. O homem, a quem o diadema adorna merecidamente a frente, o monarcha sabio, justo e zeloso pelo

bem de seus subditos pôde felicitá-os, protegendo a agricultura, animando as artes, estimulando e recompensando o trabalho e o merito, dando impulso ao estudo das sciencias e á florescencia das letras, introduzindo refórmulas salutaras, promulgando boas leis, adoptando medidas, que sejam a expressão da razão e da prudencia; pôde respeitar e reconhecer a liberdade e os direitos d'aquelles, que são homens como elle, apesar de serem governados; pôde no interior promover o bem estar e a paz, e tornar-se no exterior respeitado e temido; pôde fazer muito. Se a hydra da tyrannia senão enroscou nunca no seu sceptro, se elle foi symbolo da justiça, e não instrumento de oppressão, o amor d'um povo, que se prostra aos pés do throno com o coração inundado de reconhecimento, vale mais, que os applausos da historia; dá ao homem coroado maior e mais immorredora gloria, do que páginas d'ouro, que guardarão o seu nome, ou estatuas magestosas erguidas para lh'o consagrar.

O soldado soffre nos arraiaes a intemperie das estações e os estímulos da fome, afronta perigos, para defender a liberdade, para rechassar os inimigos, que tentam invadir e devastar o solo da patria. Ceifando no campo da batalha louros, que não murcham nunca — lá morre muitas vezes como heroe, dando a vida pela terra, em que nasceu e que tanto amou. Elle faz-lhe o maior sacrificio, que um filho pôde fazer pela mãe, que o creou.

Mas se a verdadeira patria do christão é o céu; e a terra é valle de lagrimas e de perigrinação; se é morada de viajante, por que se passa um dia, o sacerdote faz ainda maiores beneficios, que o principe, que o sabio, que o magistrado e que o guerreiro. Estes trabalham para o tempo, aquelle edifica para a eternidade: o primeiro guia os homens pelo amor ao seio de Deus, leva-os á gloria do céu; os segundos felicitam-nos na terra.

O sacerdote debruça-se sobre o berço do infante, alimenta-o com o sacro-leite da religião, allumia-lhe a alma com o lume da fé, alimpa-lhe a macula da culpa original com o fogo da graça, cobre-o com as alvas e candidas vestes da innocencia, guia-lhe os passos no caminho da vida, diz-lhe que supporte com resignação os espinhos, que o hão de ferir!

Põe-lhe na cabeça o elmo, aperta-lhe a rodella no braço, ensina-lhe a brandir a espada, adentra-o no manejo das armas, prepara-o, para que possa ferir com valentia e denodo pelejas ardidas contra o principe das trevas, contra as enganosas seducções do mundo e contra suas proprias paixões. E quando o soldado de Jesus Christo entra na arena do combate, não o perde jámais de vista. Se elle se porta com brio e coragem, anima-o e applaude-o; se o vê victorioso abraça-o; se lhe vê a frente coroada de palmas viridentes, contempla extasiado e ebrio de sancta alegria o campeão illustre, que sabe zelar a honra do seu Deus e da sua religião.

Ainda que elle fraqueje, não o abandona; acode-lhe e inspira-lhe coragem; levanta-o e consola-o; cicatriza-lhe as feridas, entrega-lhe de novo armas rijas e bem temperadas, e segue-o sempre. Se elle morre triumphante, vae acompanhá-lo ao tumulo, sparge-lhe sôbre a campã corôas enfeitadas de rosas.

Do contrario—molha com as suas lagrimas a terra do sepulchro, e pede a Deus, que desarme o braço da sua justiça, e que lhe perdôe pela sua misericordia.

Homem alevantado ás alturas do sacerdocio, que és tu, se segues a trilha do dever? És um Anjo de luz e de consolação, que passas pelo mundo, dissipando trevas e derramando balsamos em torno de ti!

Que importa, que tu morras iguorado, que importa o esquecimento e a ingratição dos filhos, que tanto amaste? Depois de atravessares esta valla de miserias, chamada o mundo, sem que seus ares impetados te embaciassem a pureza d'alma, irás no céu receber o premio, com que o Senhor não falta áquelles, que o serviram.

(Continúa)

A. M.

## COISAS E LOISAS

Continuado do n.º 6, tomo II.

### CAPITULO IV

*De como de pequenas cousas provem grandes resultados. Quéda phisica e quéda moral. A menina Luiza não é uma menina vulgar. Prova-se.*

É tempo de lembrarmos o senhor Paulo Rodrigues do Patrocinio. Attendendo ao interessante papel que elle tem de representar no decurso d'esta historia de eternas luminarias não é justo que o deixemos em ingrato olvido. E tanto mais que a sua pessoa, já por si se torna recommendabilissima á nossa sollicitude, visto que levamos impenho em mostrar coisas que divirtam os amanteticos leitores.

Ora ahi vae o retrato, que nem o daguerreotypo o dava mais fiel.

Sôbre duas pernas (notem que eram só duas) de vara e meia d'altura, um metro e sessenta centímetros á franco-moderna, esguias e aprumadas como duas toijas de castanheiro-novo, se erguia aos ares o tronco esmagriçado do senhor Patrocinio, esticado como uma mumia, dobradiço como um vime, ao longo do qual se dependuravam, nos seus momentos de descuido, uns braços eternos com eternas mãos.

Dizemos nós seus momentos de descuido, por que fóra d'elles o sr. Patrocinio tinha a seu cuidado colloca-los de modo, que não era facil medir-lhes o tamanho. O esquerdo, com a mão fechada, andava ordinariamente atraz das costas, coisa da minha embirra, de que elle aliás nada se importa, e o direito dobrado tambem em angulo

recto, escondia a mão entre dois botões da casaca, que sempre trazia ajustada.

Da casaca não fallo em especial, porque realmente não teria nada que dizer. Era uma como ha muitas. Imaginem-na como melhor quizerem e deixem-me.

Pois a cara? Aquillo é que era cara, e tão cara (passe), que *muito me custa* pintal-a aqui. Antes queria comer um prato de morangos.

Ora façam ideia.

O senhor Paulo Rodrigues tinha, e não sei se ainda conserva, dois olhos de verde garrafa espreitando por debaixo de hyperbolicas sobrance-lhas, como um mendigo debaixo d'um alpendre, em cima das quaes, como em pedestal seguro, cahia a prumo uma testa chata e burnida, d'estas testas a que a gente da arraia miuda chama de bater solla. Da sua base partia direito um famoso nariz, d'estes de — dê-me licença, e ao meio da sua extensão quebrava, dependurando-se sôbre um bigode desconcertado e hirto como as sêdas d'um javali. A bôca não se lhe pescava com o tal bigode; e é pena por que provavelmente seria umas delicias. Faltavam-lhe uns tres dentes, isso via-se-lhe, e os outros estavam negrissimos com o fumo do cigarro.

Que mais querem?

Se alguma leitora amavel e briosa tem tido a pachorra de ler as coisas e loisas que para aqui tenho escripto, todas verdades puras como o seu coração angelico, está a esta hora certamente envergonhada de ter havido uma menina, que gostasse de tal monstro.

Porque nem lhe passa pela ideia duvidar do que eu lhe affirmo, e de mais a mais em letra redonda.

E tem razão, carradas de razão. Mas que que-rem, se isto d'amor, como diz um poeta, « não está em nós dal-o nem quital-o! »

O que póde pedir a Deus é que a livre de más tentações, porque a cair n'ellas todos nós estamos sujeitos.

E alli tem a menina Luiza para exemplo.

Mas o modo como aquelle mafarrico lhe deu assaltada é que é galante.

Fallo do amor, e não haja escandalos por lhe dar nome tão maldoso, que mais não merece elle. Pois que é o amor senão um mafarrico, um diabrete, um maldito do inferno, que faz andar as cabeças das nossas pobres meninas por ares e nuvens, deixando cair malhas na mestra, furtando dinheiro á mamã para estampilhas, gastando cabedães loucos em dentes postiços?

Deixemos isso, e vamos ao que importa. É o modo como o amor do sr. Patrocinio deu assaltada ao coração de Luiza.

Ha em Coimbra pelos meados d'Agosto, uma festança rija á *Senhora da Boa-Morte*. É na Sé. Na vespera é do estylo muito repicar de sinos e foguetes ás grosas.

N'um d'estes annos atraz houve mais do que isso: houve fogo prêso, e por signal que até um

barco de fogo no chafariz, que era mesmo uma cousa grande.

Aquelle vasto largo da Sê, a que tão inexplicavelmente por ahí chamam *Feira dos Estudantes*, estava em consequencia apinhadissimo de povo.

Digo aquelle *inexplicavelmente*, porque é certo que se no mundo ainda ha coisas ou pessoas que se não vendam, são os estudantes. *Feira dos Estudantes*, pois, é uma expressão que tem tanto de inexacta como de inexplicavel. Mas emfim, dizes do povo, que não sabe o que diz...

A noite estivera um pouco nebulosa até nove para dez horas. Depois, justamente quando ia principiar o melhor da função, desaba uma bâtega d'agua, que era como quem a deitava a cantaros.

Agora é que são ellas. Toda aquella infinidade de gente queria por força recolher ainda que não fôsse senão a cabeça.

N'um momento todas aquellas lojas foram invadidas em desordem, e de milhares de pessoas, apenas algumas dezenas tiveram de a apanhar a peito descoberto.

Uma d'estas era o sr. Paulo Rodrigues do Patrocínio, ex-tenente de caçadores e actual escrivão do juiz de paz na sua terra, que mal diria então a ventura que alli o esperava.

Vão ver.

Vendo-se em tão critica posição, o sr. Patrocínio pensou, e pensou bem, que todo o fogo que elle visse não era capaz de lhe tirar das costas uma boa molhadella, que uma boa molhadella podia trazer uma boa constipação, e que a uma boa constipação podia seguir-se muita coisa má, rheumatismo, por exemplo. E entendeu na sua alta capacidade, que o fogo não valia o rheumatismo. Resolveu ir metter-se debaixo de telha dando por mal empregado o tempo em que tinha vindo á cidade.

Pensal-o e fazel-o foi obra d'um momento. Abriu o immenso compasso de suas estiradas pernas, e dá a correr que nem um possesso.

Ao voltar a esquina para o *Arco do Bispo* um dos pés impeçou-lhe no quer que fosse, que foi na parede defronte fazer — pá — em quanto que elle caíu sôbre um joelho.

Ergueu-se furioso, rógou uma praga, costume que lhe ficára da tarimba, e dispunha-se a partir sem mesmo querer saber o que o tinha estorvado, quando lhe feriu os ouvidos uma voz de lastima, que o commoveu até á medúla.

O senhor Patrocínio tinha bom coração: parou logo e perguntou o que era.

Não lhe responderam, mas entre lagrimas e suspiros ouviu dizer:

— Pobre bochinho, meu amor, em má hora te trouxe eu, para morrer aqui aos pés d'este brutamontes!...

Concluiu que tinha morto um cão. Pouco se importava com isso um antigo guerreiro, mas aquella palavra, brutamontes, referida a elle por uma voz tão meiga e tão magoada, ferio-o no amago do seu melindre.

O senhor Patrocínio era um homem de brios, apesar de não ser conhecido de Camillo Castello Branco. E n'esta conjunctura deu provas.

Caminhou resolute para a dona do cãesinho, e, com a voz mais branda que poude, disse:

— Se a minha vontade houvesse tido a menor parte na desgraça que acaba de succeder-lhe, minha senhora, e que eu sou o primeiro a lamentar, offerecia a v. ex.<sup>a</sup> todas as satisfações: assim offereço o meu pequeno prestimo se as esperanças não estão de todo perdidas...

N'isto a dona do cãesinho ergueu a cabeça e os olhos para elle, e o sr. Patrocínio sentiu tremerem-lhe as pernas, passar-lhe uma nuvem pela vista, e o chapéu que tinha nas mãos cahiu na lama.

Aquella mulher, que lhe tinha chamado brutamontes, era linda como um sonho de virgem, linda como a visão d'um poeta, linda como elle nunca tinha imaginado coisa assim.

O sr. Paulo Rodrigues ficou doudo: cahiu-lhe aos pés pedindo perdão.

Devia ter sido uma scena de caricatura soberba.

Mas o bonito são as consequencias. Data d'ahi o amor de Luiza pelo sr. Patrocínio.

Porque bem avisado é o meu leitor para já ter adivinhado, que a dona do cãesinho era a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Luiza Bibiana de Castro.

No primeiro impeto Luiza teve vontade de arrancar as ganas, de comer ao maldicto assassino do seu *Patusco* (era o nome do finado). Mas quando viu tamanha afflicção, um enleio tal, e sôbre tudo aquella acção magnanima de lhe pedir perdão, e de joelhos no meio da rua, o seu coração dobrou-se á piedade.

Porque se fosse outro qualquer homem não era cousa de estranhar e muito menos para a menina Luiza; mas aquelle, um gigante, um Ferrabraz, um Traga-mouros, com aquelle bigode de metter medo, com aquelle corpanzil como a torre da Universidade, vel-o ahí a seus pés, trémulo, submisso, eu sei cá dizer o que isso pôde no coração d'uma mulher?

Accresce para o effeito outra cousa, que parece bagatella, e que todavia não concorreu menos. Luiza não gostava muito do cão, principalmente por causa do nome. Já lh'o tinham dado grande, e, não sei que é, em a gente os não creando de pequeninos, não lhes cria aquelle amor que deve ser, amor de raiz.

Nem param aqui as gentilezas do sr. Patrocínio.

Acompanhou Luiza até á porta, e d'ahi a trez dias apresentou-se-lhe em casa a pedir um instante de audiencia.

O papá tinha saído. A menina deu um gritinho quando lhe disseram que a procurava o homem que lhe tinha morto o canito. Não seria facil dizer se de espanto se de contentamento.

Mandou logo que o fizessem entrar.

O sr. Paulo estacou perfilado no limiar da porta da sala, porque em frente deparou logo com D. Luiza, sentada com garbo verdadeiramente sobe-

rano n'uma marquezia. Aquella senhora para elle produzia os effeitos da cabeça de Medusa: atalhava-o de fórma, que o deixava immovel.

Ella demorou-se alguns instantes a admirar o seu imperio, e depois dignou-se dar-lhe um arzinho da sua graça e fazer-lhe signal de aproximar-se.

O ex-tenente deu um só passo e achou-se ao pé d'ella curvado em arco, como o *Polido do Methodo portuguez*.

—Eu venho aqui... começou elle tartamudeando: não sei se será imprudencia... eu queria pedir desculpa a v. ex.ª...

E não havia lá sair de tamanho apêrto.

D. Luiza foi generosa.

—Queira sentar-se, disse ella com modo affavel: já não somos tão desconhecidos que não seja muito natural a sua visita. E desde já lh'a agradeço, qualquer que seja o objecto d'ella. E-me sempre muito lisongeiro que pessoas que uma vez me vejam, se não esqueçam de mim.

O nosso homem tomou animo. O que elle temia eram as primeiras palavras. Visto que não foram uma reprehensão, o mais dava esperanças. Deixou-se de exordios e atirou logo ao vinte.

—Eu vinha offerecer a v. ex.ª esta insignificancia—disse elle, mostrando na mão uma condecinha fechada que trouxera debaixo do braço, e que Luiza ainda não tinha notado.

Abriu-a depois, e Luiza viu dentro um como que rôlo de algodão branco, que por si mesmo se começou a mover, deu um pulo para fóra, e partiu a correr pela casa.

Era um cãosinho inglez, que os nossos leitores já conhecem com o nome de *Rigoletto*. E d'ahi vem a explicação d'aquella palavra—*souvenir*, que ella mesma lhe bôrdou na colleira.

Ninguem pôde dizer como Luiza foi sensivel áquella prova d'affecto do senhor Patrocínio. Avaliou quantas voltas e reviravoltas não daria o pobre do homem para haver á mão aquella raridade só para a obsequiar.

D'ahi por diante o senhor Paulo Rodrigues do Patrocínio ficou considerado amigo benemerito da casa debaixo da recommendação da menina, que contou ao papá tudo o que se tinha passado.

Decorreram alguns mezes, e muita coisa se passou. O senhor Paulo lembrou-se, a final, de pedir Luiza em casamento.

O senhor Castro, o papá, tomou então o seu lugar e retirou a confiança a quem não sabia contentar-se com o que lhe davam. Despediu-o de sua casa, e á filha impoz preceito de quebrar todas as relações com elle.

Ella porém é que não tinha coração para tamanha crueldade. Meia hora depois de assignar diante do pae uma carta de despedida, escreveu outra, só de sua conta, em que dava tudo por firme como dantes, e declarava que não merecia crédito nenhum o que escrevera n'aquell'outra, porque a escrevera sob a pressão d'uma vontade mais forte e estranha.

(Continúa) J. SIMONS VERRILLA

## D. JOSÉ ZORRILLA

### ESTUDO

Continuado do numero 6, tomo II.

#### VII

Qual foi a estrella, que dirigiu Zorrilla n'esta parte de suas obras? Onde foi elle inspirar-se para escrever com mão tão firme estes pequenos poemas? Abri a introduccção; elle lá nos diz:

Baja á mi mente inspiracion cristiana;

e, sagrado poeta por essa inspiração, elle erguera a voz

Sobre las ruinas, en que España Hora,

para lhe cantar os brilhos, para lhe commemorar os feitos.

Com tal inspiração, Zorrilla não podia deixar de produzir uma boa obra. É que da inspiração é que nasce o poeta. Rochedo arido e queimado pelo calor do sol, é-lhe mistér a inspiração, qual vára de Moysés, para que d'elle rebente a jorros a poesia. Vêde como cantou Camões inspirado pela patria, Delille pela natureza, e Stay pela philosophia!

São seis as lendas, que Zorrilla reuniu n'esta sua collecção.

A primeira—*La princeza Doña Luz*—encerra todos os attractivos d'uma historia de antigos tempos. É já o amor d'uma princeza a lutar com os desejos d'um rei, já o apparecimento mysterioso d'uma creança sôbre as aguas do Tejo, já um d'esses juizes de Deus, já..., n'uma palavra, todo o attractivo, que requerem composições d'estas.

A ideia não é elevada; mas é attrahente e bella; o estylo simples e chão.

A segunda—*Historia de un Hespañol y dos Franceses*—é para mim uma das melhores flores d'este ramo, uma das mais bem escriptas; e tanto que nos não podémos furtar ao desejo d'aqui transcrever alguns troços d'ella. Bem sei eu, que se não recompõe todo um edificio, por alguns pedaços do portico; mas avalia-se a grandeza do mastodonte, por alguns ossos que d'elle encontrou Cuvier. N'esta lenda casa-se o attractivo da narração com a belleza das descripções; e enleia-se a simplicidade do estylo com a fluencia da dicção.

O amor, a molla real de todas as composições poeticas, representa aqui, como de preito é, o primeiro papel.

E que bellas poesias não tem formado o amor desde o episodio d'Ignez de Castro até... eu sei?... aos improvisos dos modernos trovadores! N'esta lenda apparece uma bella descripção, toda *fructo do amor*;—e n'ella tornam-se notaveis os seguintes versos, quando o conde obtem o *sim* de Argentina:

Un si pronunciado apenas,  
Fugitivo e balbucente,  
Pero espressivo, elocuente,

Espontaneo, abrazador:  
Un sí, cuyo eco encantado,  
Cuyo sonido improviso  
Abrió al conde un paraíso  
De deleites y de amor!

Depois do *sim* vem logicamente o casamento, e depois, talvez *illogicamente*, a infidelidade. O conde (que como o leitor sabe é o marido) parte para a guerra,

Partióse pues el buen conde  
Contra Almanzar á campaña,

onde faz *hazañas de gran valor*, que concorreram para formar este dia

..... glorioso  
Para el honor de Castilla.

Vindo da guerra procura sua mulher; mas não a encontra! Tinha-lhe fugido. Ha n'este ponto um bem imaginado episodio. O conde entra no castello; ninguem o vem esperar, caso raro! Procura a mulher, os creados; não encontra ninguem: chama, só lhe responde o echo, mas com respostas tão claras, que o conde sabe da sorte de sua mulher. É um espirituoso episodio, e que o sr. Mendes Leal soube magnificamente traduzir ou imitar na sua poesia—*O echo*. Permitta-me o leitor que agora cite em portuguez:

Raivando disse: — « Esta gente  
Onde ousada se concentra?»  
E o echo me tornou — *entra!*  
E entrou-me n'alma o pavor.  
Clamei depois doloroso:  
— « Vem esposa, vem querida!»  
E o echo murmurou — *ida!*  
Pelo immenso corredor!

Bradei ao cabo iracundo:—  
« Nenhuma voz me contesta?»  
Responden-me o echo — *esta!*  
E o furor me transportou!  
— « Quem, gritei, mesmo em meus paços  
Moteja a minha esperanza?»  
E o echo retumbou: — *França!*  
E França ao longe soou!

Faz honra ao auctor dos — *Dous Renegados*, dos — *Homens de Marmore* e do — *Avè Caesar!* esta imitação.

Depois Zorrilla tem ainda uma bella descripção do parque do castello abandonado, — e sôbre tudo a descripção d'uma noute de abril, de que transcrevemos o seguinte pedaço:

Era una noche del abril: serena  
La luna en el zenith resplandecia,  
Y el aura erraba de perfumes llena  
Que en las tempranas flores recogia:  
De esas noches azules, deliciosas,  
Que solo ideas de placer producen,  
Y que solo para almas voluptuosas  
Con fugitivos resplandores lucen.

É pois esta uma das melhores lendas de Zorrilla.

Não se lhe nota, é verdade, muita variedade de rima e de metro, como talvez melhor lhe iria, mas tem de certo bellezas inquestionaveis.

(Continúa)

F. BEIRÃO.

## REMIEMBER

Não te esqueças d'aquelle amor ardente,  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

CANÇÕES

Pódes tu, virgem formosa,  
Esquecer-te descuidosa  
Do amor que te votei?...  
D'esse ditoso passado,  
Em que cego e confiado  
Tão dôces horas gozei?...

Quando teus olhos fallavam,  
E n'essas falas me davam  
Lédas esp'ranças de amor?...  
Esp'ranças todas mentidas,  
Que promettiam mil vidas,  
E apenas deram... só dôr!...

Se tu, donzella, soubesses,  
Se na mente concebesses  
Qual era a minha paixão,  
De certo que tremerias  
Quando votaste os meus dias  
Às penas da solidão!

Não pagam ondas de pranto  
A dôr profunda que tanto...  
Tanto o seio me pungiu!  
Prometteste-me a ventura  
No teu olhar de doçura...  
Era a vida... que fugiu!

Mas, ao menos, não te esqueças;  
Talvez que um dia inda peças  
Ao passado uma lembrança...  
Mas então, ó virgem linda,  
Recorda que existe ainda,  
Existe sempre... uma esp'rança.

1833

A. A.

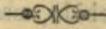
## EXPEDIENTE

O desejo de tornarmos immediatamente conhecidos de todos os triumphos ultimamente alcançados em Coimbra pela grande Actriz, *Emilia das Neves e Sousa*, fez-nos apressar a publicação d'este numero, e demorar para o seguinte alguns artigos, que já se acham compostos.

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## PRELUDIOS-LITTERARIOS



Não podemos resistir á tentação de transcrever aqui um interessantíssimo período d'uma carta, que ha dias nos escreveu de Sevilha nosso amigo e mui distincto escriptor hespanhol, o ex.<sup>mo</sup> sr. D. Federico Utrera. Esperamos, que sua amizade nos desculpará este pequeno abuso de confiança, nascido do desejo, que temos, de que nossos collegas apreciem *por si mesmos* as amigaveis expressões, que lhes dirige, e os sinceros votos, que faz, para que os noveis escriptores portuguezes, que, com seus escriptos, têm enriquecido as páginas de nosso jornal, se tornem merecedores da fama e da gloria de Camões, que tanto enobreceu as letras portuguezas.

Os sentimentos, que nosso amigo nos manifesta nas ultimas palavras, com que termina o periodo alludido, — são e serão sempre os nossos: já os expressámos em alguns de nossos escriptos, e não nos cançaremos nunca de os reproduzir. Hespanha e Portugal devem e podem ser uma só nação; aconselham-no suas respectivas posições geographicas; a identidade de suas produções; a semelhança de seus costumes e de seu idioma; os laços de parentesco e amizade, que nos unem; uma sympathia poderosa, irresistivel, entre os sexos contrários; o maior desinvolvimento de nossas relações commerciaes; a dignidade, a independência, a *felicidade*, emfim, do povo portuguez.

O dia, em que todos se compenetrarem d'estas verdades, deve ser um grande dia para Portugal, pois será *o de sua emancipação!* ¡Sim! porque o despotismo, a tyrannia d'essas nações poderosas, que hoje se comprazem em esmagar-nos a frente, humilhada debaixo do ignominioso peso de seus insultos, de suas insolencias, — em breve se converteriam nas doces e consoladoras demonstrações de respeito e admiração, que esses mesmos povos nos tributavam, antes das desgraçadas e pusillanimes administrações d'alguns de nossos governos, ¡que á sua fraqueza, á sua immoralidade, á sua ignorancia, á sua cobiça têm sacrificado tudo quanto tínhamos de mais precioso — nome, glorias, dignidade, thesouros!

V. DA SILVEIRA

Abril — 1860

VOLUME II

N.º 10

«He recibido el primer volumen y los números subsiguientes de los *Preludios-literarios*. Los he leído con placer, mas diré, con entusiasmo; porque en ellos veo retratadas las primeras y mas puras impresiones de las almas jóvenes, los primeros y mas inocentes pensamientos de unas inteligencias, que comienzan á elevarse y á buscar en las esferas de la dulce poesia un consuelo para su corazon, un rayo de luz para su espiritu. Yo os doy la enhorabuena, pues habeis conseguido vuestro proposito. Esas páginas seran en lo futuro un altar, en el cual hallaran los hombres encañecidos el fuego — siempre sagrado — que produjeron las chispas primeras de sus ardientes imaginaciones. Salud en mi nombre esa juventude estudianta, que ilustra vuestro periódico, y cuyas producciones ya me son familiares, cual las de mis compatriotas. Yo, apesar de la distancia que nos separa, vivo entre ella, la amo, y desde mi retiro le rindo el tributo de mi amistad. ¡Ojalá en alas de su entusiasmo la viera remontarse con el tiempo hasta las altas creaciones del inmortal *Camoens!* ¡Ojalá mis votos se cumplieran, y asi como hoy somos hermanos en el pensamiento, en las creencias y en el honor, lo fuéramos igualmente en la Patria, que talvez contra nuestra voluntad se ha creado una frontera que nos separa! ¡Pero que importa separar los cuerpos cuando las almas viven unidas!»

Da melhor vontade publicámos o seguinte artigo d'uma senhora portuense, que sentindo-se inspirada pelos escriptos de nosso amigo e collega o ex.<sup>mo</sup> sr. J. Simões Ferreira, e sympathizando com a indole do nosso jornal, se animou a fazer *sua entrada* no esperançoso mundo da imprensa, escolhendo para seu introductor OS PRELUDIOS-LITTERARIOS.

Devéras que nos sentimos orgulhosos com uma tal prova de confiança; e penhoradissimos pela preferencia, com que nos considerou; lisongeando-nos esperar que a *desconhecida* auctora do presente artigo se apressará a tomar entre os collaboradores d'este jornal o distincto lugar, que lhe pertence, em virtude de seu talento, de seu espirito e das atenções, que devemos ao estimavel

sexo, a quem a mesma autora tanto acaba de honrar e illustrar, e por quem nós fazemos os mais sinceros votos, para que em breve venha a assumir toda a dignidade e importancia, que nas coisas do mundo por muitos titulos lhe compete.

V. DA SILVEIRA

*Sr. Redactor:*—Pela carta que acompanha este artigo saberá a causa, por que tomei a liberdade de lhe pedir o obsequio de m'o transcrever no seu jornal, pedindo desculpa por toda a falta que commetter; poisque, além da minha modica comprehensão, os meus estudos são apenas a leitura d'algumas obras litterarias, em que gasto o tempo, que os meus affazeres me deixam, e uma vontade illimitada de escrever um dia um artigo, que, sem vergonha, possa assignar. Se esse dia vier, sr. redactor, será no seu jornal que eu quereirei ter a honra de subscrever o meu nome. Contando com a sua indulgencia, vou referir qual foi o objecto que me chamou a attenção, animando-me a lançar mão da penna pela vez primeira, para manuscreever alguns caracteres, com o fim de se metamorphosearem em letra redonda.

Acabava eu de jantar, n'um d'estes ultimos dias, em que a atmospherá estava carregada, convidando mais ao somno, do que a qualquer distracção; eu não sabia em que consumir o resto do dia, que estava triste como o meu genio, e por isso me parecia tão grande como o meu aborrecimento. Empreguei por acaso a vista nos PRELUDIOS-LITTERARIOS; como nunca tivesse lido este jornal, tentei fazel-o, porque a leitura raras vezes deixa de me distrair. Antes de folhear o jornal li a introduccão, coisa que não uso ler, porque pouco costumam differir uma das outras; aquella captivou-me a attenção, porque, além de bem escripta, achei muito merito ao objecto que motivou a inauguração do alludido jornal: estava assignada pelo sr. J. Simões Ferreira. A primeira coisa que se lhe seguia era um romance original do autor da introduccão. Não pude deixar de lê-lo, por achar muita graça á excentricidade do titulo: o meu elogio não pôde lisongear o distincto escriptor, pois é tão mesquinho como as minhas habilitações; tão mediocre como grande o talento do sr. Simões Ferreira. Em cada periodo do seu romance revela o seu elevado genio, e uma não vulgar erudição. Se continuar a seguir a carreira litteraria, teremos a dita de junctar na historia mais um nome a nomes illustres.

Não tenho a honra de conhecer o sr. Simões Ferreira; porém respeito-o pela sua sciencia: se não fôsse tão ingenhoso nunca diria no seu romance, que se não pôde falar com mulheres, senão em amor, bordados ou *toilettes*; suppor que elle está convencido d'isso, era fazer-lhe uma offensa imperdoavel, era nada menos que classificar-o de muito indocto; e mais do que isso seria, quem fizesse tal injustiça ao homem, que ocasionou o eu dar os primeiros passos na carreira litteraria,

que ha muito tinha immensos desejos de encetar, desejos, que nunca levaria a effeito, se não fôsse inspirada pelo romance *Coisas e Loisas* do sr. Simões Ferreira. Sem recorrer aos annaes da historia, podia apontar muitas mulheres de talento; mas cital-as era suspeitar dos vastissimos conhecimentos do digno autor; e por fórma alguma quero que elle julgue o que nem pelo pensamento me passa. O sr. Simões Ferreira, tendo a feliz lembrança de dizer tal coisa, fez um grande serviço ao meu sexo; porque n'umas excita os desejos de se illuminarem; em mim, que já ha muito os tenho, o de encetar essa profissão, tão apreciavel; e para o mesmo senhor pôde servir de recreio a interpretação, que derem a tal pensamento. Honra lhe seja feita!; a invenção não podia ser melhor.

A muita sabedoria do benemerito autor poderia passar não despercebida, mas sem o felicitem sem lhe dirigirem um louvor; mas não passava sem censura aquillo, que muitas, por mais não alcançarem, podessem imaginar uma offensa. Eu, apesar da minha apoucada instrucção, julgo que seria um crime de lesa-litteratura não prestar por tal motivo a devida homenagem ao habil escriptor. Sempre farei uma observação: entre mil mulheres é provavel que uma saiba mais do que o exarado pelo sr. Simões Ferreira: as outras novecentas noventa e nove talvez nem todas tanto abranjam... Creio tambem na possibilidade do dito senhor não ter encontrado alguma mulher de espirito e saber; acho-o muito natural, mas não direi que a não espere encontrar; o que faço é agradecer-lhe do intimo do coração, e com todas as forças da minha alma, o bem que me fez, depreciando assim as mulheres, porque se isso não fôra, eu nunca daria um passo n'uma senda, que tanto apetezia trilhar.

De novamente repito, que não é como desafrota que escrevo este artigo; porque não só comprehendo o espirito das phrazes em questão; mas, quando o não entendesse, não seria a offendida, porque conheço a minha insufficiencia, e por ella julgo a muita razão que o sr. Simões Ferreira tem para assim falar da pouca illustração do sexo feminino. O mesmo senhor diz no seu romance, no capitulo que segue áquelle, em que tenho falado, que nunca foi sua intenção atacar ninguém, o que jura pelo passado e protesta para o futuro. Acredito que assim seja, emquanto á intenção, mas não fico pelo resultado d'alguns escriptos, que se compõem ás vezes na melhor boa fé, porque a modestia, os bons exemplos, e mesmo o moral, offende aquelles que o não têm; porisso o sr. Simões Ferreira não deve já mais quebrar a sua penna; antes quebre o protesto, se tanto fôr mistér, porque, no sacrificio de o quebrar, ha mais merito do que em o cumprir, quando é um *homem* que o faz. A penna do illustre autor é digna de ser cravejada de brilhantes; e prasa a Deus que por muitos annos elle dê ao público a satisfação de ler as suas eruditas producções.

Não terminarei este mal redigido artigo sem felicitar tambem o sr. A. F. de Loureiro, autor

d'Um Amor de Estudante. Á sua penna, digna de toda a consideração, accresce um estylo... que não se póde ler e ficar insensível: a leitura que impressiona tem em si o panegyrico; e por isso, só direi que está superior á minha approvação. Concluo, manifestando que os PRELUDIOS-LITTERARIOS é um excellente jornal, e sinto não ter o preciso discernimento para offerecer-lhe, sr. redactor, a minha collaboração.

Espero que me não negará o obsequio d'inserir no seu jornal, este tibio artigo, pelo qual se confessará eternamente agradecida esta, que tem a honra de se assignar,

Porto, 31 de Março de 1860.

UMA MULHER,

que sympathisou com os Preludios-Litterarios.

## O QUE FAZEM ROMANCES

Continuado do numero 8, tomo II.

II

O nosso conhecido magistrado, depois do que se passou no capitulo antecedente, continuou a leitura do seu periodico, mas essa leitura era feita d'um modo desusado e estranho; já não havia trechos, que elle repetia entusiasmado e em voz alta, já não fazia os seus costumados *á partes*; antes pelo contrario corria pela vista rapido e apressado qualquer artigo e parece, que não descansava em quanto não chegava á assignatura do articulista; deparou finalmente com a importante sessão dos annuncios e sem lhe dar a menor attenção, depoz o periodico para o lado, lançou mão da carta, que tão inesperada revolução viera causar, e suspirou, encostando a sua respeitavel cabeça ao trémulo braço.

D. Maria tinha ficado absorvida nos seus pensamentos, em pé, encostada a uma meza e mordendo levemente a unha do polegar da mão direita; n'essa posição, que bem denotava a impaciencia de sua alma, os olhos reviravam-lhe espantados e um leve tremor lhe abalava os seios.

Ouvindo o magistral suspiro do pae, acordou, por assim dizer, da sua meditação, e, aproximando-se d'elle, pousou-lhe brandamente a mão no hombro direito e balbuciou:

—Então, meu pae, por que está agora triste?

—Porque?... é porque vejo uma infeliz ás bordas da sepultura a supplicar-me o perdão, que não merece, mas que eu não tenho a força de negar-lhe.

—Mas disse-me, que minha tia...

—Sim, é tua tia mesma; olha menina, nunca te tinha fallado em minha irmã porque a considerava de ha muito morta para mim. Coitada!... vê tu o que são as novas doutrinas, o que faz o teu seculo das luzes... A pobre Jacinta, creada sempre debaixo dos saos principios, em que eu mesmo tenho querido crear-te, era como tu uma perfeição, mas como tu ardia no desejo de conhe-

cer o mundo. Não sei aonde ella tinha ido buscar as ideias, as mais exquisitas, sobre a sociedade, esta sociedade de agora... am?... mas foi o caso, que logo que findou a triste guerra do Porto, fui a Lisboa para contrair os laços do matrimonio com tua sancta mãe, que Deus haja, levei Jacinta comigo, louca de contentamento, e a pobre deixou-se seduzir pelas apparencias e pela sua imaginação exaltada, e fugiu com um homem... vê tu, filha, um homem, que era militar de D. Pedro, que pugnara contra o seu rei, que desembainhara a espada contra a legitimidade, contra a religião, contra mim mesmo... Foi o bastante para eu a amaldiçoar, para nunca mais querer saber d'ella.

—Coitada... murmurou D. Maria compadecida.

—E bem coitada, minha filha; porque essa desgraçada está agora soffrendo o justo castigo dos céus. Eu casei em Lisboa com tua boa mãe e vim logo para a minha quinta do Carvalhinho, em quanto Jacinta, segundo me constou, casava tambem com o tal militar, e enfronhava-se ás cegas no bulicio da corte. Seu marido, collocado em uma posição elevada, figurava nas primeiras sociedades, e o luxo matava-os; o seu posto dava-lhe porém meios para tudo: infelizmente vieram as cousas da *patuleia* e o homem, bulhento por natureza, metteu-se ainda n'aquella guerra e o resultado foi passar á terceira sessão. O louco se havia de reduzir-se então ao seu pequeno soldo, qual historia?!... continuou com a mesma vida sancta e esplendida, e agora o que fez com isso, foi deixar á dois mezes a pobre mulher e duas filhas, que são já umas senhoras como tu, desamparadas e pobres, porque Deus chamou-o á dois mezes á sua divina presença, aonde praza aos ceus, o ajuste das suas contas não tenha sido muito difficil...

—Mas... pobres meninas?... Como ha de isto agora ser?... Se nós fôssemos viver com ellas em Lisboa...

—Descansa, que tuas primas não estão tão mal como pensas: tua tia não quiz nunca receber nada da sua legitima, porque seu marido nunca lh'o consentiu, e essa tenho-lh'a eu administrado religiosamente, de maneira que hoje, quasi duplicada, minha irmã póde com ella dotar as duas pequenas talvez em 16 contos cada uma.

—Oh! meu pae, como é bom!

—Não sou bom; fiz o meu dever, fiz o que no meu tempo se fazia sempre. Ora agora Jacinta escreve-me uma carta, que fazia chorar as pedras... coitada... e Gervasio limpava as lagrimas de afflicção em quanto sua filha chorava tambem, mas por ir ver emfim Lisboa.

—Minha irmã, continuou o magistrado, pede-me agora esquecimento e perdão. Diz-me, que não quer morrer sem me abraçar e lega-me desde já as suas duas filhas...

—Então devemos partir immediatamente; talvez não cheguemos já a tempo...

—Pois sim, minha filha, partiremos já, e vai tu mesma arranjar a tua roupa.

— Ah! meu pai, tenho tudo prômpito... se eu tinha o presentimento que iríamos breve para a Capital...

— Ah! menina... essa mania... ora queira Deus...

Mas com a lembrança da partida Gervasio esqueceu a sua costumada prédica e levantou-se para ir também tractar dos seus arranjos.

Na madrugada do dia seguinte saía da quinta do Carvalhinho um carro puchado a duas mulas, no qual, além do sr. Gervasio Carneiro e sua filha, iam tres bahús com os vestidos d'esta e uma pequena trôxa com todo o fato ceremonial d'aquelle, consistindo em uma casaca preta, colete de setim branco, e calça preta de casimira e competentes botas.

D. Maria ia louca de contente; os balanços do carro eram para ella quaes os molles balanços de voluptuosa rede, sob a fresca sombra de elegante palmeira e ao agradável sôpro da briza d'uma tarde equatorial.

Ao passo que se ia aproximando de Lisboa, o coração palpitava-lhe mais livremente e as côres assomavam-lhe mais viçosas ás faces.

Chegados ao Carregado, D. Maria, fiel aos seus protestos de nada lhe causar estranheza e admiração, metteu-se ligeiramente em uma carruagem de segunda classe nos caminhos de ferro, emquanto seu pae a seguia, duvidoso e assustado, murmurando:

— Ora queira Deus... as taes invenções... ora queira Deus...

O comboio partiu veloz como uma setta, e em quanto o velho se agarrava aos seus companheiros de jornada, que lhe ficavam mais perto, D. Maria, ao querer erguer-se para da portinhola ver melhor os novos climas, que atravessava, não contando com o movimento de que todo o systema ia animado, assim como ella mesma, cambaleou e foi-lhe preciso encostar-se a um passageiro, que ia no lugar fronteiro, e que delicadamente a susteve estendendo-lhe uma pequena mão, perfeitamente calçada com uma luva côr de canario.

D. Maria confusa balbuciou uma desculpa, e, toda córada ainda, deixou-se outra vez cair no seu lugar.

Passado o primeiro momento de embaraço foi-se atrevendo a erguer a pouco e pouco os olhos sôbre a creatura, que tão galantemente a tinha salvado de queda maior, e a quem ella tão mal tractára, porque ao cair tinha sentido, que seu pé encontrava um outro, que soffreu paciente a pressão do primeiro.

No seu levantar pausado dos olhos a primeira cousa que D. Maria devisou foi esse pé, tão bruscamente calcado, e cujas marcas ainda guardava, e que no entanto poderia causar inveja á mais delicada dama, tão bem talhado e calçado com uma bota de verniz era elle.

Ao vê-lo, D. Maria escondeu apressadamente os seus e ficou já d'ahi hem predisposta para o heroe d'aquella sua primeira aventura.

Continuando depois na sna analyse principiou a vêr uma calça preta; umas pernas negligentemente crusadas; um colete de casimira pardo sôbre o qual se torcia uma cadeia de ouro e bailava uma luneta do mesmo metal, suspensa a um cordão de cabelo; um fraque de côr escura, e ao pescoço uma manta de seda azul, atada descuidosamente por baixo de um coleirinho de riscado dobrado á mamã.

Hesitou ainda a levantar os olhos d'ahi para cima, mas a curiosidade e uma força, que não poude vencer, obrigou-a a contemplar também a frente d'esse companheiro de viagem.

O desconhecido tinha descalçado a luva da mão esquerda e 'nessa mão, introduzida por entre os cabellos compridos da sua cabeleira lustrosa e anellada, brilhavam dois aneis d'ouro, grandes e resplandecentes, em quanto na outra ainda calçada com a mesma luva apertava convulsamente um chapêu côr de castanha.

Com a cabeça recostada sôbre a mão esquerda alongava a vista pelos campos, que se estendem do lado direito da estrada até perderem-se ao longe no Tejo, e um como sentimento de dor lhe enuviava as feições.

Era um rapaz, que parecia ter pouco mais de 25 annos; seu talhe era elevado; suas faces pallidas e emagrecidas; um bigode preto lhe cobria o beijo superior; o nariz era de typo oriental, e as sobrancelhas, levemente arqueadas e bastante fartas, soffriam uma contracção, que denotava uma impaciencia, um aborrecimento pronunciado.

D. Maria fixou o seu visinho e leu-lhe na physionomia um sentimento, que a tocou, e que se foi logo repercutir no seu coração, pelo privilegio das almas sensiveis e apaixonadas. Desde então não despegou mais os olhos d'elle e principiou também a sentir uma especie de acanhamento, que não esperava, que não sabia explicar.

Passados minutos, viu-lhe um ergner de hombros, um contrahir de labios, um carrêgar de sobrancelhas, e de repente, como quem quer afugentar uma ideia afflictiva, voltar repentinamente a cabeça, e no primeiro olhar surprehendê-la, fixando-o. D. Maria abaixou a cabeça confusa e sentindo-se corar, mas o coração principiou-lhe a palpar mais forte, e os olhos do seu visinho continuou a vê-los, a sentil-os percorrerem-na d'alto a baixo. Sob essa impressão não se atreveu a mover-se, mas passado tempo ousou erguer outra vez a vista e deu ainda com os mesmos olhos negros e rasgados, fixos sôbre ella. D'ahi por diante seguiu-se uma continua tortura, porque os mesmos olhos seguiam sempre os seus menores movimentos, e não se despegavam d'ella um instante.

— Meu Deus, pensava ella, em que farei eu impressão a este homem!... será pelo vestuario? mas visto segundo o último figurino... será por que me conheceu provinciana?... mas não sei em que me mostre exquisita e acanhada... nos meus modos guio-me por Julia, por Carolina, por Branca,

por Amelia (eram as quatro heroínas dos romances, que lera ultimamente)... será por...

E D. Maria não se atreveu a perguntar a si mesma se seria o amor, que impressionava o seu desconhecido companheiro de jornada.

— E por que não? continuou ella, passado um momento; não nasce esse sentimento do primeiro olhar, não se inflamma pelo primeiro apêto de mão, não chega ao seu auge pela troca da primeira palavra?... ah!...

E levantava ainda uma vez os olhos sôbre os d'elle, que encontrava negros, brilhantes e pousados sempre sôbre ella; suas faces tornavam-se-lhe mais purpurinas e animadas, o coração batia-lhe mais vivo e apressado, mas por fim seus olhos caíam-lhe sôbre o chão, como confusos e envergonhados por não poderem sustentar o poder, a força dos d'elle.

N'este meio tempo ouviu-se um silvo prolongado e agudo, o comboio parou e chegaram á estação final de S.<sup>ta</sup> Apollonia.

D. Maria ao sair da carruagem encontrou já o mesmo cavalheiro, que saíra primeiro, e lhe offerecia galantemente a mão para se apoiar na descida, o que não agradou muito ao velho magistrado, porque em voz carregada dizia para a filha, que se sentia toda tremer ao cortejal-o e passar juncto d'elle:

— Está bom, menina, dê cá o seu braço e olhe não se perca. Vamos, cá ficam os criados para fazerem conduzir os bahus á nossa hospedaria... E estamos em Lisboa!... quem tal diria... parece um sonho... os taes vapores sempre é uma!... mas que tem a menina?... parece que o seu braço está a tremer... Serão já os ares da capital?... ora queira Deus... E Gervasio continuava resmungando inintelligivelmente.

Passado um momento D. Maria ao sentar-se no omnibus, que estava a partir para o Pelourinho, via o seu desconhecido sentar-se também em frente d'ella no mesmo omnibus; ao apeiar-se depois encontrava-o a offerecer-lhe ainda a mão para se apoiar também; e finalmente ao entrar para uma hospedaria da rua dos capellistas, que seu pae vira dias antes annunciada e recommendada na *Nação*, notava, que o mesmo individuo a seguia.

Mal entrou no seu quarto, tirou o chapéu de jornada, lançou sôbre o leito o seu chale e chegou á janella, mas, ó pasmo! o mesmo individuo lá estava já parado em uma loja fronteira, fazendo-lhe uma respeitosa cortezia...

N'esse mesmo dia á tarde, a criada, que viera também da quinta do Carvalhinho, entregou-lhe uma carta fechada em um *enveloppe* verde e sem sobrescripto, dizendo-lhe:

— Ó menina, não quer saber?... pois, á boca-dinho, não ia eu a sair do quarto e não encontro na escada um homem, assim a modos, que parecia um fidalgo, e que me diz — pst... pst... ó minha senhora, olhe, entregue este papel á menina, que lh'o manda aquelle senhor, que ella sabe, mas que ninguem veja, sim?... e depois sem *tirte*

nem *guarte*, deixa-me na mão este papel, e põe-se a andar... am? que lhe parece isto?

— Cala-te, Josefa, cala-te e dá cá... e D. Maria pegava toda trémula na carta e escondia-a no seio, em quanto amimando a criada, lhe dizia:

— Olha, minha Josefa, isto não é nada mau, mas não digas nada a ninguem, não?... nem a meu pae...

— E que hei de eu dizer ao démo do homem, se elle voltar logo, como prometteu?

— Olha, dize-lhe, que não me podeste ainda entregar a carta, mas que volte sempre amanhã pela manhã, sim? e agora, minha Josefinha, vae lá dentro buscar-me um cópo de agua, anda...

E em quanto Josefa saía D. Maria abria a carta a tremer, lia-a apressadamente e murmurava depois:

— O meu coração bem o adivinhava... sou amada!... e que amor?... é exactamente como n'aquelle romance inglez... esquece-me agora o nome... aquelle do Lord, que viajava incognito... ah! era o Arthur... apaixonou-se por uma menina e d'ahi a quinze dias casou com ella... Oh! meu Deus, que seria de mim se não tivesse vindo a Lisboa?...

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

## O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.<sup>a</sup> D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 8, tom. II

O tio Pedro deteve-se um momento, enxugou o suor, que lhe escorria da fronte, e procurou tomar algum alento, para poder proseguir.

O marquez, postoque agitado por tão tristes recordações, mas impaciente por saber a verdade d'aquelle drama sanguinolento, cujos detalhes havia sempre ignorado, não quizera ver interrompida a narração do mendigo; assim, quando este a interrompeu, logo lhe observou com notavel auxiedade:

— ¡Continuai!

— Poucos momentos de vida lhe restavam: na sua agonia reconhecêra a enormidade de suas faltas; ordenou pois que lhe chamassem um sacerdote, para que o confessasse.

A casa, em que tivera logar este acontecimento, estava situada n'uma das extremidades da aldeia: assim ninguem d'elle teve conhecimento; alem de que era já meia noite.

O mesmo homecida, mal sabendo o que fazia, e espantado de seu proprio crime, foi procurar o virtuoso parochó, que de boa vontade se prestou logo a acompanhá-lo.

Em poucos momentos haviam chegado á iso-

lada casa do pae de Magdalena; e ahi, o ministro de Deus, antes de auxiliar o moribundo em seu passamento, abençoou sua união com a triste filha do rendeiro.

Vosso irmão fez mais ainda: para remediar suas faltas escreveu, postoque com mui debil pulso, a declaração de seu casamento com Magdalena, nomeando herdeiro de seu titulo e de seus bens o filho, que esta desse á luz.

Poucas horas depois tinha deixado de existir.

No dia seguinte encontrou-se seu cadaver na estrada, sem que ninguem pudesse saber quem havia sido seu assassino; pois o unico homem, que podia denunciá-lo, tinha seus labios sellados pelo segredo da confissão.

— ¡Meu pobre irmão! exclamou o marquez, saltando do peito, opprimido com tão tristes recordações, um doloroso suspiro: tendes razão; nada podemos averiguar sobre o autor de tal assassinato; porém agora... ¡oh! continuai, continuai!

— Alguns dias depois a infeliz viuva deu á luz uma menina, que foi baptisada com o maior segredo pelo mesmo, que guiára até as portas do céu a alma de seu pae.

Mas ¡ai! a pobre Magdalena tinha soffrido muito; e bem depressa, não podendo sobreviver áquelle que tanto amára, exhalou o ultimo suspiro, abençoando sua filha e rogando ao rendeiro que velasse por sua sorte.

E áquelle homem encontrando-se só no mundo com a triste creaturinha, cujo nascimento foi precedido pela desgraça, viu-se na alternativa de a entregar á miseria ou de expor-se a ser descoberto como assassino do marquez. Resolveu porém calar-se e condemnar a tenra orfã a viver no meio das privações e da pobreza; todavia a vista d'aquelle ser, que Deus havia collocado debaixo de sua protecção, fazia-lhe mal; pois que lhe recordava a cada momento sua mallograda filha, aquella filha, que tanto amára sobre a terra...

Os olhos do mendigo arrazaram-se-lhe de lagrimas; e sua voz, ao proferir estas palavras, tremia-lhe sensivelmente. Passado um momento continuou:

— Dicidiu-se pois a abandonar aquelles sitios, e fugir para sempre da casa, que havia sido o theatro de sua desgraça, levando consigo a pobre menina.

Assim, desapareceu um dia da aldeia, que o vira nascer.

Tendo chegado a outras terras, ahi procurou uma mulher honrada, a quem deu a criar a filha de vosso irmão; e, pondo em suas mãos todo fructo de muitos annos de trabalho, se afastou, levando consigo o segredo de seu nome, e o appellido de sua neta.

Vós, senhor marquez, ignorando todas estas circumstancias, chorasteis a morte de vosso irmão; porém, ao herdar seu titulo e suas riquezas, pensasteis em vosso filho, que tinha então poucos annos; e um raio de esperança pode adoçar-vos a dor...

O marquez empallideceu ligeiramente ao ouvir estas palavras.

É que elle, durante a narração do mendigo, agitado como estava por tão tristes recordações, não havia pensado ainda em que aquella creança, de que lhe falavam, podia vir a ser a verdadeira marquez de São Telmo. Esta ideia, pois, que o tio Pedro acabára de suscitar-lhe, fel-o tremer pelo futuro de seu filho. Assim, querendo por uma vez penetrar todo aquelle mysterio, não poude deixar de murmurar ainda com anciedade:

— ¡Continuai!

— Aquelle homem, proseguiu o mendigo, havia já muitos annos, que se achava ausente, sem casa e sem familia: entregue á mais horrivel miseria pretendia d'este modo expiar seu crime. Por outro lado, não amando a pobre creança, cuja existencia havia causado a morte de Magdalena, resolvêra não revelar nunca o segredo de seu nascimento.

E assim teria acontecido, se circumstancias bem graves não viessem depois desviar-o d'este seu proposito.

— ¡Como!...

— Senhor marquez: a filha de vosso irmão ainda vive; e é tão bondosa, que a injusta prevenção de seu avô já não existe. Ao enconral-a, desgraçada, consumindo-se no fogo d'um amor, que julga impossivel, não quer que tenha a mesma sorte de sua mãe, não quer que morra como ella; e assim vem por minha bocca dizer-vos: «¡Senhor marquez, abri os braços áquelle infeliz creança; é nobre e rica, porque Deus quiz que ella descendesse d'um dos titulos de Castella: fazei-a feliz, e vosso irmão vos abençoará lá no céu!»

O marquez ergueu-se da cadeira trémulo e agitado: seus nobres instinctos luctavam-lhe no coração com a ideia de perder n'um só dia posição, honras, tudo que constituia sua grandeza.

Um pensamento porém cruzou de repente por sua frente e veio, por assim dizer, desvanecer um pouco as carregadas nuvens, que a escureciam

— ¡Onde fostes aprender essa miseravel fabula, para virdes d'esse modo especular com minha caridade? Se necessitais d'uma esmola dirigi-vos a meu mordomo. ¡Sai pois immediatamente d'aqui; estou cansado de soffrer-vos!

— ¡Sempre o mesmo! murmurou o mendigo, sempre arremecendo-nos seu oiro!... senhor, acreditai na palavra d'um homem honrado!

— ¡Sai!

— As provas de tudo quanto vos disse tenho-as eu em meu poder; e se não quereis acreditar-me, irei deposital-as nos tribunaes competentes.

— O tio Pedro dispunha-se a sair da sala.

— E ¿quem sois, disse o marquez detendo-o, que assim vos atreveis a vir a minha casa e quasi a ameaçar-me?!

— Sou... um amigo do pai, cujas cans respeitaveis vosso irmão insultou!

— E ¿quem é elle? onde está? dizei-me vosso nome e o do assassino...

— Seu nome... ¡ha já muitos annos que foi riscado da lista dos homens!

— Logo ¿já não existe? e ¡não poderei punir seu crime!...

— ¡Marquez! demasiadamente tem elle sido punido por Deus! Em dezesseis annos de soledade e de mizeria assás expiou já seu crime! Lastimai-o pois, mas não o amaldiçoeis.

— E ¿que vindes exigir de mim? a espoliação do nome, da grandeza de meu filho, para a transmittir a uma adventicia?!...

— Não; quero só que consintais em unir sua mão com a da verdadeira marquez de São Telmo; e assim tereis dado um futuro a essa joven sem empobrecerdes Fernando.

— ¡Consentir na desgraça de meu filho!

— Não; ambos se amam.

— ¡Como! Fernando desceu até captivar-se de...?

— D'uma rapariga nobre e sancta, que tem sabido desviar-o da errada senda, que trilhava, conduzindo-o a seus deveres. Sim, nada mais certo; se Fernando se tornou um bom filho, se hoje obedece e estima seu pai, a ella, só a ella o deve.

— Porém ¿quem é essa rapariga? ¿onde se encontraram?

— Encontram-se todos os dias: sem dúbida foi Deus que collocou essa joven debaixo do tecto da casa de seus ascendentes; e a que é dona d'este palacio serve-lhe hoje de porteira, como a mais humilde de vossas criadas...

— Logo é...

— Angela, senhor.

— ¡Ella!

— Sim... a filha de vosso irmão.

— E exigis, que eu ligue Fernando a essa rapariga? ¡que diria o mundo!

— Que haveis estendido vossa mão protectora a uma desgraçada; que vos não orgulhessies com vossa nobreza; junctando a vosso titulo de marquez os de clemente e bondoso.

— Não; não posso consentir em semelhante união. Entregai-me esses papeis, que provam o nascimento de Angela, e eu vol-os pagarei a peso de ouro: pelo que a ella respeita, não a abandonarei nunca; dar-lhe-hei um bom dote, serei seu protector; porém entregai-me esses papeis, entregai-m'os, eu vol-o peço.

— Senhor, são o dote de Angela; e só os receberá de minha mão aquelle, que houver de ser seu marido. ¡Ouro! ¿para que o quereria essa infeliz creança, se lhe não serve para comprar sua felicidade?; porque Angela ama Fernando como minha... não, como sua mãe amava vosso irmão. ¡Ai! senhor marquez, sua existencia se definharia como se definha hoje sua juventude!

— Mas a sociedade...

— A sociedade, a sociedade... Temei sua sentença, se, ao ser Angela reconhecida como legitima e unica herdeira de vosso irmão, viesse a unir-se a seu espoliado primo; porque, se não cederdes, assim ha de vir a acontecer; e ella fará

por amor o que vós não quizesteis fazer por orgulho: dir-se-ha então, que o interesse e não a affeição vos determinou a consentir n'esse enlace.

— Tenho todavia ainda uma esperança: talvez que esses documentos não provem...

— ¡São irrecusaveis, são sagrados! Vede a letra de vosso irmão, e respeitai a vontade do que já não existe.

O ancião tirou da algibeira uma carta já poluida e cheia de rugas, e aproximou-a dos olhos do marquez.

Este, profundamente agitado, fixou n'elle suas vistas, e convencendo-se de sua authenticidade, começou a passear ao longo da sala, procurando d'este modo acalmar a lucta, que se passava em seu interior: sua posição era demasiado critica e violenta.

O mendigo estava alli, só, em sua casa, impotente para defender seu thesouro; todavia nem uma só ideia de violencia havia passada pela mente do nobre senhor.

O tio Pedro levantou-se para sair finalmente d'aquella casa; porém o marquez, interpondo-se em sua passagem, lhe disse:

— ¿Sabeis, que posso fazer prender-vos como cumplice n'esse homicidio.

— Não obstante entregaria nas mãos da justiça as provas, que podem reduzir-vos á maior pobreza; e, devolvendo a vossa sobrinha seu titulo e sua fortuna, morreria contente. Estou decidido.

— E ¿se eu acceder?

— ¡Ah! então eu vol-as entregarei; e podereis consumir-as no fogo, sem que ninguém tenha conhecimento de seu conteúdo.

— Pois bem: consultarei a vontade de meu filho; e se elle amar Angela, como dizeis, eu não procurei mais saber a maneira, por que alcançastes esses papeis; por vossa parte guardareis sempre este segredo.

— Sim, sim, eu o saberei guardar no fundo de minha alma. ¡Ah! está salva minha pobre Angela!

O tio Pedro saiu finalmente d'aquelle sumptuoso aposento, cheio de esperança e de alegria.

O marquez, caindo n'uma cadeira, entregou-se de novo ás mais profundas meditações.

(Continúa)

## SALVE... MADEIRA!

AO SR. ANTONIO JOÃO DE FRANÇA BETTENCOURT

Salve!... salve! Madeira formosa,  
Tu és ilha das ilhas Rainha,  
Deus te ha dado com mão generosa  
Fulgores que teu solo não tinha.

Salve!... salve! ilha tão bella  
De ti longe poesia não ha;  
Nem póde o poeta aqui tel-a,  
Nem seus cantos revivem por cá.

Em teu solo meu canto surgira  
Mui viçoso d'esp'ranças d'amor;  
E meu estro brotára da lyra  
Ebrio de vida, poesia, fervor.

As ondas vêm de longe saudosas  
A teus pés o seu colo curvar;  
Tuas brisas fagueiras as rosas  
Vêm mui lindas no calix beijar.

Salve!... salve Madeira formosa,  
Tu és ilha das ilhas rainha  
Deus te ha dado com mão generosa  
Fulgores, que teu solo não tinha.

## II

Mas tua belleza e encantos  
Quem jámais ousou cantar?  
Quem t'ergueu hymno saudoso  
Linda Madeira sem par?...  
O trovador... esse é pobre  
A dor que o peito lh'encobre  
Não o deixa desferir  
Esse canto tão saudoso,  
Que da lyra magestoso  
Fazer devêra surgir.

Q'importa!... se assim não fôra,  
Que havia o canto dizer  
O canto d'um exilado  
Que poderia valer?  
Que valer?... que valeria?...  
Murcha n'alma a poesia  
Por as lagrimas de dô,  
Acabado dentro d'alma  
Esse fogo que m'acalma  
Estê meu peito tão só.

A poesia... sim só essa  
Te deve um canto cantar;  
A poesia, Anjo celeste,  
A virgem de meu sonhar;  
Essa linguagem tão bella,  
Que no seu seio revella  
O que teu Deus só te deu,  
E só ella teus encantos  
Pinta com seus meigos cantos  
Com suas tintas do céu.

Mas esse seja cantado  
Só por um filho dos teus,  
E nunca a lyra mui pobre  
Te desfira os cantos meus,  
Que esses cantos não tem preço  
Que esses que eu te offereço  
Não tem o condão do céu;  
Que outros mais formosos inda  
Ha de, Madeira mui linda,  
Offertar-te o filho teu.

Esse só... e pôde agora  
Cantar pois os brilhos teus,  
Que esse tem a sciencia  
Inspirada por um Deus  
Esse só... só o teu filho,  
Que seguiu um nobre trilho  
Hoje te pôde entoar  
Um hymno todo sagrado,  
Que da patria ao triste brado  
Elle lhe ha de cantar.

Coimbra, 27 de Março de 1860

JOSÉ AUGUSTO GUEDES TRIZEIRA

## EXPEDIENTE

Recebemos o n.º 1 do *Academico*, publicação mensal, scientifica e litteraria, redigida pelos ex.<sup>mos</sup> Sr. — João de Deus Ramos, Eduardo José Coelho, Anthero Tarquinio do Quental, Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro, Alberto da Cunha Sampaio, Alberto Telles de Utra-Machado, Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca, Severino de Sousa Azevedo, José Maria da Cunha Seixas.

Já em nosso jornal, e n'outros, o público illustrado tem tido muitas occasiões de apreciar o distincto merecimento litterario de quasi todos ou todos estes nossos collegas e amigos; assim, e como do coração lh'o desejamos, a appareição d'este novo facho civilizador não pôde ser por elle se não acolhido com muitas sympathias e muitos louvores.

V. DA SILVEIRA

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

1.º volume dos PRELUDIOS LITTERARIOS, contendo 292 páginas de impressão, uma lithographia (grupo de estudantes da universidade), uma polka (*Pro-ludios*) e uma walsa (*A saudade*). Vende-se nas lojas do costume — Preço 1\$600 réis.

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em *Coimbra* — loja da imprensa da Universidade; *Lisboa* — livraria universal, do Sr. Silva Junior & C.<sup>ª</sup>, livraria central do Sr. Melquidades & C.<sup>ª</sup>, rua do Ouro; *Porto* — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; *Viseu* — Sr. Francisco Gomes Pinto; *Pêso da Regoa* — Sr. Manuel Mendes Osorio; *Evora* — Sr. V. J. da Gama; *Lamego* — Sr. José Cardoso; *Santa-Comba-Dão* — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; *Leiria* — Sr. José Pereira Curado; *Aveiro* — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; *Faro* — Sr. Feliciano José Alves Braga.

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	15240	Anno.....	15180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
		Por mez — 120 réis	
		Avulso — 40 réis.	

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira



Morreu o estudante do 4.º anno juridico, Antonio Paes Dias de Amaral!.....

Como é pungente e doloroso vê esconder no tumulto, sumir-se nas sombras da eternidade o irmão o amigo, que tanto amavamos na vida, e que ora chorámos, porque o hemos perdido, para sempre!...

Como é penoso e triste conhecer o mancebo na flor da vida, quando esta principiava a descubrir o horizonte d'um futuro de esperanças; para depois vê estas, queimadas pelo sôpro glacial da morte, desprenderem-se e cairem volvidas no pó dos tumulos!...

Mancebo, a quem o talento e virtudes auguravam já um porvir esperançoso, um futuro de gloria, perdemos-o para sempre! A corôa de louros, que a sociedade lhe ofertaria em premio de seus elevados merecimentos, trocou-lh'a Deus pela do martyrio, e pela palma do justo, com que o céu recompensa os que n'este valle de amarguras passaram á sombra da virtude e do sancto temor de Deus... e elle fôra um d'esses!

Extremoso filho, irmão dedicado, respeitador de seus mestres, condiscipulo amigo, dêra-se ás sciencias e ahí manifestou sempre o engenho com que Deus o dotára. Volve o seu espirito á muzica e á pintura, e o genio e a vocação admiravam!

A modestia, sublime apanagio das almas puras e generosas, deixava muitas vezes esconder quanto era e valia.

Foi-se acolher juncto ao throno do Sér supremo! Dôr, magua e recordação immarcessivel, cá nos deixou; gravada nos ficou no coração, e nunca esquecida lembrança em memoria amiga!...

Se prantos e saudades são tributos, que se deviam á amizade, lagrimas e saudades vindas do fundo d'alma lhe offertámos e offertaremos sempre, até que alfim, lá na eternidade, corrido o véu, que nos sepára, aquellas se estanquem, e estas se apaguem em fraternal abraço.

Coimbra, 16 d'Abril de 1860.

E. GARCIA

## Carta a uma mulher que sympathizou com OS PRELUDIOS LITTERARIOS

*Minha senhora:*— Nós não vemos Deus e todavia temos-lhe respeito e amor. A intelligencia é filha de Deus, invisivel com seu pae, e ante ella nós curvâmos a fronte. Como Deus e como a intelligencia, v. ex.<sup>a</sup> quiz ser amada e respeitada sem ser conhecida: alcançou-o.

Penhoram-me as expressões obsequiosas, com que v. ex.<sup>a</sup> engrandece os meus pobres escriptos; mas não as admiro. Assim como através d'uma lente de grande força os objectos tomam proporções que não têm; assim uma intelligencia elevada nunca vê as coisas como ellas são realmente. É a explicação natural do merecimento que v. ex.<sup>a</sup> encontrou nos meus escriptos. Quem é grande vê grandezas em tudo, porque a ideia do somenem a concebe. E d'aqui vem as grandes decepções e os grandes desgostos, que são o patrimonio das intelligencias privilegiadas.

O que é deveras lisongeiro para o meu amor proprio, e mais ainda consolador para o meu coração, é o facto, não os ditos. Se, como diz Fr. Luiz de Sousa, da pederneira só tira grandes faiscas o fuzil de aço fino, tenho muito de que me gloriar por haver sido eu que de tamanha intelligencia haja feito brilhar a primeira centelha.

Dizer eu isto por arrôjo e immodestia me será tomado; mas nunca sube sacrificar a verdade a virtudes de convenção. Tanto mais que a gloria, que de tal facto recebo, de v. ex.<sup>a</sup> vem toda, de mim nenhuma; e não reputo immodestia confessar uma graça.

Um facto semelhante dado com uma mulher vulgar não passaria de me lisongear; com v. ex.<sup>a</sup>, que em tão curto espaço soube revelar tão comprido entendimento, exaltou-me e commoveu-me.

Muito bem sei que a modestia faz redobrar o merecimento; mas sinto agora que a de v. ex.<sup>a</sup> me roubasse com o prazer de conhecer o seu nome a esperanza d'um dia a conhecer pessoalmente e admirar de perto o subido engenho de que v. ex.<sup>a</sup> deu mostras. Apesar d'isso, porém, ser-me-ha de futuro grande satisfação para as festas intimas da

minha consciencia o ter servido de pedestal á gloria de v. ex.<sup>a</sup>

Que desde já lh'a antevejo, minha senhora caminhando afoita na senda a que abriu tão magestosa entrada. Não lh'a gabo de mimosa, que espinhos e agruras não lhe faltam; mas não lhe falte o animo, e v. ex.<sup>a</sup> verá esses espinhos demudados em rosas de aproveitamento. Ávante, minha senhora, que cada passo que se dá na cultura do espirito é um golpe de morte no imperio das ruins paixões! Uma mulher tambem, e mulher de larga experiencia e muito saber, já disse, ha cincoenta annos, que os gosos do espirito eram asados para abonancar tempestades do coração. Devia sabel-o a baroneza de Staël.

Se os que governam o mundo pensassem bem n'essa verdade, não teria eu logar de dizer o que disse, de que agora, menos do que nunca, me arrependo, visto que deu em resultado o bello artigo de v. ex.<sup>a</sup>, que sobejamente veio provar-me uma excepção honrosa á minha proposição. E acredito que haverá algumas outras. Mas nem porisso fica menos verdadeira, e Deus sube com que magua o digo. Os meus epigrammas são sempre pezares do coração, e nunca agudezas de espirito. Se são amargos, é porque assim os sinto tambem. Expressim a verdade, e a verdade nem sempre é doce.

Creio que v. ex.<sup>a</sup> assim o entendeu, porque sabe elevar-se acima de preconceitos, e ver as coisas em toda a sua altura. Pelo que, em vez de censurar-me, como fariam outras que mais não entendessem, me tomou á conta de amigo seu, e do seu amavel sexo, que eu, longe de deprimir, quizera remontar onde lhe compete. Os espiritos de hoje vão de tal modo embotados com o materialismo, que é mistér linguagem aspera, aguda, incisiva para lhes fazer impressão. E a justificação do epigramma, cujos intentos são ordinariamente bons.

Concluo com um pedido, que reputo o melhor agradecimento ao favor que mereci a v. ex.<sup>a</sup>. É a sua protecção decidida para os PRELUDIOS-LITTERARIOS, continuando a honral-os com tão valiosas producções, de que elles muito precisam para levar ao fim a missão caridosa, que lhes está incumbida.

J. SIMÕES FERREIRA

Estavamos para escrever duas palavras ácerca do merecimento oratorio, que attribuiamos a nosso amigo e collega o sr. J. Alves Matheus, de que com tanto elogio se tem falado n'estes ultimos dias, quando o sensato auctor do seguinte artigo, com sua judiciosissima apreciação, nos veio desviar de nosso proposito.

Pensando do mesmo modo que o illustre articulista, nem poderiamos ser mais severos com o sr. Alves Matheus, nem a velha amisade, que nos prende, nos aconselharia a ser mais indulgentes.

A critica assim esclarece e anima; não desconsola, não mata.

V. DA SILVEIRA

## JUSTIÇA AO MERITO

O sr. Alves Matheus, como orador sagrado, acaba de dar-nos mais uma prova do elevado conceito, que formámos d'este talentoso mancebo desde que tivemos o gosto de o tratar.

A cerimonia da semana sancta em Condeixa, celebrada com a devoção, decencia e pompa devidas aos altos mysterios da redempção, deveu grande parte do seu brilho ao joven-orador, que desempenhou condignamente os dois sermões do *Mandato* e da *Soledade*.

A sublime lição de moral, dada por Jesus Christo aos homens no cenaculo, foi bem comprehendida e assás desinvolvida pelo sr. Alves Matheus.

Não exordio do seu discurso esboçou o distincto orador em traços eloquentes a historia moral do antigo mundo até á vinda do Messias. Principiando do dia em que a espada do Anjo do Senhor expulsou o primeiro homem do Eden terreal, fez sentir ao auditorio que a primeira paixão, que se apoderou do coração humano, foi o orgulho, a ambição, o maior de todos os vicios, que, acompanhando por espaço de mais de quarenta seculos a vida da humanidade e tomando novas forças nas leis e costumes dos povos, chegou com as outras causas da corrupção ás mais hediondas proporções: é então que o Redemptor dos homens, inspirado da sabedoria divina do seu eterno Pae, combate sem armas, conquista sem exercitos o campo, que o vicio e o crime tinham usurpado. Aqui, o sr. Alves Matheus, foi habil pintor, historiador severo e orador eloquente; a Biblia e a Historia foram os dois moveis da sua intelligencia; a critica e o gosto não lhe faltaram na apreciação dos factos: agradou-nos sempre, mas então mais do que nunca.

Não nos esquecerá tambem um dos seus rasgos de verdadeira eloquencia, quando, em fórma pororativa, tratou de definir o orgulho: quiz mostrar-nos o asqueroso da chaga para depois nos fazer comprehender e admirar a qualidade do balsamo, com que Jesus Christo a curára; fel-o, e soube fazel-o com mão de mestre.

Descrevendo em traços sôbre tudo naturaes a scena passada no cenaculo entre Christo e os Apostolos, mais moralisadora, mais efficaz, mais sublime do que os mil inuteis systemas da vaidosa philosophia, tomou então occasião para exhortar o auditorio a seguir o exemplo de Jesus Christo. A peroração, em nada inferior ás outras partes do discurso, se não produziu o effeito, que o orador de certo esperava, foi porque o auditorio como que já não podia por mais tempo com o estado pathetico, a que por vezes o tinha sabido elevar; se não arrancou lagrimas foi porque as seccou primeiro no coração dos ouvintes, ou porque as esgotou antes de tempo.

Aconselhámos o sr. Alves Matheus a ser mais

breve nos seus discursos, a derramar com menos profusão as flores oratorias e a identificar-se um pouco mais com a gravidade do acionado, que demanda a tribuna sagrada; purgado d'estes defeitos, se realmente os tem, como nos pareceu, podemos asseverar que o sr. Alves Matheus em breve rivalisará com os primeiros oradores do paiz: deve desculpar-se o orador joven, talentoso, que estudou muito, leu muito, e agora levado pelo entusiasmo quer dizer tudo o que sabe, sem medir o vôo, como a aguia, perdendo umas vezes de vista o ponto d'onde partiu, e indo outras atraz da consonancia harmoniosa das palavras; mas sem dúvida tem bellezas muito alem do que podemos dizer em elogio seu.

O sermão da *Soledade* não foi tão substancioso como o do *Mandato*; n'aquelle predominou mais o sentimento que a intelligencia; n'este mais a intelligencia que o sentimento.

O sr. Alves Matheus carregou talvez um pouco os traços na pintura, que fez, do amor de mãe, que se é tanto no coração d'algumas, não o é, nem pôde ser, no coração de todas; porque a cultura de sentimentos e a instrução, que faltam á maior parte, faz com que não possam, porque não sabem, elevar-se tanto no primeiro affecto do coração da mulher. No entanto cremos, porque até o experimentámos, que o amor de mãe é grande e capaz d'extremos.

Com a pintura do amor de mãe dispoz o sr. Alves Matheus o auditorio a comprehender, se é possível, o infinito do amor de Maria Santissima por seu Filho; e, se a dor, que a mãe sente na perda do filho, que muito amou, é grande, proporcional ao amor e fonte de lagrimas para toda a vida, qual seria a dôr de Maria Santissima, que amou como a primeira das mães o seu Filho, o Filho de Deus, e elle mesmo o proprio Deus?

Eis, se nos não enganamos, o plano que o sr. Alves Matheus seguiu no sermão da *Soledade*. A demonstração pareceu-nos logica e habilmente lançada; ora arrebatando o auditorio com a elevação do pensamento e vigor da phrase, ora despertando no coração dos ouvintes lagrimas de verdadeiro e profundo sentimento, teve por espaço quasi d'uma hora suspensos os animos do auditorio. Aqui as imagens foram talvez em mais abundancia ainda que no sermão do *Mandato*, sempre naturaes sim, mas algumas vezes repetidas. Outra vez nos parece dever aconselhar ao sr. Alves Matheus que seja mais comodido n'estas imagens, porque o espirito de quem ouve como que se embriaga no aroma de tanta flor.

Augurámos pois ao sr. Alves Matheus um futuro brilhante, e ao pulpito portuguez um distincto orador, porque esperámos que o fino tacto oratorio, que tão cedo mostra, e o tempo, que em tudo é grande mestre, o hão de purgar d'estes defeitos.

## O QUE FAZEM ROMANCES

Continuado do numero 10, tomo II.

(Conclusão)

III

N'essa mesma noite, em quanto Gervasio corria a casa de sua irmã para com seu fraternal abraço lhe levar o implorado perdão, D. Maria fechava-se no quarto e escrevia uma infinidade de cartas, que successivamente rasgava, por não achar que pintassem bem o estado de sua alma e pureza de sua paixão.

Ora se perdia em dúvidas amargas sôbre a possibilidade da ventura na terra; e então pedia a esse cavalheiro, que a esquecesse, que a não quizesse illudir; ora lhe lembravam as historias de mil amores felizes; e sempre com a ideia do tal lord inglez, falava-lhe na felicidade, que gozariam, se o seu amor fôsse tão ardente como lh'o pintava na sua carta; dizia-lhe, que assim amaloha como outra Julieta; tentava descrever-lhe o que sentira mal o vira, e queria explicar aquelle encontro por um decreto occulto da Providencia, que fizera encontrar dois entes, que já se conheciam, que tinham sido creados um para o outro, que se buscavam talvez. Lembrava-se depois das figuras, que lhe apareciam nos seus sonhos d'amor e em todas achava uma similhança tocante com o homem, que lhe escrevera.

N'estas alternativas de se determinar por uma ou outra carta, ouviu gemer pausado e lento o bronze da igreja de S. Julião e contou 12 badaladas; n'essa hora, mysteriosa e solemne, pareceu-lhe, que uma voz lhe annunciava a felicidade futura e resolveu escrever apenas duas palavras com que o animasse na sua affeição. Escreveu pois simplesmente:

«Ama e espera.

Maria.»

Que importava o mais que poderia dizer, se os seus corações se deviam comprehender, se as suas almas se deviam adivinhar?

No outro dia pela manhã entregou a sua resposta a Josepha, e quando entrava com seu pae em uma sege para fazer a primeira visita a D. Jacintha, entrevia já o seu incognito adorador, que apertava convulsamente ao peito um papel e lhe sorria com um sorriso inimitavel de amor e felicidade.

D'ahi a pouco entrou em um bonito palacete, abraçou chorandó sua tia e beijou suas primas, tão formosas, tão perfeitas, tão seductoras como jámais imaginára, mas de certo bem menos felizes do que ella.

As relações aos 20 e 23 annos travam-se logo íntimas e grandiosas; passado um momento, D. Maria amava suas primas, Josephina e Adelaide, como duas irmãs e protestava já não as poder deixar mais.

As pazes do antigo magistrado com Jacintha

foram immediatamente feitas; os dotes das sobrinhas acceites, se bem que Gervasio não podia supportar o luxo, que respirava ainda aquella casa, mesmo quando os seus habitadores se julgavam ameaçados da pobreza e miseria; porque o monte pio de seu cunhado pouco distava d'isso. Não obstante ao contemplar, depois de vinte e tantos annos de ausencia, uma irmã, que amára loucamente na sua mocidade, Gervasio afogava no peito os seus sentimentos, que não podiam deixar de se pronunciar contra aquella systema de vida tão franca e livre, contra aquella existencia tão variada e entretida de reuniões, de visitas, de conhecimentos; no momento porém de se reconciliar com essa irmã, perdida para elle de ha tanto, sepultava no coração todos os seus pensamentos contrarios a tudo o que via; sacrificava os seus hábitos e chegou até, a rogos de sua filha, a deixar a casaca direita, o respeitavel calção, bota, e cabelleira de rabicho, por uma niza á moda, por uma calça preta e toda afiambrada, e, não me lembra bem, se até por uma bota de verniz.

Sua filha, essa não trócaria a sua existencia por a do monarcha, o mais feliz da terra, mesmo absoluto e poderoso. De dia, passeios agradaveis na companhia de suas primas; á noite, bailes e reuniões brilhantes, em que ella, honra lhe seja feita, entrava sempre com certo ar de segurança e conhecimento, o que para uma provinciana admirava a todos, que a conheciam; e alem de tudo isto, uma carta amorosa e terna todos os dias!...

Seu pae falava a miudo na quinta do Carvalhinho e anhelava por ella; mas se não acompanhava sua filha n'esses passeios e divertimentos, tambem não lh'os prohibia e deixava-a na companhia de suas primas e tia, que completamente se restabelecêra logo que obtivera a amizade de seu irmão e a segurança do futuro de suas filhas.

D. Maria não via, é verdade, mais que uma vez por dia o seu adorado amante; mas que importava isso?... Não recebia ella todos os dias as suas cartas repassadas de ternura e amor? não se protestavam cada dia mil venturas? não disputavam até dos seus futuros? Ella dissera-lhe por fim, que a viesse pedir a seu pae, para verem cumpridos os seus votos e assentarem sua felicidade.

Uma cousa porém a admirava; porque não apreciava o seu amante nos passeios, não frequentava os bailes, não se via nos espectáculos?...

—Ora... são genios, pensava ella; são genios... e depois não sabe elle que é amado?... contenta-se com essa felicidade e tem confiança no meu amor: breve virá o tempo, em que jámais nos apartaremos...

Tinham porém passado 20 dias depois da chegada a Lisboa dos nossos conhecidos e Gervasio começava a adoecer: aquellas continuadas contrafacções em tudo, o que contemplava, consumiam-lhe a saude.

Um dia via suas sobrinhas apertando a mão a

dois cavalheiros conhecidos de sua casa; outro encontrava um homem a pé, a quem todos cortejavam, e que a todos correspondia, e sabia que aquelle, oh! ultima degradação da realza!... era um rei... outro descobria um padre impudentemente fumando um charuto: outro finalmente deparava com um seu antigo collega e correligionario politico, que lhe dizia ser deputado ás côrtes!... O que via todos os dias, attestando-lhe d'um modo irrecusavel a perfeita degeneração da sociedade, revoltava-o, consumia-o, abrasava-o. Ao passo que encontrava todas essas contradicções aos seus sentimentos, a sua vida regular e descansada na quinta do Carvalhinho recordava-lhe cada vez mais viva e apeteçada, e as consequencias d'esse continuo sacrificio, a pár da ancia de voltar á sua existencia socegada e campestre, traduzia-se em um arruinar de saude, que lhe fazia desapparecer a côr das faces e afugentava-lhe até o apetite.

Ao vigesimo primeiro dia da sua chegada a Lisboa, Gervasio saiu logo pela manhã com sua filha e, entrando em casa de sua irmã, a primeira cousa que disse, foi:

—Ora minha irmã, sabes o que vimos fazer? são as nossas despedidas; amanhã...

—Amanhã!... exclamaram quatro vozes ao mesmo tempo com intonação de dôr e admiração; pois amanhã já?...

—Piedade, meu pae, continuou D. Maria com voz afogada em lagrimas.

—Oh! tio, seguiram-se as sobrinhas, pois quer levar-nos a Mariquinhas?...

—Gervasio, meu irmão, já estás enfadado de nós?

—E v.<sup>as</sup> m.<sup>as</sup> todas, não vêem, que me mato aqui? não vêem que não nasci para esta epocha? antigamente... mas hoje...

—Mas olha, meu irmão, porque não deixas cá tua filha conosco mais algum tempo?

—É verdade, é verdade, meu tiosinho.

—É verdade, meu pae, exclamou D. Maria, caíndo-lhe aos pés e regando-lhe as mãos de lagrimas; ao menos mais quinze dias...

—Pois tu queres desamparar teu pae?

—Não... mas... eu...

—Pois seja feita a vossa vontade; ficará a menina mais quinze dias e eu ficarei tambem; vá lá... mas findos elles partiremos irrevogavelmente...

—Oh! pois sim, pois sim... exclamou a pobre, louca de contentamento; e seguiu-se uma scena tocante de mil beijos, apertados abraços e mal comprimidos chóros.

Nesse momento annunciou um criado:

—O sr. João Luiz...

—Ah! respondeu Josephina; que entre para o gabinete, que eu vou já.

E voltando-se para a irmã e D. Maria.

—É o nosso sapateiro...

—Vae indo, vae indo, que nós lá vamos... Josephina saiu e entrou para um pequeno gabi-

nete onde a esperava o sr. João Luiz; no entanto Adelaide e sua prima seguiram-na também e antes de entrarem no gabinete:

— Olha que o nosso sapateiro é o mais janota de Lisboa e trabalha perfeitamente, disse Adelaide; tu deves também tomar medida d'umas botinhas.

— Tomarei... e entraram ambas.

Um homem ajoelhava no meio da alcatifa da sala com as costas para a porta; Josephina assentava sobre uma almofada bordada um lindo pé, calçado com uma nivea meia, enquanto esse homem com todo o cuidado lhe tomava medida a elle, assentando os numeros em uma carteira de coiro da Russia, e desenhando em uma folha de papel as fórmulas d'aquelle perfeito pézinho.

— Então v. m.<sup>ce</sup>, sr. mestre João, parece que se tinha esquecido de nós; estávamos já precisadíssimas...

— Perdão, minha senhora; peço perdão a v. ex.<sup>a</sup>, mas tive de ir a Setubal e depois a Santarem por causa d'uns bezerros, que me constava haver lá para vender; não para calçado de senhora, que para isso bezerro, só o francez, mas...

— E veio á muito?

— Faz hoje 21 dias, creio eu.

— E só hoje é que pode cá vir!...

— Perdão, minha senhora... faz favor de carregar no seu pé... isso... assim... V. ex.<sup>a</sup> ha de desculpar-me; tenho tido graves afazeres: primeiro que tudo, alem de não ter podido fazer negocio, as minhas suspeitas do caminho verificaram-se; encontrei tudo em um desarranjo inerivel... A sr.<sup>a</sup> D. Adelaide quer também tomar agora medida? continuou elle ainda de joelhos, em quanto Adelaide se aproximava, e sua prima continuava, alheia á conversa, revendo um album de gravuras, que estava sobre uma mesa.

— Aqui estou, sr. João Luiz, aqui estou: mas depois?

— Depois, minhas senhoras...

— Sim depois, continuou Josephina, então depois que lhe aconteceu para cá não poder vir?

— É que no caminho de ferro tive um encontro...

— Um encontro?...

D. Maria principiou a ouvir a conversa, mas ainda preocupada e indifferente.

— É verdade minhas senhoras, mas v. ex.<sup>as</sup> hão de desculpar...

— Temos alguma intriga de amores, am? isso deve ser muito curioso... interrompeu Josephina rindo.

— Perdão, minha senhora, mas não é intriga de amores, é uma coisa muito séria; é um casamento, que tenho a honra de annunciar a v. ex.<sup>as</sup>...

— Bravo, sr. João Luiz, os nossos parabens.

— Agradeço muito a v. ex.<sup>as</sup>... tenho já a authorisação da menina para pedir a sua mão ao pae, e estou convencido, que a obterei... Esta medida está prompta sr.<sup>a</sup> D. Adelaide...

— Espere, ó sr. João Luiz, está allí também minha prima... Ó Mariquinhas, vens tomar também medida?... olha que hão de ser côr de castanha...

— Pois sim, lá vou... e D. Maria levantou-se.

João Luiz encostando a mão esquerda na casa, voltou-se sempre de joelhos para traz para ver quem era essa nova fregueza: n'esse momento mostrou-se em cheio a D. Maria; mas logo as côres fugiram-lhe das faces, e corrido, envergonhado levantou-se e deixou cair a cabeça para o chão confuso e inerte.

D. Maria ao vê-o deu um grito, agonizante e afflicto, e caiu redondamente sem sentidos.

Acabava de conhecer no sr. João Luiz o seu desconhecido dos caminhos de ferro, o seu futuro esposo, como elle se julgava, a sombra querida dos seus sonhos d'amor, como ella lhe chamava!...

Suas primas correram para ella tomaram-na nos braços e mestre João Luiz, aproveitando esta occasião, lançou mão do chapéu e saiu apressado deixando medidas, lenço de seda amarello e até a bengalinha.

D. Maria levada em braços para um leito continuava desfallecida; os socorros de suas primas, os cuidados do pae, os carinhos da tia, tudo era inutil; completamente branca e desanimada, os braços caíam-lhe, mortos e sem força, e não dava o menor signal de vida.

— Mas como foi isto?... perguntou o pae afflicto e desolado.

— Não sabemos: ia para tomar medida d'umas botinhas e de repente caiu desmaiada...

— Maria! minha filha... sou teu pae, não me ouves?!... continuou elle beijando-lhe as mãos.

Em breve mil perfumes lhe foram dados a aspirar, mil saes diversos se empregaram e Maria foi pouco e pouco voltando a si. Mal pôde abrir os olhos, passou a mão pela testa banhada de suor frio, e de repente, como acordando d'um sonho horrivel, ergueu-se, olhou esgaseada em volta de si e gritou:...

— Meu pae... já, já... por piedade, partâmos...

— Que dizes, menina, pois não estás aqui bem?

— Não, não, immediatamente para a nossa quinta do Carvalhinho...

— Para a quinta do Carvalhinho! perguntaram todos abismados e surprehendidos.

— Sim, para lá... e para sempre...

— Mas ainda agora querias ficar...

— Ainda agora... ignorava o que fazem romances... E depois, meu pae tem razão... estes ares fazem-me tão mal...

D'ahi a duas horas saía de Lisboa no comboio da tarde para o Carregado o sr. Gervasio Carneiro e sua filha, que, logo ao chegar á quinta do Carvalhinho, queimou todos os seus romances e encheu a estante de Manuaes da *Bonne Cuisinière*, *Bonne Menagère*, e outros livros, que taes, de cuja substituição se o coração não lucrou, parece porém que a saude e o physico tem tirado grandes vantagens.

## APONTAMENTOS HISTORICOS

III

As armas do Sr. D. Affonso Henriques,  
e a jornada de Africa.

E partes... levás a espada,  
Levas o escudo real,  
Essa espada tão fallada,  
Por mouros tão receada,  
De D. Affonso immortal!  
Se a deixas envergonhada  
Ai de til de Portugal!

J. DE LEMOS, (O Cancioneiro.)

Aos 13 dias do mez de Outubro de 1570 veio a Coimbra o Senhor D. Sebastião: os padres de Sancta Cruz, que estavam no costume de hospedar as pessoas reaes, mandaram-lhe offerceer o mosteiro, que não aceitou, e se dirigiu ao Paço Episcopal: ahi foi mui bem agasalhado pelo Bispo que então regia a igreja de Coimbra, D. Fr. João Soares.

Dias depois El-Rei mostrou desejos de visitar o mosteiro de Sancta Cruz, mas como particular: acompanhado d'alguns fidalgos seguiu caminho do mosteiro, e, por duas vezes que alli foi, não se lhe abriram as portas (a).

Vendo Martim Gonçalves da Camara, que aforrado não podia entrar o monarcha em Sancta Cruz, porque os padres lhe não abriam as portas, resolveu que pública fôsse a sua entrada; que D. Nicolau de Santa Maria, relata do seguinte modo:

« Avisou o Cardeal Infante D. Henrique ao Prior geral, que logo mandou armar e preparar a Igreja; e revestido em Pontifical, acompanhado do Convento de seus Conegos, foi receber a El-Rey á porta da mesma Igreja, aonde estava o primeiro estrado, em que Sua Magestade posto de joelhos beijou a Reliquia do S. Lenho, que o dito Prior tinha nas mãos. E logo o Cantor mór levantou o cantico do *Benedictus*, que o Convento foi cantando a côros com grande suavidade em canto de órgão, e assim foi levado El-Rey em procissão até á Capella mór, aonde o P. Prior geral disse pera sua Magestade as Orações costumadas, com que se deu fim ao solemne recebimento.

« Quiz logo El-Rey ir vêr o Mosteiro, e começou pelas Sepulturas dos primeiros Reys d'este Reyno (b), e com o chapeo na mão tomou o hysope da mão do Prior geral, e lhe lançou agoa benta; e mostrando-lhe o mesmo Prior geral a espada do glorioso Rey D. Affonso Henriques a

(a) Havendo falta d'aguas na cidade, o senhor D. Sebastião, por conselho do seu valido Martim Gonçalves da Camara, mandou tomar as fontes ao mosteiro de Sancta Cruz; e pelo conselho do mesmo valido se não agasalhou El-Rei ao mosteiro, de que resultou os padres não lhe abrirem as portas, como particular.

D. Nicolau de S. Maria, part. 2.<sup>a</sup> liv. x, pag. 353.

(b) As sepulturas dos primeiros reis eram no Claustro reedificada a Igreja, o senhor D. Manuel mandou fazer duas sumptuosas sepulturas no meio da capella mór, ficando da parte do Evangelho D. Affonso Henriques, e da parte da Epistola D. Sancho I. Foram trasladados no dia 25 de Outubro de 1515, por ser este o dia em que o primeiro rei tomou Lisboa aos mouros, em 1147. Assistiu o senhor D. Manuel e toda a corte.

Goes, Chron. de D. Man., part. 1, cap. 64. D. Nicolau de S. Maria, liv. xi, pag. 276.

« tomou na mão, e a beijou com muita reverencia, « dizendo pera os Senhores e Fidalgos que o acompanhavam: *Bom tempo, em que se pelejava com a espada tão curta! Esta he a espada que libertou Portugal do cruel jugo dos mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração; e dando-a outravez ao Prior geral* « lhe disse: *Guardai Padre esta espada, porque a ainda me hei de valer d'ella contra os mouros de Africa (a).*»

D. Duarte de Menezes, capitão de Tangere, faz-se de vela com cinco navios; e ao romper da alva do anno de 1577, bate ás portas de Arzila; o alcaide Abdelcherim, filho de Bentuda, lhe abre as portas sem resistencia doze annos depois da sua completa derrota pelo antigo governador de Tangere, Lourenço Pires de Tavora (b). Este feliz acontecimento e o conselho dos lisongeiros fizeram com que o Senhor D. Sebastião emprehendesse jornada tão arriscada.

Não descansavam os máus conselheiros; elles procuravam todo o meio para poderem legitimar a sua lisonja, como vamos provar.

Começou de apparecer um grande cometa, que fez a sua derrota em tres mezes, e que, segundo dizem os historiadores, *tinha de comprimento quasi tres lanças, e de largo um covado: credulo sempre o povo por uma tal apparição, horrorisou-se; por que via n'este signal do céu novas calamidades para a nação portugueza; todavia, os que procuravam agradar a El-Rei, diziam-lhe — Senhor nada vos dê cuidado, porque cometa quer dizer, que Vossa Alteza cometa os mouros que os ha de vencer.*

Taes eram as palavras que obrigaram o joven monarcha a caminhar para Africa, e a não escutar o vencedor de Diu, D. João Mascarenhas, que, levantado no seu escabello, n'essa ultima reunião do conselho, em Cintra, bem alto lhe dizia — *Senhor, o dever de leal vassallo me impõe a obrigação de repetir o que tantas vezes hei dicto para salvação do reino: Vós ides perder-vos, senhor (c).*

Lembrado pois o Senhor D. Sebastião do que tinha dito em Coimbra, oito annos antes, escreveu ao P. Prior geral, D. Pedro da Assumpção, uma carta em que lhe pedia a espada e escudo do sancto rei D. Affonso Henriques; porque convencido estava, que com taes armas Deus lhe havia de dar victoria dos seus inimigos: a carta é como se segue:

«— Padre Geral E Convento do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, Eu El-Rey Vos envio muito saudar, Eu me tenho Publicado em aver

(a) A espada de D. Affonso Henriques era larga e curta, de cinco palmos: o escudo, de pau de figueira, forrado de couro de boi cru oleado, e pintado, tendo de comprimento cinco palmos e meio, e de largo, no mais largo, tres palmos. O campo era pintado de branco, e no meio uma cruz azul, pontentéa.

D. Nicolau de S. M.<sup>a</sup> Chron. Agost. liv. xi, cap. 32: — Brand. Mon. Lusit. liv. x, cap. 7. — Faria, Epit. 3.<sup>o</sup> cap. 1. Sr. Gusmão, Inst. de Coimbra vol. v. pag. 174.

(b) Fr. Manuel dos Sanctos, na sua historia sebastica, diz « que as memorias não declaram o dia em que se effectou a entrega d'esta praça: » cap. xxvi, pag. 337: — Veja-se o nosso artigo nos Prel.-Lit. N.<sup>o</sup> 4, d'este vol.

(c) D. João de Castro, Disc. da vida de D. Sebastião.

« de fazer por my cõ a aJuda de nosso Senhor hũa  
 « empresa em Africa por muytas E muy grandes  
 « Razões, muy Importantes ao bem de meus Rey-  
 « nos, E de toda espanha de que tambem Resulta  
 « beneficio á xpãdadi o q̄ me pareceo escrever-  
 « vos assy pera encomendardes a nosso Senhor o  
 « bom successo desta empresa, que por seu serviço  
 « faço, como pera Vos dizer que desejo Levar nella  
 « a Espada E Escudo daquelle grande E Valleroso  
 « Primeiro Rey deste Reyno, Dom Afonso Anrri-  
 « ques, cuJa sepultura esta nesse mosteiro porque  
 « espero em nosso senhor que cõ Estas Armas me  
 « dê as vitoryas que ElRey Dom Afonso cõ Ellas  
 « teve: Pello que Vos encomendo muyto que lo-  
 « guo mas mandeys; por dous Relligiosos desse  
 « Convento q̄ pera Isso Ellegereis. E como eu em-  
 « bora tornar as tornarey a Enviar a Esse mos-  
 « teyro, pera as terdes na Veneração E guarda  
 « que hé devido a cuJas forão, E por tudo. E por  
 « aqui entendereis que as não quero senão Em-  
 « prestadas pera o effecto a que Vou, E de quam  
 « grande Contentamento isto he pera my. Scripta  
 « em Lxboa A 14 de Março de 1578 Rey (a).»

Aos 24 de Março foi lida esta carta em capi-  
 tulo; e assentaram que tudo se fizesse como El-  
 Rei pedia. « O P. Prior, diz o Chronista, man-  
 « dou logo limpar a espada do glorioso Rei D.  
 « Afonso Henriques, e fazer-lhe hũa bainha de ve-  
 « ludo, com sua ponteira de prata dourada, e hũa  
 « caixa preta em que fosse metida com sua chave e  
 « fechadura dourada, e outra caixa preta em que  
 « fosse o escudo do mesmo santo Rey, pera irem  
 « estas armas com mais resguardo, e veneração, e  
 « as mandou pello Vigario do mesmo Mosteiro de  
 « S. Cruz, D. Jeronimo, Varão de grande autori-  
 « dade, e de boa presença, que as entregou a El-  
 « Rei (b).»

24 de Junho de 1578 é o dia destinado para  
 a jornada de Africa; a margem do Tejo offerecia  
 um brilhante quadro: alli se viam os velhos guer-  
 reiros do Oriente, debaixo do commando do alfe-  
 res-mór do reino, D. Luiz de Menezes: a flor da  
 nobreza, tão esperançosa, debaixo do commando  
 de Alvaro Pires de Tavora: gente recrutada, di-  
 rigida pelos coroneis D. Miguel de Noronha, Dio-  
 go Lopes de Sequeira, Francisco de Tavora e  
 Vasco de Sequeira: italianos governados pelo mar-  
 quez Thomaz Steruvile: tudescos, pelo coronel  
 Martim de Borgonha; e castelhanos, por D. Alonso  
 de Aguilar. Dezesete mil homens aguardam o  
 signal para a partida.

« Lá vaee... lá solta no vento as brancas vellas

« A portugueza frota; o Tejo ahi fica

« Viuvo para sempre!...

Para sempre!... que quarenta e um dias de-

(a) O Secretario Geral, A. J. V. Sancta Rita, pôde por  
 seu zelo e diligencia obter e restituir ao archivo dos conventos  
 esta carta, que se tinha extraviado; e mandou depois tinar  
 d'ella e lithographar um perfeito fac-simili para remetter o  
 seu original á Torre do Tombo. Antiq. Conimbr. N.º 1, pag. 3.

(b) D. Nicol. de S. Maria, Chron. Agost. part. II, liv. X,  
 pag. 113.

pois, 4 de Agosto de 1578, as margens do Lu-  
 cus sepultavam em seu seio a corõa e a antiga  
 gloria portugueza!... (a) aquella corõa,

« Tão pejada de louros! Lá resvala,  
 « Da fronte do mancebo, que não sabe,  
 « Que não pôde sustel-a!... Era o diadema  
 « Por Afonso ganhado, em mal de mouros  
 « Na campina de Ourique! Inda era o mesmo  
 « Do primeiro João, em mal de Hespanha  
 « Era o mesmo de quem tremia o mundo  
 « E o fero Adamastor vinha rojar-se  
 « Diante d'elle outr'ora, á voz do Gama!  
 « Ficou lá enterrado!... O Rei!... Quem sabe?... (b)

Esquecidas ficaram na armada as duas caixas  
 com a espada e escudo do sancto rei D. Afonso  
 Henriques, pedidas com tanto enthusiasmo pelo  
 joven monarcha aos padres de Santa Cruz: *não  
 permittiu Deus*, diz o Chronista, *que armas sem-  
 pre vencedoras, fossem vencidas dos mouros*; e na  
 mesma armada voltaram a Lisboa. O cardeal D.  
 Henrique recebeu as duas caixas, e mandou que  
 fossem entregues em S. Vicente de Fóra. Estava  
 n'este mosteiro o padre D. Francisco das Neves,  
 conego de Santa Cruz; a este virtuoso padre fô-  
 ram entregues as caixas com as armas, para se-  
 rem depositadas em Santa Cruz (c).

Mas que festas são estas em Santarém!... Que  
 alegria e contentamento em todo o seu povo!...  
 Porque, a tão negro e pesado luto, succedeu tam-  
 manha gala!?... É porque dentro dos seus muros  
 está aquella vencedora espada, que, ha 559 annos,  
 brilhára pela primeira vez no alto das suas mu-  
 ralhas (d).

Sabedor o prior da nobre villa de Santarem, que  
 tinha chegado D. Francisco das Neves, e que este  
 virtuoso varão era portador de tão rico thesouro,  
 como a espada e escudo do valeroso D. Afonso  
 Henriques, fez juntar no templo nobres e plebeus,  
 subiu ao pulpito, e mostrando a todos aquellas vi-  
 ctoriosas armas, que tinham sido o terror dos mou-  
 ros, exclamou: « *Eis aqui nobres moradores de San-*

(a) Hieronimo de Mendonça, Jorn. d'África.

(b) Ainda nos não podemos convencer que o senhor D.  
 Sebastião ficasse em Africa; se não mercesse todo o crédito o  
 testemunho do insigne D. João de Castro, que nos seus *Dis-  
 cursos da vida de D. Sebastião*, cap. 24, páginas 126, diz:—  
*testimunho e certifico ser o verdadeiro Rey D. Sebastião nosso  
 Senhor; assim como Deus he Deus*—(falava do prezo, que com-  
 paraceu perante o Duque de Medyna-Sydonia, e que alguns  
 segredos de gabinete lhe revelou, passados entre D. Sebastião  
 e elle Duque,) tinhamos o testimonho d'um distincto litterato,  
 que tendo examinado tudo quanto se escreveu sobre tal obje-  
 cto, remata os seus bens elaborados artigos do seguinte modo:  
 — *Acreditamos que D. Sebastião, rei de Portugal, não morreu  
 no dia 4 de Agosto de 1578 nos campos de Alcazer-kibir: erê-  
 mos tambem que foi elle o homem que mendigou pela Italia,  
 que soffreu dois annos de rigorosa prisão em Veneza, que foi  
 expulso do seu territorio pela senhoria, vendido em Florença  
 por um Judas portuguez (Fr. Chrysostomo da Visitação, monge  
 de Cister), arrastado ignominiosamente pelas ruas de Napoles,  
 amarrado ás bancadas dos remadores nas galés da Sicilia, en-  
 cerrado cautelosamente no castello de S. Lucar, conduzido de-  
 pois ao interior de Castella, e... morto não sabemos como.* Rev.  
 Univ. Lisb. tom. III e IV.

(c) Faria e Sousa, Epit. pag. 293.

(d) Santarém foi tomada por D. Afonso Henriques aos 7  
 de Maio de 1147. D. Mendo Moniz foi o primeiro que subiu  
 á muralha; e a este cavalleiro se deve toda a gloria d'este dia.  
 Leão, Chron. de D. Aff. Henr. pag. 110.

*tarem a espada e escudo com que esta nossa terra foi livre dos mouros, pelo glorioso e invicto Rei D. Affonso Henriques; alegrae-vos todos com as vér e venerar, e de novo dêmos graças a Deus por tão grande beneficio.»*

Desceu do pulpito o virtuoso pastor e deu a beijar a todo o povo a vencedora espada (a), que ficou depositada no templo durante aquelle dia. Voltou a Coimbra, e no Sanctuario de Sancta Cruz se conservou até 1834, em que passou, com a extinção das Ordens religiosas, para o museu do Porto, onde se acha.

É fóra de toda a dúvida que as armas de D. Affonso Henriques não voltaram de Africa; nem é crível que esquecessem ao Senhor D. Sebastião, na armada, as armas em que elle depositava tanta confiança. Acreditámos que as caixas foram entregues ao bom do Cardeal, e que este, sem as abrir, as mandou para S. Vicente de Fóra, e foi alli que foram forjadas as que passaram a Santarem e de pois a Coimbra.

O illustrado redactor do Antiquario Conimbricense, mui habil investigador do que é antigo, examinando o livro dos assentos e resoluções do convento de Sancta Cruz, *actas dos capitulos do anno de 1574 a 1601*, apenas encontrou o capitulo de 24 de Março de 1578, em que se leu a carta em que se pediam as armas, e a sahida d'estas para Lisboa; todavia a acta da sua entrada no convento não existe em todo o livro: e não é crível que este historico acontecimento passasse desapercibido. Temos todos os dados para acreditar, com o illustre redactor, que as verdadeiras armas não voltaram. Só no museu do Porto se acha a espada; porque o escudo ha muito que não existia no mosteiro de Sancta Cruz, ignorando-se como e quando desapareceu: sem dúvida, como elle costumava cair da escapula na morte dos nossos reis, como diz o chronista, ficou esquecido lá por algum canto como envergonhado de occupar o logar, que de direito pertencia ao verdadeiro escudo.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

## O JOGADOR

### CONTO POPULAR

#### I

—«Senhora mãe, vou-me embora  
Pelo mundo a viajar;  
De meu pae a rica herança  
Agora me mande dar.

Minha mãe, eu não sei quando  
Para casa hei de voltar;  
Venha-me dar um abraço,  
E sua benção deitar.»—

(a) D. Nicol. de S. Maria, liv. x, pag. 361.

—Mal haja, meu filho, a hora,  
Em que me queres deixar!  
Tanto bem te quero, tanto,  
Que morrerei de chorar...

Porém, já que tu não queres  
N'esta casa mais ficar,  
De teu pae a rica herança  
Em dinheiro te vou dar.

Deus te abençõe, meu filho!  
Elle te queira guiar!  
E permita que tu possas  
Tua mãe viva encontrar.

Uma vez, e outra e outra,  
Inda te quero abraçar;  
Não sei se mais ao meu peito  
Te poderei apertar...—

#### II

E o mancebo foi-se longe  
Pelo mundo a viajar;  
Andou por lá muito tempo,  
Sem da mãe se recordar.

Uma noite muito escura  
N'uma casa foi entrar;  
Sósinho um homem vê n'ella,  
Convida-o para jogar.

Era o homem pardo e feio,  
De olhos negros a brilhar;  
O mancebo se o fitava  
Sentia-se arripiar.

Os dados saltam na mesa,  
O homem sempre a ganhar;  
E o mancebo perdeu tudo,  
Não tinha mais que jogar.

E o homem negro e feio  
Por dentro estava a folgar,  
De infernal contentamento  
Negros olhos a brilhar!...

(Continúa)

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria central do Sr. Melquiades & C., rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL.—V. da Silveira

## DO CELIBATO ECCLESIASTICO

Continuado do n.º 8, tomo II.

O amor da familia será pois sempre o enlace magico, que faça sentir ao espirito, dominado pela materia, toda a extensão do amor divino;—será elle... e só elle, quem, como brando reflexo do céu, ensinará ao ministro d'uma religião toda de amor e conforto o suave balsamo, que tem de verter sôbre o peito, que o soffrimento alquebrou!...

Pedi a qualquer que vos afine um instrumento, que mão inexperiente desafinou!—debalde o tentará fazer quem não tiver noções de harmonia, quem não souber as cordas, cuja vibração precisa regular, para que os sons sejam accordes!...

Tal será tambem aquelle que tentar offerecer consolações a um peito, cujas fibras são desafinadas pelo soffrimento, senão conhecer que affectos tem a mover, para de novo levar a harmonia ao coração que pulsa desentoad nas vibrações desaccordes d'um intimo soffrer!...

O celibato é pois um sacrificio que a natureza condemna, que o Genesis reprova, que a philosophia não pôde sustentar!

Se o homem, que votasse á divindade em solemne juramento o arrancar a propria vida, seria tido por um demente, e como pôde a divindade comprar-se d'um voto, que, senão é o da vida propria, é mais do que isso... é o da vida d'uma geração inteira, ou pelo menos o da mais nobre parte da vida individual?... Se os penitentes do Indostão, cujos votos se limitam ao sacrificio d'um braço ou d'uma perna, são considerados como loucos, como pôde a boa philosophia olhar impassivel este holocausto dos mais nobres órgãos da vida animal?...

O sacrificio é grande!... será talvez sublime!... mas é superior á natureza!... E quando a força de vontade vencesse as propensões da carne, e quem nos diz que uma reacção do cerebro o não viesse tornar inutil!? Exemplos bem deploraveis nos provam, que com a esteril consagração da flor da vida animal podemos levar tambem em offrenda á Divindade a da vida intellectual!... E aprazer-se-ha Ella acaso de ver o homem perder esse raio de luz celeste, que Ella mesmo lhe deu? essa intelligencia que o eleva acima de todos os entes crea-

dos—só porque, votando-lhe a mais nobre das suas faculdades phisicas, prometteu um impossivel, contra o qual o organismo se revoltou, e de cuja perturbação veiu em resultado a perturbação dos órgãos, pelos quaes o intellecto se acha ligado á materia e, em consequencia, a loucura?... Não! mil vezes não!...

Uma religião, toda de poesia e amor, quer que as almas se apascentem de amor e de poesia! quer que os sacerdotes comprehendam todas as doçuras da vida, mas da vida pura e exemplar em relação á natureza e em relação ao céu!... E a mulher, esse anel da cadeia magica, que liga o céu á terra, que eleva a creatura ao Creator, a mulher deve ser quem derrame no coração do sacerdote todas as torrentes, todos os effluvios de consolação, que este vá levar ás almas atribuladas dos seus filhos espirituaes!... A mulher... a metade mais bella da criação, collocada por Deus na terra para adocar o character rude e intratavel do homem, para o consolar nas horas de soffrimento, ensinando-lhe palavras de conforto e resignação... a mulher não deve... não pôde ser considerada pelo ministro do Deus das misericordias como um ente desprezivel e vil, que se deve lastimar, ou como um meio de saciar nefandos prazeres, que é mysterio evitar!...

Não!... seja a mulher a companheira dos soffrimentos e afflições n'este perigrinar da vida! seja-o do sacerdote, que mais precisa quem o ajude a levar o pesado fardo da sua missão!... Sejam os filhos os laços, que ao ministro de Deus façam lembrar o seu rebanho!... e o sacerdote que comprehender estes affectos, saberá o que custa a perda d'um filho querido, e terá vozes de conforto para o coração d'um pae atribulado!... saberá todos os encantos do infantil vagido, e não olhará desapiedado o choro do innocente, que nem pae nem mãe conhece!... saberá emfim como se amam os filhos, como Deus nos ama a todos nós, e como elle deve amar todos os que Deus confiou ao seu paternal cuidado!...

E com isto lucraria a sociedade! porque o ministro do altar, prendido á terra pelas relações da familia, e prendido ao céu pelo reflexo d'estas, seria um exemplar de virtudes, emquanto que hoje o sacerdote desprendido do céu e da terra concentra só em si todas as effeições!

E se um dia acaso um affecto mundano se lhe

aninha dentro d'alma, se a natureza um dia vence a perseverança e talvez mesmo a boa vontade!... então ; infeliz d'elle!... Ligado ao céu por laços que não pôde quebrar, desligado da terra por juramentos que não pôde quebrar também, por uma inexplicavel reacção do espirito humano, maldiz os juramentos, detesta as ligações com o céu; e esse homem que podia ser bom para o mundo e para Deus, se um dia os enlaces terrenos tomam a superioridade, amaldiçoa esse Deus a que elle se ligou, porque lhe não deu força para resistir; amaldiçoa a natureza, porque lhe não pode resistir, e o mundo amaldiçoa-o a elle, porque não foi bom para Deus nem para o mundo!...

D'este equuleo de torturas só se liberta o espirito na terra ou pelo suicidio ou pela loucura!...

N'uma sociedade porém corrompida e depravada não se chega jámais a taes extremos!... Quebram-se os juramentos, renega-se de Deus e, com a hypocrisia no rosto e o cynismo no coração, faz-se pacto com o mundo que recebe como bom clérigo e bom homem o que mente aos homens e a Deus!...

Eurico infelizmente não é uma chymera, nem Hermengarda um mytho!... O suicidio era o desenlace necessario d'aquelle drama terrivel, em que a loucura atacava o outro protagonista!... Fatal dilemma!...

Mas, graças á sociedade! achou-se a meia proporcional a taes extremos — a hypocrisia!... e o celibato da classe ecclesiastica hoje não passa d'um ponto de doutrina, porque o sacerdote, vencido pela natureza humana, vae buscar na mulher o cumprimento dos seus appetites sensuaes!... O que lhe falta pois?... Tudo quanto ha de nobre e elevado na reunião da mulher com o homem — o amor casto e virtuoso: a legitima affeição paternal, verdadeiro typo de todas as affeições divinas, que vê nos filhos partes do seu proprio ser, e não nos bastardos entes, que, perante a sociedade, yexam a incommodam!... e finalmente o caracter da verdade e moralidade, que uma religião toda moral e verdadeira impõe, como primeiro dever aos seus ministros, porque d'elles parte o exemplo a inocular-se no coração de todos os fiéis!

Taes são os resultados do celibato!... O sacrificio da especie!... o da saude muitas vezes!... o da intelligencia frequentemente, sem que d'ahi resulte gloria alguma á Divindade, nem o menor proveito á humanidade! Se acobertado pela hypocrisia não passa d'uma ficção, d'elle só resulta a perversão aos costumes e a mentira detestada por Deus e pelos homens!

A. M. DA GUNHA BELLEN

*Sr. Redactor:*—Vi com muito prazer, que me fez o favor de transcrever o meu artigo, o que sinceramente lhe agradeço por mais d'uma razão.

Confesso ingenuamente, que senti essa satisfação, que é natural a quem principia qualquer coisa, para que tem mais ou menos inclinação, vendo que não regeitaram a sua primeira ideia, e que, longe de cortar-lhe pela raiz a sua mais cara es-

perança, lh'a alimentam, e a animam a caminhar ávante. Se me não tivesse acontecido assim, eu não avançaria nem mais um passo; pois que temo sempre, que os meus demeritos escriptos cáiam no desagrado das pessoas, que me fizeram a honra de os ler, e possam por essa forma manchar o crédito do seu jornal, ao qual desejo intimamente o melhor exito e todas as prosperidades.

É também por este motivo, que lhe agradeço dobradamente a consideração, que teve a bondade de dar áquillo, que não merecia mais, que um logar nas últimas columnas do jornal, quando não houvesse, por qualquer causa, com que o encher.

Se todos assim fizessem, se todos alentassem o menor vislumbre d'intelligencia, que brota em qualquer individuo, haveria muita mais illustração; mas muitos, orgulhosos da sua sabedoria, não só despresam os primeiros raios de luz, que manifestam aquelles, que um dia talvez os podessem exceder; mas escarnecem até os seus humildes pensamentos.

Ea, sr. redactor, presto ao talento o seu devido culto; e com tudo não deixo de ter na mais alta consideração a sincera modestia e a humildade verdadeira. Diz o conselheiro Bastos, no seu romance — *A Virgem da Polonia* — que a humildade é o mais solido alicerce para a fundação da virtude; assim o creio, e digo mais: sem modestia não ha verdadeiro merecimento. Qual é mais meritorio e mais justo reconhecer nos que nos cedem a superioridade, ou supprimo-nos superiores a elles? No primeiro caso ha a modestia e a razão, no segundo a vaidade e o orgulho, que a maior parte das vezes caminham a par, se não da ignorancia, pelo menos de certa falta na primeira educação.

Peço-lhe sr. redactor, que tenha para comigo a mesma indulgencia, que já uma vez solicitei da sua bondade, e com a qual tanto me honrou, em não classificar o que fica dito, senão proprio d'um pequeno estudo, que d'este objecto tenho feito.

Escolhi o seu jornal para meu introductor, porque o titulo d'elle me deu coragem, porque o romance do sr. J. Simões Ferreira me deu inspiração, porque a sympathica penna do sr. A. F. de Loureiro me suscitou vontade de revelar, quanto gostei d'ella; e tive a felicidade de dever á benevolencia do sr. redactor o obsequio de publicar um discurso d'uma mulher sem practica e d'uma vulgar comprehensão; mais lhe devo ainda que é incitar-me a continuar. Sim, continuarei, porque me dão valor para isso.

Porque robustece a planta?; porque cuidam d'ella, porque a alimentam, porque a refrescam e a guardam dos ardores do sol, ou a preservam dos rigores do inverno; porque enfim matam o insecto, que podia amortecel-a; e assim ella vive, e torna-se vigorosa. Viveria também sem que tivessem cuidado com ella; mas que seria?: uma arvore silvestre e nada mais! Assim como a mão vigilante torna

a planta agreste odorifera, assim o sr. redactor com a sua benignidade me dá ousadia para eu ir caminhando até a conclusão do meu empenho, se fôr possível; e se me não animasse, se desprezasse o meu primeiro artigo, nunca mais redigiria outro, e assim ficaria inefficaz a minha propensão para a litteratura, como feneceria o recém-nascido, se lhe não dessem o sustento.

Depois de expressar sincera e francamente a minha gratidão para com o sr. redactor, em virtude da grande prova de consideração, que acaba de dar ao meu artigo tão escasso de merito, direi duas palavras ácerca do motivo, por que ha tão pouca illustração nas mulheres; declarando todavia, que não é o meu fim offendel-as, antes pelo contrario, tenho na devida importancia as illustres excepções.

As mulheres que nascem no meio da riqueza, e que são educadas com ella, costumam quasi geralmente fazer consistir no ouro toda a sua nobreza, gloria, e felicidade: seus paes, que a maior parte das vezes têm ido ao imperio do Brazil buscar a sua fortuna, adquirem-na á custa do seu trabalho, bem entendido, de tamancos, carapuça, com uma chave á laia de relógio, e um nastro servindo-lhe de cadeia: trazem a chave sempre comsigo para lhe não roubarem o classico cruzado novo, que levam na caixa de pinho. Estes senhores entendem, que o seu dinheirão é bastante illustração para suas filhas, e infelizmente é a illustração mais apreciavel da nossa epoca: não querem que ellas se consumam com estudos, por que podem endoidecer; e ahí ficam ignorando quantas vezes é mistér dois para completar quatro!

Outras são filhas de homens de talento, que muito desejariam elevá-las; mas que nem ao menos podem dispôr d'algum tempo para aprender a ler; pois todo é pouco para ganhar o pão, de que necessitam.

Outras não querem ler, porque dizem, que a leitura transtorna a cabeça: d'estas ha um grande numero e em homens tambem o não ha pequeno. Em quanto estiverem n'este erro, como é possível haver illustração?! Tenho tido questões a ponto de ficar indisposta com muita gente por sustentar a opinião, de que a leitura é proveitosa.

Ha outra classe de mulheres que acham todo o tempo pouco para gastar nos bailes, nas visitas, nos passeios, não lhes importando saber se a grammatica se compõe de quatro partes, e se uma d'ellas é a orthographia. Essas, que podem, é que deviam gastar ao menos a vigessima parte do tempo, que desperdiçam em instruir-se; mas não querem saber, porque não admittem que haja nada no mundo, que as torne mais dignas d'admiração, do que a sua riqueza; e olvidam, que estão sujeitas ás vicissitudes d'esta incomprehensivel vida.

Hoje ficarei por aqui; pois não quero por mais tempo abusar da paciencia dos estimaveis leitores dos — PRELUDIOS-LITTERARIOS.

Ao sr. redactor peço mais o obsequio de con-

ceder a este artigo um logar nas finaes columnas do seu jornal.

Sou, sr. redactor,

Porto, 13 d'Abril de 1860

A mesma affeição dos Preludios-Litterarios.

A relação economica, que a seguinte carta-circular tem com os PRELUDIOS-LITTERARIOS — aconselha-nos que a publiquemos aqui:

*Ex.<sup>mo</sup> Sr.* — Alguns pedidos, que, acompanhados de muito boas considerações, se me têm feito desde que emprehendi em Coimbra a publicação dos PRELUDIOS-LITTERARIOS; e além d'isso, meus incessantes desejos de prestar, em harmonia com o interesse geral, a maior somma possível de serviços á provincia em que nasci, — levam-me a consultar, finalmente, e da maneira a mais séria, a opinião de todos aquelles que, por sua integridade de caracter, me têm sido nomeados por meus amigos, e a pedir-lhes, no caso de ser favoravel a meus intentos, todo seu apoio para uma empreza, que me parece do maior alcance politico e economico para o paiz.

Trata-se da instituição em Coimbra, como um dos pontos mais importantes e centraes de nosso paiz, d'um jornal politico, cuja indole seja a *defeza dos interesses moraes e materiaes dos habitantes de cada provincia em particular, na mais intima relação com os interesses de todas.*

Para que d'esta instituição possa colher-se o maximo resultado — é preciso, primeiramente, que sua organização pessoal seja a mais robusta e intelligente possível.

Cumpré, pois, e por emquanto, começar por descobrir na *capital* de cada provincia um individuo, que, além de intelligente e já habituado ás lides da imprensa, tenha *coração e força*, e, sobre tudo, um amor immenso pelas prosperidades de seus conterraneos, desgraçadamente ainda tão *distantes* d'essa terra da promissão — a CAPITAL, tão esquecidos na maior parte, tão menosprezados na communhão dos grandes beneficios, que a civilização e o progresso alli espalham a mãos largas.

Este individuo, auxiliado pelo maior numero de correspondentes que poder estabelecer-se nos pontos mais importantes de seus *respectivos circulos*, fará parte da redacção do projectado periodico, que terá tantos redactores, quantas forem as capitães das provincias, inclusivé ultramarinas: seu nome será, em todo caso, *ostensivo* na frente do jornal, podendo elle todavia suprimil-o em seus artigos, todas as vezes que as conveniencias assim lh'o aconselharem.

Sendo, como disse, a indole d'esta instituição a defeza dos interesses moraes e materiaes de cada provincia e, por consequente, de todo o paiz, é evidente que a differença entre as opiniões politicas de cada redactor, se por acaso a houver, em nada

embaraçará o pensamento da redacção; louvar o que nos parecer bom, estigmatizar o que se nos affigurar máu, em toda e qualquer parte, em todo e qualquer individuo — eis o caminho que nos propomos trilhar: *felicidade para todos, sem distincção de classes, nem de hierarchias* — eis o fim, que nos propomos proseguir: é grande para nós — é verdade, mas não impossivel; e tanto menos, quando os partidos, pondo de parte odios e vinganças mesquinhas, que tanto têm compromettido e desacreditado este malfadado paiz, se derem as mãos como amigos, e não sentirem em seu coração mais do que um só sentimento politico — *o amor da patria!*

Será, pois, do dever de cada redactor, visto que suas ideias de independencia e de cordura lhe farão tomar em horror aquelles auxilios, que, por necessidade ou corrupção, algumas empresas d'esta ordem têm ido buscar ás facções politicas, cujas bandeiras enlameadas seguem e defendem loucamente, será do dever de cada redactor, digo, fazer comprehender a seus conterraneos, por todos os meios plausiveis a seu alcance, a importancia d'este pensamento e a necessidade de todo o desenvolvimento, de que elle é susceptivel; a fim de obter dos mesmos, por meio de assignaturas e uteis esclarecimentos, todos os recursos de que se carece, não só para a sustenção do jornal, mas para seu progressivo melhoramento.

Este jornal, tão depressa o consintá sua definitiva organização pessoal e material, será publicado duas vezes por semana, no formato da *Revolução de Setembro* ou do *Futuro*; e comprehenderá, alem dos artigos que me forem remettidos regularmente pelos Redactores de cada provincia, todas aquelles noticias, que na actualidade mais directamente possam interessar seus assignantes. A distribuição d'estes artigos será feita *por provincias*, junctando-se-lhes as correspondencias, noticias, e o mais que, respectivamente a cada uma, com ellas tiver relação.

Depois, se os resultados, que espero colher, pela sinceridade de nossas opiniões, forem taes, que possam acarretar á Redacção a confiança dos povos, cujos interesses ella se propõe advogar, e, por conseguinte, sua decidida protecção, n'esse caso nosso jornal, que baptisámos desde já com o nome de **COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS**, irá saindo mais a miudo até que, se fôr possivel, o possámos tornar diario.

O preço das assignaturas, pago adiantadamente e na occasião da entrega do 1.º n.º, não excederá, por

anno (sem estampilha)	a	4\$000
semestre .....	»	2\$000
trimestre .....	»	1\$100
mez .....	»	0\$480

preço, que reduzirei á medida, que augmentar o numero dos assignantes.

Sobre publicações de interesse particular e annuncios, que poderão com o tempo vir a ser uma

consideravel fonte de receita, para acudir ás despesas da Redacção — estipular-se-ha depois.

A **COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS** só começará a ser publicada quando se houver conseguido um numero sufficiente de assignaturas para cobrir as despesas. Lisongea-me esperar que, para levar a effeito esta empresa, encontrarei da parte dos assignantes dos **PRELUDIOS-LITTERARIOS** todo o apoio, que até aqui lhes tenho merecido; promettendo-lhes em compensação, se este jornal houver de ser supprimido, para dar logar a mais avantajadas publicações, uma série nunca interrompida de *folhetins*, com tanta ou mais materia do que aquelles comprehendem hoje.

Finalmente, pertencer-me-ha a responsabilidade, e, por conseguinte, a fiança, que é mistér prestar n'estas publicações. A direcção e administração tambem me ficará pertencendo, reservando-me os lucros, que d'esta empresa possa auferir-se, emquanto baste para indemnizar-me do trabalho ou do sacrificio, que houver de fazer d'outra situação ou emprego. O restante será applicado aos melhoramentos do jornal, que desejo venha a corresponder em tudo a seus elevados fins.

Esta maneira facil e economica de *transplantar a imprensa* a todos os cantos d'um paiz pequeno e, em breve, de facil communicação, sem os mil inconvenientes, que rodeiam as typographias em terras onde as artes e officios são ainda mal conhecidos, mal cultivados; esta maneira de *resumir* n'um só edificio, n'uma só administração, n'um só capital, em fim, todos os materiaes, todos os esforços que, para o conseguimento da mesma idéa, d'outro modo seria preciso empregar pelo menos *septuplicadamente*, fazendo apenas entrar na colligação proposta as terras capitaes — Faro, Evora, Lisboa, Castello-Branco, Vizeu, Porto e Bragança; esta maneira, repito, de fazer participar todos os cantos de nosso paiz dos beneficios da imprensa, sem os embaraçar em as mil difficuldades que a acompanham, — não poderá senão merecer o unanime assentimento de todos aquelles que d'esta sagrada instituição não quizerem fazer uma arma para sua propria defesa, uma especulação para seus proprios interesses.

Eis com franqueza e lealdade tudo quanto sôbre este objecto me parece dever communicar-vos para vossa intelligencia, e a fim de que, conformando-vos com minha opinião e plano, eu possa alcançar de vosso zelo pelas coisas publicas todos os bons officios de que careço para realisar com felicidade uma instituição, que tão humanitaria e sancta me parece.

Dignai-vos mostrar esta carta a vossos amigos; e que elles sintam em seu coração tudo quanto de amor e de enthusiasmo eu tenho sentido e sinto ao trabalhar por este nosso paiz tão formoso e ao mesmo tempo tão desgraçado!

Do que pensardes e do que fizerdes n'este assumpto vos servireis avisar-me, contando sempre com minha circumspecção e respeito. Vosso, etc.

## O NOBRE E O MENDIGO

Romance original da Sr.<sup>a</sup> D. H. L. de Vilchez

Tradução de V. da Silveira.

Continuado do n.º 10, tom. II

VI

Haviam decorrido quinze dias depois dos acontecimentos, que acabámos de narrar.

O palacio do marquez de São Telmo achava-se ornado como para uma grande festa: a extensa sala de visitas, que havia tantos annos se conservava fechada, ostentava-se agora soberba com seus magnificos cortinados de damasco carmesim, apanhados por grossos cordões de ouro. Seus grandes espelhos, seus retratos de familia, seus maticos e elegantes tapetes, todos aquelles sumptuosos moveis, em fim, se haviam despido da espessa camada de pó, que os cobria, e davam áquelle salão um aspecto deslumbrante, principalmente para os simples habitantes de \*\*\*.

No centro achava-se collocada uma mesa coberta de veludo carmesim, e sobre ella uma pedrada escrevaninha de prata.

Os criados, cujo numero havia augmentado, iam e vinham em todas direcções, executando as ordens do mordomo, ao qual, de quando em quando, se ouvia dizer:

— ¡Quem o acreditaria! ¡elle que é todo um senhor marquez! Vamos... parece impossivel..., e outras exclamações semelhantes.

O marquez, vestido com exquisita elegancia, mas todo de preto, achava-se em seu gabinete com seu filho Fernando, que realçava por seu trajo da mais rigorosa etiqueta.

O mancebo, em cujo semblante se traduzia a felicidade, escutava em religioso silencio os ultimos conselhos, que o ancião lhe estava dando, ao vel-o prestes a fixar seu futuro, entrando para sempre n'uma vida toda nova.

Na outra extremidade do palacio, n'um gabinete pequeno, porém adornado com o maior gosto, Angela, ajudada por sua mãe adoptiva, achava-se de frente d'um grande espelho, acabando de alisar seus brilhantes cabellos e de cingil-os com uma simples corôa de flores de lorangeira.

Algumas caixas abertas, e ainda cheias de varios estofos e adornos, attestavam que o vestido da joven acabava de chegar com outros muitos, para completar seu enxoval.

Era um simples, porém lindissimo, vestido de tule branco, guarnecido de blondes e flores, que lhe cobriam o seio e os braços d'uma brancura extrema: tinha os louros cabellos sujeitos ás fontes de sua formosa cabeça por um fio de perolas, eguaes as que lhe serviam de collar e de pulseiras.

Quando a boa Joanna viu terminado o toalette d'aquella que chamava sua filha, bateu as palmas cheia de alegria, e murmurou com effusão:

— ¡Abençoada sejas! ¡Como estás assim formosa, minha filha! Sim, minha filha, minha querida filha; pois que, ainda que não tardes em ser marquez, ¿has de sempre consentir que te chame assim, não é verdade?

Angela, por toda resposta, lançou-se nos braços de sua ama; e uma lagrima de gratidão brilhou em seus olhos, então animados por uma doce esperanza.

N'aquelle momento abriu-se sem o menor ruído a porta do gabinete, para dar entrada ao tio Pedro que se deteve no limiar, contemplando com adoração a encantadora joven, que correu para elle logo que deu por sua presença.

— ¡Olhai! vedel-a, que linda! exclamou Joanna: na verdade, tem mesmo os ares d'uma princeza!

Com effeito, Angela ostentava todas aquellas galas com o mesmo desembaraço, a mesma soltura, a mesma elegancia com que as ostentaria uma rainha.

— Deixai-nos um momento a sós, Joanna, disse Pedro.

— Sim, sim; eu tambem tenho que dispôr... que ajudar a vestir meu filho e arranjar-me um pouco; porque, em fim..., como quem diz..., quasi que somos da familia. E como tudo isto foi uma coisa tão inesperada... nem acerto com o que faço nem... vamos, vamos, eu saio já.

O tio Pedro e a joven ficaram sós. O ancião havia tambem n'aquelle dia deixado seus farrapos; e, posto que com a usual jaqueta e calção curto dos filhos do povo, tinha-se vestido de preto com algum esmero e aceio.

— Muito bem, disse para Angela: dentro de poucas horas serás a esposa de Fernando, e verás assim realiado o que julgáras um sonho. ¿És tu feliz, minha filha?

— ¡Oh! quanto póde ser-se n'este mundo! e principalmente n'este momento, em que vos vejo e sei, que os perigos, a que me haveis dito vos ieis expôr por mim, já não existem.

— Sim, minha filha, já não existem, ou, para melhor dizer, não os encontrei; porque, n'este mundo, o interesse, o ouro vale mais do que a voz do sangue; e eu não contava com isso. Porém ouve: ¿és completamente feliz? ¿nada te falta n'este dia?

— Só a benção de meus paes.

— A fronte do tio Pedro anuviou-se ligeiramente.

— ¡Ah! é verdade... tens razão.

— Porém vós estareis a meu lado ¿não é assim?: vós me servireis de padrinho, visto que o marquez assim o quer.

— Sim, eu ahi estarei, minha filha; e depois que receberes a benção nupcial, quando teu futuro estiver já firmado, eu te direi o ultimo adeus e me affastarei d'estes sitios.

— ¡Como! pois não quereis receber de mim a expressão de meu reconhecimento! Não sabeis que tudo vos devo e que me sentiria muito mais feliz tendo-vos sempre a meu lado!

—Angela, não devo tornar a ser feliz n'este mundo; e na tua companhia esquecer-me-hia d'uma expiação, d'um castigo que me impuz sôbre a terra.

—¡Um castigo! uma expiação, vós, que sois tão compassivo! ¿que crime poderíeis ter cometido?!

—Não m'o perguntas, minha filha ¡não m'o perguntas nunca!

N'este momento um criado de grande libré assomou á porta do gabinete e disse com voz clara e accento official:

—Os senhores esperam pela *senhorita*.

E desapareceu deixando cair de novo a elegante cortina de damasco, que defendia a entrada.

—Está chegada a hora, Angela: vamos, pois scellar tua felicidade.

O ancião acompanhou a futura marquezia até o salão, onde já a estava esperando a nova familia, que ia recebê-la em seu seio.

Poucas eram as pessoas que alli estavam reunidas para assistir a este acto, tanto mais solemne quanto era grande aquelle isolamento.

Assim que Angela appareceu, logo o joven Fernando se adiantou para recebê-la: a pobre joven estava toda trémula; sua felicidade parecia-lhe ainda um sonho. Em seguida occupou um logar juncto do marquez, que a recebeu com um sorriso benigno e amavel.

O tabellião, depois de ter pedido venia aos circumstantes, principiou a leitura dos contractos matrimoniaes.

O marquez cedia a metade de todos seus bens á sua nova filha.

Concluida a leitura observou o tabellião, que só faltava áquelle documento os nomes dos contrahentes.

Fernando aproximou-se e disse em voz alta:

—O meu é Fernando Leopaldo de Varila.

—O da futura...

Todas se olharam durante um momento de indecisão.

—Angela, respondeu esta com voz tremula.

—¿Angela de que? perguntou o notario, sem reparar na perturbação da joven.

Angela não respondeu, e o calor da vergonha lhe incendiou o rosto: estava indecisa, e suas vistas supplicantes, por um instincto d'alma, se fixaram no mendigo.

—¿Angela de que? tornou ainda aquelle homem a perguntar.

—Angela de Varila e Medina, exclamou o tio Pedro, adiantando-se e sem poder resistir aos impulsos de seu coração: escrevei como vol-o disse.

Um olhar d'assombro respondeu a estas palavras; porém ninguem se atreveu a interromper aquelle silencio.

O tabellião consultou com os olhos o velho senhor.

—Continuai, lhe respondeu este com socego.

Fernando aproximou-se da mesa e assignou primeiro: apresentando depois a penna á joven desposada, esta escreveu tambem seu nome.

A felicidade d'estes dois jovens acabava de ser firmada: eram esposos ante os homens. Um momento depois o sacerdote abençoava sua união na capella do palacio, e eram esposos ante Deus.

Concluida a cerimonia perguntava Fernando a seu pae:

—¿Então ella pertencia a nossa familia? É...

—Tua mulher. Nada mais me perguntas; são segredos, meu filho, que te peço não queiras penetrar. És feliz, porque a amas: ¿que importa o mais?

—Oh! sim; amo-a, senhor, de toda minha alma!

Entretanto Angela, na outra extremidade da casa, exclamava nos braços do tio Pedro:

—¡Oh! não, não nos deixeis sós, eu vol-o peço; servir-nos-heis de pae, e nunca filha alguma será mais terna, mais carinhosa do que eu, para com aquelle que tanta influencia tem exercido em meus destinos.

—É impossivel, minha filha; já t'o disse ha pouco. Demais? que fariam meus farrapos e minha pobreza no meio de vosso fausto esplendor?

—¡Ah! acreditaes...

—Não: sei que tu jámais te arrependerias d'esse offercimento; porém talvez já não acontecesse o mesmo com tua nova familia, envergonhando-se amanhã do importuno hospede, que haviam admitido em sua casa. Fiquemos pois cada um em seu posto; Deus assim o quer! Porém, como é forçoso que, talvez para sempre, façamos agora nossas despedidas. Angela, se alguma coisa póde em teu coração as recordações de teus passados soffrimentos, as esperanças de tua felicidade, — eu te peço, minha filha, que, todas as vezes que dirigires tuas supplicas ao céu, involvas n'ellas o nome do solitario velho, do pobre mendigo... ¿Fal-o-has assim, não é verdade? ¿juras-m'o?

—Sim; juro-o por Deus!

—E amanhã, quando nas tristes noites do inverno, sentada com teus filhos ao fogão, lhes ensinares a adorar a Deus, que tu faças tambem com que elles aprendam o nome do pobre velho, que só, sem abrigo, sem consôlo, talvez expire n'esse mesmo momento victima da miseria e da intemperie. Então, Angela, se um sentimento de dó agitar teu coração; se uma lagrima de piedade assomar a teus olhos, que tu digas: «Se foi culpado, meu Deus; assás expiou suas faltas! — perdoae-lhe.» ¿Não é certo, que assim o farás?

—¡Sim, meu pae, sim!

—Pois bem, sinto-me tranquillo: nada mais desejo d'este mundo; vou deixar-te. ¿Queres abraçar-me, Angela?

—¡Oh! com toda minha alma!

A joven lançou-se nos braços de Pedro, que n'elles a recebeu com toda a effusão d'um amor immenso e comprimido.

Assim permaneceram mudos por alguns momentos.

Ao separar-se, o mendigo aproximou seus labios da fronte da joven e murmurou, com imperceptivel accento, a palavra:

— ¡Perdão!...

Todos rodearam depois o ancião, que se dispoz a partir. No momento porém de deixar aquella casa disse para Fernando:

— Senhor, um dia, o primeiro em que nos encontrámos, abençoei eu vossas cabeças e augurei-vos um venturoso futuro; e minha predição realisou-se. Ensinae, pois, a vossos filhos, que, ao encontrar um pobre velho sem amparo, o soccorram, estendendo-lhe sua mão protectora. E visto que este sancto procedimento em sua mãe foi o principio da felicidade, que hoje lhe sorri, ensinae-lh'o do mesmo modo; e Deus vos provará, que não foi em vão que disse: «Eu amo os misericordiosos.» Fazei-o assim e que o ceu vos proteja.

Quando saiu passou juncto do marquez, e, dirigindo-lhe um olhar eloquente, murmurou:

— ¡Nunca!...

O velho desapareceu sem que nem Joanna, que tudo havia presenciado, nem André, e os dois rendeiros que com elle haviam servido de testemunhas, conseguissem arrancar-lhe uma palavra, que lhes fizesse adivinhar de que maneira elle havia podido representar um tão interessante papel nos successos d'aquelle dia. Todos lhe fizeram mil perguntas, ás quaes, porém, o ancião nada respondeu.

Mas quando se encontrou fóra do alcance de suas vistas, voltando-se para o lado do palacio, e antes de perder-se nas sinuosidades do caminho, exclamou:

— ¡Meu Deus fazei-a feliz! e ¡ai! que ella ignore sempre, que eu fui o assassino de seu pai!

FIM.

## O JOGADOR

Continuado do n.º 11, tomo II.

III

— «Se a minha alma por dinheiro  
Vós quizesseis acceitar,  
Á fé que n'este momento  
Minha alma fôra jogar!...»—

— Eu acceitarei vossa alma,  
(Volve-lhe o homem sem tardar,)  
Talvez possaes o perdido  
Ainda recuperar. —

E os dados sôbre a meza  
Eil-os de novo a saltar;  
E o homem pardo e feio  
Inda outra vez a ganhar!

IV

— Ganhei eu! (lá ruge o homem  
Com voz rouca de aterrar),  
E o mancebo olhou p'ra elle  
E viu cousas de pasmar.

Descobriu-lhe na cabeça  
Chavelhos a despontar;  
Viu-lhe o rosto de repente  
Qual carvão a negrejar!

Em garras agudas, longas,  
Lhe viu as unhas mudar;  
E seus olhos negros, negros,  
Cada vez mais a brilhar!...

V

— Ganhei eu! (dissera o homem)  
Vossa alma quero levar!  
O jogador, que é honrado,  
Não põe demora em pagar. —

— «Perdido estou! (disse o moço)  
Co'o demonio fui jogar!  
E com o medo, que tinha,  
Começou-se a persignar,

Foi o seu anjo da guarda,  
Que esta acção lhe quiz lembrar,  
Que bem sabia que o démo  
Para a cruz não pôde olhar.

E certo foi... que o demonio,  
Quando tal viu practicar,  
Um estoiro deu medonho,  
Capaz de a casa abalar.

Um forte cheiro de enxofre  
Se começou a espalhar;  
E nunca mais o mancebo  
O démo pode encontrar.

VI

Fôra-se o demonio embora  
Sem o dinheiro levar;  
O mancebo, um padre chama,  
Que o venha purificar.

Deu-lhe algum p'ra que mandasse  
Algumas missas resar;  
E guardou o resto d'elle  
P'ra sua vida passar.

Para casa sem demora  
Eil-o vae a caminhar;  
Inda a mãe encontrou viva,  
Nunca mais a quiz deixar.

Coimbra, 1836.

E. DE BARROS

## A MARIA

Quando elevo os olhos meus  
Pela noute a divagarem  
Por essa extensão dos céus,  
Em cada estrella que fito  
Adoro o poder de Deus;

Mas quando em raios d'amor  
Casas as vistas co'as minhas  
No mesmo ardente fulgor,  
Tambem adoro em teus olhos  
O poder do Creador.

A. A.

**EXPEDIENTE**

À joven escriptora portuense, que nos acaba de pedir, pela primeira vez, a publicação nos *Preludios* d'um seu pequeno romance, — rogâmos que, dentro d'um subscrito, se digne enviar-nos apenas seu nome e morada. Não é curiosidade, que a não ha onde predomina o respeito; — é necessidade. Ha duvidas na imprensa, que só os auctores as podem tirar.

Esperâmos merecer mais esta prova de confiança de quem tanto nos penhorou já com sua carta; e tanto mais, quando a satisfacção de nosso pedido em nada a pôde comprometter, visto que um bilhete de visita, por exemplo, é não só possível, mas até muito facil encontrar-se na rua, etc.

Para maior tranquillidade accrescentâmos, que toda correspondencia dirigida a esta redacção só deve ser aberta por seu redactor principal.

V. DA SILVEIRA

**PRELUDIOS-LITTERARIOS**

ASSIGNA-SE E PAGA-SE ADIANTADAMENTE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livraria central do Sr. Melquiades & C., rua do Ouro; Porto — Sr. Manuel Coutinho d'Oliveira; Viseu — Sr. Francisco Gomes Pinto; Pêso da Regoa — Sr. Manuel Mendes Osorio; Evora — Sr. V. J. da Gama; Lamego — Sr. José Cardoso; Santa-Comba-Dão — Sr. Antonio Ferreira da Cunha; Leiria — Sr. José Pereira Curado; Aveiro — Sr. Ernesto Augusto Ferreira; Faro — Sr. Feliciano José Alves Braga.

**Preços**

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
		Por mez — 120 réis	
		Avulso — 40 réis.	

**A COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS**

**JORNAL POLITICO, ETC.**

**DIRIGIDO POR V. DA SILVEIRA**

Publicar-se-ha duas vezes por semana, no formato da *Revolução de Setembro*. — Centro da Redacção — COIMBRA. — Séde dos Redactores — Faro, Evora, Lisboa, Castello-Branco, Coimbra, Vizeu, Porto, Bragança, Ponta-Delgada, Angra do Heroismo, Funchal, Cabo-Verde, Lounda, Moçambique, Góa, Macáu.

**PREÇOS**

(Pagamento adiantado)

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Coimbra e Africa portugueza		Provincias, Madeira e Açores	
Anno.....	4\$000	Anno.....	4\$600
Semestre.....	2\$000	Semestre.....	2\$600
Trimestre.....	1\$100	Trimestre.....	1\$250
Mez.....	\$480	Mez.....	\$560
America		Asia	
Brazil, anno (por navio de vella) moeda fraca.....	8\$000	Góa e Bombaim, anno, (franco) xerafins.....	
		Macáu, Singapur, etc., anno, pat. hesp.....	

N. B. Em quanto não estiver completamente organizada a Redacção d'este jornal — toda a correspondencia sobre assignaturas, etc., deve ser dirigida para Coimbra.

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

Rogamos aos srs. assignantes, que ainda devem a esta redacção, — que queiram ter a bondade de mandar pagar a importancia dos numeros d'este jornal, que têm recebido até hoje, e a dos que devem receber, pelo menos, até o fim do proximo mez de Junho; advertindo-lhes, que a publicação dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, apesar do que escrevemos no numero passado, não será interrompida antes de terminado o 2.º volume, em que esperamos concluir todos os escriptos n'elle já começados.

É tão facil e ao mesmo tempo tão cavalheiroso para os srs. assignantes a satisfação d'este nosso pedido; e, para nós, tão embaraçosa a falta de qualquer pagamento do que se nos deve, que acreditamos ser pela última vez, que nos vemos constrangidos a recordar-lhes este dever.

Cumpre-nos tambem advertir-lhes, que, de hoje para o futuro, os pagamentos das assignaturas d'este jornal, pelo que diz respeito ás provincias, devem ser feitos directamente a esta Redacção; afim de evitar-se delongas, e podermos conhecer n'um só dia o verdadeiro estado de nossa cobrança. Acabamos de prevenir d'esta resolução nossos Commissarios e Agentes, aos quaes, seja dito de passagem, tivemos sempre a fortuna de dever os melhores obsequios. Os pagamentos, a que acabamos de referir-nos, podem ser feitos ou por meio

Maio — 1860

de vales do correio, ou de estampilhas de 25 réis.

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do numero 9, tomo II.

XIII

Das outras lendas que Zorrilla enleou n'esta collecção, só duas, pelo genero em que se acham escriptas, occuparão o nosso estudo.

Quem não leu já os Contos phantasticos do immortal Hoffmann? quem não se tem sentido attrair pela inexcedivel magia, com que elles são escriptos? Ninguém, creio eu, desconhece nem a obra, nem o auctor; e tanto merito se tem encontrado n'esses contos, que passaria aos olhos de todos como arrôjo, o querer imital-os, como loucura, o querer excedel-os. E comtudo Zorrilla, conhecendo de certo isto, tentou escrever contos phantasticos, como *Margarita la Tornera* e *la Pasionaria*, que são os que n'este momento chamam a nossa attenção. Mas seria uma emulação louca e stulta a que levou o nosso auctor a tentar este genero? Não; Zorrilla escreveu *Margarita la Tornera*, mais como phantasia religiosa (são expressões d'elle) do que como conto phantastico; e escreveu *La Pasionaria* para satisfazer o desejo d'uma senhora. Está pois desculpado o nosso auctor.

Não seria de certo fóra de proposito o tractar aqui, se o genero phantastico se poderia acclimar entre nós, ou se elle é unica pertença dos climas do norte. Parece-nos que, para escrever taes obras, o poeta se deve inspirar mais pelo alvejar dos gelos das serras, do que pelas louçainhas dos nossos vergeis; que lá entre a neblina, que de continuo os cobre, se podem imaginar melhor os contornos d'essas visões, que á luz fulgurante do sol do meio dia. Penso que o Fausto não podia ser escripto por Herculano, como Goethe não podia desenhar Eurico.

Assim como ensaio são accetaveis as lendas de Zorrilla, que não como obra completa. Sobra-lhes de certo bellezas de phrase, mas falta-lhes o encanto que arrasta em Hoffmann, e a magia

com que elle nos enfeitiça. Mas não devem de certo occupar mesquinho logar na analyse das obras do nosso poeta estas duas tentativas.

Outras lendas, separadas d'esta collecção, se podem encontrar tambem em Zorrilla, e não indignas de occupar a nossa attenção.

Entre estas não sobresaem pouco as comprehendidas na collecção—*Vigilias del Estio*. Nellas

Nada profano hay.....  
..... No hay en sus renglones,  
Mas que viejas tradiciones  
Y acaso fabulas bellas.  
No tienen mas intencion,  
Que hacer humilde memoria  
De nuestra pasada historia,  
De nuestra fé y religion.

E é este o prospecto que Zorrilla nos apresenta, e que cumpriu á risca ao traçar esses cantos nas *vigilias nocturnas de julho ardente*.

*El Talisman*, dedicada pelo auctor a D. Carlos Latone, encerra muita simplicidade, e como tal encanta o ouvido e arrebatá a alma. Basta lêr a introdução, para que o leitor sinta desejos de mais e mais ter que lêr.

*El Montero de Espinosa*, continuação d'outra que aqui já citámos, tambem deve agradar a todos que presarem este genero de litteratura.

Fóra da collecção tambem se encontram mais, recommendando-se ao leitor *La azucena silvestre*, tão bella como o seu objecto, e *Un testigo de bronze*, tão interessante como o seu titulo.

Entre nós este genero de—Lendas, é bastante desprezado; se em muitos outros pontos a nossa litteratura é mais florescente que a espanhola, n'este comtudo, força é confessar a nossa inferioridade.

(Continúa)

F. BRILHO

**Resposta á carta do III.º sr. J. Simões Ferreira**

A carta de v. s.ª collocou-me n'um estado de impossivel narração; e, se eu não julgasse do meu dever endereçar-lhe os mais sinceros agradecimentos, não me animaria a lançar mão da penna para tal fim; porque, na verdade, não sei o que hei de escrever! Referir que não mereço taes favores? Estou d'isso tão convencida, que até me parece muito duvidoso, que haja alguém que o não saiba, tendo lido o que eu escrevi. Expressar toda a gratidão que sinto? Como? com que palavras? Por outro lado receio tambem enfadar os leitores com aquillo, que só interessa a mim e a v. s.ª

Mas seja-me permittido, que eu só por esta vez sacrifique pelo dever e pela gratidão, o gôsto litterario dos indulgentes leitores, roubando-lhes o prazer da litteratura n'este espaço, que occupo com tão mal traçadas linhas.

As frases com que v. s.ª me honra são dignas d'um reconhecimento, que, se é que o comprehendendo, não sei expressal-o, nem tenho termos com que o possa fazer chegar ao elevado conhecimento de v. s.ª

Encontrei inspiração nos escriptos de v. s.ª já

ha mais tempo, do que a data do meu primeiro artigo, e em outro jornal tambem, sem ser os PRELUDIOS: não a divulguei logo, porque me não senti com alento de escrever um artigo para um jornal como a *Litteratura Illustrada*.

Nos PRELUDIOS tornei a encontra-a; e declarei-a, por achar comparação entre mim e o estimavel redactor d'este jornal; pois que, se elle trabalha para obter os meios que lhe são indispensaveis para levar ao fim o seu nobre empenho, eu trabalho para alcançar instrução; e assim, faltando a ambos sua coisa, ainda que differentes, ha semelhança entre nós; e como amigos e irmãos, se elle tanto quizer, podemos obsequiar-nos mutuamente.

Se não declarei o meu nome foi por convicção e não por modestia; pois estou firmemente convencida de que o artigo não merece uma assignatura. E de que servia o meu nome n'elle? Seja v. s.ª o meu juiz, mas um juiz recto e severo; e quando um dia nos meus escriptos encontrar algum merecimento, mande-me subscrever o meu nome, que eu o farei sem hesitar.

Esta minha franqueza mostra a v. s.ª, que não ha em mim a modestia, que v. s.ª imagina; e se m'a suppõe, é porque me julga por si. Talento já lhe eu conhecia, senhor, e agora descobro-lhe outro predicado não menos apreciavel; e o talento e a modestia são dois attributos tão raros, como estimaveis! E comtudo, quasi sempre andam junctos sciencia e humildade, materialismo e ufania. É a regra geral; tudo o mais são excepções.

Eu sei que na carreira litteraria ha muitos *espinhos*; mas anima-me a lembrança de que ao pé d'elles ha quasi sempre flores. E como chegar sem dissabores ao termo de tão gloriosa empresa? Os grandes homens, as intelligencias singulares têm pagado com amarguras as eruditas produções, que nos têm legado; tomemol-os por nossos modelos, e console-nos a ideia de que elles soffreram muito para ser hoje admirados, se é que é logico achar consolação nos padecimentos dos outros, o que não creio, porque os males alheios não aliviam os nossos; mas ha um systema quasi geral de applicar como antidoto aos nossos desgostos a recordação de que os mais tambem soffrem, recordação que longe de mitigar as nossas dôres, devia pesar em nossos corações.

Reprovo tal opinião, e com tudo sirvo-me d'ella! É o que succede a quem segue ideias geraes; muitas vezes involuntariamente manifesta sentimentos, que não têm. Eu respeito tanto a dôr, quando é verdadeira, que uso remetter-me ao silencio, por nunca encontrar expressões, que julgue sufficientes para acalmar as tormentas do espirito: a melhor consolação é dar livre curso a dôr. A tal respeito penso como A. Herculano, o qual diz, que a dôr é como a materia, que se gasta com o uso.

Espero desculpa por apartar-me da narração principiada, e continuarei a responder á carta de v. s.ª

Se v. s.<sup>a</sup> sente alguma satisfação por terem sido os seus escriptos, que me suscitaram pretensão d'escrever, pôde acreditar que foi n'elles, exclusivamente n'elles, que senti desejos de seguir a carreira litteraria: só me faltava onde principiar, e, como por decreto da Providencia, appareceram-me os PRELUDIOS, e n'elles novos motivos, que me resolveram a lançar mão da penna; e em vista de certa particularidade do meu genio, era impossível achar um jornal mais a proposito para eu escrever. É quasi paixão a sympathia que tenho pelos PRELUDIOS!

Causou-me certa impressão observar homens, que se jactam de ser escriptores, não comprehenderem aquillo, que v. s.<sup>a</sup> escreveu; era mistér ser-se dotado da mais crassa ignorancia para dar ao pensamento de v. s.<sup>a</sup> a interpretação que lhe eu ouvi dar.

Não se arrependa v. s.<sup>a</sup> de falar assim, porque não é com lisonjas, que se consegue espargir a illustração: eu desejava estar no caso em que v. s.<sup>a</sup> está de o poder fazer, que não poupava expressões francas, ainda que fossem amargas; pois que aquelles, que Deus dotou d'alguma comprehensão, devem ficar-lhe muito agradecidos; e quando não haja a gratidão, ha o prazer de ter feito bem. Quando na minha infancia me reprehendiam por causa de defeitos, que, se m'os não corrigissem, seriam hoje bem repugnantes, eu escandalisava-me; mas agora, que detesto nos outros eguaes vicios, bemdigo a mão, que me soube castigar.

Agradeço summamente a v. s.<sup>a</sup> os louvores, que me dedica, que supposto eu esteja convencida de que os não mereço, não deixam de ser muito agradaveis ao meu coração, pelo facto de me virem de v. s.<sup>a</sup>; porque me fazem crer que me não enganai com o pensamento, de que tinha tendência para a litteratura.

E fico-lhe especialmente muito grata, por me pedir, que escreva n'um jornal onde v. s.<sup>a</sup>, e outros senhores de elevado genio escrevem. Não olvidarei nunca que lhe devo a fineza de se não envergonhar, de que os meus escriptos appareçam n'um jornal, aonde se encontra o nome de v. s.<sup>a</sup> Escreverei sempre que seja mistér, em todos os numeros havendo logar.

Termino patenteando que o maior pesar que sinto, é não ter o preciso talento para cumprir, como desejava, o pedido de v. s.<sup>a</sup>, e empregarei todo o cuidado para satisfazel-o o melhor que eu souber; na esperança de que v. s.<sup>a</sup> dará o devido desconto á minha falta de estudos, nos quaes de hora em diante gastarei todo o tempo, que poder dispensar.

*Uma mulher, que sympathisou com os Preludios-Litterarios*

Um má lingua, falando dos individuos, que costumam andar sempre acompanhados d'um lacaio, achava que elles tinham muito de commum com os burros, que não andam sem levar alguém atrás de si.

## COISAS E LOISAS

Continuado do n.º 9, tomo II.

### CAPITULO V

*No qual se muda de estylo, e se falla d'outras coisas, que d'antes se não disseram.*

Pelo que já temos dicto é facil de vêr que Pedro Pereira da Penha Peixoto não era um homem como ha muitos, sem dizer todavia que seja uma originalidade. Nos seus trinta annos de existencia tinha visto bastante para julgar as coisas e as pessoas pelo que ellas são e valem, e d'ahi vinha o ar de superioridade com que as olhava.

No mesmo dia em que nós iamos contando, e de que o sr. Patrocínio nos desviou um instante, pelas cinco horas da tarde tinha elle acabado de jantar, e sentado negligentemente n'uma cadeira de braços deixava ao seu estomago todo o socêgo e commodidade para fazer chymos e chylos, e quantas mais operações elle quizesse, ao mesmo tempo que a imaginação lhe fugia por esses ares involvida em nuvens de fumo d'um excellente charuto, que, pelo adjectivo não podia deixar de ser contrabando.

Tinha as pernas encurusadas, e de quando em quando agitava com phrenesi a que estava sobreposta. Então uma golfada de fumo saia mais espessa e mais impetuosa, d'alto a baixo enterrava-se-lhe na testa uma ruga, e um sorriso de desdem terminava tudo.

— Estás em casa, Pedro? disse uma voz, e passos apressados e firmes subiam a escada.

— Sobe; respondeu este machinalmente, erguendo-se.

— Queres-me alguma coisa? perguntou Joaquim Antonio Ribeiro, abrindo a porta.

— Entra. Estava pensando em ti, não podias vir mais a proposito.

Os dois amigos apertaram as mãos, e Ferreira tocou a campainha.

Instantes depois entrava um criado com duas chavenas de café e uma caixa de charutos.

— Se alguém me procurar, disse-lhe elle despedindo-o, que não estou em casa. Não quero luz sem a pedir.

Era effectivamente quasi noite. Á ultima claridade do crepusculo tomaram os dois mancebos o café, e depois a convite do dono da casa sentaram-se a par no canapé.

Era tempo de entrar em materia especial, e a occasião pedia-o.

Pereira começou:

Acreditas na minha amizade, Joaquim? Acreditas que te desejo todo o bem que para mim quizer, que não sei se desejaria a um irmão?

Joaquim Ribeiro, que já estranhára alguns preliminares desusados, mais estranhou aquella pergunta, que, feita d'um amigo provado para outro, indica sempre sequencias graves. Não lhe viu o alcance, e respondeu com outra pergunta:

— Não o sabes tu? A que vem perguntalo agora?

— Porque preciso, agora principalmente, que te lembres d'isso para escutar o que tenho a referir-te: porque preciso, eu mesmo, de ter essa certeza para te contar uma historietta bem simples. Ouve.

Joaquim estava, como se costuma dizer, nadando em sêcco. Bem parafusava elle, mas era o mesmo que nada. Se não conhecesse quem lhe estava falando, ria-se: assim calava-se, esperando ver sair um rato d'aquella montanha.

— Faz dois annos para o estrudo, principiou Peixoto, que por uma bella tarde dos fins de fevereiro passeava eu algures, que pouco importa o sitio, a quasi um quarto de legua da cidade. Ia a cavallo. Do lado opposto vinha um carro na estrada, e o cavallo espantou-se. Não perdi o socêgo nem os estribos. Dei-lhe uma boa esporada: mas, em vez de romper para diante, fez um rapido gyro sôbre si mesmo e desandou-me a toda a brida pela estrada abaixo. Quando pude sopear-o, achei-me sem chapeu.

Voltei a buscal-o, e chegando ao sitio onde o cavallo tinha feito a reviravolta, e onde eu supunha me teria cahido, não o achei. Por um movimento bem natural ergui a cabeça. Tinha diante de mim uma casa, soffrivelmente elegante, e a uma de muitas janellas pareceu-me ver uma cabeça de mulher, que logo se retirou para dentro, a tempo que senti ranger a meu lado os gonzos d'um portão, e uma voz dizer:

— O seu chapeu está aqui. Está-se a limpar da poeira, e entretanto queira v. s.<sup>a</sup> entrar e descansar um pouquinho, que a senhora manda-o convidar.

Não me fiz rogar segunda vez, que o cavallo arquejava debaixo de mim e eu suava a bom suor. Entrei o portão, e logo dentro um criado me tomou o cavallo e indicou uma escadaria de pedra, que me ficava á esquerda. Subi sem mais cerimonia, realmente satisfeito com a aventura que não podia ser mais a proposito.

Ao cimo da escada abria á direita uma porta, que dava para uma saleta de espera, e em frente d'esta havia outra fechada, que se abriu á minha chegada. Uma mulher que me não lembrava de nunca ter visto, convidou-me a entrar.

No primeiro momento fiquei um pouco embaraçado a olhar para ella.

Não era linda, mas incontestavelmente formosa. Principalmente, porém, tinha um olhar de tógo e trajava com gôsto. Foi o que notei no primeiro relancear de olhos.

Convidou-me segunda vez, e ajunctou ao convite um sorriso muito amavel, que lhe descobriu uns dentes, que pareciam perolas.

Demorar era passar por incivil. Entrei, e sentamo-nos.

— Talvez lhe faça transtôrno esta demora, principiou ella, e em tal caso teria a pedir desculpa de o ter feito subir aqui; mas não quiz deixar

perder esta occasião, porventura a unica que o ceu me depare, de dizer-lhe algumas coisas, que v. s.<sup>a</sup> provavelmente ignora, e que eu mesmo tinha jurado nunca me saíriam do coração.

— E tu não conhecias essa mulher? perguntou Joaquim Ribeiro, que começava a interessar-se com a historia.

— Á fé d'amigo, que nunca d'antes a tinha visto que me lembrasse.

— Isso é que é ser feliz! concluiu o mancebo com modo ingenuo.

— Vaes ouvir o melhor. Não sei agora o que lhe disse, mas creio que as banalidades do estylo, até ver em que aquillo vinha a dar.

Ella ergueu-se e foi, pé ante pé, fechar duas portas que do interior da casa davam para a sala. A uma vinha a criada com o meu chapeu, já limpo e prompto, que ella tomou e poz sôbre uma cadeira, fazendo á criada signal de se retirar.

Foi então que tudo aquillo me despertou outro interesse, que não só curiosidade. Uma mulher nova, desconhecida, que logo á primeira vez que falla commigo me promette dizer coisas do coração, e que para isso tem a cautella de por si mesma fechar as portas, era para mim tamanha novidade, que se m'o-tivessem dicto duas horas antes, tel-o-hia por impossivel. E não pelo facto, senão pela terra. Era um facto que está ainda hoje muito longe dos costumes de Coimbra, onde as mulheres sabem conservar o seu logar e a sua dignidade. Porisso, repito, estranhava-o e interessava-me.

Concluidos aquelles preliminares, veio ella sentar-se outra vez, mas agora n'uma cadeira proxima de mim, e continuou dizendo com voz meiga:

— Não pôde fazer ideia como estou contente. Se estes momentos fôsem coisa que se comprasse, eu dava o melhor que tivesse, o que mais estimasse na vida. Foi Deus que me fez a vontade. Nunca em minha vida me senti tão commovida, Ora quer ver?

E tomando-me a mão achegou-a ao peito.

— Sente como o coração me palpita alvoroçado? proseguiu: pois é por si que elle palpita. Estou n'um estado de exaltação pelo ter aqui juncto de mim, que parece-me que se agora morresse nem sentia a morte.

Não farei agora de philosopho, que nem se acreditariam philosophias n'aquellas alturas. Tudo aquillo seria para fazer meditar muito, mas muito mais era para exaltar. Quando senti aquella mulher tão proxima de mim, a sós ambos n'uma casa fechada a dizer-me palavras de tanto endoidar; quando senti na minha o contacto d'aquella mão de fogo, que me attraia tão suavemente, e depois aquelle oscillar descompassado debaixo das rendas amarradas por minha mão; por um instante perdi a cabeça, e creio que o adivinhou ella nos meus olhos incendiados, porque se levantou immediatamente, vermelha como purpura, e dirigiu-se para a porta do interior.

Abriu-a, e demorou alguns segundos a olhar e escutar para dentro.

Voltou depois, dizendo com voz pouco segura e muito baixa.

— Cuidei que tinha sentido gente.

Esse pouco tempo, porém, foi bastante para eu cair em mim, E seguiu-se uma reacção instantanea e violentissima. Detestei aquella mulher, e tive vontade de a insultar. Como em nós se operam estas methamorphoses tão rapidas, não sei eu; nem faço mais que narrar factos.

Ergui-me, quando ella se vinha chegando, e disse bruscamente.

— Eu vou-me embora.

Em vez de formalisar-se, ella sorriu. Tinha interpretado favoravelmente aquelle movimento. Julgou que eu queria fugir uma occasião perigosa, que não tinha força de dominar. Foi o que julguei do seu sorriso. E por uma volubidade exquisita do meu character, tornei a sentar-me, fazendo commigo proposito de lhe dar uma lieção.

Tudo isto se passou no fulgir d'um relampago.

— Pois então não está bem ao pé de mim? disse ella assentando-se de novamente, mas mais desviada.

— Pois não, minha senhora: excellentemente, o melhor possivel: respondi eu com um sorriso, que ella não entendeu por um sarcasmo. Se me lembrava de sair é porque temia incomodar v. ex.<sup>a</sup>

— A mim, incomodar, o senhor Pedro!... É porque não acredita, que nunca em minha vida tive prazer maior.

Por este theor seguiu a conversação não sei por que tempo, que me pareceu a eternidade. Estava aborrecido de morte. A mulher até me perguntou se eu era poeta.

— Não, minha senhora: respondi, reprimindo um bocejo.

— Pois haviam de ser muito lindos versos seus.

— Obrigado, minha senhora, mas que quer v. ex.<sup>a</sup> se a rima é-me tão rebelde. Nunca na minha vida achei senão uma; amor e dissabor. E bem sabe v. ex.<sup>a</sup>, que versos sem rima não valem hoje nada.

Outra vez a mulher me não entendeu. Levantei-me e offereci-lhe os meus prestimos.

— E então quando o hei de tornar a ver?

A resposta estava-me a saltar. Sustive-a todavia.

— Breve, minha senhora.

— E antes não me fará o favor de dar-me noticias suas? Se alguma vez me quizer dar esse gôsto, aqui tem o meu nome.

E entregou-me um bilhete.

Queres agora que te mostre esse bilhete, meu amigo?

Joaquim tinha prestado toda a attenção. Não saberia adivinhar onde Pereira levava a mira com aquella narração, mas, que mais ou menos, commigo tinha alguma coisa, dizia-lhe o instincto. Respondeu, pois, com ancia:

— Sim, deixa-me ver esse bilhete.

— E se te arrependeres?

— Não me queixarei. Que mais pôde ser? Esse bilhete é de alguém de minha familia?

Pedro olhou para elle, e contemplou-o um instante em silencio.

Para que irei eu derramar n'esta alma singella e crente o veneno do ciueme! pensou elle. Mas um mal com outro se cura, e este homem é mal empregado. Devo tremer acaso, quando se tracta de o salvar só porque o meio é um pouco violento?

E tocou a campainha. Veio luz, tomou então de sôbre uma meza uma carteira, e abrindo-a, mostrou um bilhete de visita em relêvo, dizendo:

— Recordo-te que te desejo todo o bem.

— Mas fizeste o peor mal, que me podias fazer: exclamou o mancebo, deixando cair o bilhete.

E depois, passado um momento de desalento, ergueu-se com os olhos incendidos, os labios trêmulos, todo elle em convulsão, e apanhando do chão o bilhete, arrojou-o ás faces do amigo, brandando furioso:

— Mentos, e és um infame. Insultas uma mulher, e atrações um amigo.

Pedro não respondeu.

— Exijo que te desdigas immediatamente: que digas que esta mulher não tem nada com a tua historia, que pouco me importa se é inventada ou não; ou aliás, Pedro...

Não desdigo uma palavra, Joaquim: mas peço-te uma coisa. Vamos a casa d'esta senhora, e ella que me desmintas. É o mais que posso fazer.

— Immediatamente.

— Pouco depois os dois saíram.

Eram quasi seis horas, e a essa hora tinha Cesario promettido estar em casa de Luiza.

Lá iremos nós tambem.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

## ADVERTENCIA

Resolvendo-nos a publicar estas nossas cartas intimas, escriptas sempre debaixo das primeiras impressões e com toda a franqueza de pensamento e incorrecção de estylo que lhes são naturaes, só temos em vista archivar n'este jornal da amisade memorias queridas d'um dos periodos mais socegados da nossa vida, e talvez por isso tambem dos mais felizes, e assentar aqui um padrão do como nós sentiamos e pensavamos antes de colhermos a experiencia do trato com o grande mundo, que, a meu vêr, nos faz tão pequenos. Já hoje não saberiamos escrever muitas coisas que então nos sabiam da penna espontaneas, e um dia virá por ventura em que nos será allivio e saudade vir aqui revêr o principio d'onde partimos. Que se nos releve pois fallar, muitas vezes, de coisas e circumstancias pessoaes, visto o fim que temos a franqueza de offerecer por desculpa.

Em compensação as nossas cartas hão de ser alternadas com outras do meu particular amigo o sr. A. A. da Fonseca Pinto, que por certo temos

de sobejo indemnizarão os leitores dos PRELUDIOS do enfado de lêr as nossas.

J. SIMÕES FERREIRA

### EPISTOLOGRAPHIA

Dez mezes em Sernache

#### CARTA I

*Meu amigo:*—Hontem pelas quatro horas e meia da tarde, depois d'uma jornada feliz e variada, de que mais tarde lhe fallarei, dei entrada n'esta terra que me vae ser patria, não sei por quanto tempo, e que ao primeiro aspecto não pôde ser melhor.

Estou por em quanto hospedado no Seminario, que, pelo que já vejo, não tem de real senão um nome pomposo, como quasi todas as nossas coisas. Chama-se, e provavelmente assim estará inscripto nas Secretariás do Estado. — *Real Estabelecimento Central da Missão portugueza ultramarina.* Com tal nome parecer-lhe-ha incrível que tudo isto se reduza a uns dez ou doze creanças, quasi todos d'além mar, sob a direcção d'um superior, que é, como sabe, o sr. Constancio Floriano de Faria; doutor e lente na faculdade de Theologia.

A casa por si é excellente, e tem uma bella posição topographica. Agora mesmo, sentado á mesa no meu quarto, estou vendo nascer o sol, que me vem visitar primeiro, e depois vae derramar-se sôbre a nevoa d'um valle que ahi me fica defronte, fazendo-o alvejar similhante a um campo immenso de algodão, agitado a intervallos por uma aragem fugitiva.

Por detraz da nevoa, e sobranceiro a ella, eleva-se uma cordilheira de serras em recortes caprichosos, que são o fundo mais appropriado para esse quadro pictoresco.

E esta vista está-me causando tristeza e saudade. Faz-me lembrar a nossa Coimbra, que tão mimosa é de taes encantos, e que não sei quando tornarei a vêr!

Os ares da nossa terra não são menos puros e são bem mais fagueiros. O sol estranho não aquece nunca tanto como o nosso. A natureza mais rica e variada, o panorama mais surprehendente e grandioso, podem deslumbrar-nos, mas não nos tocam se é debaixo d'um ceu alheio. Na nossa terra tudo nos falla, tudo nós entende, tudo nos encanta. Cada pedra da casa que nos viu nascer tem para nós uma historia, uma recordação. Aqui brincavamos nós em pequenos, alli estudámos as primeiras lições, n'outra parte viamos todos os dias a nossa mãe.

Longe pela primeira vez de tudo isso, é agora que me está lembrando quanto hei perdido. E estou triste que não é dizer! Por isso não digo hoje mais nada.

N'outra começarei com a jornada, e ir-lhe-hei dizendo d'aqui o que fôr julgando ou sabendo. O que só lhe posso dizer já é que é a aldeia mais linda que tenho visto.

Sernache do Bom-Jardim, 5 d'Outubro de 1858

J. SIMÕES FERREIRA

## ABRANTES

POESIA OFFERECIDA

AO EX.<sup>mo</sup> SR. BARÃO DA BATALHA

Que ces sites sont doux, que  
ces lieux sont touchants!

LAMARTINE.

Abrantes! terra formosa,  
Paraíso terreal,  
Que te miras donairoza  
No meu Tejo de christal...  
Tu... a quem meu patrio rio  
Vem trazer por alvedrio  
O feudo do seu amor,  
Tu... gentil! que assim o encantas,  
Que elle vem beijar-te as plantas,  
Como o servo ao seu senhor;

Tu, Abrantes! tens a c'rôa  
De rainha entre alcantis  
No castello, que apregôa  
Passados feitos gentis!...  
Tens o manto de princeza  
Na risonha natureza,  
Que em de redor de ti vês;  
Tens o solio de um kalifa,  
N'essa virente alcatifa  
Que se desdobra a teus pés!

Vetustos padrões de gloria,  
Aqui se encontram tambem,  
Que os fastos da tua historia  
Mil nobres acções contêm!...  
Vede-o vós!!... — Feito tão bello  
Na tomada do Castello  
Por nosso primeiro rei!...  
Vede-o, sim!... mas nossos preitos  
Render-se-hão a novos feitos  
Do valor da nossa grei.

Erguidas sagradas Quinas  
No teu soberbo alcaçar,  
Vem as hostes marroquinas  
Nova conquista tentar!  
Em vão!... Que o Deus que, em Ourique,  
Dêra alento a Affonso Henrique,  
Roja os crescentes no pó;  
E, das victorias ao grito,  
Foje, vencido e maldito,  
O infiel Aben Jacob!...

Novas pelejas empenha  
Pero Fernandes, que então  
Renegára o Deus de Hespanha  
Pelas crenças do alcorão!...  
Mas co'as gentes abrantinas  
Martim Lopes — pelas Quinas  
Faz prodigios de valor;  
E vence desbaratando

Todo o exercito execrando  
Do renegado traidor!...

Depois vem João primeiro  
Os seus aqui reunir,  
Quando do jugo estrangeiro  
Tentava a patria remir;  
D'aqui segue a Aljubarrota,  
Onde os hespanhoes derrota,  
Hasteando o luzo pendão;  
E depois d'essa victoria  
Uma pedra aponta a historia  
No adro de S. João!...

Tens tambem, ó fresca Abrantes,  
De gloria um novo laurel,  
Em ser berço dos infantes,  
Prole de El-Rei D. Manuel;  
Tens filhos de nome illustre,  
Que aos teus annaes dão seu lustre:  
És dos Almeidas solar,  
Tens D. João, bispo da China,  
Avelar, que ao mundo ensina  
Um desinteresse sem par!...

Tens Zuzarte, tens Soares,  
Alvaro Pinto, Chachim,  
E outros muitos nos altares  
Das lettras patrias... assim  
Ruy Dias as lettras ama,  
No amor das lettras se inflamma  
Castro, bispo do Brazil;  
Reitor primeiro em Coimbra,  
Garcia d'Almeida timbra  
Em ser primeiro ente mil.

Tu tambem foste ditosa  
Côrte do grande Manuel,  
Outr'ora dada á formosa  
Rainha Sancta Isabel,  
A essa que em rosas trocava  
O pão, que á pobreza dava,  
Cobrindo a esmola c'um véu,  
Pois que a esmola dada ao pobre,  
Quando a virtude a encobre,  
São rosas puras do céu!...

Formosa Abrantes ridente,  
Teu passado é seductor;  
Mas os fastos do presente  
Oh! não tem menor valor!...  
Mudaram tempos e glorias,  
Não se ouve o som de victorias,  
Nem da guerra os escarceus;  
Mas não mudam estas flôres,  
Estes prados de mil côres,  
Estes ares, estes ceus...

Mas não muda a limpha pura  
Do Tejo meu tão gentil,  
Nem a brisa que murmura  
Por meigas tardes de abril;

Mas não muda o eterno riso,  
Que um perpetuo paraíso  
Da natureza aqui faz;  
Mas não muda o bello clima,  
Que a sentir aqui anima  
Os gózos que amor só traz!...

Nem recordes, feiticeira,  
Teus passados generaes  
Que ahí tens o nobre Cabreira,  
Que não soffre hoje rivaes;  
Que do Barão da Batalha  
O nome illustre se entalha  
Em novos... flóreos padrões...  
E inda por elle no peito  
Sentirão fundo respeito  
As vindouras gerações!...

Mas, p'ra que lembrar a guerra  
N'esta estancia de prazer?  
Se a dôr aqui se desterra,  
Se ha dôce vida a viver!...  
Guerras aqui só de amores,  
Ditosos os contedores...  
Ditosas as ovações!...  
As armas sejam caricias,  
As victorias mil delicias,  
Os reductos corações!

De tantas damas ornada,  
De tantas damas gentís,  
Tu pareces encantada  
Celeste mansão de hurís;  
És um eden sôbre o mundo,  
És um oasis jucundo  
Que dás á vida frescor;  
Vem as Tagides formosas  
Aqui... toucadas de rosas  
Tecer cadeias de amor!...

Aqui a vida é um sonho  
Embalado no prazer,  
Se vem um olhar risonho  
Nos nossos olhos morrer;  
Aqui as damas são bellas  
Como do céu as estrellas,  
Como do prado o matiz;  
Aqui é um paraíso,  
Aqui... quem gosa um sorriso  
Não pôde crêr-se infeliz.

Eia, pois, Abrantes linda,  
Que o Tejo meu vem banhar,  
Acceita o canto que ainda  
Te soube a lyra offertar!  
Recebe o sincero preito  
Que te off'reço no meu peito  
D'um affecto tão leal;  
Pois, nas delicias que encerras,  
És a rainha das terras,  
Não tens ua terra rival!...

## NO DESCONFORTO UM ALENTO

Bem vindas minhas lagrimas, bem vindas!  
CASTILHO, *Ciúmes do Bardo*.

Casta filha do céu, candida lua!  
Comparo-te a donzella d'alvas roupas,  
Que em vôo desprendido lá dos montes  
Pairasse, manso e manso, d'astro em astro,  
Derramando no espaço frouxos raios  
Da luz dos meigos olhos namorados.

Nos páramos do céu, ardendo em chammas  
De branda luz, e d'alvamento brilho,  
És a imagem de Deus, e obra sua!  
Face do Creador, sorrindo meiga  
A quem na terra o louva, o crê e adora:  
Nos céus impéras tu como sob'rana  
Ante milhões d'estrellas, que rendidas  
E timidas se escondem de teu brilho:  
Astros, que de si sós, os céus enchiam,  
Ante a modestia de teu meigo rosto,  
Humildes prestam culto á luz, que ostentas  
Suave como a luz d'uns meigos olhos,  
E triste como a lampada d'um templo.

Casta filha do céu, candida lua!  
Manda ao meu coração um raio ao menos  
De tantos mil e mil, que a mim só negas!  
Sim! ao meu coração, onde só entra  
A luz tórva e cruel do sofrimento!  
Sequer dá-me um remanso de saudade,  
Em que eu possa chorar maguas passadas,  
Maguas do meu viver já bem soffrido!  
É pobre o meu pedir! dá-me um alento  
Que ajude a minha lyra pobre e triste  
A segredar-te as notas do meu culto...  
A ti, e só a ti contal-as póde  
Quem uma flôr não acha entre os espinhos  
Duros da vida, que tão bastos surgem!  
A mais ninguem confio os meus queixumes,  
Casta filha do céu, candida lua!

Meus dias, como as folhas da roseira  
Soltas ao vento assolador do outomno,  
Vão cahindo em chão de desalento  
Ao sôpro abrazador da desventura!  
Amei!... Foi-me o amor viso d'esperança  
De ter inda na terra um paraíso!  
Após comprida noute, eu via a aurora  
Precursora da luz, fanal de crenças  
Aquecidas ao sol d'uma ventura!  
Mas rapido o clarão da luz celeste  
Brilhou, que quando a face olhei d'esse Anjo  
Viçosa e bella flôr lhe despontava  
Já em seu coração, e um nome d'outrem  
Seus tabios tão mimosos repetiam!  
Diziam n'um suspiro vindo d'alma  
*O nome que no peito escripto tinha!*  
Sellavam c'um suspiro atroz sentença,  
Não de morte final, mas de martyrio  
Constante, e já sem termo n'esta vida!  
Foi o golpe do raio após o brilho

Que em trevas sepultou meus tristes dias!  
E então filha do céu, candida lua!  
Só harpejos de dôr, nenias sentidas  
Suspirou minha lyra em seus queixumes.  
Só a febre na sêde da ventura,  
Que olhei, que vi sem vêr, brilhar, sumir-se,  
Ficou p'ra devorar meu peito afflicto:  
Mas tu filha do céu, candida lua!  
Dá-me um remanso de saudade ao menos.

E dêste-m'o!... N'esta hora solitaria,  
Já de teu meigo-rôsto um doce raio  
De luz consoladora concedeste  
A quem tal bem na terra não achava:  
Um instante me dêste de confôrto,  
Ouvindo meus suspiros, vendo o pranto,  
Que á minha dôr meu coração negava:—  
Foi a gôtta do orvalho no deserto,  
Foi a flôr em campo árido e triste:

Mas tudo em fim se acaba!... irás em breve  
Longe, e onde meus olhos não te avistem,  
Levar o balsamo e o confôrto amigo  
A quem, talvez como eu, gema sósinho!  
Pois vae, filha do céu, candida lua!...  
E não esqueças aquelle que a ti só deve  
Este instante de paz, em que da vida  
O athaude triste ancorei breve  
No porto da saudade! o desalento  
Volta ao meu coração... não póde o morto  
Chorar a vida ás portas do seu tumulo!  
Adeus candido astro da saudade!

Coimbra, 2 de Maio de 1860.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ANALYSE DOS LUSIADAS DE CAMÕES, (Appenso).  
Edição do sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, ver-  
dadeiro amante das lettras patrias, como o mos-  
tram os grandes serviços que em poucos annos  
lhes têm prestado, fazendo sair á luz obras de bas-  
tante merecimento, que a não ser elle, quiza, fic-  
ariam sempre ignoradas ou pelo menos esquecidas.

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto  
da recepção do 1.º n.º, EM COIMBRA, no Escripto-  
rio da Redacção do mesmo jornal.

## Preços

1.º vol. (brochado) ..... 1\$600

## 2.º volume

SEM ESTAMPILHA		COM ESTAMPILHA	
Anno.....	1\$210	Anno.....	1\$480
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Por mez—120 réis		Avulso—40 réis.	

# PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

## OS ENGEITADOS E AS RODAS

Continuado do n.º 2, tomo II.

III

Aos que condemnam as rodas, como anti-economicas, não lhes podemos responder. Avaros do coração, é a torpeza da propria avidez que os condemna; refutam-se a si proprios. Os que vêem n'ellas um estímulo de desmoralisação, e uma causa geral de miseria, crêmol-os victimas d'uma illusão, e é forçoso dar-lhes uma resposta.

Affigura-se-nos, que os adversarios das rodas não attentam bem na sua essencia e fim; e que olham apenas para a instituição, como ella ahi vive, rachitica, incompleta, e contraria inteiramente ao que deve ser por sua propria natureza. Já o dissemos, a instituição das rodas, como existe hoje, é uma verdadeira calamidade social, e indigna dos sacrificios, que exige. Julgar que se evita um infanticidio, porque existe uma casa, onde se recebem os engeitados, é uma lamentavel illusão, se não um erro crasso. Falam os factos tão alto, que, continuar n'este engano d'alma, é antes um crime. Em lugar do infanticidio rapido, violento, que se crê evitar (e nem sempre se evita) existe um infanticidio lento, mil vezes porisso mais criminoso. Quem mata n'este caso é a lei. É outro crime, ou, se querem, deficiencia da lei, o abandono imprevidente, que ella faz dos expostos n'uma idade, em que elles, por si proprios, não podem procurar meios de existencia.

Contra-senso notavel! foram tão miopes os nossos legisladores, que não viram que é n'aquella idade, que aquelles infelizes mais careciam da protecção da lei!

O resultado d'esta imprevidencia e crueldade da lei, é manifesto; são outros tantos proletarios, ou desventuradas meretrizes, que ella lega á sociedade.

Legado funesto, para conjurar o qual devem convergir todos os esforços d'uma sociedade, que quizer ser, primeiro que tudo, moral. É opinião nossa, que os esforços da communidade só secundariamente devem vir em auxilio do individuo, pois a este toca curar principalmente do seu bem-estar. Tal não pôde ser na hypothese excepcional, de que nos occupamos agora.

Maio—1860

O homem, só depois d'um certo desinvolvimento physico e intellectual, é que pôde curar de si, ser previdente e providente. Antes d'isso, é um verdadeiro cego, que precisa de quem lhe dirija os passos, e o affaste dos abysmos de que o mundo está cheio.

É a familia, que se encarrega d'esta missão. Mas o engeitado, coitado d'elle, não tem familia, senão fôr a sociedade; só no mundo, vêl-o-heis morrer de fome, ou mais tarde então, figurar na phalange dos altos criminosos. E porque? porque a lei, antes d'elle, tinha sido criminososa.

N'uma epocha verdadeiramente materialista, não obstante a *espiritualidade*, com que tanto procura enfeitar-se (talvez porque é uma necessidade da moda affectar ser aquillo, que se não é), é difficil uma reforma, para effectuar a qual é necessario, sobre todas as cousas, amor do proximo.

Sendo impossivel, como nos parece a nós, pelas razões que apresentamos nos artigos precedentes, evitar a exposição dos recém-nascidos, reputamos necessaria, economica, politica, e moralmente uma instituição, que sirva de mãe adoptiva d'esses infelizes, victimas innocentes do crime.

Chamem-lhe, a essa instituição, rodas, hospicios, etc., ou o que lhes convier melhor, que nós não discutimos palavras, quando o fim se consegue.

EDUARDO J. COELHO

## FELICIDADE E RIQUEZA

L'homme est comment l'arbre qu'on secoue pour en faire tomber ses fruits: on n'ébranle jamais l'homme sans qu'il en tombe les pleurs.

LAMARTINE

I

Era em Agosto; n'uma d'essas suaves tardes de verão em que o sol; prestes a mergulhar-se no occaso, inunda com seus raios avermelhados os cumes das montanhas, emquanto os valles se vão envolvendo nas escuras sombras da noite: n'uma d'essas tardes em que, maravilhados os olhos com as bellezas da creação, sentimos a alma povoar-se de sentimentos de amor e gratidão para com o auctor da natureza. E na verdade, a perspectiva que se des-

enrolava ao longe ante meus olhos era muito propria para fazer nascer sentimentos taes; perspectiva como ha tantas no nosso bello Portugal e especialmente na pictoresca provincia do Minho.

Ao longe o horizonte é limitado por elevadas montanhas e aprumadas serranias, povoadas aqui por bosques magestosos de carvalhos e castanheiros, acolá por sôbrepostos penedos, que lhes den-teiam o cume: em um ou outro pico mais elevado vê-se a branquejar a capellinha d'algum sancto; e o trilho que lá vae ter, seguindo as ondulações da montanha, dir-se-hia, visto de longe, uma longa fita tortuosa, lançada caprichosamente pelo dorso do monte.

No valle, por entre o denso arvoredado que o borda, se avistam a furto numerosas aldeias com seus campanarios, e lá ao longe se ouve o estrondo do rio, que se despenha de pesqueira em pesqueira, formando pequenas cascatas e como para augmentar a magestade da scena se elevam lá ao longe, illuminadas pelos raios moribundos do sol, duas altas e antigas torres d'um convento grandioso, cuja côr negra indica, que muitos annos lhe têm roçado a frente; as quaes, subindo do denso das arvores que as cercam, parecem duas sentinellas encarregadas de velar nas povoações vizinhas, protegendo-as com a egide da religião. Tudo isto se apresenta aos olhos admirados e bem justifica o apellido dado a esta interessante provincia — de jardim de Portugal.....

O sol se tinha de todo occultado no occidente; as sombras do valle tinham subido ao cume dos montes, e o manto azul dos céus se recamára de estrellas: anoitecera, e dentro em pouco a lua, apparecendo por detraz da montanha, se elevára grave e magestosa pela amplidão dos céus, derramando sôbre a terra sua luz melancholica.

Que sensações se experimentam n'uma noite de luar! É então que a natureza se nos apresenta tão rica de poesia, tão deslumbrante de sentimento, que a alma como que se desliga dos laços materiaes, que a prendem ao corpo, para voar ao infinito, remontando a essa ideia immensa, absoluta e eterna, que enche o espaço — a Divindade — que assim pensava o nosso divino Garret, quando dizia: «Este sonhar acordado, este scismar poetico diante dos sublimes espectaculos da natureza, é um dos grandes prazeres que Deus concedeu ás almas de certa tempera.»

A julgar por isso que fica escripto, não pense porém o leitor que vae assistir a uma longa historia recheada de acontecimentos imprevistos e peripecias extraordinarias, pois que redondamente se engana: o que lhe apresentámos é unicamente uma narração simples e singella, despida de galas e atavios, que sómente tem em seu favor o ser verdadeira e real, e não imaginada e fabulosa; e posto isto entremos n'ella sem mais demora.

A familia de Domingos, pobre mas honrado e activo lavrador, tinha recolhido do trabalho em que consumira todo o dia, e estava sentada á

porta de casa em contemplativo silencio, com os olhos fitos na lua, que silenciosamente ia subindo nos céus.

Domingos era, como se disse, lavrador, e cultivava com religioso cuidado o eido e os pedaços de terreno, que seu pae lhe deixára. Ao vêr esses profundos sulcos, que lhe enrugavam a fronte, attendendo aos olhares prenhes de receios que lançava sôbre seus filhos, não seria difficil conhecer que o futuro d'estes seriamente o preocupava. E assim era: o seu estado se approximava muito da pobreza; as sementeiras tinham pela maior parte falhado, e depois de deduzidas as rendas do senhorio, pouco lhe ficaria para os alimentos do resto do anno. O seu viver que até ahí déslisára placido e socegado, como humilde regato em escuro valle, começára a agitar-se e a encapellar-se ao sôpro da pobreza. As suas unicas esperanças estavam postas em Francisco, seu filho mais velho, que tencionava mandar para o Brazil: mas, para as realisar, tinha a luctar com um obstaculo grande, qual era o arranjo de meios para pagar a viagem. Fôra esta nuvem negra, que lhe offuscava o horizonte esperançoso que imaginava para seu filho: o bom do homem esperava apertar ainda nos braços o seu caro Chico, que havia de voltar á aldeia convertido n'um brasileiro abastado.

D'estes e outros serios cuidados o arrancou porém a voz da sr.<sup>a</sup> Rosa, sua estimavel companheira, que o chamava para comer a modesta ceia, que acabava de preparar; e dentro em pouco toda a familia, depois de ceada, resada e deitada, esquecia no somno os trabalhos do dia, colhendo novas forças para continuar as fadigas do seguinte.

## II

Joaquim de Mesquita era um proprietario que habitava na mesma aldeia de Domingos. Sem ser muito rico, tinha bastante para sustentar-se com decencia. Já viuvo no tempo em que se passaram os acontecimentos que referimos, a sua familia compunha-se d'uma filha unica. — Adelaide se chamava ella. Não nos servindo para a sua pintura das expressões usadas em taes occasiões, sómente diremos que era impossivel vê-la uma vez só, sem experimentar desde logo uma sensação profunda, e sentir-se captivado o coração. Sem mais ninguem para quinhoar a sua afeição, tinha o velho pae concentrado na filha de seus amores todas as suas esperanças; o desobedecer a um desejo, a um capricho da sua filha amada seria para elle o maior dos crimes. Quasi da mesma idade de Francisco, educados juntos, crescidos ao mesmo tempo, companheiros nos brinquedos infantis, não poderam deixar de sentir um pelo outro, uma amizade de creanças, que se foi convertendo em amor profundo e reciproco: amor tanto mais singello, que, costumados a verem-se diariamente, a fallarem-se sem reserva, não podiam imaginar no futuro causas ou motivos alguns, por que se interrompesse e acabasse uma convivencia, arreigada e fortalecida

pelos annos, pelo tempo. Não sabiam ainda que o mundo despreza os sentimentos puros e nobres, e só attende áquillo de que Francisco carecia, e cuja falta ainda não avaliára. Era elle um moço intelligente, probo, dotado das melhores qualidades; faltava-lhe porém isso a que se curvam todas as cabeças, ante quem desaparecem todas as difficuldades, a que o mundo dá toda a consideração, o dinheiro!—Com elle alcançaria a mão de Adelaide, sem elle os seus sentimentos seriam repellidos e calcados aos pés, porque o velho pae por modo algum se resolveria a dar sua filha a um pobre-saíma, que não tinha bastante metal para a... *receber*, como se ella fôsse uma vil mercadoria, que se troca por um punhado de peças de ouro.

Dinheiro, Dinheiro! decididamente és o rei do mundo! Comtigo ha merecimentos, ha virtudes, ha tudo, e sem ti nada, absolutamente nada. Mas por que não seria assim? se é com elle que occorremos a todas as necessidades, que se adquirem faustuosos vestidos, brilhantes endereços, com que se eclipsam amigos e rivaes: que importa que a alma esteja despida dos sentimentos melhores, de tudo o que é virtuoso, nobre e elevado, se o corpo anda bem ornado, e de vistosos enfeites?.....

Joaquim de Mesquita, que não queria para genro senão quem levasse dinheiro para o fim altamente justo e razoavel de occorrer aos encargos do casal, conhecendo o risco de deixar crescer e existir esse amor, que se manifestava entre os dois jovens, tratou de lhe pôr termo, fazendo ver a Francisco, que a pobreza eclipsa as melhores qualidades d'este mundo, e prohibindo-lhe d'ahi por diante a entrada em sua casa. Esboçar o desespero dos dois amantes será difficil. As cartas, em que desabafaram os sentimentos de que estavam dominados, iam trasbordando dos maiores protestos de fidelidade, e o pobre rapaz resolveu embarcar de pressa para adquirir esse tão fatal dinheiro, de que dependia a sua felicidade. Adelaide entre lagrimas consentiu no projecto; e, chegado o dia da partida, se arrancaram dos braços, um do outro, jurando uma fé constante.

III

Dez annos se passaram depois d'aquelles acontecimentos.

Estamos na primavera, n'essa deliciosa estação em que a natureza só respira poesia e amor.

Amanhecêra um bello dia e o sol radiante lançava seus raios vividos sobre a vegetação, que balouçava brandamente. Era meio dia quando á aldeia de... chegou um figurão bem vestido e montado, que a todo o galope se dirigiu para a casa de Domingos, sem se importar com as cabeças, que appareciam de todos os lados, examinando-o com curiosidade, e perguntando quem seria. Mas o recém-chegado já o leitor o reconheceu: pela emoção que se lhe divisa no rosto ao ver essas casas, essas arvores que parecem não lhe ser estranhas, pelo profundo abalo que sentiu ao ouvir o pequeno sino da aldeia, que n'esse momento annunciava

estar o sol em meio curso, dir-se-hia, que esses logares, esse som lhe despertavam saudosas recordações de tempos passados.

E na verdade, nem mais nem menos, era o nosso Francisco, que, tendo adquirido boa fortuna, chegava do Brazil, e voava á terra natal para rever seus velhos paes, sua amante, todos os que lhe eram caros. Eil-o que galga os modestos degraus da casa paterna, entra ancioso; mas o espectáculo que se apresentou ante seus olhos, o fez recuar pallido e atterrado. Seu pae estava deitado no leito da morte. Ao sentir barulho perto de si, volveu a cabeça, e reconhecendo o filho, os olhos se lhe reanimaram, uma alegria celeste se lhe estampou no semblante, e sua alva cabeça ainda teve força de se levantar do travesseiro para melhor o examinar. «Louvado seja Deus, murmurou por fim, que attendeu ás minhas súplicas; uma voz íntima me segredava que não morreria sem te ver. Agora sou contente, posso partir; mas por que vens tão tarde? Sinto a morte chegada a mim e em breve serei reunido a tua mãe, que me espera.» As palavras do ancião faziam verter copiosas lagrimas ao mancebo, e, quando elle lhe expirou nos braços, sua dôr foi excessiva.....

Uma esperança porém lhe restava ainda. Agora que era rico, nada se oppunha á sua união com Adelaide, que mais do que nunca lhe era necessaria para partilhar a sua dôr e encher o vacuo deixado pela morte do pae. Desgraçado! essa última esperança tambem a devia perder. Adelaide desde muito tempo que estava casada. Um velhote se apresentára a titulo de pretendente, e, como ia recommendado pelo dinheiro, que lhe enchia as algibeiras, Joaquim de Mesquita lh'a concedeu sem difficuldade; e ella, reconhecendo não ser prudente deixar o certo pelo incerto e o presente pelo futuro, não duvidou trocar seu corpo pelas riquezas do velho. Era um contracto como outro qualquer.

IV

Hoje o sr. Francisco da Silva é um rico proprietario, tem um bello palacio e gosa no mundo das maiores considerações em razão dos seus avultados capitaes, etc. etc. Será porém feliz? se elle vos respondesse, dir-vos-hia que de bom grado trocára toda a sua riqueza pelo tempo obscuro da sua mocidade, pobre de dinheiro, mas rico de illusões e amor. Entendam lá o mundo e o homem!

Outubro de 185...

J. M. DA SILVA PIMENTEL.

## CANDIDA

I

Um segredo.

Lisboa é incontestavelmente a melhor terra de Portugal para passar um inverno quem, tendo um certo numero de relações, tem tambem os meios necessarios para as sustentar. Para esses a socie-

dade jámais falta, as companhias não se fazem desejar, e os divertimentos succedem-se numerosos e variados.

Mal porém os calores de junho se approximam, em logar de aquecer, essa ancia de gosos, principia a arrefecer na razão directa dos graus do thermometro, e os que mais influentes eram por ella principiam a aborrecer Lisboa e a anhelarem pelo campo.

Ha então uma revolução em todas as familias; discute-se acaloradamente a necessidade de sair d'aquelle ar, em que se abafa, e, decidida ella, entra no campo da discussão a escôlha do logar, em que se deve passar a estação dos calores.

Todos appellam para Cintra e a epocha de Cintra principia.

A aristocracia, tanto de pergaminhos como de dinheiro e formosura, determina-se por a patria dos amores de Bernardim Ribeiro, não porque alli se bebem as inspirações, que bebeu o poeta, mas porque alli cada noute é festejada por um esplendido baile, cada tarde por um animado passeio, cada dia por um abundante jantar e cada madrugada por a perda d'uma fortuna em frente d'uma mesa de jôgo.

Cintra torna-se então um theatro animado aonde se vae concluir o spectaculo começado dias antes em Lisboa, e as scepas do drama são alli tão interessantes e imprevistas, que d'um dia para o outro se vê um amor viçoso e palpitante, trocado em indiferença atroz; um infeliz hoje, ditoso no dia seguinte; um filho obediente até esse momento, perdido d'ahi ávante por o primeiro amor, que ahi o fascinou, e um poderoso hontem, arruinado amanhã, porque encontrou um cavalheiro, a quem apertava respeitosa e a mão nas primeiras sociedades, e que lhe roubou a sua fortuna em uma carta, que por um acaso appareceu na mesa primeiro um instante, que outra.

A epocha da emigração de Lisboa era chegada, porque estamos em fins de junho; e o general S.<sup>ta</sup> Barbara entrára em sua casa contente, porque acabava de alugar um bonito palacete em Cintra, aonde tencionava passar o verão com sua filha. Fazamos primeiro conhecimento com os actores da scena, que vamos descrever.

Leão Trigoso de S.<sup>ta</sup> Barbara era um Marechal reformado, que habitava uma bella casa em Lisboa, e, possuindo uma boa fortuna, apezar de militar, vivia só para sua filha, que fazia a admiração de todos que a conheciam.

Retirado de ha muito do serviço, casara-se 20 annos antes com uma senhora, pertencente a uma das mais nobres familias da capital, que poucos mezes depois perdeu, ao dar-lhe o fructo querido d'esse tão curto amor. Desde a morte de sua esposa, o general, isolado no meio d'uma sociedade, que adorava principalmente em sua casa as brilhantes *soirées* e abundante serviço de mesa, principiou a despresal-a e a viver só para sua filha, que devia supprir ao pé d'elle o logar da perdida esposa.

Na educação de Candida empregou todo o esmero e applicação, e na epocha em que nos achámos, via completamente recompensados os seus cuidados de pae; com effeito, em 1856, Candida, tinha completado os seus 19 annos, e n'essa idade nada deixava a desejar. Em extremo delicada, o seu corpo era flexivel e airoso, como a haste da flor, que se verga ao sôpro da aragem tepida da tarde; as suas formas perfeitas e excessivamente bem talhadas; e as suas feições sympathicas e engraçadas. Branca, mas bastante descorada, seus olhos tinham uma expressão de melancholia, que tocava; o rôsto oval e pallido um ar, que respirava a candura e innocencia; e a voz maviosa e terna, um timbre tão melodioso e irresistivel, que fascinava. Candida junctava a todos estes dotes physicos uma esmerada educação, boa indole, modo de pensar nobre e justo, e sôbre tudo um amor louco pelo pae.

O general S.<sup>ta</sup> Barbara, no dia em que principiámos esta narração, entrando em casa, encontrou sua filha no seu gabinete de trabalho, sentada em frente d'um bastidor, mas com os olhos fixos no bordado, que tinha principiado, a cabeça pendida sôbre elle e a agulha parada.

Absorvida nos pensamentos vagos dos seus 19 annos, Candida não deu por a approximação de seu pae: com um vestido de caça de côr clara, a delicada cintura era-lhe apertada por uma fita de sêda, clara tambem, e todo o seu *toilette* simples e elegante; apenas se perdia nos fios lustrosos do seu abundante cabello preto uma flor, negligentemente prêsa, em quanto esse mesmo cabello, levemente ondeado, era penteado com toda a simplicidade e elegancia.

O gabinete, em que se achava, era pequeno, mas ornado com um luxo e riqueza, que bem accusavam o gôsto dos seus habitadores. Duas janelas rasgadas se abriam sôbre um jardim assombrado por uma extensa rua de acacias floridas, através das quaes se via ao longe o Tejo, resplandecendo ao sol brilhante de junho, em quanto nos arbustos do jardim gorgeavam e brincavam, por entre as flores mil avesinhas dispersas.

O general entrára, approximara-se vagarosamente, encostara-se ás costas da poltrona em que estava sentada sua filha, e deixou-se ficar silencioso e quêdo para não perturbar aquella meditação de innocente.

Ella porém continuava a permanecer immovel; e seria o gorgeio alegre das aves, que a entretinha?... seria a aragem perfumada e meiga da manhã, que a embriagava?... seria a pureza e amenidade do céu, que a fazia pensar?... e em que pensaria ella, tão innocente e formosa, tão adorada e querida, tão rica e feliz?

Os 19 annos trazem isso comsigo: ás vezes, quanto mais risonha se apresenta a natureza, mais brilhante se mostra o futuro e mais carinhosa a amizade, dos que nos eercam, tambem mais inexplicavel é a agonia, que nos parece comprimir a alma, mais triste o desgôsto, que

nos acompanha, e mais exigente a impaciencia, que nos persegue.

Candida estava em uma d'estas occasiões. Principiára para se distrahir d'um momento de tristeza, que não podia explicar, que era quasi o presagio d'um desgosto, o receio d'uma desgraça proxima, por se sentar em frente da janella, que deitava para o jardim; lançára depois mão do bordado, que tinha dias antes começado, mas em pouco tempo sentira, que seus olhos se erguiam d'elle, fixavam por um momento as flores, que bordavam as ruas do jardim, levantavam-se depois ao céu, e iam-se em seguida perder nos confins do horisonte, caindo por fim sôbre o bordado outra vez; sentira ainda, que em tórno a ella soprava a aragem perfumada de manhã, gorgeavam as aves, brincavam os raios do sol, mas a agulha permanecia parada; os olhos não se lhe despejavam do bastidor, que não viam; e a alma não lhe acordava do torpor em que tinha caído.

Seu pae tinha chegado; e ella, sem o ouvir ainda approximar, continuou n'aquella indizível meditação. Passado um momento ergueu pausadamente os olhos ao céu, e um suspiro vagaroso e prolongado lhe fez agitar brandamente os seios; mas a fronte pendeu-lhe outra vez sôbre o peito e permaneceu na mesma immobilitade.

Santa Barbara ouvira porém aquelle suspiro, e uma dôr lhe desceu ao coração; lêra n'elle a expressão d'uma mágua, d'um desejo, e com voz afflicta exclamou, deixando cair a sua mão trémula sôbre o delgado hombro da filha:

— Candida, minha filha... soffres?

— Ah! gritou ella surprehendida e assustada; meu pae!... estava aqui... que dizia?...

— Sim, minha filha; estava ao pé de ti ha mais de cinco minutos, e tu nem tinhas sentido, nem tinhas adivinhado teu pae, que te ama tanto!...

— Eu?...

— Sim, tu; mas estavas triste? ..

— Eu... não, meu pae.

— Estavas sim... não o procures encobrir... mas dize, minha filha, em que pensavas tu?...

— Não sei... ás vezes... nem eu sei, meu pae... mas tenho uma vontade de chorar, uma afflicção...

E a pobre creança sentia realmente as lagrimas borboalharem-lhe nos olhos.

— Candida, minha filha, continuou o general commovido, mesmo a seu despeito, abre-me o teu coração, não me escondas nada; sou teu pae; quem mais te pôde amar do que eu?

Candida caiu-lhe nos braços chorando e murmurou:

— Perdão, meu pae, perdão... mas eu já não estou triste... já não choro, olhe, não vê?...

E por entre as lagrimas, que lhe banhavam ainda as faces, transparecia-lhe um sorriso, tão meigo, tão candido, que o pobre velho beijou-a ainda uma vez, e com voz palpitante de esperança exclamou:

— Assim, minha filha, assim é que eu quero vêr-te sempre... Oh! como agora me sinto viver...

E já não soffres, não? Olha, meu anjo, vinha trazer-te uma novidade, queres que t'a diga?...

— Quero, quero... pois já me ha de castigar por lhe ter dado um desgosto?

— E não achas que era bem feito?...

— Mas... eu...

— Pois está bom; sempre te direi tudo, apesar de vér ainda esses olhinhos vermelhos... Ora diga, minha senhora, lembra-se do que me pediu ha dias?

— Eu...

— Sim... tambem é esquecida? pois eu lh'o lembro... e veja, que apesar de ser um velho não sou tão esquecido como a menina... Amanhã vamos para Cintra.

— Amanhã...

— É verdade; amanhã...

— Mas...

E Candida sentiu ainda os olhos arrasarem-se-lhe de lagrimas, as côres fugirem-lhe das faces, e um tremor agitar-lhe os membros.

— Então que é isto?... temos outra vez choros... Pois tu ainda outro dia querias ir para Cintra e agora...

— Não, meu pae... é impossivel .. amanhã já!...

— Então que tem que seja amanhã já?... Está tudo prompto, temos lá uma linda casa... e então em Cintra, am? até aquelles ares te hão de fazer muito bem... Ora vamos, mais um beijo a teu pae, e não chores... não quero nunca vêr-te chorar...

O general abraçou-a ternamente, beijou-a na testa e saiu voltando-se ainda para lhe sorrir. Mal porém desapareceu, Candida deixou-se cair sôbre uma cadeira, escondeu a fronte nas duas mãos e balbuciou.

— Perdão, meu Deus... perdão para mim e para elle... e deverei enganar, quem me ama como meu pae... Oh! que farei... que farei?...

Passado um momento de abatimento, ergueu-se resolutamente, abriu a porta do seu quarto, sentou-se a uma secretária toda marchetada de prata e tartaruga e escreveu á pressa um bilhete. Acabado elle tocou uma campainha, appareceu uma criada, entregou-lhe o bilhete, que acabava de escrever, e disse-lhe:

— Esta carta já, já para elle; sim; Carlota, sim?... tem paciencia, mas... não sabes?... meu pae quer levar-me amanhã para Cintra, e bem vê... é preciso que lhe falle hoje. Anda, minha Carlota, não ha um momento a perder.

A criada saiu e Candida deixou-se outra vez cair em uma cadeira, murmurando:

— E virá elle?... se não recebe hoje a minha carta... Oh! meu Deus... tende compaixão de mim.

Escondeu depois a cabeça nas mãos e não se ouviu depois mais que o entrecortado dos soluços e o abafado do choro.

A carta, que tinha acabado de escrever, continha apenas estas palavras.

« Julio.—Meu pae quer amanhã levar-me para Cintra. É preciso que te falle... Vem hoje ás 11

« horas da noite... no Jardim. Ama-me, Julio;  
 « não queiras matar-me e matar meu pobre pae.  
 « Não te esqueças, hoje ás 11 horas... Adeus...  
 « vens, sim?... »

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

## RESPOSTA A UM PEDIDO D'UMA SENHORA

Donzella, que pedes ao bardo do Senhor? não sabes, que no portal do templo pendurei a harpa minha a Deus sagrada? não vês, que só devo vibrar-lhe as cordas, para entoar em honra d'Elle hymnos festivaes, ou funebres canticos?

Mas quem não cabirá fascinado ante os encantos d'uma mocidade pura, ante o mago talisman da virtude? podia eu desobedecer á virgem, que me faz pensar no céu, porque recorda aos filhos da terra os anjos, que vivem lá?

Em arida encosta d'alta, fragosa serra nasceste qual camelia: os roseos, humidos dedos de matinal aurora, arrociam-te a corolla de meigo pranto: o sol, erguendo a fronte coroada d'aurea luz em berço purpurino, allumia ridente os escavados pincaços da Estrella, e compraz-se em beijar e aquecer com seus doces raios tuas petalas mimosas.

Fresca e formosa, como a rosa, que do Japão nos veio, viçaste e cresceste; e os tufões violentos, e as rajadas frias do nordeste deram-te novo brilho. Virgem do Senhor, escuta um conselho. Nos ruidosos festins das sallas, não de dizer-te enganosas fallas.

Lá onde o amor é cálculo não de cercar-te férvidas homenagens: não de louvar os encantos, os mimos, as graças mil, que, para adornar-te, em ti prodiga espáziu a natureza; não de chamar-te rainha, porque tens da belleza o condão, que enfeitua o coração: não creias; que de labios á mentira affeitos jámais sahio verdade. Impia turba de cortezãos, eivados de paixões damnosas, para quem a vida é de torpezas teia urdida, ha de dizer-te, que quer erigir-te altares, e adorar-te, como fiel, prostrado no pó do templo, adora a ostia sacro-santa, que foi deposta em sacrario augusto. Não de dizer-te, que te viram nas trevas e no martyrio do existir, como nauta atribulado em mar irroso vê no cerrado horisonte scintillar radiante estrella, que o guia a almo porto, onde acha abrigo; que te amam, como viajero sequioso em areal abrasado ama o verdejante oasis, onde ha fresca lymphá, que lhe apaga a sede, e lhe avigora as forças; não os creias; que vís escravos se fingem agora, para serem depois altivos senhores: é essa a linguagem falsa, d'onde destilla o acre veneno, que a lisonja, qual vibora entre flôres, tentará verter em teu coração, vaso immaculado, onde florescem as nobres aspirações, e os bons affectos, como em ara sancta ardem tenues grãos de fragrante incenso. Não confies na belleza: vês a florinha, que esmalta ameno prado? de manhã rica de côres, e rescendente de perfumes, brilha e parece

deleitar-se ao sentir-se aeariciada por branda vi-  
 ração: no fim da tarde estorce-se agonizante na  
 haste açoutada por ardente suão; e morre quei-  
 mada, e jaz murcha no chão. A grinalda entre-  
 tecida de rosas é linda hoje; mas ha de cair-te desfol-  
 lhada da fronte, ao roçar da aza inflexivel do tempo.  
 A belleza é meteoro, que fulgura inflammado um  
 instante na amplidão do espaço, para cahir logo  
 apagado; é luz, que lampeja um minuto, qual re-  
 lampago veloz; é arbusto, que viridente medra  
 um dia no valle, secando alfim tombado pela furia  
 do vendaval. Crê sempre em Deus, como o nau-  
 frago aterrado crê na ultima tábuá, que lhe ficou  
 do baixel partido contra as vagas. Tem esperança  
 n'elle como o viajante, transviado em noite tor-  
 mentosa, espera abraçar a esposa querida, e bei-  
 jar os tenros filhos.

Ama-o, como o infante ama a mãe carinhosa,  
 que o aperta ao seio, e lhe depõe na face ferven-  
 tes osculos. Anjo errante na terra, lembra-te, do  
 céu, d'onde vieste, como em lóbrego e escuro car-  
 cere se lembra o infeliz captivo de ver ainda o  
 brilho do firmamento, e o azul do mar, a relva,  
 que tapeta as campinas, e a verdura, que veste  
 as collinas.

Anhela por elle, como o pobre desterrado aneia  
 em longes e estranhas terras por descansar no re-  
 gaço da patria amada. Que a virtude seja o leme,  
 que te encaminhe no pégo da vida, d'escolhos se-  
 meado; que ella seja a egide, que te proteja no  
 batalhar renhido, que has de travar com o mundo;  
 que seja bronzea columna, a que te encostes, quando  
 vacillares na lucta; que ella seja o sceptro, com  
 que reines aqui; que ella te sirva de flammejante  
 espada, com que conquistest a mansão, onde o  
 Senhor tem o solio seu: é tua agora, não a dei-  
 xes cahir da mão: aperta-a e brande-a bem, que  
 ganharás a corôa entrelaçada de viçosos louros,  
 que lá do Empireo te mostram legiões d'archan-  
 jos. Que ás illusões risonhas, que ora te affagam  
 a phantasia, se não sigam nunca amargos desen-  
 ganos, que pungem a alma.

Que os formosos sonhos, que te enebriam a  
 mente, promettendo-te a felicidade lá em vago fu-  
 turo, não terminem em acordar desconfortado e  
 triste.

Que teu rosto puro e limpido, como céu sem  
 nuvens em dia de florente primavera, não seja fe-  
 rido pelo raio do infortunio; que os sorrisos, que  
 ora o illuminam e aformoseiam, se não troquem por  
 lagrimas, que o escaldem e crestem, como lava,  
 que rebenta do coração a estallar, por entrar lá  
 angústia suprema. Que no caminho da vida, que  
 vês hoje recamado de flôres, que admiras, não  
 cresçam nunca espinhos, que te magôem; que  
 teus labios não próvem amargoso absyntho na  
 eburnea taça, que te sabe agora a mel suave. Não  
 sonhes, virgem casta. Depois d'um bello dia en-  
 feitado de gallas, e enriquecido de primores, custa  
 muito ver chegar tenebrosa noite, em que medo-  
 nha tempestade faz ouvir seus longos e temerosos  
 bramidos. Pensa bem. O mundo não é tal, como

elle se reflecte no espelho da tua alma. Santo, infavel gôso será para mim aspirar cá de longe o ardor balsamico, e ouvir as harmonias divinas, que sahirem do teu sanctuario.

Que os seus umbraes só cruze quem fôr digno.

Cá de longe me curvarei reverente ante a innocencia, que é d'elle a mais esplendida decoraçãõ. Cá de longe ajoelharei, rendendo sincero culto ás tuas virtudes, como, ante urna de crystal, onde está reliquia veneranda, ajoelha fervoroso peregrino.

Da tua vida o livro só encerra ainda páginas brancas. Não podêr eu gravar lá uma só palavra, — a felicidade!! Abraçado na flor dos annos á cruz de Christo, nobre pendão, por que jurei combater, pedirei a Deus, que velle pelo anjo, que creou: prece intima, ardente, sahida de peito aquecido pelo fogo de juvenil idade será a minha; e levada nas azas da fê, subirá da terra, e chegará aos pés de seu throno. Nos momentos saudosos, em que o teu nome me acudir á memoria, acordarei com elle os eccos da minha solidão; e grato consôlo será para mim fazer sentidos votos pela felicidade da virgem do Senhor.

Maio 3 de 1860

## EPISTOLOGRAPHIA

Dez mezes em Sernache

CARTA II

*Meu amigo.* Como entre nós são escusadas etiquetas, relevará que seja eu o primeiro que encete a nossa correspondencia sem esperar pela participaçãõ do estylo da sua chegada.

A estas horas deve estar em Sernache, e com boa jornada, por quanto o tempo conservou-se sempre amoroso, bafejando com seus mimos as horas da sua digressãõ. Confesso que estou ancioso por saber de si, como o receberam na Lagarteira e no Seminario; se lhe custou trepar ás montanhas que dizem se encontram ingremes no caminho; emfim se fez a jornada só com aquelles incommodos inseparaveis d'ella.

Tenho por escusado dizer-lhe o quanto me custa esta separaçãõ: por muitos e affeiçoados amigos que tenha, nenhum comtudo perde mais com esta ausencia do que eu; nenhum tambem a sentirá mais. Privado da sua convivencia, vou experimentando os espinhos da saudade, que, com o volver do tempo, penetrarão mais fina e intensamente.

Para os que ficam é maior o sentimento; os que se abalam, pela variedade das sensações, pela nova situaçãõ em que se encontram, e pela curiosidade de romper o desconhecido, de vêr um mundo novo, que na sua idade sempre descortinam através d'um prisma seductor, depressa se distraem; e, com quanto conservem uma grata lembrança dos que deixam, essa recordaçãõ não fere tão pungente.

Comnosco ficam os mesmos objectos e sitios,

que nos fallam constantemente dos ausentes; em quanto nos rodeia deparâmos com um vacuo que se não preenche; os que partiram, nos novos horisontes que se rasgam diante de si, na vida nova que encetam, encontram uma compensaçãõ, um lenitivo para a dôr d'uma separaçãõ prolongada.

É isto o que ha d'um e outro lado.

Accresce a esperança, que tambem é muito, se não tudo. Não ha ninguem que, prêso á rotina d'uma vida uniforme, não sinta dilatar-se-lhe o coração quando se desprende dos enfados da monotonia; por caros que sejam os interesses que larga, a imaginaçãõ os inventa mais avultados nas fórmas caprichosas do futuro. E, se por acaso não são maiores, basta que são novos... A novidade é uma magia que impelle o homem irresistivelmente.

Apezar do muito que perco, resigno-me. Estou convencido de que esta ausencia lhe fará bem. Ha de polil-o, dar-lhe muita experiencia e completar a sua educaçãõ litteraria. E demais sei que da sua nova posiçãõ ha de sahir-se honrosamente para si. Isto alegra-me, e de bom grado sacrificio a minha pobre individualidade a um futuro que prevejo risonho e esperançoso para um amigo.

Por hoje ponho termo; até amanhã que espero novas suas.

Coimbra, 3 de Outubro de 1858

A. A.

## Anecdota

Iam de jornada um dia dois Frades.

Um d'elles sei eu que era Jesuita; do outro, não vos direi ao certo, mas parece-me que era Franciscano.

Em bom cavallo, ajaezado ricamente, cavalgava o primeiro, faustoso representante da *Companhia universal*; pobre *mendicante*, era levado o segundo em esguio dôrso de esmagriçado sendeiro.

Muito á mão iam conversando as duas entidades fradescas, provavelmente ácerca das cousas de Deus, quando crescido riacho lhes tolheu o passo. Era mistér passar, e ponte não a havia.

Já na margem d'além, ria o Jesuita do companheiro, que se contorsia, e fazia de mil côres, com medo d'um segundo baptismo, intalado a meio caminho, d'onde nem á mão de Deus Padre conseguia o jumento arrancar-o.

Suava o bom do Franciscano, e das pernas fazia *vae-vens* com que arremetia furioso a esfolada barriga do pobre animal, que a corrente pouco e pouco ia arrastando. Em colicas e ancias se ia finando, e o Jesuita a escarnecê-lo, que era o que mais o amofinava.

— Recorra ao sancto nome de Jesus, irmão.

O Franciscano sentiu faltar-lhe o burro debaixo das pernas, aqueceram-lhe as orelhas, esbugalharam-se-lhe os olhos, e bradou com os labios a tremer de sancta ira:

— S. Francisco me valha! Nem sequer me falle em Jesus!

Sorriu-se o Padre da Companhia, e aproveitou-lhe a phrase.

Chegaram finalmente onde levavam seu destino, que era uma festa, em que deviam ambos prégar.

O Filho de S. Ignacio, que a levava fígada, foi-se logo direitinho ao Vigario geral a recomendar-lhe o Franciscano como hereje, que negava o nome de Jesus.

Benzeu-se o sancto varão, e mandou em continente chamar o Franciscano.

— De mau christão o accusam, irmão, que renega o nome do filho de Deus; veja se tem alguma cousa que allegar em sua defeza.

— Nego a accusação, — respondeu o *mendicante* com toda a placidez d'espírito.

— É porque o irmão se não recorda — acudiu o Jesuita, que começou a desconfiar do outro: — não se lembra que ao passar um ribeiro, onde por milagre de Deus não ficou afogado, me disse no meio de sua afflicção, que *nem em Jesus lhe fallasse?*

— Recordo-me perfeitamente, e tambem da razão por que o disse, que o irmão devêra saber. Quando o nome infavel do verbo Eterno é proferido, até os irracionaes ajoelham reverentes; e na

posição critica, em que me achava, que seria de mim se pronunciasse o sanctissimo nome de Jesus, e o jumento ajoelhasse?

A justificação valeu, e a inquisição perdeu-lha para tres dias.

1858

S. P.

### EXPEDIENTE

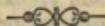
Desejando não interromper a publicação d'este jornal durante os tres proximos mezes de ferias, e sendo-nos indispensavel para isso procederá cobrança do seguinte trimestre, antes que de Coimbra se ausente a Academia, — pedimos a todos nossos collegas, assignantes dos PRELUDIOS-LITTERARIOS, que, da mesma sorte por que o fizeram no anno passado, se sirvam consentir na anticipação d'este pagamento, promettendo-lhes nós em compensação, se assim o desejarem, fazer enviar para suas respectivas localidades, sem augmento de porte, todos os numeros, que durante os ditos tres mezes sairem á luz — devendo para isso deixar no escriptorio d'esta Redacção os nomes das terras, para onde forem residir.

V. DA SILVEIRA

# A COLLIGAÇÃO DAS PROVINCIAS

## JORNAL POLITICO, ETC.

### DIRIGIDO POR V. DA SILVEIRA



Publicar-se-ha duas vezes por semana, no formato da *Revolução de Setembro*. — Centro da Redacção — COIMBRA. — Séde dos Redactores — *Faro, Evora, Lisboa, Castello-Branco, Coimbra, Vizeu, Porto, Bragança, Ponta-Delgada, Angra do Heroismo, Funchal, Cabo-Verde, Loanda, Moçambique, Góá, Macáu.*

#### PREÇOS

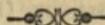
SEM ESTAMPILHA		(Pagamento adiantado)		COM ESTAMPILHA	
Coimbra e Africa portugueza				Provincias, Madeira e Açores	
Anno .....	4\$000	Anno .....	4\$600	Anno .....	4\$600
Semestre .....	2\$000	Semestre .....	2\$300	Semestre .....	2\$300
Trimestre .....	1\$100	Trimestre .....	1\$250	Trimestre .....	1\$250
Mez.....	\$480	Mez.....	\$560	Mez.....	\$560

#### America

(COM ESTAMPILHA)

#### Asia

Brazil, anno, (por navio de vella) moeda fraca	9\$200	Góá e Bombaim, anno, (franco) xerafins.	41
» anno, (pelo paquete) moeda fraca ....	13\$360	Macáu, Singapur, etc., anno, pat. hesp.	8



N. B. Em quanto não estiver completamente organisada a Redacção d'este jornal — toda a correspondencia sôbre assignaturas, etc., deve ser dirigida para Coimbra.

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

« Interrompemos a publicação d'este jornal bem contra nossa vontade: ; não houve esforços, que não fizéssemos para vencer todos os obstaculos, de que, quasi inesperadamente, a má vontade d'uns, as pequenas considerações, os mesquinhos interesses d'outros nos rodearam!...

« A indiferença, o cynismo quasi, com que por um consideravel numero de nossos assignantes foram recebidos os pedidos de pagamento, que lhes fizemos; e, por ultimo, o injusto procedimento, as exageradas pretensões do administrador da Imprensa da Universidade, na satisfação do que lhe devemos, — muito contribuíram principalmente para que, *nem ao menos*, podessemos publicar em devido tempo o n.º 13 de nosso jornal, em que quizemos annunciar aquella interrupção e pedir a todos nossos assignantes, que já haviam satisfeito a importancia de suas assignaturas, as desculpas, a que, por tão imperiosos motivos, nos julgavamos credores.

« Hoje porém, aplainadas algumas difficuldades, restituídos completamente ao uso de nossa liberdade, em tudo que se refere á impressão d'este jornal, vamos de novo emprehender a publicação de nossos *pobres* Preludios, persuadidos de que nos não faltará d'esta vez apoio para a conduzir convenientemente a seu ultimo termo — *a conclusão do 2.º vol.*, de que já levamos publicados 14 numeros. A franca declaração, que aqui fazemos, de nossas pessimas circumstancias, para que, no presente anno lectivo, possamos sem risco ultimar nossa amargurada carreira, e o conhecimento dos motivos da suspensão de nossos trabalhos jornalisticos, que deixamos apontados e que mais largamente exporemos no primeiro numero, que publicarmos, não podem menos de garantir-nos esta persuasão; e mais ainda, quando, pelo que respeita a nossos afeiçãoados collegas da Universidade, só lhes pedimos, com sua assignatura, o *gostoso* sacrificio d'uma mensalidade de *cento e vinte réis*, sacrificio que terminará, não com a nossa formatura, mas com o n.º 36 d'este jornal, que a mais tardar verá a luz no proximo mez d'abril.

« Para animar-vos — não vos promettemos *melhoramentos*, que mais subida origem tem tido e

ha de ter sempre vosso enthusiasmo por esta publicação: o que vos promettemos sim, e bem certo estamos de que o havemos de cumprir religiosamente, é — conservar e ler com frequencia, é decorar mesmo e gravar no coração os nomes de todos aquelles, que, ou com seus preciosos escriptos, ou com seu dinheiro houverem promovido nossa felicidade; é que, para nós, cada um d'esses nomes nos recordará sempre um amigo; para todos, um philanthropico.»

Assim noticiámos nós, ha dias, a reaparição dos *Preludios-litterarios*, assim reconquistámos as sympathias, que entre nossos assignantes nos havia feito perder a maneira brusca e desusada, com que fomos constrangidos a interromper a publicação d'este jornal.

É dever nosso, em cumprimento do que alli promettemos, fazer hoje conhecidas de nossos leitores as duas seguintes cartas, que em diferentes epochas escrevemos ao sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da Imprensa da Universidade: ambas ellas são de natureza a esclarecer sufficientemente os motivos da interrupção de nossos trabalhos e a demonstrar até á evidencia quam bem fundadas são todas nossas queixas contra o injusto e inqualificavel procedimento d'aquelle senhor.

Depois só nos restará a acrescentar, que tam odioso se tornou por ultimo aquelle seu procedimento, que nos vimos na necessidade de abandonar o emprego, que tinhamos na mesma Imprensa, e que actualmente era nosso *unico* meio de subsistencia, e ir publicar este jornal n'outra officina, com gravissimo prejuizo para nossos interesses...

Devemos ao sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes uma grande parte dos beneficios, de que hoje gozamos na carreira, a que nos dedicámos; ; devemos-lhe favores, que nem sua revoltante injustiça nos fará esquecer nunca! E se fazemos do dominio do publico estes factos é — que apreciámos a inteireza de nossas acções acima de toda a generosidade para com um homem, que perdeu o direito, que tinha a nosso reconhecimento, a nossa estima desde que por seus actos e imprudentes palavras poz em risco nossa reputação e nosso futuro.

Aquelle que faz almoeda dos favores, que nos *prodigalisa*, que procura prevalecer-nos servin-

do-se de nossos sentimentos de gratidão, para opprimir-nos e humilhar-nos depois — só tem a esperar de nós arrependimento e pesar de havermos contrahido uma divida, que é humanamente impossivel de satisfazer...

Eis as duas cartas :

« Ill.<sup>mo</sup> sr. : Em resposta ao officio de V.S.<sup>a</sup>, datado de 2 do corrente mez de março, em que, ponderando a necessidade, que tem o cofre do estabelecimento a seu cargo de satisfazer regularmente ao pagamento da importancia do papel consumido no mesmo estabelecimento e a outras despesas, se serve declarar-me — que não pôde continuar a encarregar-se da impressão de meu jornal — *Preludios-litterarios*, sem que eu satisfaça, com a maior brevidade possivel, a importancia de minha conta em divida, — cumpre-me rogar a V. S.<sup>a</sup> que queira mandar tirar a dita conta e remetter-m'a, a fim de que eu possa saber com certeza qual a quantia que me será preciso pedir emprestada para satisfazer, com a brevidade reclamada, se me fôr possivel, minhas dividas á Imprensa da Universidade, á qual, por gratidão, desejava poder poupar talvez a suspensão de seus pagamentos, de que parece ameaçada, a julgar por seu mencionado officio...

« Não posso, porém, deixar de aproveitar-me d'esta occasião para significar a V. S.<sup>a</sup> ; quanto eu senti de amargo em tam inesperada, como durissima resolução da parte d'um estabelecimento, que ha tantos annos me conhece !

« Um jornal, que atravessando todos os riscos das publicações, entrou já no segundo anno de sua existencia ; um jornal, que, em Portugal, tem ainda perto de 500 assignaturas e que durante todo o tempo de sua vida, apesar do grande atrazo em que se acha sua cobrança, tem já pago á Imprensa da Universidade talvez mais de metade de suas despesas ; um jornal, que, como os *Preludios-litterarios*, foi creado em Coimbra, para com seu producto sustentar seu redactor durante os poucos annos, que lhe faltam para concluir sua carreira, sempre semeada de desgraças, de miseraveis privações, de vexames... um jornal, cuja administração tem sido tam bem regulada, que seu redactor tem podido com seu producto não só satisfazer suas necessidades mais urgentes, mas ainda muitas de suas dividas, no valor de mais de 300\$000 réis, dividas, em que o mesmo ex.<sup>mo</sup> sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes figurava como credor talvez na importancia de 80 e tantos mil réis, — ; um jornal assim não devia nunca ser ameaçado de suspensão por algum atrazo em seus pagamentos ! É tanto menos por um estabelecimento nacional, cuja indole não pôde ser outra senão — *o proteger as nascentes emprezas litterarias*, que, em officinas particulares encontram, por via de regra, e em attenção a suas poucas forças e repugnancia d'um povo pouco instruido, todos os embaraços, que mais cedo ou mais tarde hão de produzir seu desfallecimento.

« Collocada assim no campo, em que se acha, esta triste questão, é de meu dever, não só pelas considerações, que tenho tido a honra de fazer a V. S.<sup>a</sup>, mas ainda por muitas outras, que me abstenho por ora de referir, e que têm seu fundamento em muitos factos por mim presenciados n'esse estabelecimento e attestados pela propria escripturação, é de meu dever, repito, fazer aqui o mais solemne protesto contra semelhante violencia, reservando para occasião opportuna, se por infelicidade tiver logar a suspensão do jornal, de que se tracta, o apresentar publicamente os motivos de tal suspensão e todas as circumstancias, que lhe assistiram, a fim de que, n'outra tentativa minha litteraria, que porventura depois houver de cometer, não possa na desconfiança publica encontrar a menor resistencia.

« Deus guarde a V. S.<sup>a</sup> — Coimbra 3 de março de 1860. Illm.<sup>o</sup> Sr. Administrador da Imprensa da Universidade. »

« Coimbra, 15 de maio de 1860. Illm.<sup>o</sup> Sr. : Pela ultima vez vou escreve-lhe sôbre a mesquinha questão, que ha alguns mezes V. S.<sup>a</sup> suscita, para terminar com a publicação dos *Preludios Litterarios*, ; que, por todos respeitos, lhe não deviam merecer senão apoio e auxilio ! ; E' que não ha ninguem hoje em Coimbra, que melhor conheça minhas circumstancias, e, por conseguinte, a necessidade, que eu tenho, de prolongar a duração d'aquelle jornal, d'onde estou colhendo todos os recursos, de que careço para não interromper uma carreira, que está a tocar seu termo ! ; E' que não ha ninguem, que melhor conheça as humilhações, as *angustias*, que tenho soffrido durante sete annos, para reconquistar na sociedade uma posição, que perdi com a decadencia de minha familia, condemnada por suas convicções politicas, de rica que era, ás mais horriveis privações ! .

« O motivo ostensivo, que V. S.<sup>a</sup> ainda d'esta vez me apresenta, para justificar suas ordens ao respectivo typographo, para não compôr *nem mais uma lettra do original, que eu lhe entreguei*, — é minha divida á Imprensa, durante anno e meio de continuas publicações, d'uns 200\$ reis, ; divida, que embaraça o cofre d'esse estabelecimento na satisfação de seus pagamentos tanto a seus empregados, como á fabrica do papel ! . . .

« Permitta-me V. S.<sup>a</sup> que lhe diga francamente, que me parece não só ridiculo, mas infundado, injusto o motivo de suas exigencias e de seu inqualificavel procedimento para comigo: ridiculo, porque a suspensão de meu jornal, se não difficulta, se não tornam impossivel, pelo menos não apressa o pagamento de minha divida ; alem de que — é ella tam insignificante, comparativamente ás despesas forçadas d'esse estabelecimento, que mal daria para as contrabalançar por uma ou duas semanas... : infundado, injusto, porque se o cofre está em circumstancias de não po-

der pagar aos empregados da Imprensa e á fabrica do papel, sendo-lhe, para isso, preciso recorrer a seus devedores, para que apressem seus pagamentos, alem de ser prejudicial para seus interesses a interrupção dos trabalhos começados por particulares, que em grande numero só podem haver do producto de suas obras os meios de satisfazer seus compromissos, — é tambem da maior immoralidade, ; que elle, fechando os olhos aos grandes e mais antigos devedores e abastados escriptores, se dirija com toda sua inflexibilidade aos pequenos, que, desprovidos de fortuna, e ainda no meio de suas tarefas, mais precisam de espera e de toda sorte de contemplações!

« Ha uns cinco annos que sou empregado na escripturação d'esse estabelecimento; e não tenho uma só idéa de que com algum redactor de jornal ou editor V. S.<sup>a</sup> procedesse da maneira por que está procedendo comigo.

« O *Cysne do Mondego*, O *Constitucional*, a *Es-tréa litteraria*, em quanto foi dirigida pelo sr. B., a *Revista academica*, a *Revista juridica*, etc., etc. terminaram *expontaneamente* suas publicações — sem que V. S.<sup>a</sup> se lembrasse nunca, pelo menos por escripto, pôr-lhes seu veto por falta de pagamento!..

« E todavia ; O *Cysne do Mondego* ainda deve ao cofre 40 e tantos mil reis! O *Constitucional*, redigido pelos exm.<sup>os</sup> sr.<sup>es</sup> S., Q. e J. de M., riquissimos proprietarios, lentes da Universidade, deputados ás côrtes, etc. etc., — uns 200 e tantos mil reis! a *Revista academica*, redigida por um mui nobre descendente dos T., — uns 190 e tantos mil reis! a *Revista juridica*, redigida por acreditadissimos advogados, uns 160 e tantos mil reis! sem falar n'outras publicações, como o *Almanack d'instrução publica*, do exm.<sup>o</sup> sr. J. M. d'A, lente, deputado, proprietario, etc. etc., que ainda deve uns 110 mil e tantos reis! (a)

« Mas, se todos estes argumentos não bastassem ainda para provar a falta de fundamento, a injustiça de semelhante deliberação, que não posso recordar sem azedume, porque revolta, — bastar-me-hia, por certo, lembrar ao sr. Olympio, *administrador e thesoureiro* da Imprensa, as circumstancias menos favoraveis, relativamente ás minhas, em que o sr. Olympio, *editor*, se acha para com o cofre d'esse estabelecimento.

« ; Pois o sr. Olympio, *administrador e thesoureiro* da Imprensa, tem a inhumanidade de *pôr a corda na garganta* ao redactor dos *Preludios-litterarios* — por que não pagou ainda a miseria de 200 e tantos mil reis, menos do que lhe devem ainda seus assignantes, como demonstrará; ao redactor dos *Preludios-litterarios*, — que não tem onde cair morto, e que perderá todo seu futuro e os horriveis sacrificios, que por elle tem feito, desde que lhe tirarem este meio de subsistencia,

e ; não estrangulou já o editor da *Analyze dos Lusíadas de Camões*, das *Excellencias da eloquencia popular*, do *Godofredo*, do *Mez de Maria* (b), do *Mundo Alegorico*, das *Poesias de Nicolau Tolentino*, etc., etc., que deve ao cofre mais de 600 mil reis?! ; o editor de tantas obras, que tem uma situação independente e fixada, uma gratificação das mais pingues, um futuro de venturas a sorrir-lhe?!

« Que razões! que imparcialidade! que justiça!..

« O cofre está eshausto, e ; recorre-se ás vexações, que humilham e desgostam os que o podiam encher! O cofre está eshausto, e ; recorre-se a quem não pôde pagar para deixar em santa paz, e ainda com reconhecimento, os que estão nadando em riquezas e felicidade! O cofre está eshausto, e ; roja-se pela lama os creditos d'um pobre subalterno, para salvar a reputação e abrilhantar ainda mais o fastigio de seu superior, que, se ha culpa, é ainda mais culpado do que elle!..

« E' como vai o mundo!

« ; Doe-me o coração ao ter de falar-lhe assim! Devo-lhe muitos favores, como particular e como empregado: nunca os esquecerei. Mas, sr. Olympio, ; tudo isso nos foge d'alma, quando um facto contrario nos traz depois, com a humilhação, a desconfiança sôbre as intenções d'aquelle, que julgavamos nosso bemfeitor!

« Terminarei esta carta pedindo-lhe que queira reflectir no que, a este respeito, já lhe havia escripto em 3 de março do corrente anno, na certeza de que, para terminar com tam frequentes inquietações de espirito, esta questão fica irrevogavelmente reduzida aos seguintes termos:

1.<sup>o</sup> continuação da impressão dos *Preludios-litterarios* na Imprensa da Universidade, até terminar o 2.<sup>o</sup> volume, obrigando minha honra ao pagamento das despesas, que o estabelecimento fizer com a mesma publicação, quando e como minhas circumstancias o permittirem;

2.<sup>o</sup> em caso negativo — declaração *terminante* de que não é aceitavel este meu alvitre, a fim de que eu possa proceder immediatamente a todas reclamações e justificações, que julgar necessarias, quer pela Universidade, quer pela imprensa periodica;

3.<sup>o</sup> *recusa formal*, de minha parte, de qualquer outro meio de sair d'este negocio.

« De V. S.<sup>a</sup> etc. — Ill.<sup>mo</sup> Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

V. DA SILVEIRA »

Na occasião em que se estava compondo o que deixámos escripto, recebemos uma *carta anonyma*, d'um amigo do Sr. Olympio, da qual daremos conhecimento a nossos assignantes, n'este mesmo jornal, se até á publicação do n.<sup>o</sup> 16 ella não tiver apparecido no *Tribuno Popular*, para onde a enviamos logo.

V. DA SILVEIRA

(a) Ouvimos dizer depois, que este livro havia sido impresso por conta do Governo (?!)

(b) ; Por conta de quem seria feita esta impressão? ; por que se não satisfez logo sua importancia?

## LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 8, tom. II

XI

**Associação e Liberdade:** são estas as duas idéas salvadoras — e só ellas — que, uma pela outra completando-se, podem levar a bom fim as nossas modernas sociedades.

**Associação livre** — eis o que em nome da sciencia podemos affoutos responder a esses nobres, mas desvairados, sonhadores de utopias, que na fé de uma imaginosa organização social, toda artificio humano, que não segundo as leis do natural organismo, e em nome das sanctas esperanças e fraternas aspirações, que em abundancia lhes enchem as almas generosas, nos promettem, ha meio seculo, o progresso da perfeita felicidade — porventura mais do que ao homem é dado esperar na terra.

XII

A sciencia toma o facto, especula-lhe a essencia e natureza, observa-lhe as relações, e de tudo deduz as leis que lhe presidem. Póde desempenhadamente apresental-as á luz do dia, e para o futuro concluir affoutamente do passado; póde e deve-o, que outra não é sua missão.

Mas o que muita vez o frio calculo e analyse reflectida deixam, por mesquinho ou vulgar, sem d'ahi tirarem materia para considerações, toma-o para si o coração sensível do poeta; pela imaginação o nobilita e engrandece, na mente lhe forma a robusta estatura; até que apparece em fim gigante de crescidas forças, esse que ainda ha pouco, de mesquinho é pigmeu, nem sequer attrahia as vistas do investigador curioso.

E' assim que a imaginação e a analyse, a sciencia e a inspiração, uma pela outra se completam, trabalhando cada qual na esphera que pôr natureza lhe compete, e para fim commum — a *Verdade*, concorrendo uma e outra na medida de suas forças e aptidões.

São (ou antes deveram ser) duas irmãs queridas e extremosas, em obra commum, empregando desvellos e cuidados; nunca, como até hoje, rivâes, que, por um mesmo amor, e em nome da mesma causa, se detestam e guerreiam.

XIII

E' destes dous elementos — sciencia e inspiração — que brotam as nobres idéias e grandes verdades, que por vezes têm mudado a face de uma civilização, quando, em vez de uma á outra se mostram hostís, para fim commum se têm dado mãos amigas.

Nas porfiosas luctas politicas do século, em que — mais ou menos — todos temos sido actores ou

expectadores, se encontra clara prova e exemplo manifesto da proposição que aventámos.

Por longo tempo batalharam em bandos oppostos e á sombra de vario pendão os modernos representantes d'esses bons principios, uns e outros promettendo-nos felicidade; mas cada qual em nome de mui differente divindade; até que, passados que foram os tempos de mais escandecida lucta e acalorada discussão, a mesma força da verdade os trouxe a si; e a commum e amigavel união lhes soube chamar os animos discordes.

Ambos em parte transviados, a ambos comtudo assistiam tambem em parte principios de verdade. Inimigos, seriam sempre viajantes perdidos em densas trevas, cada vez a se affastarem mais das veredas trilhadas; reconciliados, um ao outro se guiam e ajudam, com as luzes e forças proprias, em nome d'uma longa amizade no futuro, postos em commum.

E, de feito, não é hoje que, no meio d'essa pleiada illustre de generosos espiritos, que anhelando anciosos por um melhor futuro, trabalham afanosos para alivio e engrandecimento dos que choram; não é hoje que entre elles se encontrão rivalidades d'eschóla, mas indignas d'homens, ao bem dos homens votados.

São hoje irmãos. Os erros de cada qual, ao despirem-se dos velhos rancores, sacrificaramos no altar da nova aliança; e d'entre as cinzas impuras, que o vento dispersa ao longe, sahio — nova Phenix — a flor immarcessível da verdade eterna.

(Continua)

ANTERO DO QUENTAL.

## PAUPERISMO

## INTRODUÇÃO

Differem as nações, além d'outras caracteristicas, pela composição das idades dos seus naturaes, porque ha em toda a povoação umas poucas de povoações juxta-postas: n'outros termos, o numero e duração dos individuos proximos a entrar ou já entrados no periodo productor differe de mundo para mundo, de povo para povo, de concelho para concelho: na mesma cathegoria d'edades varia ainda o grau da sua eficacia laboriosa, quer em differentes paizes, quer em differentes épochas no mesmo paiz. Assim, a diligencia e esmero do operario inglez vence grossos salarios em menos horas de trabalho, do que se exigem n'outros paizes sem quebra para o assalariante; ao passo que a pouca diligencia, e até incuria do obreiro irlandez vence um salario, que é copulativamente mesquinho para quem o recebe, e excessivo para quem o paga.

Aquella differença momentosa omitta-a a geographia politica, consubstanciando as disparidades mais repugnantes n'uma synthese chamada —

nação, absurda, porque a heterogeneidade de valores e idades, que compõem cada povo, e que n'umas partes se traduz por um sobrecellente de nascimentos cotejados com os obitos, n'outras por uma prorrogação da vida media, aqui por uma equação perfeita entre os obitos e nascimentos, alem por um grave deficit no quadro d'adolescencia e idade adulta, — testemunha que é ficticia essa unidade esposada pelo vocabulario da estadistica geral, unidade, que conviria substituir para classificações semelhantes ás das sciencias naturaes, grupando factos identicos ou analogos, por onde ajuizassemos das oscillações da povoação.

E' no quinquennio inicial da existencia que a morte mais frequente colhe em flôr da arvore da vida os fructos da maternidade: as taboas de mortalidade ajustam-se em attester copiosos os obitos da primeira infancia. Este veto, intimado á multiplicação pela morte, decresce em energia gradativamente neste primeiro periodo, pois cada anno addicionado ao fundo da idade existente é uma resistencia, cada vez maior, que reage contra a lei reductora. Devolvida esta quadra semeada de sinistros, retrabe-se a mortalidade com movimento acelerado até aos 14 annos. No terceiro periodo, que mede nove lustros, ha uma uniformidade arithmetica, uma certa lentura na abstenção da morte para o que ella foi de severa na aurora da existencia; mas essa uniformidade é fallaz, por que ao passo que se caminha no estadio dos annos, o circulo abbrevia-se, os sobreviventes rareiam, e por igual que seja no anno corrente a somma das unidades apagadas á que foi no anno preterito, os obitos crescem, por que a lei dizimadora opera sobre uma quantidade de vidas, que se simplifica de continuo. Dos 60 annos em diante a morte abate, com a celeridade, que empregou no primeiro periodo, os veteranos da povoação.

Havendo pois grande numero de vagas nas fileiras dos vivos, antes que estes cheguem á nubilidadade, e sendo mui grave a oscillação da taxa comparativa dos obitos de cada paiz, na idade infantil, podemos na confrontação do numero dos nascimentos com os movimentos dos obitos, que os cerceiam, têr um estadiometro seguro para contar os passos ao pauperismo.

Os obitos chegam em certos paizes ao triplo do que chegam n'outros. Esta differença para mais é symptoma d'uma enfermidade hereditaria e constitucional, cujo appellido é — *pauperie*: da repressão desta pende o incremento da vida media, e d'este incremento impende a composição d'edades e grupos de povoação mais congruentes ao fim civilizador; é porque elle importa a persistencia das funcções laboriosas, e porque esta repugna com a debilidade em que vegeta a infancia e adormece a velhice, que, segundo as nossas posses, o devemos promover. Com este decremento d'obitos cresce a povoação valida — adolescentes e adultos —, consentindo a morte,

suprema moderadora das funcções genitae, que se prorogue a existencia já da idade tenra, já da idade media, já da idade propecta; aqui dando accesso a maior numero d'entre a infancia para vestir a toga viril do trabalho, ali consentindo que o tempo cinja aos adultos a frente com a grinalda das cãs, alem, na margem extrema dos annos, alongando a vida dos anciãos até á longevidade patriarchal.

Multipliquem-se os nascimentos: se a morte lhes não concede que vinguem, serão verdadeiros multiplicadores d'indigencia e aviltamento. — Todo o capital dispendido com estas gerações, que não chegaram a balbuciar o verbo da vida, sepulta-se debaixo da mesma pedra tumular com os devedores insoluveis delle, desbaratando assim o fundo alimentario das gerações posteriores—(1).

Inquirindo as causas desta redundancia de nascimentos, persuade-nos a logica dos factos de que não só a indigencia é prolifica, mas ainda que a mortalidade multiplica os indigentes, de que só a abundancia pôde pôr termo. E' um phenomeno notavel, que a epidemia, com seu instincto homicida, em vez de coarctar, promova a povoação indigente; mas as chronicas dos povos ahi estão para o testemunhar.

Na India, China e Japão o facto preponderante é augmentarem as povoações pela parci-monia; 10 ou 12 operarios indios subsistiriam com o salario d'um operario inglez, e um operario inglez, immerso n'atmosfera social, sob cujo imperio vive, não pôde manter-se com menos da retribuição de 10 ou 12 operarios indios. Aquelles povos jejuadores vivem vida vegetativa no meio da penuria, nascem com ella, multiplicam-se ao influxo d'ella, destroncados continuamente por ella, e, como as cabeças da hidra, renascendo apesar della. E' a têla de Penelope sempre desfeita e refeita.

Sempre... não; porque a magra pitaça attinge alfim o meridiano da sobriedade, attinge um ponto em que a povoação não augmenta sem que augmente a producção: e n'este ponto, um atomo de subsistencia, que falte, um revez no mercado — repudia do convivio social essas multidoes redundantes, essas bôças supranumerarias, que a morte apaga com a sua esponja inevitavel.

Em Manchester e Bristol, nos bairros mais insalubres e fecundos em nascimentos, n'esses viveiros repletos d'operarios, onde em 1832 a cholera sangrou mais a povoação mendigante, já em 1848, sete annos depois, sobravam no quadro os novos recrutas. O orçamento da taxa dos pobres era em Inglaterra:

Em 1801, — de 4,078,891 lib.st. por 8,872,950 h.  
Em 1818, — de 7,878,801 — —11,978,875 h.  
Em 1833, — de 8,000,000 — —41,000,000 h.

(1)—St. Oliveira Marreca.

Estes dados estadísticos parecem contravir a lei económica — que a povoação tende a adequar-se aos meios d'existencia e subsistencia—; mas este crescimento ou é devido ao requinte da frugalidade, ou a um sobejo de renda disponível para subsidiar as classes necessitadas; ambas as hypotheses têm um limite, e, transposto este, faltam casas para os recém-nados no xadrez social.

Ha pois na povoação duas povoações, uma normal outra anormal; uma que acompanha em seu progresso os progressos das subsistencias, outra que se repovôa d'abstinencia ou d'um excesso de renda collectada pela caridade voluntaria ou legal; uma que não só cresce crescendo os nascimentos, mas, nomeadamente pela redução dos obitos, que vivendo na abundancia, atinge pela abundancia um periodo vital mais largo á sombras das uniões conjugaes; outra que cresce crescendo concomitantemente obitos e nascimentos, passando da casa sobradada para o casebre terreno, da manança succulenta e animal para a magra dieta vegetal, como ainda hontem a população da Irlanda: aquella é a regra, esta a excepção; regra e excepção, que se vigoram com factos colligidos pela Estadística.

Por uma parte andam irmanadas as forças musculares e civilisadoras, conforme atesta o dynamometro de Perou: andam irmanadas as vidas e subsistencias, — a medida de grãos, que rendia 100 no seculo 16, rende hoje 190, e as *medias* dos seguros de vidas bem-como os registros civis, que sobreviveram ás antigas communas, v. g. á de Genova, depõem contestes que ha hoje uma dilatação nos annos — para a idade tenra, que chega em maior numero ás idades ultteriores, — para os adolescentes e adultos, que têm ante si mais largo horizonte de dias: por outra parte, os mapas dos expostos sobem na razão inversa dos quinhões nutricios das classes famintas; e o decremento d'estatura é testificado em França pelo Decreto que encurtou o numero de millímetros requeridos nos recrutandos, e, outro-sim, pela difficuldade ascendente que se encontra na Russia no recrutamento da guarda imperial.

Raro é o paiz, que, na devida proporção, não tenha a sua Irlanda, a sua Flandres, a sua Gallaiza, cuja exabundancia de habitantes não flua da redução dos consummós ao estreito necessario, ou d'um sobrecellente de capitães disponíveis para lhes costear as despesas.

Não é que regurgite de homens o globo terraqueo; mas porque ha matrizes d'abundancia que são para nós como que um livro fechado, porque ha neste Mundo Velho um Novo Mundo de riquezas por descobrir, porque no habitado e habitavel á acção da natureza não responde, em regra, a reacção da Industria. Inquirir as causas e remedios d'aquellas sobejidões é o que commetteremos nos consequentes capitulos.

(Continua)

SARATVA

## CANDIDA

Continuado do n.º 14, tom. II

### II

Como principia uma paixão

Nessa mesma noite Candida appareceu risonha a seu pae: beijou-o com mais carinho, falou-lhe no bello tempo, que iam passar na formosa Cintra; mas mal se ia adeantando a noite e se aproximavam as onze horas, mais lhe custava a sorrir, conversar e ostentar a mesma alegria.

Deram dez horas, e sentiu-se esfriar e empallidecer.

— Meu pae, murmurou ella então, desculpa-me, sim?... mas é-me preciso ainda pôr em ordem os meus vestidos para partirmos amanhã e assim...

— Vae, vae, minha filha e tracta de descançar. Pobre anjinho, como estás pallida!

— Isto não é nada; não ha de ser nada.

O general beijou-a na fôrma do seu costume, e Candida retirou-se; mal entrou porém no seu quarto ajoelhou deante de uma imagem da Virgem e orou por muito tempo: levantou-se depois, lançou á pressa um manto pelos hombros e cautelosamente principiou a atravessar umas poucas de salas até entrar na de jantar: chegada a esta, abriu mansamente uma das portas envidraçadas, que deitavam para o jardim, e sahiu por ella.

A noite estava clara. Era uma destas noites sem lua, em que o fulgor de milhões de estrellas derrama uma claridade duvidosa e terna sôbre a terra.

Não soprava uma leve briza e respirava tudo um silencio profundo e augusto.

Candida com passos mal seguros sumiu-se por uma rua de acacias, que seguia a par de um muro coberto de trepadeiras em flor. Ao fim d'esse muro havia uma pequena porta, meia escondida na verdura, e juncto d'ella um pequeno banco, em que ella se deixou cahir.

Com a cabeça reclinada sobre uma das mãos estava realmente bella então. A alvura da fronte sobressahia sôbre o escuro da capa, que lhe cobria os hombros. Os cabellos ondeavam-lhe soltos; os olhos erravam-lhe demasiadamente abertos e fixos, e seu delicado braço tremia-lhe sob o leve peso da empallidecida fronte.

Candida ouviu dar onze horas; sobresaltou-se, ergueu-se do banco, deu dois passos e encostou o ouvido á porta.

Cada passada, que ouvia ao longe, vinha sobresaltal-a mais e murmurava então: — Será elle?...

Mas os passos approximavam-se, iam-se depois affastando até perderem-se de todo, e ella continuava na mesma posição silenciosa e attenta; ouviu, após as onze, dar o relógio visinho tres quartos, e ninguem ainda tinha chegado.

Era quasi meia noite, quando uns passos apres-

sados se approximaram da porta: uma chave se intrudiu na fechadura e um homem alto, embuçado em um longo capote, entrou em seguida. Candida cahiu-lhe nos braços e exclamou convulsa e desfallecida:

—Chegaste em fim, Julio...

O desconhecido, a quem ouvimos chamar Julio, fechou a porta com todas as precauções, pegou depois em Candida nos braços e veio sentar-se no mesmo banco, em que ella estivera antes.

Era um homem alto, magro, de feições distinctas e que mostrava já mais de 30 annos, pallido, se um moreno amarellado se póde chamar pallidez: um farto bigode preto lhe escondia o labio superior, e seus olhos negros tinham um fogo no olhar, que arrastava: trajava um fato todo preto, e uma longa cabelleira negra, anelada e lustrosa, lhe cahia arripiada negligentemente para traz; nas suas feições porem havia um certo ar, que o tornava ao mesmo tempo temido e attraente: era uma d'estas fisionomias, que se amam para se não temerem.

Mas quem era este homem?... como o chegára Candida a conhecer?

A questão tinha sido esta.

Candida vivia quasi sempre só, porque todas as relações do general Santa Barbara tinham principiado a fugir aquella casa, aonde poucas vezes recebiam um acolhimento apressado e agradável: o general, homem sumamente delicado, esquecia tudo ao pé de sua filha; esta parecia aborrecer a sociedade, e elle aborrecera-a desde logo. Viviam por tanto quasi sós. Sua casa era tambem bastante retirada e a passagem ahi diminuta.

Uma noite, seriam nove horas apenas, e o general não tinha ainda recolhido a casa, ouviu-se na rua um barulho, gritos de socorro e logo duas pancadas fortes e apressadas á porta.

Candida lembrando-se de seu pae, que podia talvez ter sido agredido na rua, correu para a porta, seguida das creadas, abriu-a ella mesma e viu assustada, em logar de seu pae, entrar um desconhecido, escorrendo em sangue. Trajava uma casaca preta, calça preta tambem, e através do sangue, que lhe escorria da frente, Candida viu-lhe brilhar uns olhos pretos, que parece lhe desceram ao coração ardentes e abrasadores. Esse homem dirigiu-se com maneiras distinctas aquella, que lhe pareceu a dona da casa, e com voz enfraquecida mas serena, disse para Candida:

—Perdão... peço perdão a v. ex.<sup>a</sup>, mas vim commettido por tres assassinos, e apesar da minha presença de espirito e esforço, que fiz para me defender, não pude evitar esta ferida na cabeça e esta outra no hombro esquerdo: n'este bairro, quasi deserto, não tinha a quem recorrer para poder applicar um pequeno aparelho a estas feridas, que muito podem ser, continuando a sangrar. As circumstancias só é que me obrigaram a bater á primeira porta e recorrer á primeira casa, que encontrei. Peço pois a v. ex.<sup>a</sup> descul-

pa do incommodo e susto que devo ter vindo causar e...

Candida mandou entrar o desconhecido para um quarto, mandou-lhe dar agua e pannos, com que podesse lavar-se e estancar o sangue das feridas, e soube, passado minutos, que elle tinha sahido logo depois de saber em casa de quem se achava, deixando ainda mil agradecimentos e desculpas.

Passados tres ou quatro dias um homem extremamente pallido e com um braço ao peito apeava-se de uma sege e deixava para o general Santa Barbara e sua filha um bilhete com o simples nome — Julio de Vasconcellos.

Candida chegara á janella quando elle subia para a sege e entreviu o mesmo desconhecido: d'ahi por diante via-o quasi todos os dias passar alli, ou a cavallo em um soberbo cavallo, que domava com toda a elegancia e socego, ou mesmo a pé.

A mesma pallidez lhe cobria sempre as faces e o mesmo ar de tristeza lhe transparecia das feições.

Cortejava-a respeitosa e progredia vagaroso na sua marcha

Tinham passado mais de vinte dias e Candida não deixava um só de o ver. Mal despontava ao longe, parece, que o adewinhava; um leve rubor lhe tingia a frente e um aperto inexplicavel lhe cingia o coração.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

## NÃO CHORES

Choravas, Anjo, e teus prantos  
 Não têm na terra cantor;  
 Os homens não sabem cantos  
 De tão subido valor:  
 Não sabem; que nem a aurora  
 É tão linda quando chora  
 Fresco orvalho sôbre a flor:  
 Meus cantos, sei que são pobres,  
 Mas ninguem t'os dá tão nobres,  
 São cantos filhos d'amor.

Eu vi o sol do teu rosto  
 Em terno pranto banhado;  
 Era fundo o teu desgosto,  
 Lembrei-me de ler teu fado:  
 Nos seios d'alma sentias  
 Maguas d'amor, que escondias  
 N'um chorar amargurado;  
 Amavas, Anjo, e o sudario  
 Do teu carpir solitario  
 Está n'esta alma gravado.

Choravas... N'esse delirio,  
 Todo d'amor sem ventura,  
 Eras a flor do martyrio,  
 Eras a estatua do amor,  
 Cinzellada pela dor,  
 No pedestal da amargura:  
 Eras a flor da saudade,  
 O Anjo da soledade,  
 O Genio da desventura.

Choravas, Anjo, e a cruz  
Tambem, nos êrmos da serra,  
Eternas maguas traduz  
Nos prantos, que lança á terra:  
Como tu, n'este meu canto,  
Lança a cruz sentido pranto  
Nas maguas, que o mundo encerra;  
E no mundo... a cruz se adora,  
Mas a cruz... Anjo, não chora  
Como tu choras na terra.

Choravas, Anjo, e o Cantor  
Das tristes maguas d'Ignez,  
Se te visse, ia depôr  
Um canto egual a teus pés:  
Se visse teu rosto brando,  
Teus lindos olhos chorando,  
Repetira inda outra vez  
Os cantos, que as tristes flores,  
Lá da *Fonte dos amores*,  
Lh'inspiraram por Ignez.

Como a aurora, que orvalhando  
O calix da tenra flor,  
Sentidas maguas chorando,  
Lh'inspira vida e frescor,  
Assim tu, Anjo, no pranto  
Que vertes sobre o meu canto,  
És a luz do trovador:  
És a rôla que suspira  
Nas cordas da minha lyra  
Segredos tristes d'amor.

E o mundo, que da descrença  
Provou já toda a amargura,  
Não conhece a dôr immensa  
Do amor na desventura:  
Não chores Filha do céu,  
Que um amor, como é o teu,  
Não tem na terra ventura:  
Vôa ao céu, d'onde vieste,  
Que o mundo, em que nasceste,  
Esconde o fel na doçura.

Despreza crenças fagueiras,  
Que o mundo tem p'ra te dar;  
Nem és da terra, nem queiras  
Debaixo do sol reinar:  
Lá no céu ha mais amor,  
Tens o throno do Senhor,  
Onde vás assim chorar;  
Lá no céu podem teus prantos  
Encontrar eternos cantos,  
Erguidos ao teu altar.

A.

## O MEU THESOURO

Mas este amor quem m'o deu,  
Deu-m'o todo para ti,  
E bem sabes tu, que é teu.  
GIL-VICENTE.

Lá aonde o amor é cálculo,  
E aonde se compram risos,  
Talvez que, entre dous sorrisos,  
Que és bella, te diga alguém.  
Hão-de dizer-t'o... dos labios...  
Porém o que lá nas salas  
Te mentem luzidas fallas,  
Eu — mudo — digo-o tambem...

Com punhados d'ouro fúlgido,  
Que meream amores abjectos,  
Ham-de q'rer comprar-te affectos,  
Coração, crença e pudor.  
Dar-te-hão tudo com mão pródiga:  
Mas eu, que sou pobre d'ouro,  
Posso dar-te outro thesouro.  
Dou-te riquezas d' Amor!

Coimbra 1860.

ANTERO DO QUENTAL.

## EXPEDIENTE

*Desculpas.*—Pedimos mil desculpas a todos os srs. assignantes, que nos escreveram, e a que por infelicidade não tivessemos dado resposta. O nosso numero d'hoje tudo explica.

*Pedido.*—Muito nos obsequiaríamos os srs. assignantes, a quem enviámos prospectos, se, movidos pelo que hoje escrevemos, tivessem a generosidade de fazer um pequeno esforço para obter algumas assignaturas para nosso jornal.

A devolução dos prospectos deve ser feita ao redactor dos *Preludios-litterarios* — Coimbra.

A nossos amigos fazemos egual pedido.

*Novo administrador.*—E' administrador d'este jornal — o sr. Antonio Francisco Barata.

V. DA SILVEIRA.

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto da recepção do 1.º n.º, EM COIMBRA, no escriptorio da redacção do mesmo jornal.

Preços

1.º vol. (brochado)..... 1\$700

2.º volume

Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$180
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	520

Por mez—120 réis.

Avulso—40 réis.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

D. JOSÉ ZORRILLA

ESTUDO

Continuado do numero 13 tomo II.

IX

Um dos generos que Zorrilla cultivou, a meu vêr excellentemente, foi o das poesias intituladas — *Oriental*.

Byron já tinha percebido, que não era entre os gèllos do norte, onde o sol se véla de contínuo de pesadas nuvens, que o estro se podia arrobar, acceso na mais vivida inspiração — a natureza; sentira que havia mais fogo, mais vida na luxuriante vegetação d'estes climas, onde

From the moist meadow to the wither'Ahill  
Led by the breeze, the vivid verdure runs,

do que nas opulentas cidades d'Albion.

Chateaubriand lá foi accender o seu estro ás florestas virgens do Novo Mundo: foi estudar as notas harmoniosas d'essas harpas eolias, para vêr se as traduzia nas suas immorredouras obras.

Victor Hugo, filho da Hespanha, ardendo-lhe no peito o estro incendiado dos seus poetas, cantou em arrebatadoras poesias scenas d'esses bem-fadados climas do Oriente. E quem não leu as suas mimosas — *Orietaes*? — Quem não as decorou desde a — *Captiva* até aos *Djinns*, desde — *Le voile* até aos *Phantômes*?

Zorrilla, poeta hespanhol, com um talento poetico brilhante, não podia deixar de cultivar o genero, escripto como elle está, e no seu coração, e na sua historia, e nos seus monumentos. E fê-lo com mão segura, com mão de mestre.

E não se julgue facil o genero. Simplicidade de belleza, de ideia e de fôrma, são dotes que por requeridos n'elle, o tornam ingrato e difficil. Para mim, Zorrilla, n'esta parte, se não excedeu, egualou por certo o auctor da — *Notre-Dame*. Nem admiro, manejando Zorrilla, uma lingua opulenta e maviosa, ao pé da qual a franceza é pobre e quasi aspera; senão, haja vista a traducção, que elle fez d'algumas *Orietaes* do poeta francez. Vejam se não ha alli uma certa originalidade, e se aquillo é um pallido reflexo do original.

Junho — 1860

VOLUME II

N.º 16

Entre nós o genero tem sido pouco cultivado; eu só conheço algumas *Orietaes* do sr. A. de Serpa, e não tenho nota de mais nenhuma. E é pena, que o genero casa-se com as possas tendencias e com a nossa lingua. E para prova a poesia, que apresentamos já, é uma *Oriental* de Zorrilla, traduzida pelo sr. J. Freire de Serpa Pimentel.

## ORIENTAL

Ao fulgor da lua cheia  
Lá campeia  
O mourisco torreão,  
E do Darro a lympha pura,  
Ora escura,  
Preito rende ao castellão.  
Susurra sôbre o rio  
O alamo em doce paz,  
E nos juncos, e nas canas,  
E espadanas,  
Murmura a briza fugaz.  
Doces perfumes espargem  
Pela margem  
Mil flores, qual a mais bella;  
Suas azas buliçosas  
Pelos rosas  
Espaneja a philomella.  
Vérte em gottas chrystalinas  
Perigrinas  
O rocio o seu chrystal,  
Cada perola de prata  
Bem retrata  
O alcaçar oriental.  
Levantadas as sombrias  
Gelosias  
Do calado torreão,  
Está na esguia ventana  
A sultana,  
Murmurando uma canção.  
E, nos ares que povoa,  
Livre vóa  
A melancholica voz;  
E pela collina verde  
Lá se perde  
Como zephyro veloz.  
E aos doces sons da garganta  
Que lá canta,  
Respondem aves alfim,  
Adejando pelas rosas  
Tão mimosas  
De magnifico jardim.  
E ao rumor do doce trino  
Perigrino  
Da bella e aves d'amor,  
Ouvido prestam attento,  
Agua, vento,  
Olmo, alcaçar, campo e flor.

Assim a moura dizia,  
E respondia  
Da ramage a philomella;  
E isto o mouro escutava,  
Que velava  
No jardim sob a janella:  
«Dá-me coração de mouro  
«Per'las e ouro,  
«E c'rôas como ninguem.  
«Dize, ó flor, á minha vida  
«Tão garrida  
O que falta aqui no harem?  
«Dão-me chales os kalifas,  
«E alcatifas,  
«Brocados como a cecem:  
«Dize, ó campo, á minha vida  
«Tão garrida,  
«O que falta aqui no harem?  
«Dão-me banhos e festins,  
«E mil jardins,  
«Que o Eden me mentem bem:  
«Dize, ó rio, á minha vida,  
«Tão garrida,  
«O que falta aqui no harem?  
«Transparentes como espumas,  
«Dão-me plumas,  
«Brocados do mar além:  
Dize, ó ave, á minha vida,  
«Tão garrida,  
«O que falta aqui no harem?  
«Não vêem nunca abrolhos  
«Os meus olhos,  
«Posto que lagrimas têm:  
«Dize, ó lua, á minha vida,  
«Tão garrida,  
«O que falta aqui no harem?  
Chegára aqui, e uma sombra  
Sóbre a alfombra  
A lampada desenhou;  
A seu lado na ventana,  
A sultana  
Com o sultão se encontrou.  
«Tu tens torres, disse o mouro,  
«Per'las e ouro,  
«Grinaldas, c'rôas ás cem;  
«Dize, formosa, á tua vida  
«Tão garrida,  
«O que falta aqui no harem?  
«Que ha lá no vergel sombrio,  
«Lá no rio,  
«Lá na ave, ou lá na flor,  
«Que ao raiar a aurora bella,  
«Minha estrella,  
«Te não traga teu senhor?  
«Diz que falta á tua riqueza,  
«E lindeza,  
«Ou á tua louca vontade?  
— Senhor, as aves formosas  
— Entre as rosas  
— Tem lá fóra — liberdade — »

Não será uma bella tentativa esta poesia? Não demonstrará ella que Zorrilla cultivou bem o genero, e que a nossa lingua se amolda perfeitamente a elle? Alem da affirmativa não concebemos outra resposta.

Não sabemos agora analysar as bellezas das *Orientaes* de Zorrilla, sem as transcrever á medida que as citassemos, que aos troços se não avaliariam ellas; como se não vê a belleza da rosa por algumas folhas que o vento espalhou, ainda que conservem o mesmo perfume. Assim recommendâmos ao leitor essas poesias de Zorrilla; e fi-

camos certos que as hão de lêr com prazer, e talvez mesmo decoral-as.

Temos analysado até aqui os principaes generos de poesia lyrica, a que Zorrilla consagrou o seu genio e o seu talento. Tinhamos promettido analysar tambem as suas obras dramaticas, mas em virtude dos nossos afazeres academicos, espaçaremos o cumprimento de tal promessa, sem com tudo a deixar de cumprir.

Deus, patria, natureza, amor, são de certo os quatro elementos, que inspiram e arrebatam o poeta. Zorrilla inspirado verdadeiramente, compoz poesias que o tornam hoje um dos principaes vates da Hespanha; como tal viemos erguer-lhe aqui, posto que pobre, um monumento, que ha de, de certo, mostrar, que a nós era-nos mais proveitosa a lição dos litteratos hespanhoes, que a dos francezes, tão distantes de nós pela indole e pelos costumes.

A França é uma nação grande e civilisada; busquemos lá a luz que brilha radiante, em quanto acharmos mais perto de nós essa luz fenecida; mas quando n'uma nação, quasi nossa irmã, ligada por todos os interesses a nós, virmos levantar-se o clarão da intelligencia, não a vamos buscar mais longe.

Assim estudemos os poetas francezes sem desdenhar os hespanhoes, na parte em que elles são eguaes ou superiores áquelles.

F. BEIRÃO

## UM VOTO PELA ITALIA

Ao meu amigo V. da Silveira

: Quem não sentirá estremecer-lhe o coração nos arroubamentos de jubiloso entusiasmo, assistindo ao grandioso espectaculo de um povo, que combate, para ser livre? Quem ha ahí, que deixe arrefecer a alma na indiferença ao contemplar os esforços heroicos de milhares d'homens, que contentes correm ás armas, animados pelas magicas palavras — liberdade e patria?

Como são solemnes essas horas, que a providencia marcou na corrente dos seculos para a regeneração dos povos? Como são sanctas essas revoluções, que, symbolisando a causa da justiça e da humanidade, renovam a face das sociedades, imprimindo-lhes o movimento e a vida, guiando-as ao estadio de sua verdadeira grandeza e prosperidade pelos caminhos do progresso? E ha revoluções, que, em sua origem e resultados, têm a mais plena justificação. Que importa, que corram rios de sangue, e que montes de cadaveres junquem os campos de batalha? A idéa, que ellas representam, não deixa por isso de ser ás vezes justa e generosa. Quando a causa é sancta, as atrocidades e os excessos commettidos em nome d'ella não a ennoçam, não a deshonram. Culpado e só responsavel por elles é o homem, que descendo o ultimo degrão

na escada do crime, quer que o absolvam e que o reconheçam innocente; por que praticou horrendos attentados á sombra de bons principios.

É uma triste necessidade recorrer á força para sustentar o direito; todavia, com mágoa o dizemos, essa necessidade ha de existir, em quanto no mundo existirem paixões. Pensar o contrario, seria sancionar os crimes dos despotas, e applaudir a oppressão e os soffrimentos dos povos: seria tecer grinaldas e levantar estatuas aos Neros, e cobrir d'opprobrio e de maldição aos Epaminondas: seria rasgar as paginas da historia, que erguendo um brado ingente d'indignação e de horror contra os carrascos coroados, a um poste eterno de ignominia os liga sempre, em vez de os festejar com hymnos, ou de os circundar d'aureolas. Ver-nos-hiamos forçados a condemnar essa lucta gigante, que na Italia se travou entre os abusos dos reis e os direitos dos povos, entre o despotismo e a liberdade. Passando em revista as variadissimas phases dessa grande insurreição, em que a Italia robustecida por uma crença generosa, e educada na escola de um largo e penoso tyrocinnio, tem mostrado o que é, e o que vale, é-nos impossivel conter os assomos d'intimo amor e de sincero enthusiasmo, que vividos e ardentes nos irrompem do peito. Quando rangem desconjunctados os degrãos de thronos, em que se sentavam despotas; quando cahem despedaçadas as correntes, com que elles algemavam as nações; quando os seus horisontes se illuminão com as radiosas scintillações de um incendio, que rasga trevas e dissipa barbarias, derramando ao longe esplendidos clarões; quando pela liberdade palpitam corações e se sacrificam vidas — as revoluções, que operam essas assombrosas transformações, já mais podem ser amalçoadas!

A voz magoada da Italia, que se extorcía angustiada nas convulsões da agonia, tocou o coração de Deus. Oxalá, que o reinado da tyrania termine para sempre n'essa nobre terra de honra e de fé, templo das artes, e berço da civilisação europêa. A arvore da liberdade, implantada por braços valentes e regada com o sangue de tantos martyres, começa já a viçar frondente e formosa n'esse solo ensanguentado pelas luctas incessantes e porfiadas de tantas raças, retalhado pelo ferro e devastado pela ambição de tantos conquistadores; n'esse solo tam fertil e tam rico, sagrado por tantos monumentos de gloria, por tam grandes recordações. Escapando ao braço de ferro d'esse gigante, que no começo d'este seculo tentou prostrar a seus pés a Europa palpitante, a Italia dividida por um congresso de reis, como uma propriedade, em que a razão e a vontade do homem não erão contadas, viu ainda com desalento desvanecerem-se as suas mais sonhadas e queridas esperanças.

A vara do poder passara para outras mãos; mas para continuar a opprimil-a e a flagellal-a. O pensamento é punido como uma rebellião. Com as lagrimas do exilio, com a barbaria dos tratos,

e com o instrumento do carrasco paga o despotismo aos infelizes, que se lembravam de ter uma patria! A aureola do martyrio, que padeceram muitos, santificava a verdade da idéa, e radicava mais nos animos o dio dos oppressores.

Nada fatigou a paciencia, nada abalou a coragem d'esse povo, que tam brilhantes provas tem dado, de que sabe combater e morrer pela liberdade. Funda e dolorosa fôra a ferida aberta pelos desastres de Costoza e Novara. Não devia tardar, que ella cicatrizasse, e que se levantasse com a energia da vida e inteiramente rejuvenecido o povo, que muitos crearam um cadaver. A memoria da derrota avivara-se todos os dias no quadro de aviltamentos e de amarguras, que elle padecia. Os desejos d'emancipação recresciam cada vez mais no espirito da nação, que debalde quizeram assassinar. Incitava os brios, bradava de continuo vingança o sangue de tantos martyres generosamente vertido em prol da liberdade. As cinzas de Carlos Alberto, que só depoz o sceptro e largou a espada, quando viu os resultados de uma lucta impossivel, erão um protesto eloquente contra a dominação e a prepotencia estrangeira.

Proporcionou-se finalmente um ensejo favoravel.

Em 1859 surge para a Italia uma nova era, era auspiciosa e para sempre memoravel, pelos acontecimentos extraordinarios, que a assignalaram. É uma famosa epopeia de victorias essa guerra intentada pela mais sancta das causas. Em árvidas pelepas demonstraram os filhos da Italia o que póde o homem, quando no coração lhe arde encendido e puro o amor da patria. Em arduas e tremendas crises se lhes avigorára o animo. Surprehende essa chronica gloriosa, em que tanto abundam os prodigios de estremado valor, de constancia inabalavel e de heroica abnegação.

Dignos netos d'essa illustre raça romana, que avassalou o mundo, affrontaram a morte e deram intrepidos a vida, para salvar do jugo humiliante e cruel a patria querida, onde Deus lhes puzera o berço. Mais nobres, mais-honosros louros não cingiram nunca a frente de bravos; por diante vai sempre empreza, que Deus protege. Embora os valentes metessem na bainha as espadas, que refulgiram ao sol de Magenta e de Sulfurino; embora se calasse a voz do canhão no momento em que tão facil era libertar a Italia desde os Alpes até ao Adriatico; embora os manejos de uma politica pusillanime e refalsada apagassem o raio, que estava prestes a esmagar os batalhões inimigos; embora as montanhas do Tyrol não vissem as suas cumiadas coroadas com a bandeira da liberdade; embora terminasse a guerra, quando podia augmentar-se o numero das victorias, — a obra da emancipação não deixou por isso de progredir, ainda que gradual e lentamente. A vontade dos povos, traduzida pelo voto, substituiu o ferro das bayonetas!

Estava destinado o nosso seculo para assistir ao mais bello espectáculo, que já mais viu a histo-

ria, o espectáculo de nações deliberando tranquilamente sobre os seus destinos, e escolhendo com ordem e serenidade o governo, que mais apto julgaram, para lhes presidir. E á sua poderosa e irresistível voz—monarchas abandonam os seus paços, para nunca mais lhe cruzarem os umbraes! O povo faz justiça aos tyrannos, que haviam vendido ao estrangeiro a terra da patria. As populações, vendo cabir thronos, a que se enroscava a hydra da tyrannia, correm com jubilosas expansões de fêrvido entusiasmo a agrupar-se sob as prégas do estandarte tricolor. Os acontecimentos encadeiam-se. D'entre em breve desde os plainos da Lombardia até ás praias da Sicilia haverá uma só nacionalidade, composta de irmãos e de amigos.

Veneza, a rainha do Adriatico, que tem os seus formosos paços assentados sobre as ondas espumantes do mar, ha de mirar-se livre e ufana nas limpidas aguas dos seus canaes. O leão de S. Marcos ha de erguer-se então forte e altivo, depois de ter arrojado para longe a colleira cravejada de pontas de ferro, que lhe chaga a cerviz.

A Italia será livre então. É este o nosso voto.  
(Continua).

## COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 9, tom. II.

### CAPITULO V.

*De como é amavel ter cinco mil cruzados de renda. A vaidade tambem tem prazeres. De como uns choram para rirem outros.*

Luiza nem acabou de pentear-se. Despediu a creada com um gesto, e ficou só com a carta.

Em parenthesis: façam obsequio de atar este capitulo ao segundo, a paginas vinte e uma. E contínuo.

N'um instante fez mais do que lel-a; devorou-a. E depois sorriu. Era um sorriso indefinivel aquelle. Não era o sorriso ingenuo de contentamento puro, que Deus deu ás mulheres para as semelhar aos anjos: não era o sorriso fino da malicia audaz, que semelhante ao relampago esconde um raio; era o sorriso mais desengaçado d'este mundo, e o mais frequente tambem em mulheres; o sorriso da vaidade satisfeita.

— Sim, Luiza, — ia ella lendo — amo-te, como não sei que mais se possa amar; e agradeço a tua carta, que é uma prova palpitante de que o meu amor é correspondido por igual!

Luiza deu uma gargalhadinha sumida, e lhe mais:

— Olha, mulher, ha instantes na vida em que, chegados ao cumulo da ventura, desejámos morrer, receiando e não podendo supportar o fim amea-

çador d'essa ventura. E' por isso que venturosos, somos temerarios e o mundo e os infernos que nos impecessem voariam como pigmeus deante do sopro altivo da nossa felicidade. Oh! obrigado, meu anjo, mil vezes obrigado, que me colheste no fundo da descrença, para me mostrares em teus olhos o réu da esperanza!...

A dona do *Rigoletto* estava sentada n'um sofá de veludo verde, e descansava o pesinho chinês n'um banquinho de tapete azul-loio. Os cabellos soltos descahiam-lhe em rolos pelas faces de neve, e depois em zigs-zags caprichosos sobre um penteador branco de jaspe. A visita e depois a carta tinham-lhe accendido as côres, e aquella mulher assim era formosa, quasi linda. Dae-lhe áquelle todo um pouco mais d'altura, áquelle rosto um pouco mais d'oval, é tinheis o modelo da Venus de Medicis.

E todavia não era uma mulher de sympathias. Era uma mulher que se admirava, mas que não impressionava. Faltava-lhe um não sei que, alguma coisa que na mulher é necessaria alem da regularidade de fórmias para lhe constituir merecimento. Dois olhos tinha ella á flor do rosto, que vibravam centelhas, se fitavam quedos: mas essas centelhas eram chispas d'um fogão e não raios de sol; queimariam, não alumiam. Não tinha aquelle ar de alegre compostura, de sentimento recatado, de confiança tímida, que tanto realça o merecimento da formosura, como a substitue em quem a não tem.

Ao ler aquelle periodo da carta, ergueu-se. Meneou a cabeça com gesto airoso, e endireitou ao espelho. Mirou-se com desvanecimento alguns minutos. O amor proprio natural não lhe deixou ver senão a primeira parte do que nós acabamos de dizer, e os labios tremeram-lhe n'um sorriso parvo.

Nessa posição, continuou lendo:

— Não sei, não posso dizer-te como estou orgulhoso do teu amor. As thiaras dos Papas, as corôas dos Cesares, as glorias dos Tassos, as riquezas dos Salomões, que m'as desse o mundo todas envoltas nos oropeis das suas vaidades, que eu punha-as de escabello a teus pés, ou regeitava-as todas, se contigo as não pudesse compartilhar! Que era para mim a riqueza, o poder e a gloria sem ti?...

De orgulho não se morre; aliás Luiza dava um estalo como a rã da fabula.

Para outra qualquer mulher, que procurasse ver deante de si alguma coisa mais do que o seu espelho, aquella carta tinha o insignificante valor d'um devaneio de imaginação exaltada, que tudo provaria em quem a escreveu, menos amor.

A carta era de Cesario, a que nós lhe vimos escrever n'esse dia de manhã em casa de Pedro Pereira. Concluia, entre muita outra coisa d'aquelle jaez, com a promessa de vir á noite fazer-lhe uma visita, como tambem já demos a perceber.

Para se avaliar a importancia de tal promessa, é de saber que Cesario Alberto de Sousa Paiva, descendente em linha recta de Pedro Botelho de

Sousa Paiva, que ha vinte gerações fôra um protento de coisas grandes, só excedido na moderna sociedade pelos commendadores e barões da moeda falsa, era ainda hoje um mancebo que possuia a bagatella de cinco mil cruzados de renda, tudo em pão sabido ou dinheirinho de contado, o que, 'numa terra de pequenos recursos como é Coimbra, era mais que sufficiente para o tornar o dandy mais amavel que frequentava o *Abilio Roque*.

Demais a mais era absolutamente só, e senhor da sua vontade. A mãe tinha-a perdido ainda creança, e o pae não havia dois annos. Não faltava quem tivesse pena de tamanha soledade, e muitos corações compassivos morriam por lhe adoçar a vida com seus extremos.

Um delles, e quiçá o mais empenhado, era o da sr.<sup>a</sup> D. Luiza Bebiana de Castro; e essa nem perdia esperanças, nem poupava recursos. Ainda em vida do pae d'elle tinha isso estado mesmo vae não vae. Os dois velhotes erão amigos d'*Almeida*, e o sr. Castro era bom pae de sua filha. A negregada morte, porém, veiu dar com tudo em pantana.

Cesario, que, como diz um doido historico de Coimbra, gastava a galope o que seus paes e avós tinham ajuntado a passo, se não tinha mulheres em antipathia, de casamento é que não curava.

Luiza não o amava, porque mulher namoradeira não ama; mas queria-o para seu marido.

Em geral, e especialmente em objectos de coação, a mulher sabe mais por instincto, do que nós tarde chegâmos a saber com muito estudo. Luiza, por consequencia, sabia que a unica brecha por onde se pôde entrar á conquista do coração d'um homem enfatuado é o amor-proprio. D'ahi vinha que se fazia rodear de satellites, que a seu bel-prazer conservava em distancia conveniente, para um dia sacrificar quando o capricho lhe trouxesse aquelle homem, que o amor nunca lhe traria. Aquella carta e aquella promessa erão o primeiro passo da sua victoria.

Luiza, se isso lhe fosse possivel endoidecia n'essa hora. Aguardava a noite com impaciencia febril. Leu, releu e decorou aquella carta, tirou das gavetas mais de vinte vestidos, mirou-os todos, vestiu alguns, e parece que com nenhum ficava satisfeita. A tarde parecia-lhe eterna.

Já não faltava senão um quarto para as seis. Luiza tinha mandado alumiar a salla, e de instante a instante a sua impaciencia crescia de ponto.

Finalmente por muito grandes que sejam as horas de esperar tambem acabâm. A campainha da escada soou. No excesso de contentamento Luiza esqueceu conveniencias e correu a receber pessoalmente a visita.

Abrio a porta.

No topo da escada, tremulo ainda e desfigurado, Joaquim fitava-a silencioso com toda a ancia da duvida desenhada no semblante. Á direita e um

pouco desviado, Pedro Pereira, tambem immovel, conservava posição de respeito affectado.

A menina ficou desconcertada por um momento. Na sua bella fronte passou, rapida como a electricidade, uma nuvem de zanga. Era uma contrariedade que estava bem longe de prever.

— O' meu Deus — exclamou com um ar que quiz tornar risonho — que feliz surpresa! Confesso que não contava hoje com tamanha ventura. Queiram fazer obsequio de entrar.

— Tenho a honra de lhe apresentar os meus respeitos, minha senhora — disse Pereira, adiantando dois passos e tocando no braço de Joaquim Antonio, que parecia paralisado.

Rapida como foi, a hesitação de Luiza não lhe escapára, e o mesmo embaraço desconhecido, que de manhã lhe embargára os passos, tomara-o de novo.

Agora porém havia mais uma razão: é que a suspeita tinha-lhe entrado muito fundo, e aquelle embaraço não a aliviava um til, se não que mais e mais a firmava. E é doloroso, dolorosissimo, chegarmo-nos a convencer de que é vil e vulgarissimo o que phantaziáramos sublime e perigrino. Com uma mulher muito mais. E principalmente para Joaquim Ribeiro, character puro e franco, que não podia conceber que hoje em dia mulher é synonimo de fingimentos; amor, de calculo.

Os dois mancebos entraram e Luiza teve de seguir-os. N'essa hora dava o melhor de seus teres, talvez até o seu espelho e o seu *Rigoletto* por se ver livre d'elles. Mas as malditas conveniencias, se lhe não podiam suster os bons desejos e a agitação do espirito, retinham-lhe, mau grado seu, os movimentos do corpo, e stereotypavam-lhe nos labios o sorriso de cerimonia. Sentou-se no sofá, no mesmo logar onde annos antes tinha acceitado a visita ao sr. Patrocínio, e com gesto de amabilidade soberana, ou de amavel soberania, como melhor quizerem, convidou os visitantes a imitarem-na.

Ambos conservaram a sua posição. Joaquim porque na sua perturbação não viu esse gesto: Pedro de proposito.

E começou: — Creio que não sou para v. ex.<sup>a</sup> um homem desconhecido...

— De certo, não, sr. Pedro Pereira. E que fosse, a sua visita era-me agradavel do mesmo modo pela companhia, respondeu ella cumprimentando.

Joaquim não pôde córar, porque o sangue de ha muito que lhe estava todo na cabeça. Fez um pequeno meneio de cabeça, e devorava-a com olhares indefiniveis.

— Por ventura, continuou Peixoto, se lembrará v. ex.<sup>a</sup> tão bem como eu do modo aventureso como me coube o prazer de a ver a primeira vez?

Luiza demorou a resposta. Procurava adivinhar onde ia tal pergunta. Se bem que lhe fallecia agudeza de engenho, penetração viva e instantanea, todavia o tracto com

tanta gente, aquelle mesmo seu viver tinha-a de prevenção contra um ataque repentino.

—Oh! de certo sr. Pedro, acudiu ella com ar de simplicidade e transparencia (permitti o termo) tão lhano, que parecia d'uma pomba.

—Pois eu, minha senhora, ainda hoje o conservo no meu coração tão vivo, como no momento saudoso que breve passou.

Joaquim Antonio quiz fallar. Viu-se-lhe uma contracção ou antes um estremecer de labios, como de quem forcejava por exprimir sons: mas o ardor da febre, que o devorava, queimou-lhe a expressão antes de poder sahír ao ar. Virou olhos a Paixoto, como duelista furioso viraria a ponta d'um florete.

Pedro Pereira comprehendeu quanta amargura e quanta dor revelava aquelle olhar. E acrescêntou, sorrindo de certo modo: — este meu amigo duvidou ha pouco do favor que merecia a v. ex.<sup>a</sup>, e como muito prézo semelhantes cousas, a v. ex.<sup>a</sup> peço o obsequio de confirmar a verdade a tal respeito.

A menina Luiza vio a pontaria do tiro. E n'um momento transfigurou-se. Desafivelou a mascara da ingeunidade, e appareceu com a de Diana tomada no banho, no instante de converter em veado o pobre do Acteon. Era uma cara feia como o peccado, mais feia do que as das manas Eumenides do negro Cocyto.

—E foi para isso que aqui vieram? Pois agradeço-lhes a visita, meus senhores, e sinto dizer-lhes que me não é possivel agora dar-lhes a attenção, que merecem. Espero alguém de cerimonia.

E levantou-se.

—E' uma despedida, minha senhora? — perguntou Pereira socegado.

Entendam como quizerem.

Os dois amigos olharam-se. Nos olhos de Joaquim Antonio viu Peixoto brilhar uma lagrima. Estenderam-se as mãos.

—Vamos-nos d'esta casa infernal! bradou o pobre moço.

Luiza nem esperou que sahissem da sala. Sem mais dizer passou a um quarto interior.

Ficando sós Joaquim lançou-se nos braços de Pereira, exclamando em soluços:

—Perdoa-me, meu amigo; esta mulher é uma vil. Mas, que me custasse a vida, hei de curar-me. Voto-a a toda a maldição d'um coração despedaçado. Que o inferno lhe pague o que estou sofrendo!

—Basta: sê homem. Essa mulher tem a paga em si mesma. Não merece lagrimas tuas. Vamos. Sahiram effectivamente

A esse tempo dava a menina a ultima demão ao seu toucado, e murmurava para si:

—E' o primeiro de quem me desfaço. Tenho pena d'elle!?

E a creada veiu annunciar o sr. Cesario.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

## OS PRIMEIROS NEGROS QUE VIERAM A PORTUGAL

Em 1441, Antão Gonçalves e Nuno Tristão, creados da Casa do Infante D. Henrique, sahiram em dois navios para os novos descobrimentos, por mando do mesmo Infante.—Nuno Tristão fez o seu descobrimento até ao Cabo-Branco, assim chamado pela alvura da sua terra, e Antão Gonçalves até ao Cabo dos Cavalleiros, (1) chamado assim, pela grande peleja que teve com os negros; porém, se mais infeliz que o seu companheiro, pelo combate que teve, foi todavia mais feliz; pois que, captivando muitos d'elles, foi o primeiro que apresentou ao Infante estas primicias da navegação.

Alegre ficou o Infante D. Henrique, — por já começar a recolher fructo dos seus trabalhos, e mais ainda, por ver que almas d'antes perdidas, tinham sido ganhas à Fé.

Com a vista d'esta boa preza muitos aventureiros, os mais d'elles do Algarve, se lhe offerceram, para á sua custa o servirem, e buscar suas aventuras; e da boa fortuna que Deus se dignasse dar-lhes, pagariam seus direitos, como a Senhor aquem aquellas conquistas pertenciam (2).

Nuno Tristão continuou muito além do *Cabo Branco*, e descobriu as Ilhas de *Adger* e das *Garças*, assim chamada pela abundancia destas aves, que ali encontrou; e voltou ao reino em 1443 trazendo mais de *quarenta negros*, captivos, que muito se estimaram por sua estranha figura (3).

Querem porém alguns escriptores, entre os quaes figura o veneziano Cadamosto, que os primeiros negros viessem de Cabo Verde, e que alli fossem tomados em uma almadia, pelo seu descobridor (4); mas este argumento cae por si mesmo, porque Cabo Verde foi descoberto por Diniz Fernandes entre 1443 a 1444 (5) e, como diz Goes, já n'estes annos havia muitos negros no reino, que os descobridores, e mais aventureiros traziam como grande raridade (6). S. Luiz, diz, que voltando em 1442 (7) Antão Gonçalves trouxera alguns barbaros, que ali captivára, que estes mouros prometteram dar em seu resgate alguns negros de Guiné, e que o Infante muito estimou esta promessa, pois que desejava colher informações sôbre as terras d'Africa. Os mouros exactos cumpridores da sua palavra, deram *dez negros* de dif-

(1) S. Luiz affasta-se da opinião do Chronista Goes. Diz elle:—Antão Gonçalves, que ainda era manco, foi ali armado Cavalleiro, e por esta circumstancia se deu áquelle lugar o nome de *Porto do Cavalleiro*. — Os Port. em Africa, tom 1.<sup>o</sup>

(2) Goes, Chron. do Pr. D. João, cap. VIII.

(3) S. Luiz, liv cit.

(4) Navegaç. de Cadamosto. Rel. 1.<sup>o</sup>

(5) Cardoso, Hist. Insul. liv. 2, cap. 8.

(6) Goes, Chron. do P. D. João, pag. 17.

(7) Damião de Goes, affasta-se desta epocha, diz elle, que o *Cabo do Cavalleiro* fóra descoberto em 1441: — é para julgar que a volta ao Reino fosse em 1442.

ferentes terras, e foram os primeiros escravos que da costa occidental d'Affrica vieram a Portugal (1).

O testemunho d'estes insignes escriptores levamos a crer, que o descobridor do *Cabo do Cavalheiro* fôra o primeiro, que mettêra negros em Portugal.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

Antes da interrupção d'este jornal já existia em nosso poder a seguinte carta d'uma senhora portuense, que hoje publicamos com a maior satisfação, pedindo-lhe mil desculpas por lhe não havermos dado a precedencia, que merecem seus escriptos — tanto pela origem, como pelo assumpto.

V. DA S.

## CARTA Á SENHORA PORTUENSE

QUE SE ASSIGNA

Uma afeiçoada dos Preludios-Litterarios

Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>: Não a conheço pessoalmente; é talvez pela distancia, que nos separa. Todavia o talento de V. Ex.<sup>a</sup> encarregou-se de a fazer de mim conhecida, ainda que por outro modo.

Li duas produções suas no jornal — *Preludios-litterarios*, a que meus labios chamam o — *Simbolo da instrucção portugueza*; e ambas me deleitaram muito, com especialidade a segunda, que produziu em mim uma sensação inexplicavel, por ver que o seu assumpto versava sobre a ociosidade.

Nutro uma esperança, — a esperança que nos extingue o pranto e parece apontar-nos para um horizonte de venturas; a esperança, que nos dá energia para arrostar com a adversidade; a esperança, que nos acalma a impaciencia, que nos lisongeia, quando, amedrontados, no meio do oceano, diante da immensidade e furor das vagas, estamos prestes a succumbir. Essa esperança, senhora, é — que virá um dia, em que eu, frente a frente, possa conversar com V. Ex.<sup>a</sup>.

Mas que digo eu! Não reflecti, que V. Ex.<sup>a</sup>, dotada d'um elevado talento, cultivado talvez á custa de avultadas sommas, ostentava incomparavel superioridade!

É mister pois que eu renuncie a esse projecto, que talvez mui prejudicial me seria; destituída de grandes principios, não teria idéas para sustentar com V. Ex.<sup>a</sup> a mais simples conversação.

É por tanto nas columnas dos *Preludios*, que eu vou ingenuamente conversar com V. Ex.<sup>a</sup> sobre a ociosidade, os bailes, os passeios, de que V. Ex.<sup>a</sup> se occupou no n.º 12 do citado jornal.

Minha senhora, eu não vou applaudir a ociosidade, porque, pelo contrario, a abomino do coração; e tanto, que me afflige ver os centena-

res de pessoas, e algumas de bastante instrucção, que divagam ahí por essas cidades, sem se procurarem que fazer, para evitarem assim o pererem á mingua, como infelizmente acontece todos os dias!.. De certo, a ociosidade arrasta a toda a casta de vicios; e se V. Ex.<sup>a</sup> chegar a convencer-se de que com suas publicações pôde fazer entrar na regra do bem viver principalmente as meninas ociosas, — desde já pôde contar com um pasmoso numero de corôas de louro, que lhe glorifiquem a frente. Mas, permitta-me que lhe observe, que me parece impossivel, que V. Ex.<sup>a</sup> possa extinguir-lhes essa predilecção que as domina por ser o seu nectarsaboroso...

O Creador, ao modelar as fôrmas da primeira mulher, deveu ensinar-lhe, que o trabalho é o seu primeiro dever: e a experiencia nos faz cren-tes hoje nos seguintes principios: que devemos aprender primeiro o indispensavel á vida, o util, e finalmente o curioso, o agradável.

E na verdade, este ultimo principio é muito razoavel, e até, como vulgarmente se diz, ouro sobre azul, quando unido ao menos com o primeiro. E tanto, que a senhora, que chegar a reger uma casa, sem as condições, que este ensina, posto que sobrem as do outro, não só passa vida amarga, mas amaldiçôa os encarregados de sua educação.

Quanto aos bailes e passeios, a que V. Ex.<sup>a</sup> allude, direi que os considero hygienicos, quando seu fim é só tirar-nos da monotonia dos trabalhos domesticos, fazendo-nos gozar d'uma atmospherá mais livre do que a das nossas habitações, que, por continuada, nos é prejudicial á saude.

Os bailes, ainda que pouco frequentes, tambem nos são precisos; pois que não só nos desenvolvem na acção, mas nos proporcionam occasiões, para nos habituarmos a fallar em publico sem acanhamento.

D'aqui infiro eu, portanto, que o tempo bem dividido pôde e deve chegar para tudo. O talento, minha senhora, ha de brotar com o individuo; e quando assim não acontece, quando se não possue assim este tão apreciavel dote, pôde ter-se por certo, que só com a lição dos livros, por muitos que sejam, se não adquire a sua perfeição. Deve convencer-se que um talento cultivado, não se aprecia tanto, como o que o não é.

Por fim: eu gosto muito dos livros e frequento-os com especial prazer, sem que até hoje, graças á Providencia, sua leitura me tenha perturbado... Tambem me entrego aos prazeres da musica, e tenho entendido que com isso não levo prejuizo a uma só hora dos trabalhos proprios do meu sexo.

Coucluo pedindo-lhe que me desculpe, se a offendi em suas idéas, pois confesso que não foi minha intenção vituperar alguem.

De V. Ex.<sup>a</sup> creada reverente

(1) S. Luiz — Os Port. em Affrica tom. 1.º pag. 14

## TRADUÇÕES OU IMITAÇÕES

OFFERECIDAS AO EX.<sup>mo</sup> SR.

**Dr. Francisco de Castro Freire**

POR

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro

1.<sup>a</sup>

### RAIO DE SOL — RAIOS DE AMOR

(Tradução livre de Victor Hugo)

Oh! nunca as faces da mulher perdida,  
Que da honra deixou a senda nobre,  
Co'o insulto verbereis!  
O peso, a que ella viu a alma rendida,  
Os dias, que luctou co'a fome a pobre,  
Por ventura o sabeis?

Quando o gélido sopro da desgraça  
De a virtude guardar lhe nega a esp'rança,  
Quem é que inda não viu  
Uma d'essas mulheres, que se abraça  
Largo tempo com ella — e que allim cansa  
Por que a fome o exigiu?!

Tal vemos sobre um ramo arredondar-se  
Uma gota de chuva rutilante,  
Em que o céu se revê:  
Com a arvore a agitámos; segurar-se  
Tenta em vão... Era perola brilhante;  
Cahiú — só lodo é!...

É toda nossa a culpa; e o abastado,  
Cujo ouro seductor a corrompêra,  
Tambem a culpa tem;  
E esse mundo, que ri do desgraçado,  
Que zomba das miserias, que elle gêra,  
É culpado tambem.

Mas dentro em si conserva o lodo ainda  
A gota de agoa pura, que libára;  
Para que ella do pó  
Consiga desligar-se, e outra vez linda  
Ostente essa pureza, que deixára,  
E crystal seja só;

Para que do vil lodo isenta, solta,  
De perola retome esse, que teve,  
Primitivo esplendor,  
Basta — e é assim que á vida tudo volta —  
Ou um raio de sol, que a si a eleve,  
Ou um raio de amor.

Dezembro de 1859

2.<sup>a</sup>

### A ROSA

(Tradução de Casimir Delavigne)

Da aurora aos primeiros raios  
Uma rosa o seio abria:  
Nas rubras folhas fulgia  
Pranto, que a manhã chorou;  
Quando a vi do orvalho ao peso  
Tristemente estar pendida,  
Um momento a alma illudida  
Que ella sentia julgou.

— Porque choras rosa tímida?

Que desgosto vem curvar-te?  
És amada em toda a parte,  
Nos jardins não tens rivaes:  
Que desgraça então te afflige?  
Aos prazeres consagrada,  
Se da hastea és separada  
Das bellas p'ra o seio vais.

És buscada com delicias,  
Como entre as flores mais bella...  
— E, agitando o calix d'ella,  
Os seus prantos saccudi.  
Ai! minha mão temeraria,  
Ao tocar-lhe, a rosa esfolha;  
E na terra, folha a folha,  
A pobre desfeita vi.

Comnosco o mesmo succede:  
O que deseja, indiscreto,  
Consolar pesar secreto,  
Vai o mal tornar maior:  
Em vez de dar o conforto,  
Que o pungido peito exige,  
A sua piedade afflige,  
Mais augmenta a occulta dor.

Dezembro de 1859

### EXPEDIENTE

*Carta anonyma* — Á que alludimos no numero passado de nosso jornal — foi publicada no n.º 500 do *Tribuna Popular*, pag. 3.<sup>a</sup>

*Satisfação razoavel* — Tendo sido objecto de duvida o valor d'aquelle B, que, no n.º 15 de nosso jornal, pag. 115. lin. 22, empregámos para significar um nome; e cedendo voluntaria e gostosamente a um pedido, que se nos fez, declaramos — que aquella mesma letra foi por nós empregada para exprimir um dos appellidos de nosso amigo collega A. M. dá C. B.

COIMBRA — IMPRENSA LITERARIA

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## PRELUDIOS - LITTERARIOS

É neste jornal, a que tantas vezes temos confiado nossos mais intimos sentimentos, e que foi, é, e ha de ser sempre lido por muitas gerações academicas, — que nós vamos registrar a resposta, que demos a nosso amigo o Bacharel José Rodrigues de Figueiredo, de S. Pedro do Sul, quando, informado dos revezes, por que ultimamente temos passado, nos lastimou e nos prometeu empregar toda sua solitudine em socorrer-nos e minorar nossos infortunios, cedendo-nos o producto de seus trabalhos de advocacia.

Eil-a:

«Coimbra, 15 Novembro 1860. Figueiredo: acabo de receber tua carta, de 13 do corrente mez, que me sensibilizou vivamente, que veio suavizar-me por um pouco, as dôres de meu infortunio!...

Eu te agradeço, pois, esta gota de balsamo, que tua alma generosa e compassiva veio, em tam tristes momentos de minha vida, derramar sôbre as chagas de meu coração! eu t'a agradeço; pois que, com ella, trouxeste allivio a minhas penas, esperança a meu desconsolo!

Figueiredo, ouve:

Em 1849 era eu ainda muito feliz...; tinha um irmão, que satisfazia todos meus caprichos, que me estimava tanto, como se eu fosse seu filho...

Achava-me em Lisboa: estudava na Eschola Polytechnica.

Os dias corriam-me alegres, e tudo em mim parecia sorrir de ventura...

Em cada condiscipulo, em cada collega meu eu via um irmão, um amigo dedicado; em todos uma affeição desinteressada...

Não conhecia então nem a inveja, nem o odio: ninguém me aborrecia, ninguém me evitava...; era rico... pelo menos nada pedia, se não repartia com muitos o que julgava inutil... ou pouco apreciavel...

Por outro lado: o estudo era para mim um fim, e não um meio, como depois, para servir-me de introduccão a um mundo, que apenas em sonhos começara a revelar-se-me.

Não tinha por tanto ambições nem de fortuna, nem de gloria...; satisfazia-me meu estado...; era

Junho — 1860

creança... Não embaraçava os outros... ninguém reparava em mim... era feliz...

Uma nova ordem de idéas, depois, fez-me abandonar meus estudos... Sai de Lisboa: dirigi-me á Hespanha e á França.

Querendo *praticamente* estudar os homens... e as coisas, passei por mil transformações, confundi-me por todas as classes...

Voltei em 1853.

Era homem.

O sopro da desgraça tinha-me crestado a existencia antes de tempo...

Duas crenças existiam porém ainda em pé em meu coração, uma robustecida no proprio infortunio, outra na necessidade de affrontar o perigo imminente...

Sem ellas teria succumbido...

Cria em Deus e na vida de meu passado.

Na primeira, encontrava amor e perdão...

Na segunda, vida e esperança nas coisas d'este mundo...

Aquella dava-me resignação para supportar os revezes.

Esta energia; vontade para os combater.

Tal era o estado de minha alma, de meu coração ao entrar em Coimbra.

Novamente collocado no seio d'uma sociedade, que tam gratas recordações me trazia de meus primeiros annos; não podendo vêr em cada condiscipulo, em cada collega meu da Universidade menos, do que tinha visto nos da Eschola...; esqueci-me de que tinham passado sôbre mim quatro annos de acerbos desenganos, em que havia perdido, com um mundo de crenças, fortuna e prazeres; em que a idéa de ambição... começara a imprimir um novo caracter em todos meus pensamentos, em todos meus actos!

Fatal deseuído! que me teria feito renegar até o proprio Deus, se, na invocação de sua omnipotencia, eu não tivesse encontrado meu poder contra os que, em seu desprezo...; em seu odio...; em sua vingança, têm pretendido esmagar-me honra, liberdade, intelligencia!

Assim, passado o primeiro momento de surpresa...; amigas que eu suppunha, milhares de vistas se fixaram sôbre mim com desconfiança...

VOLUME II

N.º 17

Pronunciou-se meu nome com hesitação..., poz-se em duvida a terra de meu nascimento..., minha pobreza pareceu-lhes calculada..., a triste expressão, do que me passava no intimo d'alma, hypocrisia, remorso... soberba ou orgulho...; em fim, meus passos foram medidos, minha liberdade circumscripta á do mendigo..., minhas palavras sopesadas, o mais insignificante de meus actos disse-cado, com o fim de descobrir n'elle mais um insulto com que arrojear-me ás faces!.. Oh! nunca a dignidade humana se sentiu mais vilmente injuriada!

!E eu havia voltado a meu paiz... e eu tinha vindo procurar em Coimbra, no meio d'uma sociedade de mancebos, onde todo sentimento devia ser puro e grande, o esquecimento para minhas magoas passadas, o remedio para meu futuro duvidoso e triste!.....

Ai! quizera estar escrevendo-te as primeiras linhas d'um romance, ou as impressões deixadas na memoria por um horrivel pesadêlo, em que assim se me houvesse afigurado minha existencia de sete annos em Coimbra!

Porém, infelizmente, bem longe vou ainda de toda a realidade... Essa monstruosa carta, que ainda ha pouco me dirigiram meus inimigos, e que eu fiz publicar, para que, amarrada assim a injustiça dos homens ao pelourinho da opinião publica, todos a vejam cair em pedaços diante do irresistivel poder de Deus e dos tempos,— não é, amargo é dizel-o, senão a synopse, do que ainda hoje e geralmente se pensa de mim em Coimbra!

Mas essa terrivel prova, por que tem passado minha vontade, minha energia, todas as faculdades de minha alma, e que teria aniquilado n'outro resignação, esperança, todo sentimento bom, a mesma razão..., não tardará, que toque seu termo; e então; ai dos culpados! que a espada da justiça assim opprimida, collocada em minhas mãos pelo Omnipotente, será inexoravel em sua punição!

Eu te agradeço, pois, essa gota de balsamo, que tua alma generosa e compassiva veiu, em tam tristes momentos de minha vida, derramar sobre as chagas de meu coração! eu t'a agradeço; pois que, com ella, trouxeste allivio a minhas penas, esperança a meu desconsolo!

Longe d'aqui assististe com os olhos do espirito a minha agonia..., indignaste-te contra o carrasco, gemeste com a victima! Coração nobre! e abriste a teu amigo um peito rico de virtudes, para robustecer-lhe as crenças, que no seu lhe morriam, e sacrificaste a suas necessidades, a seu repouso, a seu contentamento o producto das longas horas de teu trabalho, os prazeres dos mais bellos annos de tua existencia!

! Não!

D'um amigo como tu, — basta-me uma lagrima para ser feliz!...

Costumado a toda sorte de privações, ferido sem piedade todos os dias em minhas mais caras affeições... pouco falta para que me não tenha tornado insensivel aos golpes da desventura...

Deixa, pois, que eu só esgote todo o fel, que ella contem; é o prazer, é o orgulho do martyr...

E que sobre ti, alma pura e generosa, caiam tam sómente os beneficios, que mereces por tuas virtudes.

Adeus.

V. DA SILVEIRA

## CANDIDA

II

Como principia uma paixão

Continuado do n.º 15, T. II

Um dia, era ao pôr do sol, fazia frio, mas o céu estava limpo de nuvens e a atmosphera não era agitada por a mais branda aragem. Candida estava na extremidade do jardim em um pequeno pavilhão, que deitava mesmo sobre a estrada: Julio de Vasconcellos passou, e Candida seguiu-o com a vista. Quando perdido ao longe, deixou cahir a fronte sobre um dos braços, em quanto na outra mão sustinha uma rosa, que insensivelmente ia apertando e desfolhando: as ultimas pétalas da flor tinham-lhe cahido desfolhadas no regaço, e ella permanecia ainda, como immovel e presa, na sua meditação. Tinha anoitecido e nem assim sentia o frio da noite, que lhe enregelava os membros.

N'esse momento viu ante si uma sombra e ouviu uma voz vagorosa mas irrestivel, que dizia assim:

— Senhora... eu amo-a.

Candida ergueu-se assustada e sorprendida: quiz gritar, mas a voz embargou-se-lhe no peito; e, inerte e sem forças, deixou-se outra vez cahir no mesmo assento.

— Senhora, continuou Julio, pois era elle, V. Ex.<sup>a</sup> pôde com uma só palavra dar-me a vida ou a morte. Não me humilhei, há vinte annos, deante de mulher alguma; porque já não acreditava no amor. Agora não posso duvidar d'elle; mas não me humilharei ainda. Exijo só a resposta a uma pergunta, que vou fazer. V. Ex.<sup>a</sup> quer desprezar a affeição, que me deve ter lido nos olhos, que tem talvez animado, ou quer dar-me uma parte do seu coração, como teve a força de me roubar o meu?

— Senhor, murmurou Candida, como entrou aqui... que pretende?...

— Perdão, continuou Julio imperturbavel, perdão... não se tracta agora do modo, por que entrei aqui; naturalmente devia de ser aquelle, por onde toda a gente pôde entrar tambem. O que pretendo,

acabo de ter a honra de o dizer a V. Ex.<sup>a</sup>; e tenho de novo a honra de lhe certificar, que esperei uma resposta...

— Mas, senhor...

— Tenho a advertir a V. Ex.<sup>a</sup>, que é tarde bastante e podem dar por a sua falta; no entanto não sahrei sem essa resposta implorada. Se V. Ex.<sup>a</sup> me disser, que me não ama, que jamais me poderá ou quererá amar, tenho a coragem sufficiente para me matar; se V. Ex.<sup>a</sup> realizar as minhas esperanças, diz-me o coração, que seremos felizes.

— Mas... senhor...

— Vem gente, parece-me ouvir a voz de seu pae. Responda, senhora, amar-me-ha V. Ex.<sup>a</sup> um dia ou quererá matar-me? que diz senhora?...

— Deixe-me, senhor! é meu pae, que se aproxima...

De facto ouvia-se já distincta a voz do general, que chamava sua filha.

Deixe-me, senhor, continuou Candida embarçada; quando não, grito...

— Perdão, continuou Julio, agarrando-lhe com força em uma das mãos, se V. Ex.<sup>a</sup> grita, descredita-se, porque ninguém julgará que estou aqui contra sua vontade; e depois, é tão simples o que lhe peço, tão facil a resposta, que exijo...

— Saia... senhor...

— Não sahrei... não posso subjugar esta força, que me impelle para V. Ex.<sup>a</sup>, morrerei com ella, se não fôr animado por uma palavra só de V. Ex.<sup>a</sup>... Candida, responda... aceita este amor?...

— Por piedade, senhor, deixe-me...

— Chega seu pae, não o vê?... uma palavra só para me arrancar d'este inferno de torturas... Candida, o seu coração não lhe aconselha a compaixão sequer?

— Piedade, senhor, piedade meu Deus! balbuciou a pobre desfallecida; e, como já em um sonho, continuou... ah! porque havia eu de encontrá-lo... e amal-o-hei eu?!...

— Amas sim, Candida! amas... tu o disseste, atalhou Julio, poisando-lhe ardentes os labios sobre os d'ella.

N'esse momento Candida viu já perto seu pae, e ao mesmo tempo sentiu aquelles labios de fogo poisarem-se-lhe sobre os d'ella; deu um grito de susto e desmaiou. Julio deixou-a cahir, e, murmurando inintelligivel, sahio apressado por um lado, em quanto o general entrava pelo outro. Ao encontrar a filha desmaiada e fria tomou-a nos braços e gritou:

— Minha filha, que foi isto?!... soccorro!...

Correu como um louco com ella, sempre desmaiada, fêl-a deitar e applicou-lhe todos os carinhos de um pae extremoso, até que passados minutos viu, palpitante de alegria, seus olhos abrirem-se-lhe e ouviu uma voz, sumida ainda, perguntar:

— Aonde estou eu?... fugiu...

— Que dizes minha filha?... não fugi, não; estou aqui, é teu pae, que te beija, não vês?...

— Ah... meu pae...

— Isto não foi nada, descança, minha filha... havia de ser o ar frio da noite: olha, não voltes para o jardim aquellas horas, e só, não?...

— Oh! nunca, nunca...

No outro dia Candida ficou de cama, o choro reventava-lhe dos olhos a cada momento, e o sono não lhe fechava por um instante as palpebras. Passados quatro ou cinco dias ergueu-se pela primeira vez, e, approximando-se do toucador, encontrou um pequeno bilhete que dizia assim:

«Candida—Não pretenda illudir-se, não queira lutar contra o seu coração. O seu amor não pôde deixar de ser puro como o meu.

«De mais, para que m'o confessou?..

«Coragem pois e deixe campo livre a seu sentimento nobre, que nos mandou o céu; não o queira contrafazer, não despreze a ventura, que nos espera. Olhe que o meu coração adivinha o seu...; ame-me com todo o amor, que Deus nos deu, e tenha confiança n'elle.»

Este bilhete não vinha assignado, mas Candida adivinhou o seu auctor.

Mas como appareçêra elle alli? quem o trouxera?... Este mysterio, e a força d'aquelle olhar, d'aquellas palavras que lhe soavam ainda ao ouvido, terminaram por a vencer completamente. Quiz revelar tudo a seu pae, mas um acanhamento irrestível lhe impoz silencio: uma afflicção constante a perseguia. Um segundo bilhete, que recebêra, ou antes encontrara como o primeiro, acabou de a determinar, e uma noite, ao dar das onze horas, deu ella a primeira entrevista a Julio de Vasconcellos.

Desde esse momento fugiu-lhe a vontade, perdeu-se-lhe a alegria: depois de tres mezes, que tinha principiado esse amor, Candida vivia só de Julio e não podia vencer a influencia, que aquelle homem exercia sobre ella.

Foi pois n'estas circunstancias, que, na vespera da sua partida para Cintra, ella o mandou chamar e recebeu no jardim na occasião, em que principiamos este capitulo.

Veremos o que se seguirá.

(Continúa)

A. F. DE LOURKEIRO

## MELODIAS OU CANTOS D'ADOLESCENCIA

DO

Sr. João Joaquim d'Almeida Braga

Ha tempo foi-nos offerecido por um amigo nosso um exemplar das — Melodias, ou — Cantos d'Adolescencia, do sr. João Joaquim d'Almeida Braga.

Notamos no joven bracharense, que apenas conta 22 primaveras, um estro verdadeiramente poetico, e um gosto decidido pela poesia.

Está hoje de tal modo cultivado este ramo de

Bellas Artes, que é difficil sair da vulgaridade, perigoso afastar d'ella; e com tudo, no seculo actual, todos querem ser poetas! A consequencia é clara.

O scepticismo fornece mais armas e um campo mais vasto para longas dissertações; e debaixo do titulo de sceptico analisa-se tudo e tudo pôde censurar-se ainda as maiores bellezas da creação; e por tanto suppre-se com o scepticismo os poucos recursos da intelligencia, e o globo verga debaixo do peso de produções descrentes, a que, com pouca modestia, seus auctores chamam poeticas.

O sr. Braga saiu da vulgaridade, e a nosso ver, foi feliz.

A missão do poeta sôbre a terra é nobre, é sagrada. Canta as bellezas da natureza, porque sabe comprehendel-as e aprecial-as; canta tudo o que é bom, nobre e virtuoso, porque vive n'uma esphera superior ás desgraçadas ambições do homem.

Eis a razão, por que o poeta é quasi sempre infeliz. Elle vive, sente, goza, soffre e morre sempre n'uma atmospheria religiosa, onde se respira o amor dos grandes sentimentos. Quando se eleva até Deus goza, extasia-se: quando desce entre os mortaes soffre, mas com um soffrer que despedaça. Seus cantos são puros, sinceros, nascidos d'uma alma ingenua; e o mundo admira o auctor mas chama-lhe louco.

Seus conselhos são sabios, prudentes, filhos do desinteresse; e o mundo reconhece-os, mas despreza-os.

Esta missão comprehendeu-a o sr. Braga. Passando através dos caprichos e invejas humanas, arrostando com a influencia das vís paixões, foi, sem deixar perverter-se-lhe a alma, apreciar o justo e o grandioso, foi com um sorriso de compaixão estender mão benevola aos desgraçados, apontando-lhes Deus e a Eternidade, como mostram as suas poesias a — *Virgem* e a — *Perdida*; foi, como verdadeiro portuguez, chorar sôbre campa de velhos e bons portuguezes; finalmente, como bom christão, odeando o *voltairanismo* e o *diderotismo*, foi, em todas as suas poesias, prestar culto e homenagem em tudo e por tudo ao Auctor da Creação.

Esta é a vontade de Deus, este é o espirito da religião, esta é a missão do poeta.

Continue o joven bracharense na senda, que tão brilhante encetou, e folgaremos de o ver occupar um logar distincto entre os nossos primeiros poetas.

A. L. T. CRESPO

## UM AMOR SEM ESPERANÇA

I

Era uma bella tarde de junho de 1857.

O sol caminhava placido a sumir-se no occidente; mas sua luz radiante e pura ainda me não

permettia fixal-o. Tendo por costume vel-o mergulhar-se no oceano, havia chegado á minha janella, d'onde descobria ao longe vastos campos, em quanto que mais perto podia gozar das vistas d'um bello jardim, cujas rosas, bem como outras flores de maior brilho ainda, me enviavam simultaneamente seus aromas deliciosos.

Era uma tarde inteiramente bella!

Ouvia-se o sardo murmuro da fonte, e o brando e suave canto dos passarinhos, que, de quando em quando, eu via atravessar velozes em demanda de suas aereas habitações, levando o sustento a seus filhinhos.

Quanto é para invejar a vossa sorte, pensei eu então, vós, que gozáes assim d'um puro inextinguivel amor, em quanto que, entre os homens, elle é tantas vezes calculado ou ephemero!

Assim fui discorrendo por muito tempo, até que cançada já, opprimida por tão tristes meditações exclamei: Oh! aqui tudo são prazeres, tudo alegria! e estão elles em harmonia com o estado de minha alma?...

Não! tendo nascido só para soffrer, meu coração sente-se torturado continuamente por mil idéas, com que o meu espirito naturalmente melancolico me occupa o pensamento! É preciso pois que me afaste d'estes logares...

D'ahi a pouco achava-me fóra de casa e a bastante distancia: tinha caminhado ao acaso: olhei e conheci que havia penetrado na morada dos mortos.. Fui lendo os epitaphios...

É aqui, ia eu dizendo, aonde a morte, sem attenção ao mais elevado nascimento, á mais brilhante fortuna nos conduz! é aqui onde luxo e vaidades humanas tudo termina! é aqui, onde os mais nobres senhores da terra, baixando de seus magnificos e elevados palacios, vêm, avassallados pela morte, associar-se para sempre com esse vulgo, com essa pobre classe, que outr'ora tanto desprezaram!.. é aqui, finalmente, onde o pó vem juntar-se ao pó, de que todos somos feitos!..

Pensando assim minha alma se voltou para Deus, e cheia d'angustia exclamei: Ó meu pai, meu verdadeiro pai! dai-me forças para encarar a morte, cujos estragos horriveis me enchem de espanto! Piedade, meu Deus, piedade! estou cançada, sinto-me desfallecer...

Não pude terminar: uma voz, que parecia d'um muribundo, chegou a meus ouvidos: escutei e percebi as seguintes palavras:

—Está decedido... minha vida tinha de ser uma continuada cadeia de infortunios... No que todas encontram prazer eu só devia encontrar desgosto e magoas... chora, goteja sangue meu dilacerado coração... Minha cabeça perde-se ainda com a recordação d'esse ingrato Alfredo...

Não pude ouvir por mais tempo essa voz, que me pungia n'alma, sem procurar soccorrer aquella que assim se queixava: deixei a lugubre habitação dos mortos, e corri precipitadamente para o bosque, onde a mesma voz se fizera ouvir.

Uma joveu, que mostrava ter apenas uns 18 annos, pallida, desfigurada—estava alli sentada sobre uma pedra: assim que me avistou um vivo carmin lhe tingiu as faces, tornando-a mais bella: havia em seu rosto não sei que de attraente. Seu vestuario indicava indigencia, mas sua graça natural, que não chega a meu escaço talento o descrever, fazia esquecer inteiramente seu aspecto de pobreza. Os olhos eram d'um preto vivo e encantador, a boca amavel e graciosa, e em seus labios errava um sorriso constrangido. Os cabellos pretos ondulavam por sobre seus eburneos hombros:—era assim mesmo divinamente bella; não carecia de fausto para fascinar os homens. O Supremo arbitro da natureza a tinha dotado de todas as perfeições.

(Continua)

## COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 9, 13 e 16, tom. II.

### CAPITULO VII

*La Traviata n'uma guitarra. Morte de Rigoletto. De como o coração humano é uma grande extravagancia.*

Nos *Preludios* não se pôde escrever coisa seria. A mim, ao menos, é decedidamente impossivel. É uma idéa que repugna tanto ao meu espirito, como ao meu ouvido, o escutar *La Traviata* n'uma guitarra. Cada coisa neste mundo é para o que é: aliás vae tudo pelo pó do gato. Escrever um artigo massudo, desenhar um quadro completo, tratar um assumpto de historia, um trabalho de critica, ou assim coisas de tal jaez n'um jornal d'esta natureza, parece-me tão fóra de proposito como vestir uma casaca e calçar luvas de pelica branca para ir visitar um estudante.

Ora eu não quero fazer escola com taes idéas. Cada um pôde pensar como melhor quizer, e escrever como melhor pensar. Só trouxe aqui isto para lhes contar uma passagem, que me aconteceu com este capitulo, que já tinha quasi acabado e tive de tornar a fazer inteirinho de fio a pavio.

Vão ver, e tomo-os para juizes, se fiz bem ou mal.

Não me recordo bem, mas creio que principiava por dizer que o sr. Joaquim Antonio Ribeiro ficou inteiramente curado com a lição de Luisinha. E explicava o facto muito naturalmente, pouco mais ou menos d'este modo:

« Assim como as bexigas incommodam só em quanto não rebentão, e depois passa com a dôr o perigo: assim o amor cahe de toda a altura do seu poder, se um desaffogo o allivia ».

O desaffogo foi aquella lagrima, que cahiu fer-

vente no seio do amigo. Ficou prostrado e abatido, como em convalescença de grande molestia, como homem a quem houvessem feito dolorosa operação; mas bem disposto a deixar-se melhorar. E não admira nada.

N'este mundo ha homens para tudo. Ha uns para quem a mulher é traste inteiramente inutil: outros para que é inteiramente necessario. E aqui ainda ha suas differenças. Para uns é necessidade physica; para outros necessidade de cabeça; para uns terceiros necessidade de coração. Para os primeiros a mulher é a *femea do homem*; para os segundos uma idealidade; para os terceiros uma paixão. Aquelles são a immensa maioria da vulgaridade, estes são os poetas que escrevem; est' outros poetas que calam.

Joaquim Ribeiro era d'estes ultimos. Por isso soffria e sentia, como só estes homens sabem sentir e soffrer. Homens d'estes pouquissimas mulheres os comprehendem, porque não sabem alindar-lhes frioleiras, alambicar-lhes expressões de mentido affecto, derreterem-se deante d'ellas em ternura de romance. Sabem amar em todo o elevado sentido da palavra; e as mulheres d'hoje substituiram o amor pelo galanteio. Não sei se ganharam: talvez.

Ainda que Luiza não caminhasse debaixo d'um plano, como dissemos no capitulo anterior, tal homem nunca lhe poderia servir para nada. Era muito *pelludo* para uma menina tão *civilisada*. Um parvalheira, que o muito a que podia chegar era entregar-lhe inteira uma vida cheia d'amor, não podia de modo nenhum bastar a uma mulher, que ambicionava um amor cheio de vida.

Foi isto que Ribeiro viu, quando dos olhos lhe cahiu a venda. Foi um golpe de que lhe custou a vingar, porque nunca tinha amado outra mulher, e aquella amava-a como n'este mundo se pôde amar.»

Depois de dizer isto tudo, mas em palavras bombasticas, o capitulo entrava a desenhar um quadro, que realmente era de tentar um sancto. É pena que vol-o não possa aqui mostrar como lá estava. Mas façam idéa.

Era por uma tarde de inverno, e até creio que de chuva. Numa casa pequena e bem agasalhada estavam tres mulheres a trabalhar. Uma era já grave mas ainda graciosa. Dava ares de mãe. As outras duas moças e viçosas. Todas tres grupadas em volta d'um bastidor, e ao pé um famoso gattarrão. A mãe fallava, as filhas escutavam, o gato abria a boca e espichava-se.

Nisto batem palmas na escada.

—Quem é? perguntou a mãe.

—Um creado de V. Ex.ª, minha senhora.

—Queira subir, sr. Pereira.

A mais nova das filhas fez-se de malagueta até ás orelhas, a mãe percebeu-o e sorriu para dentro, a visita foi entrando:

—Muito boas tardes, minhas senhoras, e os meus respeitos: senhora D. Candida, como está V. Ex.ª?

—Agradecida, sr. Pereira, estou boa. Queira

sentar-se. Amelinha, tome aquelle chapeu e bengalla do sr. Pereira.

A visita entregou o chapeu e a bengalla, e sentou-se.

Aqui havia mutação de scena. O bastidor arri-mava-se no vão da janella, o gato pulava para cima dos joelhos da visita, as filhas perfilavam-se ao lado da mãe, que, de toda a roda, era a unica que conservava a sua posição. E continuou ella disendo:

—Por todos os motivos estimei muito a sua visita, sr. Pereira, mas especialmente porque tinha necessidade de agradecer-lhe os bons serviços, que meu filho lhe deve; estou de veras penhorada.

—Confunde-me, minha senhora. O que mais fiz foi alliviar a minha consciencia, cumprindo um dever. Nunca me perdoaria que deixasse cahir um amigo num despenhadeiro. Estendi a mão e tão feliz que o pude salvar.

—Sofismas da modestia, sr. Pedro, ou antes subterfugios de alma grande, que esquiva agradecimentos. Pois se não quer que lhe agradeça o favor que fez, agradeço o beneficio que recebemos.

A minha formosissima leitora é fina como um coral. Já advinhou com que gente está tratando; e agora lhe lembra o capitulo terceiro, onde se falla d'uma casa de portas verdes. Não digo mais nada.

Depois d'aquella scena do capitulo antecedente, tinham-se passado alguns dias, que tinham feito immensa alteração nas disposições de quasi todos os nossos personagens.

Luiza, que de justiça é se memore primeiro, tinha soffrido um grande desgosto, e morrêra, dizia ella, para o mundo. Desde o dia em que ultimamente estivemos com ella, sahindo nós ao tempo que entrava o sr. Cesario, não tinha mais sahido do quarto. Quando alguém perguntava a causa d'aquillo, respondia a creada que tinha morrido o *Rigoletto*, e que a menina estava por isso inconsolavel. A verdade não sei qual seria.

Cesario encontrára-se no dia seguinte com Peixoto.

—Então, perguntou este, que houve com aquella mulher?

—Disse-lhe simplesmente, que tinhas sido tu que ditáras aquella carta.

—E ella?

Deu-lhe um ataque de nervos, e quando voltou a si já me não achou. Nem mandei saber d'ella.

—Dá cá um abraço, que és um grande homem, apesar de janota.

O sr. Paulo Rodrigues do Patrocínio, como demos a entender no capitulo iv, recebeu no mesmo dia duas cartas de Luiza, na primeira das quaes o despedia das suas pretensões, e na segunda lh'as restituia todas. «Apenas havia um obstaculo a vencer, acrescentava ella, obstaculo em que firmava principalmente a negativa do pae, que era o pretendel-a tambem Sousa Paiva, que ella não podia ver.»

O bom do ex-tenente, no primeiro momento de entusiasmo, por se ver preferido a um rico herdeiro por aquelle anjo em forma de mulher, escreveu aquella famosa carta, que os leitores conhecem, e após a carta teria seguido a farrusca, se Cesario não morasse a distancia aonde ella não alcançava. Dormiu porem, sôbre o caso, e o somno matou-lhe o entusiasmo. Das ruinas mal surgiu um resto de senso commum, e o homem pensou melhor.

Effectivamente a *independencia* e *fortuna* de Luiza não passavam de bonitas idealidades ou bons desejos. Luiza era uma menina que alguma coisa tinha da parte da mãe, mas de nada dispunha nem podia sob a tutoria do pae. D'accordo com elle, ainda o casamento tinha alguma vantagem, porque ficavam vivendo em familia, e o velhote era fama ter alguns cobres escondidos: do contrario não merecia a pena, e de mais a mais com a pensão de tirar a mulher por justiça, o que equivalia a compral-a por tresentos ou quatrocentos mil réis.

O sr. Patrocínio, depois d'estes calculos, sentiu córarem-lhe as faces pela ridicula figura que tinha feito, e fez por esquecer aquelle episodio.

Um bello dia, porem, ali pelos principios de janeiro, recebeu uma carta que lhe fez de novamente subir o sangue á cabeça. Luiza lançava-lhe em rosto a sua demora como prova de ingratição: fallava-lhe muito do seu amor e exegia uma resposta a tantas provas dos seus extremos.

Desculpem, se quizerem, esta digressão, e continuemos no ponto em que iamos.

—E o pobre moço, como está, melhor? — continuou Pereira, desviando a conversação. Ha mais de oito dias que o não vi.

—É que não tem cá estado. Logo no dia immediato, ao em que estiveram ambos, sahiu para a quinta, e por lá se tem conservado.

Meia hora depois era noite fechada.

Pedro Pereira levantou-se, tomou o chapéu e dispunha-se a sahir

—Então não nos faz companhia ao chá? perguntou D. Candida: é o nosso chá simples de familia; mas, como não é a primeira vez, não tem que estranhar. É desculpar mais uma.

—Mil vezes obrigado, minha senhora: hoje peço licença para retirar-me.

As duas filhas, fieis á sua educação, não tinham dito pio. Estava a mãe conversando, e era com um homem. Duas razões qual d'ellas mais fortes para lhes reter muita vontade que tivessem. Eram filhas exóticas, bem se vê, mas para exótico tambem ha gostos. Eu antes as quero assim, do que muitas palradeiras que conheço, que tagarellam as estopinhas em tres ou quatro linguas. Em todos, e em mulheres principalmente, quem mais calla, mais acerta.

Pedro Pereira da Penha Peixoto pensava n'este particular exactamente como eu, do que aliás muito me lisonjeio. E tanto assim, que tendo tenção decedida de sahir, tal impressão lhe fez um volver d'olhos

da Amelinha, que tornou a poisar chapéu e bengalla e deixou-se ficar.

De ha muito que Pereira experimentava em si o que quer que era, que não sabia definir, quando se achava em frente d'aquella menina. Era elle um homem bastante practico nisto a que por ahi se chama amor; e certo estava de que amor não era. Ou elle não sabia o que era amor. Quando a via não se inflammava, não sentia o sangue em fogo, a cabeça em brasa, a respiração curta e violenta, o coração bater descompassado e forte. Nada d'isso. Pelo contrario: sentia-se como que repousar de todo esse alvoroço de sentidos, repassar-se todo d'uma frescura suave e deliciosa, mas deliciosa num sentido, novo, inteiramente desconhecido para elle, e que todavia o fazia gozar gozos indisiveis de que lhe não fallava a memoria em nenhum outro periodo da vida. Elle, tam agil, tam corrente, era como se o tivessem prezo em estando ao pé d'ella. Não ousava quasi dirigir-lhe palavra. Parecia-lhe que na sua linguagem não havia coisa que podesse dizer-lhe.

De ha muito que isto lhe succedia, mas não tinha dado cuidado a tal coisa, quasi que nem d'ella bem tinha consciencia. Aquelle olhar de Amelia foi um raio de sol, que lhe allumiou lá dentro, e viu então claro o que no espirito lhe ia.

Ha coisas assim.

Tomou chá, demorou-se até dar horas, e sahio com vontade de ainda ficar.

O coração do homem é uma estravagancia muito grande, por mais que me digam.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

## TRADUÇÕES OU IMITAÇÕES

OFFERECIDAS AO EX.<sup>MO</sup> SR.

**Dr. Francisco de Castro Freire**

POR

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro

3.<sup>a</sup>

### A UM POETA

(Tradução de C. Delavigne)

Córa, poeta, de invejar ao vulgo  
Repouso esteril, que seu peito zéla;  
Deram-lhe os deuses todo o bem da terra,  
E a nós a lyra.

São teus os séculos, tua patria o mundo;  
Morremos — tem nossa memoria altares,  
Nos quaes eternas o porvir prepara  
Honras ao genio.

Tal a aguia altiva dos trovões á estancia  
Sóbe, e seu vôo sustentando ousado,  
Dizer parece: — Filha sou da terra,  
Mas nos céus vivo!

Junho de 1860

4.<sup>a</sup>

### A FOLHA

(Tradução litteral d'Arnault)

Do tronco teu desprendida,  
Pobre folha emmurchecida,  
Onde vais assim? — Não sei.  
Derribou força do vento  
O carvalho em que brotei.  
Com seu inconstante alento,  
O zephyro ou o aquilão,  
Do bosque á planície vasta,  
Da serra ao val, desde então,  
Impellem-me sem parar.  
Vou onde o vento me arrasta,  
Sem temer, sem me queixar;  
Eu vou onde tudo vai,  
A folha da rosa casta,  
E a folha, que ao louro cae.

Julho de 1860

5.<sup>a</sup>

### A MÃE POLACA

(Tradução de Adão Mickiévicz, poeta polaco)

Ó mãe polaca! se do genio ardente  
Sentir teu filho a sacro-sancta chamma;  
Se altiva auréola lhe adornar a frente,  
Com que a grandeza dos avós proclama,

Se elle, inimigo do infantil folgado,  
Quizer os cantos escutar de gloria,  
Quejo velho entôa; e pensativo, quedo  
Ouvir de avós a veneranda historia;

Livra teu filho de tão máu recreio!  
Implora a Virgem-Dolorosa, e encara  
O duro ferro, que lhe punge o seio;  
P'ra ti a sorte a mesma dor prepara.

Oh sim! Em quanto que no mundo impéra  
A paz, dos povos na fraterna alliança,  
Lides inglorias o teu filho espéra,  
Morte de martyr, sem nenhuma esp'rança.

Manda-o nos antros meditar, escuros,  
Deitado em palha, em solidão profunda;  
Frios miasmas respirar, impuros,  
E dormir junto da serpente immunda.

Esconda a todos quando soffre, ou goza  
A todos torne seu pensar occulto;  
Faça, qual peste, a sua voz damnosa,  
Receba humilde, qual reptil, o insulto.

Christo, na infancia, de illusões tão cheia,  
Já a cruz que o mundo redimiu, trazia;  
Ó mãe Polaca! o filho teu recreia  
Com instrumentos, que usará um dia.

Nos rôxos pulsos os grilhões supporte;  
O carro immundo a conduzir aprenda;  
A ver no ferro do verdugo a morte,  
Sem pejo a corda a contemplar horrenda.

Nunca, de antigos campões a exemplo,  
Irá Solyra resgatar dos mouros;  
Dar, como o Franco, á Liberdade um templo,  
Seu sangue dar, que lhe ennobrece os louros.

Será por tredos espões reptado,  
Um tribunal combaterá perjuro;  
Ser-lhe-ha juiz um inimigo ousado,  
Terá por liça um calabouço escuro.

Vencido — a forca é seu final jazigo;  
Sua gloria, o pranto feminino, terno,  
Que enxugam dias — e no peito amigo  
Dos contreraneos recordar eterno.

20 de Julho de 1860

6.<sup>a</sup>

## AO NIEMEN

(Traducção de Adão Mickiewicz)

Ó patrio Niemen! Onde estão as aguas,  
Que outr'ora, infante, em minhas mãos tirava?  
Em que, mancebo, p'ra olvidar as magoas,  
Buscando frescas solidões, vogava?

Aqui, das faces admirando altiva  
Laura o reflexo, que nas aguas deixa,  
A formosura lhes tornou mais viva,  
Tecendo rosas na gentil madeixa.

Aqui, nas ancias da maior loucura,  
Eu fui, não crendo na constancia della,  
Mil vezes, na agua crystallina e pura,  
Turbar com prantos sua imagem bella.

Rio natal! Teus mananciaes d'outr'ora  
Onde é que estão? E as illusões e enganos,  
Que tive então, e que não tenho agora?  
Onde os deleites de meus verdes annos?

Onde os desgostos, que essa quadra tinha,  
Mais doces inda, de maior eucanto?

Onde os amigos? Onde Laura minha?  
Tudo passou!... Não passará meu pranto?

21 de Julho 1860.

## EXPEDIENTE

*Visita real* — Diz-se que S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro 5.<sup>o</sup>, ao regressar a Lisboa, se demorará alguns dias em Coimbra, com o fim de visitar seus principaes estabelecimentos.

A expectativa de tam fausto acontecimento tem trazido commovidos os animos dos festivos habitantes d'esta cidade, principalmente dos estudantes, que não saberiam receber em seu seio tam augusto, sympatico e virtuoso hospede sem as mais entusiasticas demonstrações de contentamento.

Entre as demais commissões, encarregadas de cumprimentar a S. M., figurará pois e em primeira ordem, a academica, que, com o devido tributo de seu respeito pelo chefe supremo da representação nacional, lhe levará o mais convincente testemunho — de quanto tambem a academia de 1860 sabe apreciar tam favoraveis circumstancias, para manifestar em todo seu esplendor tudo que pôde sentir de generoso, delicado e nobre um peito moço e cheio de crenças.

V. DA SILVEIRA

*Pedido* — A todos nossos amigos, que tem ainda prospectos em seu poder, — pedimos o obsequio de devolve-los, qualquer que seja o numero d'assignaturas, que até hoje tenham podido obter.

*Prova d'amizade* — A prompta remessa a esta redacção do resto dos artigos, começados a publicar em nosso jornal, será para nós uma — prova d'amizade.

Dirigimo-nos principalmente aos auctores da *Terceira edição dos Lusíadas*, *A Familia e o Padre*, *A Familia de Paulo Janet*, *Mathilde*, *Recordação e arrependimento*, *Eloquencia Sagrada*.

## PRELUDIOS-LITTERARIOS

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto da recepção do 1.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup>, EM COIMBRA, no escriptorio da redacção do mesmo jornal.

Preços

1.<sup>o</sup> vol. (brochado)..... 1\$600

2.<sup>o</sup> volume

Anno.....	1\$240	Anno.....	1\$680
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
Por mez—120 réis			
Avulso—40 réis.			

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## PRELUDIOS - LITTERARIOS

### ADVERTENCIAS

O 2.<sup>o</sup> vol. dos *Preludios-litterarios* conterá 36 numeros, d'oitto paginas d'impresão.

Em cada mez distribuir-se-hão 3 ou 4 numeros.

A publicação d'este jornal terminará impreterivelmente no proximo mez d'abril, se nos não faltarem assignaturas.

O 1.<sup>o</sup> trimestre comprehende os numeros 1 a 9.

O 2.<sup>o</sup> — os numeros 10 a 18.

Recebido o presente numero — deve fazer-se logo a assignatura para o 3.<sup>o</sup> trimestre (numeros 19 a 27), acompanhada da respectiva importancia, em estampilhas ou vales do correio, se a assignatura fôr para fóra de Coimbra.

Recebe-se tambem assignaturas para o 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> trimestre (numeros 19 a 36), com o abatimento, que vai marcado no fim d'este numero.

Os srs. assignantes, cuja assignatura terminar com o numero 18, no caso de a não quererem continuar, — servir-se-hão de devolver-nos o numero 19, com a mesma cinta, com que o receberam, a fim de se lhes dar a competente baixa.

Aos srs. assignantes, que entre a recepção do numero 18 e a publicação do numero 19 não satisfizerem a importancia de seus débitos até o dito numero 18, e não abrirem, com pagamento adiantado, nova assignatura — suspender-se-lhes-ha a remessa de nosso jornal.

V. DA SILVEIRA.

Junho — 1860

VOLUME II

## AINDA — E NÃO MAIS

O SR. ADMINISTRADOR DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

«Será condemnado a trabalhos publicos por toda a vida o empregado publico, que, no exercicio de suas funcções, dolosamente ou com intenção de prejudicar a outra pessoa, ou ao estado, commetter, por qualquer dos modos abaixo declarados, falsificação, que cause, ou que por sua natureza possa causar prejuizo em escriptura publica, titulo, diploma, auto ou escripto de igual força:

«Fabricando actos do seu ministerio inteiramente falsos:

«Certificando como verdadeiros factos falsos:

«Fazendo qualquer dos ditos autos ou documentos com falsa assignatura ou supposição de pessoa.»

(Cod. Pen., art. 218, §§ 1.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup>)

«... dimitte illis; non enim sciunt quid faciunt.»

(Ev. S. Luc., cap. XXIII, V. 34.)

O que hoje vamos escrever debaixo d'esta epigraphe não é para nossos amigos, nem para os que pairam independentes sobre as misérias, que vão ahi por esse mundo, — pois que esses já nos fizeram plena justiça; — é para os que, subordinados ainda a certos caprichos do coração humano, se têm mostrado, se não inteiramente contrarios, pelo menos, teimosos em acceitar como justa nossa causa.

É que ha reputações, que de *fastigosas* e arreigadas tam custosas são de derribar, como as mais soberbas e vetustas torres de feudal castello! Embora a moralidade e o progresso se dêem as mãos para protestar todos os dias contra sua anomala existencia; embora recordem a devassidão, o despotismo a barbaria de seus antigos senhores; embora demonstrem até á evidencia a inutilidade, o-inconveniente mesmo d'uma tal existencia, que invalida, que torna impossivel a successão d'uma outra inteiramente conforme com os bons principios, que lhes servem de divisa jembora! — ha sempre quem se revolte contra sua demolição, como se sacrilegio fôra, que mãos de homens destruissem o que o tempo tanto respeitou, e o que só o tempo *deveria* aniquillar!

N.<sup>o</sup> 18

A reputação do sr. administrador da Imprensa da Universidade era uma d'ellas: apoiada em innumeradas liberalidades. . . divinizada constantemente por meia duzia de aduladores, sôbre que ellas iam as mais das vezes reflectir-se. . . baldados seriam todos nossos esforços para a desmoronar, pelo que ella tinha de injusta, se a Providencia e o tempo, para que sempre appellâmos, não viessem em nosso auxilio.

Haviamos sacrificado, pelo espaço de quasi cinco annos, nossas horas de estudo, nossos momentos de descanso ao exercicio d'um mesquinho emprego na Imprensa da Universidade, mais com o fim de obtermos uma habilitação para um novo e melhor emprego, do que de tirarmos d'elle os recursos, de que careciamos para nossa subsistencia (a): haviamos por tanto tempo supportado sempre com resignação as fadigas de nossas aulas conjunctamente com as de nossa repartição, descurando nossa saude, que de dia para dia se deteriorava, partilhando raras vezes com nossos condiscipulos os momentos de recreio, que, entre a frequencia da manhã e o estudo da noite, lhes suavizavam o rigor do trabalho: haviamos, em fim, concedido tudo em favor d'uma melhor posição, que tanto almejâvamos, — porque a actual nos era um martyrio... e eis que o sr. administrador da Imprensa da Universidade, possuido d'odio, clamando vingança, d'um só traço de penna, forceja por apagar de nossa vida publica cinco annos d'improbrio trabalho, ao mesmo tempo que procura prejudicar nossas futuras pretensões, apontando-nos, como ides ver, á opinião publica e ao governo como um pessimo empregado!

Este facto, ainda que desacompanhado de todos os outros, de que já demos conhecimento a nossos leitores, bastaria para fazer baquear a mais solida reputação; tanta é a brutalidade, o cynismo, que elle revela!

Mas apontemol-o sómente; que não seremos nós, que faremos sentar o administrador da Imprensa da Universidade no banco, que a lei, menos compassiva, destina aos falsarios.

Pretendeu tirar-nos os meios de subsistencia, pretendeu deshonrar-nos, pretendeu destruir nosso futuro e condemnar-nos á execração publica... não importa!... houve um dia, em que, como os outros, acreditámos na pureza de suas intenções, em que lhe aceitámos favores, em que lhe chamámos amigo. . . Pois bem: que Deus e os homens lhe perdoem; que não sôbe o que fez, quem tanto mal nos causou!

Lêde agora, se quizerdes, esses documentos.

V. DA SILVEIRA

(1.º) « Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director da Imprensa da Uni-

(a) No tempo lectivo, já por incompatibilidade das horas da repartição com as das aulas, já por motivos de doença — nosso vencimento semanal soffreu muitas vezes uma redução de 1\$440 rs.

versidade: Vicente da Silveira, ex-amanuense da Imprensa da Universidade de Coimbra, para mostrar-o onde e quando lhe convier, — pede a V. Ex.<sup>a</sup> se digne mandar, que o administrador da mesma Imprensa lhe certifique: 1.º o tempo por que serviu aquelle seu dito emprego; 2.º o facto de *voluntariamente* se haver separado d'elle. E. R. M.<sup>co</sup> — Coimbra 1.º de novembro de 1860 — Vicente da Silveira. »

(2.º) « Defferido. Coimbra 7 de novembro de 1860. — B. de Serpa. »

(3.º) « Quanto ao 1.º quizito, tenho a declarar que Vicente Maximo foi admittido para amanuense temporario em 13 de março de 1856, e serviu até 9 de outubro de 1860; porém com muitas faltas quotidianas e frequentes interrupções, que foram suppridas por diversos individuos, para evitar maior irregularidade no serviço. Quanto ao 2.º quizito, não posso discriminar se aquelle acto foi voluntario, ou involuntario, — mesmo por que se deu a circumstancia de ter o dito V. Maximo vindo á repartição trabalhar dois dias ainda, depois de ter declarado que se considerava despedido. Coimbra, Imprensa da Universidade, 7 de novembro de 1860. O Administrador, Olympio Nicolau Ruy Fernandes. »

(4.º) « Reconheço as duas assignaturas de Vicente da Silveira e do Administrador da Imprensa da Universidade. — Coimbra 12 de Novembro de 1860. Em testemunho de verdade (signal) João Herculano Sarmento. »

(5.º) « Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director da Imprensa da Universidade: Vicente da Silveira, ex-amanuense da Imprensa da Universidade de Coimbra, havendo requerido a V. Ex.<sup>a</sup>, no dia 1.º do corrente mez de novembro, — que « se dignasse mandar, que o administrador da mesma Imprensa lhe certificasse: 1.º — o tempo por que serviu aquelle seu dito emprego, 2.º — o facto de *voluntariamente* se haver separado d'elle »; e tendo o mesmo administrador, em virtude de despacho de V. Ex.<sup>a</sup>, certificado, não como cumpre a um bom empregado, mas do modo, que V. Ex.<sup>a</sup> se servirá ver no referido requerimento, que a este vai juncto, modo que revela, permita V. Ex.<sup>a</sup> observar-lhe, não só falta de respeito pelos deveres de dignidade, sempre tam recommendados pela moral e pela lei a todo funcionario publico; mas tambem, o que é mais triste ainda, completa ausencia de sentimentos generosos, de amor pela verdade, — pede a V. Ex.<sup>a</sup> se digne mandar, que o dito administrador da Imprensa da Universidade reforme e rectifique aquelle seu certificado — por ser attentatorio contra a justiça e a moralidade;

« 1.º — porque é falsa e injuriosa a maneira por que o mesmo administrador nomêa ahi por duas vezes o supplicante, supprimindo-lhe o appellido

de familia muito de proposito, como V. Ex.<sup>a</sup> poderá convencer-se;

« 2.<sup>o</sup> — porque é falsa e injuriosa a asserção — de que o supplicante « *serviu desde 13 de março de 1856 até 9 d'outubro de 1860 com muitas faltas quotidianas e frequentes interrupções etc.*; 1.<sup>o</sup> — porque a natural significação da palavra *quotidianas*, alli empregada, repugna á de *serviço*, que se confessa; 2.<sup>o</sup> — porque é *impossivel* admittir-se, suppondo-lhe outra significação, que haja um chefe de repartição, por menos zeloso que seja, que tolere um semelhante abuso por espaço de quasi cinco annos (!), com gravissimo prejuizo para a fazenda publica, para a disciplina de seus subordinados, para seus proprios interesses...; 3.<sup>o</sup>, finalmente, — porque, admitindo assim mesmo a existencia de semelhante abuso, ou elle produziu todos aquelles effeitos, ou não: se produziu — não é, por certo, ao administrador da Imprensa da Universidade, que compete incriminar o supplicante por um facto, que elle podia e devia ter evitado, e de que, por consequente, só elle é responsavel perante o governo, perante a opinião publica, perante si mesmo!; se não produziu, — tambem lhe não compete incriminar-lh'o, visto que nem a fazenda publica, nem a disciplina de seus subordinados, nem seus proprios interesses, nem, por ultimo, os de ninguem soffreram com sua existencia! Mas o abuso não existiu, e não existiu ainda por outras razões: não existiu 1.<sup>o</sup> — porque se não abonavam ao supplicante, por ser empregado temporario, os dias em que faltava á repartição, salvas rarissimas excepções; 2.<sup>o</sup> — porque *só ouvido o mesmo administrador, e em attenção a suas occupações d'estudante da Universidade*, era permitido ao supplicante fazer-se substituir por esses *diversos individuos*, a que se allude, e que nunca assignaram as folhas de salarios, pois que foram sempre pagos pelos proprios vencimentos do supplicante, na proporção das horas de trabalho, por que havia sido substituido; 3.<sup>o</sup> finalmente, — porque, apesar de achar-se a cargo do supplicante a escripturação dos *livros-copiadores d'officios e cartas particulares*, da *venda dos livros e mais impressos*, das *contas d'impressões d'obras de particulares e da casa*, do *registo de férias aos typographos, etc.*, essa escripturação — apenas ficou atrasada n'uma *só semana* de trabalho, se tanto, sendo para considerar, que o supplicante acabava de recolher da Figueira, aonde havia ido com licenca de V. Ex.<sup>a</sup>; e que, no decurso de perto de cinco annos, em que o supplicante exerceu n'esse Estabelecimento as funções de amanuense, muitas, muitissimas vezes foi encarregado d'outros serviços, proprios do escriptuario, como o processo das folhas semanaes e mensaes, a organização das contas, dos mappas, etc. etc., que regularmente têm de ser enviados ás respectivas repartições d'estado; desempenhando assim cumulativamente as suas e as funções d'aquelle empregado, quer elle estivesse presente, quer ausente por motivos de doença ou ou-

tros quaesquer, — como V. Ex.<sup>a</sup> mesmo muito bem sabe, como aquelle mesmo empregado e outros d'esse Estabelecimento pôdem informar, como o está *irrecusavelmente* attestando toda a escripturação, quer existente no proprio cartorio, quer nas respectivas secretarias do governo. — Quanto ás *frequentes interrupções* de serviço, de que tambem é incriminado o supplicante, além de não serem frequentes, as que houve, ou foram autorisadas pelo mesmo administrador, ou pelo Ex.<sup>mo</sup> Vice-reitor da Universidade, ou por V. Ex.<sup>a</sup> mesmo, como ha pouco o supplicante notou, sendo para recordar, que, pelo menos por duas vezes, não obstante achar-se o supplicante ausente de Coimbra, com licenca, e, por consequente, dispensado de todo serviço da repartição, elle se encarregou d'alguns trabalhos de escripturação, longos e infadonhos, como o enchimento de bilhetes para a venda de livros da matricula, o que não foi estranho nem a V. Ex.<sup>a</sup>, nem ao escriptuario, nem ao proprio administrador!

« 3.<sup>o</sup> — finalmente, e pelo que diz respeito ao segundo quizito do referido certificado, — porque é falsa e injuriosa a asserção — de que elle, administrador, « *não pôde discriminar-se aquelle acto foi voluntario ou involuntario, mesmo porque (continúa) se deu a circumstancia de ter o supplicante ido á repartição trabalhar dois dias ainda depois de ter declarado, que se considerava despedido* » — falsa e injuriosa, porque o mesmo administrador não pôde ter esquecido, *não pôde ter confundido*, — que foi o supplicante, e não elle, que declarou, na Sala da Conferencia, diante do escriptuario, do alçador, de Miguel Dias Pereira e outros, que « *d'alli por diante, i. é, depois do acto reprehensivel, que se dera da parte do dito administrador a respeito do supplicante, — elle, administrador, não podia mais ser seu chefe, nem o supplicante seu subordinado, devendo, por tanto, consideral-o desde aquelle momento despedido de seu emprego*; 2.<sup>o</sup> — porque a circumstancia, que o mesmo administrador aponta — de ter o supplicante ido á repartição trabalhar dois dias depois de ter declarado, que *se despedia* (e não que *se considerava* despedido, segundo sua phrase), além de provar á má fé, o odio, os instinctos de vingança, que, por momentos, dominaram sua *habitual bonhomia*, na occasião, em que redigiu sua informação, — em nada repugna á verdade do facto — de se haver o supplicante despedido voluntariamente; e tanto menos, que, desde a existencia d'esse facto, nem o supplicante, nem o dito administrador se dirigiram mais uma unica palavra!; 3.<sup>o</sup>, finalmente, — porque se o supplicante voltou ainda á repartição, depois de se haver despedido, não teve em vista senão — o satisfazer ao cofre d'esse Estabelecimento, com seu proprio trabalho, por lhe ser então impossivel d'outro modo, uma semana dos vencimentos, que, por occasião de sua ida á Figueira, a banhos de mar, havia pedido adian-

tados ao dito cofre, como o mesmo administrador sabe, como o sabe o proprio escripturario, a quem o supplicante o declarou. (b). — E. R. M.<sup>co</sup> — Coimbra 11 de novembro de 1860 — Vicente da Silveira »

(6.º) — « Em vista da presente replica, diga o Administrador da Imprensa o que se lhe offerecer. Coimbra 25 de novembro de 1860 — B. de Serpa. »

(7.º) — « Já declarei que o supplicante foi admitido para amanuense temporario em 13 de março de 1856, e que serviu até 9 d'outubro ds 1860, em que *declarou que deixava de ser* (c) empregado da Imprensa; porém a frequencia á repartição *foi irregular ou por incompatibilidade com as horas das aulas, ou por outros motivos de interesse particular*; tendo estas faltas sido suppridas por outros individuos, para evitar maior irregularidade no serviço do Estabelecimento. Com quanto respeito, como devo, o despacho acima exarado, *eximo-me de responder á desprezível diatribe* do signatario do requerimento. Coimbra, 26 de novembro de 1860. Olympio Nicolau Ruy Fernandes »

## EPISTOLOGRAPHIA

### CARTA III

(Cont. dos n.ºs 13 e 14)

*Meu Amigo:* — Em continuação da minha de 5, e em resposta á sua de 3, direi hoje da minha jornada, que em geral posso dizer feliz, porque lhe vim ao termo sem incommodo extraordinario.

(b) Vem aqui a proposito o conhecimento d'uma carta, que escrevemos ao escripturario da Imprensa, quando o sacrificio de voltar á repartição, para satisfazermos nossa divida, se tornou superior a nossas forças. Eil-a:

« Coimbra, 19 d'Outubro de 1860 — Ilm.º Am.º e Sr. Fragoso: Deliberei não voltar mais á Imprensa da Universidade como empregado: ahi lhe enviei, pois, 1\$920 réis, para completar a semana de trabalho, que lhe fiquei devendo, e desobrigar-me da palavra, que lhe havia dado, ao sair para a Figueira (1).

« O que sobre tudo sinto n'este momento — é a perda de tam excellente companhia, como era para mim a do meu amigo; mas hei de vê-lo todas as vezes, que poder, em sua casa.

« Rogo-lhe o obsequio de enviar-me pelo portador as declarações, que lhe pedi, a sua e a do Sr. Olympio, em qualquer sentido, em que houver sido passada. Igualmente espero dever-lhe o obsequio, que já lhe havia pedido, de reclamar do Sr. Olympio e enviar-me todo o original, que existe em sua mão, e que devia constituir o n.º 15 dos *Preludios*, que, nem mesmo offerecendo-lhe o pagamento adiantado, se dignou publicar.

« Desculpe-me todas estes incommodos e creia-me seu amigo obrigadissimo etc.»

(c) Permitta-se-nos sublinhar algumas palavras d'esta *memoravel tréplica* do sr. administrador da Imprensa da Universidade.

(1) Na occasião em que contraimos este emprestimo — achava-se em Lisboa o administrador da Imprensa.

Eram dez horas da manhã quando vinha passando a Ponte. Estava um sol magnifico, e nunca o Mondego me parecêra tão bem. Demorei um instante a olhal-o, e entrou-me no coração o primeiro espinho de saudade.

Quando te tornarei eu a ver formoso rio da minha infancia?!

Fizemos duas leguas na estrada de Lisboa e depois virámos ao nascente, e nunca mais tivemos um palmo de bom caminho. Jantámos n'uma aldeia, cujo nome tenho visto em alguns mappas de Portugal, e que realmente não sei por que mereça tal distincção, por mesquinha e pobre que ella é: *Fonte-coberta*. D'ahi atravessámos os magnificos campos do *Rabaçal*, terra famosa em queijos, e chegámos á *Lagarteira* pelas seis horas da tarde. Tinha-mos gastado oito horas com cinco leguas.

Tive ahi o primeiro desgosto. O dono da casa, onde iamospediar-nos, nosso bom amigo, havia sahido na vespõra. A casa estava a nosso dispor, e nada nos faltaria, mas tinhamos de estar sós. Avaliei então a alta fineza que devia a meu pae por me ter acompanhado. E olhei tambem a primeira vez para a minha posição; que durante o dia, se o coração se me contristava, a imaginação quizi que o dominava.

Era noite. Havia vinte e quatro horas que ambos de companhia com outros amigos passamos a noite em despedidas, em muito falar de esperanças, em muito doirar futuros, todos que tanto me estimavam, todos a quem tanto queria; e nessa hora estava só!

Esta palavra tam simples echoou-me cá dentro, como nem lhe saberia explicar.

Eu estava de pé no vão d'uma janella virada ao poente, olhava para o curso socegado dos astros, para o Cometa, tam brilhante nessa noite; tudo o mesmo que sempre tem sido, sem alteração, sem mudança; e só eu tinha necessidade para completar o meu destino, de vagar errante de terra em terra, quebrando relações, sacrificando affeições, atraz d'um phantasma fugidico e voluvel, que só por escarneo alcunham de felicidade!..

Deixei de olhar para tudo aquillo, fechei os olhos, e ás apalpadellas vim sentar-me n'um canapé. Mas o espinho cá estava. Encostei o cotovelo sobre o braço do canapé, a fronte sobre a mão, e deixei voar a phantasia em busca de mil recordações fagueiras, que me fugiam no passado, que mais não teria; e senti muito. Contei um a um todos os minutos, que me pareciam seculos, que teria de estar longe de tudo o que até agora tenho amado; e ainda o tempo mais proximo me parecia uma eternidade!

« Para os que ficam o sentimento é maior; » diz o meu amigo.

Certamente nunca sahio de casa para se demorar muito tempo fóra! Pois a saudade será mais para os que ficam, rodeados d'outras affeições, abrigados no seio hospedeiro d'outras amizades, em

convivencia com pessoas amigas d'um e d'outro, com quem pôde ao menos falar da pessoa ausente, lembrando, em commum, momentos bellos, em commum passados; ou para o que vae, só, triste e estranho a tudo e a todos, obrigado a concentrar em si os pensamentos mais gratos, e mais dolorosos por isso, sem ver entre tanta gente uma cara conhecida, senão só indiferença ou desconfiança?! O vago d'uma vida nova illude algum tempo e como que nos tapa os olhos para não vermos a nossa posição; mas ao primeiro revez todas essas poeiradas cahem deante da realidade, e é muito difficil, impossivel direi, reconstruir esse castello de phantasmagoria. Uma noite como a que passei na Lagarteira basta a desencantar-nos.

O dia seguinte ainda ahí demorei. E esse correu menos mal. De manhã visitamos o Prior, antigo conhecimento de meu pae, e fiquei extremamente agradado da simplicidade e modestia, que respirava aquelle homem e tudo o que o rodeava. Era modelo no seu genero. Sem parecer velho, que os virtuosos tarde avelhentam, tinha um ar de magestade, que captivava sympathias. Um sorriso sempre constante e affavel traduzia-lhe toda serenidade d'um espirito recto e d'um coração bondoso. Em sua casa todos os moveis eram de pinho; muito limpos, muito lavados, mas de pinho.

Toda a livraria se compunha de quatro brevarios, a Biblia do Pereira de Figueiredo, das primeiras edições, dois ou tres volumes do Sermonario de Vieira, o Feliz-Independente do Padre Theodoro, e o que quer que era de theologia moral. Como representante do presente n'aquella estancia do passado estava o *Leiriense*, o mais sensato de todos os jornaes d'aquella especie.

Era Domingo e dia de festa. Sahimos como o bom homem, e fomos á festa.

Tambem gostei. Vi quazi que pela primeira vez as funcções, religiosas em toda a sua magestosa simplicidade, e senti-me mais tomado de respeito, mais sinceramente religioso, do que quando as vejo em todo o esplendor de emprestimo, com que a nossa civilisação pretende encobrir a sua descrença. A pequena igreja estava apinhada de povo, e não de povo que ia alli admirar o fausto d'uma armação a capricho, as ricas harmonias d'uma orchestra á italiana, um prégador famoso em elegantes banalidades; mas de povo que ia alli, porque cria em Deus, porque esperava, porque amava.

E o orador soube comprehender as necessidades e a intenção dos ouvintes. Explicou-lhes n'um discurso breve, singelo e despretencioso o motivo que alli os reunia. Celebrava-se a *Senhora do Rosario*. Mostrou-lhes o que era o *Rosario*, os altos principios de fé e pratica que resumia, os motivos de boa acceitação para com Deus que tinha sobre as outras orações, e concluiu recommendando-lhes devoção ao Rosario.

Tudo a proposito, tudo util, tudo de proveito immediato. Assim entendo eu para que sirvam os discursos religiosos.

Nesse dia mais nada que mereça demora, mesmo porque me apraz chegar breve ao mais interessante.

Eram nove horas do dia 4, segunda feira, quando vinhamos sahindo da Lagarteira. Ao meio dia estavamos em *Figueiró dos Vinhos* jantando ainda em casa d'um amigo. Começava o sol a faltar de quando em quando, e nuvens grossas appareciam aqui e além. Era visivel que nos arriscavamos a troyoada. Assim mesmo partimos. Á uma hora estavamos a cavallo. D'ahi a duas horas, pouco mais ou menos, vinha a nossa pequena caravana tocando o alto d'uma serra, entre *Figueiró* e o rio *Zezeze*, a que chamam, creio eu, a *Bairrada*, ou as *Bairradas*. Assisti ahí a um espectáculo grandioso, e senti uma das maiores impressões de que tenho memoria. Aqui a registro, e á amisade confio a sua guarda.

Como disse, tocavamos o viso d'uma serra. Um nevoeiro cerrado e negro não deixava estender a vista ao largo, e fechava o horizonte a distancia d'um tiro de peça sobre uma cordilheira talhada a prumo, e composta de pequenos picos enramalhados de verdura e assentes sobre brava penedia. No fundo bramiam o *Zezeze* nos reconcavos das penhas. Nós viravamos directamente ao Sul. Pelo lado esquerdo a cordilheira formava um semicirculo, variando sempre de incanto e magestade. Pelo direito entrevia-se o rio, que ahí faz uma especie de lago, d'onde se despenha mais violento a seguir a corrente. O valle por onde corre é tam estreito, que parece talhado adrede exclusivamente: é um immenso canal, cortado no d'alta montanha até uma profundidade que espanta. Não me cansava de o admirar.

Dessas nuvens que nos lemitavam o horizonte fuzilavam os raios de tres lados: a frente, o lado direito, e o esquerdo. Viam-se como que rasgar as nuvens e precipitarem-se depois em rapidos zigzags, semelhantes a serpentes de fogo. Os trovões estalavam bravos e frequentes, e alguns tam proximos, que parecia fazerem estremecer os montes. Por mais d'uma vez as bestas se nos espantaram, ou paravam atemorizadas. O almocreve, pallido e aterrado, descobria-se a cada instante, e lá consigo murmurava orações.

E eu sentia bater forte o coração no peito, aspirava a largos sorvos aquelle ar impregnado de enxofre, deixava-me embriagar na sublimidade d'aquella scena magnifica. E não me sentia acanhado e pequeno em face d'ella, como pensava me aconteceria pelo que geralmente ouvia dizer; pelo contrario. Fiquei tendo para mim, que é deante das grandes luctas da natureza que o homem é grande tambem e forte: grande porque as comprehende, porque se eleva á altura d'ellas, porque as domina; ainda grande porque sabe ler n'ellas—Deus e omnipotencia. E sente-se forte porque sabe encaral-as de rosto firme e animo quieto, por que cré que um braço poderoso o ampara; e descança sem medo no vigor da sua fé.

Foi-me pena que tudo aquillo durasse tam pouco: menos d'um quarto d'ora talvez. Mas foi um grande quarto d'ora, permitta-me a expressão. Todos os sentidos gozavam ao mesmo tempo, por todos ao mesmo tempo o espirito recebia impressões grandes.

Agora um caso raro. A tempestade que viamos desfazer-se defronte suspendeu-se alguns instantes em quanto nós passamos o rio; e depois de termos galgado a serra fronteira, olhando para traz, já a vimos na que deixamos: de modo que um quarto d'ora mais tarde, ou mais cedo de qualquer dos lados tinhamos chuva em cima, e assim passámos sem gota d'agua.

Cheguei depois a Sernache e fui recebido no Seminario com todas as etiquetas das grandes casas. A carta já vae estiradita, se não contar-lhe-ia tambem as cortezas do porteiro, os cumprimentos do senhor *Padre-Procurador*, e a final a recepção official do sr. Constancio, que tudo isso teve bastante de curioso. Deixemos porém.

Outro dia lhe direi da terra o que for sabendo ou julgando. Disse-lhe na minha ultima que era linda: mas d'ahi concluir que é boa não é consequente. Lindos são os sepulchros que se erguem nos cemiterios, e dentro encerram podridão e vermes. Veremos.

Sernache do Bom-jardim 12 d'Outubro de 1858.

J. SIMÕES FERREIRA

## UM AMOR SEM ESPERANÇA

Continuado do n.º 17, tomo II.

II

Depois de a haver assim contemplado por alguns momentos, aproximei-me d'ella e perguntei-lhe com emoção.

—Que desgraça vos aconteceu, que dôr vos dilacera a alma, senhora?

E um momento de silencio se seguiu, sem que a infeliz desconhecida tivesse articulado uma só palavra: julguei-a victima d'um grande soffrimento. Suas mãos debeis e tremulas occultavam-lhe o bello rosto; copiosas lagrimas se desligavam de seus formosos olhos... até que por ultimo murmurou;

—Sou uma infeliz!...

—Senhora, repliquei eu, crêde que estou anciosa por saber a causa de vosso infortunio; talvez...

—Ah!.. é que me coube por sorte a desesperação com todos os seus horrores! Interessam-vos as minhas penas?... Pois bem, escutai-me.

E começou d'est arte:

—«Nascida d'uma familia illustre por seus gloriosos successos no mundo litterario, o infortunio me fez orfã na idade de 11 annos. Uma tia minha encarregou-se de me fazer educar; e bem poucos annos me bastaram para eu conhecer o mundo tão fallaz, como é. Minha tia era a melhor das mulheres; e, se a sua paixão pelo luxo a não dominasse

irresistivelmente, não teria, em seu abominavel procedimento, anniquillado seus brazões e dissipado por ultimo toda a sua fortuna...

«Uma manhã, acabava eu d'almoçar, o céu estava triste e pesado e parecia presagiar-me desastrosos acontecimentos, quando, no momento mesmo em que pensava na doença de minha tia, que se achava de cama havia dias, ouvi sua voz afflictiva, que resoou em toda a casa, como um grito de morte.

—Erestina, Erestina, acode-me!, me bradava ella.

«Corri veloz a seu quarto: estava agonisante... Ao ver-me, dirigiu-me as seguintes palavras com accento fraco mas carinhoso:

—Minha sobrinha, idolo de minha alma: não ignoras que toda a minha ambição era proporcionar-te um futuro risonho e feliz... Sei que amas excessivamente a Alfredo de Moura, e que és por elle correspondida... Eu havia-lhe promettido d'otar-te, quando elle me pediu a tua mão... oh! quanto isto custa a meu coração... escreve-lhe, Erestina, faze-lhe saber que tua tia morreu criminosa... Mas não amaldiçoeis minha memoria... e que Deus vos abencoe a ambos, como eu vos abencoe n'este momento...

«Foram estas as ultimas palavras d'quella infeliz.»

E a pobre menina estremecia ainda, experimentava as mais terriveis convulsões, sempre que lhe occorria ao pensamento a morte d'aquella, que Deus lhe havia dado como protectora de sua existencia.

III

—Senhora, lhe disse eu, é já tempo de terminardes com esse pranto, que me dilacera a alma...

—O pranto allevia as oppressões do espirito, e metiga-nos a dôr, que nos consome...

—Oh! eu o creio; sem motivo ninguem chora, e para chorar assim é preciso que uma grande pena vos opprima o coração.

—Não é só uma pena, que me opprima o coração... é o desespero que me tortura a alma, é o veneno, que me devora as entranhas...

—Que dizeis, desgraçada! que desespero é o vosso, para quererdes assim morrer na primavera da vida, quando todos os perfumes da juventude vos embalsamam a existencia?! Renunciai esse projecto, que só n'um instante de loucura podestes conceber. Vivei!..

—Já é tarde... não é possivel... Minhas entranhas estão queimadas... algumas horas ainda, talvez... e depois... deixarei de existir... qualquer soccorro seria inutil... Um punhal, continuou ella com amarga convicção, um punhal hervado, com o veneno, que corre em minhas veias, bastaria para dar a morte a milhares de pessoas... julgai, pois, do meu soffrimento e da inutilidade de qualquer soccorro...

—Oh! é horrivel! Vinde depressa, acompanhai-me a minha casa e talvez...

— Já vos disse, senhora, que não ha remedio que possa combater os efeitos d'aquelle veneno... Demais, não quero viver!.. E se o aspecto de minha desgraça, de minha pobreza vos inspira compaixão e respeito, deixai que eu exhale aqui meu ultimo suspiro e que este bosque me sirva de sepultura... Tinha uma esperança... e essa já não existe... Havia um homem, que eu adorava... e que poderia ter-me elevado ainda á altura de meu nascimento... Esqueceu-se de mim... porque, em vez de rica, como me suppunha, apenas podia viver da caridade dos outros... Oh! é que o ouro é só iman irresistivel, de que as do nosso fragil sexo podem dispor para attrahir as attentões, o respeito, o amor dos homens... a formosura, as perfeições de nosso espirito são uma mentira!.. Se fosse ajuda rica... se passeasse pelas ruas nas carroagens, que os crédores de minha tia lhe pinhoraram depois... se ostentasse o fausto d'outr'ora... não me teria escarnecido de certo esse gentil mancebo, por quem, máu grado, ainda suspiro... Ah! é que nem por um momento eu pude ainda riscar de minha memoria, de meu coração a sua bella imagem!.. Elle tinha-me protestado um amor eterno, tinha-me revelado em suas palavras, em seus gestos uma paixão vehemente... Acreditei tudo! E agora despreza-me, por que sou pobre!.. Oh! meu Deus, como é horrivel um amor sem esperança!..

E a pobre Erestina soluçava de magoa, e capiosas lagrimas lhe inundaram de novo o rosto.

Depois, enchugando o pranto e tomando um ar resolutu, acrescentou com um sorriso de amarga ironia:

— Tenho sido muito infeliz... muito! Não tardará porém o momento, que para sempre deva pôr um termo a todas as minhas desgraças. Oh! minha pobre tia, tu que repousas na feliz manção dos mortos— vél-a por mim n'este instante supremo; breve serei contigo...

A pobre menina tributou ainda d'esta vez cupiosas lagrimas á sua recordação: desfalleceram-lhe as forças e caiu por terra com bem poucos momentos de vida. Gemidos surdos lhe escapavam a intervallos do peito agonizante; uma pallidez mortal lhe enlutou o formoso rosto, seus olhos encovados já não mostravam aquelle brilho que outr'ora os animava e lhes dava tanto encanto. Seus labios perderam todo o seu carmin, e suas faces sumidas annunciavam, que aquella vida, ha pouco tam vigorosa, lhe estava preza apenas por um fio...

Succedeu então um morno silencio, em que eu mal podia contemplar de assustada, e oppressa, tam tremendo quadro de desventura: então a morte se me representou com todo o seu sequito de horrores; amedrontada, corri a casa de meus paes, e contei-lhes tudo que acabava de acontecer-me, Quando elles poderam prestar os seus soccorros já a infeliz Erestina tinha perecido.

Eram 8 horas da manhã do dia seguinte: e

o sino grande da cathedral annunciava com seu agudo e plangente som, que o sópro das brizas levavam á povoação visinha, que mais uma alma tinha voado ao céo.

Tudo acaba na sepultura... ella é a suprema felicidade para os que assim soffrem na vida!

## TRADUÇÕES OU IMITAÇÕES

OFFERECIDAS AO EX.<sup>MO</sup> SR.

Dr. Francisco de Castro Freire

POR

Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro

7.<sup>a</sup>

### INFINITO AMOR

(Imitação de Béranger)

Á voz dos sabios desattenda embora!  
Riqueza immensa desejára ter;  
Aos pés d'aquella, que meu peito adora,  
Os meus thesouros quereria ver.  
Então, cumprir o teu menor desejo,  
Ó Julia fôra o meu prazer maior:  
Os gozos nunca do avarento invejo,  
Mas tenho na alma um infinito amor.

Se eu fosse poeta, e, p'ra immortal fazel-a,  
Me viessem anjos inspirar canções,  
Versos, nos quaes só pintaria a ella,  
Dar-me-hiam nome, qual ganhou Camões.  
Assim gozassem de eternal memoria  
Os nomes de ambos, nosso mutuo ardor:  
Eu nunca tive tanto amor de gloria,  
Mas tenho na alma um infinito amor.

Se acaso a mão da Providencia um dia,  
Dando-me um throno, me igualasse aos Reis,  
No throno Julia seu lugar teria,  
E eu sempre della obedecêra ás leis.  
Luzida côrte juncto a mim quizerá  
Para a seus olhos alcançar valor;  
Em mim não julguem, que a ambição impéra,  
Mas tenho na alma um infinito amor.

Porem, se Julia o meu amor compensa,  
Que vão desejo importunar-me vem?  
A fama, o brilho, uma fortuna immensa,  
Meos ventura do que o amor contém.  
Da sorte, pois, e seus vai-vens zombando,  
Na dita posso confiança pôr:  
Não tenho bens, reputação ou mando,  
Mas tenho na alma um infinito amor.

20 de Agosto de 1860.

8.<sup>a</sup>  
**AS DUAS IRMÃS DE CHARIDADE**

(Imitação de Béranger)

Finada virgem, do Senhor esposa,  
 Às largas portas encontrou do céu  
 Mundana sylphide, elegante airoza,  
 Que fez do Theatro o Capitolio seu.  
 Ambas, crédoras de louvor, chegaram,  
 Findos os dias de um viver feliz;  
 Os anjos uma para Deus levavam,  
 Outra, os amores, que por socios quiz.

São Pedro, à porta que incessante vela,  
 Depois de um Ave pela Irmã rezar,  
 À actriz falou desta maneira: «ó bella,  
 Póde-se aqui sem confessor entrar.»  
 A actriz exclama: — « Que importou ser boa?  
 Meu corpo a custo sepultura achou;  
 Mas, inda assim, meu coração perdoa  
 Ao cura — um triste, que jámais amou.» —

— « Pelos palacios, pelo humilde tecto,  
 Eu (diz a Irmã) por minhas mãos verti  
 O mel, o balsamo, o piedoso affecto,  
 Por sôbre as dores, que nos homens vi.» —  
 — « Eu (diz a actriz) que a ostentação cercava,  
 De quem os grandes recebiam leis,  
 Por muitas vezes à indigencia dava  
 Do gozo a taça, que invejavam reis.» —

— « Melhor ainda que o ministro sancto  
 (Replica a pomba do Senhor, então)  
 Aos homens fiz com celestial encanto  
 Mais doce a hora da mortal paixão.» —  
 — « Eu (diz a nympha) os que na terra amára,  
 Fazendo em gratas illusões viver,  
 Soube tornar-lhes a existencia chára,  
 Que faz o gozo na ventura crêr.» —

— « Se às almas nobres dirigi meu rogo  
 (Ajuncta a freira) com piedade igual,  
 Do rico a esmola repartindo logo,  
 De muitos pobres minorei o mal.» —  
 — « E eu (diz a outra) pela sorte oppresso,  
 Se o homem probro na mizeria achei,  
 Dando-lhe o ouro, de caricias preço,  
 Sua virtude ás tentações roubei.» —

— « Entrai (lhes diz o celestial vigia)  
 Ternas mulheres, na manção dos céus;  
 Foi-vos na vida a Charidade guia.  
 Nem mais exige o Omnipotente Deus.  
 Sempre ha de entrada conseguir no Empyreo  
 Qualquer, que os homens consolou na dôr,  
 Quer sob a c'roa de cruel martyrio,  
 Quer sôb as flores, que tecem o amor.» —

1 de Setembro de 1860.

**EXPEDIENTE**

*Testimunho de gratidão* — Não contentaríamos nossa consciencia se gravassemos só no coração os nomes d'aquelles, que, na triste quadra, por que estamos passando, mais nos têm pinhorado com suas palavras de consolo, seus conselhos, seus offerecimentos e seus serviços em favor de nossos interesses. Não; é preciso mais: é preciso que n'este jornal, d'onde tantos apontamentos tiraremos um dia para nossa — *Vida de estudante em Coimbra*, os mencionemos todos. Que a modestia de nenhum se offenda; que é nobre e altivo o prestar culto à virtude!

Eugenio da Silva Torcato — *Mezão-frio*  
 Hermenegildo Thaddeu d'Almeida — *Ourique*  
 João Herculano de Moura — *Niza*  
 Joaquim Alves Matheus — *Santa-Comba-Dão*  
 J. Simões Ferreira — *Porto*  
 José Augusto Braga e Sousa — *Porto*  
 José Rodrigues de Figueiredo — *S. Pedro do Sul*  
 Manoel Fortunato do Couto e Aguiar — *Caldas*.

*Seminario de Lamego* — Foram tantos alli os estudantes, que, com sua assignatura para nosso jornal, protestaram contra nosso infortunio, que nomeal-os hoje seria impossivel. Entre tanto escolheremos d'entre todos o Sr. *Prado d'Azevedo*, que abraçamos com toda a vehemencia de nosso reconhecimento, para que igualmente a todos abraçe.

COIMBRA

Albino Augusto Manique de Mello — *Estudante*  
 Antonio Augusto Manique de Mello — *Idem*  
 Henrique Nunes Teixeira — *Idem*  
 João Antonio Franco Frazão Cast.º-Branco — *Idem*  
 João Rodrigues d'Azevedo — *Idem*

Muitos outros, dignos igualmente de nossa gratidão, relacionaríamos hoje, se o espaço nos não faltasse. Continuaremos.

V. DA SILVEIRA

Fica novamente a cargo do redactor principal d'este jornal a administração dos *Preludios-litterarios*.

ASSIGNA-SE E PAGA-SE adiantadamente, no acto da recepção do 1.º n.º, EM COIMBRA, no escriptorio da redacção do mesmo jornal.

Preços

1.º vol. (brochado).....	1\$600		
		2.º volume	
Anno.....	1\$210	Anno.....	1\$680
Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420
		Por mez.....	120 réis
		Avulso.....	40 réis.

COIMBRA — IMPRENSA LITERARIA

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## DUAS LINHAS SOBRE LITTERATURA

A litteratura é o bello ideal do mundo intellectual, assim como a virtude é o bello ideal do mundo moral. A litteratura é a expressão da sociedade, é o apanagio da civilisação; representa o homem e o seculo, symbolisando a sociedade, suas diferentes fórmas e suas diversas fazes. A litteratura, na sua accepção mais ampla, comprehende todo o vasto campo de letras e sciencias; no sentido mais restricto, em que aqui a considerámos, comprehende as bellas letras, como a poesia, a historia; e as humanidades, como a gramatica, a logica.

O estudo das letras é um doce folguedo do espirito, um suave enleio d'alma, um efficaz remedio do coração, um innocente recreio para a phantazia, e uma fecunda instrucção para a intelligencia. Modera e reprime a imaginação, purifica o gosto, apura a lingua, fórma o coração, enriquece o espirito, purga e aperfeicôa a linguagem, dilata a intelligencia.

Pelas letras é que o homem é conhecido e apreciado, ganha uma posição social, e grangeia renome e reputação. Pelas letras é que o homem pôde fazer serviços á sociedade, á patria, quer no parlamento, quer no fóro, quer no pulpito, quer nas escolas, quer nas academias.

Das sciencias ás letras é grande a distancia. As primeiras falam á razão; as segundas á imaginação: as primeiras seccam o espirito, matam a imaginação e fazem perder o gosto; as segundas vivificam a alma, apuram o gosto, e fecundam a imaginação.

Se tal é o fructo e proveito das letras, qual não deve ser o nosso empenho, o nosso interesse, a nossa dedicação em as estudar? Mas, em vez de estudarmos as letras estrangeiras, devemos de preferencia estudar as letras patrias, e consagrar-nos á lição assidua e reflectida dos nossos classicos.

São estes os que enriquecem e aperfeicôam a nossa lingua, purgando-a de gallicismos e barbarismos, e elevando-a ao grau de esplendor e pureza, em que hoje a vemos, legando-nos produções tão preciosas e de tamanho gosto. São estes eseritores, que nós devemos lêr, meditar e estudar para aprendermos a bem pensar e a bem falar, para

Julho — 1860

apurarmos o gosto, para formarmos o coração e para falarmos com correccão e propriedade.

J. A. DA CRUZ.

## COISAS E LOISAS

ROMANCE ORIGINAL

Continuado do n.º 17 tom. II.

### CAPITULO VIII

*No qual, depois d'algumas bagatellas, se acaba o romance, e o author se despede com muita saudade.*

Pedro Pereira entrou em casa pensativo, velou até alta noite, e dormiu pessimamente. Quando acordou era dia de Reis. Saltou cama fóra, lavou-se, vestiu-se, preparou-se, passou á casa de fóra e pegou n'um livro.

Abriu ao acaso e leu:

« O amor é sentimento puro das almas grandes, delicioso sorrir d'anjos que a existencia arroba, inspiração de Deus que a alma enleva. »

Tornou a fechar o livro. Fincou os cotovêlos sôbre a mesa, aninhou a cara entre as duas mãos, e pôz-se a sonhar:

Era um dia de sol esplendido, onze horas da manhã. Sôbre um carro descoberto, estofado de setim branco, mollas á ingleza, ia elle sentado com uma mulher. Essa mulher era formosa como o dia que estava, pura como o sol que os aquecia, amada como bem merecia. Com as mãos estreitadas, deixavam-se levar ao galope dos cavallos, como os antigos genios nas azas da viração.

— És feliz, minha bem amada? — perguntou elle.

A mulher olhava-o, sorria-lhe, estreitava-lhe mais a mão e respondia:

— Olha o que é a vida! Alem aquelle pobre, vergando de fome, mal pôde arredar-se que o não trilhe o nosso trem!

No mesmo momento parava o carro, aos pés do pobre cahia uma moeda de prata, e ia-se avante.

— Obrigado, meu anjo; devo-te mais uma acção boa.

VOLUME II

N.º 19

O carro continuava a toda a brida.

O nosso homem estremeceu, como se realmente fosse n'um carro e este impeçasse n'uma grande pedra. Aspirou com toda a valentia d'uns sãos e magníficos pulmões, passou a mão pela testa, e recabiu na mesma.

Agora foi outro sonho :

Era uma noite medonha de inverneira desabrida, Lá fóra zumbia o vento, a chuva cahia em jorros. Noite velha. Sôbre um leito de dor revolvía-se elle ardendo em febre. Uma compressa de fogo como que lhe apertava a cabeça com tormentos horroveis. Respiração curta e trabalhosa : palpitações agitadas e violentas ; os labios e guelas como se lhe mettessem brasas accessas. As horas tardavam, tardavam eternas, e o mal não cedía. Aquelle soffrer era de mais, era soffrer de condemnado, era soffrer que melhor era morte.

Um pensamento de maldição e impiedade o accommelia, que Deus não era justo atormentando-o assim.

De repente uma consolação ineffavel lhe torna vida, o arder da cabeça suspendeu-se um instante, sente humedecer os labios, abre os olhos.

A seu lado, de pé, uma mulher pousava-lhe a mão sôbre a cabeça, entornava-lhe nas guelas uma gota d'agua, e nobre e resignada, velando por elle, simbolisava-lhe a esperança.

Não quiz mais sonhar.

Ergueu-se e deu alguns passos pela casa. A cabeça tinha-a effectivamente a escaldar. Abriu a janella, e poz-se á janella. Era cedote para a estação ; quando muito oito horas da manhã. Tocava uma guieira fria que cortava. Tornou a fechar a janella, foi para o quarto, e vestido como estava tornou a deitar-se. Deu trinta voltas, não dormiu, sentou-se á mesa : escreveu.

Ora o quê, não sei.

E apesar de não querer que me chamem curioso, dava uma libra ao diabo para me deixar adivinhar.

E o diabo podia sem escrupulo aceitar a libra, que nem cruces tem.

Uma digressão. D'antes quando um enfatuado queria mostrar fanfarronadas de brio costumava dizer :

—Mande ao diabo o seu dinheiro, salvo as cruces!

Felizmente chegámos a tempo de poder mandar tambem o nosso dinheiro ao diabo, sem salvar nada. Foi muito bem entendido, porque aliás não saberíamos onde mettel-o, tanto abunda elle por ahi. Eo diabo entra-lhe que é um gosto, e lá lhe sabe dar taes voltas, que é de ver e pasmár como se sóme e consóme.

E aqui me vem agora uma reflexão exquisita, que fiz comigo mesmo ha muito tempo, mas que estava capaz de não dizer a ningnem, se soubera que havião de tomal-a a serio. Ha gente que se impressiona por qualquer coisa, e eu quero a minha consciencia variada e aceada para a hora da morte. Se me promettem rir da exquisitice, chamarem-me

até retrogado e visionario, ou assim coisa semelhante, então digo-lh'a. Vejam lá se me comprehendem. Lá vae :

Não sei nada de historia, mas quando era mais pequeno, até na idade, que não sabia de latim, nem que existia, tinha incriveis desejos de saber o que significavam aquellas letras, que via em derredor dos pintos de velha memoria. Perguntei e disseram-me :

«Estas letras vieram do céu. Mostrou-as nosso Senhor a D. Affonso Henriques, quando lhe appareceu antes d'uma batalha muito grande, chamada a batalha de Ourique, onde o sancto rei venceu cinco reis mouros. E significam = *com esta bandeira serás vencedor* = referindo-se á cruz onde lhe appareceu. E em memoria d'isso todos os reis têm mandado conservar a cruz e a legenda no dinheiro. Foi com aquella bandeira que nós ganhámos a nossa independencia, que a sustentámos com valentia, que depois conquistámos os mares, nos fizemos admirar e respeitar em todo o mundo. Em quanto a tivermos e a seguirmos temos por nós a protecção de Deus, e não deixaremos nunca de ser um povo livre. Se um dia a perdermos é porque não somos dignos d'ella, é porque Deus nos desamparou.»

Fui crescendo e tornei-me menos pequeno. Entrei um dia em Sancta Cruz de Coimbra e vi essa tradição estampada em pedra. Acreditei n'ella em toda a candura de minha alma de então. Crença foi que me ficou gravada bem funda, e tanto, que me verteu sangue o coração, quando o braço robusto d'um homem grande me veio rasgar deante de tanta gente que lhe deu palmas.

Restava-me uma consolação. Esse homem era um bom portuguez, as suas intenções eram boas, o mal que me fizera era para me dar a verdade. E se esse homem apagava a origem do simbolo, não negava a sua verdade. Para elle tambem era crença em que na hora em que perdessemos a cruz de nossos maiores, não havia mais salvação para nós. Mostrou-o bem, indo elle só procural-a entre as ruínas dos conventos, hasteando-a só, defendendo-a só em grandes tempestades, até finalmente ganhar raizes.

Quando tudo isto se passava, a cruz continuava na moeda a perpetuar tres idéas : Deus, crença, independencia. Depois deu volta o mundo, a cruz desapareceu : iria com ella o que representava?..

Ora já basta de seccante. Felizmente acabou-se a digressão, e vamos ahi entrar pelo romance dentro com vento de poupa e maré boa, que aferramos n'um instante.

Em quanto Peixoto estava escrevendo, estava o sr. Cesario dormindo. As dez horas porém acordou, e d'ahi a vinte minutos ergueu-se.

Dirigiu-se ao espelho. Estava com umas olheiras tremendas.

Diabo, murmurou elle, estou famoso. Se assim continuo, bem posso dar baixa de posto.

Encheu a bacia d'agua fria, entornou-lhe den-

tro algumas gotas d'alcool, e banhou os olhos. Quando deu a ultima escovadella ao chapéu, estava outro.

Desceu a escada, e no patim fez reparo:

—Para onde irei agora? Maldito viver sem vida!

Era o segundo ataque de senso, que lhe tinha dado nesse dia.

—Vou ter com o Pedro á cama e contar-lhe...

Sorriu, puchou os bigodes e eil-o na rua.

Não bateu: subiu e abriu a porta sem mais cunprimto.

Como os leitores sabem, Peixoto não estava na cama. Ainda estava sentado á mesa, onde o deixámos.

Sentindo o ranger da porta, deu um pequeno estremecimento, fechou á pressa um livro em que estava lendo, e endireitou á visita.

—Venho dar-te uma novidade, Pedro.

O dono da casa não respondeu. Apertou a mão, que o outro lhe estendia e apontou-lhe uma cadeira.

Sentaram-se ambos.

—Diz lá: disse a final.

—Mas primeiro has de dizer-me o que tens hoje, que me parece anormal. Estás com tal aspecto, que dir-se-ia teres sobre as costas o peso do mundo.

—Enganas-te, meu caro. Estou como sempre. Que é o que tens para dizer-me?

—Já t'o não digo.

—Falemos d'outra coisa: para mim é indifferente.

O sr. de Sousa Paiva ficou desconcertado, ou para servir-me d'uma expressão d'um eloquente diabo, ficou desapontado. Queria, como se costuma dizer, vender o seu peixe, mas por bom preço. E tambem, verdade seja, desejava saber o incommodo do amigo. Instou pois:

—Ha de ser no que tenho a dizer-te, que hemos de falar, mas diz-me primeiro o que te afflige.

—Nada: pelo contrario. Estou para me casar.

Se uma bomba estoirasse n'esse instante debaixo dos pés do nosso janota, não o espantava a decima, a millesima parte, do que o espantavam aquellas poucas palavras. Arregalou os olhos até ao meio da testa, deixou cahir o queixo, e ficou-se parvo de todo a olhar para Pedro. Terminou com uma conscienciosa gargalhada.

Pedro continuava sério.

—Que achas tu para rir no meu dito, Cesario? — perguntou elle sem se alterar.

—O sério com que dizes isso, meu caro: respondeu o morgado rindo sempre.

— Pois eu não sei de nada mais sério na vida do que um casamento.

—Oh! lá isso é exacto. O casamento é uma grande coisa, retorquiu Cesario com affectada gravidade. E se não, basta ver que a natureza providente tem o cuidado de nos tirar o juizo nas vesporas de o celebrarmos. E quem é a feliz Amarylles dos teus encantos?

—Fallemos d'outra coisa, Cesario, se te apraz.

Não sei hoje afinar nesse estylo. Se podes ou queres mudar de tom, muito bem: se não, ponhamos pedra sobre tal coisa.

—Basta, Pedro: cá estou. Dou-te já os parabens.

Conversaram duas horas. Pedro Pereira confiecia bem aquelle homem, e sabia-lhe um excellent coração debaixo d'apparencias frivolas. Abriu-se com elle, e achou-o.

—E que certeza tens tu de que essa mulher corresponde ao teu amor? — proseguiu Cesario depois d'ouvir muito.

—Tenho toda. E por uma razão que parece um absurdo, mas a mim convence: nunca me disse uma palavra a tal respeito.

Basta. Um homem que se convence com absurdos não merece que gastemos mais tempo com elle. Sabei apenas, para concluir, que d'ahi a tres mezes estava casado com a Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia, que ao appellido de familia—Ribeiro — tinha acrescentado o de — Peixoto. Consta pelas vizinhas, que se dão como pombas. Que Deus os abençõe para bem do genero humano.

A menina Luiza Bebiana de Castro ainda está solteira. O ex-tenente, a sua ultima prancha de salvação, tinha tido outra assaltada de positivismo e calculo, que lhe tinha valido mais do que os capacetes de gelo da velha eschola. Resta-lhe para a consolar a boa Mathilde, que anda tratando de arranjar-lhe outro caosinho.

Aqui está em duas palavras o que Cesario tinha a contar. Este senhor continua na mesma. Come, dorme, passeia e fuma. Que lhe faça muito bom proveito.

E agora, meus senhores, está o romance acabado.

Para vós, minhas bellas, ainda não de todo. Só mais duas palavras d'amigo.

O sol é a coisa melhor que ha: ninguem repara em tal, porque todos os dias se nos está mettendo em casa, porque anda ahí ás vistas de todo o mundo. Sirva-vos de exemplo. Quem muito apparece muito aborrece: o que é facil não tem valor. Tambem vos puz para exemplo a menina Luiza, apesar de ser bem menos do que o Sol. Se quereis pois ter força, recatae-vos: se quereis casar não namoreis. Ahí fica em portuguez bem chão o resumo de todas estas *Coisas e Loisas*.

1860.

Fim.

J. SIMÕES FERREIRA.

## CANDIDA

III

Elle por ella

Continuado do n.º 17, tomo. II

—Chegaste em fim, Julio... tinha murmurado Candida, cahindo-lhe nos braços.

Julio sentou-a juncto a si em um pequeno banco, e perguntou com voz enfadada:

— Mas que afflições são estas? para que são estas lagrimas? que tem agora a tua ida para Cintra?

— Que tem, Julio!... perguntas-me o que tem a minha ida para Cintra!... pois não sabes que te amo... não sabes que não posso viver longe de ti!... Ah! Julio, Julio, não te merecia isto...

— Sempre recriminações...

— E não tenho eu razão para ellas?... Vês que te sacrifiquei tudo, que te sacrifiquei até o amor do meu pae, e, na vespora de te deixar, dizes-me que enchugue as lagrimas, que diga á alma que não sinta, ao coração que se não queixe!... Ai, Julio, Julio, que amor é o teu?!

— Que amor é o meu, Candida?... Se tu o adinhasse...

— Prouvera a Deus que o não soubesse.

— Não sabes, não; se comprehendesses como eu te amo, calcarias aos pés tudo que te prende ao mundo. Longe de todos seríamos só um para o outro, esconderíamos entre nós esta affeição, que a sociedade não é digna de conhecer, e viveríamos felizes.

— E meu pae, Julio?...

— Teu pae... pois não estou eu aqui, eu, que te amo tanto?... pôde o meu amor comparar-se ao de alguém sôbre a terra?...

— Calla-te, calla-te, não blasfemes: olha, lancemos-nos ambos aos pés de meu pae, confessemos-lhe o nosso amor: dir-lhe-hemos que não podemos viver um sem o outro, que nos perdôe, e...

— E depois, Candida?...

— Depois... oh! depois meu pae perdoar-nos ha...

— Louca! não sabes que teu pae amaldiçoarte-ha antes, e expulsará o homem, que ousou amar sua filha, porque esse homem é um desgraçado, cujo crime é o seu amor?! Não, Candida, não; que nos importa Lisboa, que nos importa o mundo inteiro?... depende a nossa felicidade d'outros alem de nós?... E demais, não sabes que brevemente serás mãe... E como occultarás então o fructo dos nossos amores?... Serás obrigada a desprezar teu filho, Ai! aqui espera-te o martyrio e lá... sorri-te a felicidade...

— Calla-te, calla-te, Julio, não me digas isso, que me matas!... Meu pae desprezar-me, amaldiçoar-me, envergonhar-se de mim, e eu ser obrigada a perder meu filho... porque eu vou ser mãe, não é verdade?... Oh! Julio... para que me desgraçaste?...

— E não me desgraçei eu tambem?... Não te ameie eu mais do que alguém pôde amar na terra!... e no entanto vejo agora que tu hesitas em seguir-me...

— Oh! tem dó de mim, Juliol!...

— Era a minha sorte, Candida; hoje que me espera alem da vingança de teu pae? Oh! mas essa esperal-a-hei resignado... e comtudo eu amava-te

bem!.. eis a paga de te amar tanto!.. Mas que vejo!.. alem, não vês luzes percorrerem as casas?... Teu pae deu talvez por a tua falta. Uma ultima vez, Candida, fujamos, fujamos para a ventura, que nos espera... Perlo d'aqui tenho uma carruagem prompta, e...

— É impossivel... meu pae... oh! calla-te, calla-te...

— Ah! recusas! eis o que era o teu amor!... E devia eu acreditar nas tuas lagrimas... para que me chamaste ainda hoje?

— Julio, Julio!...

— Basta!... adeus, adeus para sempre... tu o quizeste... Ficarás perdida, desgraçada para todos; mas terás por companhia a minha sombra, por consolação o remorso da morte, que vas dar-me...

— Julio!.. piedade... não me desampares...

— E tens tu piedade para mim?... Oh! sinto passos proximos... é de certo teu pae... Quererás talvez ver-me assassinado a teus pés!.. E porque não?... terás assim a prova de quanto eu te amava... e comtudo podiamos ainda ser bem felizes...

— Oh! meu Deus, meu Deus... balbuciou a pobre, cahindo-lhe aos pés.

— Candida! exclamou elle, tomando-a nos braços; confias finalmente em mim?... Consentes em seguir-me?...

Mas ella tinha desmaiado completamente. Um sorriso diabolico animou então as feições de Julio: levantou-a, como quem levanta um cadaver, envolveu-a no seu comprido capote e murmurou com voz sumida e triumphante:

— Oh! agora principio a acreditar na vingança; já era tempo!..

Depois correu com ella nos braços, abriu á pressa a porta, por onde tinha entrado e sahio. Ao fim da rua encontrou uma sege, que o esperava: metteu-se n'ella e disse para o holieiro:

— Depressa, a todo o galope, para onde tu sabes...

A sege partiu, tirada por dois possantes cavallos, e, passada meia hora de caminho, parou em uma rua deserta e em frente de uma casa solitaria e triste.

Era junto de Arroios.

Julio appeou-se e tomando nos braços a pobre creança, sempre desmaiada, deixou cahir na mão do cocheiro um punhado de ouro, dizendo-lhe em voz baixa:

— Agora, silencio! bem sabes, que a tua vida está nas minhas mãos...

O cocheiro recebeu o ouro e partiu logo a galope, murmurando:

— Pôde ficar descansado, serei mudo... bem sabe que não costumo faltar.

Julio, em seguida, abriu a porta d'essa casa, em frente da qual se tinha apeado: fechou-a sôbre si, entrou em uma sala triste e pobremente mobilada, esclarecida apenas por a luz baça e duvidosa de uma véla; depôz sôbre um sophá a po-

bre creança, ainda sem sentidos, e deixou-se cahir em uma cadeira defronte d'ella, exclamando com uma gargalhada horrorosa :

— Oh ! o que é um primeiro amor escarnecido ao pé de uma vingança completa !.. Mas coragem, a minha obra está apenas principiada ... o inferno me ajudará !

Neste meio tempo passava-se em casa do General St.\* Barbara uma scena bem diversa, mas não menos interessante.

O general, depois que sua filha o deixára, tinha-se recolhido ao seu escriptorio para escrever e pôr as suas cousas em arranjo, para a partida do dia seguinte: ao ouvir dar meia noite lançou por acaso os olhos para a janella e descobriu o céu semeado de estrellas e a noite serena e linda.

— Oh ! teremos um bello tempo, disse elle consigo mesmo, e passaremos uma deliciosa vida em Cintra. E Candida ... pobre filha !.. que tristeza a perseguirá ha dias !... Aquella alegria de hoje era forçada, eu bem o conheci; mas que terá a pobre criança ?.. Não de ser os seus desenove annos, ha de ser esta bella estação das flores...

E insensivelmente o general foi-se aproximando da janella.

Ao lado do seu quarto ficava o de Candida, no qual havia duas janellas, que davam para a rua: o general lançou para lá a vista e viu as janellas abertas, sem luz dentro.

— Oh ! pensou elle, teria ella adormecido com as janellas abertas ! ...

E chamando uma criada perguntou-lhe :

— A menina já se deitou, Carlota ?

— Não sei, meu senhor, mas creio que sim.

— Vá vêr, ou se não ... espere; eu mesmo vou.

Carlota sabia que sua ama ficára de receber n'essa mesma noite Julio de Vasconcellos; lembrou-se logo de que estariam ainda no jardim, e em quanto o General se encaminhava para o quarto de sua filha, correu para o jardim.

Fôra n'esse momento que Julio tinha visto luzes moverem-se na casa e ouvira passos proximos a elle; se se tivesse demorado mais um instante ouviria tambem a voz de Carlota, que dizia :

— Menina ... menina ... seu pae chama-a ... ande, venha depressa ...

Mas Carlota deu uma volta a todo o jardim; não reparou na pequena porta, que ficára aberta, e julgou :

— Terá já voltado ... ainda bem ...

Ao entrar outra vez em casa encontrou o General com uma luz na mão e as feições demudadas.

— Carlota, perguntou elle, aonde está minha filha ? ...

O General ao entrar no quarto de Candida tinha encontrado a cama por desfazer e tudo no seu lugar; mas sua filha não estava lá. Em um momento correu toda a casa, chamou os criados, perguntou-lhes por sua filha, mas ninguem lhe soube responder. Ao descobrir aberta ainda a porta

da sala de jantar, que deitava para o jardim, perguntou com voz ameaçadora :

— Quem deixou esta porta aberta? quem abriu esta porta ... Depressa, tragam luzes ... quero saber de minha filha...

E correndo elle mesmo na frente de todos enfiou pela rua das acacias, ao fundo da qual encontrou uma capa, que Candida levára aos hombros. N'esse momento descobriu tambem aberta a pequena porta, que deitava para a rua e que nunca se costumava abrir.

Uma ideia infernal, espantosa, inacreditavel lhe passou pela mente ... sua filha podia ter fugido ! ..

Foi então que um dos criados lhe apresentou um papel, que apparecia em cima do mesmo banco, onde tinha encontrado a capa de Candida. O General abriu-o apressadamente e leu :

« General — A criança d'outróra é homem hoje, e, se não esqueceu as suas dividas, tambem não esqueceu os seus credores.

« Vós roubastes-me uma amante, despedastes-me o coração e fizestes de mim um perverso; roubo-vos agora uma filha, aniquilo-vos a honra e destruo a paz dos vossos ultimos dias.

« Ella por ella...

« E contudo é quasi a mesma cousa; a differença é que a criança de 1836 é hoje um homem de 40 annos, que aguardou uma vida angustiada e afflicta só para vos poder dizer, 20 annos depois: — Estamos quites ... não me deveis nada, General; roubastes-me uma amante, que idolatrava, calcastes-me aos pés um coração, que era joven e bom; fizeste de mim um homem perverso e mau ... roubo-vos agora uma filha, por quem morreis de amor; mancho-vos a honra no que de mais caro ella tem; aniquilo-vos a paz dos vossos ultimos dias de existencia ! ... Não nos devemos nada, Sr. O pobre Affonso da Costa pagou as suas dividas ao nobre General St.\* Barbara, o esposo de Candida d'Albuquerque ... »

Acabando de ler esta carta o General estava pallido como um cadáver; uma espuma esbranquiçada lhe assomava aos cantos da bócca; os cabellos eriçavam-se-lhe, e um suor frio lhe escorria ás bagadas da testa.

Passado um momento d'aquelle espasmo horroroso, como se recuperasse o vigor dos seus primeiros annos, esmagou e apertou convulsamente aquelle papel nas mãos e gritou:

— Oh ! mas o General St.\* Barbara vive ainda e não deixará impune um infame ... O General St.\* Barbara pôde, sabe e quer vingar-se... E o General St.\* Barbara ha de vingar-se, porque nem é um cobarde, nem um enfermo, que não possa já empunhar uma espada... Se não esmagou a vibora, que lhe rastejou um dia aos pés, pôde esmagal-a ainda...

E, dizendo isto, sahiu correndo, por onde um momento antes sahira sua filha nos braços do seu amante, ou antes do seu roubador.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO

## UM VOTO PELA ITALIA

Ao meu amigo V. da Silveira

Continuado do n.º 16, tom. II

O despotismo dos reis termina no dia, em que os povos, cansados de o soffrer, começam a trabalhar na obra da sua regeneração. Aos brados erguidos em nome da razão e do direito desmorona-se o imperio da oppressão e da prepotencia. Aos impetos violentos do tufão revolucionario cahê despedaçada a estatua do poder, que se sustinha em pedestal tincto com o sangue e regado com as lagrimas dos povos.

E nessas horas solemnes as bastilhas desabam em ruínas, as instituições barbaras desaparecem, e os ferros, que encadeavam milhares d'homens, convertem-se d'instrumentos do despotismo, que antes eram, em armas da liberdade. A sociedade, escorada na consciencia do seu poder, proclama então a inviolabilidade de seus direitos. E os povos, recordando magoados a historia dos seus infortunios e aviltamentos, votam á merecida execração a memoria dos tyrannos, que os opprimiram e flagelaram como rebanhos de mizeros escravos. A verdade vai calando nos animos, que a ella se têm mostrado mais adversos. As nações deixaram de ser propriedades *materiaes*, enfeudadas a uma dynastia, e adminstradas como uma *cousa*, que se transmite por herança.

O prestigio de uma raça, que os seculos viram decorada com o brilho da purpura, não tem já poder bastante para conter a voz e algemar o braço das nações. O throno dos reis já não pôde sustentar-se só na bayoneta do soldado, e na secure do carrasco. Se a liberdade e a justiça lhes não firmarem os degrãos, não tardará, que a tempestade se desencadêe sobre elles temerosa, e que o raio desça impiedoso sobre a sua cabeça, reduzindo a cinzas a corôa, que lá refulgira. As phases, que havemos observado na ultima lucta da Italia, fornecem-nos uma prova inconcussa da verdade de nossas asserções. Extorções atrozes e continuas, attentados violentos contra a propriedade, oppressão do pensamento escravizado por um poder brutal, sempre desconfiado e receoso; rebaixamento de um povo condemnado a vegetar sob a arma do soldado e os olhos do espião, uma prodigiosa mizeria physica, intellectuale moral eram males acerbos e dolorosissimos, que deviam alfim ter um termo. A arbitrariedade e a corrupção—eis as feições characteristics de governos costumados a desprezar o direito e a desacatar a moralidade.

Era funda a dôr, que se sentia ao contemplar um tal espectáculo: e mais recrescia ella, quando se recordava a antiga prosperidade e as espantosas creações do genio desse povo, suas longas e victoriosas luctas para manter illesa a sua independencia desde a liga lombarda ate aos derradeiros esfarços de Florença no tempo de Carlos v.

Ainda ha pouco a triste situação da Italia

causava impressões da mais viva mágoa nos amigos da liberdade. Os gemidos repassados de amargura, que se levantavam da terra de Petrarcha e do Dantê, coaram intima dôr em todos os corações generosos. Ainda ha pouco não fulgia uma só luz de esperanza no horisonte cerrado e sombrio da desgraçada Italia. Ainda ha pouco nobres e valentes filhos d'essa terra, que dera o berço ao Tasso e a Miguel Angelo, d'essa terra cantada por Byron e por Stael, sepultados uns em lobregas masmorras, expirando outros no patibulo, comendo muitos o pão amargurado do exilio, padecendo todos a mais cruel e ignominiosa das oppressões, desesperavam já de quebrar o septro de ferro, que os avexava. De continuo chorava a patria martyres, que não trêpidavam ante o sacrificio heroico de morrer por ella. A providencia quiz alfim, que se não continuasse essa chronica de horrores, em que cada pagina era escripta com sangue de victimas. A liberdade, qual anjo exterminador, desprega as azas, levanta a espada flammejante, corta algemas, esmigalha sceptros, derrota cohortes, protege opprimidos, e salva povos. A liberdade opéra assombrosos prodigios! As nações, que muitos criam cadaveres em dissolução, animadas pelo seu halito vivificante, erguem-se com a energia da vida, com a robustez da mocidade. Verdadeira redemptora — ella spargê sôbre os povos os mais preciosos beneficios, que elles podem gozar na terra. Estudai a historia dos destinos da Italia, confrontae as epochas da sua decadencia com os tempos de sua florecencia e de sua grandeza; attentae bem na sua actual situação; lembrae-vos do que foi hontem, do que é hoje e do que poderá ser amanhã, e concluireis comigo, abençoando os fructos salutaes da liberdade, e os esforços generosos dos que trabalham por ella.

(Continua)

## EPISTOLA

Illustre senhor Faustino  
De Xavier e Novaes,  
Herdeiro de Tolentino,  
De Boileau e outros que taes,  
Vou-lhe offerecer estes versos, (1)  
Tristes farrapos dispersos,  
Cirzidos sôbre o papel,  
Apontoados ao talento  
Definhado e macilento  
Da minha musa cruel.  
E que a doença da musa  
Aos mesmos sirva de escusa!...  
— A proposito de escusa!...  
Terá sancta paciencia,  
Se eu lhe não dou *excellencia*,  
Como é hoje do bom tom!

(1) O volume das minhas *Novas poesias*, que então lhe enviei.

P'ra que a verdade lhe diga  
 Eu sempre fiz uma liga  
 A lérias de cortezias...  
 Embirrei com as senhorias.  
 Com *excellencias e dom*;  
 Tal é a razão porque,  
 Se lhe eu der *vossa-mercê*,  
 A mal o não leve, amigo;  
 Pois já vê que não consigo  
 Atinar c'o tratamento!...  
 Deito pois velas ao vento  
 E na derrota prosigo,  
 Atando o fio ao sermão...  
 Mas... com licença... perdão...  
 Que me lembra outra razão,  
 P'ra lhe eu não dar *senhoria*,  
 Ou *excellenciã* redonda;  
 Pois espere qualquer dia  
 Que o meu charo me responda;  
 E como é muito cortez,  
 E sempre agradar procura,  
 Pagar-me-ia com usura,  
 Dando-me *alteza* talvez:  
 E eu ficava tão inchado  
 Que, pobre de mim coitado!  
 Dava-me logo um fanico,  
 Com que assustava a familia!...  
 P'ro livrar d'esta *quisilia*...  
 Com licença... aqui me fico!...

Meu charo senhor Faustino,  
 Muito devo ao seu ensino!...  
 Pois outr'ora, — inda creança,  
 Tambem me veio á lembrança  
 Um dia o ser trovador;  
 Falei muito de amizade,  
 Versejei muita saudade,  
 Ciumes, glorias, e amor:  
 Fiz um incrível barulho,  
 Cantei da selva o socego,  
 Cantei as noites de julho,  
 Os rouxinoes do Mondego,  
 Pastores, gaitas de folles,  
 Os pratinhos d'ovos molles...  
 E... inda mais triste que Ovidio,  
 E outros tristes animaes,  
 Até cantei o suicidio!...  
 Porém... n'isto haja segredo;  
 Pois se a justiça me apanha  
 Faz-me ir em papos d'aranha  
 Rebolindo a Rilhafolles!...  
 E por tanto sempre hei medo,  
 E de tal não falo mais!...

Ora já vê o meu charo  
 Que eu mettido n'estas danças,  
 A falar com tal descaro  
 Em paixões, em desesperanças,  
 Em tristes sentidos ais,  
 A chamar ás dores negras,  
 Á desventura amarella,

Á aurora côr de medronhos,  
 Azues e brancos aos sonhos,  
 Ao soffrer côr de canella,  
 E outras côres que taes—  
 Dava por páos e por pedras,  
 Falando a torto e a direiro,  
 Dos soffrimentos do peito  
 (Tosses, catarros e eguaes);  
 Té que em breves audiencias  
 Dava c'o caco em pantana  
 Gastando a mim o miôlo  
 E aos outros as paciencias:  
 E alcançando gloria insana  
 A final morria tollo  
 Na lei dos sentimentaes! ..

Mas quiz minha boa estrella  
 Que eu encontrasse os seus versos!  
 Ri dos destinos perversos,  
 Ao barco virando a vella;  
 E, seguindo o seu exemplo,  
 Do prazer entrei no templo;  
 Tendo o vento pela pôpa,  
 Levando maré de rosas...  
 E nas caldeiras jocosas  
 Fui tambem molhar a sopa!...  
 Nem precisei muito estudo  
 P'ra chegar a rir de tudo,  
 Rindo até de mim tambem!  
 Mandei á fava as tristezas,  
 Os astros, brizas e anjos,  
 Duzia e meia de bellezas,  
 Mais vaporozas que o fumo,  
 Mais gentis que fadas brancas;  
 E, fazendo os meus arranjos,  
 Fui mudando então de rumo,  
 Co a tal musa dando ás tranças  
 P'ro bello que a vida tem!...  
 E dei de mão á desgraça,  
 Porque, virando a casaca,  
 Fui plantal-a então d'estaca  
 No canteiro da chalaça  
 A ver se pegava bem!...

Aqui tem, pois, o meu charo  
 O muito que lhe devi,  
 Pois c'o seu talento raro  
 A rir da vida aprendi:  
 Em camisa de onze varas  
 C'os taes versos me metti...  
 Chorei... carpi... fiz lamurias...  
 Invoquei anjos e furias...  
 Mas suas maximas raras  
 Deram-me alento! vivi!...  
 A chorar fiz muitas caras;  
 Mas depois somente ri!...  
 E agora, se estou curado  
 D'aquelle velho peccado,  
 Tão sómente o devo a si.  
 Por isso desculpe a offerta,  
 Que lhe vou hoje levar;

Pois que um medico que acerta  
 Assim c'o mal do doente  
 Merece ter um presente  
 Que a cura lhe vá provar. (1)  
 Do livro já vê no fim  
 Que eu vou indo assim — assim!...  
 E talvez lhe mostre em breve  
 O muito que já lhe deve  
 Minha saude poetica;  
 Pois já estou livre da hectica,  
 Que me estava a consumir;  
 E, mais gordo do que um nabo,  
 Mandei o pranto ao diabo,  
 E a vida consumo a rirl...

Ora pois, Senhor Faustino,  
 Se consentisse o destino  
 Que eu receba lettras suas  
 Em resposta a estas minhas,  
 Mandava arear as ruas,  
 Tocar sinos, campainhas,  
 Armar portas e janellas,  
 Embandeirar o telhado,  
 E vestia o meu criado,  
 Que é um redondo gallego,  
 Com cazaca de morcego,  
 De dragonas amarellas...  
 E, entre tantas festas varias,  
 Até punha luminarias!...

Já vê por tanto o festejo,  
 Que eu faça á sua resposta,  
 Que é de quem immenso gosta  
 De ver cumprir seu desejo;  
 E, como diz o ditado,  
 —Quem espera sempre alcança—  
 Eu sempre fico na esp'rança  
 Do correio desejado,  
 Que prove que o meu pedido  
 Não ficou desattendido!...

Desculpe, pois, a massada,  
 Que ao ler esta trapalhada  
 O meu charo amigo tem  
 Em nome de quem da fé  
 De seu venerador timbra,  
 E que reside em Coimbra,  
 No bairro de S. José,  
 E que se assigna gostoso  
 Ser seu muito affectuoso  
 A. M. da Cunha Bellem.

Maio de 1858

N. B. Esta epistola, que foi recebida pelo sr. Faustino de Novaes, nas vesporas de sua partida para o Brasil, teve em resposta uma attenciosa e

(1) Alludo á 2.<sup>a</sup> parte das minhas *Novas poesias*, intituladas *Desenfados poeticos*, e moldada pelo gosto das poesias do sr. Novaes.

lisongeira carta em prosa, desculpando-se de não responder em verso, pela preocupação em que o trazia a sua proxima partida.

## EXPEDIENTE

*Testimunho de gratidão* — Não contentariamos nossa consciencia se gravassemos só no coração os nomes d'aquelles, que, na triste quadra, por que estamos passando, mais nos têm pinhorado com suas palavras de consolo, seus conselhos, seus offercimentos e seus serviços em favor de nossos interesses. Não; é preciso mais: é preciso que n'este jornal, d'onde tantos apontamentos tiraremos um dia para nossa — *Vida de estudante em Coimbra*, os mencionemos todos; que a modestia de nenhum se offenda; que é nobre e altivo o prestar culto á virtude!

*Em seguimento do numero 18*

Adolpho Ferreira de Loureiro — *Figueira*  
 A. M. da Cunha Belem — *Abrantes*  
 Antonio Theodoro Taborda Pignateli — *Penamacor*  
 Dymas Thaddeu d'Almeida — *Silves*  
 Francisco Maria de Carvalho — *Lamego*

COIMBRA

Antonio Leite Monteiro — *Estudante*  
 Augusto Curado de Campos — *Idem*  
 E. A. de Barros Ribeiro — *Idem*  
 João Carlos Valladas Mascarenhas — *Idem*  
 Joaquim João Marreiros Netto — *Idem*  
 José Augusto Franco Castello-Branco — *Idem*  
 José Ayres da Silveira Mascaranhas — *Idem*  
 José Luiz Champalimond Duff — *Idem*  
 José dos Santos Duarte Pimenta — *Idem*  
 Manuel Vicente Ribeiro — *Idem*.

V. DA SILVEIRA

*Erratas* — pag. 144, lin. 8 — lê-se *chegavam* em vez de *chegaram*; na mesma pag.; penultima lin. — lê-se *teceu* em vez de *tecem*.

A cobrança, em Coimbra, continuar-se-ha a fazer como antigamente; i. é, por trimestres ou semestres: a inefficacia da cobrança *por mezes*, ha pouco ensaiada, obriga-nos a voltar ao antigo systema.

Preços

1.<sup>o</sup> vol. (brochado)..... 1\$600

2.<sup>o</sup> volume

Semestre.....	660	Semestre.....	780
Trimestre.....	360	Trimestre.....	420

Avulso — 40 réis.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## LEITURAS POPULARES

Continuado do n.º 15, tomo. II

XIV

Associação e Liberdade dissera eu serem essas duas idéas aonde se depara mais verdade e que, ambas fundidas em factos, podem dar fructo mais sasonado e proveitoso; o leito por onde placida pôde correr, demandando seu termo, a torrente — ora revolta e turbada por mil encontrados elementos que ahi se revolvem e guerreiam — da vida das modernas sociedades.

E como não seria assim, se, ramos frondosos de arvore, que no coração do homem tem fundas as raizes — a propria natureza, tem por fim, entrelando-se estreitamente e em mutuo amplexo apertando-se, ampararem-se e defenderem-se uma a outra, por que assim reciprocamente se protejam no crescer e no fructificar? Se são ara sacro-santa aonde os animos discordes em busca da verdade — mas que d'alma a buscam, tem de vir pactuar aliança, queimando ahi, em holocausto incruento, o fel de paixões ruins e desamoraveis; como poderão ellas, por estranho desapego e ingratidão mentir ao que, em nome de futuro melhor, nos promettem, e a que, na fé d'esse almejado futuro, prestamos crença e esperança illimitadas?

Não podem. Quando a intelligencia e coração do homem se revela uma verdade, tam rica de evidencia, tam promettedora de consolações, não pôde « *Aquelle* » que ao espirito a revelára deixal-a sem que pela evolução dos factos receba confirmação e com ella foros de inconfutavel.

Uma idéa assim nunca mente.

XV

Descendo das subidas regiões da abstracção ao campo mais arido e abrolhoso — mas porventura mais util, das realidades, da theoria aos factos; o livro, cujo bom espirito por todos quizeramos diffundido, como vaso de balsamo suave, que a todos vai unguindo e perfumando, apontando alvitres, que d'estes bons principios descendem, testemunhando não escasso cabedal de saber, — testi-

fica tambem aquilatado amor pela sciencia e pelos homens; que em muito conta o amor e o enthusiasmo para o descobrimento da verdade.

De tantos e tam bons alvidramentos, quantos o livro encerra, um ha que, como base de systema, os resume em si, d'onde todos descendem, ponto culminante, centro em volta do qual, satelites a lhe reflectirem o brilho, volteiam todos os outros, compartilhando com elle a verdade e prestimo com que é dotado.

É este o projecto das « Associações Agricolas ».

(Continúa)

ANTERO DO QUENTAL

## EMILLA

Romance original.

CAPITULO I

Uma apparencia

..... passam como um sonho  
Os prazeres do crime e o crime fica!

A. F. DE CASTILHO.

N'um bello dia de janeiro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil oitocentos e quarenta e seis, que, segundo modernas e mais acertadas chronologias, corresponde ao de mil oitocentos e quarenta e dois da era vulgar, passeavam dois mancebos no Jardim Botânico desta antiga e sempre illustre cidade de Coimbra, cerca das dez para as onze horas da manhã.

Do que tudo dou fé, e como verdade reconheço sob o meu signal e sello.

É um dos tres mil modos de começar um romance, e, se não dos melhores, convireis que é original.

Podéra abrir-lhe a porta por uma descripção estirada e miuda de uma sexta parte do mundo, de que eu seria o Colombo, e que vós nunca chegarieis a conhecer — e é isto o mais commum; podia romper *ex abrupto* por um dialogo apimentado, que vos picasse o appetite e assoprasse a curiosidade — e isto já se encontra menos vezes; ou appresentar-vos sem mais nem mais em face

de uma scena tetrica, horripilante, agoureira e mysteriosa — como se faz annunciar o *Deus dis-põe*, por exemplo.

Não fiz assim : estava no meu direito. Bem ou mal, já tem principio.

Adiante.

Dissemos que passeavam no Jardim dois mancebos.

Pois não tinham mau gosto ... por muito que peze ao auctor da *Grangette*, que, se houvera estado em Coimbra, nesta mimosa terra dos verdores, teria modificado muito a sua opinião, e mesmo passaria muita vez, que não ha resistir-se á magia d'

« ... aquelles passeios

« Lá abaixo no *Salgueiral*

« Ou na *Lapa dos Esteios*

« Ou no fulgente *Areal*.

A passos lentos caminhavam os dois mancebos, gozando em cheio o incanto delicioso d'aquelle passeio matutino.

Um d'elles era baixo, um pouco trigueiro, com os beiços salientes e a cara redonda.

A figura não é lá das mais sympathicas. Paciencia, minhas bellas ; nem todos podemos ser como vós.

Apezar d'isso desde já vos posso declarar, sem comprometter o interesse da narrativa, que o meu heroe não era tolo nem nada d'isso tinha.

Qualquer dos meus queridos leitores que o visse, dizia logo ao primeiro relancear d'olhos — « aquelle é do outro mnndo... », isto é, do outro hemispherio.

O seu a seu dono. Não me tornem a culpa de fazer *mundo* synonymo de *hemispherio*, que, bem sabem, não é minha a lembrança, mas do dignissimo fundador da *Revista dos dois Mundos*.

Chamavam-lhe Honorato.

O outro tambem não era agora nenhum Polihemo; mas era innegavelmente, um elegante moço.

Em altura pouco sobrelevava ao companheiro, de grossura não era tanto. Dotado porém de proporcional regularidade entre todas e cada uma das partes do corpo, era formoso em todo o rigor classico da expressão.

Rosto oval, testa proeminente, olhos do castanho puro e genuino da nossa raça, nariz bem lançado e bôcca pequena, eram os caracteres que mais lhe sobressahiam de legitimo portuguez.

O seu aspecto era serio sem ser carrancudo, e deixava transparecer a benignidade atravez d'um olhar claro, puro e affavel.

Tinha a honra de assignar-se de V. Ex.<sup>ta</sup> respeitoso admirador — João Luiz de Sampaio.

Seguia-se dizer-vos como andavam vestidos ; mas para isso havia eu necessidade de procurar os figurinos d'essa epocha, que de tal nãoresa o precioso manuscripto (é de rigor) que me está servindo de texto á curiosa e interessante historia que vou narrar-vos.

Supponde-os, pois, trajados como melhor vos approuver com tanto que seja com gravidade e decencia, que do contrario era faltar á verdade e injuriar-me a mim, julgando-me capaz de gastar tempo com casquilhos, gente a mais aromaticamente embirrenta de todo o vasto mundo da parvoice.

Agora attenção, que vai fallar o senhor Sampaio.

— Palavra d'honra, Honorato; não te comprehendo. És um homem enigma. Que diabo te prende em Coimbra ?

— Algum cherubim da tua terra provavelmente — respondeu o patricio das bananas, sorrindo. E depois assumindo um ar desdenhoso e ironico continuou a meia voz :

— Tomára saber que se importa esta gente comigo ... Que cada um tomasse conta por si, era bem melhor, e incommodavam-me menos. Quando deixará a gente da tua terra de se metter com vidas alheias, João ? Eu bem sei que lhes dou no goto, mas isso para mim é indifferente.

— Pela parte que me toca agradeço, Honorato. Mas sempre direi que te enganas a meu respeito.

— Nem isto é contigo. Deus me livre de te offender. Mas revolta-me a bisbilhoteira d'uma gentilha que por ahí vive de costa direita, fazendo vida da vida alheia, importando-se com tudo, mettendo-se em tudo e tudo commentando a seu bello prazer. E é de pasmar como as cousas se desfiguram, se transformam, vistas lá pelo prisma mentiroso das suas intenções corrompidas...

Por diante proseguia o filho da America, dirigindo d'aquellas amabilidades á boa gente da patria illustre do Sá de Miranda, quando, tendo alçado a cabeça, deparou com alguma cousa que o sobresaltou. Fez-se instantaneamente pallido, e sacudindo com força o braço do companheiro, perguntou com voz tremula :

— Tu conheces aquella mulher, João ?

Seguiram ao longo da gradaria pelo lado de dentro, e ao chegarem ao angulo do echo, entrava pela portá que faz frente para o Seminario uma mulher, cujos ademanos travessos e garrido trajar denunciavam uma filha de Cythera.

Fosse tenção formada, ou velleidade propria d'aquella gente, depois de ter dado dois ou tres passos em frente, rodou sobre a esquerda, e, apertando o passo, dirigiu-se para a estrada de serventia, encostada á matta, que nesse tempo estava em comunicação com o passeio, de modo que João já a não viu senão de costas. Esperou que chegasse ao angulo opposto, e então poude vela de perfil. Olhou-a um instante e respondeu :

— Eu não.

— Nem ainda a viste em Coimbra ?

— Não me recordo : talvez. Mas que interesse tens tu em saber quem ella é ?

— Eu ... interesse nenhum, respondeu Honorato. E que me fez voar agora o pensamento bem longe. Queres crer uma cousa, João ? Aquella mu-

lher fez-me um abalo immenso. Foi uma vida inteira que me trouxe ao pensamento.

Honorato voltou ainda uma vez os olhos para a mulher, que já lhe ia bem longe, e ficou por muito tempo silencioso. Deus sabe em que elle pensaria, que de quando em quando passava a mão pela testa e tirava-a alagada de suor.

No entretanto foram-se chegando para um banco e sentaram-se.

João Luiz de Sampaio não dizia nem uma palavra. Conhecia de sobejo com quem tratava para ignorar que, em taes alturas, não lhe perdoaria Honorato uma indiscrição.

Não era aquella a primeira vez que tinha sido testemunha de scenas semelhantes, e era isso que não comprehendia no character d'aquelle homem.

A final Honorato accendeu um charutó, deu outro a Sampaio e rompeu:

— Olha lá, João, não achas que eu tenho ás vezes momentos d'uma excentricidade exquisita?

— Mais do que exquisita, inexplicavel, direi eu.

— Pois sim, como quizeres: mas no fim de tudo isso sou um excellente moço... — replicou o primeiro em tom de comedia, ficando depois a olhar para o fumo do seu charuto, que subia em novellinhos, rarefazia-se pouco a pouco, até que se sumia de todo no ar:

— Ai Diogenes, Diogenes, proseguiu após alguns momentos, só tu soubeste o verdadeiro meio de viver no mundo! Se eu fora homem poderoso, erguia-te uma estatua. Quando deixará a nossa educação de ser enredada nestas malditas péas, nestas frioleiras de Deus, consciencia, vicio, virtude?

— Na vespera da dissolução ultima da sociedade: — respondeu Sampaio vagorosamente.

— Olha, meu caro Sampaio, talvez isso seja assim. Nem me importa. Has-de logo ir commigo a ver se encontramos por ahi algures aquella mulher, que me quero rir muito d'esta minha ridicula preocupação. É por ahi alguma miseravel, d'essa escoria vil de sevandijas, especie gangrenada, que nos faz envergonhar de ser parte do genero humano. Pregam-nos progresso e civilisação — proseguiu o senhor Honorato sacudindo a cinza do charuto com a ponta do dedo minimo, — e deixam-nos incommodar por essa relé, que não mandam para o inferno!...

E depois tomou uma *charutada*, recostou-se para trás e expelliu com força uma nuyem de fumo.

Sampaio tinha-o escutado até ao fim com as pernas encruzadas, o cotovello esquerdo sobre o joelho e a barba sobre a mão. Quando elle acabou, ergue a cabeça, levou a mão ao chapéu que tombou um quasi nadinha para traz, e pôz-se a olhar muito attento para Honorato.

Este continuou, franzindo a testa:

— É celebre!... Se um demonio podesse pa-recer-se com um anjo, havia de dizer... E que tenho eu que seja ou não seja, que se pareça ou não pareça?... Anda d'ahi, João, vem girar.

E por um movimento nervoso levantou-se, trazendo comsigo o companheiro, e ambos continuaram no passeio.

João Luiz de Sampaio caminhava cabisbaixo, calado e meditabundo. Passados alguns instantes, começou como em continuação de cogitações intimas:

— Tens estado hoje muito bom, Honorato: tens fallado ricamente, dito mesmo bocadinhos d'ouro. Não te despeças d'essa linguagem, que te acredita. Se podesse crer que o cynismo é mais do que um desejo, uma aspiração do crime, dir-te-hia cynico.

— Pois enganavas-te, meu caro, desgraçadamente. Demos mais algum tempo, e talvez lá chegue. Porora, quando muito, estou indifferente. E tambem te digo que se o cynismo fosse cousa que se comprasse, dava de boamente metade da vida por elle.

— Quer dizer que davas metade da vida por tocar o ultimo extremo de degradação a que um homem pôde chegar.

Tudo isso é excellente, magnifico.

— Outro engano da tua parte. O cynismo tam longe está de ser o ultimo periodo de degradação, que é o estado habitual das sumidades sociaes.

Aquelle argumento não tinha réplica.

Sampaio calou-se. O nosso irmão de alem mar accressentou:

— Sabes tu o que é estar cynico? É rir sem remorsos sobre toda a vida espirital; é esmagar debaixo dos pés, sem nos doer, o passado inteiro, e sobre as ruinas da consciencia adormecer descuidado; é ter força para ver d'olhos enxutos as injustiças cruas, as torpes vilezas de meia duzia d'agiotas, que tomaram a si o governo do mundo; é encarar o futuro sem tremer, sem que inquietações nos venham atormentar! Já vês que tem grandes vantagens o cynismo! Mas a que vem agora tudo isso? Mudemos de rumo. Que rico dia que está hoje!

— Tens razão, Honorato. Admiremos o tempo e deixemos correr o mundo.

A conversação passou a futilidades, e cada um procurou esquecer o que tinha havido.

## CAPITULO II

### Uma como ha muitas

E a qual desses amantes de um momento  
Seu fado escuro importa?

A. HERCULANO

Nós, tu, leitor, e eu, que não somos tam indifferentes como o senhor Honorato, vamos ver para onde vae aquella mulher, que, apesar de tudo, tambem é filha de Deus.

A mais candida das minhas leitoras pôde vir

tambem comnosco, que não ha de ter de que envergonhar-se.

Se formos depressa, ainda a encontramos a entrar n'uma casa de modesta apparencia, para não dizer outra cousa, na rua de S. Jeronymo, mesmo na esquina que volta para a viella, beco, travessa, ou o que quizerem, menos rua do Coto-vello.

Subiu o primeiro lanço de escadas, abriu uma porta á direita, e eil-a em sua casa.

A mulher, em geral, tem uma propensão innata para o aceio e conchego domestico, que não perde ainda no charco de depravação, para onde nos divertimos de atirar com ella nos nossos momentos de enôjo. Ha excepções; tão vergonhosas, porem, como raras.

Entrae em qualquer casebre d'uma d'essas infelizes que a nossa virtuosa sociedade despreza e avilta, e reconhecereis commigo o que acabo de dizer-vos.

Ahi não haverá senão uma bilha com agua e umas palhas podres: mas a bilha ha de estar a um canto, as palhas juntas, e o chão, embora terreo, estará varrido.

E esse aceio, e esse arranjo é ainda uma revelação natural de que para mais subidos destinos, para misteres mais uteis e proveitosos, que não para ludibrio de nossas paixões, creara Deus um ente tam ricamente dotado.

Se eivado não estiverdes do escrupulo social, se as reflexões que acabo de fazer vos occorrerem, e com ellas vos calar n'alma o dó e a compaixão, dignai-vos manifestar á pobre dona d'essa casa, de qualquer modo que seja, que vos agrada aquelle arranjo, e de contentamento puro vel-a-heis sorrir-vos, e com a vossa approvação dar-se por bem paga.

A casa onde entrou a nossa heroína era das melhores no seu genero. Tinha tido antes do marquez de Pombal vidraças nas janellas, cujos caixilhos ainda lá existiam; mas o desastroso terremoto havia-lhes feito os vidros em estilhaços, e pela grande razão de economia preventiva, entendera o senhorio que melhor era substitui-los com papel pardo untado de azeite.

Talvez tivessem sido brancas as paredes; mas ninguem tal o diria, encrustadas como estavam de fumo e humidade.

O solho era uma calçada de madeira de diversas qualidades, que debaixo escondia o pavimento primitivo, como que envergonhado de sua idade avançada.

Toda a mobilia, isto é, uma enxerga rachitica sôbre dois bancos carunchosos, uma mesa de tres pés e meio, duas cadeiras velhas e um lavatorio azul, deixava perceber que a fome bastas vezes tinha por alli morada certa.

Havia ainda mais dois trastes que merecem honrosa menção no inventario—o espelho, e um Crucifixo, que estava sobre a tal mesa quasi quadrupede, coberto com uma cortina de gaze.

O primeiro denunciava a mulher com todas as suas vaidades, garridices e bagatellas; o segundo a Magdalena com todas as suas lagrimas, dôres e arrependimentos.

O espelho e o Crucifixo eram uma antithese, 'naquella casa,

Vejamos agora a inquilina desta morada—typo.

Apenas entrara havia ella fechado a porta, e sentou-se, ou, antes, deixou-se cahir n'uma cadeira, que rangeu confrangida, mas ainda se susteve.

Deixou pender a cabeça sobre o peito, e assim se conservou alguns minutos.

Lagrimas a lio lhe escorregavam pelas faces desbotadas, e iam sumir-se na camisinha do seio.

Depois ergueu-se, tirou o capote, mirou-se um instante ao espelho, e parece que lhe tocou um vislumbre de satisfação. Mas foi um relampago.

Era uma mulher que devêra ter sido muito bella, a julgar por alguns traços, que o vicio ainda não tinha apagado de todo.

Era alta, bem talhada, e d'uma regularidade de feições não vulgar. Tinha olhos pretos, bellos, bem que um pouco amortecidos, bôcca pequena e dentes de jaspe.

Teria os seus vinte e quatro para vinte e cinco annos, e representava ter mais, e bem mais de trinta.

Quanto se sabia d'ella é que se chamava Olympia, morava ali havia quasi um mez, e não estava ainda despicienda.

E tambem ninguem se importava com mais nada.

Que ella houvesse sahido da ultima classe popular, ou que tivesse cahido d'uma posição superior; que a falta de educação, deixando livres os instinctos animaes lhe preparasse aquelle viver, ou que desastrosa necessidade a tivesse impellido ao abysmo; que o seu rit estouvado fosse verdadeiro e real ou mentiroso e apparente, e só um remedio forçado para afugentar recordações d'outras eras; que a entrada para o crime houvesse sido desmoralisação prematura, consequencia de uma educação negativa, ou fome e lagrimas que o mundo escarneceu; nada d'isso passava pela idéa indagar a quem entrava em casa d'essa infeliz.

O que se queria era que risse e se mostrasse satisfeita, alegre e contente 'num momento dado; o mais, passado e futuro, pouco lhe importava.

E o passado talvez contivesse uma tragedia bem pungente!

E o futuro?..

Esse todos o sabem... Uma enxerga por caridade 'num hospital, e depois uma gargalhada sôbre o cadaver!

Olympia tinha pensado 'nisso mais de uma vez, e bem quizera fugir-lhe.

Propôz-se firmemente mudar de vida e pediu trabalho: mas quem lhe daria que fazer, a ella, pobre, desconhecida e desacreditada?

Tres dias fecho a sua porta á deshonra, e a fome correu prestes a tomar-lhe o logar.

Nem por isso amaldiçoou os homens. Deixou-se

de utopias e continuou a trilhar a senda que lhe dava pão.

Por uma reacção necessaria trabalhou d'ahi em diante por apagar os ultimos reflexos de consciencia que ainda lhe restavam, ja agora inuteis, e só tractou de embrenhar-se no embrutecimento, e arrojarse, impunhando a taça das bachanaes, na embriaguez do vicio, até ir perder-se no turbilhão de infamias, onde delinham tantas desgraçadas como ella, a que a sociedade chama — *as suas fezes!*..

E estamos no seculo das luzes, e dizemo-nos um povo civilisado!!

Pobre civilisação, como andas degradada e mesquinha no pensar d'essa gente! Não podendo elevar-se a toda a altura da ideia, que condemna o vicio e acolhe o criminoso, tentam rebaixal-a ao nivel da sua pequenez presumpçosa e ridicula, que insulta o criminoso e pratica o vicio!

Dancemos a polka, e viva o progresso!—como dizia Almeida Garrett.

Como iamoz dizendo, Olympia entrou para casa muito triste, e depois de olhar para o espelho pareceu ficar melhor.

Pois é cousa de que a visinhança não se lembrava, o vel-a triste.

Seria que o remorso lhe tornasse a mostrar o fundo negro do seu abysmo, para novamente a tentar para o arrendimento?

Duvido.

O que era mais provavel, é que estivesse ainda em jejum, e a bolsa com o fundo para o ar.

Depois que tirou o capote, foi á gaveta da mesa, abriu uma caixa de papelão, já muito estragada, e ficou-se a olhar para o quer que era que tinha dentro por largo tempo

O seio arfava-lhe com precipitação, as lagrimas corriam como punhos pela cara abaixo, parecia soffrir immenso, e apezar d'isso não tirava os olhos da caixinha. Prendia-a um incantamento irresistivel.

Bateram á porta.

Olympia estremeceu, como se tivesse acordado d'um sonho.

Fechou á pressa a gaveta, limpou a cara, compôz o semblante e appresentou-se que parecia nadando em contentamento. Eram-lhe facéis aquellas transfigurações que muita vez lhe tinham matado a fome.

Abriu a porta.

Era a servente, especie de planta parasita, exclusiva de Coimbra, inimitavel no seu genero; aggregado necessario de estudantes e mulheres de má vida, de quem foram, as mais das vezes, antecessoras no mister; typo requintado de impudencia, grosseria, estupidez, e muita cousa mais, que daria materia a largas dissertações de fisiologista curioso e em disponibilidade.

A senhora Joaquina era uma mulher alta e esmagriçada, com a classica rodilha assente na cabeça e um cesto no braço.

Entrou sem mais cerimonia, deu os bons dias a Olympia, e foi pouzar o cesto a um canto.

Tomou depois uma enorme pitada de simonte, sorveu-a com toda a pachorra, e perguntou a final:

— Ha de querer alguma cousa da praça, menina?

Olympia suspirou e respondeu:

— Hoje não, senhora Joaquina; obrigada.

A servente estranhou a resposta e olhou para ella. Estranhou-a tambem, e perguntou com interesse:

— Que tem a menina hoje?

— Nada.

Naquelle tempo ainda não eram moda os calimbargos, e que o fossem, o senhora Joaquina era a menos competente para perceber que Olympia fallava verdade, mentindo. Continuou, pois na melhor boa fé do mundo:

— Mas está tão triste?

— Eu ... triste?! quem se lembra de tal?!

E tentou um sorriso. Que importou? A servente não se illudiu.

Bem dizia o Bocage:

« Os labios mentem

« Os olhos não.

— Eu bem vejo que a menina não está boa... —proseguiu ella. Mas seja la o que fôr. Eu não sou curiosa. Quer a meniua saber uma cousa? A Rosita do senhor doutor, pôl-a elle no meio da rua, sem mais nem mais.

— Qual Rosita?

— Nem a menina agora conhece outra cousa... Aquella rapariga que morava lá em baixo, e tinha uma venda...

— Ah! ja sei. E elle deu-lhe alguma coisa, ao menos?

— Dar!.. só se fosse com a bengala; disse a senhora Joaquina em tom de mofa; e depois, encrespando o sobrolho, ajuntou:

— E fazia-o, se a pobresita não foge tam depressa; o patife, pedaço d'um bregeiro, que é o que elle é. Mas antes isso. Que lhe podia elle dar, que não fosse mais um insulto? Pagar a deshonra com dinheiro é ao crime juntar o escarneo. Se eu vestisse calças assim como visto saias, eu o ensinaria a seduzir raparigas, e depois atirar para ahi com ellas como quem atira com um prato á rua.

— Coitadita da pequena! Mas isso não podia ser assim: elle não a puuha fóra sem ter razão. Alguma lhe pregou ella...

A servente soltou uma gargalhada convulsa e sardonica, como só no inferno ririam as furias, se no inferno houvesse riso, e respondeu com voz cava:

— Razão?.. Para elles a unica razão é o fastio. Olhe, menina Olympia, a razão sci-a eu, mas não lh'a digo...

Olympia sorriu tristemente. De mais o sabia ella. Estava-a, porem, interessando a linguagem da servente, e para a ouvir, continuou:

—Mas, senhora Joaquina, parece-lhe crível que um homem educado, que occupa um brilhante lugar na sociedade, se exponha assim ao descredito e ao stigma de quem o conhece, sem ter tido um motivo forte, e bem forte, que o levasse a tania-nha velhacaria?

—O que me parece não sei... O que sei é que quem não tem vergonha todo o mundo é seu. Que se importa quem o conhece com cousas d'essas? A esta hora já toda a cidade o sabe, e elle não só passeia desassombrado, senão que continúa do mesmo modo, e talvez com mais agrado, a ser recebido e visitado pelos seus amigos, que ainda em cima lhe dão os parabens!

—E a mãe?

—A mãe esteve quasi a morrer de desgosto quando lh'a roubaram e mais de oito dias nem soube onde ella parava: mas agora já se ia resignando. Que lhe havia ella de fazer?!

Calou-se a senhora Joaquina, e Olympia meditou por alguns instantes.

—E não terá remorsos esse homem?—murmurou ella.

—Remorsos!.. Para ter remorsos é preciso ter consciencia e temor de Deus: e quem tem consciencia e temor de Deus não vae assim arrancar ao seio d'uma familia uma donzella, só porque lhe agrada, para lhe estampar na fronte o sello da infamia e deixal-a depois desamparada á beira d'um abysmo porque o seu appetite desgastado lhe requer sempre fazenda nova em folha!

—E então que ha de ella agora fazer?

A senhora Joaquina embatucou. Nem era para menos. Naquelle caso não sei o que responderia o grande luminaria da moral, o sabio, prudente e antigo Larraga, sem comprometter os seus principios.

A boa da mulher contentou-se com anathematisar com a auctoridade com que fungava... o seu simonte todos os capas-pretas, e quantos á sombra d'elles fazem diabruras d'aquellas.

—A minha pena é não ser eu homem, menina — continuou ella com os punhos fechados e os olhos a faiscarem: — que se o fosse, elle tinha a estas horas os ossos num feixe e a alma no inferno. Só assim fartava a minha raiva. Pobre pequena!..

Não quer nada, não? Pois então fique-se com Nossa Senhora, e até logo se Deus quizer.

A servente sahio, e Olympia tornou a fechar a porta e foi sentar-se ao pé da mesa. Sobre ella firmou os cotovellos e a cara sobre as mãos, e assim esteve por algum tempo.

Depois cabiu de joelhos em frente do Crucifixo e orou com fervor por largo espaço.

Quando se ergueu, parecia perfeitamente socogada: só lhe brilhavam os olhos com fulgor extraordinario.

Sentou-se novamente, e começou a escrever com frenetica rapidez.

Era noite quando largou a penna.

Abriu um pouco a janella, olhou de relance para o ceu, onde algumas estrellas já vinham apparecendo, e foi sentar-se sobre a cama murmurando uma palavra:

— Finalmente!..

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

## O HOMEM DE ALLEIA

(abortosinho de um romance)

### I

Dizes que é.....casta abjecta  
Fructo d'inxertos vis... irral! tu mentes!  
Vae-lhe ver os papeis! são descendentes  
Do solar de Hidalção por linha recta!  
BÓCAGE

O heroe da minha historia chama-se Francisco... e é parvo!..

Este começo já promete e muito!..

Com effeito, pelo que respeita a chamar-se o heroe Francisco, não vejo n'isso o menor inconveniente! Não tem havido muitos Franciscos, que têm sido uns grandes heroes? Não é Francisco o imperador de Austria? não o era tambem o rei de Napoles?... Não nos apresenta o *Flos-sanctorum* e o calendario das folhinhas e almanacks tantos Franciscos, sanctos de pólpá, com os sobrenomes de Caraciolo, Xavier, de Sales, de Assis, de Paula ou de Borja? que admira pois que o meu heroe seja Francisco?

Agora em quanto ao ser parvo, leitor, não cuidas que é isso mau para elle... não por certo! parvos são os pobres de espirito e delle é o reino do céu... assim pois certissima tem o meu Francisco a bemaventurança... e falta-lhe só conquistar o reino da terra!... o que tambem não é muito difficil aos parvos!

Assim pois, leitor pio e benevolo (que talvez nem benevolo sejas, nem pio!) vou-te apresentar o homem da minha historia.

Francisco presta culto ao genio tutelar das bagatellas, cujo reino o immortal author do *Hyssope* collocou. — «*Nos vastos intermundios de Epicuro.*»

Francisco só de vaidades se alimenta, gaba-se quando o não gabam (e n'isto se parece elle com muita gente boa!); ama os aromas de lisongeiro incenso, e, com protectoral amor, retribue alheios encomios! Adora todas as mulheres e nenhuma jámais o amou! é satyro nos seus ardores e quer fingir de Adonis; não sabe occultar os seus affectos e dirige a todas taes requebros, que, a não gelarem a chamma do peito mais ardente, fariam rebentar de riso os labios mais sisudos!..

Não me pergunteis, leitores, pelo seu appellido! Eu podéra buscar-lhe um nome de familia euphonico, illustre e retumbante!.. podéra fazel-o descender de um «Albuquerque terribil, Cas-

tro forte e outros em que poder não teve a morte»: podéra dar-lhe um brasão onde por timbre se visse um leão rompante ou aguja armada de ouro!! Mas o que lucraria com isso o meu romance? Não pôde o meu heroe calçar alto cothurno, embora seja nascido em berço humilde e emballado pelas mãos do povo? Quem dissera ao marinheiro Edmundo Dantés que chegaria a ser Conde de Monte-Christo, depois do salto mortal que deu no Castello de If, dentro do funereo sacco (em cuja possibilidade nem eu nem o leitor acreditamos)? Quem dissera a Jacques Artevelle, o fabricante de cerveja, que viria a ser rei de Flandres; ou a Murat, o soldado de Napoleão, que chegaria a rei de Napoles?... quem ao proprio Bonaparte... ao artilheiro de Toulon, prognosticaria que o esperava o throno da França e quasi o sceptro de toda a Europa?... (e lá n'isso creio eu e o leitor, que uma vez compulsou a historia verdadeira, severa e impeccavel — ás vezes)!!...

Ora pois, e á vista d'isto, acredite quem se dêr ao instructivo trabalho de lèr esta monstruosidade philosophica do romanticismo, que o meu heroe recebeu o ser de um pae honesto, mas pobre... honrado, mas descendente desse grande gigante, a que se chama — *povo* — que por indolencia já quasi sempre deitado, soffrendo paciente as offensas com que o martyrisam, mas que se ás vezes acaso se ergue de pé então mostra bem frisantemente a força collossal do seu herculeo poderio...

N'estas circumstancias mal quadrára ao meu heroe um appellido que tivesse cabida na nobiliarchia...

Fique pois o homem só Francisco, que eu tambem aqui ficarei em quanto ao capitulo primeiro d'esta muito verdadeira historia, que em veracidade e bom gosto sobreleva a da carochinha.

## II

E finalmente depois

.....  
Entrou na patria vaidoso  
C'o sello das suas cartas.  
MALHÃO.

O immortal, cantor de Adosinda e D. Branca quasi não escreveu cousa, em que não figurassem frades! e como poderia deixar de ser assim se elle descrevia as scenas do tempo em que vivia, onde os frades eram mais frequentes do que os habitos de Christo na cõrte do Brasil, quando lá esteve o nosso rei D. João VI; ou do que os bachareis formados o são n'este nosso tempo em que vivemos? O proprio Garrett dá algures esta desculpa da tanta superabundancia de frades, que se encontra nas suas obras... que não é lá qualquer cousa! n'algumas chegam até a figurar conventos inteiros!

Ora como deixarei eu de introduzir n'esta e em todas quantas chronicas escrever, pelo me-

nos a sua meia duzia de bachareis, se elles tanto abundam n'este, cada vez com mais justa razão, chamado o grande seculo das luzes?...

Irá pois aqui figurar um bacharel formado... que assim o manda a veracidade dos factos, e assim o revela o seguinte dialogo, que entre Francisco e seu pae se dava uma bella tarde de verão.

— Anda cá, rapaz! tu queres-te formar?

— Quero, sim senhor!

«Ut post formatus doctor foret honra parentum», dizia o author do Palito metrico.

— E estás decidido a estudar?

— Como um bruto, meu pae! — respondia o caloiro em perspectiva.

Esta resposta agradou ao velho, que, virando as costas a seu filho, ia a resmungar por entre dentes:

— O rapaz é fino!... mostra talento e vontade: toca a fazel-o homem de letras!

Desde esse dia começaram os esforços do bom do homem a convergirem todos nos meios empregados para levar o seu Francisco á cathedra de Doutor.

Em fins de Setembro do anno da graça de 184... e tantos, beijava, entre soluços, Francisco a mão de sua mãe, e bifurcado na azemola classica, cuja só espinha ao ver-se «*cortabat fios almae*», partia para a terra historica dos palitos e das tigelinhas de manjar-branco, saudoso das patrias batatas e dos feijões amigos de infancia.

Seu pae dissera-lhe á despedida:

— Rapaz! Sabes os sacrificios que faço para te mandar para Coimbra? vou-me limitar a comer todo o anno treplos e espigos (assim se chama na Beira, donde era o meu heroe, aos grelos de nabo e de couve) só para juntar algum vintem para te mandar! Por isso é preciso trabalhares para seres homem!

Asneira!.. que a esse tempo já o nosso Francisco era homem, que até namoriscava as cachopas na fonte: nem consta que ninguém fosse a Coimbra para mudar de sexo e fazer-se homem!

Mas, admittindo a phrase consagrada pelo uso, prosigamos...

Farei tudo isso meu pae, e ate hei de ser premiado! — respondeu Francisco com as lagrimas de separação a borbulharem-lhe.

Aqui tambem os olhos do pae se arrasaram de agua, e eu e o leitor, por não chorarmos tambem ao ver tão tocante scena, desviámo-nos um pouco, deixámos partir o caloiro, e vamol-o encontrar, tres dias depois, em Coimbra.

O rapaz matriculou-se e estudou a ponto que, com o seu limitado talento, alcançou nõ fim do anno um *accessit*... Logo que tal mandou dizer para a terra o pae habou-se de gosto; a mãe quasi teve um faniquito, e correu logo á janella a chamar a primeira pessoa que passava na rua, que por infelicidade era um barbeiro, para lhe dizer que o seu filho tinha apanhado um *accescimo* em Coimbra; ao que o erudito filho espurio de Es-

culapio respondeu muito prompto, que para *acrescimos* o melhor era quina !...

Francisco veio a ferias, Francisco voltou para Coimbra... tornou a vir, tornou a voltar, e no fim de cinco annos era doutor, sem que a sua vida academica offerecesse nada de notavel; porque elle foi d'aquelles que, na sua carreira litteraria, nascem, vegetam, e morrem quasi inglorios !...

Eil-o, pois, na sua terra... elle que sahira humilde e pequenino, que só ás bellezas de calcanhar rachado podia offerecer os seus requêbros... eil-o agora bacharel formado; vaidoso só da lata das suas cartas, que trazia a tiracolo, pendente de bellos cordões escarlates; authorisado de continuo a apontar para a sua gravata lavada, quando d'antes, ao pescoço, só usava o triste marotinho azul; e podendo entrar nos circulos da melhor sociedade da sua terra e vomitar ahi nauseabundas finezas a todas as madamas !...

(Continua) B.

### PRANTO NO MAR

Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas!  
Precisava de vós, tardaveis tanto !..

A. F. CASTILHO.

Sôbre as ondas orgulhosas,  
Que se arremessam vaidosas  
Contra os rochedos erguidos,  
Vai meu pranto misturar-te,  
Vai á corrente juntar-te,  
Vai escutar-lhe os rugidos:

Vai, que ninguém adivinha  
O tormento que definha  
Nest'hora o meu coração;  
Que a minha dôr vive occulta,  
Como lagrima sepulta  
Das aguas no turbilhão;

Que a turba surri e passa,  
Sem reparar na desgraça  
Que esse sorriso causou;  
Que o mundo corre zombando,  
Com sarcasmos insultando  
Quem d'ha muito o desprezou!

Ninguém sabe quando eu scismo,  
Quando sosinha me abysmo  
Em secreto padecer!  
Que, em apparentes folguedos,  
Do meu soffrer os segredos  
Poucos sabem comprehendêr!

Quantas vezes eu sorrindo,  
Mil alegrias fingindo,  
Quero sómente chorar!  
...E lá entre a sociedade.

Invejam-me a f'lecidade,  
Desejam como eu gozar !!!

Corre, meu pranto, não temas;  
Que rijas, feras algemas  
Não podem prender-te agora;  
Que o furacão que alem grita,  
A corrente que se agita  
Nunca dirão — ella chora !!

Do mar os roucos accentos  
Nunca dirão os lamentos  
Que junto delle soltei!  
Que elle, o soberbo gigante,  
Jámais parou um instante  
A saber por que chorei!!

Que elle, incessante bramindo,  
Vai ávante proseguindo  
No fado que o céu lhe deu!  
Do seu abysmo profundo  
Com desprezo olha p'r'o mundo,  
P'ra quem vive ou quem morreu!

É indifferente... mas calla,  
Ouve — escuta — mas não fala,  
Não vai dizer o que ouviu!  
É feroz, não quer fingir-se;  
Mas d'ironia sorrir-se  
Da desgraça — ninguém viu!

Por isso, por confidente  
D'acerba mágoa pungente,  
Que vive em meu coração,  
Quero o mar embravecido,  
Do vento forte o rugido,  
— Por amiga — a solidão — !!

Figueira da Foz, — junto á Montanha do Farol,  
9 de Outubro de 1859.

AMELIA JANNY.

### EXPEDIENTE

*Agradecimento* — Aos srs. assignantes, que, sentindo nossas necessidades, nos mandaram pagar e repetir sua assignatara — damos nossos mais sinceros agradecimentos.

*Erro* — Por descuido — deixámos publicar o n.º 19 d'este jornal datado de Julho. Os n.ºs 15 a 18 — foram datados de Maio e Junho, em vez de Novembro e Dezembro, por pertencerem a um trimestre, cuja importancia já havíamos recebido.

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## EMILIA

Continuado do n.º 20

### CAPITULO III

#### Uma como ha poucas

É uma d'essas raras mulheres que enchem o coração de ternura e a cabeça de orgulho.

C. CASTELLO-BRANGO

Alguns annos antes da epocha a que se referem os acontecimentos da nossa historia vivia no Rio de Janeiro um respeitavel ancião com uma filha unica, fructo de virtuosa esposa que chorava perdida.

Bemquisto de quem o conhecia, rodeado de respeito e attensões que lhe grangearam suas virtudes, tanto moraes como sociaes, o senhor José Moniz de Figueiredo disfructava uma ditosa e tranquilla velhice, que só é dada em premio do concerto da mocidade, e bendizia a Providencia que lhe havia dado um anjo para velar carinhosamente a seu lado, e na hora inefavel do passamento lhe apontar para Deus na eternidade, e cerrar depois, piedosa, as palpebras já sem vida.

Asua filha era o seu encanto, o enlevo de seus olhos, o sol que lhe aquecia os ultimos dias da vida.

Era gosto ouvir o ancião quando fallava da sua Emilia. Não havia epitheto de carinho, affecto e ternura que lhe não desse o bom do pae.

Os seus extremos para ella não tinham medida. Amava em sua filha o espirito do Deus de bondade, que com tal mimo lhe adoçara os amargores da velhice, e a imagem da sua bem amada que lá do céu lhe sorria atravez de indizível saudade.

Não tinha poupado cuidados ou diligencias para dar-lhe uma brilhante educação; tinha-a visto medrar em saber sem desmerecer um til da angelica innocencia que a caracterisava, e agora revia-se nella com uma doce satisfação, com um gozo e contentamento intimos, que só um pae sabe sentir.

O unico mal que temia era perder a companhia de sua querida filha. Era este receio que aguava em certo modo a sua felicidade, que perfeita não ha nesta vida. O dia em que se achasse no mundo sem ella, era a vespera da sua morte.

Emilia tambem, pela sua parte, não cedia em ternura ao auctor de seus dias.

Embalava-lhe a vida em amorosa sollicitude nunca desmentida, que se traduzia na desvelada constancia com que lhe procurava todas as comodidades possiveis; no estremecimento de coração com que lhe adivinhava e prevenia os mais insignificantes desejos; na condescendencia, tam grata aos velhos, com que lhe satisfazia os caprichos mais pueris; numa palavra, em todas essas mil delicadezas subteis do carinho feminino, que são um segredo exclusivo das mulheres, e fazem desta vida um paraizo de venturas celestes.

De manhã era ella quem primeiro lhe vinha dar os bons dias; quem lhe abria as janellas do quarto; quem lhe perguntava, com aquella voz tam meiga, se estava bom, se tinha passado bem a noite; quem lhe ministrava por sua mão um cordial mimoso e substancial que nunca lhe esquecia; quem depois ao almoço vinha ainda fazer-lhe companhia.

Ao jantar sempre lhe havia de ter prompto algum acepipe predilecto, alguma surpresa de gosto e delicadeza, que ordinariamente preparava ella mesma.

Todos os dias á noite rezavam juntos por alma do ente saudoso, cujos carinhos ambos haviam perdido, e quando o anjo dos sonhos lhe vinha cerrar as palpebras, era a voz de Emilia invocando o nome de sua mãe o ultimo accento que o senhor José escutava.

Deste modo esta mutua correspondencia de dozes affectos, de ternas e innocentes meiguices, de carinhos e desvelos tinha identificado as duas existencias e creado uma necessidade de viverem um para o outro, que já nada podia destruir sem comprometter a vida ou saude de qualquer dos dois.

Linda como a estrella da manhã, meiga como a rolinha da selva, mimosa e delicada como a bonina do prado, pura e candida como o anjo da graça, Emilia era não só o encanto de seu pae,

senão também a boa fada de quem tinha a ventura de a conhecer.

Nunca desgraçado se lhe chegara, que lhe não mimorasse ella o padecer. Dia em que não houvesse sido allivio a dores extranhas já o não passava contente.

Viam-na os mancebos, e admiravam-na, que a mais se não atreviam. Parece que exhalava de si um perfume de innocencia tam puro e celeste, que esvahiia pensamentos profanos.

E, todavia, Emilia nada tinha de agreste. Ninguém mais tractavel. As suas fallas eram do mesmo bom agrado para todos, o seu sorriso não se recusava a ninguém. Não precisava resguardar a sua virtude, falso colorido de um falso pudor; a sua consciencia innocente nem lhe deixava adivinhar a possibilidade de um desaeato. Parece que a toda a gente mettia no coração, que a todos captivava a sua affabilidade.

A sua conversação era rica, variada e fluente, mas simples e sem affectação; revelava um espirito são e cultivado, que prendia irresistivelmente as sympathias, sem esforço, sem mesmo intenção da parte d'ella. As suas graças eram todas naturaes, e 'nisso estava o segredo da sua força.

Não se ataviava com arrebiques, desconhecia as pomadas e os perfumes, e por isso a sua belleza brilhava singela, e era de arrebatár.

Estaria, porem, o seu coração ainda adormecido, virgem ainda de outro sentimento, que não fosse a amizade de seu pae? Nos seus sonhos de vinte annos não haveria uma imagem feitiçeira que lhe apontasse risonha para outra vida de venturas desconhecidas?

Havia, havia. E qual é o coração de mulher onde as não ha?

'Naquelle tempo... não sei.

Hoje, ainda ao collo da ama, já ellas lhes veem fazer festinhas, prometter bolinhos, bonecas e casamento; palavra magica, que as nossas meninas já comprehendem por uma antecipação admiravel, maravilha do nosso seculo, e lhes faz dar pulinhos de contentamento, bater as palminhas e agitar com delirio a roquinha de lata.

Appello para a consciencia das minhas bellas leitoras, e até as despenso de o confessar de rijo, que lhes não quero ver de carmin os rostinhos feitiçeiros.

Em Emilia, porem, essa imagem era apenas uma aspiração poetica, um devaneio de donzella, talvez uma recordação, mas d'ahi não passava.

Se em lindas noites de maio a lua, sorrindo-lhe com meiguice, lhe surprehendia um suspiro mais ardente, envolto fugia nas auras da noite, e só Deus poderia testificar que o coração nessa hora lhe batia mais forte.

As vezes, nas noites vagarosas do inverno, esquecia horas e horas a contemplar o céu scintillando de estrellas ás mil, a espraiair a vista ao largo nesse espaço sem limites, elevado até ao

infinito como o seu pensamento, puro como a sua alma de archanjo: de repente sentia-se estremecer, uma lagrima de fogo lhe vinha escaldar a face, e fugia, fugia sem saber de que, com o rosto escondido entre as mãos, a buscar repouso e socego aos braços do pae.

Era então de ver como o olhava terna e melancholica, como entre as suas abrazadas lhe apertava as mãos já enrugadas e frias.

Os pensamentos, porem, que em momentos d'esses lhe esvoaçavam na mente, nunca a ninguém os dissera. Occultava-os com empenho na fibra mais recondita do seu coração de virgem, e nem a si mesma ousava formulal-os em voz baixa.

Tinha resolvido dedicar-se inteira ao auctor de seus dias, com elle viver só, e por isso não alentava amor inutil.

Nunca se perdoaria a louca vaidade de um ephemero galanteio, e de casamento não tinha tenção nem lembrança em quanto visesse seu pae.

Outros eram, todavia, os pensamentos do senhor José Moniz de Figueiredo.

Os annos iam-lhe pesando; lembrava-se que não podia já demorar muito por esta terra de desferro, e desacompanhada lhe ficava 'numa idade perigosa a filha que idolatrava. Cuidava, pois, em deixar-lhe arrimo seguro, um esteio firme que á sua sombra protegesse do sopro ardente das paixões aquella planta fragil e mimosa.

Em breve a Providencia, que pelos seus vela, lhe preparou ensejo facil de realisar o seu plano. Um amigo seu, homem já de idade séria, veio, quando menos o pensava, pedir-lhe a filha em casamento.

— Mas haveis de viver em minha casa.

— Não ha duvida nenhuma nisso.

— Pois então...

Abraçaram-se os dois, e o futuro de Emilia ficou, desde logo, assegurado.

Contente ficou o senhor Figueiredo, que assim via dar fim a seus cuidados. Nem se apartava mais da sua querida filha, nem ella corria risco de ficar a sós no mundo. Todos os interesses se harmonisavam, todos os receios punham termo, realisavam-se todas as esperanças e ambições de felicidade. Amanhecia-lhe no horisonte a aurora de um novo dia, que vinha desfazer inteiramente as nuvens do seu porvir.

Restava consultar a vontade da filha; mas parece que não podia ella reguitar, senão acceitar com jubilo, proposta tam vantajosa, e tanto do agrado de quem mais estimava no mundo.

Estava o pae tam convencido d'isso, que mais como participação de boa nova do que como consulta disse-lhe um dia que a tinha promettido em casamento, e que muito era do seu empenho vel-a receber com satisfacção o esposo que lhe destinára, a todos os respeitoos digno de consideração e estima.

Bem ao contrario, porem, do que mais era de suppor, Emilia desmaiou até á pallidez, e duas

lagrimas rehentaram espontaneas, antes que a sua vontade podesse reprimir-as.

O ancião ficou surprehendido, que não atinava com o motivo de tal cousa. A caprichos de donzella a attribuiu, e, para combatel-os, exaltou-lhe a necessidade e vantagens d'aquelle casamento.

Passado o primeiro sobresalto, Emilia pediu algum tempo de espera para, dizia ella, se costumar a essa idea. Passaram, porem, oito, quinze e vinte dias, e a sua indecisão não era menor.

Pae extremo e prudente, não queria o senhor Figueiredo impor-lhe vontade, e valer-se da sua authority para arrancar um consentimento forçado, que iria levar para sempre a infelicidade a uma vida que tanto prezava: mas por outro lado bastante o magoava deixar pela primeira vez a sua palavra sem cumprimento, e malograr-se tambem uma união tam vantajosa por qualquer ponto de vista sob que se encarasse.

Pelo que diz respeito a Emilia, alguma cousa havia, e não de pouco momento seria ella, que a embaraçava de acolher de boamente a vontade de seu pae, que tanto respeitava, e, ainda a custo de algum sacrificio, realisar os seus desejos.

Bem via que aquella irresolução havia necessariamente de acabar mais cedo ou mais tarde, e, ou acceitava e ia sujeitar-se a um viver para onde o coração lhe repugnava, ou não acceitava e ia dar desgosto ao bom do ancião, a quem devia tanto amor, o que não lhe custava menos.

Bem quizera que cada dia durasse seculos, e ao contrario parecia-lhe que o tempo voava com velocidade cem vezes mais rapida.

Um dia, bem cedo, o senhor Figueiredo mandou-a chamar ao seu quarto. Sentira-se incommodado e não tinha por isso sahido da cama.

Emilia sentiu como que um véu de tristeza envolver-lhe o coração. Um vago presentimento lhe fazia temer aquella entrevista com seu pae. Não obstante isso, não demorou um instante em ir sentar-se-lhe á cabeceira. Beijou-lhe a mão, e esperou silenciosa as suas ordens.

José Moniz de Figueiredo tomou-lhe as mãos entre as suas, achegou-as ao peito, e fitou-a com um olhar indizível de ternura. Viu-a pallida, convulsa e abatida, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua.

Emilia olhou-o tambem, e, vendo-o chorar, não ponde mais suster-se. Encostou a fronte á cama e deu curso livre ao pranto.

Seguiu-se prolongado silencio.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

Nunca em corações generosos a virtude perde os quilates que teve nos progenitores.

AMADOR ARRAIZ

## CANDIDA

(Continuado do n.º 19)

### IV

#### Resignação

O General St.\* Barbara errou perdido pelas ruas da cidade todo o resto da noite; logo que amanheceu correu a casa do chefe da policia, homem, que por felicidade era seu conhecido e lhe tinha em tempo devido favores, para saber o que seria feito de Affonso da Costa, filho de um antigo procurador, que morrêra cerca de dezanove annos antes.

Affonso da Costa era creatura, que ninguem conhecia.

Depois de miudas indagações veiu a saber-se, que esse rapaz tinha sido por muito tempo um dos mais assíduos cuidádos da policia. Educado com todo o esmero, filho de um homem tido por todos como verdadeiramente honrado, fôra estudante da Polytechnica; mas, principiando uma carreira distincta nas aulas, terminára por se fazer turbulento, desinquietao e por fim até falsario. Debutára em uma vida cheia de crimes por se entregar ao deboche e embriaguez, e roubára seu pae, subtrahindo-lhe até papeis de importancia, que elle, como procurador, possuia no seu cartorio, fazendo com elles transacções e negocios, que iam compromettendo o depositario d'elles. Passando alternativamente por jogador de profissão, cavalheiro de industria e desordeiro, acabára por ser mettido em um processo sobre notas falsas e firmas contrafeitas, o que tinha feito com que se refugiasse para o Brasil, d'onde não constava ter voltado. D'ahi por deante perdiam-se os seus traços e nada se sabia.

Carlota tendo contado ao General as relações de sua filha com Julio de Vasconcellos, aquelle pôz-se logo em busca d'este novo desconhecido, que não duvidou um momento fosse Affonso da Costa; porém nenhum indicio ponde colher do conductor de sua filha. Carlota levava as cartas de Candida, mas deixava-as em uma loja, aonde Julio não era conhecido senão por o muito dinheiro, com que pagava aquelle serviço, indo elle mesmo recebê-las e não revelando nunca a sua morada. Depois do desaparecimento de Candida ninguem mais o tinha visto.

O General, no entanto, acabava-se a olhos vistos; ao principio a sua energia fizera-o pôr assim dizer remoçar; mas as infructuosas indagações a que procedia affligiam-no tanto, que ia perdendo uma a uma as forças e esperanças, que o tinham animado naquella sancta excitação.

Cançado e gasto por fim retirou-se ao centro de sua casa e enterrou-se vivo no meio das reliquias de sua filha, julgada para sempre perdida. Principiou a não viver com pessoa alguma, e a

não querer ver ninguém; as suas janellas jamais se abriram, e além dos poucos criados que conservou, ninguém mais penetrou n'aquella casa, que parecia amaldiçoada e deserta.

Seis mezes se tinham passado, e o pobre velho contava apenas por as suas lagrimas os momentos que vivia. Caduco e encanecido aos cincoenta annos, que tantos elle tinha, o seu passado pintava-se-lhe como um sonho, e pedia a hora em que a sua alma podesse despir o involucro de miseria e soffrimento que a prendia, para voar livre ao paiz do repouso eterno. Amarrado sempre á ideia triste de sua filha deshonrada e servindo de instrumento a uma vingança tão vil como miseravel, chorava por ella, e nem a recordação da curta ventura passada, nem a das suas victorias e campanhas bastavam a distrahir-o da agonia que o ralava.

N'este meio tempo Candida não era mais feliz.

Ao acordar na prisão, em que a deixámos desmaiada, olhou em volta de si e achou-se em uma casa descouhecida completamente para ella e alumiada por uma fraca luz.

Que se teria passado? como se achava alli?.. Não se lembrava de cousa alguma.

Fechou os olhos como se acordasse no meio de um sonho mau, tornou a abril-os passado um momento, e pareceu-lhe então ver diante de si Julio com os olhos fitos sôbre ella, um sorriso ironico a errar-lhe nos labios e um rubor afogueado a animar-lhe o pallido das feições. Candida ao ver aquella sombra diante de si fechou os olhos outra vez, passou a mão por a testa e balbuciou:

— Meu Deus... meu Deus, aonde estou eu... que visão!..

Continuou depois a ver a mesma figura escarredora e fria diante d'ella e murmurou ainda:

— Piedade, meu Deus, piedade!..

Tentou erguer-se no sophá, mas as forças abandonaram-na e continuou com voz desfallecida:

— Que visão... que visão infernal... meu Deus!.. onde estou eu?..

— Aonde estás?! interrompeu uma voz que a fez tremer e erguer-se rapidamente: não te diz o coração aonde estás, Candida? não te diz elle que estás ao pé de mim, que te amo tanto?..

— Julio, Julio! exclamou ella, responde, por piedade, como estou eu aqui?.. e meu pae..

— Não o adivinhas, Candida?

— Não, não, Julio... mas dize, que se passou? fala, responde; por alma de minha mãe t'ó peço...

— Tua mãe... atalhou elle ameaçador, tua mãe!.. Oh! tua mãe era uma sancta; não profanes a sua memoria, invocando-a agora. E um rir prolongado fez tremer a desgraçada, que apenas achou forças para perguntar:

— E meu pae?.. quero vel-o, Julio!..

— E quererá elle ver-te, a ti que o abandonaste?

— Oh! quer, sim, quer... meu pae pordoar-nos-ha.

— Enganas-te; elle agora é morto para ti, assim como tu vives só para o nosso amor. Olha: não vês como os nossos paços são alegres, como aqui se respira a felicidade?..

E Julio apontava sorrindo para o pequeno quarto triste e pobremente mobilado. Depois:

— Vamos, continuou elle, porque choras? És uma criança; o teu primeiro amor, o mais sancto, o mais puro por ser o primeiro, foi-te partilhado; porque choras então? Não me tens juncto a ti, não te sentes tão joven e formosa, tão bella e meiga, tão amada e feliz como ha perto de vinte annos conheci tua mãe?..

— Tu, Julio!.. conheceste-a?!...

— Se conheci...

— Então por a memoria d'ella, que não cheguei a conhecer, tem compaixão de mim...

— E queres que te fale n'ella? continuou elle sorrindo: bem vês que sou quasi um velho. não me julgavas tão velho, não?.. e não te horrorisas com os meus quarenta annos?..

— Não, Julio; mas fala-me em minha mãe, tem dó de mim; quero o perdão de meu pae, quero o seu amor, quero ao menos vel-o uma vez...

— Descança; elle sabe a tua sorte. Oh! deve conhecer-me bem...

— A ti?!

— Sim, a mim... hei de contar-te tudo; mas agora tenho de te deixar por um momento: olha, este quarto é o teu palacio. Não deve ser bella a vida passada aqui, sempre aqui, e a sós com o nosso amor?

— Assustas-me... não sei o que queres dizer?

— Que principiou a nossa felicidade, não o adivinhas?.. mas adeus.

— Julio, deixas-me só? queres matar-me?

— Eu?... matar-te?..

— Julio, Julio, piedade!..

Mas elle já a não ouviu; desapareceu por a porta, que se abriu por um momento apenas, e Candida sentiu a chave correr na fechadura por a parte de fóra!

Com uma força sobrenatural correu á porta, abalou-a com a energia da desesperação, gritou com o desespero do susto, mas nem a porta se moveu, nem um echo respondeu ás suas vozes.

Estava definitivamente presa e só!

Ao ver-se assim, uma ancia atroz lhe affogou a alma; quiz chorar, mas não achou uma lagrima; quiz chamar, mas fugira-lhe a voz; quiz mover-se, mas as forças tinham-na abandonado.

Cahi de joelhos, ergueu as mãos e orou, orou por muito tempo com essa oração, que sobe da alma aos pés do Eterno, que não tem palavras que a traduzam, expressões que a possam definir.

Quando se levantou, passado um momento, parece que das suas feições transpirava a tranquillidade e resignação e que um balsamo tinha descido ás suas feridas.

E é assim; o desgraçado, por mais desgraçado e só que se veja no mundo, por mais pesada que sinta

a sua cruz, por mais cruel que se lhe affigure a sua sorte, tem sempre um balsamo inextinguível na oração. Acolhido sob as sanctas azas da religião, vê em tórno adejar-lhe a fé, scintillar-lhe a luz da esperança e, para quem pôde *esperar*, nunca a desgraça se pôde considerar irremediavel.

Candida *esperava* pois, porque accreditava em Deus, e a religião sáa e suavisa as chagas do espirito.

— Principia hoje a minha expiação, exclamou ella por fim, não lavam por ventura as lagrimas?... não pôde o soffrimento remir a culpa?... não é o arrependimento que purifica a alma?... Oh! bem hajas, meu Deus, bem hajas que me quizesse dar a resignação.

(Continúa)

A. F. DE LOUREIRO.

## O HOMEM DE ALLEIA

(Continuado do n.º 20)

### III

Venha ver qualquer idiota,  
Que o destino tornou rico,  
Tentar já metter o bico  
Onde, reinando a decencia,  
Só bebêra a intelligencia.

F. X. DE NOVAES

Effectivamente o bacharelado é para muitos o Potosi dos antigos, ou a California dos modernos!. Para trepar pela escala social como trepa o macaco por longo mastro, vae o agallegado minhoto para o Brasil negociar no branco marfim ou no preto escravo, e de lá regressa á patria mais carregado de contos de réis, do que o ouriço de maçãs; mas o beirão, mais amante de consideração, do que de dinheiro, vae para Coimbra... e forma-se!...

Pelo amor das riquezas deixa aquelle as patrias versas, e este, por amor da sciencia, abandona a amiga broa!...

Isto é natural!... naturalissimo!...  
Vê-se todos os dias! nem eu sou de Balzac, posto que muitas vezes desejasse poder, como elle, amarrar os meus heroes ao póste do ridiculo... para depois os zurzir ahí com o azorrague de uma critica severa e inflexivel!...

É que o meio mais obvio de elevar um protagonista, de o fazer chegar (além da carreira da magistratura — por onde pôde ir até presidente do supremo tribunal de justiça) a administrador de Concelho, a cavalleiro de Christo, ou, para variar, da Conceição; de o habilitar a pretendente de uma cadeira de deputado, de uma farda de Governador Civil, de um titulo de barão... que sei eu!... de uma pasta de ministro, — é começar por dar-lhe o grão de bacharel!

E quando á borla universitaria se ajunta o bar-

rete ecclesiastico?... isto é: quando antes ou depois do baptismo nas aguas lustraes do Mondego, que dão o bacharelado, se conferem ao heroe as sacras ordens de presbytero!.. isso então é que é ouro sôbre azul!.. então é que é vel-o pertender uma pingue abbadia na sua terra! uma cadeira de conego na Sé mais proxima da aldeia natal... uma mitra no ultramar ou mesmo no continente... um barrete cardinalicio no sacro collegio... em fim, um papado sôbre o throno do successor de S. Pedro!..

N'uma palavra! a pedra angular de tão grandes destinos... o germen de tão elevadas distincções futuras é a cousa mais simples e a que todos chegam... é um bacharelado!..

Ora todo este arrasoado trouxe eu aqui para mostrar aos muito benevelos leitores quanto o meu heroe perdeu, renunciando ao sacerdocio, a que, desde a infancia, fôra destinado por seus paes para logo que se formasse.

— E que motivo teve Francisco para assim renunciar á vida ecclesiastica? — pergunta, com interesse, a muito amavel leitora

— Eu digo a V. Ex.ª, minha senhora.

O bom do nosso moço sentira, desde a mais tenra infancia, muito exaltada no coração a sensibilidade para o bello sexo; de modo que o terrivel preceito do celibato, a que a Igreja sujeitou o clero catholico, atterrou-o a tal ponto que por causa d'elle desistiu de ser ministro do Senhor!

Se Francisco houvesse nascido na Grã Bretanha, no seio da igreja anglicana, estava a estas horas padre... mas nascido n'uma pobre aldêa do muito catholico Portugal, forçado ou a renunciar ao sétimo Sacramento por causa do sexto, ou a este por causa d'aquelle... na collisão, não hesitou em decidir-se, e preferiu ás ordens o matrimonio.

E não teria o homem razão?..

Pôde haver maior sacrificio do que abjurar para sempre aos affaveis carinhos da mulher, que Deus fadou para nossa companheira inseparavel nas horas do soffrimento ou do prazer?..

O meu heroe, pois, imbuído na muito natural idéa de que, assim como o pae Adam pedira no paraizo terreal uma companheira ao creador, elle tambem n'este valle de lagrimas pediria a sua Evá á sociedade, resignou gostoso todas as dignidades que lhe poderam trazer essas cerimoniaes solemnes desde a *prima tonsura* até as ordens de presbytero.

— E o caminho das honrarias, que lhe apresentava aberto e seu grão de bacharel, percorreu-o elle? — pergunta ainda a leitora.

— Pelo menos que eu o saiba, minha senhora Francisco, dominado da sua monomania amatoria, não se serviu das suas cartas de formatura senão como passaporte do seu coração na alfandega do coração das bellas.

É que um doutor sempre impõe na sua terra para ser o idolo das raparigas solteiras.

E o nosso bacharel seria feliz nos seus amores?..

Eentre as bellezas, que adorava, encontraria a sua Eva?

Vel-o-hemos.

(Continua)

## IMPRESSÕES

### I

#### A saudade

Longa, contínua Saudade  
Ora, doce, ora cruel  
Opprime co'a mão de ferro  
O meu coração fiel.

A. F. DE CASTILHO — *Amor e Melancolia*

### I

Sinto-me definhado por vivissima saudade, pendido para o desalento, como as plantas indefesas, quando as pende o sopro do deserto.

E converso com a natureza, porque ella fallame na minha dor.

Bemaventurado quem á lua, ás estrellas, ao céu, ás plantas diz seus queixumes, porque na natureza — como n'um templo perfumado e suavissimo — a alma desprende-se do soffrimento, para ir depôl-o no infinito das harmonias; e, deixando ao mundo o que é do mundo, voa immaculada na sua essencia á patria da promissão, reino de Deus!

A lua percorria a orbita inalteravel, que lhe marcára o auctor da creação; princeza das noites, o seu brilho empallidecia as estrellas.

E eu disse á lua: «tu que das alturas illumina a terra, e espelhas nos mares a tua face pallida, sabes tu da minha dor?»

Porque eu amo perdidamente; mas a florinha, a que eu dei abrigo na intimidade do meu coração, vive n'outros campos e aspira outros ares; e eu vivo desconsolado, como orphão sem mae.»

E a lua me segredou: «ella vive e suspira por ti.»

E eu disse ás estrellas: «vós, que brilhaes na abobada celeste, como os olhos da Divindade. vós que tudo vedes desde a humilde planta, que ras-teja no pendor das collinas, até o alteroso cedro, que no tope da montanha se ostenta, sabeis vós da minha amada?»

E as estrellas me segredaram: «ella vive e suspira por ti.»

Uma nuvem alvissima caminhava do sul, e eu lhe disse: «tu, que vens dos sitios da minha amada, trazes tu noticias della?»

E a nuvem, baixando dos espaços aereos, me segredou: «ella vive e suspira por ti.»

E minha alma, que era afflicta e oppressa, sentiu-se alliviar pela esperanza de ser correspondida na sua cruel amargura.

Bemaventurado quem diz á natureza suas magoas, porque ella faz baixar do céu uma nuvem diaphana em que se envolve o anjo da consolação para suavisar os infortunios.

### II

Quem não vê em sonhos aquella, a quem rendeu a vida?

Oh! quem muito ama vê-se a todas as horas.

Foi sonhando que eu vi o meu anjo.

Passeiava sobre um lago em graciosa cimba, e eu assim acompanhava os seus pensamentos:

« Não me desampares, anjo do céu, entregue aos vendavaes d'um atroz destino; porque tu, mulher dos meus sentimentos, és a deusa da minha religião, a luz do meu espirito, o alento do meu coração, o encanto dos meus olhos, a vida e movimento do meu ser todo.

O teu nome é poderoso talisman que me enfeitiça em cada uma das suas letras magicas; com elle nos labios exporia minha vida para salvar-te.

As tuas palavras são o Evangelho do meu espirito; os teus labios harmoniosas cordas d'uma harpa mysteriosa; a tua voz o canto, que anjos entoam na celeste morada ao receberem as almas bem fadadas para a virtude, teus pensamentos a poesia etherea, inaccessivel e infavel, do bello, só vulgado aos eleitos do Senhor!

Os teus olhos—raros prodigios da natureza!—brilham não com essa luz vivida e scintillante, que cega e tortura, mas com essa luz vaga, indefinida — luz de poesia! — que attrae e enleva, chama uma e muitas vezes, e no reclamo irresistivel me seduz e faz morrer d'amores ao pé de ti, mulher incomparavel!

As tuas lagrimas, ao deslisarem-se-te nas faces pallidas semelham fios de perolas, encantadoras a mais não poder ser.

Ah! permite, que te ame, anjo do ceu; não me desampares, porque sentiria fenecer-me sem ti pouco e pouco, até exalar o último alento.

Porque não ha existir sem ti; contigo me identifiquei; com tua alma se prendeu meu pensamento, se vinculou meu coração eternamente.»

E ella ouviu-me, e n'um sorriso inebriante me cortou a voz.

Bemaventurado quem sonha, que lhe apparece a luz da sua existencia, como a estrella d'alva assoma graciosa, quando se levanta sobre as alturas do horizonte purpureo, annunciando as primicias das graças, que o dia rende ao Creador.

### III

Era a noite sombria e carregada, quando uma ave d'azas negras passou por sôbre mim, intimidando-me.

Porque a negrura das suas azas era fatidica de más novas.

Um abalo inexplicavel, um aperto d'animo me tomou.

Porque eu não soffro só a saudade; mais além vae minha dôr.

Empoz a dura ausencia vem o ciume, que estorce, consome e queima a victima, em que lavra.

Quem sabe, se agora estará em braços d'outrem aquella, a quem consagro o mais subido preço do meu pensamento?

Oh! melhor me fora morrer!

Eu diria como Job:

«Porque não morri eu no ventre de minha mãe?

Porque não veio no meu nascimento o sopro arido da morte queimar o meu ser?

Melhor fôra que os peixes me devorassem; antes minha sepultura fosse a vastissima extensão dos mares.»

Porque o ciume é a desesperança, e esta a morte da alma.

Bemaventurado quem o ciume não tortura, porque os seus dias são socegados, como os da estrella, que em remanso passeia as campinas esmaltadas do céu.

## IV

Vós, que, sentados nos banquetes lautos, fazeis brindes á vossa ventura, passae e deixae-me,

Vós, que tanto vos arrobaes ao ouvir as festivas musicas, onde se celebram vossos freneticos delirios, passae e deixae-me.

Vós, que corréis os espectaculos e applaudis quem se combina com a vossa expansão de felicidade, passae e deixae-me.

Porque eu sou qual moribundo, que me sinto morrer na viuvez e forçada soledade, a que me condemna a sorte avara.

Esvoaça em torno a mim o genio da fatalidade e da desgraça; com elle respiro, sinto e penso, com elle adormeço, e é elle ainda, que me inquieta o somno e me abre as palpebras com torvo aspecto.

Bemaventurados os que não soffrem a saudade e o ciume, porque a vida não lhes corre agitada como o rio, que se despenha de catadupa em catadupa, mas em socego como a limpida e suave ribeirinha de um ameno valte.

## V

Eu amo o enjeitado, que é baldo de familia, amigos, nome e amparo bemfazejo, e que se vê em meio de povoado como arvore solitaria em deserto secco e tetrico.

Eu amo a viuva, flagellada pela injustiça e pela força, e o orphão, que esmola o pão negro de estranhos de porta em porta.

Eu amo todos os desgraçados, porque elles formam comigo associação e irmandade na dor.

Bemaventurado quem ama os filhos da desgraça, porque será consolado, assim como elles o serão nos céus.

## VI

E uma voz interior e occulta assim ouvi:

«Ergue-te, coração, á esperanza; confia no Senhor, que é pae, que é amigo.

Abriga em tua intimidade esse amor, que te aviventa e opprime, que é tua vida e tua morte, tua ventura é tormento; vive, coração, nos braços da esperanza.

Um dia has-de lograr os mimos, que a tua adorada te prepará e guarda, e os seus encantos quebrarão a espada cruel da desventura.»

Assim me bradou uma voz amiga e eu comecei de chamar á vida todos os sentimentos d'amor, que desmaiavam oppressos ante a dôr, como as estrellas se esvaem peraute o sol soberbo.

E eu comecei de viver.

Pois se é morte o isolamento,

Se arrefece o pensamento,

E se ás trevas nos conduz,

Não hei-de buscar a vida?

Alentar a flor pendida,

Dando-lhe o vigor e a luz? (1)

Viva pois o meu ser, esperançado no porvir.

Bemaventurados os que aniam, e nas angústias da saudade se erguem á luz da esperanza, porque um dia lhes apparecerá o astro fagueiro e bonançoso, que lhes abrilhante o espirito e coração com o irradiar da felicidade.

1859

JOSÉ M. DA C. SEIXAS.

(1) E. Marecos, *Harpa do Mondego*

## O NOVO MARTYR

Á MORTE DE JOÃO BROWN

— Voyant la quatrieme partie  
de mes semblables changée en  
bêtes, pour le service des autres,  
j'ai gémi d'être homme,

ROUSSEAU. — *Nouv. Héloïse.*

Que estranho horror o coração me enlucta!  
Despetoso furor me arde na mente;  
E as vozes d'alma, que romper anheião  
Do peito entristecido, atropelladas,  
Sem força, á lingua inerte vem prender-se...

America infeliz!.. Que atroz ferrete  
De déspotas brutaes a mão nefanda  
Na envilecida fronte te assignala!..  
Creada fôras pela mão do Eterno,  
Ao doce abrigo de teu céu formoso,  
Para em teu seio placido accoitares,  
Embalados nos braços da ventura,  
Homens, que livres fossem, livre houvessem  
Sempre a voz, sempre a mente a erguer-se prompta  
Da verdade a favor, do grande e justo;  
Mas interesse vil, ambição crua,

Estúpida indiff'rença, impia soberba  
 Com empéstado sopro, os tenros gommos  
 De tão mimosa esp'rança te murcharam.  
 Debalde ardente, generosa flamma,  
 Em raros, nobres peitos accendida,  
 Sobre ti disparziu seu claro lume:  
 Quão rapida luzio! Foi qual meteoro,  
 Que abrindo o cego horror de escura noite,  
 Breve os olhos deslumbra; e logo volta  
 Mais negro o susto das espessas trevas.  
 America infeliz!... Abaixa os olhos,  
 Que bruto véu cegou! — Nas mãos, infames  
 De pesados grilhões, a fronte occulta!  
 De livre, oh, não blazones. — Insensata!  
 E ousas, sem pejo, preferir o angusto  
 Nome da sacro-sancta liberdade?  
 Entre algozes crueis, ebrios de sangue,  
 De sangue fraternal! — Que aos pés calcando  
 Piedosas leis, que de seguir se ufanam  
 Com hypocrita audacia; não contentes,  
 Com impudencia atroz ao mundo ostentam  
 O mais negro espectaculo, que hão visto  
 Tuas ferteis campinas, dès que um bando  
 De carnicieiros monstros, sequiosos  
 De sordidas riquezas, te levaram,  
 Em dom fatal, mil horrosas mortes,  
 Crimes, torpezás, mil que em todo o tempo  
 Hão-de o mundo cobrir de horror perennel.. (1)

Essas praias, co'sangue outr'ora tinctas  
 Do Americano ingenuo; essas, que ouviram  
 Seculares florestas os gemidos,  
 Entre seus ramos expirar, do povo,  
 Que á sua larga sombra se criara,  
 Profanal-as podestès co'arruido  
 Medonho d'armas vis, enfurecidas  
 No sangue do opprimido?.. Alevantae-vos!  
 Miseros servos, que adubaes a terra  
 Co'sangue inulto vosso; e a mão armada,  
 Co'ferro da vingança, córte impavida  
 Essa hydra impura, que o universo ultraja!

Cuido que ouço os clamores lamentosos  
 Das innocentes victimas, que exangues  
 Cáem sob o ferro atroz de impios algozes:  
 Cuido que vejo o heróe, que á liberdade  
 Sem custo dera a vida, manieatado  
 Com pungentes grilhões; roubado á morte  
 Gloriosa dos combates, para em torpe  
 Cadafalso esse sopro, que lhe resta  
 Tenue de vida ir entregar, e as iras  
 De seus verdugos saciar cruentas!

Ao feio aspecto de tão negro quadro,  
 O anjo da humanidade, compungido,  
 De horror torcendo a vista, e os olhos turvos  
 Das lagrimas recentes, encobertos  
 Co'a doirada madeixa; as niveas azas  
 Soltou, e as alvas nuvens dividindo,  
 A acoitarse voou aos pés do Eterno.

(Continúa)

J. C. LATINO DE FARIA.

(1) Allusão á conquista do Mexico e Perú pelos Hespanhoes.

## NÃO CREIO

Eu não creio n'esse frio,  
 Que diz tem no coração.  
 Não creio; que amor é brio  
 Nem d'elle a julgo isenção.  
 A mulher que diz não ama,  
 Inspirar amor — só trama,  
 Ou de amores se fartou;  
 Ou quer despertar a chamma  
 Ou em si já a apagou.  
 A mulher mais inexperta  
 Sente amor, amor desperta,  
 Que p'ra amar Deus a fadou:  
 Um secreto impulso a inspira  
 A sentir d'amor a ira,  
 A sentir-lhe a vibração.  
 Confesso, Leonor, não creio;  
 Que nos olhos eu lhe leio  
 D'amor a terna expressão;  
 Até mesmo fôra insulto  
 Se a julgasse fria — má;  
 Embora amor inda occulto,  
 Mas no peito tem-no já.

Esse puro, dôce affecto  
 Que outra vida á vida dá,  
 A mulher ha de sentil-o;  
 Que isso escripto por Deus 'stá;  
 Embora a amar se negue  
 E os olhos em Deus prégue,  
 Deus a amar ensinará.  
 E, Leonor, que fôra a vida  
 Sem amor no peito haver?  
 Uma cadêa seguida  
 De profundos soffrimentos,  
 Toda espinhos e tormentos  
 Impossivel de soffrer,  
 Um escarneo permanente,  
 Um insulto irreverente  
 Feito a Deus e á mulher;  
 Tempestade revoltante,  
 Augmentando a cada instante  
 Mil tormentos sempre a flux;  
 A tormenta sem bonança,  
 Desespero sem esp'rança,  
 Era o mundo sem ter luz.

Ai, Leonor, embora o negue,  
 Em seu peito amor senti;  
 O disfarce não empregue  
 É já tarde — amor ha ahí.  
 O contrario já não creio;  
 Que em seus olhos amor leio,  
 E no peito já lh'o li.

NORONHA.

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## EMILIA

### CAPITULO III

*Uma como ha poucas*

(Continuado do n.º 21)

O arrehol da manhã dava ãe chapa nas vidraças viradas ao nascente, e filtrado através das persianas projectava no quarto uma luz esverdeada e amortecida que dava um aspecto grave e magestoso áquelle quadro íntimo de familia.

Havia um não sei que de vago e mysterioso na posição reciproca destes dois entes, que lhes dava um interesse do mais subido quilate. Um e outro desejavam retardar uma explicação indispensavel, que ambos receavam. E nessa explicação talvez estivesse o socego para ambos. Os lances mais difficeis da vida desfal-os, ás vezes, uma bagatella.

Em momentos d'aquelles a fantasia apraz-se de avultar as difficuldades, que, semelhantes ás larvas do remorso, tornam-se em nada, se temos animo e resolução de as approximar.

As commoções fortes não duram. O senhor Figueiredo pôz termo a este anear.

— « Não é por mal que te queira, Emilia, principiou elle profundamente commovido, que insto pelo teu casamento: pelo contrario, bem o sabes. Se foras mãe, avaliarias então d'outro modo o meu proceder. Se viras a vida caminhar rapida ao seu fim, ir esmorecendo gradual e constantemente, sem esperança de sustel-a; e a alma a comprimir-se de saudade por um ente querido, pelo mais querido dos entes, por um filho a quem a morte ameaça roubar-nos, sem deixar a esse ente uma posição determinada, que lhe garanta os mimos e as commodidades que nós lhe davamos; se noite e dia essa ideia se tornasse inseparavel dos sonhos e das vigílias, da dor e do prazer, da solidão e do tumultuar da vida, em toda a parte e debaixo de todas as fórmãs, mas sempre baças e assustadoras; se tu com os teus vinte annos comprehendesses o que são estas cousas aos setenta... de certo, Emilia, agradecias-me ainda o mal que, contra minha intenção, te causei! Não me queiras mal se

Janeiro — 1861

te magôo, que o meu muito amor só é causa de tudo!

E olhava-a com uma tal expressão de amisade franca e desinteressada, que Emilia sentiu-se atrahida a fazer-lhe a vontade. Quiz, todavia, tentar ainda um ultimo recurso, e respondeu passados alguns instantes:

— Mas não vivemos nós tam felizes, meu pae? Que nos falta mais? Para que mudar de vida?

— E se eu te falto, Emilia, quem te será amparo neste mundo? A vida é um sonho de que se acorda quando menos se pensa, e sempre mais cedo do que se quereria. E tu não tens mais ninguem.

Emilia suspirou e não respondeu. Se o respeito a não tolhesse; se em vez de pae fosse mãe a quem fallasse, que podesse seguir sem constrangimento os impulsos do seu coração, não hesitava, dizia um nome, ainda que as faces lhe queimasse o pejo, e tudo ficava explicado, lagrimas e irresolução.

Mas como receberia o ancião esse nome agora que estava compromettido?

Temia o resentimento d'elle, se manifestasse em materia de tamanha importancia vontade ou desejos que não fossem os seus.

Pensou que seu pai só queria o seu bem, que, melhor do que ella, conhecia o mundo e os homens, e que talvez o seu coração a enganasse, mostrando-lhe pelo prisma doirado das illusões digno do seu amor quem realmente o não era: não quiz fiar-se em si, nova e inexperiente.

Resolveu-se a final, e acceitou o esposo escolhido por seu pae, a contra-gosto seu, mas sem a menor repugnancia.

Cuidava Emilia que a consciencia de ter cumprido o dever de boa filha era bastante a dar-lhe força para cumprir tambem o de esposa fiel.

Costumada a adormecer sob a sua vontade o amor nascente que lhe assaltara o coração virgẽms não sabia que na proporção das difficuldades medram as paixões, e que o amor é d'ellas a mais teimosas.

— Que importa que agora me custe alguma cousa — pensava ella alguns dias depois do matrimonio — se fiz a vontade a meu pae, talvez a ultima? E depois, quem sabe? — Se com o tempo não vier a ter amor a meu marido, sempre lhe

tere respeito e amizade, e isso basta para vivermos todos bem e contentes. Quantas ha por ahi casadas contra vontade, que nem ao menos têm para desculpar-se a vontade respeitavel de um velho pae? E todavia não parecem arrependidas. Sejamos forte no nosso dever e Deus proverá.»

Assim ia minorando o desprazer que a principio tivera, e a paz de espirito ia pouco a pouco recuperando seus foros.

Não escaceavam da parte do marido mimos, cuidados e atenções; o pae parecia ter remoçado vinte annos, e a vida dos tres desenrolava-se bonançosa 'num porvir risonho de esperanças. Sem remorsos pelo passado, descuidosos do presente, novas venturas lhes promettia o futuro.

O ancião anhelava ainda estreitar em seus braços o fructo primeiro d'este consorcio abençoado, que seria o continuador do seu nome e de suas virtudes, e as scenas mais intimas de familia se lhe debuxavam na mente, ineffaveis de sentimento e poesia.

Um innocentinho, lindo como um anjo do ceu, adormecido ao collo da mãe, que o cobria de beijos, que a si o achegava carinhosa para escutar-lhe o coraçãozinho a palpar e a revelar-lhe vida que ella dera, que era sua, no seu filhinho, que era o primeiro; vel-o depois acordar pelas caricias maternas e passar para seus braços, já cançados e tremulos, a deixar adivinhar 'num primeiro sorriso a ventura dos bemaventurados, e vir-lhe afagar com aquellas mãosinhas de neve e rosas as cãs venerandas; e estas scenas a reproduzirem se todos os dias sempre variadas de novos encantos; que mais poderia elle desejar para corôa de satisfação nesta vida?

E toda esta perspectiva se lhe antolhava infalivel, se Deus o não chamasse antes a reclinar a cabeça no tumulo de seus paes.

O seu viver era simples e regulado. A sua sociedade limitava-se a alguns amigos velhos ou experimentados, que vinham compartir o gozo de paz e alegria serena que se respirava no seio d'aquella virtuosa familia. Afóra isso, quasi que não tinham communicação com o mundo.

Emilia, porem, tinha vinte annos; e esta vida parecer-lhe-hia por ventura monotona e vazia. Nesta idade o coração requer mais alguma cousa, e a imaginação vòa longe a doirar no futuro festas, bailes, folganças e animação.

Não o deixava todavia transparecer no exterior, se é que tal sentia: nunca um suspiro indiscreto viera turvar o remanso d'aquelle viver de bonança.

Foi decorrendo o tempo, e Emilia começou a achar-se visivelmente incommodada.

O que é a felicidade neste mundo?.. Brilhante meteoro que rapido foge, deixando após dissabores sem par!

Oito ou dez mezes haveriam passado depois do casamento, quando, alta noite, a vizinhança acordou despertada por grande motim e brados de af-

flicção em casa do senhor José Moniz. Quem lá entrou veio contar que vira um cadaver, um louco, e nada mais.

Desde então nunca mais se soubera de Emilia.

(Continua)

J. SIMÕES FERREIRA

## CANDIDA

(Continuado do n.º 21.)

### V

#### Martyrio

São apenas sete horas da manhã de um dia carregado e feio. Um vento áspero e frio vem açoutar as vidraças da prisão de Candida. Dentro, em um quarto, aonde mezes antes a vimos entrar, trazida desmaiada nos braços de Julio, arde, sobre uma banca, uma luz, que tremula, vacilla e mal dessipa as trevas, que a cercam. Dir-se-hia semi-morta lampada mortuaria, derramando claridade sobre o que exhalou o extrema sôpro da vida.

Junto á banca, sentado em uma poltrona, está um homem com a fronte reclinada em uma das mãos: a sua magreza é horrivel, e, em quanto um tremor lhe faz contrahir os labios e uma forte crispção nervosa lhe enruga os musculos, uma alegria feroz lhe brilha nos olhos.

A um canto do quarto jaz um leito, e, de sob um montão de roupas desarranjadas e revoltas, sobressahe uma figura, que poderia bem tomar-se por um cadaver. Dir-se-hia que a pelle lhe assenta sobre os ossos. O nariz extremamente afilado, os labios brancos, os cabellos dispersos e eriçados e os olhos baços e torvos, já cercados de um roxo pronunciado, — tudo accusa a morte proxima.

Aquellas feições demudadas e gastas mostram ainda um resto de formosura pouco vulgar.

Sombra triste de Candida, aquelle corpo parece preso á vida por o extremo fio: immovel sempre, apenas um leve tremor o percorre de vez em quando, e os olhos se lhe aviventam um pouco, para se fixarem em uma imagem do Crucificado, que se destaca na parede fronteira, e se amortecerem e embaciarem logo, em quanto os labios parecem mover-se balbuciando uma oração.

Um silencio funebre reina entre os dois actores d'aquella scena muda de tristeza: passado um momento ouviu-se uma voz sumida murmurar:

— Agua... quero agua... Oh! que eu morro... agua, por piedade!

Julio approximou-se então de Candida e apresentou-lhe um copo, que ella não teve força para sustentar.

— Aqui tens agua, Candida; não quero que morras... preciso que vivas ainda...

E ella bebeu sofregamente a agua enregelada, que lhe apresentava, e balbuciou:

— Quando findará este martyrio, meu Deus?!.. que fogo que me devora!..

— Então soffres? perguntou Julio impassivel.

— Se soffro!... perguntas-me se soffro e não queres acabar com o meu martyrio..

— Não quero! pois tenho-te eu desemparado um momento, dize?... Ha seis mezes que aqui entrámos e ha seis mezes que tenho vivido arrastado á tua sina. Vê, Candida, vê o que é um amor verdadeiro.... Que nos importa a luz do dia, que nos importa o brillantismo do sol, que nos importa a frescura da primavera, que nos importa o mundo inteiro, se temos vivido isolados de todos, mas acompanhados sempre do nosso amor?... Olha: o mundo execrou a tua memoria, como a da filha, que abandonou, no ultimo quartel da vida, o velho, que a idolatrava; mas eu continuei a amar-te... Teu pae mesmo amaldiçoou-te, esqueceu-te talvez como indigna; e eu amo-te mesmo assim, amo-te como no primeiro dia em que te vi innocente e formosa, casta e feliz. Olha o que pôde um amor quando é nobre, quando é verdadeiro, como o que nos une!..

E Julio dizendo isto ergueu-se da cadeira, passou agitado no quarto e parou, passado um momento, em frente da desgraçada, que, inerte e na mesma posição, parecia apenas conservar a vida no olhar.

— Candida, exclamou então, comprimindo um sorriso triste e ao mesmo tempo ironico, como estás mudada!.. quem diria que o teu viço se havia de murchar tão breve, a formosura fugir tam cedo?!.. Não me vês a mim hoje, sêcco, difinhado e velho?.. E ha vinte annos ainda a alegria me transluzia da fronte, a côr da juventude me animava as faces, o amor me pulsava no coração... E eu então era feliz, feliz quanto um homem pôde sê-lo na terra... tinha esperanças... tinha crenças... Perderias tambem tu a esperança? Porque a não pedes a tua santa mãe, que repousa no ceu?...

E uma gargalhada enterrompeu aquella ironia pungente, em quanto Candida pedia com voz supplicante.

— Piedade, Julio, piedade!.. mata-me antes, mas não te rias assim... E que mal te fiz eu, que mal te fez minha pobre mae?..

— Que mal me fez tua mãe? que mal me fez ella?.. interrompeu Julio; depois encolheu os hombros e continuou semelhando indifferença:

— Nenhum... oh! nenhum... e a ti, dize, Candida, que mal te tenho eu feito senão amar-te muito?..

Depois deu mais algumas passadas, rapidas e agitadas, pelo quarto e foi sentar-se outra vez na poltrona, cahindo tudo no mesmo silencio sepulchral.

Passado tempo ouviu-se um ai de Candida e a sua voz pedir ainda:

— Agua... agua... tenho sede...

— Soffres ainda?... continuou Julio: olha, conversemos, sim?... fallemos do passado; è tam bom recordar o passado... Fallemos primeiro de ti, queres? Nascestes na primeira sociedade, Candida: eras idolatrada por teu pae; tinhas quanto pôde fazer julgar feliz uma creatura humana; o futuro sorria-te rico de esperanças; o presente corria-te feliz, o passado esquecia-te no gôzo de tantas venturas. È tu desprezaste a felicidade, em que o acaso te fez nascer; desprezaste o pae, que te estremecia; desprezaste o futuro, que te esperava; desprezaste a tua honra; desprezaste o nome illustre de tua familia; desprezaste a memoria sagrada de tua mãe e entregaste-te ao primeiro que amas-te!.. Era um primeiro amor o teu, Candida... Olha o que pôde um primeiro amor!..

Um suspiro quasi imperceptivel e agonisante veio interromper Julio na sua horrorosa recordação do passado.

— Tens agora saudades desse passado, continuou elle, d'esse passado, que tu mesma engeitaste?... Não o deves fazer; não deves ser ingrata para mim: quando todos te esqueciam, ou desprezavam e amaldiçoavam o teu nome, eu amava-te sempre... Não é verdade que te tenho amado muito?... Queres agora que te conte tambem a minha historia? Falla; responde...

— Piedade, murmurou ella, piedade... mata-me antes!..

— Pois não é bom recordar o passado!?... não é elle o causador do presente, o espelho do futuro? Coragem pois, e ouve-me; quero que me vejas qual eu fui, qual eu sou agora. Olha que a minha historia é uma historia feliz... Has de vêr tambem o que poude um primeiro amor...

— Agua... agua... tenho sede...

— Pois bem, vamos, refaz as tuas forças; são-te ainda muito precisas... Oh! continuou elle em voz mais baixa, se me ouvirá... se terá ainda força para tanto?..

Depois ergueu-se, approximou-se d'ella e parece que tentou medir com o seu olhar ardente o resto da vida, que a animava. Uma ancia, uma duvida atroz o parecia então dilacerar; dir-se-hia a fêra que vê escapar-lhe a prêsna innocente, cujas ultimas gotas de sangue quer esgotar, cujo derradeiro sôpro de vida quer beber.

— Candida, proseguiu elle com voz mais animada, então?... coragem!.. Tenho até escripta a minha historia; não vês?... è apontava para uns papeis sôbre a mesa. Quero legal-a a teu pae, para que veja bem o homem, a quem sua filha se sacrificou... perdoar-nos-ha depois... E dizendo isto principiou a leitura seguinte.

(Continúa)

▲ F. DE LOUREIRO.

## O combate dos Horacios e Curiacios

Roma, a rainha das nações, sequiosa de sangue, devorada d'ardente sede das conquistas, in-

gulo quasi todos os estados do mundo. Logo nos principios da sua fundação, auspiciou os altos destinos, para que a fadara a providencia.

Ainda não contava um seculo de duração, já os povos cricumvisinhos, Veientes, Crustuminos, Antemnates, Fidenates e outros, vencidos e subjugados, lhe prestavam preito e vassallagem.

O seu fundador, curando de engrandecer por meio das armas o edificio, que acabava de fundar, criou um povo de guerreiros e conquistadores, e ingrossou Roma com immensas conquistas.

Ao rei belligero e conquistador succedeu o pacifico Numa Pompilio. Este, trilhando uma senda mui outra da do seu antecessor, deixou esfriar os brios dos Romanos, desprezou a guerra, applicou-se com o maior empenho ao serviço da religião, e consolidou com boas leis e instituições o grande edificio, que Romulo lhe legára.

O terceiro Rei de Roma Tullo Hostilio, tractou de ampliar e aperfeçoar por meio das armas o legado, que herdara de Numa Pompilio. Foi no seu reinado que Alba foi destruida e arrasada por meio do famoso combate dos Horacios e Curiacios, o qual vamos descrever.

Alba, visinha e rival de Roma, tolhia o seu engrandecimento, e por tanto era mister conquistá-la e arrasá-la. Tullo Hostilio empenhou n'isso os brios, e apercebeu-se para a conquista com demaziado ardor e afínco. Os dois povos, olhando-se com vista torva esanguinosa, apprestavam-se com a maior força para o combate; as hostes achavam-se já em campo, as espadas iam a desembainhar-se, e abriga ia a começar cruel e renhida bastante, quando Mecio Fuffecio, creado dictator em logar do rei dos Albanos, Cluilo, que fallecera nos arraiaes, rompe d'entre as fileiras, apresenta-se no meio do campo, pede uma conferencia a Tullo Hostilio, e dirige-lhe as seguintes palavras: «A querella de sangue, que aqui nos occupa, tem por fundamento a sêde das conquistas e a ambição do imperio. Qualquer que seja a sorte do combate, eu estou certo que ha de ter desastrosos effeitos e mui funestos resultados. Nas nossas costas está o valente, poleroso inimigo Etrusco, que pôde muito por mar e por terra, e que está aguardando resultado d'esta briga, para nos accessar e perseguir. Além d'isto os vinculos do parentesco, amizade e alliança, que nos prendiam parecem dissuadir-nos da guerra, e desarmarem os nossos braços homicidas. Por tanto, será mais conveniente aos dois exercitos traçarmos um meio de decidirmos a querella, sem virmos ás mãos e despargirmos o nosso sangue.» Tullo Hostilio annuo a isto, e convieram que decidissem o debate seis campioes, tres dos Romanos e tres dos Albanos, com a condição do partido vencido ficar ás ordens do vencedor. A sorte quiz que a querella fosse confiada aos Horacios e Curiacios, que, a despeito dos vinculos do parentesco e amizade, sacrificando o bem particular ao geral, de bom grado acceitaram o desafio.

No dia, hora e logar aprazado apresentaram-se na arena os seis campioes, cheios de brios, offerecendo um spectaculo nimiamente interessante e gusinar. Era mui digno de vêr brigar os seis guerreiros, parentes e amigos uns dos outros, em campo, á vista das legiões, com maior bravura e denodo: vêr o empenho e interesse, que os dois campos punham no cambate; porque do seu desenlace dependia o anniquillamento e dissolução d'um dos povos e o engrandecimento d'outro.

A fortuna favorecendo pouco os Horacios, dois d'estes succumbiram na briga, restando um só, que era casado com uma irmã dos Curiacios. Este, considerando-se mui fraco para todos os tres Curiacios, e mui forte para cada um de per si, recorreu á estrategia: voltando as costas aos inimigos, começa a fugir, quando, olhando para traz, vê que os inimigos o perseguiam com intervallos desiguaes. Cahe sobre o primeiro e mata-o. Em quanto os dois exercitos accendiam os brios dos seus heroes com strepitosa vozeria e clamor, já o esforçado Horacio tinha dado cabo do segundo que o perseguia. Restava-lhe o terceiro; mui facil foi vencel-o.

Marchava na frente das legiões Romanas o strenuo Horacio, coberto de louros, carregado dos despojos e insignias dos Curiacios, quando a sua irmã Camilla, esposa d'um dos Curiacios, lhe sahe ao encontro, e depara com as insignias, que decoravam os hombros de Horacio, que ella tinha feito por sua propria mão, e com que tinha brindado o seu futuro esposo. Desgrenhados os eabellos, derretida em lagrimas e pranto, toldava toda a alegria publica e eclipsava o triumpho de Horacio; quando este, increpando-a ora com palavras ora com ameaças, traspassa-a com a mesma espada, com que tinha traspassado o amante.

Tão atroz attentado affeiu toda a gloria e triumpho de Horacio. O proprio Tullo não tendo podêr bastante para absolver-o de tamanho crime, para dar uma solução a tão intrincoado problema, elegeu os Diumviros.

Horacio ia a ser punido pelo inexoravel jury dos Diumviros com pena de morte, e expiar com a vida o horroroso crime do fratricidio, se não fôra a clemencia do povo Romano, e as lagrimas e supplicas do velho Oracio, seu pai. Pezou mais na balança do povo Romano a victoria e addição d'um imperio, que o crime de Horacio; e assim foi absolvido.

Admiremos aqui o poderio das leis Romanas. Tullo Hostilio não teve força bastante para livrar a Horacio, e subtrahil-o ao poder da lei; foi mister que um povo todo intercedesse a prol do réo, para não ser punido.

Foi com leis assim rígidas e inexoraveis, que o povo rei medrou, chegando a esse excelso gráu de gloria de dominar o mundo.

Mal d'um estado, quando a lei não é inexoravel, deixando campear o crime solto e impune-

## IMPRESSÕES

## II

## O preço das lagrimas.

As lagrimas são do homem,  
Por privilegio lhas tomem,  
Que se a luz dos olhos somem,  
Tambem nellas brilha luz.

JOÃO DE LEMOS.

## I

Era uma d'essas noites, em que o philosopho desperta das abstracções metaphysicas, e se agita nelle interiormente a alma do poeta, para se embeber, a largos tragos, da poesia, que o Creator com mão profusa semeou na natureza, obra sua.

Então a intelligencia, cansada de pensar, de raciocinar sôbre as causas dos séres e suas relações, cede o passo ao sentimento; porque o homem é crente por indole propria, e quando o raciocinio perturba o espirito sem illumina-lo com a luz divina da verdade, soccorre-se o infeliz á fé, como taboa de salvação.

A alma humana á como uma harpa, que difere diversos sons, conforme o movimento, que se lhe transmite: dous motores a incitam, a dominam, a chamam a si, a intelligencia e o sentimento: mas é certo, que estes elementos tendem a harmonisar-se, esclarecendo-se o sentimento á luz da intelligencia, e inflammando-se esta ao fogo d'aquelle.

Mas, quando a intelligencia fatiga e estorce a alma nos equileos da dúvida, então é que o sentimento se apodera da alma com toda a força, e a faz arrobar-se nas inebriantes harmonias da natureza.

Desapparece o philosopho, e começa o poeta a deliciar-se no murmúrio suavissimo das aguas, no gemer das selvas, na placidez do ceu, no scintillar das estrellas; e sente-se como que erguido pela mão da natureza ao mundo ideal, que elle imagina e cria.

E o infinito o attrae com força magnetica e irresistivel; não esse infinito, que o philosopho chama ao tribunal da razão, atribulada pela dúvida, mas aquelle infinito, que os poetas, por graça especial da Divindade, contemplam; aquelle infinito, que animava Petrarca, malquisto da sua patria, que Camões e Bernardim Ribeiro sonharam, chorando em versos impereciveis os seus infortunios.

É que os poetas são dotados d'um sexto sentido que lhes patenteia o invisivel, e os enleva, de arrobo em arrobo, áquelle Deus desconhecido, que sonhára a patria de Homero, e que bem se deixa traduzir na terra por o que nella existe mais gracioso e terno, mais suave e harmonioso, mais bello e encantador, mais brilhante e attractivo.

E o infinito dos poetas é Deus revelado á natureza pelo coração sensitivo da mulher.

Da mulher, que é arca da alliança de todos as gerações, que em si toda a belleza, harmonia, fé, esperança, amor e o porvir do homem substancia.

Da mulher, que nas aras purissimas d'um affecto candido e generoso inocola no homem a religião do amor pelo espirito e pelo coração.

Da mulher, que é divino alaúde, que nas suas e mysticas harmonias d'uma inimitavel musica, ergue o homem á vida energica dos sentimentos elevados.

Da mulher, que é sacerdotiza d'um templo, em que se sacrifica á poesia dos affectos, e que, representante de Deus na terra, é (diz um philosopho contemporaneo) o Evangelho do homem!

Assim é que elle, guiado pelo braço apparentemente debil da mulher transpõe a immensidade, que o separa de Deus, e, abraçando-se á mulher n'um extase profundo, se despe de tudo o que é terreno.

Então o gemer das selvas, o despenho das aguas, o cicio das auras são para o homem a musica harmoniosa entoada em dias de festa nas moradas do Increado: então o homem sente-se poeta, e acha pequena, para seus grandiosos anhelos, a immensidade!

## II

Irresistivel é para o homem o amor da mulher, porque invencivel é a seducção e attractivos desta; poderoso se apresenta ao acceso imaginar o mundo novo e sublime que ella suspende n'uma das mãos, e a luz de eterno fulgir, que lhe irradia na outra.

Mas as azas, com que eu desejara transpôr este mundo de miserias, queimaram-se-me no cadinho profundo da desgraça; e o meu leito é como o de Procusto, pois a experiencia me ensina, que nasci emballado pela dor e afilhado da desesperança.

Na luta, que empenhei com a desventura, fui vencido, quando, ao fim de lidado afan, caminhando de esperança em esperança, envidava todas as forças, e encontrei, em vez de esmaltado campo de flores, intransitavel bosque de inhospitos espinheiros.

Felizes aquelles, que no festim da vida não são atormentados, como Bathasar, pelas letras de fogo, que genios do mal desconhecidos com mão de ferro lhes insculpem na fronte!

Os felizes levam descuidosamente a vida, sem que uma só nuvem de tristeza lhes empane os olhos.

Esses, se alguma vez o genio da desventura, perpassando rapido, lhes toca nos cabellos — creanças não aclimadas no paiz da dor! — eil-os, que vovem presto á serenidade da satisfação, derramando os infortunios em suaves lagrimas...

Lagrimas...! pia lembrança dos anjos, dadiva mimosa do ceu n'uma hora de verdadeira condolencia pelas angústias do homem!

Lagrimas... bebida dos infelizes, orvalho da consolação!

Lgrimas, reflectis a dor e sois mensageiras da piedade.

Umás ha, que queimam as faces; outras, que refrescam e suavizam, como as da aurora, quando pousam por sôbre as flores.

Mas ou o pranto seja de desesperança ou de resignação, quem pôde chorar é devedor de mais um hymno de gratidão ao Creador.

As lagrimas são filhas da consolação e esta é filha de Deus.

No dia, em que o primeiro homem, afadigado de trabalho, prostrado em terra, afflicto com as privações, cruzou os braços, immovel perante o infortunio, enviou a Providencia ao homem o anjo da consolação; e uma voz interior disse ao infeliz:

« Reclina, filho do infortunio, a cabeça no seio da mulher, que é rica de thesouros inexgotaveis de consolação, e acharás minorado o teu mal, não desvanecido. »

E o homem procurou a mulher; e foram deramadas as primeiras lagrimas, bafejadas pela mulher no altar do amor.

## III

Lgrimas, vós sois allivio do «delicioso pungir de acerbo espinho», que se baptisa com a melodiosa palavra: saudade!

Sois o refugio das filhas da desgraça, que os vícios da sociedade precipitaram das altezas da poesia aos abysmos doloridos da miseria e do peccado! que recebem dos seus semelhantes, egoistas vís e torpissimos, em vez do esforço da virtude, que as habilite a regenerarem-se, em vez do amparo, que as auxilie a carregar com a cruz pesada da vida, imposta ás infelizes pela imperfeição social, o sorriso insultuoso do cynico, o vilipendio do egoista, a impiedade dos viciosos e fallidos de coração.

É diário o pranto d'essas desgraçadas, que sendo primeiro trahidas por um seductor, cruel e immoralissimo, são depois despenhadas d'um throno d'amores e felicidade ao medonho abysmo da corrupção: desgraçadas, que a sociedade despreza e cospe, deslembrada de que o abysmo chama o abysmo, como diz a Escripura: desgraçadas, que sahindo d'esses festins horriveis, onde as levam irresistivelmente a fome e a miseria — horriveis conselheiras! — entram em si mesmas, e não achando uma só mão amiga sôbre a terra, porque até a familia perdem pela força das cousas buscam o Pae divino, unico a amparal-as, chamando-as a si, porque essas pobres duram pouco: matam-se a si proprias!

E as lagrimas correm em taes faces todos os dias, todas as horas, fio e fio.

Eas lagrimas foram a salvação de Magdalena, que debruçava para a terra o polluido corpo, e erguia ao ceu um coração, ainda inflammado pelo fogo d'um amor, puro, elevado e reparador.

Choremos pois todos os que desejamos ser consolados nas doloridas horas de infortunio, em que a dúvida comprime a alma, e a angústia o coração.

1 de Janeiro de 1860

JOSÉ M. DA C. SEIXAS

## O NOVO MARTYR

A MORTE DE JOÃO BROWN

(Continuado do n.º 21)

Por entre as alas de apinhado povo,  
Com denbado vulto, vem rompendo,  
Para o supplicio infame, o heroico martyr.  
Seguem-no os ais da esmorecida prole,  
Que em tão acerba dor, não se lastima  
Pela desgraça propria e indignos ferros,  
Que os innocente pulsos lhe roxeam:  
Só sente não lhe seja concedido  
Accompanhar o martyr, e co'extremo  
Suspiro seu ligar flébil suspiro!

Rebanho infame! Embrutecido povo!  
Que, indifferente á dor, a derradeira  
Agonia lhe esp'raes, — vede-o quão firme  
Vos cerca audaz co'a sobranceira vista,  
E em pé no cadafalso, em voz terrivel,  
Com alfoito semblante, assim vos brada:  
« Impios, que os ferros ensopees traidores  
No coração da patria!.. Que é da herança  
De virtuoso valor, que vos legaram  
Nobres, singellas mãos?.. — Com brutas manchas  
De nunca extincto horror a enxovalhastes!  
Torpes escravos! (1) Que é dos pendões feros,  
Com que briosa a liberdade ingenua  
A seus heroicos filhos acenava  
No campo das victorias? — Infamados  
Jazem no pó do aviltamento vosso!  
Em troca alevantastes o estandarte  
Do mortecinio atroz, que as vidas pede  
Innocentes. — Ess'arvore mimosa  
Da independencia altiva, que regada  
Fôra co'sangue dos maiores vossos,  
Em magnanima lucta; emmurhecida  
A cóma triste abaixa, que ultrajaram  
Vossos flagicios crus, torpe egoismo.  
Disgraçada nação! Debalde ufana  
A fronte ré entonas, e insultuosa  
Co'dedo infame apontas as riquezas,  
Que sordida cubiça te amontoa!  
Cedo vereis a tempestade infrene,

(1) Talvez me estranhem esta denominação de escravos. Mas digam-me se um governo, que protege a ambição e o interesse de seus membros, á custa da liberdade, e dos gemidos de uma grande parte de seus irmãos, merece a denominação de governo liberal? E o cidadão, que olha indifferente o supplicio immerecido de um homem da sua patria, e nelle vê a sangue frio o quebrantamento de seus proprios direitos, será homem livre?

Que as incautas cabeças vos ameaça,  
Sobre ellas estallar com furia insana :  
Cedo o vereis !.. Que o nosso sangue, que ora  
Sem tino derramaes, frumento é válido,  
Que ha de estes campos alastrar vaidosos  
Co'as ubertosas, fecundadas messes  
Da independencia austera e da egualdade!

« Vós, tristes homens, que de culpa isentos,  
Do patrio ninho ao longe derramados,  
Faltos da luz celeste e brando ensino,  
Com ingrato suor volveis os campos,  
Para fartar mil déspotas, captivos  
De estúpida ambição (mais lastimosa  
Servidão, do que a vossa !) esse baldado  
Pranto enxugae, que as faces vos enrugá :  
Despertaes d'esse somno, que esquecido  
Os animosos brios vos quebranta !  
Ha n'essas mãos esforço, que sem custo  
Valente quebre esses grilhões infames !  
Que vos demora ? — A patria, que perdida  
Sem remedio choraes, mais carinhosa  
Haveis de achal-a aqui. A nova patria,  
Que o seio vos offrece, e anciosa brada,  
Ao vosso nobre esforço, que a resgate  
Do torpe vilipendio, que a enxovalha !

« Aqui, em paz, nos braços da inteireza,  
Á sombra das victorias alcançadas,  
Surrir-vos-hão, ermos de susto, os dias.

« E vós, nações da Europa, que indiffrentes  
Vêdes tamanho horror ! que negligencia  
Vos ata a voz e os pulsos, que não corram  
A partir despejados as cadeias,  
Que irmãos vossos avéxam ? — Extinguiu-se  
Da humanidade o lume em vossos peitos ?  
Ou interesse vil a alma vos rende ?  
É assim que cumpris co'a sancta alliança,  
Que haveis jurado, por vingar os fóros  
Da lésa humanidade, e o bemfazejo  
De civilisação almo frumento  
Nos campos semear d'Africa adusta ?  
Porque impunes deixaes que tantas quilhas,  
Que o horror e o crime levam amiudadas  
As incautas cabildas, se aventurem  
As ondas a sulcar do vasto Oceano ?

« Tu, Inglaterra vil ! que te empavónas  
De guarda ser dos mares, teu officio  
Quão nobre o desempenhas ! — Oh pudessem  
As aguas d'esse mar dizer ao mundo,  
Em seu feroz rugido, as mil rapinas,  
Que sem pudor executar te hão visto,  
De tua prerogativa á sombra infame,  
Interesseira guarda ! — A narrativa  
D'esses flagícios teus poder teria  
Para fazer córar tua propria face !  
Nação sem fé, nem lei ! Nação escrava,  
Que luxu insultador, miseria hedionda,  
Prendes com ferreo nó, e dentro abrigas !  
Oh ! quebra a vã suberba : accode attenta  
A reprezar (se é tempo !) a insana furia

Do medonho vulcão, que em tuas entranhas  
Muge co'a voz potente da natura  
Ultrajada e queixosa... Oh ! tarde accodes !  
Teu culpado desde trahiu-te... E a lava  
Do popular rancor ha de os teus crimes  
De teus senhores affogar no sangue,  
E o mundo vindicar de tuas affrontas !

« E ha de o exemplo fatal d'essa Bretanha  
Influir nas mais nações ?! — Por todas falle  
Tua bocca, oh França, que da gloria tua  
Assim te esqueces, e somente guardas,  
Por distinctivo proprio, essa leveza,  
Que ha sempre extinto o brilho das virtudes,  
Que luziram em ti. — França enganosa !  
Que á liberdade acenas, e a attraçoas,  
Para entregal-a inerme e descuidada  
De um déspota nas mãos ! como pudera  
Mover-te a nossa dor ? — Tu, que murmuras  
Da tua rival, e a mesma esteira segues,  
Aquelles avéxando, que zelosos  
Nossa causa defende, e affeitos cumprem  
Com inteireza a fé e os sanctos pactos ! (1)  
Nem, satisfeita com o crime, para  
A tua audacia ahi ; mas, desprezível,  
Vertes a affronta em rostos, que não podem  
A offensa resgatar. — Nobre heroismo !  
Que outra nação não buscas, que mais digna  
De tuas injurias, as receba humilde ?  
França cobarde ! Esse labéo infame,  
Com pejo salutar deslembra e risca !  
Recorda os dias teus, quando o teu povo  
Magnanimo os pendões alevantava  
Da briosa independencia ; (2) e os velhós thronos  
Na carcomida base estremeciam  
Ao som da tua voz. — Erga-se a chamma,  
Que no teu seio dorme ; e propagada,  
Em corrente veloz, té nós espalhe  
Seu vívido calor ! — Oh ! se o meu sangue  
Perdido não ficar... E na memoria  
Cravaes attentos, com lembrados olhos,  
Meu desditoso fim... Contento morro !  
Prompto a apertar-me, heide encarar sem susto,  
Na crua mão do algoz, o laço infame !  
E á cova desprezada hão de os meus restos  
Tranquillos descender, se o vosso pranto  
Os houver de orvalhar, e em nobres hymnos  
Fizerdes inda reviver meu nome !

(1) Oxalá que assim fóra ! Perdoem-me esta mentira necessaria (na poesia, se entende) e que desculpa o amor nacional. — Com que pezar me vejo obrigado a escrever esta nota, e me envergonho de um elogio não merecido, dado a Portuguezes ! Mas era-me necessaria, aqui, esta desaffronta ; porque o poeta poderá mentir, mas o homem de caracter, não. A justiça de Deus, que sempre véla, nos tem ido castigando, por mão dos Francezes da nossa má fé, em perseguirmos os navios de negreiros, e consentirmos a escravidão em nossas colonias d'Africa. E fallamos dos Inglezes ! É pouco ainda quanto soffremos. E que não se ufanem de poderosas as mais nações : o dia da ira ha de chegar a todos.

(2) Revolução de 1848.

Se d'este povo, um dia, o brado ingente,  
Unido á vossa voz, alçar o grito  
De universal resgate, e as puras aras  
Da ingenua liberdade erguer eternas!  
Então, por milhões d'echos repetido,  
Qual nume tutelar, ha de o meu nome,  
Das palmas da victoria coroado,  
Com luz saudosa reluzir sem termo!.. »

Deu fim o martyr. — E do algoz o pulso  
Présto cortou-lhe, na garganta anciada,  
Co'ultimo alento a voz. — Povos da Europa!  
O encargo recebei, que vos confia.  
Reparae o descuido d'onde mana  
A fonte d'esse horror, que ante olhos tendes:  
Da humanidade o lume os raios forje  
P'ra os impíos, que a profanam. — Recordae-vos  
Que sois christãos; que copiosa messe  
Tendes, com que augmentar o grão celleiro  
Do agricultor celeste. — Envergonhae-vos  
Que, de Jesus em nome, impíos se atrevam  
Seus roubos a cobrir, crimes nefandos! (1)  
Abrindo-vos o seio, a Africa vêde,  
Que o pão celestial vos pede anciosa,  
E não cadeias! — Preenchei seus votos.  
Do céu as benções mil hão de cobrir-vos,  
E o vosso ardor c'roar com fama eterna.  
Janeiro 1860.

J. C. LATINO DE FARIA.

(1) O desfaçamento dos mercadores de escravos chega a afirmar, que é uma obra meritoria, e de grande caridade, o trafico da escravatura; que não ha meio mais seguro de civilisar os negros, e de brutos, que são, eleva-os ao grau de homens e de christão! Com meus ouvidos o tenho escutado.

## NO TUMULO D'UMA CRIANÇA.

(De Victor-Hugo)

Virentes, frescas relvas, heras, c'rolas,  
Sagrado templo em que a alma a Deus contempla,  
Insecto, que murmuras em segredo  
Ao ouvido do pastor, nas flores sopito,  
Palavras inefaveis;

Ondas e ventos, hymno da tormenta,  
Hymno e coro sem fim, vozes sem conto,  
Selva, que a meditar convida o sábio,  
Fructo cadente, estrellas que rolaes  
D'um céu misterioso;

Passaro trinador, onda chorosa,  
Reptis, pelas ruinas escondidos,  
Planicie que bafejas sôbre as ondas,  
Mar, aonde a pérola desabroxa  
Terra, que gera a espiga;

Natureza, que tudo traz á vida,  
Natureza onde tudo cahe de novo,

Folhas, ninhos... silencio em volta á campa!  
Deixae, deixae dormir o pobre infante,  
Deixae chorar a mãe!

ANTERO DO QUENTAL.

## EXPÉDIENTE

A todos os Senhores assignantes, que tiveram a bondade de subscrever ultimamente para nosso jornal por um trimestre, a contar do n.º 15, — lembrámos que o mesmo trimestre termina com o n.º 23; e pedimos que, no caso de quererem continuar, o que esperámos de sua obsequiosa dedicação, se sirvam repetir sua assignatura, com pagamento adiantado, como é costume, até á entrega ou remessa do dito n.º 23.

Como a publicação d'este jornal termina com o n.º 36 — decidimos incluir no ultimo trimestre, para os que se acharem no caso acima mencionado, mais os 4 numeros, que vão do n.º 33 a 36 inclusiveis, vindo assim a receber 13 n.ºs em vez de 9. O custo d'estes 13 numeros será, para Coimbra — 480 réis; para fóra de Coimbra, com estampilhas — 600 rs.

Aos Senhores assignantes porém que, por suas circumstancias, não poderem continuar com sua assignatura — pedimos o favor de nos divolver os numeros, que individamente lhes forem enviados por esta Redacção.

Para facilitar a aquisição dos numeros do 1.º e 2.º volume, que faltarem aos Senhores assignantes, para completar suas collecções—e sendo-nos preciso abandonar Coimbra dentro de poucos mezes, acabámos de reduzir o preço dos mesmos numeros pelo seguinte modo:

Numeros a vulso, pertencentes ao 1.º vol., que custavam 60 réis—30 rs.

Numeros a vulso, pertencentes ao 2.º vol., que custavam 40 réis—30 rs.

1.º vol, brochado, que custava 1\$600 réis — 1\$440 rs.

Advertimos que, do 1.º volume, só possuímos 22 exemplares, e que do n.º 23 do 2.º vol. em diante — só tiraremos tantos exemplares, quantos forem os Senhores assignantes, e mais tantos quantos forem os exemplares do 1.º vol., que possuímos na occasião de cada tiragem.

V. DA SILVEIRA

# PRELUDIOS - LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL — V. da Silveira

## UM VOTO PELA ITALIA

Ao meu amigo V. da Silveira

(Continuado do n.º 16 tom. II)

O que bem attentar nas variadissimas scenas desse grandioso drama, de que a Italia tem sido ha pouco theatro, não pôde contêr um brado d'espontaneo enthusiasmo e de admiração sincera pelos vultos illustres, que n'elle figuram como primeiros actores.

O grito de liberdade, que em 1847 eccoára como cantico de alegria em todos os angulos da Italia, morrêra abafado sob a metralha dos canhões estrangeiros. Os patriotas, para quem a liberdade era uma crença robusta, a independencia uma esperança querida, o jugo de ferro, imposto por poderes tyrannos uma ignominia intoleravel; e a regeneração da Italia uma nobre ambição identificada com o amor ardente da patria, passaram pela mais amargosa decepção, que podem soffrer peitos d'homens, onde florescem puros os grandes sentimentos, onde vivem arreigadas as aspirações generosas.

Tempestade temerosa acastellára nuvens negras no céu da Italia, onde tam puro e tam formoso refulgira o sol da liberdade. A revolução inaugurada em nome dos sacrosantos principios, que devem estreitar em leal abraço irmãos, que devem ser amigos, povos que deviam unir-se guiados por um só pensamento, enfraqueceu-se e deshonrou-se pelas tristes discórdias, pelas pequenas ambições d'aquelles, para quem o promover a ordem, e fazer sacrificios era o primeiro dever. A estatua caduca do despotismo vacillou por um pouco em seu pedestal violentamente açoutada pela vaga revolucionaria. A cegueira da intelligencia, as inspirações do calculo e o influxo de más paixões arrastaram Italianos degenerados, que ajoelharam abraçados, como vis escravos, ao pedestal de essa estatua, que por interesse commum devia cahir em pedaços, para nunca mais se levantar.

E chamaram e auxiliaram o braço do estrangeiro, e venderam-lhe sem remorso a terra da patria, que era seu dever amar; mas que preferiram ver angustiada e agonisante sob sceptro pesado, que lhe opprimia e esmagava o collo. Os

filhos da Italia começaram por entoar ferventes hymnos de jubilo, vendo, que pé inimigo não pisava já os plainos da Lombardia. Era a victima, que respirava, pensando que a não esperava já no alto do patibulo o vulto sinistro do carrasco. Rebentou então uma tal explosão d'enthusiasmo e de prazer, e tam brilhante, e tam subita, como vivo clarão de relampago, que em noite tenebrosa allumia por um instante a terra, que fica logo envolvida em manto d'escuridão. Começou para acabar logo.

Desenvolveu-se uma ardencia de patriotismo, que se tornou uma febre que tocou a exaltação do prazer e delirio, que só pôde bem avaliar-se, comparando-se ao de condemnado, que sepultado no inferno, onde mora a noite, o soffrimento e o sempiterno horror, visse abrirem-se-lhe de repente as portas do céu, onde resplandece a luz e a habita a felicidade.

Carlos Alberto, indciso e vacillante em principio, não pôde resistir aos brados harmoniosos e aos rogos reiterados de milhares d'homens, que viam n'elle uma esperança e um abrigo, um amparo e uma bandeira, que reunindo em torno de suas pregas a todos os Italianos, salvasse a Italia das mãos da prepotencia e do despotismo. Aos seus braços, como aos de filhos queridos, se atirou elle com o coração commovido por sentimentos, a que não podêra resistir, tam altos e tam nobres, tam justos e tam sanctos eram elles! Prodigios de valor e dedicação não salvaram a causa, em cuja sustentação o immortal rei da Sardenha havia empenhado a sua honra e os seus hrios. Em vão correu o sangue nos campos da batalha, em que tantos martyres deram, em prol da liberdade e da patria, o mais que podiam dar-lhe: — a vida.

As nações livres, que podiam e deviam amparar o estandarte tricolôr, rasgado pela mão do despotismo, contemplaram de braços cruzados a lucta heroica de um povo, que combatia e morria, para ser livre. Os sonhos fagueiros, em que se embalava já a pobre Italia, fatigada de trazer encravada nos hombros a cruz da escravidão, dissiparam-se como o fumo. A esperança, que inspirara alento, succedeu pungente, cruel desgano, que se traduziu em angustia suprema. Um punhado de bravos podia continuar a bater-se

com denodo, succumbindo com heroismo; mas prostrar na arena a massa enorme de um numeroso exercito era humanamente impossivel. Seria um esforço magnanimo; mas era inutil.

A historia gravava nas suas paginas o acontecimento, admirava a abnegação do soldado e do patriota, cobria de viçosos loureiros os nomes dos valentes e dos heróes, levantava contra os assassinos de um povo uma voz de maldição, e mais nada. Foi preciso curvar a frente innegrecida pelo fumo das batalhas ante o espectro terrivel da necessidade. Carlos Alberto abdicou. Sem ambição—não lhe custou esse sacrificio. Quem pela Italia arriscara a vida, não duvidava largar a corôa.

Ainda bem, que appareceu braço valente, que em dia propicio soldou a lamina da espada, partida contra peitos inimigos. Ainda bem, que as Thermopilas de Custoza e Novára avivaram em corações Italianos a memoria dos martyres, que já deixaram as cinzas, e com ellas o sentimento doloroso de uma affronta, a humilhante idéa de derrotas, que só esquecem povos degradados.

Victor Manuel respeitou, como bom filho, e como verdadeiro Italiano a herança do Martyr illustre, que morreu ralado de angustias e de saudade, vendo mortas as suas esperanças. No animo magoado radicara-se-lhe um pensamento: esse pensamento, que o atormentava, que o acompanhava sempre, era o dever sagrado de lavar a nodoa, que cahira sobre o pavilhão da liberdade.

Dotado de uma alta intelligencia, de uma prudencia consummada, e d'indomavel coragem, a Providencia destinara-o para grandes empreendimentos, para gloriosas empresas. Esperou pelos acontecimentos; não quiz precipital-os. Devotando-se com o desinteresse da abnegação ao pensamento representado pelos mesmos, entrou na scena, quando descubriu ensejo opportuno, e deu, como rei e como soldado, um espectaculo surprehendente, que assombrou e commoveu a quantos o presenciaram.

Primeiro cidadão de um paiz livre todos os cidadãos são para elle irmãos e amigos. O sceptro, que elle sustém com mão firme, é symbolo d'intima alliança, que estreita, que identifica n'um sentimento unico — a magestade da soberania, e os direitos do povo.

A Italia ama e venera o Monarca, porque o Monarca sabe amar e defender a liberdade, e é o primeiro e o melhor campeão da sua independencia.

É por isso, que Victor Manuel é hoje na Europa o rei mais querido e mais respeitado. Ha homens, que venceram para realizar os designios de Deus sobre o destino das nações. Convencidos da verdade d'uma idéa, que profundamente se lhe encarara no espirito, não a abandonam nunca; trabalham por ella com amor, sustentam-na com valentia sanctificam-na com o sacrificio, morrendo ainda abraçados com ella, e misturando com o

derradeiro suspiro prece fervorosa a Deus, para que a proteja e lhe dê novos defensores. Resumindo em si as tendencias de uma época, as aspirações de um povo, a esses homens são ás vezes os anjos bons da humanidade.

A historia, que conscienciosa e magoada vê depotas em quasi todos os reis, ha de parar jubilosa e fascinada deante d'esse, que do bom desempenho da laboriosa missão de rei tem sabido dar brilhantes documentos.

Tam illustrado para aproveitar os manejos interessados da diplomacia, como valente para combater em favor de sua causa, Victor Manuel tem demonstrado como politico e como soldado, que lhe não escassêam os predicados indispensaveis para levar a cabo o grandioso plano da emancipação da Italia.

Quando viu, que era chegada a hora, não lhe intimidaram mais o animo os enredos tenebrosos e ameaçadores de gabinetes desaffeçados, nem o aspecto imponente de grandes e aguerridos exercitos. Deixando os regalos e os mimos da côrte, depõe o sceptro e maneja a espada; despe a clamyde e enverga a farda; desce do throno e marcha á frente dos seus batalhões. Que grandeza e que heroismo a d'esse rei, que supporta com a mesma serenidade d'espirito as lides trabalhosas da guerra; que se expõe com intrepidez aos lances mais arriscados; que se arroja denodado ao mais ardido das batalhas!

As palmas colhidas em Palaestro e salpicadas com sangue inimigo consagraram mais uma vez a corôa, que a Providencia, para bem da humanidade, lhe pôz na cabeça.

Não admira, que a Italia cubra de bençãos o heróe, que com taes actos sabe provar-lhe o amor e o interesse, que lhe merece a sua causa. N'essa lucha gigante, n'esse duello de morte entre o despotismo e a liberdade surgiu ao lado de Victor Manuel um homem, que por suas proezas tem enchido d'espanto a Europa e o mundo.

Esse homem é um dos obreiros, que mais pedras têm carreado para o edificio da independencia e unificação da Italia.

Esse homem é um dos soldados, que mais louros ceifou nos campos da batalha.

Esse homem é um patriota ardente e apaixonado, para quem a causa da Italia se tornou o pensamento de todas as horas, que domina, que absorve todas os outros pensamentos.

Esse homem é um bravo d'alma generosa e de coração sensível, em que as agonias e as lagrimas da Italia derramaram com as impressões excruciantes de uma dôr immensa, o amor da patria e o odio a seus oppressores.

Esse homem é o filho de um pobre e obscuro marinheiro de Niza; é o marinheiro, que logo na infancia começou a brincar com as vagas do mar, e a tostar as faces ao sol do meio-dia; é o caudilho desinteressado da liberdade em toda a parte, em que tremula por ella uma bandeira.

Esse homem, cujo nome vos esvoaça já pelos lábios, que com alegria se desfranzem para o pronunciar, é Garibaldi.

Todas as tintas são descoradas, todo o pincel é rombo, todo o quadro é pequeno, quando se tenta esboçar essa figura verdadeiramente homérica, que transcende a todas as personagens, as mais exaltadas ahí pela historia.

Que é deante de Garibaldi a valentia de Annibal, o desinteresse de Cincinnato, a audacia de Cesar, e a firmeza de Catão?

É uma gloria, que eclipsa as glorias mais brilhantes; é uma grandeza, que torna pequenas as maiores.

De Garibaldi pôde bem dizer-se o que ácerca de O'Connell dizia Balmés: Garibaldi é a Italia; sim a Italia opprimida e aviltada; a Italia odiando despotas, que a avexam, lidando pela liberdade, que lhe roubam; a Italia padecendo amargas provações, e cançada de tragar o fêl da dôr, da humilhação e do opprobrio.

Garibaldi é a Italia com os seus votos, com as suas esperanças. Só encarado assim pôde avaliar-se e admirar-se devidamente o quadro, em que elle nos apparece como um dos maiores, um dos mais bellos vultos.

(Continua)

(M)

## HYMNIA

### CAPITULO IV

#### Recordações

(Continuado do n.º 22)

O remorço é o ultimo dom que á despedida nos deixa, quando se vê obrigado a desamparar-nos, o anjo que desde o berço tomou conta da nossa vida.

A. GARRETT.

Perdôe-se-nos a digressão, e voltemos á nossa historia.

Os dois mancebos já nossos conhecidos não se demoraram muito no Jardim.

Honorato não pôde, com todos os seus recursos de indiferença em vespas de cynismo, afastar de si lembranças que lhe despertára aquella mulher e que elle suppunha para sempre affogadas em cognac, ou evaporadas d'envolta com a fumaça dos charutos e dos ponches.

Ainda por alguns instantes ostentou, como vimos, presença de espirito; mas a amostra era o avêssô de que lá lhe ia por dentro. Sustentava uma lucta de gigante com uma idea fixa, que se lhe prendera ao cerebro d'um modo invencível, e que o estava dilacerando horrível e incessantemente, como o abutre de Prometheu.

Era uma ideia extravagante, quasi impossivel; mas não havia lá supplantal-a por isso mesmo.

Perdido no cego redemoinhar d'esta vida do aventuras, o homem pode lograr esquecer um passado menos lisonjeiro, até criminoso: um momento chega, porem, em que um brado intimo sôa mais alto do que todo esse ruido, e, mau grado esforços, não ha em nós dominal-o.

A consciencia pode adormecer; pode assistir ao auto-de-fé da virtude, honra, dignidade, de todos os nossos sentimentos bons, e ficar alim sepultada debaixo das cinzas, sem alento e impassivel; mas não morre: e quando desperta, ai d'aquelle a quem ella remorde!

Desassocegado e descontente comsigo, Honorato desejava apagar o sol, subverter a terra, confundir num cahos tanta belleza, que tudo lhe parecia um escarneo amargo ao que elle padecia.

É que o homem até no soffrimento é egoista.

Era quasi meio dia. O sol ia chegando ao zenith, e radioso e brilhante. Nem a mais leve aragem se percebia, que distrahisse de seu destino ineffavel o tributo de fragancia que as flores elevavam aos pés de Deos; incenso campesino, homenagem d'ellas ao Soberano Senhor de toda a formosura.

Tudo era silencio e encantamento.

Era uma d'essas manhãs com que Deos mimoseia esta abençoada Coimbra, raras de belleza, inebriantes de poesia, que nos enlevam, endoidam, magnetisam cabeça e coração; que nos repassam d'um prazer intimo e indefinivel, suave e intenso, que se goza, mas que é impossivel exprimir.

Paralisam-se os sentidos num doce lethargo, e o espirito, solto pelo espaço sem fim, vôa alem deste mundo buscar outro a que aspira e que o deve satisfazer.

Manhãs são essas em que dão treguas impiedade e descrença; que não comportam pensamentos que não sejam bons e generosos.

Quando Deos se digna manifestar-se d'um modo tam arrebatador nas suas obras, malvados não ha, não ha atheus, que resistam á acção magica de taes argumentos.

O criminoso ama o tumultuar frenetico d'um viver em delirio; detesta e foge dos affagos brandos das virações campestres.

Dificil e penosa se tornara a conversação para os dois mancebos. Ambos estavam mais ou menos embaraçados. Olhavam distrahidos para tudo, e não tinham nem força nem vontade de quebrar o silencio.

Não tinha escapado a Sampaio a perturbação e o soffrimento de Honorato, que não são cousas essas que se possam esconder á vista cuidadosa d'um amigo; era todavia bastante delicado, já o disse-mos, para aventurar perguntas que bem podiam ser tomadas por indiscretas, e ir talvez ferir d'algum modo a susceptibilidade d'aquelle homem. Esperava.

Honorato esteve por vezes tentado a desabafar com elle franca e lealmente.

Inquietava-o, todavia, um vago receio.

Apenas o conhecia de dois annos, ou nem tanto, e, sempre cauteloso, não lhe deixara nunca ver o seu passado. Tinha-se-lhe apresentado como um ente commum, cujo preterito não teve incidentes, o presente é esteril, sem horizonte o futuro. Receiava, pois, que menos lhe quizesse, talvez o despresasse, se realmente o conhecesse.

A desconfiança é filha do crime.

Honorato sentia-se requeimado de angustias, sentia que o suffocava a ancia do soffrimento, anticipava neste mundo o tormento dos condemnados, e não ousava nem sequer pedir á amisade uma gotta de orvalho que um instante o refrescasse; não lhe era dado acolher-se a um peito amigo, onde echoasse o brado intimo da sua afflicção — condoe-te de mim que sou desgraçado!

Amisade, sancta e doce amisade! Sem ti o mundo seria um ermo, a vida um impossivel!

És tu que ao justo revelas Deos, que ao infeliz salvas d'um crime, que ao criminoso lembras o perdão!

És tu que adoças o fel d'esta existencia de egoismo, que aplanas as agruras d'este caminhar em espinhos, que dás alento ao espirito da descrença fanado, ao coração retalhado de soffrimento!

Amisade, dom celeste, és o bom anjo da terra!

Percebendo que a sua presença incommodava o seu companheiro, João pretextou uma visita e despediu-se.

Honorato ficou só.

Machinalmente se veio dirigindo para a cidade, e entrou em casa. Morava na couraça de Lisboa, quasi ao fundo.

Era simples a sua habitação. Uma saleta quadrada de vinte pés, apenas caiada, com duas janellas e um quarto pequeno, antes alcova, sem luz propria, e onde só cabia a cama e uma mesa.

As alfaias resumiam-se 'numa secretária de noqueira no intervallo das duas janellas, um canapé em frente e seis cadeiras de palhinha ordinarias, derramadas aqui e alem em redor da casa.

Um unico livro se via sobre a secretária. Era um pequeno volume, nitidamente impresso que se intitulava — *Epicos Brasileiros* — e comprehendia o *Uruguay* e o *Caramurú*.

Mappas geograficos dependurados na parede, já muito desbotados, indicavam mudos que o habitador não tinha pelo estudo das boas-lettras especial cuidado.

Sorumbatico e tristonho, Honorato pareceria outro a quem o visse sahir pela manhã descuidoso e folgazão.

Foi direito á campainha do tinteiro, e agitou-a com violencia.

Appareceu um rapaz de dez ou doze annos, unico folego vivo que tinha de portas a dentro.

— Já veio o correio? — perguntou elle com voz forte.

— Ainda não vi, meu senhor.

— Nem me procurou ninguem?

— Tambem nao, meu senhor.

— Está bem. Podes retirar-te.

Era o dialogo de todos os dias. Só agora acrescentou quando o rapaz ia a virar cosias:

— Olha, ouviste? Não estou em casa para ninguem. Entendes?

— Sim, meu senhor.

— Vae com Deus.

E com um aceno despediu.

Honorato tinha-se formado em Coimbra havia quatro ou cinco annos. Regressára á patria depois, onde demorou pouco tempo. Por motivos que n'nguem sabia e ninguem indagava, apesar de cuidar elle que era o alvo da curiosidade de todos, viera estabelecer-se outra vez na Lusa-Athenas, e renovara o viver escholastico.

O seu character, porem, tinha-se resentido muitissimo da viagem.

De mancebo descuidoso, franco e ingenuo que aqui era, voltára homem reservado, contradictorio, indefinivel.

A sua vida visivel era passear, jogar e, sobre tudo, beber. Havia noites em que não sabia do botequim senão pela madrugada. Tinha dias inteiros que levava na cama, e a ninguem consentia entrada no quarto: outros parecia possessor de frenezi divertido. Mas estes eram raros, e só quando estava em grande reunião.

Como homem social, ninguem mais apreciavel: servia a todos e sempre de boa vontade.

Convivia com muita gente, com essa muita gente que ahi por Coimbra passa o tempo entre um baralho de cartas e uma garrafa de champagne, para todos ria, com todos fallava, mas em ninguem tinha um amigo.

Elle bem sabia que essa gente não serve para amisade.

E todavia um não sei que trahia 'nelle, ás vezes, um aborrecimento invencivel por aquelle viver sem vida. Bem se via que era forçado o papel que se imposera na sociedade, que até o incommodava: mas parece que uma força maior o impellia, mau grado seu, a quanto mais o aborrecia, mais 'nelle se entranhava.

Sampaio era o unico homem com quem tinha uma convivencia mais aturada, posto que sem intimidade, porque morava paredes meias com elle.

Honorato estava agora 'num dos seus momentos negros.

Tendo despedido o rapaz, fechou a porta e foi, a passos lentos, sentar-se no canapé. Encostou-se a um dos braços e ficou-se a olhar fito para a janella. Tornou a feril-o o mesmo contraste, que já no Jardim lhe fizera mal. O sol tremulava nas vidraças e lá fora os montes sorriam-lhe nos seus primeiros arrebentos.

Não pôde supportar aquella vista. Correu a fechar as janellas e nem o minimo raio de luz deixou penetrar no quarto. Depois foi ás apalpadel-

las sentar-se sobre a cama, e abysmou-se inteiro no seu passado.

Esteve, esteve, e sosinho, em face de Deus e da sua consciencia!..

Estremeceu... e de um pulo ficou de pé sobre a casa, immovel e extatico...

Atterrava-o o silencio, que lhe deixava escutar a voz interior, e essa voz condemnava-o!

Olhou em volta e entrou em medonha convulsão. Via fantasmas a surgirem ameaçadores de todos os cantos da casa, parecia-lhe que aspirava cheiro de sangue de mistura com aromas finos, figurava-se-lhe ouvir gemidos suffocados e gargalhadas roufênnhas... andava-lhe a cabeça 'num rodomoinho...

Estava 'num martyrio doloroso e horrivel!

Os cabellos aprumavam-se hirtos na cabeça, os olhos giravam rapidos nas orbitas, as ventas, descommunalmente abertas, resfolgavam a custo e precipitadas, braços e pernas tremiam de metter medo.

Levou as mãos ambas á cabeça, que parecia querer rebentar, e partiu como um raio abrir de novo as janellas.

Virou-se outra vez para traz. A luz tinha afugentado os fantasmas, mas deixou-lhe ver um anel sobre a meza; e a vista d'esse anel foi um punhal que lhe revolveu todas as feridas, e novamente as fez sangrar.

— Maldicção! — bradou elle 'num impeto de raiva impossivel de exprimir.

Precipitou-se sobre o anel e arremessou-o ao chão.

No mesmo instante se arrependeu.

Retomou-o, e sobre elle descansou a vista. A agitação foi pouco a pouco acalmando e apoz breve espaço o enternecimento calou-lhe n'alma.

Sentou-se n'uma cadeira, sempre com os olhos no anel.

Duas lagrimas vieram então allivial-o um quasi nada, e suspender uma crise que bem fatal lhe podera ser.

Abriu o engaste do anel, e leu dentro um nome, nome que lhe trouxe á memoria melhores tempos, momentos deliciosos.

Apoz essas recordações fagueiras, deslembrou, quasi, que ahi brotaram os espinhos acerbos que agora o magoavam tam acremente!

O que são as coisas do mundo! — murmurou elle. Amor, venturas, prazeres... palavras magnificas, cuja significação real é remorso, irrisão, vaidade!.. O que é pois a realidade da vida? Só dores, tormentos, amarguras, desenganos!

Calou-se e meditou alguns instantes.

— Eu todavia não tinha nascido para tragar até ás fezes um calix tam amargo! — continuou, dando um suspiro.

Lembrou-lhe sua mae, e chorou as lagrimas, tam doces, da saudade!

Internou-se mais dentro no seu passado, e foi rever-se no centro de familia que lhe queria como

ao viver, rodeado de affeições e carinhos, gozando tranquillos e ricos de grandiosas promessas os primeiros annos da juventude.

Para virtudes e acções generosas o fadara Deos, que lhe dera um coração talhado pela feição dos anjos. Alma grande e ideias de heroe era o seu melhor dote.

Um dia passou-lhe por cima o sopro ardente da paixão, e viçoso o apanhou: cahiu, como a acucena derribada pela tormenta.

Obrigado agora a viver só em terra extranha, longe do tudo o que no mundo amava, viuvo de affectos intimos, lembravam-lhe com saudade indisivel os bons tempos da infancia, idade feliz de innocencia; os candidos folguedos do lar domestico, onde todos lhe anhelavam bens e felicidades; onde deixara mãe que o estremecia, irmãs que o idolatravam, pae que tanto lhe queria!

E todas estas recordações mais e mais lhe pun-giam agora no coração!

— Como este contraste me esmaga! — proseguiu mentalmente. Como é triste o viver só? Por toda a extensão d'esse mundo tam vasto, por entre toda essa gente que por nós passa, não deparar sequer com um volver d'olhos de sympathia... Quanto dava eu por estar a esta hora de novamente no centro dos meus amigos, no regaço da minha familia, estreitado ao coração de minha mãe, que talvez a esta mesma hora se esteja lembrando de mim, esteja chorando a minha ausencia! Oh, minha mãe, se a distancia que nos separa podesse desfazer-se ante a minha vontade, eu estaria já a teus pés, enchugando com mil beijos essas lagrimas, recadando em meu coração esses soluços, pagando a tua ternura com mil caricias, com mil gostos, com uma dedicação inteira e absoluta, com toda a minha vida, que já agora para ti só quero!.. Mas que importa a distancia? Se a nossa vontade não pode nada contra a distancia, tambem a distancia é impotenté contra o amor. A mil leguas que nós estivessemos, o meu affecto não teria diminuido um til, senão que teria augmentado em proporção com cada uma d'essas mil leguas, e agora mais e mais seria vivo e intenso!

Ergueu-se e começou a passear agitado pela casa. Depois, cruzando os braços, continuou:

— É horrivel este viver assim! A indifferença é impossivel, o sentimento é a vida. E eu aqui não tenho um coração que me entenda, que falle ao meu, que as palpitações lhe repercuta! No meio de tanta gente, não vejo um ente que por mim se interesse! Sinto o coração trasbordar de amargura, e não tenho um peito amigo; onde deposite inteira a minha vida intima, sem reserva, sem desconfiança!..

Tornou a sentar-se. O silencio era absoluto. Sentia-se-lhe bater descompassado e forte o coração. O suor cahia em grossas bagadas da fronte a escaldar. Ainda conservava o anel fechado na mão. Tornou a encará-lo, e deixou escapar as seguin-

tês palavras destacadas e apenas intelligiveis :

— E eu que tive um anjo!.. Mal haja a hora em que d'elle me aparte!.. Meu Deos, meu Deos, como eu soffro!

Passou a mão pela testa, e continuou pausadamente:

— Mas porque será que esta preocupação, que esta pagina negra da minha vida me atormenta hoje tanto?!.. Haverá nisto presentimento funesto?..

E ficou-se mudo e pensativo por alguns minutos. A final, foi dizendo, parando a cada frase:

— Oh, mulher, perdoa! Eu amava-te muito, e foi isso que a ambos nos perdeu!..

Porque havia de a fatalidade tornar o nosso amor impossivel sem um crime?..

E deverá ser punido tam cruamente um crime, cuja causa unica foi amor?..

Mas que importa a causa, se o crime existe?.. E o nosso amor, só em si, não seria mesmo um crime aos olhos de Deos e dos homens?.. O castigo é justo: reconheço-o e confesso-o, meu Deus!..

A desesperação tinha cedido o logar a um arrependimento fundo e sincero de se ter uma vez na vida esquecido de que a felicidade sem a virtude e uma chimera.

Deos parecia ter-se apiedado d'elle, dando-lhe o pranto, e suscitando-lhe ideas tam puras.

La descabindo o dia. Honorato, sem saber por que nem para que, tornou a sabir de casa.

Á toa se deixou ir para onde a Providencia o encaminhasse, e quando regressou era quasi manhã.

Ao seu arrependimento tinha Deos aparelhada uma recompensa.

(Continúa)

J. SIMÕES FERREIRA

## O HOMEN DE ALDEIA

(Continuado do n.º 21.)

### IV

Inda assim de amor captivo,  
Vendo femea ou nova ou velha,  
Arqueando a sobrançelha  
Cioso logo o vereis!

A VELHA DO PARNASSO

É noite e ha uma *soirée* na terra de Francisco!

Uma *soirée* em terras como esta, é um successo estupendo, maravilhoso, historico, e digno de marcar epocha nos annaes do municipio!..

O meu heroe tripudiava de santo jubilo, ao vêr a sua figura, que, graças a sua gravata lavada, fazia n'aquella reunião.

— Então V. Ex.ª não dança hoje?—lhe perguntava uma dama.

— Não venho preparado! minha senhora!—respondia, com um sorriso, que queria ser en-

graçado e não passava de parvo o nosso Francisco. —

— Que diabo de preparação precisará este homem para dançar, quando está de casaca e luva branca n'uma casa onde se dança? — perguntava, encostado a uma umbreira, um inflexivel seringador, que ouvira esta resposta tão disparatada de Francisco.

— É que o homem pede em casa ás manas que lhe ensinem os passos da polka! — respondia um visinho.

— Nada! É que, pouco acostumado aos sapatos de polimento, só pôde dançar quando traz as suas enormes chancas de bezerro — dizia outro. —

— Ainda não é isso—retorquia um terceiro— é que o doutor (como por antonomacia era na terra chamado o nosso heroe), depois que esteve em Coimbra acostumou-se de tal modo ao uso da *cebenta*, que até não encarrilha com as marcas das contradanças francezas, sem o poderoso auxilio do miraculoso papelinho!.. Pois enganaram-se todos redondamente lhes digo eu agora — Francisco, se disse que não vinha preparado para dançar era para não perder o vêsio de abrir a bocca na sociedade sem dizer parvoice; e se não dançou de facto, é por que o meu protogonista não gostava de dançar!

— Então o que ia elle fazer ás *soirées*? — Pergunta qualquer leitor.

— Dançar danças de roda, e jogar jogos de prendas!..

— Ui!... que horror!.. — exclama uma formosa lisboeta, a quem por acaso esta muito verdadeira historia foi ter ás mãos. —

— Dançar danças de roda!.. jogar jogos de prendas!.. que fossillismo! que negação absoluta do progresso! Esse homem é necessariamente

..... o seculo passado

No presente a figurar como diz o Tolentino dos nossos tempos, é um mastodonte da civilisação, um ante-diluviano da epocha actual — brada uma segunda lisboeta com presumpções de litterata, e que por isso é a assigante dos *Preludios*.

Uma terceira dama de Lisboa, e que ainda a minha pobre chronica tem a desventura de ir cair debaixo dos raios visnaes, essa, por excessivamente susceptivel e nervosa, ao ver tal perversão do bom gosto... um tão grande ultrage ás leis da moda; deu-lhe um faniquito tão forte que assustou immenso a familia e deu que fazer á criada, ás primas e ao gallego, uns indo buscar ao *toilette* o vidrinho dos saes, outros fazendo ferver depressa agua para um banho aos pés, e outros, correndo (como correm os filhos de Tuy) á pharmacia mais proxima a buscar flores de tilia para chá!..

Daixae passar o espanto, a nausea ou o incommodo que vos causa esta minha revellação e escutai-me, amabillissimas leitoras.

Uma *soirée* para o *homem d'aldeia* não é o mesmo que para um *janota pur-sang*, nos altos círculos da boa sociedade. Aqui dança-se, canta-se, toca-se ou joga-se impreterivelmente conforme a indole ou especialidade da reunião. O *homem d'aldeia* porém, quando faz o incomparavel sacrificio de sair uma noite de casa e guardar para mais tarde o seu caldo verde, que elle jámais esquece nem mesmo entre o chá e os bollos; quer divertir-se... quer gozar a seu modo.

Ora o meu bacharel não era lá homem de meias medidas!...

Amava todas as mulheres... para assim mais facilmente encontrar aquella que o Creador lhe destinasse para companheira... e por isso julgava, os jogos de prendas o divertimento mais propicio para dirigir a todas as suas finezas e os seus requebros!...

Mas que requebros!... mas que finezas!

Supponde que a noite já vae um pouco adeantada, e que, tendo saído alguns dos melhores rapazes da terra, diante dos quaes Francisco se arreceiava de dançar; para satisfazer o seu pedido, se começaram os jogos de prendas e as danças de roda!...

Vêde-o! que já não é o mesmo homem bisonho e acanhado, que no principio da noite se nos mostrára!...

Alli sim! que ja elle faz figura!!...

Vêde-o como ensina as cortesias ou as piruetas que ha a fazer n'aquelle joguinho de roda, que elle indicou, como sendo da sua especial predilecção!... como aponta a sentença mais sua favorita nos jogos de prendas!... como lhe tripudia nos labios um sorrizo de contentamento e sobre tudo como sabe aproveitar o ensejo para ir dirigindo a todas as damas as expressões da sua ternura!...

Admirae-o! agora sim que elle é grande!....

(Continua.)

(B.)

## NEMBROD

(Tradução livre de J. J. Ampère)

O teu Deus ondè está! Nembrod pergunta;

Diz Abrão a Nembrod; está no Emyreio:

— Irei lá vê-lo então!... Pulava perto

Um possante leão; mata-o de um golpe;

No pó o arrasta, e, dtvidindo-o, prende,

Ao rugido dos rábidos cachorros,

Aos angulos da tenda quatro partes.

Eis que do ceu baixando quatro abutres

Tomam nas garras a sangrenta carne,

E, levando consigo a larga tenda,

Do Caucaso seu vôo attinge a altura.

Apoz um dia, diz Nembrod ao servo:

— Embaixo, Kébir, como vês a terra?

— Qual sombra ao longe, qual vapor bem tenue.

— Em cima, Kébir, como vês o Emyreio?

— Sempre o mesmo, senhor! — Nembrod, o féro,

Bateu no servo, e pelo vácuo immenso

Um dia ainda silenciosos sobem,

E attinge o vôo seu da lua a altura.

Apoz dous dias, diz Nembrod ao servo:

— Embaixo, Kébir, como vês a terra?

— Qual atomo de pó flutuando a vejo.

— Em cima, kébir, como ves o Emyreio?

— Sempre o mesmo, senhor! — Nembrod, o féro,

Nas largas azas dos abutres negros

Bateu com fúria, e pelo vácuo immenso

Um dia ainda silenciosos sobem,

E attinge o vôo seu do sol a altura:

Apoz tres dias, diz Nembrod ao servo:

— Em baixo, Kébir, como vês a terra?

— Já nada vejo, é solitario o espaço.

— Em cima, Kébir, como vês o Emyreio?

— Sempre o mesmo, senhor! — Nembrod, o féro

Bateu então na pensativa frente;

E depois ambos pelo vacuo immenso

Um dia ainda silenciosos sobem.

Um anjo então lhes apparece em frente,

E Nembrod, o cruel, pergunta iroso:

— Da celeste mansão bem longe estamos

Em que habita o Senhor? — O anjo responde:

— «Embora os dias teus seculos durem,

Não chegarás jámais ao pé do Emyreio;

Mude em seculos Deus os teus instantes,

Seja mil vezes mais veloz o vôo

D'esses negros abutres, já mais podes

Tocar, antes que a fim dos tempos chegue,

Septimo ceu, em que reside o Eterno.» —

Nembrod replica: — chegar lá não posso,

Mas uma setta o encontrará ao menos. —

Então lançada por sua mão possante

Foi no fundo dos ceus perder-se a flexa.

Cahiu vermelha de não sei que sangue.

Viu Nembrod accender-se o ethereo raio,

E do monte Ararat o absorto cume

Viu chover de Nembrod queimados restos.

Coimbra, 7 de Janeiro de 1861.

EUGENIO DE BARROS.

## EFFEITOS D'AMOR

No Album do meu amigo Eduardo Teixeira Barbosa.

Traição maldita me gravou no peito,  
O agudo espinho d'um atroz pungir.

E. DE BARROS.

— Quem deshumano te ceifou tão cedo  
Da existencia a flor tão pura e bella?

Trahido amor?

E agora buscas, pensativo e triste,

No ermo retiro conseguir allivio  
Para tua dôr?

Que pensas, quando, no tombar do dia,  
Mudo, contempas a amplidão do espaço,  
Ao pôr do sol?

Lembram-te as juras do passado tempo,  
Feitas ás horas, em que as nuvens mostram  
Seu arrebol? —

O amor, que ha pouco te abrasava o peito,  
Tambem outr'ora, effervescente, immenso,  
Eu já senti...

Mas os sorrisos, as palavras ternas,  
Que tanto accendem da poesia o estro,  
Jámais ouvi!

Tive momentos de ventura tanta,  
Que os proprios anjos envejar podiam,  
Mesmo no céu!

Que amor ardente! que ternura infinda!  
Que paraíso para mim se abria  
N'um olhar seu!

Mas logo breves, repetidos golpes,  
Da vida á beira, me desceram fundos  
Ao coração...;  
E a sorte avara, até então propicia,  
Me esmagou o seio co'o tremendo peso  
De sua mão.

Abandonado por quem tanto amára,  
Vendo a mais bella, a mais fagueira esp'rança  
De mim fugir;  
Co'os olhos torvos, meditando crimes,  
Hirto e convulso, julgei ver o inferno  
P'ra mim sorrir!...

Quiz-me sentado em sobranceira nuvem,  
Vibrando raios, arrazar o mundo;  
Depois... cantar!

Mas, d'esta sorte, a humanidade ainda,  
Em meu furor, dos torbilhões mundanos  
Já livrar.

Queria os homens converter em Tantalos,  
E eu vel-os, frio, debater n'angustia  
De atroz soffrer...

Mas, pouco e pouco, co'o passar do tempo  
Essa paixão, que me excitava a tanto,  
Senti morrer.

E ao anjo ou fada, que, em tão bellos sonhos  
Visão querida, me apparece ás vezes,  
Amor jurei.

E, por que a vi, encantadora e pura,  
Dar-me um sorriso, que me deu a vida,  
Lhe perdoei.

Coimbra... Junho de 1860

EDUARDO ANDRADE.

A gloria dos grandes homens deve sempre medir-se pelos meios de que elles se serviram para a adquirir.

LA ROCHEFOUCAULD

## EXPEDIENTE

A todos os Senhores assignantes, que tiveram a bondade de subscrever ultimamente para nosso jornal por um trimestre, a contar do n.º 15, — lembrámos que o mesmo trimestre termina com este numero e pedimos que, no caso de quererem continuar, o que esperámos de sua obsequiosa dedicação, se sirvam repetir sua assignatura, com pagamento adiantado, como é costume, para não soffrerem interrupção.

Como a publicação d'este jornal termina com o n.º 36 — decidimos incluir no ultimo trimestre, para os que se acharem no caso acima mencionado, mais os 4 numeros, que vão do n.º 33 a 36 inclusivé, vindo assim a receber 13 n.ºs em vez de 9. O custo d'estes 13 numeros será, para Coimbra — 480 réis; para fóra de Coimbra, com estampilhas — 600 rs.

Aos Senhores assignantes porém que, por suas circumstancias, não poderem continuar com sua assignatura — pedimos o favor de devolver-nos os numeros, que individamente lhes forem enviados por esta Redacção.

Para facilitar a aquisição dos números do 1.º e 2.º volume, que faltarem aos Senhores assignantes, para completar suas collecções — e sendo-nos preciso abandonar Coimbra dentro de poucos mezes, acabámos de reduzir o preço dos mesmos numeros pelo seguinte modo:

Numeros a vulso, pertencentes ao 1.º vol., que custavam 60 réis—30 rs.

Numeros a vulso, pertencentes ao 2.º vol., que custavam 40 réis—30 rs.

1.º vol, brochado, que custava 1\$600 réis — 1\$440 rs.

Advertimos que, do 1.º volume, só possuímos 22 exemplares, e que do n.º 23 do 2.º vol. em diante — só tiraremos tantos exemplares, quantos forem os Senhores assignantes, e mais tantos quantos forem os exemplares do 1.º vol., que possuímos na occasião de cada tiragem.

V. DA SILVEIRA

COIMBRA — IMPRENSA LITERARIA

*D.º Rochy para*